

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

DANIELLA CAMARA PIZARRO

**ENTRE O SABER-FAZER E O SABER-AGIR: O QUE PROFESSAM OS
DOCENTES DE BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA.**

FLORIANÓPOLIS

2017

DANIELLA CAMARA PIZARRO

**ENTRE O SABER-FAZER E O SABER-AGIR: O QUE PROFESSAM OS
DOCENTES DE BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA.**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, na área de concentração Gestão da Informação, sob a linha de pesquisa Organização, Representação e Mediação da Informação e Conhecimento; como requisito para a obtenção de grau de Doutor em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Francisco das Chagas de Souza.

FLORIANÓPOLIS

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pizarro, Daniella Camara

Entre o saber agir e o saber fazer : o que professam os
docentes de Biblioteconomia em Santa Catarina / Daniella
Camara Pizarro ; orientador, Francisco das Chagas de
Souza, 2017.

530 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós
Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Ciência da Informação. 2. Ensino de Biblioteconomia.
3. Ética Bibliotecária. 4. Atuação profissional do
Bibliotecário. I. Souza, Francisco das Chagas de. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

Daniella Camara Pizarro

**ENTRE O SABER-FAZER E O SABER-AGIR: O QUE PROFESSAM OS
DOCENTES DE BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutoramento em
Ciência da Informação” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciência da Informação.

Local, 10 de Outubro de 2017.

Prof. Dr. Adilson Luiz Pinto
Coordenador do Programa

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Francisco das Chagas de Souza
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Dr. Gustavo Saldanha
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Profa. Dra. Fernanda de Sales
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Prof. Dra. Eva Cristina Leite da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Profa. Dra. Miriam Figueiredo Vieira da Cunha
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Uma vez, não me recordo onde e nem de quem, ouvi o seguinte: “não se mata pessoas apenas tirando suas vidas, e sim, quando se tira a possibilidade delas existirem”. Eu dedico esta tese para àqueles que, de alguma forma, se movem para construir um mundo com mais possibilidades, a partir da informação, da educação e da amorosidade. Que todos os seres possam ser livres e felizes!

GRATIDÃO EXPRESSADA, AMOR EM MOVIMENTO

Em primeiro lugar, agradeço a minha família. Eles são minha origem e a minha eterna possibilidade de retorno a mim mesma! Em segundo, aos meus amigos, pois eles são àquela família que não se estabelece no laço consanguíneo, mas sim, nos laços do amor. Meus amigos e família: vocês são meu bem maior! Não citarei nomes aqui, mas todos sabem quem são. Adiante, cito pessoas que participaram diretamente deste processo. Junto a elas, manifesto feliz, minha GRATIDÃO:

Aos professores da UFSC e UDESC que participaram desta pesquisa;

Aos colegas do DBI e da FAED que colaboraram carinhosamente, comigo nesta caminhada de trabalhar e estudar, concomitantemente;

Aos amigos do NEAB / UDESC, especialmente, ao querido Professor Paulino de Jesus Francisco Cardoso;

Aos amigos do doutorado, que compartilham comigo, as dores e alegrias de sermos doutorandos, especialmente, à classe das 7 mulheres;

Ao ANDE: Eliane Fioravante Garcez e Ana Cláudia Perpétuo de Oliveira da Silva;

Aos professores do PGCIN / UFSC e à secretária do Programa, nossa querida Sabrina de Conto;

Aos docentes que compuseram a banca de qualificação e a banca final desta tese, minha admiração e gratidão: Professora Clarice Fortkcamp, Professora Magda Chagas, Professora Mara Eliane Fonseca Rodrigues, Professora Gisela Eggert-Steindel, Professor Lourival José Martins Filho, Professor Gregorio Jean Varvakis Rados, Professor Celso Carminati, Professora Miriam, Professora Fernanda, Professor Gustavo e Professora Eva.

E por fim, ao meu orientador, Professor Francisco das Chagas de Souza, por ser meu melhor exemplo e referência do que é ser PROFESSOR. Se um dia, eu conseguir ser com meus alunos, o que o Professor é para mim, serei realizada, pois saberei que cumprirei minha missão com ética, humildade e amorosidade. “Vamos em frente!”

NAMASTÊ!

“O futuro não vai estar lá... ele é construído!”
(trecho de uma fala do Prof. Francisco das
Chagas de Souza, em uma das suas
orientações, retirado do meu caderno de
anotações. GRITS / UFSC, 2015).

RESUMO

A tese versa sobre a formação, em nível de graduação, do bibliotecário na Universidade do Estado de Santa Catarina e na Universidade Federal de Santa Catarina. Como objetivo geral pretendeu-se conhecer o sentido ético que os docentes extraem do projeto político-pedagógico dos referidos cursos, e como aplicam-no em suas práticas docentes enquanto colaboram no processo formativo do bibliotecário. A motivação epistemológica para a pesquisa apoiou-se no universo interdiscursivo e subjetivo das relações sociais abrangido pela fenomenologia social. Sua fundamentação conceitual abordou questões relacionadas à trajetória sócio-histórica do bibliotecário brasileiro, ao ensino de Biblioteconomia no Brasil e em Santa Catarina e à consciência ética desse profissional. Como fundamentação teórico-metodológica, buscou-se na Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, fundamentos para compreender as manifestações desse coletivo, por meio de seus discursos. Dessa forma, no que tange aos procedimentos metodológicos, propôs-se uma pesquisa qualitativa na qual se aplicou uma entrevista com roteiro semiestruturado como instrumento de coleta de discursos. A técnica de análise utilizada foi a do Discurso do Sujeito Coletivo. Assim, foi possível verificar sua representação social e compreender suas manifestações sobre sentido ético do ensino. Dessa forma, constatou-se o utilitarismo e o tecnicismo presentes no ensino de Biblioteconomia das Universidades pesquisadas, de modo que o agir e o fazer dos profissionais formados por elas, atendem, prioritariamente, às demandas mercantilistas. O ensino não prepara um profissional com uma bagagem de conteúdos significativos oriundos das áreas humanas e sociais que sejam capazes de subsidiar a formação de uma consciência ética e política para sua futura atuação.

Palavras-chave: Ensino de Biblioteconomia. Ética Bibliotecária. Atuação profissional do Bibliotecário.

ABSTRACT

The thesis deals with the undergraduate librarian education at the Santa Catarina's State University and the Santa Catarina's Federal University. As a general objective, it was intended to know the ethical sense that teachers draw from the political-pedagogical project of mentioned courses, and how they apply it in their teaching practices while collaborating in the formative librarian process. The epistemological motivation for the research was based on the interdiscursive and subjective universe of social relations covered by social phenomenology. Its conceptual foundation addressed issues related to the socio-historical trajectory of the Brazilian librarian, to the teaching of Library Science in Brazil and in Santa Catarina and to the ethical conscience of this professional. As a theoretical-methodological basis, we sought in the Theory of Social Representations of Serge Moscovici, foundations to understand This collective manifestations, through his speeches. Thus, with regard to methodological procedures, a qualitative research was proposed in which an interview with a semi-structured script was applied as an instrument for the Speeches collection. The analysis technique used was the Collective Subject Discourse. Thus, it was possible to verify their social representation and to understand their manifestations about the ethical sense of teaching. In this way, the utilitarianism and technicism present in the Library Science teaching of the researched Universities were verified, so that the actions and the work of the professionals trained by them, attend, as a priority, the mercantilist demands. The teaching does not prepare a professional with a baggage of significant contents coming from the human and social areas that are able to subsidize the formation of an ethical and political conscience for its future action.

Keywords: Librarianship Teaching. Librarian Ethics. Professional performance of the Librarian.

RESUMEM

Versa sobre la formación, a nivel de grado, del bibliotecario en la Universidade do Estado de Santa Catarina y en Universidade Federal de Santa Catarina. Como objetivo general se pretendió conocer el sentido ético que los docentes extraen del proyecto político pedagógico de dichos cursos, y cómo lo aplican en sus prácticas docentes mientras colaboran en el proceso formativo del bibliotecario. La motivación epistemológica para la investigación se apoyó en el universo inter discursivo y subjetivo de las relaciones sociales abarcado por la fenomenología social. Su fundamentación conceptual abordó cuestiones relacionadas a la trayectoria socio-histórica del bibliotecario brasileño, la enseñanza de Biblioteconomía en Brasil y, sobre todo en la provincia de Santa Catarina, además de la conciencia ética de ese profesional. Como fundamentación teórica metodológica, se buscó en la Teoría de las Representaciones Sociales de Serge Moscovici, fundamentos para comprender las manifestaciones de ese colectivo, por intermedio de sus discursos. De esta forma, en lo que se refiere a los procedimientos metodológicos, se propuso una investigación cualitativa donde se ha aplicado encuestas semiestructuradas para la recolección de los discursos docentes. La técnica de análisis utilizada fue la del Discurso del Sujeto Colectivo. Así, fue posible verificar su representación social y comprender sus manifestaciones sobre el sentido ético de enseñanza. De esta forma, se constató el utilitarismo y el tecnicismo presentes en la enseñanza de Biblioteconomía de las Universidades investigadas, de modo que la actuación y el hacer de los profesionales formados por ellas, atienden, prioritariamente, a las demandas mercantilistas. La enseñanza no prepara a un profesional con un bagaje de contenidos significativos oriundos de las Áreas de Ciencias Sociales y *Humanidades* que sean capaces de subsidiar la formación de una conciencia ética y política para su futura actuación.

Palabras clave: Enseñanza de Biblioteconomía. Ética Bibliotecaria. Actuación profesional del Bibliotecario.

SUMÁRIO

1	SOBRE AS (IN)CERTEZAS: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2	AS RELAÇÕES NO MUNDO DA VIDA SOB A LUZ DA FENOMENOLOGIA SOCIAL.....	29
2.1	O que é fenomenologia?	30
2.2	Atitude Natural ou Atitude fenomenológica?	41
2.3	A fenomenologia social sob a ótica de Alfred Schütz	45
2.4	Mundo da vida: o lugar de todas as experiências.....	50
3	MUNDO DO TRABALHO DO BIBLIOTECÁRIO: UMA CAMINHADA TEÓRICA E EMPÍRICA... ..	61
4	ENSINO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL.....	74
4.1	Marcos regulatórios do Ensino de Biblioteconomia	83
5	ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA	96
5.1	Biblioteconomia na UFSC	99
5.2	Biblioteconomia na UDESC.....	112
5.3	A confluência dos projetos políticos pedagógicos da Biblioteconomia catarinense direcionados à orientação mercantilista	125
6	MISSÃO DO BIBLIOTECÁRIO E A ETICIDADE DO SABER-FAZER E DO SABER-AGIR.....	133
6.1	O processo educativo e a formação de consciência ética do bibliotecário	143
6.2	Saber-agir ou saber-fazer?.....	149
7	CAMINHOS POSSÍVEIS: METODOLOGIA, SUA FUNDAMENTAÇÃO E APLICAÇÃO.....	158
7.1	O discurso e as representações sociais	158
7.2	Procedimentos Metodológicos	166

7.3	Peculiaridades da pesquisa e percepções da pesquisadora	173
8	O QUE PROFESSAM OS DOCENTES: ANÁLISE DE DISCURSO E SEUS DESDOBRAMENTOS	179
8.1	O Projeto Político Pedagógico e a ação docente: aproximações e distanciamentos	183
8.2	Sentido ético da atuação docente: da miopia política ao tecnicismo .	192
8.3	Projeto (Político?) Pedagógico e a da formação de INconsciência ética	217
8.4	A quem serve o bibliotecário formado em Santa Catarina?.....	224
8.5	Desdobramentos	227
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOBRE AS DÚVIDAS.....	231
	REFERÊNCIAS	236
	APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO – IAD 1	247
	APÊNDICE B - INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO – IAD 2	324
	APENDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	336
	APENDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES	338
	APENDICE E – QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO	339
	APENDICE F – PRÉ-TESTE ENTREVISTAS TRANSCRITAS.....	341
	APENDICE G – ENTREVISTAS TRANSCRITAS	372
	ANEXO A - DIRETRIZES CURRICULARES PARA OS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA	532

1 SOBRE AS (IN)CERTEZAS: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Eu sou analfabeto para certezas.
 A coisa é toda: como a gente
 pegar água no escuro: psicamente.
 O acerto começa no fim dos erros.
 E a gente não sabe adonde é o fim dos erros.
 Nem o começo do acerto.
 Aleluia.

(Manoel de Barros)

Todo começo tem um ponto de partida. O “pegar água no escuro” de Manoel de Barros, remeteu-me ao elemento inicial desta tese: a dúvida. É preciso duvidar. E mais: duvidar da dúvida. Essa inquietude garante a fluidez necessária para navegarmos em busca de outras possibilidades. E no embalo da curiosidade, normalmente, tendemos à abrir espaço para o novo e para transposição de outros olhares.

Ir além de uma visão de mundo já estabelecida requer abandonar algumas convicções que uma consciência individual já vivenciou e assumiu, muitas vezes, como certezas, verdades ou crenças. Entretanto, mesmo o singular (o indivíduo) se constrói e se constitui a partir de um coletivo. O mundo da vida se apresenta de forma interdependente, no qual prevalece um universo de trocas dialógicas e intersubjetivas; e assim sendo, somos constantemente afetados e “convidados” à (auto)transformações. Já dizia, o filósofo pré-socrático, Heráclito: “ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio”. Nem você e nem o rio são os mesmos de antes.

De posse dessa compreensão, propus-me (não só para fins deste trabalho e também, como exercício pessoal) a praticar o desapego de minhas verdades. Entendo que elas não são únicas e sim, talvez, específicas, uma vez que foram socialmente construídas e legitimadas nas relações sociais que permeiam o meu viver cotidiano. Então, acredito que a curiosidade aliada à tolerância (ou ao reconhecimento de outras perspectivas) pode resultar em combinação salutar à medida que se deixa chegar outras vivências, outras falas, outros argumentos e principalmente, novos sentires e sentidos. E esta

tese representa, para mim, a chegada do novo, “psiumente”, como “pegar água no escuro”.

Uma lembrança me vem a mente ao iniciar uma pesquisa científica. As aulas de metodologia e a fala: “toda pesquisa começa por uma pergunta, por um problema”. Mais do que nunca, isso faz sentido: a tese como uma caminhada em busca de um fluir de possibilidades que respondam às dúvidas mas que também, possam gerar outras. Nessa direção, trago a luz, a reflexão de Flusser (2011a, p.22).

A dúvida pode ser, portanto, concebida como uma procura de certeza que começa por destruir a certeza autêntica para produzir certeza inautêntica. A dúvida é absurda. Surge, portanto, a pergunta: “por que duvido?” Esta pergunta é mais fundamental que a outra: “de que duvido?” Trata-se, com efeito, do último passo do método cartesiano, a saber: trata-se de duvidar da dúvida. Trata-se, em outras palavras, de duvidar da autenticidade da dúvida em si. A pergunta “por que duvido?” implica a outra: “duvido mesmo?”. Descartes, e com ele todo o pensamento moderno parece não dar este último passo. Aceita a dúvida como indubitável. A última certeza cartesiana, incorruptível pela dúvida, é, a saber: ‘penso, portanto sou’. Pode ser reformulada: ‘duvido, portanto sou.’”

De maneira nenhuma, sugiro que se deva desprezar as crenças morais e intelectuais que a razão produziu. Porém, é aceitável questionar acerca da validade e do alcance delas, de modo a se considerar a finitude ou transformação das certezas. No mundo intersubjetivo, a realidade é socialmente construída e seu incessante movimento, explica a impermanência dos processos humanos.

Portanto, permitir-me desconstruir foi um exercício essencial para o desenvolvimento deste trabalho, bem como, questionar as crenças nas quais me apoiava. Rememoro, o que Nietzsche (2001, p.53, grifos do autor), no segundo aforismo de Gaia Ciência, comenta sobre desprovimento de uma consciência intelectual.

Mas estar em meio a essa *rerum concordia discors* [discordante concerto das coisas] e toda a maravilhosa incerteza e ambigüidade da existência e *não interrogar*, não tremer de ânsia e gosto da interrogação, nem sequer odiar quem interroga, talvez até se divertindo levemente com este – isto é o que percebo como *desprezível* [...].

Nesse sentido, a problematização no ato de pensar, de pesquisar e de viver é um processo que precede a formulação de um problema no processo *investigatório*, a qual exige um exercício de procura e descoberta na realidade social¹. Observa-se, que a etimologia da palavra *investigação* recorre ao significado latino de vestígios, pistas. Para cada pista pode haver várias interrogações: O que é? Quem? Quando? Onde? Por que? Para que?, entre outras. (SALOMON, 2006).

Quem detém a dúvida, ou seja, quem formula as perguntas é o pesquisador, entretanto, antes de tudo, esse investigador é um indivíduo que interage com a realidade, ou seja, que pertence ao mundo da vida². “Ao apontar para o pesquisador, está-se apontando, antes de mais nada, para um ser humano diante do desafio da procura”. (SALOMON, 2006, p. 5).

Posto isto, é assim então, que me situo neste contexto: alguém à procura de respostas para suas inquietações profissionais e pessoais e/ou alguém que busca novas dúvidas para suas antigas dúvidas e certezas. A temática que me motivou para desenvolver esta pesquisa diz respeito ao ensino de Biblioteconomia e à formação profissional em nível de graduação. Mais especificamente, meu interesse reside na compreensão do direcionamento ético que sustenta o processo formativo de novos profissionais.

Cabe aqui, justificar esta escolha. Durante minha caminhada na condição de bibliotecária e docente, desconstruí algumas crenças que tinha sobre esse profissional e sua atuação no mundo do trabalho. Ao concluir a graduação em Biblioteconomia me deparei com a (minha) certeza de que o Bibliotecário não era devidamente reconhecido pelo mercado de trabalho em

¹ O termo realidade social a que me refiro aqui, está alinhado ao contexto do que será trabalhado no decorrer dessa tese, seguindo a vertente da fenomenologia social proposta por Alfred Schultz. A realidade social engloba os objetos e fenômenos do mundo social e cultural. Esta realidade é povoada pelos pensamentos do senso comum, ou seja, dos indivíduos que vivem sua vida diária, interagindo entre si, através da intercomunicação e linguagem. (SCHUTZ, 2007).

² Mundo da vida é mais um termo utilizado na linguagem fenomenológica e é o palco intersubjetivo onde se constrói e se constitui a realidade social.

função de sua postura tradicional, que no meu (antigo) ver, era dentro de uma biblioteca fazendo o processamento técnico de livros. Julgava até mesmo que a denominação “Bibliotecário” era inadequada. Acreditava que o mesmo deveria ser chamado “Gestor da Informação”.

Hoje, recordo esses momentos com certa graça. Mas na época, meu sentimento, tinha alguns “tons” de decepção e vergonha. Porque, para mim, esse tradicionalismo que me inquietava, significava a causa da falta de reconhecimento profissional. Hoje, percebo que não era o tradicionalismo que me incomodava, e sim, a postura política passiva desse profissional e o seu instinto de “rebanho”, nas palavras de Nietzsche³.

Acreditava que a solução para obter reconhecimento seria o bibliotecário atuar além das suas atividades tradicionais (processamento técnico) e em diversificadas ambiências (com um enfoque especial para as empresariais). Pensava que ele deveria buscar habilidades e competências tecnológicas e empreendedoras que o levasse a trabalhar com os processos gestão da informação e do conhecimento, impulsionando a vantagem competitiva da organização a qual pertencesse.

Essa certeza desmoronou na ocasião que cursei o mestrado acadêmico. Ao ingressar nele, pretendia trabalhar a temática do “bibliogestor”, cujo trabalho forneceria a informação “certa, na hora certa” e com valor agregado; profissional este, que mostraria o caminho das pedras para a empresa, e subsidiaria a formação da inteligência competitiva organizacional. Diferente do previsto (e a isso, manifesto minha gratidão ao fluxo da vida!), ao concluir o mestrado, tinha pesquisado a temática da ética profissional do bibliotecário atuante no ambiente empresarial.

Realmente, ao olhar para trás, fico satisfeita com os benefícios e proventos das dúvidas geradas a partir de novos conhecimentos que adquiri neste processo formativo; e também, verifico, com gosto, a mudança das minhas “verdades” sobre a atuação do bibliotecário: da Inteligência Competitiva a Ética Profissional; de Davenport ao olhar humanista de Ortega y Gasset. Ou

³ “[...] o homem de rebanho segue e “aceita o que qualquer mandante – pais, mestres, leis, preconceitos de classe, opiniões públicas – lhe grita no ouvido”. (NIETZSCHE, 2001, p.84).

melhor, do bibliotecário com determinadas habilidades tecnológicas e “empreendedoras” para o bibliotecário com consciência da dimensão ética e política na sua atuação. Seria esta mudança do “8 ao 80”? Lembrando, de novo, as palavras de Flusser (2011a), seria a mudança da certeza autêntica para a certeza inautêntica?

Após a vivenciar o mestrado, tamanha foi a minha transformação, que me sentia incomodada ao ouvir discursos de profissionais e pesquisadores da Biblioteconomia ancorados em uma racionalidade técnica e instrumental e que remetiam à competência informacional, à gestão, à flexibilidade (após ler “A corrosão do caráter” de Richard Sennett esta palavra não me soou mais como antes!), e à questão tecnológica.

Novamente, em uma outra certeza eu me apoiei. Constatei certa falta de consciência por parte dos bibliotecários em relação ao entendimento e importância da ética, no que diz respeito à repensar sobre as consequências de suas ações. Tal *déficit* é revelado quando se destaca a recente produção bibliográfica relacionada à temática que tem início nos anos 90, sua escassez de literatura e os poucos trabalhos apresentados sobre esta temática, conforme levantamento realizado. (SOUZA; STUMPF 2009, BOTTENTUIT, OLIVEIRA E FERREIRA, 2009; PIZARRO, 2010; SILVA; 2011).

Mediante esses argumentos, novos questionamentos aparecem: qual a atenção que vem sendo dada ao assunto, por parte dos organismos de classe, e principalmente, das instituições de ensino? Entendo que o debate e a reflexão constante sobre a ética durante a formação acadêmica propiciam ao indivíduo visão crítica perante os problemas e dilemas da sociedade e de seu grupo profissional.

Atualmente, encontro-me na condição de docente, e frequentemente, pergunto-me como tem sido a contribuição dos cursos de bacharelado em Biblioteconomia, os quais são representados pelos seus corpos docentes, no que se tange à formação de um bibliotecário disposto para atuar com consciência ética. No entanto, para que isto seja viável, deve haver uma comunicação de conhecimentos científicos e de aprendizagem profissional sobre o referido conteúdo no qual se permita que o egresso possa avaliar o contexto político e técnico da sua atuação.

Porém, antes de entrar nessa seara, gostaria de voltar, novamente, à questão sobre as dúvidas e as certezas. Ou quem sabe, das certezas que serão dúvidas. É necessário, que na condição de pesquisadora, eu possa praticar o exercício (constante e vigilante) de desapego das minhas convicções como docente e graduada em Biblioteconomia. Essa postura de afastamento (ou suspensão das minhas crenças) deve-se, justamente, por pensar que foco a minha atenção no mundo empírico. Através da lupa do “ser-pesquisadora” posso olhar mais de perto as relações que permeiam o desenvolvimento de coletividades e suas representações sociais⁴, como no caso dos docentes de Biblioteconomia. Essa prática me possibilita subsídios para uma compreensão de como esse coletivo vivencia o mundo do trabalho e como adquire consciência dos fenômenos inerentes ao seu processo civilizador⁵.

Nesse sentido, a motivação epistemológica para desenvolver este trabalho repousa na fenomenologia social de Alfred Schütz⁶. Isto significa que, seja para a seleção de literatura que comporá a fundamentação teórica e conceitual, seja para analisar os discursos coletados, o fio condutor é o universo discursivo e subjetivo das relações descortinado por Schütz. Compatível com o pensamento Schütziano, esta pesquisa também, se apoia nas teorias da sociologia do conhecimento (na vertente do construcionismo social de Berger e Luckmann⁷), do configuracionismo ou processualismo sócio-histórico⁸ e das Representações Sociais⁹.

Ademais, quando trago a expressão “fio condutor”, arrisco uma comparação com o repertório Schütziano. Seria ele, aquele que alinha e dá formato ao tecido, modelando uma peça do vestuário? No meu ideário, sim.

⁴ Aqui representações sociais são entendidas como as manifestações de um determinado coletivo as quais englobam seus modos de pensar, de agir, seu sistema de valores, ideias e práticas. (MOSCOVICI, 2003).

⁵ Norbert Elias (1993) chama de processo civilizador o movimento não linear e sócio-histórico que as sociedades percorrem no seu processo evolutivo.

⁶ Como será visto mais adiante, a fenomenologia social de Alfred Schütz está ancorada na fenomenologia Husserliana e na sociologia compreensiva de Max Weber.

⁷ Lembra-se que Luckmann foi aluno de Schutz e terminou a obra que Schutz escrevia na ocasião de seu desencarne.

⁸ Neste domínio, as obras de Norbert Elias, como por exemplo, o Processo Civilizador, reforçam o entendimento das estruturas espacial, temporal e social do mundo da vida.

⁹ Teoria de Serge Moscovici.

Mas para além de Schütz, outras obras de cunho fenomenológico, como as de Vilém Flusser¹⁰, me inspiram. Essas obras, por sua vez, não são o “fio condutor” , mas promovem ajustes e o “caimento” na roupa a ser confeccionada, sem descaracterizar o modelo. Nesse sentido, também comparo a pesquisa com a confecção de uma roupa. Penso no propósito da mesma. A roupa veste alguém que quer se representar com determinada identidade. A pesquisa também, ao seu final, pretende reforçar uma identidade. Identidade, não só da pesquisadora, mas de uma linha (e grupo) de pesquisa e de um coletivo que promove diálogos e reifica seus discursos sob a ótica fenomenológica.

Quando voltamos nossa atenção ao sentido dos fenômenos, necessariamente, abordamos a relação intrínseca entre experiência e consciência. Schütz (2012) explica que a experiência é a atenção voltada para os objetos. Esses, por sua vez são apercebidos mediante a síntese de diferentes perspectivas, ou seja, são intencionados, permitindo que os mesmos sejam lembrados posteriormente de forma tipificada. É nesse processo, que os objetos ganham sentido. Berger e Luckmann (2007) versam que sentido é uma forma complexa de consciência já que ele não existe em si, mas sempre se baseia num objeto de referência.

Para tanto, o primeiro passo na fenomenologia é a eliminação de toda a noção preconcebida da natureza última de um determinado objeto. Para tal, é necessária a suspensão da crença. Esse afastamento consiste em colocar a “realidade entre parênteses”, de modo a eliminar todos os pressupostos ontológicos, sobrando apenas, os processos da consciência humana e seus objetos intencionados.

De acordo esta visão, “o fenomenólogo não deve apenas examinar a ‘própria experiência de si mesmo’ mas também a experiência derivativa dos

¹⁰ Vilém Flusser nasceu em Praga, em 12 de maio de 1920, vindo de família judia, fugiu da perseguição nazista para Europa e, meses depois, refugiou-se no Brasil onde estabelece sua vida e carreira por mais de trinta anos. No Brasil, país no qual viveu desde 1940, Flusser atua enquanto filósofo, professor universitário, jornalista e editor conceituado. Seus trabalhos são marcados pelo existencialismo e pela fenomenologia. (DOMINGUES, 2009). Em 1972, Flusser deixa o Brasil mudando-se para a Europa e indo residir entre a Itália , França e Alemanha. Flusser veio a falecer, então, no dia 27 de novembro de 1991, aos 71 anos. (BATLICKOVA, 2008).

outros eus e da sociedade” (SCHÜTZ, 2012, p. 17). Então, essa perspectiva fenomenológica oferece uma ancoragem filosófica e epistemológica para me guiar durante esta trajetória.

Mediante as motivações pessoais, científicas e filosóficas aqui expostas, parto então, para a explanação da temática e da problemática a que se propõe esta tese, bem como, o pressuposto que elegi como ponto de partida. Ao refletir sobre a graduação do bibliotecário, suponho que os projetos pedagógicos dos cursos devem possibilitar a comunicação de conhecimentos tanto teóricos, quanto práticos. De modo que, permitam aos egressos se posicionarem perante os problemas da sociedade e de seu grupo profissional e, também, avaliem o contexto político, técnico e estético de suas atuações. Entretanto, partilho da ideia que o processo de ensino e aprendizado, que hoje compõe esta formação, tem um montante maior de teoria e práticas técnicas que superam o viés humanista, filosófico e social.

Deve-se levar em conta, que as instituições de ensino de Biblioteconomia no Brasil são construídas ou assumidas, majoritariamente, pelos próprios bibliotecários. Portanto, a ênfase no tecnicismo que pode ser percebida, é inerente à corporação profissional, uma vez que através dela, ele é consentido. Aliado a isso, reforça-se a existência de um contexto social, político e econômico mais utilitário e aplicado para suprir demandas individualistas de determinados grupos do que para as demandas coletivas. Observa-se ainda, os imperativos de uma racionalidade técnica e instrumental na sociedade de forma geral.

Tendo em vista uma possível predominância do sistema produtivista no ensino da Biblioteconomia, o agir profissional é pensado prioritariamente para atender exigências impostas por uma perspectiva restrita do mercado de trabalho empresarial. Não seria esse fato uma sobreposição da visão econômica sobre a dimensão social da prática profissional? O utilitarismo promovido pelo capitalismo econômico resulta em um campo de atuação profissional voltado quase que, exclusivamente, para a dimensão técnica, e como consequência, destaca-se uma dificuldade por parte do profissional, em perceber e agir perante as mudanças sociais vinculadas ao contexto de atuação (MAIMONE; SIVEIRA; TÁLAMO, 2008).

Na literatura científica, tanto no âmbito nacional como internacional, muito se trata sobre as competências profissionais como habilidades gerenciais, capacidade de educar usuários, criatividade, espírito de liderança, visão interdisciplinar, pró-atividade, domínio tecnológico; e ainda, o próprio termo, o qual tem sido amplamente estudado, referente à competência informacional. Para Castro e Ribeiro (2004) tais competências são bastante significativas para o exercício profissional, no entanto, tornam-se superficiais se a elas não forem acrescidas outras competências de caráter teórico-prático, político e social.

Nessa esteira, novas disciplinas foram introduzidas, na tentativa de balancear o ensino técnico da organização da informação com o ensino de mais técnicas oriundas da necessidade do mercado de trabalho. Porém, mais que adaptações curriculares e profissionais, as regras da formação do bibliotecário não devem estar pautadas nas necessidades econômicas. (MAIMONE; SIVEIRA; TÁLAMO, 2008).

Ao refletir sobre essas questões muitas dúvidas novas me acometem. Até que ponto a flexibilização do agir não reflete uma insuficiência dos profissionais em compreender sua realidade ou ainda, uma inconsciência ou falta de conhecimento sobre os fenômenos acerca da construção e evolução de sua profissão? Até que ponto, o profissional reage (inconscientemente) às mudanças e exigências do sistema econômico ao invés de agir responsabilmente (conscientemente) em relação a elas?

Seria mais aceitável que a formação do bibliotecário fosse voltada para atender as expectativas da sua corporação profissional. E a partir dela e como parte de suas diretrizes, trabalhar-se-ia os conteúdos inseridos nas matrizes curriculares. Entretanto, evidencio outro movimento que vai na direção contrária, no qual a suposta intervenção economicista e produtivista que é imposta pelo mercado de trabalho, influencia fortemente o processo educativo do bibliotecário. Novos perfis, competências e ambiências de trabalho são prescritas por iniciativa dos formadores, nem sempre ouvindo suficientemente, a categoria profissional e, por outro lado, isso tem sido aceito e interpretado por ela mesma, muitas vezes, de forma pouco questionada ou discutida.

Um processo educacional envolve escola e espaço profissional onde professores graduados em Biblioteconomia e/ou outras formações, alunos,

entidades de classe e bibliotecários se relacionam com a escola, seja abrindo estagiários e/ou participando de eventos diversos realizados pelas escolas. Nesse processo, além de conteúdos técnicos que são ensinados, a formação política e ética também deve ser contemplada, de modo que incentive o futuro bibliotecário a um ganho de consciência sobre os benefícios ou malefícios que suas ações podem ter para seu grupo profissional e para os receptores diretos ou indiretos de suas práticas.

Destaco, que a capacidade de pensar sobre as consequências de sua prática gera um potencial de ação, que aliado ao entendimento da missão profissional do bibliotecário, pode incitar posturas mais críticas e proativas perante às necessidades e expectativas da categoria profissional e os benefícios a sociedade.

Dessa forma, recorro a missão do bibliotecário que Ortega y Gasset já vislumbrava desde seu discurso inaugural no Congresso de Biblioteconomia da *International Federation of Library Associations and Institutions* - IFLA em 1935. Para ele, “o bibliotecário deverá ser, não como até hoje, a mera administração da coisa chamada livro, mas o ajustamento, a *mise au point* da função vital que é o livro”. (ORTEGA y GASSET, 2006, p. 46). Tal afirmação suscita a ideia da função social da biblioteca enquanto espaço de transformação e do bibliotecário uma vez que sua atenção não se volta prioritariamente para a organização do suporte informacional, e sim, para a promoção da apreensão e apropriação dos conteúdos informacionais, do aprendizado e da autonomia dos receptores de suas práticas.

Assim, uma formação centrada no tecnicismo e na visão individualista, a partir de premissas orientadas pelo mercado de trabalho, tende a enfraquecer a prática da missão descrita por Ortega y Gasset. O bibliotecário possui também uma forte ligação com o desenvolvimento de culturas e formação de cidadãos e não se deve limitar somente ao acesso às informações de acordo com o foco econômico vigente, sendo que deve prevalecer o desenvolvimento e melhoria da sociedade como um todo. (MAIMONE; SIVEIRA; TÁLAMO, 2008).

Para que isto aconteça, seria fundamental, a formação de profissionais conscientes do contexto político e econômico que estão inseridos e também, atentos à importância do cumprimento do seu papel social. Sendo assim, esses

profissionais necessitariam de um repertório não só técnico, mas social e filosófico que consubstanciasse quaisquer que fossem suas práticas.

Para tanto, o desafio educacional para a área de Ciência da Informação e seus campos conexos, como a Biblioteconomia, é a capacitação, não só em nível de formação técnico-científica, mas também, de egressos com “competência política, que leve ao confronto, num primeiro estágio, e a um diálogo, num segundo momento, em torno de uma visão global da área, como um processo, portanto, sendo ela permanentemente reconfigurada” (SOUZA, 2004).

Como já explicitado anteriormente, o contexto neoliberal acaba por influenciar os modos de se pensar e produzir a ciência, voltando-se para produção de conhecimentos científicos e tecnológicos que se transformarão em futuras mercadorias ou insumos de vantagem competitiva econômica. Mykonos (2012) coloca em questão, a crise da ciência no atual contexto universitário e a descreve como uma crise ética, já que a “evolução da relação entre ciência, sociedade, Estado, empresa, revela profunda estruturação das pesquisas no âmbito da burocratização dos processos científicos em todos os níveis” (MYKONOS, 2012, p.6).

Nesse cenário de burocratização, questiona-se a atuação do pesquisador e docente, seja na pesquisa, seja no ensino, bem como a influência que recebe dos valores ditados pelo sistema econômico capitalista. Dessa maneira, o predomínio dos ditames econômicos no desenvolvimento das competências profissionais é refletido nos alunos e egressos da graduação. Ao tentar traduzi-la, cair-se-ia numa visão instrumental, reducionista e limitante da ação profissional. E nesse sentido, como é percebida a atuação política do egresso? Ela se volta a um processo que induz a transferência do poder político do profissional, seja de forma consciente ou não, para certos segmentos sociais mais empoderados, que dele se apropria, promovendo um cenário de intensificação da especialização técnica e tecnológica de sua prática.

Para Mykonos (2012, p. 13) a predominância economicista “leva a uma frieza na concepção da educação. As concepções que permeiam o ensino estão atreladas ao conteúdo científico que promoveram, no último século, o

impulso produtivo [...]”. Este quadro não é exclusividade do bibliotecário. O ensino, como um todo, tem este pano de fundo. E mais, para além do ensino profissionalizante, enfatiza-se os processos de socialização e aculturação dos indivíduos nesta realidade. O predomínio de uma ética utilitária que respalda as ações humanas faz-se presente.

Tais reflexões me remetem à crônica de Carlos Drummond de Andrade (1979), chamada “Da utilidade dos animais”. Drummond descreve uma afável professora “com um sorriso que envolve toda fauna” a qual defende “que os animais têm direito a vida, como nós, e além disso eles são muito úteis”.

Durante sua aula, a professora vai explicando às crianças que do iaque, o boi da Ásia, se faz perucas. Do texugo, pincel de barba. Do canguru se obtém bolsas e malas. Já da vicunha se faz cobertores. A zebra, além de trabalhar no circo, tem seu couro aproveitado para forros de cadeiras e tapetes. “Ah, o pinguim? [...] pensam que serve só para brincar? Estão enganados. Vocês devem respeitar o bichinho [...] O cocô do bichinho é um adubo maravilhoso”

E assim, a professora continua ensinando aos alunos a utilidade do castor, do javali, dos chifres do rinoceronte, da tartaruga marinha, entre outros. E conclui sua explicação se dirigindo a um aluno: “É útil. Ai de nós se não fosse os animais que nos ajudam de todas as maneiras. Por isso que eu digo: devemos amar os animais, e não os maltratar de jeito nenhum. Entendeu, Ricardo?”

Nesse sentido, a socialização dos indivíduos fica apoiada em imperativos individualistas e provenientes de uma instrumentalidade, que é percebida na dificuldade de conexão entre os indivíduos, na sua forma íntegra, por meio da alteridade e do respeito, por exemplo. O foco da ação humana está, na maioria das vezes, voltado para o resultado final em si, ou seja, para sua utilidade.

Faço menção ainda a Flusser (2011b, p. 47) no ensaio “Nosso Trabalho”:

A agricultura é manipulação paciente da natureza animada. A indústria é manipulação violenta da natureza inanimada: obriga-a a reformular-se conforme modelos preconcebidos. O camponês espera que animal e planta e desenvolvam, sob seu cuidado, em seu sentido que lhe é útil. O engenheiro obriga a matéria-prima a ser como deve ser conforme seus projetos. Para o camponês a realidade é ente animado colocado sob a

sua cautela. Para o engenheiro a realidade é material a ser martelado, queimado, gaseificado.

Assim, Flusser (2011b), traz à tona a questão pós-industrial (ou da pós-história), uma vez que se remete à classe dominante (o “engenheiro”) e à utilidade dada à matéria-prima, diferentemente da maneira que o camponês percebe e dá utilidade a mesma. Volto, então, à questão discutida, anteriormente, da sobreposição de valores individualistas e do ensino profissionalizante que é regulado pelas exigências de um mercado de trabalho empresarial sob o impulso produtivo. E ainda, tudo isso, reforçado por um contexto social de crise ética na ciência e a supremacia de um modelo tecnológico.

Transpondo esse cenário para o ensino de Biblioteconomia, coloca-se em questão a necessidade de contemplar a formação da consciência ética do profissional, a fim de lhe fornecer bases que superem o individualismo e o motivem para um agir mais humanizado e preocupado com os valores sociais. Bottentuit, Oliveira e Ferreira (2009) elucidam a importância da construção de projetos políticos pedagógicos dos cursos de graduação em Biblioteconomia, que considerem o princípio ético, enfatizando que ele deve ser contemplado não só em seu currículo, como principalmente, nas práticas docentes e discentes.

O documento elaborado em 2001 pela Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação – ABECIN, a partir de uma oficina de trabalho na Universidade de São Paulo, versa sobre projeto pedagógico e avaliação da graduação na área de Biblioteconomia/Ciência da Informação e declara que

[...] a universidade, para a consecução de suas finalidades educativas, deve reforçar o seu papel de instituição social procurando implementar ações que contribuam para a formação de um cidadão capaz de atuar no seu contexto social de forma competente tecnicamente e, comprometido com a construção de uma sociedade mais justa, solidária e ética. A educação superior deve, portanto, estabelecer princípios que guiem não só a formação técnico-científica, que o mundo do trabalho requer, mas também a formação do cidadão que uma sociedade inclusiva exige [...] (ABECIN, 2001, p.11).

Anterior à recomendação acima, enfatizo a esquecida¹¹ resolução 153, de 06 de Março de 1976, que recomenda que os “Conselho Regionais de Biblioteconomia promovam os meios necessários junto às Escolas de Biblioteconomia para que, dentro de uma das disciplinas que compõem o currículo da Escola, sejam ministradas aulas de Ética Profissional do Bibliotecário”. Tal resolução se baseia em pressupostos que vão ao encontro de alguns pontos anteriormente refletidos neste texto:

Considerando que a educação do bibliotecário deve ter como uma de suas finalidades o colocar-se a serviço da sociedade;

Considerando que a educação do bibliotecário deve estar intimamente relacionada com uma prestação cada vez melhor de assistência documental e informacional;

Considerando que é responsabilidade das Escolas de Biblioteconomia a formação de profissionais conscientes de responsabilidades para com a comunidade;

Considerando que a ética bibliotecária deve ser ensinada aos estudantes de Biblioteconomia ao longo de todo o seu curso; Considerando, ainda, que só assim os estudantes de Biblioteconomia poderão interpretar e ter consciência dos princípios éticos inerentes à profissão a que se dedicarão. (Conselho Federal de Biblioteconomia, 1976).

Trinta e três anos depois, foi publicado um único mapeamento sobre o ensino da ética, até hoje no Brasil, realizado por Bottentuit, Oliveira e Ferreira (2009). Tais autoras versaram, na referida pesquisa, sobre o panorama do ensino da ética nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil. As mesmas autoras ressaltam que, independentemente, do oferecimento da disciplina Ética, o conteúdo pode e deve ser tratado em toda a transversalidade curricular, permeando todos os conteúdos ministrados e as práticas docentes e discentes. E ainda, no que tange aos docentes, indo além do currículo formal, para o currículo de fato, onde este assunto seja trazido para o cotidiano da sala de aula e da vida universitária, fortalecendo assim, a integração com outros cursos e órgãos profissionais da classe. (BOTTENTUIT, OLIVEIRA E FERREIRA, 2009).

¹¹ Esquecida porque não se encontra na literatura da área nada que a revise / atualize ou a indague e ainda, nenhum discurso que a partir dela foi proposto.

Supostamente, ao pensar sobre a pressão mercadista no ensino, o discurso neoliberal vigente e todo o contexto já descrito aqui, pergunto se a escola pode fomentar no sujeito competências para questionar o processo social? Por escola entende-se além do espaço físico e infraestrutura onde as atividades de ensino acontecem, também, uma coletividade docente que está dialogando entre si, com o Estado, com os profissionais dela egressos e com seus alunos. Como consequência da atuação docente, além da formação de profissionais, são produzidos discursos que orientam e regulam esta formação, tal como o projeto pedagógico.

A presente tese versa sobre o corpo docente e busca compreender a (inter)subjetividade que opera neste conjunto de pessoas, bem como entender a construção dessa realidade social e o sentido ético que concebem ao ensino de Biblioteconomia.

Posto isto, coloco a problemática que orientou esta pesquisa, bem como um agrupamento de questionamentos que a compõem: Por que a perspectiva de uma formação ética deve ser contemplada no projeto pedagógico do curso? Qual o tipo de alunos que está sendo formado e para atender prioritariamente a quem (ao mercado de trabalho empresarial, à sociedade ou à associação profissional)? Qual o sentido que o docente percebe e constrói para se manter atento e efetuar as ações propostas no projeto pedagógico? Qual a expressão de compromisso de responsabilidade com a formação do bibliotecário por parte desses docentes? E por fim: Qual o propósito que um Projeto Pedagógico de Biblioteconomia pretende atender, tendo em vista uma sociedade que visa superar o individualismo?

Para responder essa problemática proponho, então, como objetivo geral: *conhecer o sentido ético que os docentes extraem do projeto político-pedagógico dos cursos presenciais de Biblioteconomia de Santa Catarina e como aplicam-no em suas práticas docentes enquanto colaboram no processo formativo do bibliotecário.*

Ademais como objetivos específicos, elenco os seguintes:

- a) Identificar a percepção que os docentes têm sobre a construção de suas próprias ações na direção de efetivar o proposto nos projetos pedagógicos;

- b) Levantar o sentido ético manifestado pelo corpo docente em relação a sua própria atuação;
- c) Apreender, a partir dos discursos docentes, a atenção dada nos projetos políticos pedagógicos à formação de consciência ética do bibliotecário;
- d) Identificar a quem atende a formação do bibliotecário segundo o que está contemplado nos projetos políticos pedagógicos e nos discursos docentes.

Nesta seção, explicitarei minhas motivações, a premissa e os objetivos desta pesquisa. E ainda, adiante, abordarei de forma mais aprofundada a base teórico-epistemológica que sustentará o meu olhar para a análise dos discursos e diálogos¹² utilizados no trabalho. Essa base norteará minhas reflexões tanto na revisão sobre os conceitos pertinentes à temática como na perspectiva metodológica onde analisarei discursos extraídos dos professores de Biblioteconomia de modo a obter a representação social desse coletivo.

Nas outras seções subsequentes, apresento as bases conceituais relativas ao tema: ética, mundo do trabalho e ensino de Biblioteconomia. Em momento posterior, apresento os procedimentos metodológicos, a organização e análise dos discursos, a discussão dos resultados e as últimas considerações.

Ademais, destaco, em relação à escrita deste texto, que alternarei o uso do verbo entre primeira pessoa e terceira pessoa do singular. Esta alternância é justificada já que o contexto fenomenológico, ao considerar o mundo da vida e a intersubjetividade que permeia as relações sociais, permite a conexão da pesquisadora com o objeto de estudo por meio de uma escrita autoral e ensaística em algumas passagens do texto, de forma despretensiosa e desprovida de qualquer intuito literário ou filosófico.

¹² Considero discursos como diálogos reificados e materializados textualmente, por exemplo, a literatura científica e documentos formais como um projeto pedagógico de um curso ou um código de ética, entre outros. Esta diferença será abordada mais adiante e adiante, desde já, que ao me vestir com um olhar fenomenológico para as relações humanas entendo que elas acontecem a partir de uma socialização que é efetivada através linguagem, ou seja, das trocas dialógicas e discursivas.

Embora não seja tão frequente observamos esta forma de escrita nos trabalhos acadêmicos, a mesma quando utilizada não abre mão do rigor científico que confere validade à esses trabalhos. Outra característica que não é tão comum, refere-se ao uso das notas de rodapé no intuito de melhor dialogar com o leitor e revelar alguns pontos de vista, fatos ou pensamentos que considero importantes na construção de sentido para a minha consciência.

Por fim, termino esta seção, explicando que essa vontade de evidenciar as referidas notas e uma escrita autoral pode ser considerada um gesto político de minha parte, a medida que coloco meu repertório de sentidos à disposição de uma interação comunicativa na expectativa de gerar novos diálogos (ou melhor, novas dúvidas) que avancem numa direção positiva a coletividade. Nesse sentido,

[...] as linhas do que está escrito não orientam os pensamentos apenas em sequências, elas orientam esses pensamentos também em direção ao receptor. Elas ultrapassam seu ponto final ao encontro do leitor. O motivo que está por trás do escrever não é apenas orientar pensamentos, mas também dirigir-se a um outro. Apenas quando uma obra escrita encontra o outro, o leitor, ela alcança sua intenção secreta. Escrever não é apenas um ato reflexivo, que se volta para o interior, é também um gesto (político) expressivo, que se volta para o exterior. Quem escreve não exprime algo de seu próprio interior, como também o exprime ao encontro do outro. (FLUSSER, 2010, p. 20)

2 AS RELAÇÕES NO MUNDO DA VIDA SOB A LUZ DA FENOMENOLOGIA SOCIAL

 Não me iludo
Tudo permanecerá do jeito
 Que tem sido
Transcorrendo, transformando
Tempo e espaço navegando todos os sentidos
(Tempo Rei – Gilberto Gil)

Na seção anterior expus minhas motivações, antigas certezas e dúvidas que me trouxeram para este trabalho. E com o olhar da fenomenologia social, vou me desapegando¹³ de um mundo vivenciado até pouco tempo atrás (o que não significa em hipótese nenhuma desprezá-lo) e parto em busca da compreensão da realidade pautada no produto de suas relações e suas constantes ressignificações.

A compreensão da realidade, segundo Schütz (2007), apoia-se na busca da estrutura intersubjetiva do mundo social e na experiência da vida cotidiana, levando em conta o caráter histórico da organização social e cultural; bem como o acervo de conhecimentos de cada indivíduo sobre seu mundo (sua biografia) e sobre o mundo dos seus semelhantes. Pode-se afirmar que os sujeitos, as coisas físicas e psíquicas estão resumidas em um sujeito fenomenológico que garante sentido e a validade à interpretação e construção social de determinada realidade, em determinado tempo e determinado espaço.

O termo realidade social engloba os objetos e fenômenos do mundo social e cultural e esta realidade é povoada pelos pensamentos do senso comum, ou seja, dos indivíduos que vivem sua vida diária, interagindo entre si, através da intercomunicação e linguagem. (SCHÜTZ, 2007). Os conhecimentos objetivados e subjetivados através dos processos interacionais acabam de

¹³ Esse desapego pode ser interpretado como afastamento ou como atitude fenomenológica (conceito que abordarei em nessa seção). Nesse momento, afasto-me da condição de professora e bibliotecária para ser pesquisadora. Esse ato em si já pode ser considerado em si uma premissa para a redução fenomenológica a ser realizada na pesquisa, visto que requer suspensão de algumas crenças.

várias formas sendo socializados e transmitidos aos indivíduos e suas futuras gerações.

Compatível com esta ideia, Schütz (2007) reelabora a fenomenologia husserliana e aborda uma perspectiva epistêmica do mundo social centralizando a questão da experiência, do mundo da vida, e ainda, considerando o vínculo significativo da experiência humana, com base na sociologia compreensiva de Max Weber.

Nesse sentido, me proponho a refletir sobre a fenomenologia social enquanto linha de fundamentação epistemológica de modo que ela me subsidie futuramente na compreensão do processo formativo profissional do bibliotecário em nível de graduação em Santa Catarina. Distribuo o conteúdo escrito em algumas seções, conforme segue abaixo, visando facilitar o entendimento e a ordenação das ideias que compõem as teorias estudadas.

2.1 O que é fenomenologia?

Etimologicamente, fenomenologia é o estudo do fenômeno. Mas pensar desta forma seria impor um sentido vulgar ou objetivista do que seria esta doutrina filosófica. Neste caso, enfatiza-se seu sentido ontológico e epistemológico: o desdobramento de possibilidades de algo e suas aparições para consciências específicas, portanto em fenomenologia, estuda-se o *sentido* de um fenômeno. Portanto, pode ser definida como a ciência das essências, dos modos típicos do aparecimento e da manifestação dos fenômenos a consciência, cuja característica fundamental é a intencionalidade.¹⁴

A fenomenologia tem como seu criador Edmund Husserl. Este pensador nascia em 1859 em Morávia, na República Tcheca. De família judia, era descrito, segundo testemunhos de seus professores, como um aluno pouco ambicioso e que dormia nas aulas mas que se destacava na disciplina de Matemática. Em 1881, inscreve-se na Universidade de Viena para fazer sua dissertação sobre matemática. Entretanto, é após seu encontro com Franz

¹⁴ Conceito do vocabulário fenomenológico o qual será explicado adiante.

Brentano, que aproxima-se da filosofia e da psicologia e inicia sua análise descritiva das vivências da consciência dentro de uma fundamentação transcendental da lógica. (DEPRAZ, 2007).

Husserl morreu em 1938 na Alemanha. Seus anos finais foram infelizes pois encontrava-se afastado das atividades acadêmicas devido a sua condição de judeu no contexto nazista; e também, por falta de sucessores que dessem continuidade às suas realizações na fenomenologia, embora Heidegger e outros tentassem, mas na sua visão, não o fizeram do modo certo. (RICOEUR, 2009).

Uma das ideias fundamentais de Husserl e da fenomenologia reside na *intencionalidade da consciência* e para desenvolvê-la Husserl se inspirou no matemático e filósofo Bernhard Bolzano e no estudioso, citado acima, Franz Brentano. Nessa direção, Husserl convenceu-se que o

conhecimento começa com a experiência de coisas concretas existentes, de fatos, de fatos contingentes, que se nos apresentam aqui e agora. Mas quando um fato se apresenta a consciência, nós no fato captamos sempre uma essência. Vemos esta cor, que é um caso particular da essência cor; ouvimos este som, que é um caso particular da essência som. As essências são modos típicos do aparecer dos fenômenos a consciência. (REALI; ANTISERI, 2006, v. 6, p. 179).

Na sua trajetória de estudos voltados para a escola fenomenológica, Husserl entende que as essências são resultado do que ele denomina “intuição das essências” ou “intuição eidética”. A partir dessa intuição, as essências

são, portanto, universais, conceitos que a consciência intui quando os fenômenos a ela se apresentam; e são exatamente estes universais ou objetos ideais que permitem o reconhecimento, a classificação e a distinção dos fatos particulares. E nisso consiste a redução eidética, na intuição das essências, quando na descrição dos fenômenos que aparecem a consciência conseguimos colher seu aspecto invariável entre as diversas variações das propriedades. (REALI; ANTISERI, 2006, v. 6, p. 179).

Assim sendo, ao se relatar o pensamento fenomenológico evidencia-se alguns conceitos básicos e fundamentais para compor seu entendimento: fenômeno, consciência, intencionalidade, essência e redução. Adiante, eles

serão explicados a partir das teorias de Husserl e de alguns de seus estudiosos, uma vez que facilitam a compreensão desta escola filosófica, são de importante valia para o desenvolvimento desta pesquisa e de uma atitude fenomenológica por parte da pesquisadora.

Mas o que é fenômeno? Segundo Husserl (2009), é tudo aquilo que se manifesta e se revela a uma consciência. Considera-se que é tudo que aparece, que “salta aos olhos” ou que se apresenta ao ser através de seus sentidos. E para que isso aconteça, tem de haver uma experiência, uma ação, ou seja, um espaço de relação entre o ser que o percebe/sente e o fenômeno. Esse espaço de relação nada mais é que a experiência, vivência, ou seja, o mundo da vida¹⁵.

De forma mais sintética, neste primeiro momento, afirma-se que a fenomenologia consiste no “[...] estudo da experiência humana e dos modos como as coisas se apresentam elas mesmas para nós em e por meio desta experiência.” (SOKOLOWSKI, 2012, p. 10).

De antemão, afirma-se que a fenomenologia, neste contexto, apresenta-se como uma base epistemológica para a Ciência da Informação, alicerçada em um paradigma social. Na visão de Capurro (2003), a Ciência da informação - CI pode ser classificada em três paradigmas epistemológicos. O primeiro deles é o fisicista e do empirismo lógico que está associado à teoria da matemática e informação. Já o segundo, consiste em um paradigma cognitivo no qual considera modelos mentais e o estado de apreensão da informação pelo sujeito individual e por fim, um paradigma social que relaciona as interações entre informação e indivíduo, levando em conta seu contexto histórico e social. Neste último caso, situam-se as abordagens compatíveis com a sociologia do conhecimento, a sociologia compreensiva e a fenomenologia social.

Nessa direção, Araújo (2009, p. 203) defende que

a história da CI pode ser entendida, assim, como a história da gradual consolidação de um paradigma positivista para o campo, que se dá com a incorporação de teorias, conceitos e

¹⁵ Termo cunhado por Husserl, em alemão *Lebenswelt*.

métodos de várias correntes (de diferentes áreas do conhecimento) e se manifesta de maneiras particulares nas várias subáreas que o compõem. Tal paradigma partilha com o positivismo todas as suas características: a explicação como sinônimo de simplificação, a quantificação, a busca por regularidades e leis e o conseqüente apagamento das singularidades. Partilha, também, suas limitações – sendo a principal delas a incapacidade de capturar aquilo que o método não dá conta de apreender: a informação subjetiva, dotada de sentidos diversos e inserida no terreno da experiência histórico-cultural. [...] Deve-se salientar, contudo, que estudos de natureza positivista, que reafirmam o conceito de informação na perspectiva objetivista, sem a consideração do sujeito e dos contextos socioculturais concretos, que tomam a informação como um dado e não como uma construção, continuam existindo e constituindo a perspectiva mais comum dos estudos desenvolvidos no campo.

Tendo em vista o exposto, a fenomenologia reconhece a validade da experiência e evita o racionalismo excessivo característico da Modernidade, e da concepção positivista. Dartigues (2008, p. 15) lembra que no fim do século XIX, como fruto do pensamento kantiano ou neokantiano, a segurança do pensamento positivista começa a ser questionada, bem como o alcance da ciência:

Terão as leis que ela descobre, uma validez universal? Qual é o sentido de sua objetividade? Não serão elas somente convenções e não dependerão de um psiquismo, cujas leis a psicologia por sua vez descobre?

Husserl (2009), em seu texto acerca da “A ingenuidade da ciência” disserta sobre o caráter da verdade produzida pelo mundo científico. Caráter esse, absoluto, afirmado pelas ciências objetivas e que despreza a subjetividade e as intersubjetividades que caracterizam as verdades do mundo da vida e suas diversas possibilidades. Dessa forma, o pressuposto científico de uma única verdade é visto como uma ingenuidade do cientista. O cientista ao se focar exclusivamente na prática científica, desconsidera questões sobre o sentido do fazer científico, que apesar da ciência, estão no mundo da vida e das diversas consciências que atuam como constituidoras de sentidos.

A fenomenologia busca o fenômeno autêntico e legítimo, sua evidência em si e “o retorno as coisas mesmas¹⁶”. E ainda, visa a essência das coisas como um próprio modo de ser de algo, isento de idealismos. Nessa direção, um significado aprendido por uma consciência de um sujeito deve ser pensado e repensado criticamente de forma que se alcance a essência deste significado, ou seja, deste fenômeno. (DARTIGUES, 2008; DEPRAZ, 2007; RICOUER, 2009; SOKOLOWSKI, 2012). Acrescenta-se ainda, que a mesma,

tenta restabelecer o sentido da filosofia encontrada em Platão. É [...] algo que confronta as questões levantadas pelo pensamento moderno. Vai além dos antigos e modernos, e se esforça por reativar a vida filosófica em nossas circunstâncias presentes. (SOKOLOWSKI, 2012, p. 10).

Por essas razões, nesta pesquisa, as escolhas das teorias do construcionismo social, do processualismo sócio-histórico ou configuracionismo e as representações sociais, bem como a técnica de análise de discursos - Discurso do Sujeito Coletivo - encontram validade na fenomenologia. Nela, evidencia-se o cotidiano e o mundo social onde coexistem as relações vividas pelos indivíduos, considerando suas significações, seus sentidos e valores.

O movimento fenomenológico tem início com Husserl, embora já tivesse aparecido com Kant na obra “Crítica da Razão Pura” e com Hegel em “Fenomenologia do espírito”. Diferentemente dos pensadores anteriores, Husserl com relação à questão ontológica oferece um pressuposto diferente: acreditava que o sentido do ser e o fenômeno não são elementos a serem dissociados. Assim sendo, a ontologia enquanto ciência do ser não deveria ser pensada como uma disciplina distinta. (DARTIGUES, 2008).

Nesse sentido, Vilém Flusser, na obra intitulada “Língua e realidade” manifesta sua inquietação em relação à rigidez dos sistemas ontológicos que dividem as coisas em imaginárias, reais e ideais; e desse modo, não privilegiam a fluidez da realidade. Gustavo Bernardo (2007, p.17, grifo do autor) ao compor o prefácio da edição brasileira da referida obra, comenta: “É preciso permitir ao centauro condição de idealidade, em determinado nível de

¹⁶ Outra expressão utilizada por Husserl em suas obras.

conversação, como é preciso permitir à árvore o *status* imaginário e ao triângulo a chance de realizar-se”.

Husserl, então, através de sua abordagem ontológica marca a escola denominada “fenomenológica”, a começar com a obra “Investigações lógicas” reunida em duas partes, publicadas respectivamente em 1900 e 1901, e conseqüentemente, influencia a história da Filosofia no século XX. Suas teorias influenciaram diversos pensadores (independente de serem seus discípulos ou não) como: Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Max Scheler, Tran Duc Tao, Nicolai Hartmann, Paul Ricouer, Edith Stein, Eugen Fink, Alfred Schütz, entre outros. (CERBONE, 2013; DEPRAZ, 2007; SOKOLOWSKI, 2012).

Portanto, justifica-se, duplamente, o uso da base fenomenológica de tradição husserliana¹⁷ neste trabalho para pensar a fenomenologia e os conceitos derivados dela. O primeiro motivo refere-se ao pioneirismo de Husserl, conforme já comentado anteriormente. Já a segunda justificativa, fundamenta-se na grande influência sobre Alfred Schütz e na criação de sua fenomenologia social, a qual sustentará as teorias abordadas no trabalho.

Husserl ao inaugurar a fenomenologia rompe com alguns pressupostos de cunho cartesiano, hobbesiano e lockiano¹⁸ denominados de predicamentos egocêntricos, os quais afirmavam que o “estar consciente” de um sujeito diz respeito somente à consciência dele próprio e de suas ideias. Esse ponto de vista é limitante já que sugere uma prisão do ser dentro de sua própria subjetividade ao tratar a mente como um circuito fechado que não se relaciona com o que está fora dela.

Mais uma vez aqui, volto à Flusser (2011a, p.22, grifo nosso), com a frase bem colocada dentro do contexto fenomenológico: “A última certeza cartesiana, incorruptível pela dúvida, é, a saber: *‘penso, portanto sou’*. Pode ser

¹⁷ A partir da importância de Husserl enquanto fundador do movimento da fenomenologia, outros pensadores como Merleau-Ponty, Sartre, Heidegger, entre outros, seguem pesquisando na vertente fenomenológica, entretanto, cada qual com suas peculiaridades, diferentes visões e algumas discordâncias de Husserl.

¹⁸ Entretanto, não podemos desconsiderar que John Locke, em sua obra “Ensaio sobre o entendimento humano” propõe que o mundo é construído de ideias, sendo estas simples ou complexas. As simples estão nas sensações e as complexas remetem-se às reflexões. Ambas estão relacionadas, ou seja, o entendimento da realidade começa a partir das sensações. O que está no intelecto chegou a ele, antes, através dos sentidos. (LOCKE, 1999).

reformulada: *'duvido, portanto sou'*. " Se penso e acho que logo existo, adoto o sentido de que a *única* referência para compreender o mundo sou eu mesmo. Agora, se duvido e logo sou, entendo que o mundo se revela para mim com determinada aparência, segundo minha consciência.

Sokolowski (2012, p. 19) reforça o quanto ainda é difundido esse predicamento egocêntrico em nossa cultura e o quanto o mesmo traz desconforto.

Sabemos instintivamente que não estamos presos em nossa própria subjetividade, estamos certos que vamos além de nossos estados cerebrais e mentais internos, mas não sabemos justificar essa convicção. Não sabemos como mostrar que nosso 'mundo real' não é uma ilusão, não é mera projeção subjetiva. A maioria de nós não tem ideia de como sair de nós mesmos, e provavelmente tratamos esse assunto simplesmente ignorando-o e esperando que ninguém nos pergunte sobre ele. Quando tentamos pensar sobre a consciência humana, começamos com a premissa de que estamos inteiramente 'dentro', e ficamos enormemente surpresos de como podemos sempre alcançar o 'fora'.

Nessa direção, para compreender a fenomenologia, alguns conceitos devem ser entendidos, tais como aparência e intencionalidade da consciência. Nesta doutrina, reconhece-se as coisas que aparecem, a verdade dos fenômenos e o plano da realidade ou como denomina Husserl: "retorno às coisas mesmas". As coisas existem e o modo como elas aparecem é como elas são. Elas realmente aparecem como são na sua essência. Destaca-se, a simplicidade no sentido de a presença de algo na sua simples presença, como ele simplesmente aparece. A intuição da essência nos permite identificar um fenômeno, por exemplo: um círculo. Um círculo é diferente de um quadrado. Uma grama molhada é sempre uma grama molhada. Por isso, a intuição da essência consiste na intuição das possibilidades puras, ou seja, as ideias e a visão sensata do que é sensível. (DARTIGUES, 2008; SOKOLOWSKI, 2012).

A fenomenologia traz consigo a questão do fenômeno no âmbito da consciência. Consciência é a apreensão de sentido. Para Husserl (1990), o fenômeno tem caráter subjetivo uma vez que o mesmo é sentido e apreendido pelo sujeito, dessa forma, revelado ou "trazido" a consciência. Os fenômenos

são constituídos nos sujeitos, estão nas sensações (como já colocava Locke) e antecedem as relações. Nesse sentido, Husserl explica:

Sou consciente de um mundo infinitamente estendido no espaço, infinitamente se transformando e tendo infinitamente se transformado no tempo. Eu sou consciente dele: isso significa, sobretudo, que intuitivamente eu o encontro imediatamente, que eu o experiencio. Pela minha visão, tato, audição e assim por diante, e nos diferentes modos de percepção sensível, coisas físicas corpóreas com uma distribuição espacial ou outra estão simplesmente aí para mim, “a mão” no sentido literal ou figurativo, esteja eu ou não particularmente atento a elas e ocupado com elas em meu considerar, pensar, sentir, ou querer. Entes animados também – entes humanos, vamos dizer – estão imediatamente aí para mim: eu olho; eu os vejo; eu os ouço se aproximarem; eu aperto suas mãos; falando com eles eu entendo imediatamente o que pretendem dizer e pensam, que sentimentos os movem, o que eles desejam ou querem. (HUSSERL *apud* CERBONE, 2013, p. 23, grifo do autor).

Ao refletir sobre o explicitado, percebe-se uma associação intrínseca entre experiência e consciência. Husserl parte do ponto que seriam “as experiências do ser humano consciente que vive e age em um ‘mundo’ que ele [ser humano] percebe e interpreta, e que faz sentido para ele”. (WAGNER, 2012). E dessa forma, aparência e intencionalidade se relacionam de forma intrínseca. A experiência é considerada por Schütz (2012) como atenção que se confere aos objetos, uma vez que estes são apercebidos ou aparecem e ainda, são intencionados, permitindo que os mesmos sejam reconhecidos posteriormente de forma tipificada.

Husserl (1990) entende que a apreensão da essência das “coisas” se dá mesmo que elas não estejam diante dos olhos pois estas foram representadas, na consciência. Ou seja, os objetos foram intencionados na consciência e ganharam sentido. “Se todo fenômeno tem uma essência, o que traduzirá pela possibilidade de designá-lo, nomeá-lo, isso significa que não se pode reduzi-lo a sua única dimensão de fato, ao simples fato que ele tenha se produzido”. (DARTIGUES, 2008, p.19).

Um exemplo disso, evocado por Husserl, ao pensar na intuição da essência é quando se escuta a “IX Sinfonia” a partir de diferentes concertos,

com diferentes orquestras e músicos e com diferentes escrituras de partituras. Ainda assim, pode-se identificar que se trata da “IX Sinfonia”. Sua essência persistirá mesmo que as partituras, orquestras e músicos não existam mais.

Ela persistiria, não como uma realidade, como um fato, mas como pura possibilidade. Não obstante, é essa pura possibilidade que me permite distingui-la de imediato de outra sinfonia, mesmo se o disco na qual eu a escuto está riscado ou a orquestra é ruim [...] Vemos que a visão da essência se distingue da percepção do fato: ela é a visão do sentido ideal que atribuímos ao fato materialmente percebido e que nos permite identificá-lo. (DARTIGUES, p.20, 2008).

Nessa direção, a partir do exemplo citado, observa-se claramente os conceitos concebidos por Husserl a respeito da *imanência* e da *transcendência*. A imanência está relacionada com a consciência do ser e já a transcendência com os objetos em si, na forma em que aparecem fora do ser. (CERBONE, 2013; DARTIGUES, 2008; DEPRAZ, 2007; SOKOLOWSKI, 2012).

Ademais, o termo “intencionalidade” é vinculado ao vocabulário fenomenológico. Sokolowski (2012, p. 17) explica que a consciência está relacionada com objetos, ou seja, cada ato de consciência e cada experiência tem relação com um objeto: “[...] cada ato de consciência que realizamos, cada experiência que nós temos é intencional: é essencialmente ‘consciência de’ ou uma ‘experiência de’ algo ou de outrem. [...] Cada intenção tem um objeto intencionado”.

É válido observar que “intenção” na fenomenologia não está associado ao sentido prático da palavra e comumente usado. No sentido fenomenológico, a “intenção” está relacionada a teoria do conhecimento, associando-se à consciência de um objeto, no sentido mental ou cognitivo. (SOKOLOWSKI, 2012).

O princípio da intencionalidade aborda segundo Dartigues (2008, p. 22) que a “consciência é sempre ‘consciência de alguma coisa’, que ela só é consciência estando dirigida a um objeto (sentido de *intentiono*)”.

Flusser (2007) aborda a língua como constituidora de realidade, a medida em que a palavra seja falada, lida, escrita, ouvida ou tateada (no caso do Braille) é sentida, ou seja, chega ao intelecto como dado bruto através dos

sentidos corporais: “[...] os sentidos sendo fornecedores de dados.” (FLUSSER, 2007, p. 47). E de igual forma, pode-se tomar a palavra como um algo aparente que a partir da *experiência* comunicativa, emerge à *consciência*, torna-se um *objeto intencionado* e ganha um sentido. Nesse processo, então, surgem as ideias pois esses dados providos dos sentidos dão consciência a lembranças, imagens, noções e conceitos abstratos.

Portanto, essa associação entre *aparência*, *experiência*, *consciência* e *objetos intencionados* mostra que pensamento tem um sentido público pois tudo é externo à mente e com possibilidade de intersubjetivação. Daí a importância da fenomenologia e a quebra com o paradigma da filosofia moderna e com o predicamento cartesiano ou egocêntrico o qual acreditava no isolamento mental e individual. (SOKOLOWSKI, 2012).

Vale frisar que

a mente e o mundo são correlatos entre si. Coisas aparecem para nós, coisas verdadeiramente descobertas, e nós, de nossa parte, revelamos, para nós mesmos e para os outros, o modo como as coisas são. Dada a configuração cultural na qual a fenomenologia nasceu, e na qual continuamos a viver, o foco na intencionalidade não é desprovido de grande valor filosófico. Discutindo a intencionalidade, a fenomenologia ajuda-nos a reivindicar um sentido público de pensamento, do raciocínio e da percepção. Ajuda-nos a reassumir nossa condição humana como agentes da verdade. (SOKOLOWSKI, 2012, p. 21).

Ainda segundo esse mesmo autor, ao se considerar a intencionalidade da consciência, tira-se o peso da confusão filosófica. Admitindo que os aparecimentos são reais pode-se restaurar o mundo como ele apareceu. Dessa forma, diminui-se o peso psicológico do mundo interno ao ser e abre-se espaço para a ontologia fenomenológica, ou seja, aceita-se o processo de intersubjetivação que constrói e constitui as convenções sociais, leis, símbolos, palavras, ou seja, aceitando tudo como é capaz de aparecer e com seus próprios modos de ser.

Vale lembrar que há diversos tipos de intencionalidades quanto a diferentes tipos de objetos. Essas intencionalidades se entrelaçam à medida que os fenômenos podem ter complexidades diferentes. Até mesmo os

fenômenos nos quais uma coisa é tomada por outra, como os enganos ou alucinações são reais em seu próprio modo de ser e têm seu *quantum* de realidade, ou melhor, são considerados fenômenos de maneira que se pode distingui-los e perceber a diferença.

Em relação a intencionalidade da consciência, Schütz (2012) baseia-se em Husserl para afirmar que todas cogitações têm como característica básica serem consciência de alguma coisa.

Aquilo que aparece na reflexão como um fenômeno é um objeto intencional do qual eu possuo uma ideia, uma percepção, um temor, etc. portanto, toda a experiência é não caracterizada apenas pelo fato de que existe uma consciência, mas é simultaneamente determinada pelo objeto intencional do qual se tem consciência. (SCHÜTZ, 2012, p. 70).

Para Husserl, segundo Carvalho (2013), o sentido dado pela consciência é que unifica as múltiplas percepções de mundo. Intencionalidade, na sua visão, é ir além do ato perceptivo relacionado ao sentido que as coisas possuem para determinado sujeito, é ir além das impressões que as coisas têm para este sujeito. O sentido de intencionalidade revela a essência do fenômeno para além das particularizações de cada sujeito do mundo.

Nessa direção, compreender a intencionalidade facilita o entendimento da imanência e da transcendência na fenomenologia; já que as coisas existem e significam para além da impressão imanente ou inerente em determinada consciência, elas simplesmente existem por terem uma unidade de significado que alcança as consciências em geral, ou seja, transcende qualquer individualidade.

Ademais, Schütz (2012) alega que na fenomenologia husserliana a intencionalidade deve ser compreendida e analisada em dois níveis diferentes: em relação à atitude natural e à atitude fenomenológica ligada à esfera da redução fenomenológica; tal como será abordado na próxima seção.

Praticar a fenomenologia, enquanto postura e ação, é saber identificar os fenômenos e suas intencionalidades de forma a entender as manifestações em si mesmas. É também, sair da postura ingênua de que a consciência “vem de dentro” e aceitar que há um mundo comum, onde tudo é partilhado e a

realidade é construída socialmente. “Há muito a pensar sobre o modo como as coisas se manifestam a si mesmas, e em nossa habilidade de sermos verdadeiros, em nossa habilidade de deixarmos as coisas aparecerem” (SOKOLOWSKI, 2012, p. 24).

2.2 Atitude Natural ou Atitude fenomenológica?

Conceito amplamente empregado em filosofia, sociologia e psicologia, segundo Abbagnano (2007), entende-se por *atitude*, uma orientação selecionada de maneira ativa por um indivíduo perante uma determinada situação ou um problema. Para melhor compreensão da matriz fenomenológica há de se separar dois tipos de atitude ou perspectivas de ação perante a análise da realidade, e são denominadas atitude natural e atitude fenomenológica.

A atitude natural tem relação com a postura original dos indivíduos no mundo cotidiano, ou seja, o mundo da vida. Nele, o homem adulto age com consciência e experiencia a realidade com uma atitude natural. Na vida cotidiana Schultz (2012) chama a atenção sobre a ingenuidade e a questão psicológica na postura dos indivíduos que frequentemente ficam imersos em suas próprias experiências; sem prestar atenção aos atos subjetivos da experiência em si mesmos. “Para se revelar esses atos é preciso modificar essa atitude ingênua com a qual nos colocamos diante dos objetos e nos voltarmos para nossas próprias experiências, em um ato específico de ‘reflexão’”. (SCHÜTZ, 2012, p. 70).

Pode-se associar a atitude natural com a falta de um olhar mais crítico para o mundo. A atitude natural é a perspectiva padrão, pouco rigorosa e acrítica, no nível do senso comum, onde os sujeitos encontram-se originalmente na vida ordinária. Ressalta-se que um posicionamento não crítico perante às coisas é considerá-las esgotadas em seu sentido, ou seja, limitando-as de suas possibilidades puras e da intuição de suas essências. Assim, um item deve ser examinado: o tipo de convicção que permeia a atitude natural. Essa convicção pode ser considerada uma crença visto que reflete um

determinado modo com que um indivíduo aceita as coisas no mundo e o próprio mundo. (SOKOLOWSKI, 2012).

Husserl afirmou que a atitude natural consiste em assumir como existente o mundo comum que vivemos da forma que ele se oferece à nós, formado de coisas, bens, valores, ideais e pessoas. No entanto, a filosofia fenomenológica tem pretensão de ir além dessa atitude natural, por exemplo, através da dúvida, colocando em suspenso tal atitude. Este é o ponto de partida da pesquisa filosófica e da atitude fenomenológica (ABBAGNANO, 2007).

Quando, no parágrafo anterior, se aborda a dúvida, entende-se que em fenomenologia a maneira de pensar é ligada ao questionamento do porque das coisas serem o que são. A atitude natural é caracterizada como pouco crítica, a qual reflete o senso comum de uma determinada época ou de um contexto sócio-histórico.

A atitude fenomenológica visa colocar em suspenso ou “entre parênteses”¹⁹ a atitude natural, em hipótese alguma na tentativa de negá-la ou recriminá-la e sim, para um exercício reflexivo e de aprofundamento, visando chegar no sentido e no alcance do fenômeno em questão, no retorno às coisas mesmas. Dessa forma, clareando o que está oculto no senso comum, bem como identificando as crenças e impressões que tendem a particularizar e distorcer o fenômeno em si, revelando-o tal como ele é em si mesmo.

Para colocar em prática a atitude fenomenológica deve-se valer do sentido da intencionalidade, ou seja, consciência intencionada e objeto intencional para captar o sentido e verdade do fenômeno. Carvalho (2013, p. 4) questiona

[...] pois, como impedir que se perca a significação e a existência mesma das coisas? Como não se perder num sentido particular que afasta o sujeito do mundo? Husserl procurará superar estas dificuldades com a chamada redução fenomenológica. E o que ela é? Reduzir é colocar entre parêntesis o mundo dos objetos e o fluxo das impressões do sujeito. Com a redução se afasta tanto o que as coisas são em si, como a consciência que as concebe, mas que deixa de

¹⁹ Mais uma das expressões de Husserl.

considerar a criação e passa a tomá-la como realidade existente, independentemente dela. Com a redução fenomenológica, Husserl afasta da consciência o que não tem sentido.

A sentido do termo “redução” evidenciado aqui é compatível com o uso de outro termo: “afastamento”. Afastar-se significa colocar-se na condição de observador “do lado de fora da situação”, de forma identificar na atitude natural as intencionalidades particulares relativas à dado fenômeno, mas *sem se identificar com elas*. Esse ato de neutralizar, suspender as crenças ou “colocar entre parênteses” os objetos experienciados e suas intenções naturais na redução fenomenológica é denominado também de *epoché*. (DEPRAZ, 2007; SCHÜTZ, 2007; SOKOLOWSKI, 2012).

O termo *epoché*, segundo Reali e Antiseri (2006, v. 6), origina-se do grego que significa suspensão do consentimento ou do juízo, atitude típica do ceticismo antigo. Dentro da visão contemporânea a *epoché* é um pensamento básico na fenomenologia husserliana. Ela corresponde à

Suspensão, a colocação entre parênteses das convicções científicas ou filosóficas, ou também das crenças do senso comum que não resistem à dúvida, que não são indubitáveis, que não exibem a marca da certeza incontestável. Tais ideias e crenças atacadas pela dúvida são colocadas entre parênteses no sentido em que uma filosofia rigorosa não pode se basear sobre elas. (REALI; ANTISERI, 2006, v.6).

A redução fenomenológica para Schütz (2007) consiste em procedimento básico do método fenomenológico. Então, ao se tirar o foco das singularidades e ao se colocar todos os juízos sobre a natureza dos objetos percebidos “entre parênteses”, aquilo que é dado na experiência cognitiva é reduzido ao essencial de sua forma.

Ao se mover para a atitude fenomenológica, contempla-se os envolvimentos que se tem com o mundo e com as coisas nele, bem como o mundo em seu envolvimento humano. Sokolowski (2012, p. 57) complementa:

Não somos mais simplesmente participante do mundo; contemplamos o que é ser participante no mundo e nas manifestações. Mas as intencionalidades que contemplamos – as convicções, dúvidas, suspeições, certezas e percepções que examinamos e descrevemos – ainda são nossas intenções. Não as perdemos; somente as contemplamos.

Assim, nessa atitude, cada consciência ao suspender suas crenças na sua realidade do mundo exterior, pratica uma conversão que vai da imanência a transcendentalidade e voltando-se às coisas mesmas. Ao analisar as intencionalidades envolvidas e seus correlatos, desembaraça-se de uma atitude ingênua para uma atitude reflexiva. (DARTIGUES, 2008).

Sokolowski (2012, p. 59, grifo do autor), de forma clara, explica:

Assim, quando entramos na reflexão fenomenológica, não restringimos nosso foco apenas ao lado subjetivo da consciência; não focamos somente nas intencionalidades. Também focalizamos nos objetos que são dados para nós, mas os focalizamos como aparecem para nós em nossa atitude natural. Na atitude natural nos dirigimos diretamente para o objeto; vamos direto para as manifestações do objeto, para o objeto mesmo. Da instância filosoficamente reflexiva, nós criamos temáticas manifestações. Nós olhamos *para* o que normalmente olhamos por *intermédio*. Focalizamos, por exemplo, nos lados, aspectos e perfis pelos quais o cubo apresenta-se com uma identidade. Focalizamos na multiplicidade de manifestações pelas quais o objeto é dado para nós. Quando agimos assim, contudo, não tornamos a identidade do objeto em uma de suas 'meras' manifestações; muito pelo contrário, estamos mais bem habilitados a distinguir o objeto de suas manifestações, estamos mais bem habilitados para realizar a identidade da coisa mesma. Estamos também mais habilitados a prover uma descrição apropriada da natureza do 'mundo'.

Portanto, a fenomenologia husserliana propõe que o significado aprendido pela consciência intencional precisa ser pensado e repensado de forma rigorosa e aprofundada até que se possa alcançar a essência do fenômeno em questão. Nesse sentido, o exercício de uma atitude ou postura de afastamento e de suspensão das crenças possibilita a apropriação de um sentido maior que vai além das singularidades das consciências que percebem o fenômeno.

Ver um fenômeno na sua essência é entender o próprio modo de ser de algo, na sua maneira única e exclusiva de existir. É ainda, entender o porquê que as coisas são como são. É criar possibilidades de se ter uma relação aberta com o mundo do entendimento que é este mundo social. É a soma de todos os sentidos dos fenômenos, em suas múltiplas possibilidades e facetas.

Portanto, a fenomenologia ajuda a esclarecer as intencionalidades que perpassam a atitude natural.

Pode mostrar, por exemplo, como a lógica difere da matemática, e como ambas diferem da ciência natural; ela pode mostrar o que cada uma dessas formas de intencionalidade busca, que evidências visam. A fenomenologia auxilia a experiência pré-filosófica no esclarecimento do que essa experiência revela e como se encaixa com outras formas de evidencia. Agindo assim, contudo, a fenomenologia ou a filosofia não apresenta um novo método para o que estava lá. Tudo que ela faz é distinguir mais agudamente as intenções que já estabeleceram sua própria integridade. Ela remove as confusões nessas intenções e resolve as ambiguidades na fala que as expressa. (SOKOLOWSKI, 2012, p. 221).

Dessa maneira, encerra-se essa seção, conforme explicitado anteriormente, com importância do agir fenomenológico e da sua validade e auxílio para a compreensão do sentido dos fenômenos da realidade. E principalmente, porque traz para a filosofia, elementos importantes como o mundo da vida, o senso comum e a experiência pré-filosófica. A partir deste ponto, será abordada a fenomenologia social que se baseia na fenomenologia pensada a partir de Husserl.

2.3 A fenomenologia social sob a ótica de Alfred Schütz



Alfred Schütz²⁰, é considerado um dos maiores pensadores das teorias sociais que abordam a subjetividade. Nos seus estudos explorou o conceito de realidade social a partir da intersubjetividade presente na vida cotidiana. Natural de Viena em 1899, estudou Direito e Ciências Sociais e desde cedo, Schütz manifestava interesse pelo trabalho do sociólogo

²⁰ Imagem retirada do site: < <https://geifemenologia.wordpress.com/phenomenologia-2/alema/alfred-schutz/>> e acessada em: 21/07/2015.

alemão Max Weber e pela filosofia de Husserl. (Romero; Sosa, 2007; Wagner, 2012).

Em 1932, publicou “*Der sinnhafte Aufbau der sozialen Welt Eine Einleitung in die verstehende Soziologie*”²¹ que escreveu durante onze anos o qual foi único livro escrito pelo estudioso quando residia na Europa. Entretanto, teve 32 ensaios publicados nas línguas inglesa, francesa, alemã e espanhola; sendo que 4 dos seus textos foram publicados postumamente. Nesse ínterim, travou relações com Husserl a quem, visitou diversas vezes. O próprio Husserl convidou-o para ser seu assistente na Faculdade de Freiburg mas por causa de outras obrigações Schütz recusou o convite. (HANKE, 2004).

Por causa de sua ascendência judaica, não lhe foi permitido o engajamento na carreira acadêmica e com sua formação, ganhava a vida como jurista em um banco internacional. Em função da ameaça da ocupação da Áustria pelas tropas de Hitler em 1938, mudou-se para Paris e um ano depois para os Estados Unidos, onde atuou em um banco e na *Graduate Faculty of the New School for Social Research*, como professor de sociologia e psicologia social. Entretanto, foi apenas em 1952 que obteve sua dedicação exclusiva como docente. Pois, até então, trabalhava cientificamente somente à noite e durante suas férias. (HANKE, 2004; ROMERO; SOSA, 2007; WAGNER, 2012).

Com o seu falecimento, no ano de 1959 em Nova York, segundo Wagner (2012), a obra em que estava trabalhando, na época, ficou inacabada. Nela, Schütz pretendia apresentar sistematicamente o que considerava ser as estruturas do mundo da vida cotidiana e suas consequências. A obra era “*Strukturen der Lebenswelt*”²², dividida em 2 volumes, e foi concluída por seu aluno Thomas Luckmann²³ em 1975 e em 1984, respectivamente (HANKE, 2004).

²¹ A estruturação significante do mundo social. Uma introdução para a Sociologia do Entendimento. (HANKE, 2004) ou no inglês *The Phenomenology of Social World* (WAGNER, 2012).

²² Estruturas do Mundo da Vida (HANKE, 2004).

²³ Thomas Luckmann escreveu em conjunto com Peter Berger a obra “*A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*”. Tal obra algumas vezes foi equivocadamente considerada uma introdução à Schutz já que explicitamente tem suas raízes baseadas em suas teorias. Na verdade, os autores pretenderam apresentar uma solução para

A pesquisa de Schütz enquadra-se nas teorias construtivistas. Segundo Retamozo (2012), o construtivismo tem por preocupação elucidar os modos em que o ser humano conhece e planeja seus comportamentos a partir da tradição do pensamento e da teoria do conhecimento. Para este autor, o construtivismo pode ter várias vertentes como: o radical abordado por Von Glaserfeld, o social estudado por Schütz e Berger y Luckmann, o genético trabalhado por Piaget, o sistêmico operativo evidenciado por Luhmann e o realista na versão de Gergen.

Nessa direção, na linha do construtivismo social, Schütz baseou-se em dois pensadores e em suas teorias que tem papel fundamental para suas obras. O primeiro deles, com base sociológica, é Max Weber²⁴ o qual um tem um papel significativo no início do trabalho de Schütz, porém bem diminuído no final. Já o segundo, de base epistemológica é Edmund Husserl, cuja influência é sempre presente. (DREHER, 2010; HANKE, 2004; ROMERO; SOSA, 2007; WAGNER, 2012).

Na linha de base sociológica, a influência de Weber é observada no significado subjetivo da ação social. Schütz viu na teoria da ação de Weber “uma ponte que poderia permitir-lhe atravessar o domínio da fenomenologia para a sociologia” (WAGNER, 2012) e dessa forma, chegar ao que chama Fenomenologia Social.

Weber destaca-se por rejeitar o método da pesquisa sociológica, da sua época que se pautava em bases positivistas. Em seus conceitos da sociologia e de ação social pode-se identificar alguns dos pressupostos, de compreensão e interpretação da ação social para o que se chama sociologia compreensiva. Nesse sentido, reconhece o papel do ator que executa uma ação a qual é focada com base em um interagente. (ROMERO; SOSA, 2007).

Sociologia para Weber (2012, p. 3, grifo do autor) significa

os problemas não resolvidos ou provenientes de Schutz, recorrendo também, à Sociologia do Conhecimento de Max Scheler e Karl Mannheim. (HANKE, 2004; SCHRODER, 2006).

²⁴ Max Weber foi um filósofo e sociólogo alemão nascido em 1864, na cidade de Erfurt. Filho de mãe religiosa e de pai advogado e político, teve forte influência dos pais em sua atuação e formação que sempre ligadas à ocupações políticas na condição de jurista, economista e sociólogo. Suas principais obras são “Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” e “Economia e Sociedade”.

uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explica-la casualmente em seu curso e em seus efeitos. Por 'ação' entende-se um comportamento humano (tanto faz tratar-se de um fazer externo ou interno, de omitir ou permitir) sempre que e na medida em que o agente ou os agentes o relacionem com um *sentido* subjetivo. Ação 'social', por sua vez, significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em curso.

Ao abordar o conceito de ação, Weber (2012) entende a sociedade como um conjunto de indivíduos que praticam determinadas ações. A ação é social quando se orienta por comportamento de outros, sejam estas pessoas conhecidas ou não, e em diferentes tempos: passado, presente ou futuro. Observa-se que nem toda a ação é social, uma vez que

Nem todo tipo de contato entre pessoas tem caráter social, senão apenas um comportamento que, quando ao sentido, se orienta pelo comportamento de outra pessoa. Um choque entre dois ciclistas, por exemplo, é um simples acontecimento de caráter de um fenômeno natural. Ao contrário, já constituiriam 'ações sociais' as tentativas de desvio de ambos e o xingamento ou a pancadaria ou a discussão pacífica após o choque. (WEBER, 2012, p. 14).

Dessa maneira, entende-se que a ação social é determinada de modo racional no que se refere às expectativas relacionadas ao comportamento de objetos ou pessoas do mundo exterior ou referente a crenças em valores éticos, estéticos, religiosos, entre outros, que determinam o comportamento. Ainda mais, a ação social é influenciada por estados afetivos e emocionais e por fim, de modo tradicional, quando se pensa nos costumes arraigados em determinada cultura. (WEBER, 2012).

A sociologia weberiana se preocupa com o significado subjetivo da conduta social. Segundo Wagner (2012), o termo subjetivo para Weber está ligado tanto ao significado que o ator atribui a sua própria conduta quanto ao que a Sociologia interpreta na conduta de um ator observado por ela. A compreensão racional de uma conduta subjetivamente significativa se dá a partir da

Observação direta de um ator e constitui uma 'compreensão real'. Ou ela pode ser baseada nas motivações subjacentes da ação observada, constituindo uma 'compreensão explicativa'. Um motivo nada mais é do que um 'contexto de significado' que aparece como a 'razão' da conduta humana, primeiramente para o ator, e em segundo lugar para o sociólogo que observa. Ao prestar atenção nos motivos, o sociólogo passa a estar envolvido em uma interpretação motivacional (WAGNER, 2012, p. 19).

Sendo assim, pode-se fazer uma associação entre a atitude natural e a compreensão real e ainda, entre a atitude fenomenológica e a compreensão explicativa. Portanto, Schütz previu a possibilidade de uma sociologia fenomenologicamente orientada, ao aplicar a teoria da ação social, situada na sociologia compreensiva²⁵ de Weber, juntamente com a abordagem fenomenológica de Edmund Husserl, apresentada aqui, na sessão anterior.

Para Azevedo (2011), é importante ressaltar a sua obra "Fenomenologia do Mundo Social", onde Schultz tenta estabelecer relações entre a abordagem filosófica da Fenomenologia e os desenvolvimentos da Sociologia Compreensiva Weberiana, na qual se concentrará no conceito husserliano de "Mundo da Vida". Nessa direção, Schütz, apoia-se no estudo de realidade a partir do sentido comum e "no cruzamento de várias tradições intelectuais para dar conta das relações ativas dos homens vivendo no mundo da vida. Schütz parte de alguns pressupostos, "consoante com as atividades dos homens vivendo no mundo vital da vida cotidiana. É forte na sua obra a presença pragmática da atividade social dos homens, buscando um sentido para a existência nas intersubjetividades dos homens". (AZEVEDO, 2011, p. 60). Destaca-se então, que no tangente à linha de base fenomenológica, Schütz abandona a pretensão de aprofundar a fenomenologia transcendental e coloca

²⁵ Weber foi o maior representante da Sociologia Compreensiva. Para ele, o principal interesse da ciência social era comportamento significativo dos indivíduos engajados na ação social e o significado que dão ao comportamento de outros indivíduos. Essa perspectiva sociológica se opõe à visão positivista a qual é marcada pela objetividade e pela separação entre sujeito e objeto da pesquisa. Na sociologia compreensiva, a ação é colocada dentro de um contexto de significado e os cientistas sociais buscam compreender os valores, crenças, motivações e sentimentos humanos. (GOLDENBERG, 2004).

seu programa na "fenomenologia da atitude natural" como a compreensão eminente da realidade da vida do senso comum (NAWRATH, 2009).

O âmbito do pensamento de Schütz no que se refere às suas concepções e ideias, pode ser dividido em fundamentos teórico-conceituais e metodológicos onde as teorias onde Husserl e Weber são abarcadas e ainda, no que diz respeito ao mundo da vida. Nesse último quesito, Schütz aborda o quadro cognitivo e a ação no mundo da vida, focalizando na estrutura e o funcionamento da consciência humana e suas ramificações sociais; bem como a estrutura e funcionamento do mundo social. (WAGNER, 2012). Portanto, na próxima subseção, será realizada uma explanação sobre conceitos pertinentes relacionados à experiência subjetiva, as relações interacionais e intersubjetivas na vida cotidiana referentes ao mundo da vida na teoria Schütziana.

2.4 Mundo da vida: o lugar de todas as experiências

De acordo com Husserl, todas as experiências humanas acontecem e fazem parte do mundo da vida. Nele, os indivíduos têm consciência dos fenômenos e dão sentido às experiências enquanto ações cotidianas. É nesse mundo que os indivíduos buscam a realização de seus interesses a partir da manipulação de objetos, da interação com pessoas e da elaboração e efetivação de planos. Para Schütz e Luckmann (1973, p. 27, v. 1),

El mundo de la vida, entendido en su totalidad, como mundo natural y social, es el escenario y lo que pone límites a mi acción y a nuestra acción recíproca. Para dar realidad a nuestros objetivos, debemos dominar lo que está presente en ellos y transformarlos. De acuerdo con esto, no solo actuamos y operamos dentro del mundo de la vida sino también sobre él.

Nos estudos de Schütz, percebe-se ainda os pressupostos da fenomenologia husserliana de forma bastante evidente. Entre eles, a apreensão do mundo através de nossos sentidos corpóreos. Schütz e Luckmann (1973, v. 1) explicam que os movimentos corporais estão inseridos no mundo da vida, bem como transformam objetos e as relações ligadas a eles. Ao mesmo tempo, esses objetos transformados por uma ação humana

provocam outras reações, sejam de resistência ou de aceitação. Assim sendo, o mundo da vida é uma realidade constantemente modificada a partir de ações dos atores que dele participam.

Percebe-se nitidamente, nas ideias de Schütz, a base sociológica de Weber no que tange a ação social e a questão da subjetividade contida nas ações, e mais, a intersubjetividade contida nas reações, ou seja, nas interações humanas. Em relação à isso, Acevedo (2011) completa que o mundo da vida cotidiana apresenta-se ao homem de forma natural como um mundo objetivo, externo, material e ordenado e ainda como um mundo de cultura. Este último, se constitui um universo de significação que é subjetivamente interpretado. Essa dupla existência do mundo da vida enquanto mundo material e mundo sentido acaba por influenciar as possibilidades de compreensão e interação entre os indivíduos bem como suas ações.

Ainda nessa linha, afirma-se que a atitude natural da vida cotidiana está determinada por um motivo pragmático, pois nela o mundo é dado e aparece para as consciências dos sujeitos que nele vivenciam. “Debo comprender mi mundo de la vida en el grado necesario para poder actuar en él y operar sobre él” (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973, p. 27, v. 1). A estrutura do pensar dentro da atitude natural, segundo os autores citados anteriormente também é pragmática.

Cada paso de mi explicitación y comprensión del mundo se basa, en todo momento, en un acervo de experiencia previa, tanto de mis propias experiencias inmediatas como de las experiencias que me transmiten mis semejantes, y sobre todo mis padres, maestros, etc. Todas estas experiencias, comunicadas e inmediatas, están incluidas en una cierta unidad que tiene la forma de mi acervo de conocimiento, el cual me sirve como esquema de referencia para dar el paso concreto de mi explicitación del mundo. (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973, p. 28, v. 1).

Dessa forma, as ideias de Schütz são passíveis de associação com as ideias propostas posteriormente por Berger e Luckmann (2007) acerca da construção da realidade social. Ambos autores explicam que o conhecimento só se estabelece em situações sociais. Sendo assim,

O mundo da vida cotidiana não é somente tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem as suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles. Antes, portanto, de empreendermos nossa tarefa devemos esclarecer os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana. A saber, as objetivações dos processos e significações subjetivas graças às quais é construído o mundo intersubjetivo do senso comum. (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 36).

Nas experiências, portanto, estão constituídas as práticas sociais. É através da linguagem que os indivíduos constroem suas interpretações, descrições e explicações. Dessa forma, a linguagem permite objetivar os significados acerca dos fenômenos do cotidiano. É nessa teia de relações humanas que ocorre o processo de construção do conhecimento, uma vez que nela estão constituídas as interações entre os diversos saberes e experiências, ou seja, a intersubjetividade. (BERGER; LUCKMANN, 2007; SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973, v. 1).

Ademais, todo o conhecimento, seja no senso comum ou no pensamento científico, envolve construtos, isto é, um conjunto de abstrações, generalizações, formalizações, idealizações específicas a um respectivo nível de organização do pensamento.

Falando claramente, não existe uma coisa chamada 'fatos'. Todos os fatos são desde início fatos selecionados por um contexto universal para as atividades de nossa mente. Eles são portanto, sempre fatos interpretados, sejam fatos observados como deslocados de seus contextos pela adoção de abstrações ou fatos considerados no seu contexto particular. (SCHÜTZ, 1953, p. 3, v. 1)

O mundo da vida é considerado como mundo pré-teórico da experiência e nesse sentido, apresenta determinada estrutura da experiência humana que é anterior ao mundo sócio-histórico. Schütz e Luckmann (1973, v. 1) explicam que o mundo da vida se compõe com algo mais que a de realidade cotidiana. Os autores explicam que quando se dorme e ao termos sonhos, abre-se mão da atitude natural uma vez que se adentra em mundos de ficção. Mas ainda assim, os indivíduos também são capazes de transcender a vida cotidiana

através de símbolos e têm a possibilidade de mudar conscientemente suas atitudes naturais, mesmo em diferentes esferas da realidade. Dessa maneira, Schütz expande seu mundo da vida de modo a incluir todas as mudanças de atitude natural e estado de alerta²⁶ ou tensões de consciência²⁷.

O mundo da vida é constituído por estilos de vida que possuem algumas características essenciais, segundo Schütz e Luckmann (1973, v. 1): (i) o *estado de alerta* e atenção ativa que caracteriza a vida quotidiana; (ii) a *Epoché* – enquanto possibilidade de redução fenomenológica uma vez que se duvidada existência de objetos do mundo e de como aparecem na vida cotidiana; (iii) a *espontaneidade* – no que se relaciona à ação significativa que é inserida no mundo exterior pelos movimentos do corpo vivo; (iv) a *sociabilidade* – relativa as consciências que compartilham uma compreensão intersubjetiva do mundo; (v) a *autoexperiência* – referente aos papéis condicionados socialmente e à ação do ego; (vi) a perspectiva de *tempo* – consiste na interseção do tempo padrão e do tempo interno do indivíduo.

A partir da vida cotidiana e das características dos estilos de vida, Schütz e Luckmann (1973) definem três estruturas do mundo da vida importantes para compreender a atuação dos indivíduos sobre e no mundo da vida, são elas: espacial, temporal e social.

A estrutura *espacial*, segundo os autores, deve ser dividida em duas seções. A primeira corresponde ao “mundo al alcance efectivo” (alcance real) está acessível a uma experiência direta, percebida através dos sentidos corpóreos ao se apreender os fenômenos.

Este abarca no solo objetos realmente percibidos, sino también objetos que se pueden percibir mediante una observación atenta. El mundo a mi alcance efectivo contiene, aparte de la orientación de este sector hacia la proximidad y la distancia, que está centrada en mí, un ordenamiento según las

²⁶ Schutz usa a expressão estado de alerta para se referir a atenção ativa. Para ele, um ato de atenção é um ato livre de se voltar à algo partindo da própria vontade de quem o desempenha. Pode-se dizer ainda, voltar-se de modo consciente para um objeto. (WAGNER, 2012). Pode-se fazer uma possível aproximação com o princípio da intencionalidade proposto por Husserl.

²⁷ Outro termo utilizado por Schutz que corresponde “ao estado de atenção da consciência que varia nos diferentes âmbitos da experiência, que oscila do “estado de alerta total na realidade da vida cotidiana até o estado de sono no mundo dos sonhos” (WAGNER, 2012).

modalidades del sentido. A través de esto me son dados los Objetos de este sector. A este ordenamiento en el campo visual, en el campo auditivo —a decir verdad, en todo campo que esté al alcance— se superpone la identidad (presupuesta en la actitud natural) de las cosas vistas, oídas, etc. Sin embargo, las modalidades de la percepción son de una significación subjetiva mayor aún en el mundo al alcance efectivo (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973, p. 53-54, v. 1).

Já a segunda versa sobre o “mundo al alcance potencial” diz respeito à idealizações e recordações, de fenômenos que transcendem ao alcance real dos indivíduos, entretanto, estão intencionados em suas consciências e assim, compõem seu repertório de conhecimento.

Em relação à estrutura *temporal* do mundo da vida cotidiana, Schütz aborda o tempo de mundo - objetivo e o tempo subjetivo. Parte do princípio histórico, que mundo físico e social já existe antes do nascimento de alguns indivíduos, bem como continuarão a existir após a morte deles. O mundo subjetivo tem relação com os acervos de experiências passadas (recordações) ou até mesmo futuras (projeção e antecipação). Observa-se que o presente, também carrega elementos do passado e futuro. Outra articulação possível proposta por Schütz é a biográfica onde se percebe estruturas formais com infância, juventude e maturidade. (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973, p. 72, v. 1).

E por fim, a estrutura social na condição de ordenadora do mundo da vida e da existência cotidiana. Nesse sentido, essa estrutura diz respeito ao domínio da experiência social e aos sujeitos que estão nela. No mundo da vida, de forma compatível com a abordagem da fenomenologia transcendental de Husserl, Schütz aborda o carácter pré-dado da existência do “outro” e a intersubjetividade do mundo pré-determinado.

Ya hemos establecido que el mundo de la vida es intersubjetivo desde el comienzo. Pusimos de relieve que en la actitud natural de la vida cotidiana se acepta la existencia de otros hombres como algo presupuesto. Los cuerpos humanos que puedo encontrar en mi mundo circundante están, para mí, evidentemente dotados de conciencia; o sea que, en principio, son similares al mío. Además, es obvio para mí que las cosas del mundo externo son fundamentalmente las mismas para Otros que para mi. Y es obvio también que puedo entrar en relaciones con mis semejantes, que puedo comunicarme con ellos y, por último, que un mundo social y cultural estructurado

ya está dado históricamente para mí y para mis semejantes. (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973, p. 74, v. 1).

Nesse sentido, existem dois axiomas fundamentais da atitude natural social. O primeiro vai ao encontro da existência de consciências semelhantes, as quais têm experiências e intencionalidades semelhantes para os objetos do mundo da vida, seja devido à confluência das estruturas espaciais em relação ao alcance da experiência, seja em relação as estruturas temporais envolvendo expectativas ou situações biográficas semelhantes, por exemplo.

Mas ainda assim, a compreensão dos fenômenos nos indivíduos pode ser diferente, conforme o segundo axioma. Dessa forma, Schütz e Luckmann (1973, p. 74, v. 1). afirmam

Lo segundo [axioma] debe incluir momentos modificadores a causa de la experiencia del ordenamiento espacial del mundo de la vida, la experiencia de la propia zona de operación y la experiencia de la propia articulación biográfica. Por la experiencia de estas estructuras, sé que 'el mismo' Objeto debe necesariamente mostrar diferentes aspectos a cada uno de nosotros. Primero, porque el mundo a mi alcance no puede ser idéntico al mundo a tu alcance, a su alcance, etc.; porque mi Aquí es tu Allí y porque mi zona de operación no es la misma que la tuya.

Portanto, na estrutura social, o mundo à nossa volta é o mesmo e os nossos processos conscientes são um elemento deste mundo para nós. Os corpos de meus colegas estão acessíveis para mim e vice-versa. Este círculo é cercado pelo mundo dos meus contemporâneos e eles coexistem no tempo comigo, mas não necessariamente, em extensão espacial. Além disso, existem nossos predecessores, que foram outras pessoas cujas ações realizadas no passado podem influenciar outras pessoas no presente e futuro. Finalmente, Schultz menciona também, sucessores podem ser alterados por nossas ações, mas que não podem exercer qualquer influência sobre nós. (DREHER, 2010; SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973, p. v. 1)

Ao compreender as estruturas e estilos de experiência do mundo da vida, fica mais fácil o seu entendimento e perceber que o mesmo é considerado de várias maneiras, passando-se da atitude simples e natural para uma atitude mais complexa, ou seja, indo de um mundo natural das vivências pré-

categoriais à atitude transcendental (filosoficamente compreendida). Nesse sentido, interpreta-se o mundo da vida com diferentes horizontes e com diferentes perspectivas dos (e sobre) os sujeitos nele envolvidos. (AZEVEDO, 2011).

Sendo assim, chega-se à duas interpretações:

1. A compreensão do Mundo da Vida se dá enquanto coisas, experiências e verdades a elas relacionadas. Estas coisas, experiências, podem ser dadas de modo intuitivo e perceptivo, ressaltando-se o seu caráter posicional e ocasional, intercaladas na corrente do vivido nas suas múltiplas perspectivas e significações dando-se nas coisas de modo subjetivo e perceptivo, através das quais passam nossas vivências no cotidiano. 2. O Mundo da Vida visto de uma perspectiva estritamente fenomenológica que funda as relações dos fenômenos uns com os outros de modo anônimo. Compreendida a questão dessa maneira e posta como tal, é necessário que se apele para vários processos de "redução fenomenológica", visando buscar o fundo comum da vida nas suas múltiplas regiões ontológicas. (AZEVEDO, 2011, p. 59).

E por fim, outra questão que fez parte dos estudos de Schütz, refere-se ao conhecimento e seus construtos no mundo da vida. Todo o conhecimento do mundo envolve conjuntos de abstrações, generalizações, idealizações que são chamados de construtos, os quais refletem um nível de organização do pensamento. (SCHÜTZ, 1953). Se existe pensamento, é porque existe consciência de fenômenos que já foram apreendidos pelos sentidos e assim, interpretados. Portanto, o conhecimento é apreendido e compartilhado entre os sujeitos na relação social.

Toda interpretação desse mundo é baseada em um estoque de experiências prévias, nossas próprias ou transmitidas por nossos pais ou professores, essas experiências 'na forma de conhecimento disponível' funcionam como esquema de referência. (SCHÜTZ, 1953, p. 5).

Na vida cotidiana, segundo Berger e Luckmann (2007), a realidade é interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido à medida que se apresenta um mundo intersubjetivo onde todos os indivíduos participam por meio da comunicação. A interação comunicativa se dá através da linguagem. É a partir dela que se dá uma objetivação linguística do conhecimento e que são

construídas as tipificações e os esquema classificadores de objetos, os quais transcendem dimensões espaciais, temporais e sociais, constituindo assim, os repertórios de conhecimento. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

Nessa direção, Schütz (1953) aborda o caráter intersubjetivo do conhecimento. O mundo é intersubjetivo porque vivemos como homens e entre homens, ligados uns aos outros por influências compartilhadas e pelo trabalho compreendendo os outros e sendo compreendidos por eles. É um mundo da cultura, porque desde o início, o mundo cotidiano é um universo de significações, isto é, uma textura de sentidos que devemos interpretar para que possamos encontrar nosso caminho no mundo e entendê-lo. (SHUTZ, 1953, p.7).

Em seu ensaio “O estrangeiro”, Schütz (2010, p. 120), afirma que “o conhecimento do homem que age e pensa dentro do mundo de sua vida cotidiana não é homogêneo; este é (1) incoerente, (2) somente parcialmente claro, e (3) não totalmente livre de contradições”.

O conhecimento é incoerente porque são os interesses do indivíduo que determinam a relevância dos objetos selecionados por adicionais indagações e os interesses mesmos não são integrados dentro de um sistema coerente. Eles são somente parcialmente organizados a partir de planos de algum tipo, tais como planos de vida, planos de trabalho e lazer, planos de todo papel social assumido. Porém, a hierarquia destes planos muda com a situação e com o desenvolvimento da personalidade; interesses são alterados continuamente e acarretam uma ininterrupta transformação da forma e densidade das linhas de relevância. Não somente a seleção dos objetos da curiosidade, mas também o grau de conhecimento almejado muda.

Dando continuidade, o autor explica que o homem em sua vida cotidiana é somente parcialmente interessado na clareza de seu conhecimento. Muitas vezes, ele não volta sua atenção no entendimento total das relações entre os elementos de seu mundo e os princípios gerais que dominam estas relações. Dessa forma, segundo o autor, ele não procura pela verdade e nem busca por certeza. Seu interesse, no fundo, é na informação sobre as probabilidades e entendimento das chances ou riscos que a situação acarreta, e como consequência, o resultado de suas ações.

Ele está satisfeito com o bom funcionamento do serviço de telefonia que é acessível a ele e, normalmente, não questiona como o aparato funciona em detalhes e que leis da física fazem este funcionamento possível. Ele compra mercadorias na loja, sem saber como são produzidas, e paga com dinheiro, embora tenha somente uma vaga idéia do que o dinheiro realmente é. Ele toma como garantido que seu semelhante entenderá seu pensamento se expressado em linguagem simples e responderá de acordo, sem vislumbrar como esta milagrosa performance poderia ser explicada. (SCHÜTZ, 2010, p. 120).

E por último, o conhecimento não está totalmente livre das contradições, uma vez que não é consistente. Ao mesmo tempo que o indivíduo considera afirmações como igualmente válidas, por outro lado, essas afirmações são incompatíveis entre si. Schütz (2010, p. 121) exemplifica isso expondo o seguinte caso: um mesmo indivíduo que é “um pai, um cidadão, um empregado e um membro de sua igreja, ele pode ter as mais diferentes e menos congruentes opiniões em relação a moral, política ou assuntos econômicos”. Portanto, essa contradição nem é lógica e isso se explica pelo fato do pensamento dos homens estar distribuído em assuntos com diferentes níveis e relevâncias, e ainda, esses homens não estão a par das modificações que teriam que fazer enquanto passam de um nível para outro.

Dessa forma, esse sistema de conhecimento que é adquirido – incoerente, inconsistente e parcialmente claro – acaba dando aos membros de um grupo uma aparência de uma suficiente coerência, clareza e consistência e

toma para os membros do grupo interno a aparência de uma suficiente coerência, clareza e consistência para dar a qualquer um, uma chance razoável de entender e ser entendido. Qualquer membro nascido ou criado dentro desse grupo aceita o esquema já pronto e estandarizado do padrão cultural legado a ele pelos ancestrais, professores e autoridades, como um inquestionado e inquestionável guia em todas as situações que ocorrem normalmente no mundo da vida social. a para dar a qualquer um, uma chance razoável de entender e ser entendido. Qualquer membro nascido ou criado dentro desse grupo aceita o esquema já pronto e estandarizado do padrão cultural legado a ele pelos ancestrais, professores e autoridades, como um inquestionado e inquestionável guia em todas as situações que ocorrem normalmente no mundo da vida social. O conhecimento correlacionado ao padrão cultural carrega a evidência nele mesmo – ou, melhor, ele é tomado

como garantido na ausência de evidências do contrário. (SCHÜTZ, 2010, p. 121).

Isso já não é possível para quem não participa desse conhecimento, ou seja, quem esteja de fora, ou seja, “estrangeiro” ao grupo. De modo diferente, a participação no acervo social de conhecimento, permite aos indivíduos, a sua localização na sociedade e sua organização de maneira apropriada (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 62).

Portanto, Schütz, em sua fenomenologia social versa a respeito da estrutura social e destaca a interação entre os indivíduos como elemento essencial para interpretação dos significados e a construção social da realidade. E para isso, evidencia a compreensão do cotidiano e do senso comum, como vimos aqui, ou seja, do mundo da vida.

Essa compreensão proposta por Alfred Schütz apoiou o desenvolvimento desta tese. É a partir desse olhar que se torna possível desenvolver uma atitude fenomenológica e coletar os discursos dos docentes da área. Acredito que a apropriação deste aporte teórico-epistemológico (e metodológico, também), me possibilita chegar ao conhecimento sobre o direcionamento ético dado ao processo de ensino. Destaco que esse processo é resultado de uma série de fatos, ou seja, fenômenos que estão no mundo da vida, entre eles, a criação de um projeto pedagógico que orienta a prática dos professores dos cursos.

Nessa direção, o corpo docente integra o mundo da vida. Ao expressarem sua atitude natural vão construindo sua realidade social. Como consequência da interação e da intersubjetividade, que é mediada através da linguagem e seus dispositivos comunicativos (diálogos e discursos), pode-se perceber as práticas, as expectativas, seus sistemas de valores e ideias que tecem o projeto pedagógico dos cursos de Biblioteconomia.

Sendo assim, esse repertório de conhecimento que é constituído através das interações sociais apresenta-se como uma realidade que deve ser colocada entre parênteses, através da redução fenomenológica. Com atitude fenomenológica então, será compreendida a interação comunicativa que constitui e efetivou esse repertório de conhecimento. Sendo assim, a atenção

se volta para as falas das diversas consciências que constituem esse coletivo docente.

Portanto, esclareço ainda, que a fenomenologia social não é apenas um aporte teórico e epistemológico. Ela também sustenta a fundamentação metodológica já que será mediante seu construto teórico, os discursos coletados e as representações sociais tornam-se possíveis.

Dando sequência à esta trajetória de apropriações de conhecimentos e sentidos, nas próximas seções apresento algumas reflexões e fundamentos conceituais relevantes para a temática desta trabalho, tais como: o mundo do trabalho do bibliotecário, o ensino de Biblioteconomia e a ética profissional do bibliotecário brasileiro. Assim, busco nesses aportes fortalecer a busca das respostas para a problemática exposta anteriormente e o cumprimento dos objetivos da pesquisa, e acima de tudo, semear um solo fértil para novas dúvidas.

3 MUNDO DO TRABALHO DO BIBLIOTECÁRIO: UMA CAMINHADA TEÓRICA E EMPÍRICA.

Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para
(O tempo não para – Cazusa)

Nessa seção, apresenta-se um panorama sócio-histórico da constituição e evolução do coletivo profissional do bibliotecário no Brasil. Porém antecipa-se esse quadro, com uma breve contextualização sobre a origem das bibliotecas a qual se dá como uma das consequências do surgimento da escrita na antiguidade.

É ideia geralmente aceita, que o desenvolvimento da linguagem, sobretudo, da escrita trouxe importantes consequências para a humanidade entre elas: a possibilidade de se ter uma história e a possibilidade de acumular memórias. Flusser (2010, p. 22) ensaia sobre o surgimento da consciência histórica aliada à grafia:

Portanto, é um engano querer acreditar que sempre houve história porque sempre aconteceram fatos; é um engano querer acreditar que a escrita simplesmente registrou o que aconteceu; é um engano considerar o tempo histórico como aqueles períodos históricos durante os quais as pessoas registraram por escrito os acontecimentos. É um engano, pois nada aconteceu antes da invenção da escrita, tudo simplesmente ocorria. Para que algo possa acontecer, tem de ser percebido e compreendido por alguma consciência como acontecimento (processo).

Vinculado à este processo social que constitui a escrita, foram pensadas novas estruturas materiais ligadas ao seu ensino e à confecção de seus suportes e artefatos, bem como para a organização e conservação dos mesmos. E é dessa necessidade social e política dos homens de acessarem o repositório documental produzido nas suas vivências cotidianas que se estabelecem as bibliotecas.

O papel desempenhado pelas bibliotecas é fundamental no desenvolvimento da humanidade pois além de salvaguardar importantes conhecimentos registrados nos diversos suportes, elas podem promover o

acesso a esse conhecimento, não só no seu contexto de produção mas também ao extrapolar a dimensão espaço-temporal. Dessa forma, possibilita-se o resgate e a preservação material da memória e a história contida no seu acervo.

A origem das bibliotecas assim como da escrita não é exata mas pode-se afirmar que as bibliotecas aparecem na era histórica tendo relação com a preservação dos registros escritos. (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2005). O advento da escrita se deu em meados de 3.000 A.C na Suméria e a partir dele, há uma evolução na comunicação escrita. Nesse sentido várias bibliotecas se desenvolvem. Primeiramente, as Bibliotecas da antiguidade como de Nínive, Pérgamo e Alexandria. Na Idade Média, destacam-se as bibliotecas Monacais, as Bizantinas e as Universitárias as quais remotam do fim da Idade Média. (MARTINS, 2002).

Na Renascença, segundo Baratin e Jacob (2000), o papel do bibliotecário é valorizado como profissional central para a disseminação da informação. Nessa época, a realeza e nobreza possuíam coleções de uso pessoal. Muitas bibliotecas renascentistas foram influenciadas pelo humanismo e os acervos particulares eram emprestados nos círculos das elites. Nesse contexto, há um crescimento na economia política da leitura no que tange ao surgimento de novos livros. No século XV, a invenção da imprensa por Gutenberg traz um grande impacto na produção, circulação, armazenamento e recuperação de informações.

Do Iluminismo até os dias atuais, se torna cada vez mais importante o acesso e comunicação do conhecimento, já que a humanidade se volta para a busca de sua própria racionalidade em substituição aos preceitos religiosos advindos do Cristianismo. Burke (2003) retrata a história social do conhecimento e mostra como o conhecimento vai além do mero desenvolvimento científico e que exerce influência nas configurações sociais, políticas e econômicas em todos os meios em que é produzido ou recebido.

Como exemplo disso, o crescimento e importância das bibliotecas na modernidade, pode ser observado nas grandes cidades europeias que contavam com grandes bibliotecas uma vez que elas abarcavam o conhecimento produzido nas diversas áreas. Era comum que as cidades

portuárias tivessem suas bibliotecas localizadas perto de onde chegavam as embarcações que traziam novos livros com novas descobertas, estudos ou produções literárias. (BURKE, 20013).

Mais adiante, na segunda metade do século passado, pós-guerras mundiais, com o crescimento do número de revistas científicas e com o desenvolvimento tecnológico, percebeu-se a necessidade de administrar o fluxo da informação justamente com a finalidade de produzir, distribuir e consumir informações que atendessem demandas mercadológicas. Segundo Le Coadic (2004) os três processos de construção, comunicação e uso da informação se sucedem e se retroalimentam. Assim sendo, a criação de informações pode ser observada em distintos atores sociais os quais estão inseridos em diferentes campos dos saberes, artes e ciência.

No Brasil, as primeiras bibliotecas são oriundas de ordens religiosas apoiando o ensino dos jesuítas no Brasil Colonial. Foi na Bahia que surgiu a primeira biblioteca monástica, datada de 1582. À medida que outras ordens religiosas vão se estabelecendo no território nacional novas bibliotecas vão sendo criadas. Mais adiante, no início do século XIX, inaugura-se a Biblioteca Pública da Bahia e a Biblioteca Real, posteriormente conhecida como Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Já no decorrer do século em questão, evidencia-se as primeiras bibliotecas estaduais em Sergipe (1851), Pernambuco (1852), Espírito Santo (1855), Paraná (1857), Paraíba (1858), Alagoas (1865), Ceará (1867), Amazonas e Rio Grande do Sul (1871). Entretanto, poucas dessas bibliotecas chegam renovadas e atualizadas até os dias atuais. Das sobreviventes citam-se duas. A Biblioteca Estadual do Paraná que recebeu subsídios na gestão do governador Bento Munhoz da Rocha e seu secretário Newton Carneiro; e a Biblioteca Municipal de São Paulo que contou com a ajuda do escritor Mario de Andrade, do bibliotecário Rubens Borba de Moraes²⁸ e do Prefeito Fábio Prado. (FONSECA, 2007).

²⁸ Rubens Borba de Moraes não era bibliotecário de formação. Mas entra na categoria dos bibliotecários provisionáveis e depois reconhecidos pela Lei 4.084.

Observa-se, entre o período colonial e no início do período republicano, algumas bibliotecas desvinculadas de instituições religiosas e atreladas à outras organizações governamentais, tais como: a Real Academia Militar, o Laboratório Químico-Prático, a Academia Médico-Cirúrgica, o Arquivo Militar e a Academia Real dos Guarda-Marinhas. (MORAES, 2006).

No que tange à Biblioteca Nacional, a mesma é remanescente da Biblioteca Real ou Livraria Real a qual foi instituída pelo monarca D. João I por conta das pressões políticas e ameaça da invasão francesa em Portugal. A família real ao refugiar-se no Brasil traz sua coleção bibliográfica em 1808. (CASTRO, 2000; FONSECA, 2007; MORAES; 2006).

Ressalta-se que em 1876, aconteceu o primeiro concurso para contratar bibliotecários, que naquela época eram denominados oficiais de biblioteca (FONSECA, 2007). Os concursos públicos, segundo Castro (2000), requeriam conhecimentos sobre História Universal, Geografia, Filosofia, Bibliografia, Literatura, Catalogação de Manuscritos e traduções do Latim, Francês e Inglês. O historiador Capistrano de Abreu obteve a primeira classificação no concurso. O mesmo autor, lembra que como não havia escola para formação de bibliotecários no Brasil, o concurso para oficial de biblioteca seguia o modelo da *École* de Paris, a qual foi a primeira escola do mundo voltada para a formação de recursos humanos para atuarem em bibliotecas.

Vale chamar a atenção para a influência da colonização portuguesa na construção histórica da Biblioteconomia brasileira. Segundo Souza (2009), o Brasil nos anos que antecederam o século XX, pouco produziu culturalmente através dos canais formais de comunicação. Uma das possíveis explicações para isso, pode situar-se na herança da tradição portuguesa que durante alguns séculos pouco se empenhou na produção de conhecimentos técnicos e científicos. Tradição esta que constituía uma

cultura presa ao que se poderia chamar de cultura do espírito, tanto no sentido poético quanto no sentido teológico. Significa dizer que uma forte tradição poética e religiosa orientou a vida do Estado, retardando quaisquer esforços científicos e de geração de tecnologia industrial (SOUZA, 2009, p. 23).

Com base na relação entre Portugal e Brasil colônia e traz-se à tona a pouca produção literária e a baixa atividade tipográfica pela Imprensa Régia de Portugal, entre os séculos XVI e XIX. Nesse sentido, pode-se relacionar esse fato como uma das causas possíveis para o fraco desenvolvimento tecnológico e econômico brasileiro ao chegar no século XX, uma vez que se sob a influência portuguesa, o Brasil também teve uma baixa valorização de sua produção literária, repercutindo nas atividades tipográficas e desenvolvimento de leitores e Bibliotecas.

Outro fator a ser acrescentado, era o caráter elitista da leitura já que os gabinetes portugueses de leitura que eram destinados a determinado público (como por exemplo, a categoria dos comerciantes), e se caracterizavam como biblioteca para aluguel de livros no século XIX. Sob essa motivação portuguesa, alguns gabinetes também foram criados no Brasil com o mesmo intuito. Todos estes fatos, ajudam a explicar, desde aquela época, o pouco caso brasileiro com o desenvolvimento de suas bibliotecas públicas e comunitárias. E que podem justificar, no que diz respeito à Biblioteconomia, uma atenção tardia ao desenvolvimento da área, já que algumas realizações anglo-saxãs de séculos anteriores só chegarem ao Brasil perto do século XX e já consolidadas como saberes em estágio avançado. (SOUZA, 2009).

Pensar na influência recebida de Portugal Colônia traz algumas considerações que não se pode deixar escapar, entre elas, a colonização da nossa própria história. Mais uma vez, reporto-me a Flusser. Ele nos adverte em sua obra “Fenomenologia do Brasileiro” (1998) sobre a “ahistoricidade” do brasileiro. Ou melhor, recebemos como nossa, uma história vivenciada por outras pessoas vindas de outro contexto. A começar pela língua, cultura, modos de fazer e ser. Todos foram modos importados (e aceitos) de uma elite que estava em uma condição de poder. Por que nos referimos muitas vezes à descoberta do Brasil, se o país já existia (e era habitado por indígenas, diga-se de passagem, cultura pouco resgatada por nós) quando as caravelas lusitanas chegaram em nosso litoral?

Porque no Brasil fala-se em história, e não apenas se fala nela, mas ela é cultivada desde o curso primário até o clássico em detrimento da história universal; uma torrente contínua de

escritos acadêmicos trata dela nos seus mínimos detalhes, torrente essa comparável apenas com os tratados relativos à gramática portuguesa. Como sabe todo aquele quem tem conhecimentos superficiais de psicologia, este é um sintoma péssimo para a história brasileira. Que seja fornecido, para ilustrar tal supercompensação, um único exemplo: por ocasião da descoberta da costa brasileira, um certo Pero Vaz de Caminha escreveu uma carta ao Rei de Portugal, e essa carta persegue a juventude brasileira dos seis aos dezesseis anos (seja ela autêntica ou não, e tenham ou não os portugueses descoberto o Brasil como primeiros). Esse renascentista obscuro avançou pois para ser companheiro constante de inúmeros jovens desde tenra idade até a puberdade. Que significa isto para a história brasileira? (FLUSSER, 1998, p.27)

Fomos assim, aprendemos a ser assim, fomos colonizados assim, fomos socializados assim. E nossa atitude natural é “assim”: ingênua desde a base alienada do pensamento brasileiro. Alienada e “assim”, pois está alheia ao território e aos habitantes que antes aqui viviam os quais, inclusive, muitos de nós temos descendência.

Voltando ao “assim”, observa-se uma tímida atividade cultural e política voltada para o acesso à informação e desenvolvimento das bibliotecas no século XIX. Entretanto, algumas poucas atividades significativas²⁹ para a história biblioteconômica brasileira são percebidas no que tange à vinda do acervo do que constituiu mais adiante a biblioteca nacional, as inovações tecnológicas no catálogo do Gabinete de Português de Leitura do Rio de Janeiro e as iniciativas voltadas para a estrutura de uma Biblioteca Nacional e pensadas por intelectuais brasileiros inspirados pelas práticas da França, Estados Unidos, Inglaterra e Bélgica.

Do surgimento das bibliotecas no Brasil até o início do século XX não havia cursos de formação de bibliotecários. Somente, em 1911, na Biblioteca Nacional é criado o primeiro curso. Ao contrário da França e Estados Unidos, que respectivamente em 1821 e 1887, fundam a *École Nationale des Chartes* em Paris e a Escola de Biblioteconomia na Universidade de Columbia idealizada por Melvil Dewey. (CASTRO,2000; SOUZA; 1997, 2009).

²⁹ Por atividades significativas pretende-se dizer que foram atividades que trouxeram transformação a partir da realização das mesmas. O impacto em quem é influenciado por elas pode ser benéfico e/ou prejudicial. E ainda, refletir sobre este impacto e suas consequências já é entrar na seara da ética, a qual será abordada adiante.

O século XX teve, então, sua primeira metade marcada fortemente pela criação das escolas de Biblioteconomia no Brasil. Como reflexo desse processo educativo com caráter teórico-científico, nota-se no desenrolar do referido século, alguns fatos: a regulamentação da profissão, a criação de órgãos de classes como conselho federal, associações e sindicatos, a constituição de um código de ética profissional, a criação de eventos técnicos-científicos e o desenvolvimento científico da área trazendo um aumento das publicações periódicas. (CASTRO, 2000; FONSECA, 2007).

Na ocasião da conclusão da primeira turma do curso de Biblioteconomia de São Paulo, em 1938, foi estabelecida a Associação Paulista de Bibliotecários - APB. Em 1957, em Salvador no II Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, foi fundada a atual Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições – FEBAB. (FONSECA, 2007). Salienta-se que pouco mais da metade dos Estados Brasileiros têm suas associações congregadas à FEBAB.

A APB foi fundada por Rubens Borba de Moraes e baseada na experiência da *American Library Association* – ALA. A intenção era que ela agisse como um grupo organizado de pressão e também, promovesse o aprimoramento cultural, educativo e técnico do Bibliotecário. Motivado por estes pensamentos, Rubens Borba de Moraes explica:

Quando voltei dos Estados Unidos voltei muito impressionado com a força que tinha a associação dos bibliotecários de lá. Eles eram uma força organizada, que faziam pressão junto aos governos municipais, estaduais e federal para o desenvolvimento das bibliotecas. (BANDEIRA, 2007).

Já na década de 1940, é marcada, segundo Russo (2010), por um cenário de desenvolvimento de técnicas biblioteconômicas, no que tange à atuação do Departamento Administrativo do Serviço Público - DASP, com a abertura de concursos especializados, os quais criaram novos postos de trabalho na área; à reforma da Biblioteca Nacional; à oportunidade de aperfeiçoamento de técnicos brasileiros nas universidades americanas e à criação de um serviço nacional de catalogação cooperativa, o Serviço de Intercâmbio De Catalogação (SIC) oferecido pelo - DASP. (RUSSO, 2010).

Outros dois órgãos relevantes, segundo Castro (2000) e Fonseca (2007), são o Instituto Nacional do Livro – INL criado em 1937 e em 1954, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação – IBBD que foi transformado posteriormente em Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia – IBICT.

Em 1962, a lei n. 4.084 regulariza o exercício profissional do Bibliotecário e nesse contexto ainda, foram criados o Conselho Federal e Regionais de Biblioteconomia vinculados ao Ministério do trabalho. (CASTRO, 2000; FONSECA, 2007). O código de ética profissional que teve seu texto escrito pela bibliotecária Laura Garcia Moreno Russo foi aprovado em 1964, durante a realização do IV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, em Fortaleza. (MATTOS, 1977). (CASTRO, 2000; FONSECA, 2007).

Nas últimas décadas do século XX, constatou-se que as práticas profissionais do bibliotecário no Brasil voltaram-se para a indústria da informação como projeto de resposta à globalização econômica e política. Há uma prevalência de atividades de documentação, estudos da Ciência da Informação com viés internacionalista e formação de quadros em nível de treinamento pós-graduado. Souza (2009) relembra que com a criação do IBBD, foi oferecido o Curso de Documentação Científica no intuito de capacitar bibliotecários e outros profissionais para atuar com informação especializada e a documentação científica. Mais tarde, em 1970, esse Curso evoluiu para o viria ser o Mestrado em Ciência da Informação, ainda no IBBD.

Ao refletir sobre a necessidade de capacitação e o direcionamento da atuação dos bibliotecários para a área da informação especializada, encontra-se a motivação desta necessidade no documento publicado pelo CNPq, em 1968, com o título “A pesquisa industrial no Brasil como fator de desenvolvimento”. Tal documento, publicado pelo CNPq em 1968, revela que o pessoal que atuava na pesquisa industrial tinha como verdade a irrelevância da profissão de bibliotecário. Nele observa-se, implicitamente, o descaso com a essa profissão e até mesmo, paradoxalmente, uma tentativa de desregular a recém-regulamentada profissão de bibliotecário:

4.8.1. - Recomenda-se que os centros de informação (inclusive o IBBD) sejam organizados do ponto-de-vista de sua utilização

pelo usuário, com o reconhecimento de que o objetivo e o aproveitamento e emprego da informação, ao invés da sua pura e simples catalogação e acumulação. Em consequência, cada entidade **necessitará de engenheiros e de outros profissionais, bem como bibliotecários**, com suas tarefas disciplinadas pelos usuários, e não pelos documentaristas.

[...] 4.8.3. - Modernizar e expandir o preparo de bibliotecários e especialistas em documentação, reformulando os programas de ensino vigentes e estabelecendo um programa de ativo intercâmbio com centros de documentação mais avançados.

4.8.4. - Reformular a legislação em vigor (lei n. 4.084, de 30 de Junho de 1962, decreto n. 56.725, de 16 de Agosto de 1965), **no sentido de abolir o privilégio exclusivista, dado aos formados pelos cursos de Biblioteconomia, de organizar e administrar serviços de documentação**. (CNPq, p. 19, grifo nosso).

Nessa direção, os currículos dos cursos de Biblioteconomia eram considerados insuficientes para atender a demanda da organização da informação científica e técnica requeridas para as atividades do setor industrial brasileiro. Dessa forma, o mestrado em Ciência da Informação viria como uma possível solução para suprir esta demanda. Em mesmo documento encontram-se trechos que caracterizam a pesquisa industrial no Brasil, para aquela época, como insuficiente. E a necessidade dela justifica-se no seguinte item do documento:

5.12 - Onde a indústria propicia a alta lucratividade é na comercialização de produtos ou processos novos que dependem **da utilização do resultado das pesquisas industriais**. (CNPq, p. 29, grifo nosso).

Cabe aqui, enfatizar que a Ditadura de 1964, com forte influência americanista, procurou fortalecer o industrialismo no Brasil. Ortiz (2014, p. 113) afirma:

A ditadura militar foi modernizadora. Isso a distingue dos regimes autoritários no Cone Sul. Há desenvolvimento acelerado da economia durante o 'milagre econômico', intensa industrialização e urbanização da sociedade brasileira, reorganização do Estado, a emergência de uma tecnocracia que dinamiza e regula forças produtivas, enfim, um conjunto de medidas que aprofundam a consolidação do que se denominava capitalismo tardio.

E ainda, Florestan Fernandes, que foi sociólogo e político brasileiro, em 1977, em entrevista publicada no jornal Movimento, explica que

As tecnoestruturas fazem parte da empresa, do 'Estado industrial', das organizações mundiais e não nasceram para operar o desmoronamento do capitalismo. É possível, que a longo prazo, produzam esse efeito. A curto e a médio prazo, elas são requisitos do modelo de desenvolvimento inerente ao capitalismo monopolista. [...] Em nada, porém, nos afastamos das funções normais que a tecnocracia e tecnocratização devem possuir para consolidarem o novo padrão de Estado Capitalista e, através dele, acentuarem o divórcio entre sociedade global e o controle dos processos políticos instrumentais para a fragmentação da oposição ou para a taxa de exploração capitalista inerente ao capitalismo monopolista. (COHN, 2008, p. 77)

Ainda nessa entrevista, Florestan Fernandes revela seu descontentamento com o governo brasileiro da época uma vez que este privilegiou a proteção de interesses privatistas em detrimento das garantias civis e políticas da população e do atendimento das necessidades materiais, educacionais, hospitalares e sanitárias (COHN, 2008).

Portanto, esse contexto político e econômico da época deve ser compreendido pois a partir dele pode-se entender o direcionamento do ensino da Biblioteconomia e predomínio de atividades voltadas para a mercantilização da informação e como ela está alinhada com as demandas das organizações com vistas ao lucro e à vantagem competitiva no mundo do trabalho. Além disso, essa direção tomada e consentida (consciente ou semiconsciente) pela categoria profissional bibliotecária reforça esse discurso uma vez que o foco de sua atuação, concentra-se mais na informação especializada do que nas demandas sociais e educativas e no desenvolvimento das bibliotecas públicas e escolares, por exemplo.

Ao fim do citado século, vários marcos significativos (criação de escolas, de órgãos de classe, de institutos, de literatura técnica) colaboram na transformação da realidade da atuação do bibliotecário. Porém é notadamente visível, desde aquela época (e até hoje), discursos que mostram uma postura política e ética tímida por parte dos bibliotecários, mas por outro lado, um posicionamento majoritariamente tecnicista.

Almeida Júnior (1997, p.92) já refletia sobre a clara falta de “investimentos” em atividades e atitudes bibliotecárias inclusivas em relação ao analfabetismo.

[...] não basta espalharmos bibliotecas em cada quarteirão, em cada esquina. É preciso que o bibliotecário que atuar nessas bibliotecas seja um outro bibliotecário; é preciso que ele saiba que o seu trabalho pode e deve alterar pensamentos e comportamentos; é preciso que ele vá até a população, que ele procure o povo, que ele trabalhe com a comunidade. [...] Por que e para quê bibliotecários? Afinal, para que serve esse profissional, por que existe?

De forma diferente da atuação mais humanista, a autoimagem do bibliotecário parece ter se constituído baseada em premissas produtivistas econômicas. A visibilidade social de bibliotecário relaciona-se com o atendimento das expectativas do mercado baseado no tamanho e na complexidade de produção de bens e serviços (SOUZA, 2006). O ditame economicista do mercado funciona como elemento valorativo na escolha das atitudes e competências profissionais dos bibliotecários? Ou o bibliotecário simplesmente em atitude natural (ou ingênua) acata esta postura sem refletir com maior criticidade e com base em um projeto político de ação que deveria ser pensado por sua categoria?

Almeida Júnior (1997) comenta sobre a atitude passiva do bibliotecário, não só no que tange à falta de participação dos seus pares profissionais nas Associações de Classe, mas de forma generalizada em sua obra cujo capítulo em questão intitula-se “Falta de usuário? ou O usuário realmente faz falta?”. O autor nos faz chama a atenção:

A passividade, evidente em todos os itens, reflete a ideia de uma profissão amorfa, sem dinamismo, que exala o mesmo cheiro de mofo e pó que saem dos enfadonhos, aborrecidos e grossos volumes imobilizados nas estantes (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 30).

Observa-se que apesar dos esforços e expectativas de Rubens Borba de Moraes na criação da primeira associação profissional brasileira, naquele tempo, ele já reclamava

Não vejo as associações representarem no Brasil o papel que associações semelhantes representam em alguns países desenvolvidos. Nem me parece que tenham a influência de outras sociedades entre nós. Se tivessem, não teriam deixado a Biblioteca Nacional chegar ao ponto que chegou (quando) foi enfim entregue a uma Bibliotecária para salvar os restos do naufrágio. Não teriam deixado a Biblioteca Municipal de São Paulo tornar-se um caos. Tenho certeza, porém, que as nossas associações mandaram e mandam muitos ofícios aos órgãos competentes. Mas, a Federação das Indústrias e as chamadas classes produtoras não se contentam em mandar ofício quando querem a cooperação do governo. É talvez por isso que produzimos cada vez mais e que nossas exportações crescem. O nosso atraso em matéria de biblioteca é uma prova da falta de cooperação entre bibliotecários e Governo. (BANDEIRA, 2007, p. 50).

Já neste início do século XXI, a situação não é muito diferente. Vê-se o “futuro repetir o passado”, vê-se um “museu de grandes novidades”. Nessa direção, Russo (2010) repercute o discurso de que há um número significativo de profissionais formados, entretanto, ainda se constata a existência de postos de trabalho que não são ocupados por bibliotecários, a exemplo das bibliotecas escolares e o das bibliotecas públicas, onde se reconhece a atuação de leigos.

Nesse sentido, a autora afirma que o CFB juntamente com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio da Universidade Aberta do Brasil (UAB), tem desenvolvido a proposta pedagógica do ensino de graduação oferecido na modalidade a distância. Abre-se um parêntese para perguntas um tanto pertinentes (ou impertinentes, dependendo do ponto de vista, de quem as recebe): seria essa a solução? Qual sentido desse ensino? Será que se contempla a formação de bibliotecários mais empreendedores³⁰ com mais consciência ética e política para as suas próprias ações e também, em políticas públicas para a informação? Será que seria essa solução para sair de uma sedutora zona de conforto que o excessivo enfoque tecnicista determina?

³⁰ Termo hierarquicamente associado ao seu termo principal: “empreendedorismo”, o qual que vem sendo muito pronunciado nos discursos acadêmicos e profissionais atualmente. Entretanto, acredito, que sem o devido aprofundamento e apreensão de seu real significado e de seu amplo alcance político, pode esvaziar-se em si mesmo ou causar o efeito contrário: reforçar a hegemonia tecnicista.

Interessante citar, o paralelo estabelecido por Souza (2014) ao confrontar o total da população brasileira em 2010 (190.755.799 habitantes) com os dados apurados pelo CFB, os quais apontavam que em 2011 havia no país 16.332 bibliotecários registrados. Sendo assim, chega-se à proporção de UM bibliotecário registrado para cada grupo de 11.680 habitantes. O autor expõe que essa é uma análise quantitativa e que há uma distribuição bastante desigual, observando-se lugares com pequenas concentrações de bibliotecários e muitos locais

onde a própria sociedade ignora o que sejam bibliotecários registrados e esse é o forte efeito qualitativo desse número. Além disso, como os bibliotecários registrados são majoritariamente executores de tarefas técnicas, ou ocupadíssimos gestores de unidades de informação, seja lá o que isso representa, eles não estão suficientemente envolvidos com as questões referentes ao exercício das atividades de política profissional. Assim, associações e sindicatos se encontram em situação de semiparalisia e em que pese anos de esforços, chegamos a 2014 sem que se conseguisse implantar no país um Sindicato nacional ou uma federação sindical de bibliotecários. (SOUZA, 2014, *on line*)

A partir desse panorama do desenvolvimento da profissão de bibliotecário no Brasil vêm à tona alguns pontos que se destacam: (i) o caminho percorrido desde as primeiras bibliotecas no Brasil até o presente revela um tímido exercício ético-político do coletivo bibliotecário que não consegue transpor sua visão para além de sua atuação técnica. (ii) Existe um déficit de consciência, por parte destes profissionais, sobre as potencialidades políticas de agir eticamente orientado por valores mais voltados para a inclusão social e menos utilitários. Como esse coletivo tem recebido os conteúdos formativos na sua educação e como isso tem motivado o seu agir? Para refletir sobre esta questão, carece mergulharmos na construção sócio-histórica que revela a caminhada educativa e a constituição desse profissional, conforme abordado na próxima seção.

4 ENSINO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

Uma das vantagens que a gente tem de ser velho é de virar documento. Eu hoje sou assim uma espécie de testemunha ocular, como nos processos de polícia.

(Rubens Borba de Moraes).



A caminhada do bibliotecário, não foi (e não é) experienciada apenas empiricamente. Como fruto dessa vivência, o saber-fazer é aprimorado, organizado e pensado pelo próprio grupo (ou parte dele, pelo menos) dentro de um contexto científico.

Para começar a falar do desenvolvimento do ensino na área, cita-se a presença³¹ fundamental de Rubens Borba de Moraes³², nascido em 23 de janeiro de 1899, na cidade de Araraquara, no estado de São Paulo. Foi um participante ativo da semana de artes moderna, tendo como amigos: Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Menotti del Pichia, Di Calvalcanti entre outros.

Entre seus feitos, destaca-se como fundador do primeiro curso de Biblioteconomia em São Paulo e da primeira associação profissional bibliotecária. Atuou como docente na Universidade de Brasília (UnB) e recebeu da mesma em 1972, título de Professor Emérito³³. Ademais, administrou

³¹ A presença referida aqui pode ser sentida para alguns profissionais, não sei se para todos. Nesse último caso, há que se considerar uma possível inconsciência sócio-histórica na categoria bibliotecária.

³² Imagem retirada do site:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/biblioteca_m_z/rubensborbademorais/index.php?p=5482> e acessada em: 13/10/2015.

³³ Segundo site da UnB : http://www.unb.br/sobre/professor_emerito , “o título de Professor Emérito é concedido pela Universidade de Brasília (UnB) ao docente, aposentado na universidade, que tenha alcançado uma posição eminente em atividades universitárias.”

diversas bibliotecas, além de ter trabalhado na Biblioteca Nacional e na Organização da Nações Unidas. Escreveu uma série de obras sobre a história das bibliotecas no Brasil. Morreu em São Paulo, aos 87 anos. (BANDEIRA, 2007).

O resgate histórico sobre a atuação e importância deste bibliotecário será feito abaixo a partir da obra “O mestre dos livros: Rubens Borba de Moraes” escrita por Suelena Pinto Bandeira, em 2007. Tal obra foi fruto de um extenso trabalho de pesquisa na dissertação da autora.

Rubens Borba de Moraes, como já dito, foi quem instaurou o segundo curso de Biblioteconomia do Brasil. Ressalta-se que já havia uma tentativa de um outro curso vinculado à Biblioteca Nacional que foi instituído em 1915, na gestão de Manuel Cícero Peregrino da Silva. Tal curso voltava-se para uma vertente francesa de formação, visava mais a preservação do patrimônio cultural e tinha influência da *École Nationale des Chartes*. Entretanto, ele foi extinto em 1922, retomado em 1931 e mais tarde, em 1944, sofre uma reforma cujas atividades assumem os padrões norte-americanos de administração e organização de Bibliotecas.

Na ocasião em que Rubens Borba de Moraes trabalhava na Divisão de Bibliotecas, vinculada ao Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, o prefeito Fábio Prado determinou a criação de um curso para qualificar seus funcionários. Entretanto, esse curso extrapolou os limites do Departamento de Cultura e tornou-se a primeira escola de Biblioteconomia de São Paulo.

Evidencia-se que em 1929, o Instituto Mackenzie recebeu a bibliotecária Dorothy Muriel Geddes da Universidade da Columbia para ministrar um curso preparatório para sua funcionária Adelpha Rodrigues Figueiredo, voltado para a organização da Biblioteca. Posteriormente, como parte de um programa de fomento da ALA para o desenvolvimento das bibliotecas na América Latina, Adelpha e Rubens foram contemplados com bolsas da Fundação Rockefeller. Tal oportunidade, possibilitou-os conhecer, por meio de estudos e visitas técnicas, as práticas profissionais bibliotecárias nos Estados Unidos. Ao estreitar os laços com Adelpha, Rubens a convida para chefiar a Seção de Catalogação e Classificação da Divisão de Bibliotecas da Prefeitura de São Paulo.

Em Agosto de 1936, a escola foi criada e instalada no prédio da Escola Álvares Penteado onde já abrigava a Escola Livre de Sociologia e Política. Tanto Rubens como Adelpha se revezavam com seus trabalhos na biblioteca e para ministrar as disciplinas do curso. Em 1938, o curso formou 86 pessoas dentre os 295 alunos matriculados.

Na troca de prefeitos, Prestes Maia ao assumir, entendia que não cabia a prefeitura manter uma escola de Biblioteconomia e decretou o fechamento da escola. E ainda, com uma acusação de desonestidade, pois alegava que os professores recebiam um abono em seus salários para ministrar as disciplinas. Nesse momento, Rubens Borba de Moraes que estava nos Estados Unidos, ficou inconformado com o acontecido e recorreu ao seu amigo Carlos Berlinck, o qual mantinha estreita relação com os diretores da Escola Álvares Penteado.

Dessa forma, conseguiu ativar o curso. No entanto, era preciso mantê-lo, e inicialmente, Rubens conseguiu apoio financeiro da fundação norte-americana Rockefeller para contratar recursos humanos qualificados, providenciar aquisições de livros e equipamentos para a escola.

A partir do desenvolvimento desta escola, e juntamente, com os debates entre bibliotecários que ocorriam durante os eventos do CBBB, surgiram as motivações e iniciativas para se instalarem novas escolas em outros estados brasileiros. Ao longo do tempo, estas escolas foram se incorporando às universidades. Atualmente, segundo o CFB, existe 39 cursos de Biblioteconomia, conforme exposto nos quadros abaixo.

Quadro 1 - Cursos de Biblioteconomia no Brasil

Universidades Federais e Estaduais	26
Faculdades Particulares	13
Total	39

Elaborado pelo CFB (2017).

Estas escolas estão divididas ao longo do território brasileiro, tendo maior concentração no Sudeste, Nordeste e Sul respectivamente, conforme revela o quadro 2, a seguir.

Quadro 2 - Cursos de Biblioteconomia no Brasil

Regiões	Quantidade de Cursos		total
	Federais / Estaduais	Particulares	
Norte	2	0	2
Nordeste	8	0	8
Centro-Oeste	3	2	5
Sudeste	7	10	17
Sul	6	1	7
TOTAL	26	13	39

Elaborado pelo CFB (2017).

O ensino de graduação de Biblioteconomia no Brasil, segundo Castro (2002) pode ser dividido em cinco fases. A primeira delas, sob a influência humanística francesa, entre 1879 e 1928, marca o início do Ensino de Biblioteconomia no Brasil, com a criação do curso na Biblioteca Nacional. Já a segunda fase, aconteceu entre 1929-1939 e adota o modelo pragmático americano na criação do curso no Instituto Mackenzie.

Entre 1940-1961, a terceira fase se refere à consolidação do modelo americano, expansão das escolas e cursos de Biblioteconomia, criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) e da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB). A quarta fase (1962-1969) evidencia-se pelo estabelecimento do currículo mínimo e regulamentação da profissão. Foi nela, inclusive, a primeira versão do Código de Ética e criação do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB). A última fase, a partir de 1970, sugere a busca da madureza teórica refletindo-se crescimento dos cursos de pós-graduação.

Souza (1997), por sua vez, caracteriza as práticas bibliotecárias e seus respectivos processos educacionais: o primeiro consiste em uma prática

artesanal humanística, de característica não academicista, como foi o caso do Curso de Biblioteconomia oferecido em 1911, pela Biblioteca Nacional. O segundo eixo corresponde à prática bibliotecária racionalizadora de base norte-americana, com predomínio tecnicista, funcionalista e academicista onde se ressaltava a necessidade da criação de escolas para a formação de bacharéis, o fortalecimento das corporações profissionais e a regulamentação da profissão.

O terceiro eixo perpassa o contexto de globalização política e econômica. Consiste em um conjunto de atividades de documentação e estudo da Ciência da Informação. Tem cunho semi-acadêmico e volta-se para a formação de um quadro pessoal em nível de pós-graduação que atue na indústria da informação voltado, principalmente, para o desenvolvimento econômico.

Nessa direção, o surgimento da pós-graduação em Ciência da informação e/ou Biblioteconomia intensificou-se nas décadas finais do século XX. Aliás, essa era a realidade de diversas profissões, já que no país se tinha planos de fortalecimento do sistema universitário, e conseqüentemente, da pesquisa científica a qual viabilizou a formação de mais mestres e doutores. Um marco importante para a pós-graduação, é a criação do IBBB, atual, IBCT em 1955. Esse instituto incentivou a criação dos cursos de especialização (em nível lato senso), os quais até hoje ainda perduram, na forma presencial e a distância. Entretanto, em função das demandas econômicas de desenvolvimento científico e tecnológico, a pós-graduação assume, majoritariamente, o caráter stricto senso. Nas décadas de 1970 e 1990, respectivamente, são criados o Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação. Atualmente, a pós-graduação está distribuída em 14 programas, conforme listado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (2015), a seguir.

Quadro 3 - Relação de Cursos Recomendados e Reconhecidos pela CAPES na grande área “Ciências Sociais aplicadas” e da área “Ciência da Informação”.

Programa	IES	UF	Nota		
			Doutorado	Mestrado Acadêmico	Mestrado Profissional

Biblioteconomia	UNIRIO	RJ	-	-	3
Ciência da Informação	UFBA	BA	4	4	-
Ciência da Informação	UFPB/J.P.	PB	4	4	-
Ciência da Informação	UFPE	PE	4	-	-
Ciência da Informação	UEL	PR	3	-	-
Ciência da Informação	UFF	RJ	4	4	-
Ciência da Informação	UFSC	SC	4	4	-
Ciência da Informação	USP	SP	5	5	-
Ciência da Informação	UNESP/MAR	SP	6	6	-
Ciência da Informação – UFRJ/IBICT	UFRJ	RJ	5	5	-
Ciências da Informação	UNB	DF	4	4	-
Ciências da Informação	UFMG	MG	6	6	-
Gestão da Informação	UDESC	SC	-	-	3
Gestão de Documentos e Arquivos	UNIRIO	RJ	-	-	3

Fonte: Capes (2015)

Ademais, um outro fator relevante e também, decisivo na educação em Biblioteconomia no Brasil, foi a criação de uma associação e escolas da área. Dando assim, a ideia de que a educação profissional precisa ser constantemente repensada. Nesse sentido, Souza (2011, p. 203) lembra que

Nas cinco primeiras edições do CBBB, realizadas de 1954 até 1965, ela foi um tema que sempre esteve em análise. Os bibliotecários de então tinham uma visão bastante significativa sobre a dependência que a profissão, para construir um futuro promissor, tinha de uma boa educação profissional. Tanto que foi feita a delegação para que os profissionais, que também lidavam com o ensino de Biblioteconomia, discutissem e aprofundassem as questões relativas ao fazer pedagógico, às técnicas e às metodologias de ensino. Para isso, foi recomendado que se desse a criação de uma Associação de Escolas e a constituição de fórum próprio para a análise das questões suscitadas pelo ensino de Biblioteconomia e Documentação, dando-se origem à ABEBD, criada em 1967. Havia, assim, um lugar para que a entidade viesse, uma vez

constituída, a exercer liderança nos encaminhamentos, visando ao fortalecimento do ensino de Biblioteconomia e da formação de Bibliotecários no Brasil.

A Associação Brasileira das Escolas de Biblioteconomia e Educação (ABEBD) foi criada em 1967, com o intuito de fortalecer o ensino biblioteconômico, entretanto, foi extinta em 2001. Naquele contexto de criação, nos anos de 1960, as associações e academias tinham bastante proximidade entre si, pois muitos docentes faziam parte do movimento associativo. A explicação para tal proximidade está no fato de que havia uma insegurança por parte dos próprios profissionais, os quais em determinado momento, passam de bibliotecários para professores de Biblioteconomia. O discurso que extrai as representações sociais dos ex-dirigentes da ABEBD em relação ao seu desenvolvimento, foi extraído em pesquisa aplicada por Souza (2011, p. 205) e explica bem esta questão:

Em 1967, nós estávamos ainda com aquele primeiro currículo de 1962 e à criação da ABEBD foi fundamental porque antes eram iniciativas de pessoas. A profissão havia sido regulamentada também em 1962. Naquele momento, o professor não tinha vinculação de contrato de trabalho em carreira docente. Não havia Projeto Pedagógico, existia uma ideia de formar o aluno com perfil tal e tal. E era muito difícil e era novo falar de pesquisa na graduação. A intenção era promover e fortalecer a classe, os professores. Naquela época, a atividade associativa e acadêmica estavam muito juntas, porque eram os professores que eram a liderança. A atividade da corporação estava dentro da academia, fertilizando o efeito multiplicador.

É curioso, pensar nas diferenças entre aquele período e o presente; e a diferença na distância entre associação e academia, neste início de século. O atual afastamento, entre associação e escolas, é fruto de um processo sócio-histórico que evoluiu (de forma desejada ou não, mas evoluiu) desde a criação da ABEBD até se chegar no estágio atual. Se naquela época, havia uma postura que aproximava escola e associação, por outro lado, havia uma postura de isolamento da categoria com relação as questões políticas no país. Um dos objetivos da ABEBD se voltava, essencialmente, para rotinas técnico-burocráticas. (SOUZA, 2009).

Nesse caminhar, algumas constatações são visíveis para Souza (2006):

a) uma evolução curricular do curso de Biblioteconomia com pouca articulação entre as áreas curriculares; b) a atuação isolada das escolas; c) pouca participação dos docentes; d) apesar de alguns pontos negativos, há bons frutos como as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Biblioteconomia aprovadas em 2001.

Em relação à esta última circunstância destaca-se que

foi um movimento em que a ABEBD teve uma ação política fortíssima e provavelmente foi a primeira vez que a Comunidade docente de Biblioteconomia fez um movimento político, para fazer valer aquilo que ela já havia discutido e acordado. No momento em isso se dá, a ABEBD estava submergindo às dificuldades jurídicas de que foi vítima, justamente por conta da perda de documentos importantes para garantir a sua sobrevivência ativa. Sua postura foi corporativa, mas a essência do esforço realizado pode ter configurado uma contenda entre entendimentos sobre a relevância para a formação do Bibliotecário, ou profissional da informação, de distintos conteúdos ou abordagens e de distintas relações entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação (SOUZA, 2006, p.12).

Sem a escrita, nada acontece, tudo simplesmente ocorre, como diria Flusser (2010). Pode-se dizer, que a falta de alguns registros escritos, inviabilizou a manifestação de uma consciência histórica que permitisse a continuidade da ABEBD. No ano de 2001, a ABEBD é extinta e substituída pela ABECIN. A distinção entre as duas, já começa a ser perceptível na própria denominação da “nova” associação: Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação. Segundo seu site, “é uma entidade constituída com a finalidade de assegurar o debate sobre a formação de pessoas comprometidas com a manutenção e a ampliação de um corpo profissional atuante nos campos das práticas da Ciência da Informação” (ABECIN, 2015, *on line*). Em seu estatuto, tem como objetivos:

- I. Contribuir para o aperfeiçoamento do Ensino em Ciência da Informação;
- II. Promover o intercâmbio de Educadores na área de Ciência da Informação;
- III. Defender os interesses das Instituições que a integram;
- IV. Promover cursos, seminários e reuniões periódicas de

Educadores responsáveis por atividades de ensino, visando a integração do Ensino da área de Ciência da Informação;
V. Estimular a elaboração de trabalhos acadêmicos, tendo em vista o princípio da indissociabilidade entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão;
VI. Estimular reuniões regionais de Dirigentes de Instituições de Ensino na área de Ciência da Informação;

VII. Promover, trienalmente, o Encontro Nacional de Educação em Ciência da Informação (ENECIN);

VIII. Promover, em sessão paralela ao Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD), o Seminário Nacional de Avaliação Curricular (SNAC);

IX. Manter cadastro, serviços e produtos de divulgação sobre a área de atuação;

X. Incentivar a construção da memória da ABECIN.

Nesse “novo” cenário associativo, a inclusão da Ciência da Informação, é compatível com os preceitos e demandas neoliberais que são exigidas pelo mercado de trabalho e pela indústria da informação. Cabe aqui, evidenciar que Ciência da Informação não é a Ciência Biblioteconômica, apesar dos fortes laços interdisciplinares. O que se torna preocupante, é o discurso, cada vez mais comum e centralizador na Ciência da Informação, replicado por parte da categoria bibliotecária. Tal discurso tem como principal reprodutor a escola (o estatuto da ABECIN por si só já justifica essa afirmação). Esta situação, muitas vezes causa uma impressão que as fronteiras entre essas duas ciências parecem ser invisíveis, o que pode levar a uma homogeneização nos modos de se pensar, agir e ser das diversas corporações profissionais que estão ligadas à informação.

Por fim, ao concluir este texto, destaca-se, de forma óbvia, que esse processo evolutivo da formação educativa profissional tem origem com as ações e ideias dos próprios bibliotecários, embora muitas vezes, não se consegue perceber totalmente suas presenças e ouvir suas falas. Entretanto, alguns discursos estão registrados textualmente, o que nos traz à memória essas presenças. Esses discursos serão enfocados na próxima subseção. Eles aparecem em decorrência das interações sociais entre os bibliotecários, a ABEBD / ABECIN e os diversos segmentos da sociedade e constituem-se como marcos regulatórios do ensino de Biblioteconomia. Dessa forma,

evidencia-se os currículos mínimos, as matrizes curriculares e os projetos pedagógicos.

4.1 Marcos regulatórios do Ensino de Biblioteconomia

O processo de ensino é decorrente de um conjunto de discursos que efetivam e regulam este fenômeno. Talvez, o primeiro deles, seja a Lei nº 4.084/62 que regula o exercício da profissão de bibliotecário e determina o exercício do bacharel em Biblioteconomia, com diploma registrado no Ministério da Educação (MEC) e no Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB). Dessa forma, com a regulamentação da profissão, houve um movimento de unificação de discursos que moldaram o ensino de Biblioteconomia. Ao encontro dessa ideia, instaurou-se um currículo mínimo que foi aprovado pelo Conselho Federal de Educação (CFE), em 16 de dezembro de 1962. Ao término da década de 1960, o Brasil já contava com 19 cursos de graduação em Biblioteconomia, em seus principais estados e ligados à estrutura federal de ensino superior. (SOUZA, 2009).

Contudo, antes da definição desse currículo mínimo, havia uma dicotomia no modo de se pensar o ensino. Por um lado, detectava-se uma influência da escola do Rio de Janeiro (curso da Biblioteca Nacional) que tinha bases humanísticas remetidas ao modelo da *École Nationale des Chartes*, e por outro, um predomínio da abordagem tecnicista nas escolas paulistas que se baseavam no modelo estadunidense de ensino. (CASTRO, 2000; SOUZA, 2009).

Para tanto, em 1944, segundo esses mesmos autores, a predominância norte-americana no jeito de se pensar e fazer a economia e a política no Brasil, acarretou impactos no mercado de trabalho e nas exigências por demandas profissionais. Como consequência disso, o trabalho da Biblioteca Nacional é afetado. Em função do exposto, essa biblioteca altera seu currículo e acrescenta nele, disciplinas técnicas, como: Catalogação, Classificação, Bibliografia e Referência. Para melhor observação desse panorama, Castro (2000) configurou o quadro a seguir.

Quadro 4 – Disciplinas escolares: Rio de Janeiro (BN) e São Paulo (SP)

Ano	Rio de Janeiro (BN)	Ano	São Paulo (SP)
1915	Bibliografia Paleografia; Diplomática Referência.	1929	Catálogoção; Classificação; Organização de Bibliotecas.
1931	Bibliografia; Paleografia e Diplomática; História da Literatura; Iconografia e Cartografia.	1941 a 1942	Catálogoção; Classificação; Bibliografia; História do Livro; Organização de Bibliotecas.
1944	Organização e Administração de Bibliotecas; Catálogoção; Classificação; Bibliografia e Referência; História do Livro e das Bibliotecas; História da Literatura (aplicada à Bibliografia); Noções de Paleografia.	1943 a 1959	Catálogoção; Classificação; Bibliografia; Organização de Bibliotecas; História do Livro; Paleografia.
1962	Técnica de Referência; Bibliografia Geral; Catálogoção e Classificação; Organização e Administração de Bibliotecas; História do Livro e das Bibliotecas; Organização e técnicas de Documentação; Literatura e Bibliografia Literária; Introdução à Cultura Histórica e Sociológica; Reprodução de Documentos; Paleografia; Introdução à Cultura Filosófica e Artística.	1960 a 1961	Catálogoção; Classificação; Referência e Bibliografia; História do Livro; Paleografia; Organização e Administração de Bibliotecas; Seleção de Livros; Introdução à Cultura Artística; Introdução à Cultura Filosófica; Introdução às Ciências Sociais; Documentação.

Fonte: Castro (2000, p.105)

O primeiro currículo mínimo é consubstanciado pela Lei nº 4.024, de 20 dezembro de 1961, o qual fixa Diretrizes e Bases para Educação Nacional e entre outras providências, versa sobre a duração e o currículo mínimo dos cursos de ensino superior. A partir do ano de 1963, os cursos de Biblioteconomia do Brasil já implantavam este currículo mínimo³⁴ com as disciplinas obrigatórias e outras eletivas.

Mueller (1988, p. 73, grifo nosso) discorre sobre o currículo de 1962 o qual se constituía

de uma lista de 13 matérias, sem descrição ou comentários; o currículo prescrevia, também, a duração mínima de três anos letivos para os cursos, a qual, em 1968, foi expressa em 2050 horas/aula. Examinando-se a natureza dos assuntos incluídos nas matérias desse currículo mínimo, é possível distinguir dois grandes grupos, um de assuntos técnicos e outro com conteúdo cultural e humanístico. Os currículos plenos decorrentes desse mínimo seguiam muito de perto o modelo proposto. Em geral, enfatizaram técnicas específicas como a classificação, a catalogação e a notação bibliográfica. As disciplinas culturais, muito amplas em seus programas e curtas no tempo disponível, levaram em geral a um conhecimento superficial e pouco significativo, *frustrando a intenção da formação humanística*.

Essas matérias do currículo em questão, segundo Souza (2009), eram basicamente importadas do currículo estadunidense que foi a base para o curso fundado por Rubens Borba de Moraes, em 1936. A essas matérias, foram acrescentadas outras que tratavam de fundamentação geral e que visavam ampliar o conhecimento humanístico dos ingressantes. Entretanto, as disciplinas que tiveram mais atenção, foram as de caráter técnico conforme mencionadas por Mueller (1988).

Na década de 1970, a recém-criada ABEBD encabeçou a discussão sobre o currículo mínimo e sua possível reconfiguração. Os professores bibliotecários que compunham a associação discursavam sobre a modernização da profissão, em face do progresso econômico e industrial do

³⁴ Segundo Mueller (1988, p. 71) "Currículo mínimo é a denominação dada a uma relação de matérias (assuntos) descritas mediante ementas, cujos conteúdos devem constituir o cerne dos programas de formação profissional. Esses conteúdos são adaptados por curso, segundo suas necessidades e possibilidades, dando origem às disciplinas que formarão parte significativa dos programas de ensino de cada escola, denominados currículo pleno".

país. No entanto, ao analisar a conduta da associação em relação à esta questão na década de 1970, Souza (2009, p. 109) comenta

O que se vê é uma quase paralisação da Biblioteconomia Brasileira quanto a questão de maior grandeza no que diz respeito à capacitação, seu conteúdo e forma, como se a realidade social e econômica em ebulição fosse insuficiente para sensibilizar os muros da escola de Biblioteconomia. De modo que se ficou uma década inteira sem a geração de inovações coordenadas pelo conjunto de escolas, levando a suspeita da incapacidade de sua Associação de ter autoridade política e acadêmica para a empreitada. Como resultado, nada marcante, em nível de bacharelado de Biblioteconomia se fez em toda essa década. Apenas se produziu muita expectativa em relação a um currículo novo, que veio a ser implantado a partir de 1984, no país.

O Conselho Federal de Educação (CFE), ao aprovar o novo currículo de 1982, estabeleceu dois anos de prazo para sua implementação, tendo em vista a adaptação das escolas, conforme resolução CFE 08/82 que “Fixa os mínimos de conteúdo e duração do curso de Biblioteconomia”. Segundo Mueller (1988), o novo currículo entrou em vigor nas escolas em 1985, com os ingressantes dos cursos na ocasião.

No cenário da época, o mestrado em muitas instituições estava em andamento e o primeiro doutorado em planejamento, e assim, nota-se a predominância cada vez mais forte, de uma atuação voltada para o desenvolvimento científico e tecnológico, como pano de fundo que justifica a alteração curricular. Dessa maneira, a segunda proposta curricular estava fundamentada em três linhas norteadoras (MUELLER, 1988):

a) Matérias de Fundamentação Geral: Comunicação, aspectos Sociais, Políticos e Econômicos do Brasil Contemporâneo e História da Cultura;

b) Matérias Instrumentais: Lógica, Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Métodos e Técnicas de Pesquisa;

c) Matérias de Formação Profissional: Informação Aplicada à Biblioteconomia, Produção dos Registros do Conhecimento, Formação e Desenvolvimento de Coleções, Controle Bibliográfico dos Registros do Conhecimento, Disseminação da Informação, Administração de Bibliotecas.

Mediante sua avaliação, Mueller (1988) explica que há mais semelhanças que diferenças entre os dois mínimos, de 1962 e 1982. No tocante as diferenças, foram adicionadas cinco novas disciplinas que envolvem os conteúdos de formação geral e instrumental. E também, houve um aumento de 34% na duração mínima em relação ao currículo anterior. No entanto, mesmo com tal reconfiguração a autora adverte:

Os problemas que se apresentam no ensino de graduação de Biblioteconomia parecem ter origem em uma insegurança ou despreparo dos professores, segundo avaliação contida no documento que relata o 1. ENEBCI [Encontro Nacional de Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação]. A organização de seminários que reunissem professores de várias escolas encarregadas de disciplinas semelhantes propiciaria oportunidade de troca de idéias e experiências, tanto com relação a conteúdos quanto aos métodos didáticos. Seria especialmente interessante compor os grupos com professores com graus diferentes de experiência e com pontos de vista diversos. Desses seminários, poderiam sair recomendações e diretrizes para o ensino. Seria interessante até mesmo a participação de professores dos cursos de graduação e pós-graduação em um mesmo seminário. O estímulo à frequência a congressos e reuniões profissionais também é importante (MUELLER, 1988, p. 80).

Ao refletir sobre a proposição anterior, reafirma-se novamente a existência de uma fraca articulação política e discursiva dos professores, talvez motivada pelo sentimento de insegurança e despreparo (que já perdurava antes da instituição da ABEBD e que inclusive, justificou sua criação). Outro fator que reforça essa desarticulação, como já visto anteriormente, é colocado por Souza (2006) ao estudar a trajetória da ABEBD. Este fator está vinculado à pouca associatividade e participação do corpo docente (o que justifica ainda mais, as poucas diferenças entre estes dois currículos a partir da falta de maiores diálogos consistentes).

Avançando nos marcos legais do ensino de Biblioteconomia, chama-se atenção para a década de 1990, como período marcado pela globalização da cultura e da economia, por um contexto neoliberal onde se privilegiou grandes corporações internacionais. Nesse sentido, houve poucos investimentos em uma política voltada para a ampliação de direitos e benefícios para a população. Dentro desse cenário, a educação também sofreu impactos, com

destaque para nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que foi sancionada sem levar em conta interesses da população e cedeu às pressões de setores privatistas da Educação. (SOUZA, 2009).

A nova LDB foi promulgada em 1996. No que tange à Educação Superior, nela não se menciona a necessidade do cumprimento de currículos mínimos para os Cursos brasileiros. A partir disso, então, Instituições de Ensino Superior poderiam reorganizar seu ensino a partir de outras propostas sem a obrigatoriedade de se pautar nos currículos mínimos obrigatórios.

Entretanto, em 1997, em discordância com esta ideia, a Secretaria de Educação Superior (SESu), vinculada ao MEC, convocou todos os cursos para apresentarem até maio de 1998, propostas para as novas Diretrizes Curriculares dos cursos superiores, as quais seriam elaboradas pelas Comissões de Especialistas da Sesu/MEC. Ressalta-se que ao se mencionar novas diretrizes supõe-se que as velhas então, seriam os currículos mínimos. (SANTOS, 1998).

Em função da fragilidade econômica brasileira e da penetração do discurso neoliberal, os anos de 1990 trouxeram mais dificuldades para o ensino da Biblioteconomia. Nessa época já havia mais de 32 cursos em quase todos os Estados brasileiros, 8 programas de pós-graduação e 12 periódicos da área (dos quais 6 são criados nesta década). Em relação aos eventos da área, o CBBB e os ENEBDs vinham acontecendo bem como as reuniões promovidas pela ABEED. E criou-se ainda, o Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) reforçando a comunicação e inovação científica e com “a autoproclamação da Ciência da Informação como vertente pela quase daria a modernização das estruturas de prestação de serviço de informação”. (SOUZA, 2009, p. 148).

Outra questão a se considerar, é o impacto do aparecimento dos blocos econômicos formados diversos países, como foi o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) criado em 1991. Como consequência disso, houve uma tendência em harmonizar-se o currículo de várias profissões, entre elas a Biblioteconomia. Santos (1998) explica que a partir de um processo de integração iniciado pela ABEED no ano 1996 com os cursos superiores da Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai e Brasil, foi estabelecida uma metodologia

e metas que culminaram no estabelecimento do núcleo principal de conhecimentos a ser ministrado nos Cursos de Biblioteconomia. Estes núcleos foram integrados em seis áreas e com predominância dos conteúdos mais técnicos, como se observa abaixo.

Área 1: Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação: Comunicação e Informação. Cultura e Sociedade. Biblioteconomia, Documentação, Arquivologia, Museologia, Ciências da Informação e áreas afins. Unidades e Serviços de Informação. O Profissional da Informação: formação e atuação. História e tendências da produção dos registros do conhecimento, das unidades e dos sistemas nacionais e internacionais de informação.

Área 2: Processamento da Informação: Organização do Conhecimento e tratamento da Informação. Tratamento descritivo dos documentos. Tratamento temático: teoria da classificação, análise da informação, teoria da indexação. Práticas, tecnologias e produtos. Geração e organização de instrumentos de recuperação da Informação.

Área 3: Recursos e Serviços de Informação: Fundamentos, princípios, processos e instrumentos para: seleção, aquisição, avaliação, descarte, desbastamento, preservação, conservação e restauração de recursos de informação documentais e virtuais. Normas relativas ao desenvolvimento das coleções. Fontes de informação documentais e virtuais: conceitos, tipologias, características, acesso, utilização e avaliação. Estudo e educação de usuários. A indústria da informação: geração, produção e comercialização de documentos, fontes e serviços de informação. Serviços de provisão e acesso. Serviços de referência e informação. Serviços de extensão e ação cultural.

Área 4: Gestão de Unidades de Informação: Teoria Geral da Administração. Teoria organizacional. Teoria de sistemas. Técnicas modernas de gestão. Gestão de unidades e serviços de informação: leitores, usuários, clientes e ambiente social. Formulação de projetos de informação. Gestão de recursos humanos. Gestão financeira. Gestão de espaço físico. Mensuração e avaliação de serviços e unidades de informação.

Área 5: Tecnologia da Informação: Aplicações da tecnologia da informação e comunicação nas unidades de informação. Análise, avaliação e desenvolvimento (*hardware* e *software*). Gestão de bases de dados e bibliotecas virtuais. Análise e avaliação de sistemas e redes de informação. Informatização das unidades de informação.

Área 6: Pesquisa: Epistemologia da investigação científica. Metodologia da pesquisa social. Pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação: produção e comunicação científica. (SANTOS, 1998, *on line*)

Segundo a ABECIN (2003), entre as várias decisões tomadas, menciona-se o acordo relativo à carga horária mínima para cada área curricular, no intuito de promover uma maior sintonia entre os conteúdos formadores e os cursos dos países do Mercosul. A carga horária mínima é recomendada apenas como um indicador básico:

- 1 Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação - 14%;
- 2 Organização e Tratamento da Informação - 20%;
- 3 Recursos e Serviços de Informação 20%;
- 4 Tecnologias de Informação 16%;
- 5 Gestão da Informação 20%;
- 6 Pesquisa 10%

Ainda segundo Santos (1998), após o II Encontro de Dirigentes dos Cursos Superiores de Biblioteconomia dos Países do MERCOSUL, realizado em novembro de 1997, em Buenos Aires, a ABEBD, encaminha ao MEC os resultados obtidos no processo de harmonização curricular descritos acima. Como consequência disso, em 1998, foi assinado o “Memorando de Entendimento sobre a Implementação de um Mecanismo Experimental de Credenciamento de Cursos para o Reconhecimento de Títulos de Graduação Universitária nos Países do MERCOSUL”. Nessa ocasião, assinaram esse ato normativo diversos Ministros da Educação da Argentina, Uruguai e Paraguai, Chile, Bolívia e Brasil.

Posteriormente, destaca-se uma correspondência enviada pela Assessoria de Assuntos Internacionais do MEC para a ABEBD a qual

informou que as posições expressas sobre o tema pelos profissionais da área da Biblioteconomia, no âmbito nacional e regional são compatíveis com a política de credenciamento de Cursos estabelecida e que, no momento oportuno, as propostas curriculares aprovadas no II Encontro de Dirigentes . . . serão utilizadas como um dos parâmetros para o referido credenciamento. Este credenciamento atenderá aos critérios estabelecidos no Memorando que leva em consideração, além dos conteúdos ministrados, a titulação dos docentes, a

qualidade da biblioteca, dos laboratórios e da infra-estrutura de serviços. (SANTOS, 1998, *on line*).

Portanto, mediante a aceitação formal do MEC, a grande maioria dos Cursos de Biblioteconomia decidiu encaminhar para seus credenciamentos as propostas aprovadas em Buenos Aires. As tendências ali descritas, influenciariam na organização dos novos currículos. Concluindo sua pesquisa, interessante destacar o discurso de Santos (1998, *on line*):

Se atingimos a harmonização curricular no MERCOSUL, se temos diretrizes curriculares como referência para construção de um currículo que seja a expressão de um projeto pedagógico, concebido a partir da construção coletiva e que se constitua em um artefato político, cultural e científico, temos a enorme dificuldade de possuir uma recém promulgada Lei que nos atribua competências da década de 50. Na verdade, para cumprir a Lei 4.084/62, não é preciso muito. É possível que um curso pós-médio consiga capacitar pessoas para as funções previstas. Mas não é isto que os bibliotecários brasileiros desejam. Será necessária uma mobilização nacional muito grande, muita discussão em torno do tema e muita ação e, principalmente, ação política para transformarmos o limão em limonada. Seremos capazes? Ou ficaremos *naquela cômoda situação de buscarmos externamente a justificativa para nossos problemas*: "É a Lei! Nada podemos fazer! Podemos fazer o que quisermos. As dificuldades são grandes, mas quem quer, consegue! É uma empreitada para todos: professores, alunos e profissionais. Talvez por omissão de muitos, os projetos enviados ao Congresso Nacional não tenham sido suficientemente bons e os resultados, piores ainda. Vamos repetir a dose? Isto é mais do que uma pergunta. É um desafio! Obrigada." (SANTOS, 1998, *on line*, grifo nosso).

Como já relatado, a partir de 1997, na condução processo das novas Diretrizes Curriculares Nacionais, foram criadas Comissões de Especialistas por áreas para mediarem o diálogo e entre os pares profissionais. Dessa forma, legitima-se a intervenção do MEC na construção das diretrizes curriculares. Essas Comissões levaram em conta alguns tópicos para desenho dos currículos: 1. Perfil dos formandos que a instituição pretende formar; 2. Competências e habilidades que os alunos deverão adquirir durante a formação; 3. Conteúdos curriculares – gerais e específicos – que se deve ofertar durante a formação; 4. Estágios e atividades complementares que

deverão ser oportunizadas durante a formação; 5. Estrutura que deverá ser definida para o curso por seu colegiado; e 6. Critérios que os cursos deverão criar e adotar para a sua própria avaliação institucional. (SOUZA, 2002a)

Para a área da Ciência da Informação, duas comissões foram constituídas para desenvolverem as diretrizes para os Cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Durante o processo de discussão e refinamento de ideias, não houve, por parte da categoria profissional e de seus docentes, “maiores questionamentos públicos dos traços ideológicos e políticos das propostas” (SOUZA, 2002a, p.8) E assim, foram produzidas as definições curriculares para a Biblioteconomia, conforme resolução do CNE/CES 19, DE 13 de Março de 2002³⁵. Entre elas, sobre o projeto pedagógico dos cursos de Biblioteconomia, os quais devem explicitar: o perfil dos formandos; as competências e habilidades gerais e específicas a serem desenvolvidas; os conteúdos curriculares de formação geral e os conteúdos de formação específica ou profissionalizante; o formato dos estágios; as características das atividades complementares; a estrutura do curso e as formas de avaliação.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Biblioteconomia (ANEXO A), o perfil do egresso é voltado para

o desenvolvimento de determinadas competências e habilidades e o domínio dos conteúdos da Biblioteconomia. Além de preparados para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, produzir e difundir conhecimentos, refletir criticamente sobre a realidade que os envolve, buscar aprimoramento contínuo e observar padrões éticos de conduta, os egressos dos referidos cursos deverão ser capazes de atuar junto a instituições e serviços que demandem intervenções de natureza e alcance variados: bibliotecas, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural etc. (BRASIL, 2002, p. 32).

Ademais, as diretrizes apresentam questões voltadas para habilidades e competências gerais e específicas, conteúdo curriculares, estágios e atividades complementares, estrutura do curso e avaliações institucional (vide ANEXO A).

³⁵ Resolução CNE/CES 19/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 34. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES192002.pdf>> .

Ainda, em relação ao mesmo documento, evidencia-se dois pontos importantes:

- 1) “As IES **poderão acentuar, nos projetos acadêmicos e na organização curricular, características do egresso** que, sem prejuízo do patamar mínimo aqui considerado, componham perfis específicos.” (BRASIL, 2002, p. 32, grifo nosso). Nessa direção, retorno aos meus objetivos propostos para o desenvolvimento da tese e pergunto: Se cada IES tem a autonomia para acentuar nos seus projetos pedagógicos uma formação que contemple determinadas características no perfil do egresso, o que motiva a escolha dessas características abordadas pelos projetos pedagógicos? Quais são os valores que embasam essa escolha e com vistas a atender prioritariamente a quem? Seria a uma demanda economicista do mercado de trabalho ou a uma demanda social, focalizada na ampliação de uma base de informações que subsidiem a construção de cidadania e autonomia, na busca de direitos e da felicidade dos indivíduos coletivamente? O enfoque maior, é dado a qual dessas demandas? O que pensam os docentes e o que praticam visando manter o consentido no projeto pedagógicos da IES na qual estão alocados? Será que esse conjunto de pensamentos e ações tem se movido na direção do que foi recomendado? (conforme o próximo ponto). Se levamos em conta a reforma do ensino superior após golpe militar, que promove um ensino voltado ao progresso industrial do país e ainda, após os anos 90, a emergência da globalização e influência de um neoliberalismo econômico, o que esperar, já que se deixa o projeto político pedagógico, a mercê da IES e de seu projeto institucional?;
- 2) “Recomenda-se que os projetos acadêmicos acentuem a adoção de uma perspectiva humanística na formulação dos conteúdos, conferindo-lhes um sentido social e cultural que ultrapasse os aspectos utilitários mais imediatos sugeridos por determinados itens.”

(BRASIL, 2002, p. 28, grifo nosso). Portanto, interrogo: isto realmente tem sido colocado em prática? Qual é o sentido ético que os docentes dos cursos de Santa Catarina extraem do projeto político-pedagógico dos cursos de Biblioteconomia da UFSC e da UDESC e como se dá sua aplicação no processo formativo do bibliotecário? Complemento também, que um dos impactos da LDB de 1996, situa-se na descentralização dos discursos que representavam (bem ou mal) uma categoria docente associada. A partir disso, essa tarefa fica sob a responsabilidade das IES, as quais também, são representadas por um coletivo docente porém, ligado ao plano de desenvolvimento da própria instituição. Qual direção este coletivo adota para nortear suas práticas? Qual direção essa bússola (ética) aponta?

Dessa maneira, a educação bibliotecária brasileira, a partir da nova LDB e das diretrizes curriculares nacionais, encerra o modo de organizar o currículo de Biblioteconomia centrado em grades disciplinares e se apresenta uma nova forma: um arranjo por orientações globais

que envolvem vários componentes que se articulam em projetos educacionais voltados para a formação de Bibliotecários em condições de atender ao desenvolvimento de um país que vê sua economia provocada a se integrar em âmbito mundial numa situação em que a competição está a depender quase que inteiramente da maior capacidade de processar mais eficazmente um volume mais denso e complexo de informações” (SOUZA, 2002a, p. 10).

Assim, mais uma vez, prevalece a fraca motivação política da categoria profissional e o distanciamento entre academia e profissionais egressos, uma vez que se contempla, fenomenologicamente a história (importada) brasileira, e o percurso do coletivo profissional, desde a primeira biblioteca no Brasil.

Nesse sentido, a ação política profissional ficou na berlinda das práticas profissionais. Destaca-se a inconsciência (ou a semiconsciência) da categoria profissional que, em parte, é fruto das práticas docentes. Esses egressos não têm recebido do processo educativo na graduação, um conjunto de práticas e conteúdos que privilegiem a formação de uma consciência ética. Esse déficit

confunde a visão de que a educação do bibliotecário, também é responsabilidade deles: os egressos. E ainda, não permite que compreendam, que cabe a eles próprios, questionarem as práticas formativas das escolas e associativamente, dialogarem na direção da construção da formação dos seus pares. Enquanto isso, a formação fica relegada aos docentes que, majoritariamente, se atentam em seguir as exigências mercadológicas.

E os poucos profissionais que participam das associações, como consequência desse ciclo vicioso, repercutem o discurso do mercado de trabalho, das tecnologias e da gestão. As ações profissionais direcionam-se cada vez mais, rumo ao fortalecimento das organizações privadas em detrimento do espaço público. A redução desse espaço, não se dá apenas na fisicalidade, mas também, simbolicamente, já que vez ou outra, as bibliotecas públicas são ameaçadas de terem que fechar suas portas, por exemplo. À essa triste constatação, pode-se chamar de indiferença. Por fim, Gomes (2009, p. 37), acertadamente, alerta que

A indiferença se constitui o procedimento mais inadequado ao sucesso pessoal e coletivo de um grupo social, de uma categoria profissional e de uma sociedade de um modo geral. A identidade de qualquer homem se constrói a partir das relações que pôde e pode vir a estabelecer com seu meio, com seus pares e semelhantes humanos. Não há felicidade possível sem a presença do outro. Quando sofremos a ilusão da independência, da prepotência e do individualismo, as forças das relações sociais se impõem com energia demonstrando nossas fragilidades, dependências e necessidades de ponderar o coletivo, como também de compreender que a própria vida singular é gerada no coletivo, e que, portanto, somos ao mesmo tempo singular e plural, temos nossa individualidade pessoal e profissional, mas estas estão edificadas no coletivo. Ao coletivo devemos respeito e apreço porque dele nascem os planos, nele os concretizamos e somente com ele poderemos alcançar a felicidade. (GOMES, 2009, p. 37)

Adiante, versarei sobre o ensino presencial de Biblioteconomia em Santa Catarina, abordando questões pertinentes ao surgimento dos cursos presenciais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e da Universidade Federal de Santa (UFSC).

5 ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA

Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são
asas".

Escolas que são gaiolas existem para que os
pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros
engaiolados são pássaros sob controle.
Engaiolados, o seu dono pode levá-las para onde
quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono.
Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos
pássaros é o voo.

(Rubens Alves)

Florianópolis, capital catarinense, conta com ensino de Biblioteconomia, por meio de duas graduações presenciais públicas, uma à nível estadual e outra federal. Atualmente, ligados à essas duas graduações, encontram-se programas de pós graduação relacionados ao campo da Ciência da Informação.

Um fato interessante, na história do ensino da Biblioteconomia catarinense, reside no aspecto associado à criação dos cursos de Biblioteconomia da UDESC e da UFSC: ambas graduações foram criadas, concomitantemente, no ano de 1973. Visando uma melhor compreensão, faz-se necessário olhar para a construção do ensino superior neste Estado, bem como, seu contexto econômico e político.

Segundo Hawerth (1999), o ensino superior no Brasil teve início oficial com a vinda da Família Real no ano de 1808, com o intuito de proporcionar cultura e erudição às elites portuguesas que se instalariam por aqui. Entretanto, mais adiante, com a proclamação da República, não se observou uma grande expansão no ensino superior.

Verificou-se, que somente em 1920, surgiu a primeira universidade no Rio, seguida da Universidade de Minas Gerais, em 1927. Ambas universidades, surgem de um processo de reunião de instituições que já existiam. Hawerth (1999), evidencia, que nos anos 30, houve um declínio do poder oligárquico-rural e um avanço em direção a um novo rearranjo produtivo e econômico, em favor da industrialização. Com este progresso, o autor ressalta um aumento na renda "per capita" brasileira e no grau de

escolarização da população. Nesse sentido, durante a Era Vargas, houve uma demanda maior por qualificação de nível superior.

Com o fim das grandes guerras e a partir da década de 50, o sistema universitário brasileiro tem uma acelerada expansão em função do projeto desenvolvimentista de Juscelino Kubitscheck, o qual exigiu o desenvolvimento de um maior volume de capital, tecnologia e mão-de-obra especializada. No período pós-64, período militar, é nítido o desejo de industrialização e modernização por meio da internacionalização da economia, o que culminou em uma readequação do sistema educacional alinhada ao projeto de desenvolvimento nacional que atendesse às necessidades do setor produtivo.

No que concerne o desenvolvimento catarinense, entre os anos de 1945 e 1962, houve uma ampliação da sua base produtiva como reflexo do surgimento de novos setores como o papel, papelão, cerâmico, metal-mecânico, plástico, materiais elétricos e indústrias ligadas ao setor de transporte. Ressalta-se que a década de 1960, representou um marco na modernização econômica de Santa Catarina principalmente, no período que se segue ao golpe militar de 1964. A expansão econômica teve apoio da oligarquia catarinense, a qual possibilitava vantagens que favoreciam o crescimento de capital no Estado. (AGUIAR, 2008).

Nesse cenário, a consolidação do ensino superior catarinense iniciou-se a partir do final da década de 50, “em resposta à crença de que este nível de ensino seria a mola propulsora para o sonhado desenvolvimento regional, através do sistema fundacional municipal” (HAWERROTH, 1999, p.2).

O ensino superior para o desenvolvimento catarinense, ganhou grande importância na década de 60, nos Governos de Celso Ramos e de Ivo Silveira, que respectivamente, por meio de seus Planos de Metas I e II (PLAMEG), fizeram do ensino um dos pontos principais da para alcançar a infraestrutura desejada. (AGUIAR, 2008; HAWERROTH, 1999).

Para Aguiar (2008, p. 42), o aparelho governamental brasileiro,

[...] foi desafiado a modernizar-se e, pela primeira vez na história do Estado, utilizou-se da técnica do planejamento com o objetivo de desenvolver e articular as políticas públicas para atender às exigências do modo de produção capitalista. E foi justamente com o pretexto de modernizar o sistema

educacional para responder às necessidades do desenvolvimento desse modo de produção, que as questões educacionais passaram a ser enfrentadas numa perspectiva global. O binômio educação e desenvolvimento foi colocado como o eixo das políticas de modernização do Estado brasileiro.

Mediante o contexto exposto, visando possibilitar a inserção de Santa Catarina no projeto desenvolvimentista em vigor no Brasil, o Estado passa a reservar uma atenção maior ao setor educacional. Dessa forma, nos anos de 1960, acelera-se a construção de uma política catarinense voltada para a Educação. Ademais, em 1961, cita-se dois marcos importantes que apoiaram o desenvolvimento catarinense: a aprovação da lei estadual 2.179/1961 e a constituição do Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – BADESC. (AGUIAR, 2008; HAWERROTH, 1999).

O Instituto Politécnico, a primeira instituição de ensino superior catarinense, tenha sido criado em 1917, na cidade de Florianópolis, com os cursos de Odontologia, de Farmácia, Engenharia e Comércio, incentivados por José Arthur Boiteux³⁶. Entretanto, foi posteriormente, entre 1940 e 1960, que outras faculdades surgiram, entre elas, elenca-se as Faculdades de Ciências Econômicas, Odontologia e Farmácia, Filosofia, Medicina e Serviço Social, as quais propiciaram condições para a futura instalação da UFSC em 18 de dezembro de 1960. (HAWERROTH, 1999).

Outro fato importante, relaciona-se à aprovação das duas primeiras Leis do Sistema Estadual de Ensino e também, do primeiro Plano Estadual da Educação, no ano de 1961, efetivando assim, em âmbito estadual as determinações federais prescritas nas Leis 4.024/61 (LDB) e 5.540/68 (Lei da Reforma Universitária). Dessa maneira, o Estado aderiu a política nacional da reforma universitária, que visava o desenvolvimento capitalista global. (AGUIAR, 2008; HAWERROTH, 1999).

Já no início dos anos 60, a política educacional catarinense passa a ser elaborada no sentido de colaborar para 'vencer as trevas do subdesenvolvimento, contribuindo para a formação

³⁶ Jornalista historiador, advogado e deputado estadual, na década de 20, no Governo Hercílio Luz.

de um 'homem útil' ao projeto econômico-social, sob o ponto de vista dos governantes. [...] nesse momento também ocorreu uma importação desenfreada de métodos e técnicas, sobretudo dos EUA, para afirmar a 'arrancada desenvolvimentista'. O papel atribuído à educação para o desenvolvimento é o de preparar o homem produtivo eficaz, e de ser formadora de mão-de-obra, sendo a educação concebida como um recurso para a produção. (AGUIAR, 2008, p.58).

Em 1965, o governo cria a Universidade para o Desenvolvimento do Estado, a UDESC³⁷, a segunda universidade pública de Santa Catarina, sediada na capital e originada, segundo Aguiar (2008, p. 49), a partir do

Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais (CEPE), criado pela Lei 3.191 em 1963, como órgão pertencente à Faculdade de Educação, foi a única instituição de pesquisa educacional existente em Santa Catarina na década de 1960, tendo significativa importância no processo de elaboração da política educacional em nosso Estado nos anos de 1960 e 1970.

Tendo em vista o contexto político-econômico brasileiro que impulsionou a criação da UFSC e da UDESC, nas subseções abaixo, tratarei de forma isolada, a criação dos cursos de Biblioteconomia.

5.1 Biblioteconomia na UFSC

O Curso de Biblioteconomia da UFSC teve sua implantação em 1973 e seu reconhecimento do Conselho Federal de Educação (CFE), pelo parecer Nº 3.129, em 08 de novembro de 1977, consubstanciado pelo Decreto Presidencial Nº 81.144 publicado no Diário Oficial da União, no dia 2 de janeiro de 1978. (MENDONÇA; SOUZA, 2013).

A iniciativa para sua criação, segundo Mendonça e Souza (2013), é vista como uma ação pioneira da bibliotecária Alvaceli Lusa Braga. A bibliotecária graduou-se em 1960, no Estado do Paraná, mesmo ano de criação da UFSC. No ano seguinte, foi contratada na condição de diretora da Biblioteca Central da Universidade. É interessante observar que a história se repete.

³⁷ Atualmente, o nome da Universidade é Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Esse episódio faz com que se veja repetir aqui em Santa Catarina o deslocamento de pessoas em busca de capacitação em Biblioteconomia, isto é, repete-se processo similar ao que o ocorreria em direção a São Paulo e ao Rio de Janeiro nos anos de 1940 e 1950 com a ida de várias pessoas de vários Estados do país para aquelas cidades. Aqui, de forma análoga, deu-se o deslocamento para a capital do estado vizinho que, já dispondo de Curso de Biblioteconomia desde o ano de 1950, possibilitava a especialização nessa matéria, contribuindo assim com o desenvolvimento catarinense. (MENDONÇA; SOUZA, 2013, p. 49).

Nessa direção, dadas as condições da época, a bibliotecária esforça-se para constituir uma equipe profissional, tendo como uma de suas ações, no ano de 1965, a promoção de pequenos cursos que visavam a qualificação de colaboradores como Auxiliar de Bibliotecário; incentivando-os para que fossem estudar Biblioteconomia em outros estados. Assim foi se criando, segundo os autores anteriormente citados, as pré-condições para que nos próximos 12 anos, se implantasse o curso na UFSC.

Convém lembrar, que na altura da criação da UFSC, já havia uma demanda para a contratação de profissionais qualificados para a busca, organização e difusão da informação e para a gestão dos acervos documentários, seja nas bibliotecas, seja para o uso institucional. Assim, evidencia-se a presença de acervos bibliotecários em faculdades e outras organizações catarinenses, bem como acervos referentes à documentação governamental e de caráter fiscal nas empresas do Estado. (MENDONÇA; SOUZA, 2013). Ademais, observa-se a invisibilidade da Biblioteca Pública do Estado, a qual mantinha uma coleção de livros e arquivos precariamente organizados e sem profissional qualificado para estar a sua frente.

Ao deparar com essas circunstâncias a atenção de qualquer leitor se vê alertada pelo fato de estar em Florianópolis uma das primeiras assim denominadas bibliotecas públicas implantadas no país. A Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina foi criada em maio de 1854. Quando da criação da UFSC, esta biblioteca já era centenária, contando com 106 anos. Não fossem as limitações culturais, políticas e econômicas deste Estado, poderia ter se iniciado partir desse estabelecimento um Curso de Biblioteconomia, assim como se deu no Rio de Janeiro – na Biblioteca Nacional ou em São Paulo – no Departamento de Cultura do Município. Isso, então confirma como um dado de realidade, que mesmo sediada na

capital do Estado essa biblioteca mantinha sua inexpressividade técnica e a invisibilidade de como um possível instrumento de política públicas do Estado. (MENDONÇA; SOUZA, 2013, p. 50).

Tendo em vista, a proposta desenvolvimentista brasileira e consequentemente de Santa Catarina, atenta-se que a falta de tratamento e organização dos acervos institucionais poderia atrasar o alcance da referida proposta e impactar negativamente na economia e na área social. Tendo em vista a superação desse atraso, o Curso de Biblioteconomia e Documentação da UFSC prepararia pessoal especializado para suprir tal carência. Mendonça e Souza (2013), ao realizarem entrevista histórica com Alvaceli, perguntaram-lhe sobre sua motivação para a criação:

Como Bibliotecária entendia e gostava muito de documentação, então comecei a verificar várias falhas nos currículos dos cursos, e constatei que as disciplinas estavam em desordem. Mediante a necessidade de atualização dos cursos entrei em contato com todas as universidades do Brasil e com vários cursos. Verifiquei então a necessidade do Curso de Biblioteconomia, projetei e guardei. Entreguei todo o trabalho sobre os currículos dos cursos para o Reitor que foi apreciado. O Reitor disse que eu merecia um prêmio e perguntei se podia pedir qualquer coisa e ele disse que podia. Foi quando disse que queria a criação do Curso de Biblioteconomia em Florianópolis e ele aceitou, e pediu para fazer um projeto que teria o curso. Peguei o projeto que já estava pronto e entreguei ao Reitor. Naquele mesmo dia havia uma reunião do Conselho, ele levou e foi aprovado o Curso de Biblioteconomia na Universidade Federal de Santa Catarina.

Quando de sua implantação, tal curso era sediado junto à área de Artes e Comunicação, atual Centro de Comunicação e Expressão (CCE). No ano de 1976, em função da sua existência, designou-se o Departamento de Biblioteconomia e Documentação (BDC) que estava ligado ao Centro Sócio Econômico da Universidade. (MENDONÇA, 2010).

Teve como sua primeira Chefe do Departamento, a Professora Liene Campos, segundo a Portaria n. 421/GR/76 e no primeiro quadro docente, os seguintes professores: Adélia dos Santos Silveira, Alvaceli Lusa Braga, Dário Rodrigues de Carvalho, Elba B. Neves, Lea R. Lima de Severo, Liane Bielinski, Márcia Pereira Veras, Maria Terezinha Neves Freitas, Neusa Cordeiro Bonetto,

Neide Caciatori Brighenti e Regina Célia Montenegro de Lima. No primeiro semestre de 1979, o departamento foi vinculado ao Centro de Ciências da Educação (CED). (MENDONÇA; SOUZA, 2013).

Desde o início, o Curso de Biblioteconomia forma bacharéis e teve sua primeira turma em 1976. Além disso, contribui para a formação de bacharéis em outros cursos de graduação da UFSC desde 1980, já que oferece disciplinas da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. (MENDONÇA, 2010).

Inicialmente, entre os anos de 1973 e 1983, o curso era ofertado diuturnamente. Foi a partir de 1983, que surgiu grande demanda para turmas noturnas e após 1986, passou a ser totalmente ofertado no período noturno (HILLESCHHEIN; MENEZES; CHAGAS, 2013).

Desde março de 1999, por meio da resolução n° 005/CUn/1999, passou a existir o Departamento de Ciência da Informação (CIN), o qual substituiu a antiga denominação (BDC). Foi então, a partir de 2003, que houve a implantação do Curso de Mestrado em Ciência da Informação (MENDONÇA, 2010), e em 2013, iniciou-se o Doutorado cuja primeira turma foi composta de sete mulheres e bibliotecárias, a qual eu me incluo.

O curso é ofertado na modalidade bacharelado, com a quantidade de 60 vagas anuais, respectivamente com oferta de 30 vagas no primeiro semestre e 30 vagas no segundo semestre. Tem seu funcionamento no período noturno e o tempo de integralização mínimo de 8 semestres e máximo de 14 semestres. (UFSC, 2015b).

Em 2013, o Curso de Biblioteconomia completou 40 anos e na ocasião, realizou-se uma cerimônia comemorativa com o lançamento do livro “Curso de Biblioteconomia da UFSC: 40 anos”, organizado pelos docentes Araci Isaltina de Andrade Hillesheim, Estera Muszkat Menezes e Francisco das Chagas de Souza.

O currículo do curso de graduação veio sendo o atualizado conforme as necessidades demandadas da sociedade. Desde que foi criado, o curso sofreu revisões curriculares e mudanças em seu projeto político pedagógico. As grades de curriculares foram revisadas em: de 1973, de 1983, de 1991, de

2005, de 2013 e por fim, em 2015. (HILLESCHHEIN; MENEZES; CHAGAS, 2013; UFSC, 2015b).

Ressalta-se que em 2013, algumas adequações curriculares ao Projeto Pedagógico do Curso foram realizadas visando o atendimento

de novas demandas de atualizações e exigências contemporâneas no espaço informacional, sempre voltado para atender os usuários, as instituições, os bibliotecários, o ensino, pesquisa e extensão, num *espaço competitivo* cada vez mais focado no *domínio de tecnologias e conhecimentos, sendo imposto reinventar e aprimorar técnicas e conteúdos para atuarem devidamente em áreas multidisciplinares*. As mudanças paradigmáticas na área da informação são o reflexo de uma *sociedade globalizada* e em constante processo de mutação, não apenas de técnicas e serviços, mas, sobretudo, em uma profunda mudança e amplitude de atuação do Bibliotecário. (UFSC, 2015b, p.9, grifo nosso)

Em 2015, constatou-se que à modalidade de ingresso via vestibular teve pouca aderência, o que resultou em poucos candidatos ao curso. Mediante essa constatação, o Núcleo Docente Estruturante, o Colegiado e a Coordenação do Curso de Biblioteconomia da UFSC iniciaram uma reflexão, de modo a encontrar melhores estratégias para superar o problema em questão. (UFSC, 2015b). A partir daí, foi concebido o Projeto Pedagógico do Curso vigente a partir de 2016.

Ressalta-se que à este projeto, foram incorporadas as DCNs para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, constante da Lei nº 11.645 de 10/03/2008, Resolução CNE/CP Nº 01 de 17 de junho de 2004), bem como, a política de educação ambiental Lei n. 9795, de 27 de abril de 1999, Decreto n. 4281 de 25 de junho de 2002 e Decreto n. 5.626/ 2005, para a disciplina de Libras. (UFSC, 2015b, p.9).

Então, o projeto em vigor, enfatiza que, aproximadamente, nos últimos 40 anos, o crescimento econômico e social do Brasil, inclusive do Estado catarinense, se intensificou. São apontados dados sobre setores que vêm crescendo na grande Florianópolis: tecnologia, turismo, serviços e construção civil. No Norte dos estado, a ênfase é para os polos tecnológico, moveleiro e metal-mecânico; já no oeste, concentram-se as atividades de produção

alimentar e de móveis, e ainda, no Planalto Serrano, a indústria de papel, celulose e da madeira. E por fim, no Sul, ressalta-se os segmentos de vestuário, plásticos descartáveis, carbonífero e cerâmico e naval. Nesse sentido, o

contexto estadual e com sua permanente expansão, o tipo de informação gerada é muito variado, exigindo serviços de informações e documentação mais complexos. Também a disponibilização da informação em rede, fez surgir uma nova tipologia de recursos informacionais, ocorrendo uma produção documental enorme e em vários formatos digitais, necessitando ser organizada e disseminada. E, aqui entra a atuação do bibliotecário. E, portanto, percebe-se, a necessidade de uma formação de alto nível para o bibliotecário para responder as demandas da sociedade. (UFSC, 2015b, p. 4).

Mediante o exposto no seu projeto, o perfil do bibliotecário sofreu várias mudanças ao longo do tempo, de forma que atendesse as demandas informacionais da sociedade. Dessa forma, “adequou-se as novas demandas e avanços, principalmente com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação e com os usuários cada vez mais exigentes”. (UFSC, 2015b, p.8).

Como objetivo geral e específicos do curso, o PPC propõe:

5.1.1 Objetivo Geral

Formar bibliotecários com uma visão crítica da sociedade, imbuídos do compromisso com a gestão e a disseminação da informação, com consciência do seu papel científico e social na facilitação do acesso à informação seja de natureza política, tecnológica, econômica, educacional, social, cultural ou recreativa.

5.1.2 Objetivos Específicos O Curso de Graduação em Biblioteconomia deverá fornecer subsídios aos estudantes para:

- a) aplicar conhecimentos teóricos e práticos de gestão no planejamento e funcionamento de unidades de informação;
- b) processar a informação registrada em diferentes recursos informacionais;
- c) realizar atividades de seleção, análise, armazenamento e difusão da informação;
- d) conhecer as tecnologias de informação e comunicação para uso em serviços de informação;

- e) gerenciar a implantação de programas de informatização em unidades de informação;
- f) desenvolver pesquisas relativas a produtos e serviços, processamento, transferência e uso da informação;
- g) atuar como estimulador e orientador no uso de recursos informacionais por meio de ações e programas de educação de usuários;
- h) atuar como profissional autônomo para orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria e emitir laudos técnicos e pareceres;
- i) intervir como agente social no desenvolvimento do cidadão crítico e consciente de seu papel na sociedade. (UFSC, 2015b, p. 10-11).

Já com relação ao perfil do egresso,

o Curso de Graduação em Biblioteconomia pretende formar profissionais conscientes da realidade do país, competitivos, críticos e criativos, que saibam se comunicar com o mundo a sua volta e que sejam capazes de interagir com as mudanças, de tomar decisões e de refletir sobre a realidade. Dentro deste contexto, o novo currículo foi pensado em função do seguinte perfil profissional, com cinco especificidades: a) gestor de unidades de informação; b) técnico no tratamento da informação; c) mediador e educador no uso de recursos informacionais; d) agente social na disseminação da informação; e) consultor no campo informacional. (UFSC, 2015b, p.16).

O PPC atual, também especifica algumas competências, a saber: a) Competências em Comunicação e Expressão (voltadas para o relacionamento com o usuário e o uso e disseminação fontes, produtos e recursos de informação, bem como mediação de acesso, uso e apropriação da informação), Competências Técnico-Científicas (voltadas para organização e recuperação da informação e investigação em Biblioteconomia e Ciência da Informação), Competências Gerenciais e Competências Sociais e Políticas. No que tange à esse ultimo grupo de competências é abarcado:

- Assessorar e participar da formulação de políticas de informação.
- Ter atitude crítica e criativa a respeito da resolução de problemas informacionais.
- Adotar uma atitude aberta e interativa com os diversos atores sociais (políticos, empresários, educadores, trabalhadores e profissionais de outras áreas, instituições e cidadãos em geral).
- Identificar as

novas demandas sociais de informação. • Atuar coletivamente com seus pares no âmbito das instituições políticas e sociais, com o objetivo da promoção e defesa da profissão. • Aderir aos princípios de inclusão social. • Acessar a informação científica e tecnológica. (UFSC, 2015b, p.17-18).

A proposta atual do Curso, divide-se em três núcleos de disciplinas: Núcleo Comum, Específico e Complementar. Dessa forma, as disciplinas que compõem o Núcleo Comum - Formação Geral (NC) “visam possibilitar uma apropriação rigorosa das categorias teórico-metodológicas basilares, no que concerne à natureza e ao papel da Biblioteconomia e Arquivologia e Ciência da Informação” (UFSC, 2015b, p. 31).

O Núcleo Comum, abarca para estes três cursos, até a 4. fase, as seguintes disciplinas: Introdução à Ciência da Informação, Introdução às Tecnologias da Informação e Comunicação, Pesquisa Bibliográfica, Lógica Instrumental I, Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, Empreendedorismo I, Tutoria Acadêmica I, Habitats de Inovação, Leitura e Produção do Texto, Introdução a Administração, Sistemas de Organização do Conhecimento, Sociedade da Informação, Ética Profissional, Tutoria Acadêmica II, Recuperação da Informação, Fontes Gerais de Informação, Organização, Sistemas e Métodos, Introdução à Representação Temática, Introdução à Representação Descritiva, Metodologia da Pesquisa, Introdução à Bancos de Dados, Gestão da Qualidade, Competência Informacional, Interação Comunitária I, História do Brasil Contemporâneo, Estudos Métricos da Informação, Editoração Científica, Acessibilidade e Inclusão Digital, Planejamento Estratégico, Projeto de Informatização, Preservação Digital, Marketing da Informação, Interação Comunitária II e Estatística Aplicada I. (UFSC, 2015b).

O Núcleo Específico - Formação Específica (NE) do curso, é composto por disciplinas associadas às competências necessárias ao bibliotecário, apresentadas no Parecer CNE 492/2001 das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs, 2001, p. 3234) e pelos Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de bacharelado e licenciatura para os cursos de Biblioteconomia, as quais são ministradas a partir da 5. fase: Representação Descritiva, Sistemas de

Classificação, Fontes Especializadas de Informação, Estudos de Usuários, Relações Humanas, Representação Descritiva II, Organização de Bibliotecas, Indexação, Formação e Desenvolvimento de Coleções, Comunicação, Práticas de Tratamento de Informação, Referência e Serviços de Informação, Projeto de Pesquisa, Publicação Bibliográfica, Tratamentos de Multimeios, Trabalho de Conclusão de Curso, Estágio Supervisionado, Informação, Direito e Cidadania, Informação Tecnológica e Inovação, Marketing em Arquivo, Direito na Gestão da Inovação e Habitats de Inovação. (UFSC, 2015b)

E por fim, o Núcleo Complementar (de Formação Complementar) é composto por disciplinas optativas e atividades extracurriculares, que visam propiciar aos alunos, o aprofundamento temático e interdisciplinar. As disciplinas optativas a serem cursadas pelos estudantes podem ser cursadas e validadas em disciplina do Núcleo Específico e das optativas do curso de Arquivologia/UFSC e/ou também das disciplinas do Núcleo Específico e optativas dos cursos de Ciência de Informação/UFSC, além das disciplinas optativas do próprio curso: Biblioteca Digital, Biblioteca Virtual, Biblioterapia, Informação e Cidadania, Informação Literária, Informação para a Empresa, Leitura e Informação, Tópicos Especiais / Biblioteconomia / Ciência da Informação: Fundamentos, Tópicos Especiais/Biblioteconomia/Ciência/Informação: Recursos e Serviços, Tópicos Especiais/Biblioteconomia/Ciência da Informação: Gestão da informação, Tópicos Especiais/Biblioteconomia/Ciência da Informação: Tecnologias- Informação, Unidades de Informação Gerais, Unidades de Informação Especializadas, Sociologia e Cultura. (UFSC, 2015b).

Quanto às atividades extracurriculares, o PPC considera a participação em cursos, em entidades de classe, apresentação de trabalhos em eventos científicos (como seminários, congressos, colóquios, etc.), em eventos científicos, atividades de monitoria, bolsas de pesquisa e extensão e estágios não obrigatórios, entre outras.

Ademais, a carga horária do total do curso de graduação em Biblioteconomia é de 2.988 horas/aula, e distribui-se em 1512 h/a para o núcleo comum, 1.260 h/a para o núcleo específico e 180 h/a para o núcleo complementar.

Verificou-se também, os princípios que norteiam o ensino e formação no Curso de Biblioteconomia, segundo o atual projeto expõe:

- a) Flexibilidade e transversalidade: nesse quesito, contempla conteúdos para educação de relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileiras e indígenas, libras e educação ambiental. Afirma que “currículo estará aberto para contemplar a dinâmica da realidade” (UFSC, 2015b, p.11) e que o profissional conheça “[...]as Normas e padrões nacionais e internacionais sobre acessibilidade, como também o Potencial inclusivo das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs) na sociedade contemporânea” (UFSC, 2015b, p.11);
- b) Organicidade: versa sobre o caráter interdependente, ordenado e acumulativo dos conteúdos;
- c) Equilíbrio entre a teoria e a prática;
- d) Interação do estudante com a comunidade: “este princípio tem por fundamento a necessidade de não alienar o estudante em relação ao seu meio [...] busquem associar o interesse da formação acadêmica com a ação em campo” (UFSC, 2015b, p. 12);
- e) Globalidade na especificidade: pretende “formar cidadãos do mundo, com competência para serem bons profissionais” (UFSC, 2015b, p. 12);
- f) Atualidade;
- g) Criticidade: “este princípio deve compor a prática de ensino-aprendizagem em todas as disciplinas. Baseado nele, o curso deverá formar indivíduos capazes de entender os fundamentos de sua atividade na sociedade, possibilitando-lhes inovar e transformar a sua realidade. Para que este princípio possa ser concretizado, o aluno será levado a “observar a realidade dos diferentes ambientes informacionais e analisá-los criticamente estabelecendo comparações com a teoria da área” (UFSC, 2015b, p. 14);
- h) Autoridade: segundo o projeto, é princípio orientador fundamental que guiará o trabalho didático-pedagógico do professor durante suas práticas. “Deverão ser consolidados, nos estudantes, *valores e*

posturas pessoais que lhes permitam o sentimento de saber conhecer, proporcionando-lhes a segurança necessária para propor e tomar decisões” (UFSC, 2015b, p. 14);

i) Adaptabilidade: consiste na

inserção no contexto da profissão, desde as primeiras fases do curso fazendo com que ele compreenda o papel e as responsabilidades do bibliotecário utilizando-se do conhecimento teórico, da vivência em unidades de informação e do contato com profissionais que se encontram no exercício da profissão. (UFSC, 2015b, p. 14);

j) Interdisciplinaridade.

De forma geral, a ação docente deve ser norteada por estes princípios para que os objetivos e o perfil esperado do egresso possam ser trabalhados no ensino. Evidencia-se, alguns princípios mais voltados para a formação de uma consciência ética: flexibilidade e transversalidade, criticidade, autoridade e adaptabilidade. Ainda nessa direção, enfatiza-se no projeto atual, dentro do objetivo geral, específicos e perfil do egresso, alguns elementos que compõem a formação ética do futuro bibliotecário formado pela UFSC. Segue os trechos abaixo:

Objetivo geral: “Formar bibliotecários com uma visão crítica da sociedade, imbuídos do compromisso com a gestão e a disseminação da informação, com consciência do seu papel científico e social na facilitação do acesso à informação seja de natureza política, tecnológica, econômica, educacional, social, cultural ou recreativa”.

Objetivo específico i) intervir como agente social no desenvolvimento do cidadão crítico e consciente de seu papel na sociedade”. (UFSC, 2015, p. 11).

Perfil do egresso: alínea “d) agente social na disseminação da informação. (UFSC, 2015b, p. 10-11).

No sentido de apoiar a formação ética, além dos princípios orientadores destacados e da ação docente (a qual deve ser norteada pelo consolidado no projeto mas não se limita somente a ele), buscou-se no currículo conteúdos que envolvesse a ética.

Dessa forma, a questão ética no currículo apresentado no projeto da UFSC (2015b), propõe uma disciplina no Núcleo Comum de Formação Geral, chamada “Ética Profissional” com 2 créditos, na 2. fase e com a seguinte ementa: “Ética: conceito e objeto. As questões éticas e a atuação profissional. Legislação.” (UFSC, 2015b, p. 33). Não foi observada na ementa de nenhuma outra disciplina, conteúdos relativos à temática.

No referente à bibliografia, observou-se no título das obras, o termo “ética”, em 4 disciplinas do Núcleo Comum de Formação Geral:

- a) Bibliografia complementar das disciplinas: “Introdução à Ciência da Informação” e da disciplina de “Editoração Científica”: “GOMES, Henriette Ferreira; BOTTENTUIT, Aldinar; OLIVEIRA, Maria Odaisa Espinheiro de. A ética na sociedade, na área da informação e da atuação profissional: o olhar da filosofia, da sociologia, da ciência da informação e da formação e do exercício profissional do bibliotecário no Brasil. Brasília, DF: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2009”;
- b) Bibliografias complementares da disciplina de “Ética Profissional”: “ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS. Princípios Éticos do Arquivista. Disponível em <http://www.aab.org.br/prineticos.htm>”, “CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. Código de ética profissional do bibliotecário. Brasília, 2001. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/legislacao/resolucoes/Resolu%E7%E3o%2004202.asp>”, “NOVAES, Adauto. Ética. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007”;
- c) Bibliografias básica da disciplina de “Ética Profissional”: “ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco: Aristóteles: texto integral ; trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2007”, “DUPAS, Gilberto. Ética e poder na sociedade da informação: de como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. 3. ed. São Paulo: UNESP, 2011”, “SANCHEZ VASQUEZ, Adolfo. Ética. 36. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014” e “TUGENDHAT, Ernst. Lições sobre ética. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007”;

- d) Bibliografia básica da disciplina de “Evolução do pensamento científico e filosófico”: “FOUREZ, Gerard. A construção das ciências: introdução à filosofia e a ética das ciências. São Paulo: Ed. UNESP, 1995”;
- e) Bibliografias básicas da disciplina “Competência informacional”: RIOS, Terezinha Azerêdo. Ética e competência. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1999 (Coleção Questões da Nossa Época; v. 16) e SOUZA, Francisco das Chagas de. Ética e Deontologia: textos para profissionais atuantes em bibliotecas. Florianópolis: Ed. da UFSC; Itajaí: Ed. da UNIVALI, 2002”.

Para finalizar esta seção, informa-se que os projetos políticos pedagógicos, apesar da autonomia do CIN na sua construção, está subordinado ao Projeto Pedagógico Institucional (PPI) da UFSC. Este último projeto, é parte central do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFSC. Tal universidade tem como missão

produzir, sistematizar e socializar o saber filosófico, científico, artístico e tecnológico, ampliando e aprofundando a formação do ser humano para o exercício profissional, a reflexão crítica, a solidariedade nacional e internacional, na perspectiva da construção de uma sociedade justa e democrática e na defesa da qualidade da vida. (UFSC, 2015a, p. 17).

Ao analisar seu PPI³⁸, evidencia-se que ele foi estruturado de acordo com as orientações do MEC. Segundo o documento, em relação à inserção regional:

Como instituição social, a universidade é sempre questionada por muitos setores a responder por inúmeras demandas da sociedade e para auxiliar no desenvolvimento progressivo e na disseminação de novas tecnologias, em especial em Santa Catarina. Nos últimos anos as universidades federais foram desafiadas a contribuir para a descentralização da produção do conhecimento e da formação de profissionais dos quais o nosso país necessita para o seu desenvolvimento. Além do desenvolvimento de tecnologias e inovações e capacitação

³⁸ O PPI da UFSC, não apresenta uma estrutura documental com objetivos geral e específicos. Em suas seções vai discorrendo sobre as políticas, objetivos e metas para as diferentes áreas de atuação ou dimensões da Universidade.

para ocupação de postos de trabalhos no mercado de serviços, é importante o papel que a UFSC assume para a região na formação de professores para atuação no ensino fundamental, médio e superior. Também é importante para o estímulo à produção de conhecimentos aptos a serem utilizados em tentativas de equacionamento de problemas vividos em diferentes setores de atividade, bem como por distintos grupos sociais. Isso denota um grau de inserção regional e um senso de responsabilidade social significativo (UFSC, 2015a, p.33-34)

Já no que tange às práticas acadêmicas:

Em seu projeto pedagógico institucional, a UFSC estabelece as bases para a busca da excelência, com vistas à formação do ser humano, enfatizando conhecimento teórico, habilidades científico-tecnológicas, autonomia intelectual e pessoal, compreensão profissional, ética e social, capacidade de comunicação e com atitude propositiva em relação ao desenvolvimento social e econômico do País. (UFSC, 2015a, p.40).

Ademais, no que tange à questões de ordem ética e de responsabilidade, o PPI afirma que

a UFSC, na perspectiva das instituições de ensino superior, a UFSC defronta-se simultaneamente com a necessidade de qualificar seus discentes, futuros tomadores de decisão, contemplando as variáveis ambientais, qualidade, segurança e saúde ocupacional e responsabilidade ética e social na sua formação, e também de internalizar as práticas mais adequadas de gestão. À medida que a Instituição evoluir nessas práticas, estará contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e próspera, além de econômica, social, ética e ambientalmente responsável. [...] A responsabilidade social inclui como subtemas: (1) a inclusão social, (2) o meio ambiente, (3) o desenvolvimento econômico e social, (4) a preservação da memória e do patrimônio cultural. (UFSC, 2015a, p.49).

Adiante, na próxima subseção, as mesmas questões serão tratadas só que no âmbito da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

5.2 Biblioteconomia na UDESC

O Curso de Biblioteconomia da UDESC, atualmente, está sediado no Centro de Ciências Humanas e da Educação, o qual é denominado FAED. Esta sigla foi preservada e faz alusão à Faculdade de Educação, que foi criada em meio ao plano desenvolvimentista do Estado, o PLAMEG, em 1960. Entre as várias ações propostas neste plano, enfatizava-se a necessidade de valorização dos recursos humanos do Estado, por meio da difusão cultural, da pesquisa e da educação em todos os níveis e ramos. Para efetivar tal meta, foi instituída uma Assessoria Técnica para Assuntos de Educação, e também, o Conselho Estadual de Educação (CCE). No interior do referido conselho, surge o Sistema Estadual de Ensino e a Faculdade de Educação que visava integrar o ensino, pesquisa e extensão. (SCHEIBE; BAZZO, 2014).

Apenas, um pouco depois, que nasce a UDESC, em 1965, sendo a FAED portanto, incorporada como sua primeira unidade. Enfatiza-se, que a FAED tem

[...] uma história e um compromisso fortemente vinculados à organização do sistema estadual de educação do Estado de Santa Catarina. Participou ativamente em sua missão formadora, integrada à expansão da escolarização básica deste sistema, concentrando-se particularmente na tarefa inadiável de preparar os professores para a rede estadual de ensino. (SCHEIBE; BAZZO, 2014, p. 18).

Segundo Fáveri e Assis (2014, p. 259), na cidade de Florianópolis

[...] já se respirava ares de academia na Universidade Federal, fundada em 1960, porém, o torvelinho dos acontecimentos naquela década de sessenta do século passado era propício, porque estava em pleno vigor, não só o desenvolvimentismo que se acelerava, mas também a imaginação daqueles professores e daquelas professoras que anteviam um lugar de destaque na educação superior catarinense e oferecida pelo Estado.

E foi no dia 08 de maio de 1963 que deu-se a criação da FAED, segundo a lei 3191 / 1963, em seu artigo 174, oferecendo curso de Pedagogia, reconhecido em 1973 pelo CCE, e junto com ele, a autorização de funcionamento na FAED, do curso de Biblioteconomia e Documentação, além de implantar o curso de Estudos Sociais com habilitação em Educação Moral e

Cívica; e um ano depois o Curso de licenciatura em Educação Artística. (FÁVERI; ASSIS, 2014).

As autoras citadas acima, enfatizam que nos anos de 1990, mediante as políticas neoliberais no Estado, foi sentido o impacto na UDESC, especialmente na FAED, visto que não havia a mesma prioridade no repasse dos recursos estaduais do que outrora, nos anos de 1960, a “época de ouro”.

Assim, o Curso de Biblioteconomia foi aprovado em sessão do Conselho Estadual de Educação, em 23 de outubro de 1973, pelo Parecer nº 435/73. O Decreto nº 73.260, de 6 de dezembro de 1973, autorizou o seu funcionamento. A implantação do curso ocorreu, efetivamente, em 1974. O Decreto nº 81.502, de 30 de março de 1978, publicado no Diário Oficial da União em 31 de março de 1978, concede o reconhecimento do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Educação. (UDESC, 2007).

Segundo Nascimento (2014), a mentora do curso, foi a professora Terezinha Izabel Manso Muniz que convidou a bibliotecária da UFSC, Mitsi Westphal Taylor, para elaborar um projeto visando a criação de um curso de Biblioteconomia na FAED. A criação do Curso naquela época se justificava

Perante a precariedade da organização de bibliotecas, arquivos e centros de documentação existentes no Estado, recomendava-se a preparação de pessoal qualificado capaz de modificar a situação apresentada. (LINS *apud* NASCIMENTO, 2014, p. 79).

Em marco de 1974, o curso iniciava suas primeiras aulas na FAED e tinha como Assistente de Direção do Curso de Biblioteconomia, a Profa. Mitsi e como norte, o primeiro currículo do Curso de Biblioteconomia. Lembra-se que tal currículo, foi elaborado com base no Decreto nº 550, de 1962, que aprovou o primeiro currículo mínimo para os cursos de graduação em Biblioteconomia do Brasil (NASCIMENTO, 2014; UDESC, 2007).

Por ser pioneiro no Estado, o projeto previa a vinda de bibliotecários da UFPR para lecionar as disciplinas técnicas, mas segundo a Professora Mitsi Westphal Taylor, ‘devido aos parcos honorários oferecidos pela Universidade nada convidativos, tais contratações não foram efetivadas na íntegra’

(TAYLOR, 2012)³⁹. Considerando a característica multidisciplinar da biblioteconomia, as disciplinas básicas foram ministradas pelos professores da FAED e, paulatinamente, foram sendo contratados, por convite, com base no *currículum vitae*, bacharéis em biblioteconomia [...]. (NASCIMENTO, 2014, p. 80).

Segundo UDESC (2007), o curso era distribuído em 6 fases totalizando 147 créditos com duração de 3 anos. O mesmo ofertava 40 vagas por ano, até 1980, momento em que foi retirado do concurso Vestibular, por razões administrativas. Segundo Nascimento, o curso de biblioteconomia passou por diversos momentos de crise, em razão da falta de espaço para seu funcionamento dentro da FAED, por questionamentos se ele se adequaria aos princípios do Centro de Administração e ainda, se seria aceito pela ESAG.

Além disso, um dos fortes argumentos para desativá-lo foi de que nossa capital, de médio porte, não teria mercado de trabalho para absorver os egressos da UDESC e o da UFSC. Por isso, de 1982 a 1984, o curso ficou totalmente inativo e suas professoras trabalharam na reformulação curricular, em cargos administrativos e nas bibliotecas da Universidade e no Sistema de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina (BPSC). (NASCIMENTO, 2014).

Com o ideal de interiorização da UDESC, a solução de reativar o curso de Biblioteconomia foi a da assinatura do convênio com a Universidade Regional de Blumenau (FURB) em 1984. Para oferecer o curso em Blumenau, nos termos do convênio, as disciplinas básicas ficaram sob responsabilidade da FURB, enquanto as técnicas seriam ministradas pelos professores do curso de Biblioteconomia da FAED, que se deslocavam para Blumenau com transporte seguro e hotel patrocinados pela FURB. Foram muitos desafios para cumprir os termos do convênio, principalmente pela dificuldade de deslocamento de alguns professores que, embora tenham assinado o termo de compromisso, por motivos pessoais se negaram veementemente a se deslocar para Blumenau, o que causou insatisfação para os alunos. Para solucionar tais impasses foram contatados professores substitutos. Por falta de divulgação mais eficaz do Vestibular, a FURB não conseguiu preencher as vagas e também, o alto custo da mensalidade levou à desistência de alguns alunos, tornando o curso muito oneroso para a FURB, que não conseguiu cumprir todas as cláusulas do convênio, como, por exemplo, resistência em

³⁹ Procurei tal referência mas não tive acesso pois a mesma refere-se a uma entrevista realizada via telefone pela Professora Maria de Jesus Nascimento à Professora Mitsi.

efetuar matrícula de uma aluna reprovada numa disciplina e fazer o seguro previsto no convênio, situação só percebida após a capotagem de carro por uma professora na BR 101. Embora com poucos alunos, a experiência foi recompensadora pois o nível e interesse dos alunos estimulavam os professores e, principalmente, por ter formado equipe que assumiu a direção e responsabilidade técnica da biblioteca universitária e de outros setores da FURB. O curso ficou em Blumenau até a formatura da 2ª turma, no final do primeiro semestre de 1989. (NASCIMENTO, 2014, p. 93).

Concomitantemente ao curso ministrado em Blumenau, em 1986, o Curso de Biblioteconomia foi reativado e as aulas da primeira turma foram ministradas de forma precária nas instalações da antiga FAED.

A falta de democratização no curso, com decisões tomadas de cima para baixo, praxe antiga, levou a muitas mudanças indesejadas, particularmente, as de localização física e turnos de funcionamento do curso. Cogitava-se que a reitoria tentasse integrar o curso de Biblioteconomia com o sistema de bibliotecas públicas e com a biblioteca universitária, para que os professores atuassem tanto nos magistério quanto no setor técnico, o que vinha ocorrendo por força do preenchimento da carga de horários dos professores durante o recesso do curso. (NASCIMENTO, 2014).

Ressalta-se que segundo a Resolução nº 08, de 29 de outubro de 1982, do Conselho Federal de Educação (CFE), estabeleceu matérias para novo currículo mínimo dos cursos brasileiros de graduação em Biblioteconomia, que passaram a ter quatro anos de duração. Dessa forma, a partir dessa Resolução, o curso de Biblioteconomia da FAED, passou por reformulação curricular. O novo currículo ofereceu duas opções de área de concentração: (i) Bibliotecas Especializadas e Universitárias; e (ii) Bibliotecas Públicas e Escolares. (UDESC, 2007).

Depois mais adiante, no ano de 2000, o curso passa por nova crise e não foram oferecidas vagas no vestibular, uma vez que a Universidade cogitou a pertinência de se manter o curso de Biblioteconomia. E novamente, iniciaram-se os estudos para nova proposta curricular que atendesse às mudanças na área e no mercado de trabalho, face a globalização e a incorporação das tecnologias da informação e comunicação, às atividades biblioteconômicas. (UDESC, 2007).

Nesse sentido, para justificar a permanência do curso foi criada a "Habilitação em Gestão da Informação", seguida de adequação curricular voltada para esta perspectiva.

O currículo proposto foi estruturado de acordo com os estudos de harmonização curricular do Mercosul, desenvolvidos pela ABECIN, e com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a área de Ciência da Informação do MEC [...] foi implementado no 1º semestre de 2001. A partir da implantação do currículo aprovado, o Colegiado do Curso de Biblioteconomia efetuou, semestralmente, no período de 2002 a 2004, avaliação das disciplinas do novo currículo implantado com vistas à colher informações para subsidiar o processo de renovação de reconhecimento do Curso e reconhecimento de sua habilitação - Gestão da Informação, submetido ao CEE em 2005. (UDESC, 2007, p. 7).

Como produto da avaliação do currículo, em 2007, houve uma nova readequação curricular, sendo esta a versão vigente do projeto pedagógico até hoje⁴⁰.

Em relação aos cursos oferecidos, cita-se aqui o Curso de Especialização em Administração de Bibliotecas Públicas e Escolares, ofertado em convênio com a Fundação Educacional de Santa Catarina e a Fundação Pró-memória/Instituto Nacional do Livro (INL), em 1982 com certificado de pós-graduação *lato sensu*.

Posteriormente, outros cursos oferecidos: Curso de Especialização em Estratégias e Qualidade em Sistemas da Informação; Curso de Especialização em Gestão de Bibliotecas oferecido em duas edições no ano de 2004 e, o último, Curso de Especialização em Gestão de Unidade de Informação oferecido em 2008/2009 com 420 horas, num total de 33 profissionais inscritos, provenientes de diferentes unidades de informação dos estados do Rio Grande do Sul e do Paraná. (NASCIMENTO, 2014, p. 88).

Quanto ao Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação e criação do Programa de Pós-graduação em Gestão de Unidades de Informação (PPGINFO), o projeto foi elaborado por uma comissão coordenada

⁴⁰ Na UDESC, o termo utilizado para o projeto em questão, é "Projeto Pedagógico" e não, "Projeto Político Pedagógico".

pela Professora Gisela Eggert-Steindel⁴¹, aprovado no âmbito da Universidade e em instâncias superiores, foi recomendado pela CAPES em 2012. Segundo Nascimento (2014), teve sua aula inaugural, na ocasião da comemoração dos 40 anos do curso de Biblioteconomia da UDESC, e como uma das programações XXV CBBB, em Florianópolis no ano de 2013.

No que tange aos objetivos e perfil do curso de Biblioteconomia da UDESC, seu projeto pedagógico vigente, explicita:

OBJETIVO GERAL

Formar bibliotecários aptos para produzir e utilizar conhecimentos técnicocientíficos na gestão da informação para suprir às necessidades informacionais da sociedade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Habilitar o aluno na utilização das tecnologias de informação e comunicação nos processos de organização, tratamento, armazenamento, recuperação e disseminação da informação;
- Habilitar o aluno para o exercício de atividades profissionais relativas ao planejamento e gestão de unidades, serviços e sistemas de informação;
- Formar profissionais habilitados para desenvolver produtos e serviços de informação que atendam as demandas do mercado de trabalho;
- Desenvolver capacidade crítica e competências para o processo de investigação científica;
- Propiciar ao aluno conhecimentos interdisciplinares em suas múltiplas dimensões, necessárias ao desenvolvimento de práticas sociais inerentes à sociedade da informação. (UDESC, 2007, p.8).

No que tange ao perfil do curso, espera-se que o egresso esteja

⁴¹ Deixo aqui minha homenagem (in memoriam) à Profa. Delsi Fries Davok que atuou ativamente e competentemente ao lado da Professora Gisela para a efetivação do Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação / PPGINFO. Tive a felicidade de ser a sua primeira orientanda de TCC, logo que ela ingressou na Universidade como docente. Com certeza, foi uma parceria bem sucedida e uma motivação para minhas futuras escolhas. Para mim, ela sempre foi um exemplo de seriedade e comprometimento com o trabalho docente. Hoje entendo, o que ela me disse, certa vez quando lhe falei que gostaria de seguir a carreira docente: "Parabéns pela sua coragem! Nós, também, precisamos de docentes!" Na época não compreendia a "coragem" mas atualmente, face a minha condição docente e às agruras do produtivismo acadêmico, eu compreendo.

apto para atuar crítica e tecnicamente na gestão e utilização dos recursos informacionais existentes em instituições e organizações, em âmbito local, regional, nacional, visando à democratização da informação como meio de garantir o exercício da cidadania. Esse bibliotecário será capaz de utilizar as tecnologias de informação e comunicação como recurso à seleção, à aquisição, à organização, ao tratamento, à disseminação e ao acesso da informação e do conhecimento produzidos e apresentados em diferentes meios e suportes. (UDESC, 2007, p.9).

O Curso tem ingresso anual e oferece 40 vagas. Sua duração mínima de três anos e meio (sete semestres), com integralização em no máximo sete anos (14 semestres), tendo 187 créditos correspondentes à 2.805 h/a. A grade curricular foi dividida em 6 áreas (conforme sugerido pela ABECIN), segue abaixo (UDESC, 2007):

- a) Área de **Fundamentação Geral** que corresponde à 13,97% da matriz curricular, contendo as disciplinas: Introdução à Biblioteconomia e Ciência da Informação, História do Livro e das Bibliotecas, Antropologia Cultural, Evolução do Pensamento Científico e Filosófico, Lógica Aplicada à Documentação, Sociologia Geral, Fundamentos em Educação e Leitura e Literatura Infanto-Juvenil;
- b) Área de **Organização e Recuperação da Informação** que corresponde à 15,64% da matriz curricular, contendo as disciplinas: Representação Descritiva I, Representação Descritiva II, Representação Descritiva III, Introdução ao Tratamento Temático da Informação, Representação Temática I, Representação Temática II, Indexação e Resumos e Recuperação da Informação;
- c) Área de **Recursos e Serviço de Informação** que corresponde à 18,44% da matriz curricular, contendo as disciplinas: Ação Cultural, Usuários da Informação, Fontes de Informação, Serviço de Referência e Informação e Estágio Curricular;
- d) Área de **Gestão da informação** que corresponde à 18,44% da matriz curricular, contendo as disciplinas: Teorias Administrativas, Análise Organizacional, Gestão de Documentos em Arquivos, Administração

de Unidades de Informação, Planejamento de Unidades de Informação, Gestão de Bibliotecas Digitais, Avaliação de Serviços de Informação, Gestão de Estoques Informacionais, Gestão da Informação e do Conhecimento e Empreendedorismo e Gestão de Projetos em Serviços de Informação;

- e) Área de **Tecnologias da informação** que corresponde à 10,06% da matriz curricular, contendo as disciplinas: Tecnologias da Informação e Comunicação I, Tecnologias da Informação e Comunicação II, Tecnologias da Informação e Comunicação III, Planejamento e Geração de Bases de Dados, Gerenciamento Eletrônico de Documentos, Informática Documentária e Tecnologias aplicadas à Bibliotecas Digitais;
- f) Área de **Pesquisa** que corresponde à 12,85% da matriz curricular, contendo as disciplinas: Normalização da Documentação, Estatística, Métodos e Técnicas de Pesquisa, Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso e Elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso.

Destaca-se que este currículo é a segunda versão depois da implantação da Habilitação em Gestão da Informação, e conforme explicado acima, após avaliação das disciplinas que compunham a “nova” habilitação teve sua readequação proposta no projeto pedagógico de 2007. Houve, entretanto, necessidade de algumas mudanças. E no projeto, enfatiza-se a *inclusão* de disciplinas como: Avaliação de Serviços de Informação, Empreendedorismo e Gestão de Projetos em Serviços de Informação, Fundamentos da Educação, Gerenciamento Eletrônico de Documentos, Tecnologias Aplicadas a Bibliotecas Digitais e Tecnologias da Informação e Comunicação II. (UDESC, 2007).

Em contrapartida, houve uma *supressão* de disciplinas, conforme indicado no projeto, a saber: Espanhol Instrumental, Gestão da Informação, História da Arte, Inglês Instrumental, Literaturas de Língua portuguesa, Produção de Texto, Psicologia das relações do trabalho e Teoria da Comunicação. (UDESC, 2007). Dessa forma, a supressão de conteúdos, em sua maior parte, relacionados ao fortalecimento de uma base mais humanística como a literatura, história da arte e psicologia.

Reforça-se ainda, que tal projeto expõe alguns princípios que orientam a formação e divide-os como metodológicos e epistemológicos. No que tange ao primeiro princípio, observa-se duas dimensões: (i) epistemológica: trata da escolha e aos recortes teórico-metodológicos das ciências que integram as áreas do currículo; (ii) Dimensão profissionalizante: versa sobre aos suportes teórico-práticos que fomentam a “compreensão do fazer do bibliotecário em todas as suas relações profissionais, sócio-políticas e culturais, na perspectiva da *moral e da ética*” (UDESC, 2007, p.11, grifo nosso).

Entre os princípios metodológicos, encontram-se os cinco pontos: (i) Historicidade: vista como característica das ciências, é princípio fundamental para que o aluno perceba a (des)construção do conhecimento da área da Biblioteconomia na sua trajetória histórico-social-cultural; (ii) Construção: perpassa todas as áreas do currículo do curso, para que o aluno perceba que os conhecimentos são construídos num contexto histórico-político e cultural, e para que ele tenha o propósito de se transformar em um profissional que, além de aplicar, também produz conhecimentos e busque continuamente o aprimoramento da qualidade pessoal e profissional; (iii) Diversidade: perpassa tanto as dimensões técnica e gerencial da atuação profissional, como a diversidade de tipos de unidades de informação. O aluno deve ser um profissional multidimensional, que compreenda que as diferentes abordagens técnicas e gerenciais determinam diferentes *posicionamentos políticos* na ação bibliotecária; (iv) Interdisciplinaridade e indissociabilidade: as disciplinas do currículo devem buscar uma interdisciplinaridade, observando as especificidades da área do conhecimento e, intrinsecamente, indissociáveis ao ensino, pesquisa e extensão; e (v) Democratização do conhecimento: diz respeito à construção da competência formal e *política para a consciência crítica* do acesso à informação. O aluno deve compreender o acesso à informação como meio para uma sociedade mais justa, igualitária e democrática, e como garantia do exercício pleno da cidadania. (2007, p. 11, grifo nosso).

Assim, nesses princípios, encontram-se algumas evidências voltadas para questões ético-políticas que direcionam o agir e o fazer que se propõe na formação e que se espera do bibliotecário. Essas evidências ficaram mais

nítidas, no âmbito profissionalizante, da diversidade e da democratização do conhecimento.

Ademais, o projeto menciona a ética quando trata da pesquisa e das bolsas de iniciação científica, citando que as ações devem estar em concordância com o Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos (CEPSH) da UDESC, que atualmente é um órgão subordinado à reitoria da UDESC e vinculado diretamente ao Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) / Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Outra menção à ética, foi na avaliação que o aluno tem em seu estágio curricular obrigatório, sendo um dos itens que são perguntados *in loco* ao supervisor do estágio: “Disciplina e Ética Profissional: observância das normas e regulamentos internos da Empresa/Instituição”.

Na matriz curricular, não foi encontrada nenhuma disciplina sobre a ética profissional, no entanto, em duas disciplinas, encontra-se a abordagem da ética orientada em suas ementas (UDESC, 2007, grifo nosso):

- a) EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO CIENTÍFICO E FILOSÓFICO 03
Créditos - 54 h/a – 1. Fase - Natureza da filosofia. Evolução do pensamento filosófico e científico. *A questão do ser. A questão do agir. Conceito de Ética. Filosofia da ética. Ética profissional. O agir eticamente;*
- b) INTRODUÇÃO À BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
04 Créditos - 72 h/a – 1. Fase - Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: conceitos e história. Caracterização das Unidades de Informação. O profissional: formação, currículo, mercado de trabalho e *ética. Legislação profissional. Movimento associativo.*

No que tange às bibliografias, foi encontrada no título de uma obra de bibliografia básica da Disciplina de Introdução à Biblioteconomia e Ciência da Informação, a referência: “SOUZA, Francisco das Chagas de. Ética e deontologia: textos para profissionais atuantes em bibliotecas. Florianópolis: EDUFSC; Itajaí: UNIVALI, 2002.”

Portanto, sem considerar aqui a prática docente (que pode transpor o projeto pedagógico), enfatiza-se que além dos princípios (profissionalizante, diversidade e democratização) que vão nortear a formação e o desenvolvimento de uma consciência ética, observa-se que esta temática é explicitada na conduta para a pesquisa de iniciação científica, como um item de avaliação de estágio, abordada na ementa de duas disciplinas e no título da obra de uma bibliografia básica. Nesse sentido, o projeto pedagógico se movimenta para dar conta do que propõe no quesito ético, especificamente no que tange ao objetivo geral, em alguns trechos de objetivos específicos e no perfil esperado do egresso, conforme destaque abaixo.

Objetivo geral da formação: “Formar bibliotecários aptos para produzir e utilizar conhecimentos técnico-científicos na gestão da informação para suprir às necessidades informacionais da sociedade” (UDESC, 2007, p.8, grifo nosso); trechos de dois objetivos específicos: “Desenvolver capacidade *crítica* e competências para o processo de investigação científica” e “Propiciar ao aluno conhecimentos interdisciplinares em suas *múltiplas dimensões*, necessárias ao desenvolvimento de *práticas sociais* inerentes à sociedade da informação”. (UDESC, 2007, p.8, grifo nosso) e o trecho do perfil esperado do egresso: “apto para atuar *crítica* e tecnicamente na gestão e utilização dos recursos informacionais existentes em instituições e organizações, em âmbito local, regional, nacional, visando à *democratização* da informação como meio de garantir o *exercício da cidadania* (UDESC, 2007, p.8, grifo nosso).

Ademais, ressalta-se que a partir de próximo ano, entrará em vigor nova versão do projeto pedagógico, a qual incorporará disciplinas específicas das áreas de fundamentos (ética e relações étnico-raciais, por exemplo), na área de gestão e na área tecnologia (como modelagem de dados, entre outras).

Por fim, assim conforme as orientações do MEC, a UDESC tem seu Projeto Pedagógico Institucional (PPI) subordinado ao seu Plano de Desenvolvimento Institucional, o PDI.

Observadas, portanto, a Lei nº 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, a Lei nº 170/98 que dispõe sobre o Sistema Estadual de Educação, as Diretrizes

Curriculares Nacionais (DCNs), o PPI respeita a autonomia pedagógica da UDESC, no que diz respeito à definição dos currículos dos cursos e programas, o estabelecimento de conteúdos programáticos, os planos, programas e projetos de pesquisas científicas, a produção artística e as atividades de extensão. (UDESC, 2016, p. 62).

Em seu PPI, a UDESC (2016, p. 62) propõe como objetivo geral: “Nortear a concepção, as linhas filosóficas e a gestão das atividades da Universidade, com Políticas e Diretrizes condizentes com sua missão e finalidade”. Nesse sentido, sua missão é

Produzir, sistematizar, socializar e aplicar o conhecimento nos diversos campos do saber, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, indissociavelmente articulados, de modo a contribuir para uma sociedade mais justa e democrática em prol da qualidade de vida e do desenvolvimento sustentável do Estado de Santa Catarina e do País. (2016, p. 13).

E por fim, elencam-se os princípios ético-filosóficos,

que balizam o PPI da UDESC estão alicerçados nas seguintes premissas: – defesa permanente da universidade pública, gratuita e de qualidade; – promoção do desenvolvimento científico, socioeconômico, tecnológico, artístico e cultural nos âmbitos local, regional e nacional; – garantia da autonomia didático-pedagógica, financeira e administrativa da Universidade; – respeito à pluralidade de ideias; – gestão democrática da Instituição; – defesa dos direitos do indivíduo e do ambiente; – estímulo à formação humanizadora; – implementação de ações fundamentadas na defesa dos direitos do indivíduo e do ambiente; – estímulo à formação humanista; – fomento da visibilidade da UDESC no cenário estadual, nacional e internacional; – participação no debate de temas científicos, socioeconômicos, tecnológicos, educacionais, artísticos e culturais nos âmbitos local, regional e nacional; – busca contínua da qualidade e competitividade institucional; – consolidação e expansão do ensino (graduação e pós-graduação), da pesquisa e da extensão; – interação constante da Universidade com a sociedade em todas as suas áreas de atuação; – gestão eficiente da Instituição; – consolidação de diferentes modalidades e metodologias de ensino de modo a atender as diferentes camadas e perfis da população; – foco em parceria como possibilidade de crescimento e inovação necessárias à nova conjuntura da sociedade; – perspectiva inclusiva de educação. (UDESC, 2016, p. 65-66).

5.3 A confluência dos projetos políticos pedagógicos da Biblioteconomia catarinense direcionados à orientação mercantilista

Embora não seja objetivo desta tese comparar os projetos pedagógicos da UFSC e UDESC, e nem fazer uma análise profunda de suas diretrizes e motivações, faz-se necessário, para fins desta pesquisa, atentar-se para ambos projetos. Nesse sentido, volta-se para a história da criação de ambos os cursos, bem como, para as circunstâncias que promoveram o surgimento do ensino de Biblioteconomia em Santa Catarina.

Em face do projeto de desenvolvimento econômico industrial brasileiro, que se acelerou na segunda metade do século passado, ficou evidente o aumento da demanda do ensino superior, visando a pesquisa científica, majoritariamente, como fomentadora do avanço industrial e econômico.

Nesse mesmo contexto, Santa Catarina, também aderiu ao projeto desenvolvimentista nacional por meio de seus governos e de uma oligarquia regional que investia em setores industriais emergentes. Tudo isso, toma maior fôlego com o golpe militar, após 1964 que impõe uma ditadura americanicista e voltada para o fortalecimento da tecnoestrutura capitalista.

Assim, em Santa Catarina, o surgimento dos cursos de Biblioteconomia se dá no auge da efervescência brasileira, no que diz respeito à transição do país para um modelo essencialmente mercantilista. O nascimento dos dois cursos estava relacionado com o apoio ao ensino e também, a existência deles se justificava pela necessidade de atender a organização e gestão da massa documental e bibliográfica crescente dos acervos de diversas instituições catarinenses, sejam públicas ou privadas. Ressalta-se que a gestão dessas informações apoiaria apoiar e aceleraria o avanço do progresso econômico da época.

Pode-se afirmar, que os cursos (e o ensino superior), no decorrer dos anos, acompanharam o caráter mercantilista do avanço econômico brasileiro para justificarem sua permanência. Nos anos 90, eles aderem ao modelo neoliberal e isso, pode ser observado, pelo enfoque dado à gestão e tecnologia da informação no desenvolvimento de ambos os projetos pedagógicos. Um exemplo disso, em 1982, é a transferência do curso da UDESC para a FURB

em Blumenau, via convênio com esta instituição, e no ano 2000, o não oferecimento do curso de Biblioteconomia no Vestibular da UDESC, o que culminou na sua reestruturação curricular e na “nova” Habilitação em Gestão da Informação. Em função disso, como foi enfatizado na subseção anterior, houve a supressão de algumas disciplinas de cunho mais humanístico e a incorporação de outras, que se voltavam para o atendimento da habilitação proposta.

Mais recentemente, a UFSC, atualiza seu projeto político pedagógico e altera a estrutura curricular, criando nos 4 primeiros semestres, um Núcleo Comum de disciplinas, entre os três graduações ofertados pelo CIN: Arquivologia, Biblioteconomia e o novo curso Ciência da Informação. Entende-se que tal núcleo acaba por ser eficaz na economia e racionalização do trabalho do corpo docente da referida Universidade, e também, foi criado, conforme UFSC (2015b), como estratégia para superar a baixa procura no vestibular de Biblioteconomia.

Assim, conforme seu projeto político pedagógico, acredita-se que o futuro bibliotecário deva possuir um perfil compatível com os avanços das tecnologias de comunicação e informação e voltado para atender os usuários em um “espaço competitivo cada vez mais focado no domínio de tecnologias e conhecimentos, sendo imposto reinventar e aprimorar técnicas e conteúdos para atuarem devidamente em áreas multidisciplinares”. (UFSC, 2015b, p. 8).

A matriz curricular da UDESC incorpora as 6 áreas recomendadas conforme a ABECIN (2003) e como já foi citado na subseção 4.1 desta pesquisa. Nessa toada, a área de fundamentação teórica e de pesquisa são as que compõem as menores carga horárias, sendo que o enfoque está dentro do recomendado pela ABECIN, nas áreas de Organização e Tratamento da Informação, Recursos e Serviços de Informação, Tecnologias de Informação e Gestão da Informação.

Já a UFSC, não menciona seguir esta recomendação até porque na proposta de seu Projeto, metade do curso é realizada com conteúdos curriculares comuns à Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação. Entretanto, da mesma forma, percebe-se o predomínio as áreas de gestão, tecnologia e organização da informação.

Ao analisar o objetivo geral dos cursos, o enfoque é dado para o “compromisso com a gestão e a disseminação da informação” (UFSC, 2015b, 10) e para “produzir e utilizar conhecimentos técnico-científicos na gestão da informação” (UDESC, 2007, p. 8). Na UFSC, também observa-se no próprio objetivo geral e no seu último objetivo específico, respectivamente, questões ligadas ao subsídio e orientação das ações e fazeres enfocados, o quais são: “formar bibliotecários com visão crítica”, “com consciência de seu papel científico e social”; “intervenção como agente social”. (UFSC, 2015b, p.8).

Já na UDESC, tendo em vista sua habilitação, encontra-se em dois objetivos específicos apenas, voltados ao desenvolvimento de senso crítico, “Desenvolver capacidade crítica e competências para o processo de investigação científica” e “[...] desenvolvimento de práticas sociais inerentes à sociedade da informação”. (UDESC, 2007, p.8).

Em relação ao perfil do egresso esperado para ambos cursos, foram encontradas as seguintes especificidades: utilização das tecnologias de informação e comunicação como recurso à seleção, à aquisição, à organização, ao tratamento, à disseminação e ao acesso da informação e do conhecimento produzidos e apresentados em diferentes meios e suportes; gestão da informação; mediação e educação no uso de recursos informacionais; atuação social na disseminação da informação, consultoria no campo informacional. (UDESC, 2007; UFSC, 2015).

Dessa forma, percebe-se, sempre como “fim-último” a atuação bastante voltada para técnica e para a tecnologia, o que inclusive, se comprova pelas distribuição curricular dos projetos em questão. E de forma secundária e pouco explícita, os projetos trazem a necessidade de uma atuação social, inclusiva⁴² e cidadã. Esse fato, explica-se pela guiança de um modelo econômico,

⁴² Nesse direção, destaca-se que disciplinas sobre educação étnico-racial, libras e educação ambiental foram incorporadas no projeto atual da UFSC, já na UDESC, o projeto em vigor desde 2007, não incorporou essas disciplinas e observa-se a discussão (tímida) desses conteúdos implicitamente em outras disciplinas ou na disciplina de Antropologia Cultural, no caso das relações étnico-raciais, que aborda em sua ementa de forma geral, o etnocentrismo. Já libras não é abordada.

caracterizado pela hegemonia técnica e que vai na direção reducionista de um estreitamento de mundo, sendo a dimensão que mais interessa ao capitalismo.

No entanto, ambos projetos, apesar de seus princípios norteadores, pouco explicitam como a atuação social, inclusiva e cidadã, a qual é diretamente consubstanciada por uma formação de consciência ética, vai ser trabalhada nos alunos, já que a área de fundamentos teóricos está reduzida. Disciplinas das áreas de artes, psicologia, literatura, sociologia e antropologia cultural, estão cada vez mais suprimidas ou incorporadas dentro de outras disciplinas em detrimento das disciplinas mais técnicas e tecnológicas.

E ainda, relacionado à temática da ética, em ambos projetos, são poucos os princípios ou diretrizes que se direcionam no sentido da formação ética do bibliotecário. Nos conteúdos disciplinares, a UFSC tem uma disciplina “Ética Profissional”; e a UDESC, a partir de suas ementas, oferta a temática da ética e da ética profissional, respectivamente, nas disciplinas de “Evolução do Pensamento Científico e Filosófico” e “Introdução à Biblioteconomia e Ciência da Informação”.

A partir do explícito nos projetos, evidencia-se a pouca transversalidade da temática ao longo dos currículos, já que se encontra em 3 disciplinas e em poucas bibliografias. A situação parece não estar muito diferente do mapeamento feito em 2009, publicado pelo CFB, por meio da pesquisa de Bottentuit, Oliveira e Ferreira. Nas instituições de ensino, a construção da formação em ética, segundo as autoras, requer a comunicação de conhecimentos científicos que versem as teorias e conceitos ligados à temática.

Nesse sentido, Bottentuit, Oliveira e Ferreira (2009), ao analisarem a ética no currículo de Biblioteconomia, elucidam a importância da construção de projetos políticos pedagógicos dos cursos de graduação, que versem diretamente o princípio ético, de modo que ele seja abordado no currículo e nas práticas docentes e discentes. Na época da pesquisa⁴³, o conteúdo Ética e Ética Profissional estava presente na quase totalidade curricular dos cursos de

⁴³ Esta é uma pesquisa única e importante de ser citada, acredita-se, pelo que vem sendo exposto e pesquisado para esta tese, que tal situação não tenha evoluído muito até os dias atuais.

Biblioteconomia no Brasil, porém, com pouca atenção. Na pesquisa, foi detectado que tal conteúdo podia aparecer de três formas distintas: como disciplina própria, como unidade integrante de outra disciplina e como conteúdo transversal de matriz não disciplinar.

A maioria dos cursos, adotou conteúdos sobre Ética como parte de disciplinas (por exemplo, “Introdução à Biblioteconomia e Ciência da Informação”, e “Fundamentos em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação”). Por outro lado, alguns cursos já trabalham com disciplinas próprias como “Ética Profissional” (UFF, PUCPR, UFRGS, UFSC), ou somente “Ética” (FUNLEC, com carga horária de 80 h), “Ética e Informação” (USP-Rio Preto), “Ética da Informação” (UFPb), Infoética (UFPR) e “Ética aplicada à Ciência da Informação” (UEL-PR). Outro ponto levantado, é que na maioria dos casos, geralmente a ética é ministrada nas fases iniciais dos cursos.

Portanto, é dada pouca atenção nas Instituições de Ensino Brasileiras já que até o ano de 2009, somente sete Instituições, dentro de um universo de 37 escolas pesquisadas, possuíam uma disciplina específica para tal temática, no mais 75% das escolas inserem a temática no contexto de outras disciplinas (BOTTENTUIT; OLIVEIRA; FERREIRA, 2009). As autoras, ainda na mesma pesquisa, ressaltam que independentemente, do oferecimento da disciplina Ética, o conteúdo pode e deve ser tratado em toda a transversalidade curricular, permeando todos os conteúdos ministrados e as práticas docentes e discentes.

Para tanto, a efetivação dessa tarefa requer o apoio de disciplinas complementares que subsidiem tal aprendizado, de modo que o discente possa ter consciência, ou fenomenologicamente falando, que essa formação possa ser percebida e intencionada pelos futuros egressos.

Acredita-se que a formação ética (e política) não se faz apenas com disciplinas, e sim, na transversalidade do currículo e da atuação docente, incluindo-a e planejando-a em seus conteúdos programáticos aos longo das aulas, em suas pesquisas e projetos de extensão, estágios, eventos e outras ações que fomentem o desenvolvimento, no estudante, dessa consciência.

E no mais, evidencia-se, segundo Souza, (2002) e Bottentuit, Oliveira e Ferreira, (2009) que além do currículo formal, a temática seja assumida no

currículo de fato, e incorporada no cotidiano escolar e integrada com outros cursos e órgãos profissionais da classe.

Entendo que o currículo é elaborado com base no projeto, já que é no mesmo, que se encontram prescritos as diretrizes educativas, objetivos e perfil esperado do egresso. Vejo ainda, um movimento mais amplo. Percebo esse currículo como o produto de um discurso verticalizado que começa em um nível marco e vai para o micro, em um caminho descendente: desde a Constituição brasileira, passando pelas leis federais e estaduais que regem o ensino e a regulamentação das profissões, aos instrumentos regulatórios e administrativos das Universidades, seus projetos pedagógicos institucionais e por fim, passando pelos projetos pedagógicos dos cursos e enfim, chegando nos currículos.

Nesse sentido, como pano de fundo, tem-se a soberania de um discurso político-econômico mercantilista que orquestra os discursos materializados nos instrumentos legislativos e administrativos e que direcionam o ensino e a formação dos alunos e dos próprios docentes. Além disso, esses discursos, em grande parte, são aceitos e repercutidos pelos docentes nas suas práticas. Portanto, o currículo serve como um espelho, ao refletir esta dinâmica.

Por fim, Alves et al (2006), entendem o currículo caracterizado como um conjunto de pressupostos de partida, de metas que se desejam alcançar e dos passos que se darão para alcançá-las. E ainda, como um conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes consideradas importantes para o desenvolvimento de um grupo, num determinado tempo e espaço. O currículo é um espaço onde se exercitam as forças culturais e políticas. No entanto, nem sempre está pronto e posto para ser cumprido. **Ele é construído na medida em que os sujeitos se envolvem, se entrelaçam e se comprometem na construção dos conhecimentos necessários para a sobrevivência do grupo social.** (ALVES et al, 2006, grifo nosso).

Dessa forma, em face ao grifado, o currículo apresenta uma dimensão ética e política, uma vez que promove agires e fazeres que mantenham a sobrevivência do grupo social (profissional e sociedade). Idealmente, ao vislumbrar uma sociedade justa, o currículo deveria contemplar o equilíbrio dessa sobrevivência, uma vez que a sobrevivência do grupo profissional

deveria estar subordinada à sobrevivência da sociedade como um todo. Tal equilíbrio, seria regulado pela associação profissional, por meio de bibliotecário congregados politicamente, que pensam o desenvolvimento da profissão em prol do atendimento das necessidades dos indivíduos que compõem a sociedade. Entretanto, parece-me que não há este equilíbrio, uma vez que a sobrevivência do grupo profissional está subordinada às exigências neoliberais que propulsionam o mundo do trabalho.

Conforme exposto, o projeto pedagógico também é um discurso e uma representação que reflete o caminhar do coletivo docente responsável pela sua existência. Observa-se nele, uma caminhada de vários diálogos e discursos, valores, crenças, expectativas e interesses que se entrelaçam ao compor este agir ético e político, o qual que direcionará o sentido de determinada ação educativa e formativa.

Apesar desses discursos reificados e legitimados, existem outros para além desses, que também compõem a formação do egresso, já que o mundo da vida, segundo explica a fenomenologia social, é uma teia complexa de relações, intencionalidades e subjetividades em constante interação e fluíção. Dessa forma, apesar do projeto também ser a representação de um coletivo docente, há ainda que se considerar a ação e os discursos desses docentes, *a partir e para além* do que está exposto no projeto. No caso desta investigação, estes discursos foram coletados nas Universidades pesquisadas (conforme será exposto adiante nos procedimentos metodológicos).

Ademais, Nascimento (2014) entende ser fundamental que os cursos incrementem seus corpos docentes, acompanhem os novos paradigmas da Biblioteconomia e observem o impacto de fatores determinantes como a globalização do mercado e a utilização de novas tecnologias. Entretanto, a mesma autora se preocupa e alerta:

mas, acima de tudo, é imprescindível que se reflita sobre que tipo de profissional quer formar para desempenhar quais papéis em que tipo de sociedade. As reformulações curriculares buscam constantemente, atender as necessidades pontuais do mercado de trabalho e acompanhar a evolução tecnológica da atualidade para oferecer o melhor de qualidade de ensino possível. No entanto, é bom permanecer alerta para não correr o risco de se deixar levar pelos modismos

tecnológicos e efêmeros e tecnológicos voláteis, nem repetir os erros do passado recente quando as técnicas se sobrepuseram à formação erudita. É salutar não sacrificar os conhecimentos gerais, culturais e humanísticos relevantes para um profissional da informação, assim como não relegar uma formação acadêmica que priorize a capacidade de reflexão à crítica e à criatividade, qualidade indispensáveis a um profissional de nível superior. (Nascimento, 2014, p. 100)

Por fim, anuncia-se a próxima seção, a qual pretende trazer algumas reflexões sobre o processo educativo do bibliotecário, mais focado sob a perspectiva da ética.

6 MISSÃO DO BIBLIOTECÁRIO E A ETICIDADE DO SABER-FAZER E DO SABER-AGIR

Os saraus tiveram que invadir os botecos
 Pois biblioteca não era lugar de poesia
 Biblioteca tinha que ter silêncio
 E uma gente que se acha assim muito sabida
 Há preconceito com o nordestino
 Há preconceito com o homem negro
 Há preconceito com o analfabeto
 Mas não há preconceito se um dos três for rico, pai [...]
 Afasta de mim a biqueira, pai
 Afasta de mim as biate, pai
 Afasta de mim a coqueine, pai.
 Pois na quebrada escorre sangue.
 (Criolo)⁴⁴

Quais valores fundamentais orientam nossas ações para a vida em sociedade? Acima, no trecho do *rap* feito por Criolo, evidencia-se a crítica à violência, ao preconceito e à exclusão, predominantes nos centros urbanos. Uma associação possível, é o baixo número de leitores, o qual está inversamente proporcional ao alto consumo de drogas, à criminalidade e ao racismo. Outra questão, refere-se à ênfase no acúmulo de riqueza material como fator de prestígio social: “mas não há preconceito se um dos três for rico, pai”. Quais valores são esses que privilegiam o “ter” ao “ser”?

Quais valores são esses guiam a ação dos bibliotecários e das instâncias governamentais, ao consentir esta situação: “biblioteca não era lugar de poesia. Biblioteca tinha que ter silêncio e uma gente que se acha assim muito sabida”? Qual é o sentido que direciona uma categoria profissional a agir passivamente diante do descumprimento dos direitos humanos, da falta de acesso à informação e da exclusão social? De forma que ao negar o não cumprimento de sua missão profissional, nega a liberdade e a autonomia dos cidadãos. Posto isto, faz-se necessário conhecer as perspectivas éticas que direcionam o agir em sociedade.

⁴⁴ Em 2011, o *rapper* paulistano, Criolo, fez uma releitura da música Cálice (1978) de Chico Buarque e Gilberto Gil. Tal releitura foi reconhecida por Chico que a cantou e ainda, acrescentou um refrão a mais no *rap*, em resposta à Criolo.

Na trajetória pessoal ou coletiva, seja profissional ou não, a ética pode ser tomada como uma bússola que orienta o sentido das ações, fornece direções e valida comportamentos e atitudes. Aprender o significado de ética e suas diferentes abordagens contemporâneas, auxilia o entendimento de quais valores orientam as ações e comportamentos dos indivíduos e seus grupos na sociedade. Seu entendimento perpassa pela assimilação e distinção do conceito de moral⁴⁵.

A relação entre esses termos, se dá uma vez que a ética tem suas raízes no fato moral. A moral é um conjunto de normas, regras, condutas e/ou comportamentos que visam regular as relações entre os indivíduos numa determinada comunidade social. Dessa forma, a ética, enquanto ciência e ramo filosófico, avaliará a conduta humana perante o ser e seus semelhantes. E ainda, coloca em questão, o desempenho humano em relação às normas e valores comportamentais estabelecidos num dado contexto social. Também, pode ser definida, terminologicamente, como uma reflexão filosófica sobre a moral. (CHAUÍ, 2000; SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1990; TUGENDHAT, 1996).

Na atualidade, enfatiza-se o pluralismo de comportamentos e de valores no agir de diferentes grupos, com motivações e expectativas diferentes. Tal fato, justifica o enquadramento do agir humano dentro de algumas perspectivas éticas, como: utilitarismo, alteridade, finitude, discurso e responsabilidade. As diversas correntes éticas apresentam teorizados os valores humanos e devem ser consideradas fontes de conhecimento, já que ajudam a nortear o agir humano e profissional de vários coletivos, entre eles, os bibliotecários.

O utilitarismo ancora-se no princípio da utilidade uma vez que entende que a melhor ação é aquela que propicia benefícios a um montante maior de indivíduos, ou seja, incentiva a maximização da felicidade e do bem-estar. A ética utilitária tem como intuito alcançar a felicidade por meio da razão e da lei,

⁴⁵ Nessa seção, retomei e aprofundei a base bibliográfica da revisão de literatura sobre ética e ética

profissional do bibliotecário levantada em trabalho anterior de dissertação (PIZARRO, 2010). Tal retomada justifica-se por acreditar que estas obras trazem noções básicas importantes e também, pela escassa produção científica na área da ética profissional do bibliotecário desde aquela ocasião. Além disso, foram acrescentados novos conteúdos que serão delineados com maior profundidade nesta seção.

de forma consequencialista (BENTHAM, 1979; CARVALHO, 2000). Seu precursor Jeremy Bentham, sugere tal doutrina, na passagem do século XVIII para o século XIX, em momento de crescimento da revolução industrial. Bentham busca na origem do Epicurismo uma sustentação para a ação utilitária. Por sua vez, Epicuro, filósofo pós-socrático, ao propor sua doutrina filosófica, afirmava que o indivíduo, no transcurso de sua existência, tem como meta a busca do prazer (felicidade), de modo que se ausente da dor psíquica. (EPICURO, 2002) .

No entanto, existem muitas críticas à ética utilitária, pois esta escola contempla uma maioria e marginaliza uma minoria, a qual não se enquadra nas ações. Esta corrente de pensamento sustenta o desenvolvimento do capitalismo na medida que apoia a maximização do acumulo de capital para atender os fins do setor produtivo. Nesse sentido, o “Imperativo Categórico” proposto por Kant, questiona a capacidade individualista do utilitarismo em detrimento de uma coletividade (GIACOIA JR, 2000).

Entre as diversas perspectivas éticas, outra que se destaca, e se contrapõe aos sistemas morais consequencialistas ou infinitistas, é a perspectiva da finitude. Tem Heidegger como seu precursor e baseia-se no princípio da razão suficiente da finitude do ser e do pensar. Nessa vertente, questiona-se o predomínio da razão instrumental e a perfectibilidade do fazer tecnológico (LOPARIC, 2000).

A objetivação do ser humano motivada pela racionalidade prática acaba por “industrializar” o ser humano e desconsiderar a subjetividade contida nas ações humanas. Para Loparic (2000), racionalizar significa submeter um processo a uma determinada técnica, porém não se pode simplesmente concentrar o agir humano, totalmente, objetivado pela razão.

A predominância da razão técnica se impõe em todos os campos e traz consigo uma rede de dependências, que segundo Dupas (2000), norteia o modo de pensar e representar o mundo, oferecendo sistemas especializados de ação sobre o homem, sociedade e a natureza.

Observa-se, atualmente, a centralidade da informação nos processos, sociais, econômicos, culturais e humanos. Grande parte disso, deve-se a emergência das tecnologias de comunicação e informação. Nesse sentido,

existem desafios e mudanças que afetam profundamente a estrutura social e o “modos operandi” da sociedade. Destaca-se, a exigência de imperativos como rapidez e flexibilidade, no comportamento dos profissionais. Estas exigências geram instabilidade e competição, pelo fato da tecnologia e das novas formas de trabalho estarem sempre se reinventando. (SENNET, 2002).

Nessa linha, quando se versa questões relacionada às tecnologias de informação e comunicação, é possível tratarmos de outra corrente, a saber: a ética da responsabilidade. Esta abordagem tem como seu idealizador Hans Jonas. Segundo ele, os resultados do poder alcançados por meio da tecnologia não atingem somente um indivíduo, mas também, toda uma coletividade; deixando consequências cumulativas ora para natureza, ora para o próprio ser humano. Giacoia Jr (2000) explica que a racionalidade instrumental e o avanço tecnocrático fomentam valores individualistas e enfraquecem a ideia do dever e da responsabilidade perante à natureza e às futuras gerações.

Vale mencionar, também, a corrente da Ética do Discurso, a qual tem em Habermas (2003), um dos seus principais pensadores, em função de sua Teoria do Agir Comunicativo. No discurso, a intersubjetividade perpassa o sentido e validade do dos conteúdos significantes trocados nas interações dialógicas. Sendo assim, para este autor, as maneiras de agir estão condicionadas à mediação da linguagem. Dessa forma, os acervos de conhecimentos são intersubjetivados via processo comunicativo e podem subsidiar a democratização das formas de decisão na sociedade. (HABERMAS, 2003; HERRERO, 2000).

E por fim, uma das abordagens éticas elencadas aqui, é a da alteridade. Salienta-se que, no século XX, outras concepções, adversas ao pensamento utilitário, vêm ganhando força (conforme pode-se observar no exposto anteriormente). Uma delas, reside na alteridade. Emanuel Lévinas, ao formular esta doutrina, rejeita a visão tradicional de consciência racional e foca na relação inter-humana como uma chance de humanização, à medida que o homem ganha seu maior sentido, na relação com seu semelhante (PIVATTO, 2000).

Muito além da ideia de bem, é preciso que haja fluidez para transcender em direção ao bem, ou seja: em direção do outro. Ir além de nós mesmos para nos reconhecemos no outro, de modo que se tenha empatia ou compreensão de suas dores e alegrias. Seu precursor atenta que este “outro” deve ser aceito em suas particularidades, sem exclusão e descaso. (LÉVINAS, 1993).

Ressalta-se que Lévinas⁴⁶ teve forte influência da fenomenologia, já que foi aluno de Husserl e de Heidegger. O pensador lituano buscou a tentativa de uma “nova ética”, que se voltasse ao respeito às diferenças e ao reconhecimento do “Outro”.

Portanto, compreender algumas noções que compõem as perspectivas do agir ético é importante quando se reflete sobre o sentido das ações e os valores que as orientam. Vale ressaltar, que na ética, o valor está na base do desenvolvimento moral de determinado grupo, em determinado contexto social. De posse da consciência do que é a ética, os indivíduos se “empoderam”, já que são capazes de adotar uma postura mais reflexiva perante dilemas sociais e profissionais.

A maior benfeitoria ao se ter consciência ética, reside em poder equilibrar a consequência de nossas próprias ações com as expectativas alheias. Nessa direção, Sennet (2002, p. 10) entende caráter como “[...] o valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e a nossas relações com os outros”.

A partir do momento que se pensa em atender às expectativas alheias de uma maioria (desconsiderando o atendimento a uma minoria que também merece esse atenção), opta-se por agir baseado em valores utilitaristas e por vezes, individualistas. Nesse caso, como já comentado, esta é a abordagem que consubstancia a ética é a Utilitarista.

Outras vezes, quando se investe numa atitude mais altruísta e despida de interesses individuais está se levando em conta diversos fatores. Entre eles, a sustentabilidade de nossas práticas, de nosso ambiente e até mesmo de nossos discursos para que atuais e futuras gerações possam compartilhar de

⁴⁶ Assim como Villém Flusser, Lévinas também teve muitas familiares mortos pelos nazistas, exceto sua esposa e filha, as quais receberam a proteção de amigos (MELO, 2003).

qualidade de vida no mundo. Assim, também está se considerando valores como: respeito, liberdade, alteridade, tolerância, entre outros, menos objetivos e mais subjetivos. E nesse aspecto, alinha-se com os preceitos éticos da alteridade, do discurso, da finitude e da responsabilidade.

No mundo da vida, a ética e seus valores dão sentido para a ação, (re)significando-a. Seria possível estabelecer uma relação entre a consciência ética, consciência crítica e atitude fenomenológica? Dessa forma, retoma-se à Sokolowski (2012, p. 21), que lembra: “a fenomenologia mostra que a mente é uma coisa pública, que age e manifesta a si mesma publicamente, não apenas dentro de seus próprios limites. Tudo é externo”.

Ao encontro dessa ideia, a atitude fenomenológica nos permite extrapolar nossa atitude natural, uma vez que nela, talvez haja uma inconsciência da importância do agir ético. Ao nos apropriarmos de uma atitude fenomenológica, podemos ter mais clareza para repensar as consequências de nossos atos e incorporar valores para ressignificá-los. Repito aqui, o título da seção anterior quando menciono as relações do mundo da vida sob a *luz* da fenomenologia.

Nesse sentido, o bibliotecário brasileiro vem construindo sua realidade social, e conseguinte, um repertório de conhecimentos e discursos que endossam sua prática. Simultaneamente, outros fenômenos estão acontecendo nesse mundo da vida. Fenômenos, relacionados à economia neoliberal, política e desenvolvimento tecnológico que influenciam nas atitudes e comportamentos de vários coletivos profissionais e indivíduos.

No caso do bibliotecário, nas últimas décadas do século passado, uma reconfiguração social do exercício profissional dos bibliotecários é percebida, a partir do desenvolvimento acelerado das tecnologias de informação e comunicação e de sua aplicabilidade enquanto ferramentas de trabalho. Em função desse progresso, há uma ampliação do leque de alternativas de trabalho para estes profissionais, uma vez que a informação está na centralidade dos processos econômicos e sociais.

Mediante a essa constatação, deve-se levar em conta, o impacto e influência dessas tecnologias sobre as práticas efetivas dos profissionais. Aranalde (2005) acredita que essas transformações colocam o bibliotecário, frente à grandes desafios, entre eles, o próprio reconhecimento dessa nova

reconfiguração profissional e a capacidade crítica perante o uso e apropriação dessas tecnologias.

Sennett (2002) critica a exigência exagerada por flexibilidade e rapidez no desenvolvimento do trabalho. Ele responsabiliza estes imperativos, proporcionados pelo uso das tecnologias de informação e comunicação, de incentivarem uma cultura do esquecimento, onde o novo deve, necessariamente, substituir o antigo, enfraquecendo, algumas tradições e práticas relevantes, que perdem espaço para concepções superficiais e que, rapidamente, tornam-se obsoletas.

Na denominada “sociedade da informação”, a partir do desenvolvimento tecnológico, há uma recondução nos modos de produção material e imaterial. Nesse sentido, surgem implicações no papel das profissões da informação. Enfatiza-se a importância do estudo da ética profissional, tendo em vista a compreensão do porquê e do como se deve praticar as normativas éticas nas relações de trabalho (SOUZA, 2002b).

O desenvolvimento capitalista influencia, de forma direta, o desenvolvimento das profissões e com isso, se faz necessário repensar questões técnicas e operacionais relativas às profissões e seus objetivos. A ética profissional reflete uma dimensão cotidiana das relações de trabalho e tem por objetivo, reavaliar o conjunto de valores morais que uma determinada classe profissional tomará como norte para agir de forma mais adequada no contexto social em que está inserida. Isso pode ser traduzido em um instrumento regulador dessa conduta, expresso em um código de ética. (GUIMARÃES *et al*, 2008; SÁ, 2001).

Nessa direção, Souza (2002b) entende que a ética profissional visa garantir a preservação das profissões e a subsistência dos profissionais. Em uma sociedade profissionalista, a ética promove a igualdade entre os membros de uma corporação, e também, evidencia as diferenças entre o grupo profissional e a sociedade.

Duas principais vertentes doutrinárias estão presentes quando se reflete sobre a ética profissional, uma delas é o utilitarismo e a outra a deontologia. Conforme já foi abordado, a ética utilitária determina o agir em função dos maiores benefícios para um número maior de pessoas, ou seja, a escolha

moral ancora-se na ação que produzirá mais benefícios (McGARRY, 1999). Cita-se que no campo das práticas biblioteconômicas, o Código de Ética da *American Library Association* – ALA segue esta perspectiva, conforme já era de se esperar (pela ênfase no caráter econômico capitalista do país a qual está subordinado).

Já a deontologia, foi uma expressão terminológica, também criada pelo filósofo Jeremy Bentham, e opõe-se à razão utilitarista do que ele próprio defendia anteriormente. Nesse sentido, essa doutrina está associada ao iluminismo kantiano, pois entende que as ações devem ser realizadas independente das consequências, podendo estar certas ou erradas, em si mesmas (MOTA; ROCHA, 2005, p. 85). Na vertente ética deontológica, a ação é decorrente do sentido de dever moral. O Código de Ética do Bibliotecário Brasileiro é baseado nesta perspectiva.

Entretanto, apesar dele implicar em um referencial de valores básicos para a orientação do comportamento, deve-se reconhecer que as normas trazidas pelo código, perdem sua validade, a partir do momento em que a conduta pessoal não for condizente com elas. (CUARTAS; PESSOA; COSTA, 2003). Nenhuma teoria ética é capaz de oferecer garantias de boa convivência e alteridade. Para tal, requer-se atitude e disposição das pessoas em participar de uma vida melhor e com mais qualidade (ARANALDE, 2005).

Uma outra questão que deve ser levada em conta, é que o Código de Ética do Bibliotecário Brasileiro, tem sua terceira e última versão datada de 2002. Porém, a mesma permanece com poucas alterações em relação a sua primeira versão, do ano de 1966. Nesse intervalo de tempo, Souza (2013) recorda que o país passou por uma reconfiguração política, onde se sai de um contexto de ditadura para democracia e para o direito na participação de eleições presidenciais. Essa mudança por si só, já é bastante relevante para justificar um reajuste no texto do código.

Ao se considerar um período onde informações eram censuradas e outro onde há liberdade de expressão, verifica-se diferenças em relação aos modos de agir em cada uma dessas situações, e conseqüentemente, de se ordenar a profissão. Nesse sentido, levanto três pontos: i) a prática atual do bibliotecário está desalinhada com o elencado no código em vigor e/ou ii) há uma

inconsciência em relação à existência do código e à questão ética (PIZARRO, 2010) e/ou iii) há uma passividade política da categoria refletida na aceitação dessa realidade.

Os malefícios dessa desatualização não atingem somente os bibliotecários, que saem perdendo, e sim, as diversas entidades distintas, com as quais se relacionam: “o usuário, a organização, a informação, a profissão e o eu mesmo” (GUIMARÃES, 2000, p. 65). E mais, há uma dupla contradição no código, uma vez que sua desatualização, representa a falta de compromisso com as cinco instâncias acima e com o próprio compromisso exposto na seção dos deveres e obrigações, art. 2, alínea A: “dignificar, através dos seus atos, a profissão, tendo em vista a elevação moral, ética e profissional da classe” (CFB, 2002).

Uma última incongruência, também, pode ser constatada. O código de ética, ao representar o discurso elaborado e consentido pelos próprios bibliotecários, reforça um fraco diálogo entre os pares. Pressupõe-se que é a partir das relações sociais mediadas comunicativamente pela linguagem, que surgem os discursos enquanto legitimação de diversas falas. Cadê a voz do Bibliotecário? Na ocasião da sua formação profissional, ele é ensinado para dialogar? Estas questões estão contempladas nos projetos de ensino? Lembrando que os projetos pedagógicos, nada mais são, também, que as diversas falas e discursos reunidos e reificados em um documento.

Considero preocupante as constatações anteriormente destacadas, principalmente quando a desatualização (ou o descaso) refletem a inconsciência ou semiconsciência da missão profissional ou do *ethos* da Biblioteconomia. Frequentemente, busco em Ortega y Gasset (2006, p. 7), inspiração para o significado do termo missão: “a consciência que cada homem tem de seu mais autêntico ser, daquilo que está chamado a realizar”. Mais adiante, o mesmo professa em relação à missão profissional: “a missão do homem, o que cada homem deve fazer para ser o que é, e a missão profissional, em nosso caso a missão do bibliotecário, o que o bibliotecário deve fazer para ser um bibliotecário”.

O que o bibliotecário deve fazer para ser bibliotecário, se pensarmos no fim-último de sua profissão? Qual é a sua missão social e por que o

bibliotecário existe na sociedade? Nessa direção Ortega y Gasset (2006, p. 45-46) nos responde

orientar o leitor não especializado na *selva selvaggia* dos livros, e ser o médico, o higienista de suas leituras [...] nesta dimensão de seu ofício imagino o futuro bibliotecário como um filtro que se interpõe entre a torrente de livros e o homem.

Portanto, a missão social do bibliotecário, passa pela mediação de demandas discursivas que respondem à necessidades de pessoas. Ou seja, por meio do processo comunicativo, o bibliotecário, de maneira ética e responsável, viabiliza que um determinado acervo social de conteúdos significantes seja intersubjetivado pelo o seu leitor⁴⁷. Desse modo, quando o leitor se apropria desse conteúdo, acrescenta benefícios em sua qualidade de vida em sociedade. Para tanto, antes da mediação, o bibliotecário elege critérios que orientem a escolha dos conteúdos (os quais futuramente ele vai mobilizar para seu leitor) na “selva *selvaggia*” das informações.

Esses critérios têm incutidos alguns valores, que direcionam o seu fazer técnico e refletem a dimensão ético-política de seu agir. Assim, ele deve levar em consideração a produção de bem e felicidade para alguém e consequentemente, para uma coletividade.

Nessa direção, Aristóteles (1973, 2003) considera a ética, como uma doutrina moral em nível individual; e já a política, como doutrina moral social. Assim, o coletivo supera o individual e o bem comum precede ao individual. Para ele, o homem é por natureza, um animal político e social, já que não é possível, realizar sua inteireza sem o todo. O filósofo sugere que o homem é carente e imperfeito e precisa da comunidade organizada (*Pólis*) para realizar sua completude.

Portanto, voltando à missão profissional do bibliotecário, Ortega y Gasset (2006, p.13) afirma “ao exercer uma profissão, compromete-se a fazer o que a sociedade necessita”. O filósofo espanhol acrescenta que até o século XX, esse profissional tinha “se ocupado principalmente do livro como coisa, como

⁴⁷ Chamarei aqui, o receptor das práticas do bibliotecário, não como usuário, e sim, como leitor. Partindo do princípio que determinado conteúdo ao ser interiorizado, ganha sentido ao ser *lido* por uma consciência.

objeto material. A partir de hoje terá que cuidar do livro como função viva: terá de exercer a polícia do livro e tornar-se domador do livro enfurecido” (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 39).

Nessa direção, ressalta-se a responsabilidade (e o poder) que o bibliotecário tem ao mediar informações e promover a transformação política do tecido social. Acredito, ser esse, o fim-último da missão profissional do bibliotecário. A consciência dessa missão pode ser constituída na trajetória sócio-histórica desse profissional, porém, em primeira instância, ela tem seu início no processo educativo realizado na graduação.

6.1 O processo educativo e a formação de consciência ética do bibliotecário

Como já visto, a consolidação da Biblioteconomia, veio ao encontro da expansão industrial e cultural do início do século XX e adota, fortemente, o modelo educacional estadunidense, o qual tem grande influência na formação profissional do bibliotecário. Tal modelo tem base utilitária e prioriza o tecnicismo e o instrumentalismo, como se isso bastasse, para a modernização e atualização profissional.

O ensino prioriza o uso de técnicas e tecnologias, e assim, acaba por reforçar uma visão reducionista da prática e um senso mecanicista no agir. Sendo assim, o profissional tem uma postura autocentrada na informação e focaliza sua prática para a maximização dos resultados. Dessa forma, os questionamentos sobre os desdobramentos de seu agir não são o foco principal. Sendo assim, problemas éticos e sociais ficam em segundo plano.

Souza (1997) elucida que, embora não se possa imputar aos bibliotecários a responsabilidade política mais ampla por essa decisão, há certamente uma responsabilidade ética e social que, aparentemente, não tem preocupado a quase totalidade da categoria.

Assim, as heranças desse modelo educacional são verificadas em Castro e Ribeiro (2004). Os autores recordam sobre a tímida atuação da categoria em relação ao momento político, cultural e educacional, durante os anos de 1970 e 1980:

Era a efervescência a do movimento hippie, dos Beatles, enquanto isso os bibliotecários viam a banda passar à luz de Dewey, do Código do Vaticano ou da ALA, ou seja, enquanto Brigitte Bardot escandalizava as mulheres e encantava os homens, esses profissionais prendiam-se às técnicas de catalogação, classificação e organização de catálogos e bibliografias, esquecendo-se dos aspectos sócio-histórico-culturais. [...] Ressaltamos que a expansão dos Cursos de Biblioteconomia ocorreu na sua maioria, pós-reforma universitária de 68, portanto, no auge da ditadura militar, ou seja, na mesma proporção em que eram fechados os cursos de Sociologia, Antropologia e Filosofia, o que não é de difícil compreensão, pois estes questionavam o sistema político vigente. O ensino de Biblioteconomia se expandia, onde a partir da nossa competência técnica eliminava-se dos catálogos e do acervo documentos que tratassem de temas sobre comunismo, guerrilha, feminismo, emancipação política por outros menos comprometedores, a exemplo de nacionalismo, desenvolvimentismo, progresso e outros. (CASTRO; RIBEIRO 2004, p. 43).

Voltando um pouco mais no tempo, ao término da II Grande Guerra, nota-se a introdução da informática no campo da Biblioteconomia e a exigência de novos perfis profissionais, que se adequassem às novas tecnologias e que organizassem a grande massa documental desenvolvida nesse período, especialmente, relativa à produção bibliográfica nacional técnico-científica. Dessa forma, Castro e Ribeiro (2004) afirmam que os bibliotecários se consideravam *servos* da ciência. Para eles, isso correspondia à modernidade bibliotecária, visto que para desenvolverem tal prática profissional careciam de especialização em um dado campo.

No tocante ao exposto, no parágrafo anterior, os mesmos autores ainda, chamam à atenção para a expressão “*servo*”. Souza (1997), também, reflete sobre a subserviência do comportamento do bibliotecário brasileiro, na qual este profissional

É subserviente a um interesse externo com o qual pouco dialoga porque aquele poder externo não se lhe abre e contra o qual pouco reage, quando reage. [...] Subserviente porque seus “líderes” têm compromissos francamente majoritários com a chamada Informação Científica e Tecnológica, com a Virtualização, etc. num país onde a educação desassistida de bibliotecas não é denunciada convenientemente, e nem lhe são apontadas alternativas. Subserviente porque duplamente equivocado: equivocado por uma prática que nega o contexto

social e equivocado por fazer da escola de Biblioteconomia um reforço do primeiro equivoco. (SOUZA, 1997, p. 5, grifo nosso).

O mesmo autor ainda, propõe que o bibliotecário deixe de ser um mero executor ou repetidor de práticas e passe ao *status* de construtor. Para sair dessa esfera de simples executor de serviços em apoio às ciências, artes e técnicas, “precisará reestruturar sua carreira, iniciando por uma modificação de seu ensino. Mas isso terá muitos desafios. O enraizamento do tecnicismo é bastante expressivo [...]”. (SOUZA, 2003, p.124)

Algumas discussões, a partir de diferentes vieses teóricos, se concentram na formação de um profissional flexível que deve se adaptar aos diversos contextos e públicos. O processo educacional deve preparar um profissional apto para além da dimensão técnica de suas atividades, e com formação política e ética, a fim de se posicionar de forma crítica, independentemente do contexto de atuação, mediante aos “antagonismos” (CASTRO; RIBEIRO, 2004) ou “ambivalências” (DEMO, 2000) da Sociedade da Informação.

Mais que a adoção de um novo currículo, talvez, seja necessária uma nova abordagem das matérias previstas no atual currículo privilegiando

[...]a adoção de metodologias de trabalho didático pedagógico; nova divisão disciplinar; redução ao mínimo necessário das cargas horárias das disciplinas técnicas tradicionais [...]; ênfase nas matérias que fornecem conteúdos contextualizadores e incremento das práticas, em situações plenas de campo ou em laboratórios vivos, por exemplo. (SOUZA, 1997, p. 44-45).

O desafio do atual paradigma educacional, para a área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação é a capacitação, não só à nível de formação técnico-científica, mas também, de egressos com

competência política, que leve ao confronto, num primeiro estágio, e a um diálogo, num segundo momento, em torno de uma visão global da área, como um processo, portanto, sendo ela permanentemente reconfigurada. (SOUZA, 2004).

Castro e Ribeiro (2004, p. 50) reforçam que esta formação deve responder à necessidade do “Brasil dos ricos e do Brasil dos pobres, o Brasil

dos informados e dos desinformados”. Nesse sentido, Maimone, Silveira e Tálamo (2008) complementam que o bibliotecário possui uma forte ligação com o desenvolvimento de culturas e formação de cidadãos. Portanto, não se deve limitar somente o acesso às informações de acordo com o foco econômico vigente, e sim, deve-se privilegiar a prevalência do desenvolvimento e melhoria da sociedade como um todo.

Muito embora, a questão da ética profissional e sua importância seja ainda obscura⁴⁸ para muitos bibliotecários, ela perpassa todas as esferas da atuação seja a técnica, política e até mesmo a estética. Pois ética é ligada à axiologia enquanto ciência dos valores, e na base da ação do indivíduo está a aceitação de determinado valor moral. Valor esse, que reflete uma construção social, a socialização de modos de ser e pensar, e até mesmo, o consentido dele por parte de determinada coletividade.

Na atuação de um docente, do bibliotecário ou mesmo da categoria, pode haver diferentes valores coexistindo e determinando suas ações, sejam valores individualistas, sejam valores mais subjetivos voltados para a construção coletiva. Pode haver também, a predominância de certos tipos de valores. E isso, nem sempre está nítido para quem está experienciando a prática desses valores. Para explicar melhor essa proposição, volto à Schütz no seu texto “O estrangeiro”, quando nele, o autor explica que o conhecimento do homem que age e pensa dentro do mundo de sua vida cotidiana não é homogêneo; sendo incoerente, parcialmente claro e não totalmente livre de contradições. (SCHÜTZ, 2010, p. 120).

Em conformidade ao abordado na seção 2 desta tese, primeiramente, o conhecimento é incoerente pois há diferentes interesses que determinam o desenvolvimento de suas ações. Segundo, o conhecimento sobre seu mundo e sobre as relações de seu grupo, é parcialmente visível, na mesma proporção, de seu interesse por este conhecimento. E por fim, seu conhecimento é

⁴⁸ Mediante a abordagem fenomenológica fica mais iluminada a compreensão do que é obscuro: aquele fenômeno que ainda não foi revelado ou apreendido (totalmente) por uma consciência individual e/ou coletiva. Dessa maneira, esse conhecimento e a construção social que envolve a expressão deste fenômeno, pode não ter sido captada por uma pessoa ou grupo. Portanto, ele é inconsciente ou semiconsciente.

incongruente, ilógico e inconsistente pois seus pensamentos comportam assuntos de diferentes níveis e relevâncias.

Ademais, quando se pensa que o conhecimento não é consistente, Schütz (2010) exemplifica que um pai, cidadão, profissional e membro de uma igreja pode ter as mais contraditórias e diferentes opiniões sobre moral, política e economia. Assim, também se sucede com o profissional. Entretanto, o que determinará a relevância de sua ação, será seu nível de interesse por esse conhecimento ou fenômeno em questão. Por conhecimento, neste caso, também pode dizer: consciência.

Há ainda, que se considerar na construção social dá realidade, que os fatores sócio-históricos também estão permeando e influenciando as atitudes e interesses dos indivíduos. Nesse sentido, há uma confluência das estruturas espaciais, sociais e temporais do mundo da vida. Observa-se que ações realizadas no passado podem influenciar outras pessoas no presente e futuro. (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973, v. 1).

Portanto, todo o contexto histórico que circunda o desenvolvimento do ensino de Biblioteconomia e do seu profissional, recebeu heranças de um contexto macro e está intrinsecamente ligado com o desenvolvimento político, econômico e cultural do país. Por isso, uma postura fenomenológica garante o exame dessas estruturas e possibilita uma lucidez em relação ao conjunto de atitudes realizadas até então, bem como, a escolha dos valores que nortearão futuras atitudes.

Em relação a atuação docente, Souza (2009) explica que o repertório de princípios éticos e de conduta social é construído em boa parte do processo de existência da sociedade e

no âmbito do sistema profissional bibliotecário precisa ser reforçado e canalizado durante a formação acadêmica dos futuros profissionais, pela sua introjeção da cosmovisão que o sistema profissional bibliotecário possui. Para isso, muito contribui a ação do professor como membro qualificado do sistema profissional bibliotecário para transferir essa cosmovisão, seja por sua postura, pela escolha dos temas das aulas, pela inserção nas aulas e demais práticas dos valores aceitos pela categoria profissional, pela relação de mútuo respeito com seus alunos, pelo reconhecimento das diferenças pessoais, psicológicas, sociais e históricas, por fazer ver as desigualdades que a existência produz sobre a sociedade, pela

busca de mecanismos didáticos que promovam a reflexão sobre o impacto do trabalho profissional tanto no sentido de promover as mudanças quanto no sentido de manter o status quo, enfim, além de textos escritos, debates e discussões, também são importantes as formas de conduta dos educadores bibliotecários e isto igualmente está em jogo. *Como há a desarticulação de organização política da categoria, tende a prevalecer a sensibilidade de cada docente, fazendo com que este acervo de princípios éticos e de conduta se constitua como uma aura individual.* Neste sentido, na própria escola não fica evidente para o aluno uma certa unidade neste aspecto. O resultado dessa pletera é que o futuro profissional também se sente autorizado a desenvolver seus próprios princípios, reforçando assim o subsistema nulo. (SOUZA, 2009, p.161, grifo nosso).

Há ainda, outro problema a ser analisado em relação aos docentes, em um curto espaço de tempo, de praticamente meio século, a Biblioteconomia se expandiu para além do ensino de graduação. Mediante a evolução da pesquisa e com pós-graduação e o cenário da Ciência da Informação e sua relação com a Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, observa-se algumas situações que devem ser consideradas para pensar o sentido da atuação docente. Uma delas é a ampliação dos departamentos de Ciência da Informação e a inserção de novos cursos de graduação e pós-graduação⁴⁹. Outra diz respeito, a profissionalização da docência na área, uma vez que o docente se dedica integralmente à essa função (que será abordado, mais detalhadamente, na próxima subseção).

E ainda, há a inserção de docentes de diversas áreas e sem formação em Biblioteconomia. Ressalta-se a necessidade de avaliar a inserção de um código de ética, que norteie as ações, no processo do ensino, de profissionais da área e de áreas correlatas (os quais são todos representados pela ABECIN, inclusive.) Um exemplo disso, é o que as escolas de Ciência da Informação do Canadá e Estados Unidos fizeram, em 2010. Entretanto, que seja apreciado neste código a tratativa das relações de forma menos normativa e mais dialógica. (SOUZA, 2013).

⁴⁹ Como é caso da UFSC, que em 2013, insere o Doutorado em Ciência da Informação e 2016, a graduação em Ciência da Informação; e da UDESC, que em 2013, tem sua primeira turma de Mestrado em Gestão de Unidades de Informação

Ademais, a questão ética seja ligada à profissão, seja fora dela, está mergulhada em um local comum que é o mundo das relações. Para toda e qualquer interação, uma boa premissa de valor seria a tolerância e o exercício da alteridade. Esses valores facilitam uma postura fenomenológica para entender que não existe nada acabado ou perfeito. Não existem culpados ou vítimas das situações, e sim, existem pessoas conscientes ou inconscientes dos fenômenos do mundo da vida.

6.2 Saber-agir ou saber-fazer?

Começo essa seção, trazendo, novamente, um trecho da seguinte citação anteriormente comentada: “Como há a desarticulação de organização política da categoria, tende a prevalecer a sensibilidade de cada docente, fazendo com que este acervo de princípios éticos e de conduta se constitua como uma aura individual”. (SOUZA, 2013, p.161). Esta afirmação me despertou para uma questão: O que compõe esta sensibilidade?

Certamente, ela está relacionada à consciência adquirida na sua trajetória, levando em conta os fatores sócio-históricos de sua biografia pessoal e profissional (incluindo, também as atividades voltadas à educação). Nessa direção, esta subseção foi criada no sentido de suscitar uma discussão e articular possíveis diálogos sobre aspectos da vida docente que podem exercer influência na conduta do professor, e conseqüentemente, na representação social do coletivo docente. Ressalta-se que até agora se abordou a perspectiva da profissionalização do bibliotecário, e não da profissionalização da docência.

São várias as questões que se acrescem à esse processo. Uma delas está ligada à estruturação identitária que é construída pelas múltiplas relações no mundo da vida. Segundo Dubar (2005), para tal, leva-se em conta os processos biográficos e relacionais, os quais articulados compõem a identidade sócio-profissional do indivíduo.

Inerente à realidade, a identidade também, é socialmente construída e passível à ação do tempo e da história. Estas ideias são compatíveis com Berger e Luckmann (2007) quando versam sobre a socialização primária e a

secundária. A socialização primária é aquela na qual o indivíduo depara-se com uma estrutura social objetiva e com sua uma multiplicidade de significativos, os quais que se encarregam de sua socialização. A exemplo da criança que se identifica com um conjunto prévio de significativos, onde, em circunstâncias de alta carga emocional, ocorre a interiorização e posse desses significativos.

Já a socialização secundária é caracterizada pelo contexto institucional em que há a compreensão dos papéis sociais. Berger e Luckmann (2007, p.186) afirmam que o “[...] caráter desta socialização secundária depende o status do corpo de conhecimento em questão no interior do universo simbólico”, ou seja, esse conhecimento é proporcional à complexidade da divisão de trabalho e da distribuição social do conhecimento. Nessa direção, a identidade profissional, portanto, resulta das relações e interações no mundo do trabalho.

Para Hughes *apud* Dubar, (2005), a profissão como carreira é um meio de socialização, já que a coletividade profissional define a natureza dos serviços e as condições para sua realização. Dessa forma, a profissão se compõe de um coletivo que objetiva regras, códigos morais ou de ética e também, um código informal. Este último, compartilha de interesses e uma linguagem comum que representa o modelo profissional e banaliza aqueles indivíduos que não correspondem aos códigos preestabelecidos (HUGHES *apud* DUBAR, 2005).

Segundo este autor, a socialização profissional é concebida como uma iniciação à cultura profissional e como uma conversão do indivíduo a uma nova concepção de si e do mundo. Hughes (1998) apresenta modelo geral de referência para a formação para profissões, embora seja intitulado “*The making of a physician*” (“a fabricação de um médico”). Nessa perspectiva, o autor lista três etapas na trajetória profissional: (i) “passagem através do espelho”, (ii) “instalação da dualidade” e (iii) “conversão final”.

A primeira fase denominada “passagem através do espelho” consiste em aprender a ver o mundo “ao contrário” como se fosse através de um espelho. É nessa etapa que ocorre a imersão do indivíduo na cultura profissional. Normalmente este momento, é permeado por crise já que se confronta a cultura do senso comum com a cultura profissional preestabelecida. Observa-

se o início da transição da antiga identidade (idealizada pelo “jovem” profissional) para os modelos de identificação consentidos pela categoria profissional.

Na etapa “instalação da dualidade” intensifica-se a transposição entre o modelo ideal e o modelo prático. É nessa etapa que, por meio do processo de socialização, acontece escolhas de papéis e rotinas, interações com os outros significativos, identificação com os membros de um grupo de referência. E por fim, a “conversão final” consiste no abandono dos estereótipos e de dualidade entre o ideal e “real”. Nessa direção, observa-se o fortalecimento de uma concepção de si mesmo e plena consciência das capacidades físicas, mentais e profissionais, bem como, dos gostos, dos desgostos e de uma projeção de carreira sólida. (HUGHES, 1998).

Nessa direção, a socialização em torno da cultura profissional influencia na construção da identidade profissional do docente, na sua conduta e no exercício dos valores que orientaram suas ações. Ainda com relação ao desenvolvimento da profissão, porém com outro enfoque, Huberman (2000) complementa este diálogo sob a ótica da educação e do ciclo de vida de profissionais docentes.

Para o referido autor, o ciclo de vida, como objeto de estudo é relativamente recente, começando com estudos Freud, Henry Murray, Vaillant, entre outros. Tal estudo exigiu uma análise biográfica da docência. O autor, assim como Dubar (2005) e Hughes (1998), adota o conceito de carreira, que segundo ele

Permite comparar pessoas no exercício de diferentes profissões. Depois, é mais focalizado, mais restrito que o estudo da “vida” de uma série de indivíduos. Por outro lado, isso é importante, comporta uma abordagem a um tempo psicológica e sociológica. Trata-se, com efeito, de estudar o percurso de uma pessoa numa organização (ou numa série de organizações) e bem assim de compreender como as características dessa pessoa exercem influência sobre a organização e são ao mesmo tempo, influenciadas por ela. (HUBERMAN, 2000, p.38).

Nessa direção, o desenvolvimento de uma carreira docente é um processo complexo, segundo Huberman. Ele pode vir a ser tranquilo, enquanto

que para outras pessoas, pode ser incerto, duvidoso e angustiante. De acordo Huberman (2000), existem uma sequência de etapas básicas desse desenvolvimento. O autor ressalta que não são necessariamente tidas como fases estáticas ou lineares, e sim, permeadas por meio de uma relação dialética.

A primeira etapa consiste na “entrada na carreira” refere-se, aproximadamente, aos três primeiros anos de ensino⁵⁰. Tal fase é caracterizada como de sobrevivência, descoberta e exploração. Já a fase seguinte, é a de “estabilização” onde o docente faz sua escolha subjetiva de se comprometer, definitivamente, e tem o sentimento de pertença a um corpo profissional, sentindo-se mais seguros para lidar com os recursos técnicos.

A fase subsequente, da “diversificação” consiste em uma etapa de experiências pessoais, diversificando o material didático, os modos de avaliação, as formas de agrupar os alunos, entre outros. Observa-se aqui a motivação para busca de novos desafios. Adiante, em próxima etapa, tem-se o “pôr-se em questão” onde possivelmente, se nota algumas “crises existenciais” e também, possíveis momentos de questionamentos e reflexão sobre a carreira.

Já na fase de “serenidade e distanciamento afetivo”, destaca-se a segurança em situações adversas e uma maior autoconfiança por parte do docente. Na próxima fase, chamada por Huberman (2000) de “conservadorismo e lamentações”, enfatiza-se um número considerável de queixas sobre a evolução dos alunos, da política educacional e dos colegas mais jovens. Existe nessa fase, uma relação entre o conservadorismo e a idade dos docente com tendência a uma prudência acentuada. Por fim, na “fase de desinvestimento”, observa-se no docente um recuo e uma interiorização, na medida em que ele vai progressivamente se libertando do investimento no trabalho, para consagrar mais tempo para si e para interesses exteriores à docência.

⁵⁰ O que me remete aos estágios probatórios de Universidades públicas os quais os docentes passam. No caso da UDESC e da UFSC são 3 anos.

Portanto, tanto o modelo de Hughes como as etapas do ciclo de vida docente de Huberman, podem subsidiar a análise do perfil docente e das suas representações sociais concernentes ao sentido ético do ensino de Biblioteconomia. É interessante, a possível aproximação que pode ser feita com o corpo docente, já que ele apresenta diversos professores em diferentes etapas, com ênfase, nas primeiras e últimas etapas. Desse modo, professores com entrada ainda recente e em processos de “estabilização”, e outros, em processo de “conservadorismo” e/ou “desinvestimento”, conforme será apresentado após a organização dos dados coletados por meio do questionário de caracterização.

Ao abordar estas etapas, não significa que se tem a intenção de enquadrar comportamentos, condutas ou valores. Entretanto, elas podem subsidiar a análise do discurso, uma vez que também podem ser consideradas representações sociais de um coletivo que se aproxima do coletivo estudado. Fora isso, independente da etapa, salienta-se a importância de concatenar três dimensões para o desenvolvimento de professores, considerando o lado pessoal, profissional e organizacional. Na dimensão pessoal, a o docente carece de uma formação crítico-reflexiva que promova o pensamento autônomo, a autoformação participada, o diálogo e a partilha dos saberes. (NÓVOA, 2000).

Nesse sentido, Contreras (2002) acrescenta ainda, três premissas que devem ser consideradas no trabalho de ensinar: obrigação moral, compromisso com a comunidade e a competência profissional. No que tange a obrigação moral, os professores devem se preocupar com as implicações éticas do seu fazer ao se comprometerem com o desenvolvimento dos alunos como pessoas, à medida que têm consciência sobre o sentido da educação.

Já o compromisso com a comunidade, vai ao encontro da ideia da responsabilidade que suas práticas profissionais têm ao impactar na sociedade. Ademais, a questão da competência profissional, na visão do autor, deve transcender o sentido técnico exigindo a articulação das habilidades com princípios e reflexão crítica. Ressalta-se que estes três pontos estão interligados e compõem a profissionalidade docente.

Contreras (2002) apresenta ainda, uma crítica ao trabalho docente no qual chama de processo de proletarização docente. Para o autor, esta profissão sofreu negativamente, com uma série de fatores sócio-históricos relacionados com o desenvolvimento do neoliberalismo, os quais levaram os professores a um déficit de autonomia. Ou seja, a perda por parte dos docentes das condições de trabalho perante os processos de gestão e de racionalização do ensino, resultou em impactos no fazer docente, entre eles: i) a desqualificação provocada pela insistência de requalificação; ii) a perda de controle do próprio trabalho seguida da desorientação ideológica; iii) a rotinização do trabalho; iv) o impedimento do exercício reflexivo; v) a facilidade do isolamento e estímulo ao individualismo; e, vi) a perda do sentido da finalidade do trabalho docente.

Nessa direção, como fruto do desenvolvimento capitalista e de um sistema político e econômico neoliberal, verifica-se a influência de uma racionalidade técnica e instrumental fortemente refletida nos discursos e fazeres das profissões, os quais são sentidos na vida em sociedade.

A forma privada da exploração do capital, junto de um sistema de repartição das gratificações sociais compensatórias, assegurava uma certa lealdade das massas. Foi assim que o progresso quase autônomo da ciência e da técnica transformou-se em variável independente. Para Habermas, daí resultou a percepção de que a evolução do sistema social parece ser determinada pela lógica do progresso científico e tecnológico. A política fica reduzida a atender às necessidades funcionais do novo sistema. Implantada a ilusão do progresso técnico redentor, a propaganda se encarregou de explicar e legitimar as razões pelas quais, nas sociedades modernas, um processo de formação democrática da vontade política deve abdicar de questões práticas que interessam ao cidadão e conformar-se com decisões plebiscitárias restritas a temas tais como "quem será o novo chefe de Estado". De resto, sobram as escolhas estimuladas pela propaganda global sobre a marca do tênis, da camiseta ou do celular preferido. (DUPAS, 2007, p. 77)

Portanto o progresso científico e tecnológico avança de forma a descon siderar reflexões mais críticas sobre valores subjetivos que embasam as ações humanas. Tal situação, é verificada na falta de um projeto social inclusivo que privilegie a justa distribuição de renda, na diminuição do espaço

público e do bem público e ainda, na desinformação que afasta os cidadãos de seus direitos, culminando no sucateamento dos mesmos. O que esperar desse progresso?

Flusser (2011b), nos diria

O programa da cultura ocidental contém várias virtualidades, não apenas aparelhos. Numerosas virtualidades ainda não foram realizadas. Em tal sentido a "história do Ocidente" ainda não acabou, o jogo ocidental continua. Mas todas as virtualidades, não realizadas ainda, estão infectadas pelos aparelhos. Por isto se tornou atualmente impossível engajarmo-nos no "progresso da cultura". Seria engajarmo-nos no nosso próprio aniquilamento. Perdemos a fé na nossa cultura, no chão que pisamos. Isto é: perdemos a fé em nós mesmos. É esta a vibração oca que acompanha os nossos passos rumo ao futuro. O que nos resta é analisarmos o evento Auschwitz em todos os detalhes, para descobriremos o projeto fundamental que lá se realizou pela primeira vez, para podermos nutrir a esperança de nos projetarmos fora do projeto. Fora da história do Ocidente. Tal o clima "pós-histórico" no qual somos condenados a viver doravante.

De outra forma, Dupas (2007, p. 88) também, nos responde:

Finalmente, quanto às oportunidades que possam surgir dessas novas e perigosas rotas do progresso, seja como for, essa temática constitui-se em pesquisas de ponta do mundo tecnocientífico. Manter uma visão crítica sobre a direção do progresso é ser capaz, justamente, de separar dele o seu elemento de discurso hegemônico.

A esse fazer tecnocientífico me refiro como "saber-fazer". Seria isto que se ecoa nos discursos acadêmicos uma vez que seus projetos políticos pedagógicos se orientam ao atendimento das demandas do mercado? Dessa forma, a especialização do fazer, a preocupação por pensar e aprimorar essa fazer tem sido central quando se versa sobre a questão do desenvolvimento científico.

Uma associação válida, conforme já abordado anteriormente, pode ser feita com relação à indústria da informação e o desenvolvimento da Ciência da Informação, como campo de pesquisa que majoritariamente responde aos ditames economicistas de um tempo-espaço contemporâneo, que alguns pesquisadores da área se referem como "Sociedade da Informação".

Posto isso, em contraposição ao exposto, exponho outra questão em torno do saber-agir. Esse saber precede e/ou direciona o fazer? Seria uma dimensão reflexiva que nortearia o sentido de uma ação e também o seu “produto” (o fazer)? Nessa direção, Aristóteles (2003), enfatiza-se a diferenciação entre “práxis” e “poiésis”, que pode ser associada à ideia de “agir” e “produzir”. Dessa forma, a aptidão de raciocínio em agir é distinta da aptidão de raciocínio usada para produzir, ou seja, a criação de algo (produto) que foi externado de um “agir”.

O termo “poiésis” por isso, é encontrado no radical do termo vernáculo “poesia”, indicando um tipo específico de ação: a ação que cria, ou seja, que instala uma forma em uma matéria, segundo uma técnica. Assim, toda a ação incorpora, em maior ou menor grau, um elemento “poético”. Toda ação possui um pressuposto ativo, e portanto, um “ethos” que lhe é próprio.

Nessa direção, quando aborda-se o compromisso ético docente, Libâneo (2005) explica que a relação docente não deve estar associada a uma ideia de que o saber-fazer é mais importante que uma formação cultural sólida. A aprendizagem não deve se reduzir à apenas um domínio de conteúdos que visam a formação de um sujeito apto para o desenvolvimento de técnicas e habilidades. Nesse sentido,

O compromisso social, expresso primordialmente na competência profissional, é exercido no âmbito da vida social e política. Como toda profissão, o magistério é um ato político porque se realiza no contexto das relações sociais onde se manifestam os interesses das classes sociais. O compromisso ético-político e uma tomada de posição frente aos interesses sociais em jogo na sociedade. Quando o professor se posiciona, consciente e explicitamente, do lado dos interesses da população majoritária da sociedade, ele insere sua atividade profissional – ou seja, sua competência técnica – na luta ativa por esses interesses: a luta por melhores condições de vida e de trabalho e ação conjunta pela transformação das condições gerais (econômicas, políticas, culturais) da sociedade. (LIBANEO, 2011, p. 47).

Por fim, retomo a questão que me instigou para desenrolar a discussão desta subseção: a afirmação de Souza (2013) sobre a constituição dos princípios éticos estar ligada à prevalência da ação individual conforme a sensibilidade de cada docente, em função da desarticulação política do agir

coletivo. (SOUZA, 2013, p.161). Resta-me ainda uma dúvida, essa sensibilidade é movida pelo saber-agir ou ao saber-fazer? De modo a buscar esta resposta, entre tantas outras, na próxima seção, será abordada a configuração teórico-metodológica da pesquisa, a qual subsidiará a coleta e análise dos discursos e o alcance dos objetivos propostos.

7 CAMINHOS POSSÍVEIS: METODOLOGIA, SUA FUNDAMENTAÇÃO E APLICAÇÃO.

A resposta certa, não importa nada: o essencial é que as perguntas estejam certas.

(Mario Quintana)

Uma consciência “metodologicamente” atenta⁵¹ tem importância central no desenvolvimento de uma pesquisa. Mediante isso, propõe-se um “percurso” de pensamento e a forma com que se intervirá em uma realidade, a qual é composta de sujeitos organizados em um dado espaço e tempo.

E ainda mais, a partir dela, planejam-se os procedimentos que serão utilizados para explorar construtos teóricos e conceituais, bem como coletar e analisar dados e discursos de seus interagentes, de modo que se permita a compreensão desta dinâmica social. Para tanto, Goldenberg (2004, p. 13) alerta que uma pesquisa científica não se reduz somente aos procedimentos metodológicos. Ela exige criatividade, disciplina, organização, modéstia e ainda o “confronto permanente entre o possível e o impossível, entre o conhecimento e a ignorância”⁵². Dessa forma, esta seção tem na sua realização, o intuito de suscitar o referido confronto, de modo que se traga à luz, todos aspectos e facetas do objeto de estudo nas etapas que constituem a pesquisa.

Portanto, para sistematizar as etapas do desenvolvimento da pesquisa, é válido articular os conteúdos teóricos (além dos que já foram abordados na segunda seção) que fundamentaram a aplicação das estratégias metodológicas, bem como, explicitá-las, conforme será feito adiante.

7.1 O discurso e as representações sociais

A fenomenologia social floresce no universo interdiscursivo das relações humanas. Nesse sentido, as interações sociais acontecem e são mediadas por

⁵¹ No sentido do termo “atenção ativa”, utilizado por Schutz, conforme apresentado na segunda seção desta tese.

⁵² Entende-se aqui ignorância como falta ou déficit de consciência em relação a um fenômeno.

meio da linguagem, seja ela corporal, escrita ou oralizada. Ela permite que a vida cotidiana desenvolva-se e que a partir dela, os semelhantes possam participar da experiência vivenciada. “A linguagem também tipifica as experiências, permitindo-me agrupá-las em amplas categorias, em termos das quais tem sentido não somente para mim mas também para meus semelhantes”. (BERGER; LUCKMANN, 200, p. 59).

E ainda mais, segundo esses autores, a linguagem é capaz de transcender o “aqui e agora”, seja espacialmente, temporalmente ou socialmente. Dessa forma, é possível se estabelecer ligações entre diversas zonas dentro da realidade da vida cotidiana, integrando-as em uma totalidade dotada de sentido.

Dito de maneira simples, por meio da linguagem um mundo inteiro pode ser atualizado em qualquer momento. Este poder que a linguagem tem de transcender e integrar, conserva-se mesmo quando não estou realmente conversando com outra pessoa. [...] no que diz respeito às relações sociais, a linguagem ‘torna presente’ a mim não somente os semelhantes que estão fisicamente ausentes no momento, mas indivíduos no passado lembrado ou reconstituído, assim como outros projetados como figuras imaginárias no futuro. (BERGER; LUCKMANN, 200, p. 60).

Mediante este mundo simbólico, construído socialmente e observado nos seus campos semânticos e nas suas zonas de significação, a linguagem possibilita a apreensão e apropriação de diversos acervos sociais de conhecimentos. Por sua vez, estes repertórios possibilitam que os indivíduos, quando de posse deles, movam-se apropriadamente no cotidiano.

Segundo Perini (2010), a linguagem pode ser como uma representação de um pensamento por meio de sinais que permitem a comunicação e a interação entre as pessoas. Ela é aplicada à outros tipos de sistemas de comunicação, que normalmente, não são chamados línguas, como o sistema de sinais de trânsito e a linguagem das abelhas. “Assim, linguagem é um conceito muito mais amplo do que língua: a linguagem inclui as línguas entre suas manifestações, mas não apenas as línguas”. (PERINI, 2010, p.2). Então, a “língua” é uma das formas de se manifestar, exteriormente, a capacidade humana a que chamamos “linguagem”

A língua é percebida externamente e através dos sentidos e as palavras, de maneira organizada, chegam até nós. Nessa direção, Flusser (2007, p.61) nos explica que a língua:

como um todo é a soma das conversações e dos intelectos em conversação através das idades. O intelecto em conversações enriquece a língua em dois sentidos. Propaga-a em direção ao futuro. E estende-a em direção horizontal, aumenta-lhe o numero de palavras e de combinações de palavras. Cria palavras e cria pensamentos (frases). O intelecto em conversação conserva e aumenta o território da realidade. Realizando-se, realiza.

Tendo em vista o explanado, a realidade define-se em tudo aquilo que pôde ser apreendido e compreendido por meio da língua. Perini (2010, p. 2), ainda sobre a língua, complementa

O que chamamos uma “língua” é, assim, uma das realizações históricas da capacidade humana para a linguagem. E cada língua é profundamente enraizada na cultura que serve – por exemplo, não creio que em tibetano ou em amárico haja expressões exatamente paralelas a pisar na bola ou mãe de santo.

Assim, como podemos diferenciar língua e linguagem, apesar de serem conceitos interdependentes, surge outra questão, evidenciada aqui: os termos *discurso e diálogo*. Segundo Flusser (2013, p.97, grifo do autor)

[...] para produzir informação, os homens trocam diferentes informações disponíveis na esperança de sintetizar uma nova informação. Essa é a forma de comunicação *dialógica*. Para preservar, manter a informação, os homens compartilham informações existentes na esperança de que elas, assim compartilhadas, possam resistir melhor ao efeito entrópico da natureza. Essa é a forma de comunicação *discursiva*.

Em uma de suas possibilidades, com vistas à memória e à preservação da informação, o discurso pode consistir a materialização de um diálogo (a interação entre duas ou mais pessoas). No entanto, em relação à isso, o mesmo autor alerta que a precedência do diálogo ante ao discurso é sem sentido. Nenhuma das duas formas de comunicação pode existir sem a outra e a diferença entre elas está na observação.

Para que surja um diálogo, precisam estar disponíveis as informações que foram colhidas pelos participantes graças à recepção de discursos anteriores. E, para que um discurso aconteça, o emissor tem que dispor de informações que tenham sido produzidas no diálogo anterior. [...] Cada diálogo pode ser considerado uma série de discursos orientados para a troca. E cada discurso pode ser considerado parte de um diálogo. (FLUSSER, 2013, p. 97).

Assim, um discurso pode também, representar a consequência dessa experiência de troca de repertórios significativos (conhecimentos) entre um coletivo, na qual se tem como artefato linguístico a objetivação de um determinado documento onde a informação encontra-se suportada.

Este registro, se dentro de um contexto formal / organizacional, atende a uma estrutura tipológica e diplomática e é visto, por exemplo, nas leis, nos textos científicos, em um código de ética de uma categoria profissional, no projeto pedagógico de um curso, entre outros. Ali, se encontra a *língua* estática, congelada, de forma “acabada” no suporte documental. Entretanto, foi a partir da comunicação e dos diálogos e de outros discursos (língua em movimento), que se materializou tal discurso. Ainda sobre isso, Flusser (2013, p. 97) nos alerta:

Por exemplo, um livro científico pode isoladamente ser interpretado como um discurso. No contexto de outros livros, ele poderia ser interpretado como parte de um diálogo científico. E considerado de um distancia ainda maior, pode ser compreendido como parte de um discurso científico que flui da Renascença e que caracteriza a civilização ocidental.

Por isso, seja nos diálogos ou nos discursos, existe um conjunto de conhecimentos mediados por meio da língua. Esse estoque de conteúdos significativos, seja nas linhas, seja nas entrelinhas de uma escrita ou no balbuciar de palavras, representa modos de pensar, ser e agir de indivíduos.

Coloca-se entre parênteses⁵³, a palavra *língua*. Flusser em sua obra “Língua e Realidade”⁵⁴ (2007, p. 45) a apresenta:

Eis, a língua, em toda sua imensa riqueza. O instrumento mais perfeito que herdamos de nossos pais e em cujo aperfeiçoamento colaboram incontáveis gerações desde origem da humanidade, ou talvez, até além dessa origem. Ela encerra em si toda a sabedoria da raça humana. Ela nos liga aos nossos próximos e, através das idades, aos nossos antepassados. Ela é, a um tempo, a mais antiga e a mais recente obra de arte, obra de arte majestosamente bela, porém sempre imperfeita.

Nessa direção, uma das instâncias mais importantes dessa pesquisa, do ponto de vista metodológico, é ancorada na língua e nos seus discursos. Somente, a partir dela, do que está expresso em documentos e da fala dos professores que poderei alcançar a representação social deste coletivo sobre o direcionamento ético do ensino de Biblioteconomia em Santa Catarina. Então, ao entrevistá-lo e ouvi-lo, bem como, ao transcrever e analisar seus discursos, de posse de atitude fenomenológica, será possível alcançar os objetivos a que me proponho inicialmente.

No intuito de que isso aconteça, evidencio duas situações que estão interligadas: (i) para colocar esses discursos entre parênteses, aplicarei a fundamentação teórico-epistemológica da fenomenologia social; (ii) para captar as suas manifestações de pensamento e de ação, me respaldarei nas representações sociais e como técnica para alcançá-las, utilizarei o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), compatível com as abordagens teóricas eleitas nesta pesquisa e explicado mais adiante nos procedimentos metodológicos.

Pois bem, as representações sociais estão inseridas no campo da psicologia social e para fins deste trabalho, elas serão abordadas sob a perspectiva de Serge Moscovici (2003). Dessa maneira, o foco é no conhecimento produzido no processo comunicativo e busca perceber aspectos subjetivos que emergem das relações sociais: os interesses humanos, paixões,

⁵³ Colocar entre parênteses, termo alinhado à tradução de Epoché, redução fenomenológica ou mesmo da atitude fenomenológica oposta à atitude natural, na tentativa de chegar à essência da significação de língua.

⁵⁴ Nunca antes, um título fez tanto sentido para mim.

desejos, projetos, sistemas de crenças e valores de um grupo específico de pessoas em determinadas situações.

Para este autor, o conhecimento é uma consequência e expressão de um determinado coletivo que interage em dadas situações. Nesse viés, a expressão de um coletivo na condição de uma representação social traz à luz suas características e singularidades. Assim, reflete um sistema de valores, ideias e práticas dos indivíduos que compõem um grupo, bem como, seu sentido de orientação e a maneira que se manifestam no mundo material e social. Salienta-se que a pretensão em obter a representação social de um grupo volta-se para o conhecimento do fenômeno humano, que se manifesta a partir de uma perspectiva coletiva, porém, sem abrir mão da singularidade inerente à cada sujeito. (MOSCOVICI, 2003).

É interessante refletir um pouco mais sobre a singularidade nesse contexto. Elias (1994, p. 26) elucida que no âmbito da experiência “somos obrigados a reconhecer que o ser humano singular é gerado e partejado por outros seres humanos”. Sendo que, uma das condições da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas. Dessa maneira, o autor nos lembra que todo e qualquer indivíduo nasce em um grupo de pessoas que já existiam anteriormente a ele.

Somente ao crescer num grupo é que o pequeno ser humano aprende a fala articulada. Somente na companhia de outras pessoas mais velhas é que, pouco à pouco, desenvolve um tipo específico de sagacidade e controle dos instintos. E a língua que aprende, o padrão de controle instintivo e a composição adulta que nele se desenvolve, tudo isso depende da estrutura do grupo em que ele cresce, e por fim, de sua posição nesse grupo e do processo formador que ele acarreta. (ELIAS, 1994, p. 27).

Ao refletir sobre a afirmação acima, percebe-se que a influência do inter-relacionamento social molda as experiências individuais, não somente na sua fase de desenvolvimento para a vida adulta mas ao longo de toda a trajetória dos indivíduos. No mundo da vida, eles pertenceram à diversos grupos sociais, com funções e papéis diversos, seja profissional, familiar, entre outros. Todas essas participações vão lhes permitir que subjetivem (e objetivem também)

novos repertórios de conhecimento, além da possibilidade de desconstruírem antigos padrões constituídos socialmente em outras ocasiões.

Nessa direção, todos os intercâmbios humanos, sejam entre duas pessoas ou mais, pressupõem representações. Moscovici (2003) alerta que as representações estão presente sempre que nos familiarizamos com pessoas ou coisas. Para ele, as representações sociais

Tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade. É dessa maneira que elas são criadas, internamente, mentalmente, pois é dessa maneira que o processo coletivo penetra, como o fator determinante, dentro do pensamento individual. Tais representações aparecem para nós, quase como que objetos materiais pois eles são o produto de nossas ações e comunicações (MOSCOVICI, 2007, p.40).

Dessa maneira, as representações não são criadas por um indivíduo de forma isolada, e sim, cocriadas por pessoas e coletividades no decurso da comunicação e da cooperação. “Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem” (MOSCOVICI, 2003, p. 40). Quando se pretende buscar o entendimento de uma representação não é suficiente começar por um comportamento ou estrutura social em si, já que estes, frequentemente, são condicionados ou respondem à determinadas representações sociais. Deve-se levar em consideração, a retomada para a representação original da qual ela surgiu.

Isso é assim, não porque ela possui uma origem coletiva, ou porque ela se refere a um objeto coletivo, mas porque, como tal, sendo compartilhada por todos e reforçada pela tradição, ela constitui uma realidade social sui generis. Quanto mais sua origem é esquecida, e sua natureza convencional ignorada, mais fossilizada ela se torna. O que é ideal, gradualmente torna-se materializado. Cessa de ser efêmero, mutável e mortal, e torna-se, em vez disso, duradouro, permanente, quase imortal. Ao criar representações, nos somos como o artista, que se inclina diante da estatua que ele esculpiu e a adora como se fosse um deus (MOSCOVICI, 2003, p. 41).

Por meio da linguagem, portanto, as representações sociais podem ser compartilhadas, reforçadas e/ou desconstruídas. Mas até mesmo a linguagem, pode ser afetada por elas, já que a língua também é um produto das representações sociais. “Qual foi o acordo ou os acordos que antecederam e resultaram no sistema de símbolos que é a língua?. [...] As origens da língua e de seu caráter simbólico perdem-se nas brumas de um passado impenetrável” (FLUSSER, 2007, p. 51).

Portanto, a maneira com que os indivíduos pensam suas convicções e interpretam sua realidade é pautada nas representações sociais. Segundo Elias (1994, p.9), é preciso o entendimento que não é possível um eu destituído de um nós. “A relação da identidade-eu com a identidade-nós não se estabelece de uma vez por todas, mas está sujeita à transformações muito específicas”. Nesse sentido, Moscovici (2011, p.9) complementa:

[...] nada ou quase nada existe na psique dos indivíduos que não dependa da sociedade e não carregue a sua marca. Suas maneiras de raciocínio, as frases que eles formam e os modos que têm de andar ou de sentir provêm de um mundo social e a eles são incorporados. Seja pela tradição ou pelo aprendizado, eles se tornam disposições pessoais, uma vez retomados ao fundo comum.

Diante disso, é possível pensar que as representações sociais são construções culturais que atuam determinadamente na construção da realidade social. É imperativo, que as mesmas são impostas sobre nós e têm como resultado uma sequência de formulações e mudanças propagadas ao longo das gerações. (MOSCOVICI, 2003).

Portanto, ao extrair as representações sociais manifestadas por um coletivo, em relação a um determinado fenômeno, pressupõe-se uma atitude fenomenológica por parte do pesquisador. Assim sendo, ele volta-se para a atitude natural que os indivíduos deste coletivo têm, suas origens e tradições, bem como, para a forma como que suas subjetividades se entrelaçam, constroem e constituem sua realidade. O pesquisador atenta-se para as trocas discursivas entre estes indivíduos, seja para contemplar um artefato consensualmente produzido por este grupo (e onde nele materializa sua

manifestação em relação a um dado fenômeno); seja a partir de suas falas, por meio de entrevista.

No caso desta pesquisa, verifica-se no projeto pedagógico, o artefato originado a partir de uma interação dialógica entre o coletivo docente dos cursos presenciais de Biblioteconomia em Santa Catarina, Universidades e Estado. Já em relação ao grupo específico de professores, será essencial ouvir o que eles tem a dizer, buscar suas origens profissionais, percepções, crenças e valores, os quais permeiam o fazer docente, visando a manifestação da representações social deste grupo no que tange ao sentido ético do ensino em Santa Catarina.

Para que tudo isso se viabilize da melhor maneira, carece-se de procedimentos metodológicos orientados ao planejamento da pesquisa, à interação com seu universo, à coleta, organização e análise dos discursos, conforme será exposto adiante.

7.2 Procedimentos Metodológicos

Em relação ao seu método, este trabalho aponta para a redução fenomenológica. Assim, a atitude da pesquisadora foi de afastamento em relação às suas convicções e crenças sobre o universo pesquisado, o que significa abdicar de conceitos pré-concebidos, para que se pudesse observar com maior criticidade, o fenômeno das relações docentes reduzido a sua essência. Flusser (1998, *on line*), corrobora com esta ideia quando afirma:

Tal método constitui, geralmente, o método da fenomenologia. Quem já procurou aplicá-lo, sabe que é um método muito penoso, porque exige constantemente autocontrole para evitar que os preconceitos e valores (que são muito pegajosos) não continuem agarrados àquele que se afasta. Mas pode ser um método extremamente poderoso, porque, quando aplicado com êxito, revela a própria essência das coisas.

Neste caso, exercitar uma atitude fenomenológica exigiu-me um trabalho vigilante de desprendimento. O universo de pesquisa, (os dois cursos de Biblioteconomia presenciais de Santa Catarina) nos últimos 15 anos, tem sido

uma ambiência vivida por mim. Inicialmente, como aluna de graduação da UDESC e agora na condição de docente. Já na UFSC, fiz o mestrado e atualmente, este doutoramento em etapa final.

Com esta última universidade, mantenho relações profissionais participando de bancas e eventos diversos. Em ambas ambiências, me relaciono com os docentes como colegas (e alguns, amigos) embora, da grande maioria, já fui aluna. Considero esta situação peculiar. E como informei, meu esforço para me manter na condição de pesquisadora é permanente, ainda mais, quando se trata de uma pesquisa qualitativa, a qual envolve percepções, pontos de vista e algumas abstrações.

Desse modo, toda pesquisa em fenomenologia tem caráter qualitativo. Tendo em vista, o mundo da vida como palco da experiência e das subjetividades, o caráter qualitativo da pesquisa vai ao encontro do que se propõe na atitude fenomenológica, ao se pensar em colocar em evidência os sentidos dos fenômenos. Para Bicudo (2011), a pesquisa qualitativa admite uma amplitude de procedimentos sustentados por diferentes concepções de realidade e de conhecimento.

Compatível com a base teórico-epistemológica desta pesquisa e ainda, com o seu caráter qualitativo, os procedimentos técnicos se dividiram em duas etapas, a saber: a primeira referente a pesquisa bibliográfica e documental e a segunda, ligada à coleta de discursos com o uso da entrevista.

A pesquisa bibliográfica se deu por meio da revisão de literatura das teorias e conceitos abordados nesta tese, com o intuito de ampliar o repertório intelectual da pesquisadora, permitindo-lhe, analisar os discursos e atender aos objetivos propostos.

Por sua vez, a pesquisa documental voltou-se para a análise dos Projetos Pedagógicos em vigor atualmente, dos cursos de Biblioteconomia da UFSC e da UDESC, disponíveis eletronicamente nos respectivos endereços eletrônicos. Para Cellard (2010), a capacidade de memória é limitada sendo que lembranças muitas vezes, não contemplam certos detalhes ou deforma fatos. A fim de estabelecer ligações e constituir configurações significativas para a pesquisa, é importante extrair os elementos pertinentes do texto do documento

e relacioná-los à problemática proposta e ao quadro teórico e epistemológico que amparam a pesquisa.

Neste sentido, os projetos pedagógicos representam os discursos dos docentes sobre a formação bibliotecária, a inserção de conteúdos e disciplinas que consideram pertinentes. E ainda, refletem o perfil do egresso que as escolas desejam formar. Portanto, mediante análise desses documentos, é possível resgatar o sentido ético implícito neles e o que representam as diretrizes consentidas pelos docentes para embasar suas práticas de ensino.

Na segunda etapa, coletou-se as falas dos docentes, a partir da entrevista semiestruturada e com ajuda de um diário de campo. A entrevista, viabilizou a oportunidade de captar as peculiaridades que cada docente aplica na sua prática cotidiana e no currículo vivido. Dessa forma, é possível captar as sutilezas do currículo vivido.

Nessa direção, chama-se atenção ao currículo como prática ou o currículo ativo. O mesmo trata do contexto de produção de um determinado conhecimento, e não, da estrutura do conhecimento em si. De modo que, o saber e a cultura passam a ser vistos como algo construído pela ação de professores e alunos como sujeitos da escola. A cultura da escola é considerada como um “mundo social” e não algo a ser ensinado uma vez que o enfoque deve ser na produção simbólica e material que acontece na escola. (MACEDO, 2006).

Quando se trata de entrevista ainda, Poupart (2010) alega argumentos de ordem epistemológica, ético-política e metodológica que justificam sua escolha: a análise das realidades sociais segundo os atores sociais selecionados, a compreensão de suas condutas e ainda, explorar a experiência dos participantes. Nessa direção, o universo da pesquisa envolveu o corpo docente dos Cursos presenciais de Graduação em Biblioteconomia de Santa Catarina: a Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC⁵⁵). Foram selecionados para a

⁵⁵ Há um terceiro curso no interior do Estado, ofertado pela UNOCHAPECÓ na modalidade a distância e sediado em Chapecó. Sua primeira turma, ingressou no primeiro semestre letivo de 2016. No caso desta pesquisa, a mesma só será realizada com os cursos presenciais, que já tem turmas formadas com egressos no mundo do trabalho.

entrevista, professores que lecionam na Graduação em Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação da UFSC e do Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação da UDESC, respeitando os seguintes critérios de inclusão:

- a) Professores atuantes há mais de um ano;
- b) Professores efetivos em atividades regulares, sem nenhum tipo de licença ou afastamento;
- c) Aceitar participação na pesquisa e concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e com o Termo de Consentimento para Gravação de Áudios⁵⁶.

Os critérios de exclusão no que tange aos participantes da pesquisa foram:

- a) Professores que estão na condição de substitutos ou colaboradores com contrato temporário;
- b) Professores em licença ou afastamento temporário;
- c) Docentes que não concordarem com o informado no TCLE e com o Termo de Assentimento para Gravação de Áudios (vide modelos em apêndices C e D, respectivamente).

Portanto, enquadrados dentro dos critérios propostos, levantou-se um total de 38 participantes, dos quais 31 participaram. Entre os sete que não participaram, somente um não concordou em ser entrevistado e os outros seis estavam em licença ou férias.

No que tange aos instrumentos de coleta de dados, em primeiro momento, foi aplicado um questionário de caracterização (conforme modelo no apêndice E) que objetivou descrever o perfil dos professores quanto aos seus dados pessoais, formação profissional e atividades profissionais. E em

⁵⁶ Observa-se que esta pesquisa respeitou a resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde que versa diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e somente foi realizada a coleta dos discurso, após aprovação o projeto de tese no Comitê de Ética em Pesquisas envolvendo Seres Humanos – CEPESH da UDESC.

segundo momento, aplicou-se uma entrevista semiestruturada conforme roteiro elaborado previamente e apresentado abaixo:

- 1) Na sua concepção, para que existe o Bibliotecário?
- 2) Que demandas este profissional deve atender?
- 3) Com base na sua prática profissional como docente, o que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?
- 4) Como você realiza sua prática docente para atender o desenvolvimento desse egresso?
- 5) Que ênfase você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referentes à prática bibliotecária nas disciplinas que ministra?
- 6) Qual os valores éticos que lhe motivam e/ou influenciam para realizar sua atuação como docente do curso de graduação em Biblioteconomia?
- 7) Que tipo de participação você teve no projeto pedagógico e que avaliação você faz do impacto deste projeto na sociedade?
- 8) Em que sentido o Projeto Pedagógico lhe serve de base para realizar suas ações docentes?
- 9) Em relação ao que conversamos, o que mais você gostaria de acrescentar ou comentar? Por favor, sinta-se à vontade. Agradeço pela sua participação nesta pesquisa. Após a conclusão da pesquisa, os resultados serão divulgados à você. Estarei à disposição para quaisquer dúvidas ou outras questões que possam surgir! Deixo meu contato

Ressalta-se que todas as entrevistas foram realizadas em locais e horários escolhidos pelos participantes, na maioria, nas dependências das Universidades. Os discursos foram registrados com o gravador de áudio de um telefone celular. Tal registro é necessário para posterior transcrição (segundo o Termo de Consentimento para Gravação de Áudio, apêndice G) e aplicação da técnica de análise de discursos.

Antes das entrevistas com os participantes, foi realizado um pré-teste com professores efetivos de Universidades Federais e Estaduais de São Paulo, Rio de Janeiro e Alagoas. Tais professores encontravam-se em Florianópolis para a participação em dois eventos sediados pela UDESC, e gentilmente, disponibilizaram-se para a entrevista (vide apêndice F). Essa intervenção foi

extremamente importante pois pôde-se verificar o entendimento deles com relação às perguntas e a sua aplicabilidade. Nesse sentido, duas perguntas foram reescritas. As mesmas não apresentaram mudanças significativas de conteúdo, e sim, foram melhor estruturadas com vistas à facilitar o entendimento dos participantes.

Após o emprego da entrevista, os registros das falas dos participantes foram organizados e transcritos com vistas a atender a etapa seguinte da análise dos discursos. Na transcrição foram suprimidos nome de pessoas, de lugares e de disciplinas que pudessem de alguma forma identificar o entrevistado. Também foram omitidos alguns termos rudes ou impróprios, por exemplo, palavrões ou expressões de baixo calão. O tratamento e análise dos discursos coletados foram realizados com a aplicação da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

A técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) tem como seus criadores Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre⁵⁷, professores da Universidade de São Paulo. Ela visa apoiar o desenvolvimento de pesquisas nas áreas de representações sociais, uma vez que a coleta de depoimentos visa resgatar as representações sociais e possibilita, a partir de sua técnica, a construção de um ou mais discursos (ALMEIDA, 2007).

Nas palavras de seus criadores,

o objetivo básico da criação da técnica do DSC foi, em conformidade com os princípios da RS [representação Social], o de personalizá-las atribuindo-lhes um sujeito discursivo que ao mesmo tempo é capaz de falá-las e ser por elas falado (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014, p. 506).

Lefèvre e Lefèvre (2003) conceituam o DSC como um resgate do sentido das opiniões coletivas, que pode culminar em um ou mais conjunto de discursos. Sendo este, um processo complexo, subdividido em vários

⁵⁷ A pesquisadora faleceu no mês de Março de 2015. Deixo registrado minha gratidão e homenagem por suas relevantes contribuições no campo das pesquisas sociais, juntamente com seu marido Fernando Lefèvre. Ana Maria era graduada em Ciências Biológicas, mestre e doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Foi criadora do DSC, dos softwares Qualiquantisoft e Qlqt online.

momentos e efetuado por meio de uma série de operações realizadas sobre o material verbal coletado nas pesquisas.

Acredita-se que cada fala contém um rico repertório de informações e é a partir da transcrição desses discursos, que as linhas e as “entrelinhas” dos pensamentos contidos neles são analisadas. Lefèvre e Lefèvre (2003) esclarecem que um discurso, independentemente, de ser proferido em forma individual ou coletiva, representa pensamentos e opiniões. E ainda, afirmam que “conceber as representações sociais consiste em entendê-las como a expressão do que pensa ou acha determinada população sobre determinado tema” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 30).

Destaca-se que no DSC, cada conjunto de falas é remetido a uma única fala de um sujeito “coletivo”, a qual se baseia nas mesmas ideias afins manifestadas no decorrer dos discursos de cada sujeito “individual”; ou seja, a partir de vários discursos individuais chega-se em um discurso coletivo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003).

Após aplicar as entrevistas e transcrevê-las, a análise dos discursos utiliza algumas figuras metodológicas que fazem parte da técnica do DSC, a saber: Expressões-chave (ECH), Ideias Centrais (IC) e Ancoragem (AC). As Expressões-Chave são trechos dos discursos que foram selecionados pelo pesquisador uma vez que estes trechos revelam a essência do que contém no conteúdo discursivo.

Já as Ideias Centrais, são um nome ou expressão linguística que descrevem e classificam, de forma mais precisa e resumida, o sentido empregado pelo entrevistado em cada resposta. No que diz respeito à Ancoragem, a mesma corresponde a uma expressão de uma dada teoria ou ideologia em que o autor do discurso se apoia para formulá-lo e justificá-lo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003). Esta última figura metodológica, não foi utilizada para compor o DSC, uma vez que a temática da pesquisa não requer a compreensão de aportes ideológicos ou teóricos por parte dos participantes, e também, porque nenhum deles manifestou em seus discursos tais conteúdos.

Por fim, destaca-se que durante a análise das falas dos participantes, as Expressões-Chave são identificadas e agrupadas de forma homogênea e alocadas com as respectivas Ideias Centrais; e como consequência desse

agrupamento lógico e coerente, obtém-se o DSC. Para auxiliar neste processo, já que optei por não utilizar nenhum software específico para tal, somente o *Word*, formulei alguns quadros. O primeiro deles, chamei de Instrumento de Análise de Discurso I (IAD I) (apêndice A), onde apresento em cada pergunta, de cada participante, os trechos das entrevistas que correspondem às expressões-chave e suas respectivas ideias centrais. Também organizei o IAD II, o qual expõe, pergunta a pergunta, a síntese da ideia central alocada aos respectivos entrevistados que a manifestaram. Dessa forma, por meio de ambos IADs, pude chegar com segurança ao DSC.

Ademais, os autores explicam que o DSC deve ser formulado na primeira pessoa do singular e ainda, deve ser um discurso síntese, no qual se reúne as expressões-chave e as ideias centrais semelhantes. Dessa forma, ele representa uma fala social ou pensamento de um coletivo, neste caso, as representações sociais dos docentes de Biblioteconomia sobre o sentido ético do ensino.

Adiante, trago alguns dados expressos no questionário de caracterização e percepções sobre as entrevistas registradas em um diário de campo que levava comigo durante este processo. Considero que são detalhes importantes e subsidiaram o alcance dos objetivos deste trabalho.

7.3 Peculiaridades da pesquisa e percepções da pesquisadora

Antes de versar sobre minhas percepções na ocasião em que vivenciei as entrevistas e o contato com os depoentes, apresento aqui alguns dados que caracterizam o perfil do grupo estudado. Para tal, foi planejado um questionário com objetivo de fornecer dados que subsidiassem a compreensão do objeto de estudo.

Tal instrumento de coleta de dados foi aplicado e respondido por 31 docentes, das duas Universidades catarinenses. Ao verificá-lo, constatou-se questões relacionadas à alguns quesitos, conforme lista-se abaixo: identidade de gênero, idade, dados acadêmicos, tempo como professor no curso de

Biblioteconomia, realização em atividades de coordenação, atuação em Bibliotecas (anteriores à docência) e participação em entidades de classe.

- a) *identidade de gênero*: 23 mulheres 8 homens;
- b) *Idade*: as mais novas possuem 31 anos e a mais velha 62 anos. Nesse ínterim, encontram-se 2 participantes acima de 60, a maioria dos participantes sendo 15 entre 50 e 60 anos, 6 deles entre 40 e 49 e 8 respondentes entre 31 e 39 anos;
- c) *Titulação*: 28 depoentes são doutores, 3 delas são mestres;
- d) *Área da titulação (mestrado e/ou doutorado)*: 10 Ciência da Informação, 8 em Engenharia de Produção, 4 deles em Engenharia e Gestão do Conhecimento, 4 em Educação, 2 em Administração, 1 em História Contemporânea, 2 em Computação, 1 em Engenharia Elétrica e 1 em Biblioteconomia;
- e) *Graduação*: 23 participantes são bibliotecários e os outros 8 têm graduações diversas: Ciência da Computação (sendo 3 deles), Pedagogia, Comunicação social, Processamento de dados, Administração, Engenharia mecânica;
- f) *Cargos de coordenação na carreira acadêmica (coordenador de curso, chefe de departamento, coordenação de estágio e TCC, entre outras)*: 23 dos participantes já se envolveram em cargos de coordenação;
- g) *Tempo de docência no curso de Biblioteconomia*: 9 respondentes têm entre 20 e 25 anos de docência, 4 deles possuem entre 16 e 20 anos, 3 deles entre 11 e 15 anos, 6 deles entre 6 e 10 anos, 9 depoentes têm entre 1 e 5 anos;
- h) *Atuação anterior em bibliotecas e unidades de informação*: 14 entrevistados.
- i) *Participação em entidades de classe (ACB, CRB, ANCIB) – 10 pessoas participam.*

Desse modo, é passível a afirmação que o grupo não é homogêneo, no referente às questões de formação, idade e de atuação profissional. Conforme os dados que mais se sobressaíram, ou seja, que apareceram com mais frequência, é possível delinear um perfil: a maioria do grupo é composta por

mulheres e com tempo de docência no curso de Biblioteconomia entre 20 e 25 anos e 1 e 5 anos. Identifica-se que uma boa parte do corpo docente está perto de se aposentar e outra, teve ingresso recente na Universidade. Quase metade dos respondentes, já atuaram anteriormente em bibliotecas ou unidades de Informação, de modo que uma grande parcela tem graduação em Biblioteconomia. No tangente a suas pós-graduações, observa-se uma ênfase nas áreas de Ciência da Informação e de Engenharia (Engenharia de Produção ou de Produção e Engenharia do Conhecimento).

Além das características levantadas, pude juntar aqui, algumas percepções que foram registradas em um diário de campo que me acompanhou no momento das entrevistas. As mesmas foram aplicadas nas duas Universidades e em diversas dependências delas, desde laboratórios, salas individuais de atendimentos e até, uma cafeteria e um bar. Os dias, locais e horários foram escolhidos de acordo com a preferência dos docentes. Em um caso apenas, a entrevista foi realizada na casa de uma professora, segundo sua vontade.

Sempre, antes das entrevistas, era feito um contato prévio via e-mail, convidando o participante e apresentando a temática da entrevista: "sentido ético do ensino de Biblioteconomia". Não era dada mais nenhuma informação (exceto se o participante quisesse maiores detalhes, o que não aconteceu nas 31 intervenções), no intuito, de preservar a espontaneidade do entrevistado para o momento da entrevista. Apenas, em três casos, as respondentes não poderiam estar presencialmente e ofereceram-se pra responder a entrevista, a partir de gravações de áudio enviadas via celular; o que impossibilitou a mediação e conversação da entrevistadora.

Fui muito bem recebida por todos os entrevistados, os quais demonstraram cordialidade e disposição. Alguns ofereceram café e água. A menor entrevista durou cerca de 7 minutos e a maior delas, cerca de 1 hora. Em média, cada entrevista durou 20 minutos e, no geral, duraram 620 minutos, o que equivale à aproximadamente, dez horas de entrevistas, realizadas ao longo de 45 dias.

Antes das entrevistas, eu apresentava o TCLE e o Termo de Consentimento para Gravação de Áudio. Estes documentos, explicitavam os

objetivos da pesquisa, seus riscos e benefícios (conforme apêndices C e D). E ainda, reforçava que o participante poderia “desistir da entrevista a qualquer momento, bem como pedir pausas, no momento desejado, sem qualquer tipo de constrangimento”. Após o aceite e assinatura, eu iniciava o diálogo, com a frase “vou começar a gravação. Posso?”. Nesses momentos, sempre falava a pergunta pausadamente, com um leve sorriso e de forma calma, para que o entrevistado se sentisse à vontade.

Eu procurei me manter atenta e focada aos discursos e também, aos seus gestos e expressões corporais, de maneira a verificar se havia algum desconforto ou falta de compreensão na pergunta. Quando era preciso, eu esperava a pessoa terminar sua fala e fazia a intervenção necessária. Nesse sentido, acredito que uma das vantagens da entrevista semi-estruturada, reside nesta possibilidade.

Um fato que chamou atenção e que achei curioso, foi a reação de muitos participantes à primeira pergunta que era: “na sua concepção, para que existe o bibliotecário?”. Algumas reações podem ser traduzidas em um silêncio e um gesto pensativo por alguns segundos... Outras, foram expressas com tímidas risadas ou com as falas: “nossa, que pergunta!”, “que pergunta ampla!” “que pergunta difícil!” “na minha concepção?!”, “Huuuumm... para que serve?”.

O intuito desta pergunta, era ser ampla, para não induzir a quaisquer reducionismos ou limitações impostas de visões, de modo que oportunizasse ao interlocutor, o resgate do sentido da existência e do papel social do bibliotecário, comportado em sua consciência.

Ademais, no momento da coleta de discursos, tive que fortalecer minha postura em relação à atitude fenomenológica. Foi nessas ocasiões que pratiquei a suspensão de minhas crenças, inclusive aquelas que apoiam o pressuposto desta tese. Muitos discursos professam a hegemonia técnica da profissão, bem como outros, tem caráter mais humanistas.

Foi extremamente interessante, ouvir às opiniões contrárias às minhas crenças. Diria mais que isso, foi um aprendizado importante! Provavelmente, se eu lesse alguns dos discursos escritos em artigos ou outros tipos de trabalhos acadêmicos, talvez, minha discordância me provocasse um desconforto. Entretanto, pessoalmente, senti que ao ver e ouvir aquela pessoa a minha

frente, e de forma distanciada (não dela, e sim, distanciada de mim mesma), consegui me aproximar mais de seu contexto e da sua visão, sem me afetar pela minha possível opinião contrária.

Mediante essa experiência, me ocorreu que estamos muito acostumados com discursos acadêmicos, muitas vezes, escritos. No entanto, pouco temos oportunidades de maiores diálogos e de aproximações com nossos colegas. Além disso, o contexto atual do produtivismo acadêmico nos fomenta um certo isolamento, seja das presenças de outras pessoas, seja da nossa própria presença e da chance de praticar a alteridade nas relações humanas. Recorro novamente à Flusser (2013, p. 98)

[...]a comunicação só pode alcançar seu objetivo, a saber, superar a solidão e dar significado a vida, quando há equilíbrio entre discurso e diálogo. Como hoje predomina o discurso, os homens sentem-se solitários, apesar da permanente ligação com as chamadas fontes de informação.

Portanto, a atitude de redução fenomenológica permite uma postura mais compreensiva perante o agir humano, não é a toa, que a fenomenologia social “bebe” em Weber e em sua sociologia compreensiva!

Por fim, ressalto que compreender, não significa concordar com o ponto de vista do outro, e sim, entender as representações sociais e origens comportamentais que estão por trás de suas ações, para que mediante isso, possamos apresentar outras falas e outros argumentos, que direcionem a construção de uma realidade social mais inclusiva e justa. Nessa direção,

Participar de um discurso é uma situação totalmente distinta da de participar de diálogos. (uma questão política fundamental vem aqui à expressão.) A conhecida queixa de que ‘não se pode mais comunicar’ é um bom exemplo. O que as pessoas pensam certamente não é que sofram de falta de comunicação. Nunca antes na história a comunicação foi tão boa e funcionou de forma tão extensiva e tão intensiva como hoje. O que as pessoas pensam é na dificuldade de produzir diálogos efetivos, isto é, de trocar informações com objetivo de adquirir novas informações. E essa dificuldade deve ser conduzida diretamente ao funcionamento hoje em dia tão perfeito da comunicação, a saber, deve ser dirigida para a onipresença dos discursos predominantes, que tornam todo diálogo impossível e ao mesmo tempo, desnecessário. (FLUSSER, 2013, p.97-98).

Adiante, apresento o DSC extraído da coleta de dados, a representação social do coletivo docente relacionada à temática e a discussão voltada para o atendimento dos objetivos propostos nesta tese (e ao fim, com a esperanças de novos diálogos e discursos que superem a solidão!)

8 O QUE PROFESSAM OS DOCENTES: ANÁLISE DE DISCURSO E SEUS DESDOBRAMENTOS

claras palavras
 minha vontade de jogá-las
 ditas, cantadas
 não há tempo, nem passo
 que possam alcançá-las
 o ato escrito
 um livro vivo, forma de
 passado
 perpetua nosso riso e nossa
 cor
 mesmo o quase nada
 sem efeito ainda viaja
 desde a boca esfomeada do
 cantor
 (Tijuquera⁵⁸)

Mediante a aplicação da técnica do DSC, chegou-se ao seguinte discurso. Ele simboliza a representação social do coletivo pesquisado em relação ao sentido ético do ensino que orienta suas práticas:

O bibliotecário existe para organizar a informação, em qualquer documento e para qualquer pessoa, no setor público ou privado, bem como, promover o acesso à informação. Tem foco na dimensão técnica e tecnológica ou na dimensão sociocultural e educativa de sua atuação. Ele é um mediador da informação e deve promover seu uso com criticidade, visando o desenvolvimento da sociedade.

Sendo assim, deve atender demandas informacionais em todos os suportes e contextos, em órgão público ou privado. Estas demandas podem ser sociais, culturais e humanas, e também, de informação científica, tecnológica ou empresarial. O bibliotecário deve atendê-las por meio da organização e disseminação da informação; e ainda, vejo como necessário que faça uma análise crítica e ética para o cumprimento delas. E, de maneira menos frequente, acredito que ele pode atender às demandas exigidas pelo contexto educacional, de forma didática e lúdica, além, das próprias necessidades de informações e conhecimentos para o seu desenvolvimento profissional na área de Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Minha expectativa em relação ao futuro bibliotecário, é de que ele tenha entusiasmo por sua missão profissional, escolha a ambiência que deseja atuar e construa uma carreira. Espero que o egresso do curso utilize todos os conhecimentos, habilidades e atitudes que aprendeu na sua graduação, continue estudando e se atualizando. Também, gostaria que sua atuação seja

⁵⁸ Banda musical de Florianópolis. Tal letra, é da música "Claras Palavras" do álbum Innoxsambadagua, do ano de 2000.

voltada para o aspecto social e que possa ser mais crítico em relação à realidade, com maior atuação política e ética.

Ademais, desejo que ele responda às demandas exigidas pelo mundo do trabalho, seja capaz de atuar em diversas ambiências e reconhecer as necessidades de novos segmentos. Espero que seja empreendedor e tenha conhecimento técnico e tecnológico básicos para interagir com o mercado. Por vezes, anseio que possa ser contratado pelas organizações privadas e não seja funcionário público contratado por concurso. E ainda, atue em empresas privadas com a gestão da informação e com o uso de tecnologias de informação e comunicação, de modo que se torne um profissional moderno e apto para prever as demandas informacionais e recuperar as informações, as quais são o recurso mais importante a ser manipulado pelas organizações.

Eu realizo minha prática docente para que o desenvolvimento desse egresso aconteça na direção que espero. Em algumas vezes, compartilho minha experiência pessoal, profissional e acadêmica. Tento mostrar a importância das disciplinas para que façam sentido ao aluno e insiro reflexões sobre o fazer bibliotecário que não estão contempladas no projeto pedagógico. Busco integrar teoria e prática, no intuito de proporcionar ao aluno vivências para além do contexto acadêmico. Algumas vezes, eu tento inserir reflexões sobre o fazer do bibliotecário, no âmbito humano e social, para além das dimensões técnicas e tecnológicas e desenvolver seu senso crítico por meio de leituras. Procuo estabelecer uma boa relação com meus alunos baseada valores como o respeito e a alteridade. Com pouquíssima frequência, visando atender minha expectativa para o desenvolvimento do egresso, eu abordo questões éticas que se voltam para a inserção da temática étnico-racial e de gênero nas práticas do bibliotecário.

De outra maneira, frequentemente, trabalho com técnicas de gestão, estatísticas, métricas e o uso tecnologias para fortalecer sua racionalidade instrumental. Mostro as diversas ambiências para atuação do bibliotecário e exponho as práticas que o mercado de trabalho exige do bibliotecário, principalmente, em relação ao uso das tecnologias. Tento despertar o interesse do aluno com base na aprendizagem baseada em problemas, buscando a resolução de problemas voltados à técnica e à tecnológica. Nesse sentido, tenho convicção que é essencial abordar a responsabilidade do profissional no repasse da informação. Para efetivar isso, esporadicamente, procuro me manter atualizado e dar uma formação geral sobre o tema que eu estou ministrando.

Nas disciplinas que ministro, é comum, abordar aspectos éticos da postura profissional voltados à seleção das fontes, à disseminação, ao sigilo e repasse da informação nas organizações, bem como, sobre o plágio. Atentamente, também, para as normativas e/ou leis específicas. Por vezes, acredito que a ética é uma prática que está arraigada na pessoa, e não, no profissional e a abordo a partir das minhas atitudes em sala, enfatizando questões éticas voltadas à postura discente e/ou profissional, baseadas em valores como responsabilidade, alteridade e respeito. Frequentemente, procuro abordar questões éticas e políticas, na prática em sala de aula, ao instigar discussões sobre assuntos do cotidiano profissional e/ou dos estágios. Eventualmente, eu enfatizo estas questões por meio de debates sobre textos e filmes.

Quando eu ministro disciplinas técnicas e de gestão, poucas vezes, eu abordo o porquê e o sentido daquela técnica e da disciplina, assim como, uma reflexão sobre ações mais focadas nas pessoas do que nas técnicas, propriamente. Pouquíssimas vezes também, eu reflito sobre os aspectos éticos e políticos concernentes à dimensão social do uso das tecnologias aplicadas à Biblioteconomia.

Em relação aos aspectos políticos, pouco discuto, quando faço, é no sentido de orientar que o bibliotecário deve se adequar ao mercado de trabalho, conhecer todas as políticas e defender o que ele acredita. Também, incentivo os alunos a participarem de eventos científicos e profissionais. Ainda, no que tange à política, algumas vezes, entendo que falar sobre isso, é somente, discutir sobre o cenário político brasileiro da atualidade. Destaco que é comum, enfatizar a ética de forma implícita nas disciplinas, mas de qualquer forma, eu considero desafiador abordar esses aspectos.

Já no que diz respeito aos valores que me motivam a minha atuação como docente, ressalto o diálogo, a comunicação, a responsabilidade, a honestidade, a tolerância, o respeito, o entusiasmo, a humildade e a empatia. E com menos ocorrência, também me motivo para realizar minha prática docente pautada em: equidade, respeito à diversidade étnico-racial, de gênero e de orientação sexual, confiança, curiosidade, disciplina, associativismo político profissional, fidelidade aos valores institucionais, autoconfiança, presença (física), integridade no repasse da informação, colaboração, liberdade, cuidado, sensibilidade, bondade, justiça e afetividade.

Sobre a construção do atual projeto político pedagógico, na maior parte das vezes, não participei de forma efetiva. Quando participei, eu fazia parte do Núcleo Docente Estruturante ou estive presente em algumas discussões ou recomendando algum conteúdo disciplinar.

Acredito, frequentemente, que o impacto deste projeto na sociedade é positivo, pois haverá uma oferta de profissionais com uma formação mais atualizada e abrangente, com mais aptidões técnicas, tecnológicas e de gestão. Sendo assim, o bibliotecário será capaz de suprir as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como, o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado. E ainda, creio, ocasionalmente, que teremos profissionais com melhor formação técnica e mais preparados para pensar a Sociedade da Informação. Em alguns casos, percebo os recém-formados sendo absorvidos pelo mercado de trabalho e apresentando responsabilidade, confiança e com conhecimentos que interferem vantajosamente nas organizações as quais trabalham.

Por outro lado e de forma menos frequente, acredito que o projeto terá um impacto pequeno no que diz respeito ao alcance social que a profissão poderia abranger. Creio que isto acontecerá, pois ainda predomina-se uma ênfase tecnicista na atuação do bibliotecário e o PPC não privilegia a formação profissional com maior visão crítica e política para intervir na realidade. Ressalto que, embora com pouca frequência, eu não consigo fazer a avaliação do impacto do projeto político pedagógico do curso porque desconheço o PPC.

Nesse sentido, o PPC me serve como base para realizar minhas ações, na maioria dos casos. Ele é uma referência que me fornece parâmetros para orientar a questões práticas sobre disciplinas, ementas, cargas horárias e

bibliografias. Sendo assim, ele é a base para minha ação em sala de aula. Por vezes, o projeto me serve como base para a construção de projetos de pesquisa e extensão, organização de eventos, para concessão de bolsas e para resolução de impasses ou atender alguma demanda administrativa da Universidade.

Entretanto, com menos frequência, ele não influencia totalmente minha ação docente, pois eu não acredito na utilidade dele PPC ou não me identifico com suas proposições. Raramente, eu acho importante apresentá-lo e discuti-lo, pois muitas disciplinas são dadas no sentido estritamente técnico e sem um embasamento mais reflexivo sobre a atuação profissional. Por isso, esta reflexão deve ser abrangida de forma prescrita e de modo que o desenvolvimento do senso crítico do aluno, não fique na dependência exclusiva da ação docente. E também, de forma menos frequente, acredito que mediante o cenário cultural, político e econômico atual, precisamos de mais discussões sobre a ética e o compromisso profissional. Precisamos de mais diálogos e pesquisas que privilegiem as condutas humanas na área da Biblioteconomia e do ensino universitário, como um todo.

Por outro lado, algumas vezes, sinto a necessidade de mais diálogos com estudantes e docentes sobre o ensino, pesquisa e extensão, bem como, sobre a integração e interdisciplinaridade nas áreas da Ciência da Informação, Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. A área da Biblioteconomia precisa se modernizar e repensar seus conceitos e posicionamentos, e ainda, suas atuações para se inserir de forma efetiva no mercado.

O DSC final representa a voz do coletivo docente que atua nas Universidades catarinenses, que possuem o curso presencial de Biblioteconomia, bem como, explicita sua representação social sobre as questões relativas ao sentido ético do ensino.

Em face do objetivo geral desta tese - *conhecer o sentido ético que os docentes extraem do projeto político-pedagógico dos cursos presenciais de Biblioteconomia de Santa Catarina e como aplicam-no em suas práticas docentes enquanto colaboram no processo formativo do bibliotecário* – será feita a análise do DSC, ressaltando alguns trechos do DSC e trazendo, quando necessário, algumas falas de participantes para consubstanciar a compreensão do objetivo geral proposto, bem como, dos específicos.

Nesse sentido, a análise do DSC foi dividida em quatro eixos que versarão sobre a projeto pedagógico e ação docente; ética e atuação docente; o projeto pedagógico e a formação de consciência ética e o destinatário final do ensino. Cada um desses eixos será discutido, respectivamente e de forma isolada, conforme segue.

8.1 O Projeto Político Pedagógico e a ação docente: aproximações e distanciamentos

A realidade se constrói a partir de tudo aquilo que se apreende por meio da linguagem e da língua, seja nos diálogos, seja nos discursos. Mediante a intersubjetividade dos conteúdos trocados, assomam-se acervos de conhecimentos que legitimam os modos de pensar e de se conduzir perante determinado fenômeno. (BERGER; LUCKMANN, 2007; SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973, v. 1). E ainda, como fruto dessa discursividade, podem ser materializados alguns artefatos como o projeto político pedagógico onde se expõe as diretrizes, ações e conteúdos que vão orientar o ensino, a formação e a prática docente.

Tais documentos representam as decisões de um colegiado docente que foram discutidas e, ao final, aprovadas democraticamente por este mesmo grupo para sua posterior efetivação e aplicação. E assim, sem fugir da regra, acontece com os projetos políticos pedagógicos das Universidades catarinenses no ensino da Biblioteconomia. Perguntando aos docentes sobre a participação deles na construção do projeto, obteve-se o seguinte trecho do DSC:

Sobre a construção do atual projeto político pedagógico, na maior parte das vezes, não participei de forma efetiva. Quando participei, eu fazia parte do Núcleo Docente Estruturante ou estive presente em algumas discussões ou recomendando algum conteúdo disciplinar.

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) tem seus representantes eleitos pelo colegiado para refletir e estruturar as ações e apresentá-las para a decisão do grupo. Nesse sentido, DSC evidencia que a participação efetiva na construção do projeto, fica quase que restrita às atividades dos docentes ligados ao NDE, conforme exemplificado em alguns discursos⁵⁹:

⁵⁹ Com objetivo de preservar a identificação dos participantes da pesquisa, optei por chamá-los no gênero masculino, me referindo sempre: "o(s) participante(s)", o(s) entrevistado", o(s) respondentes, entre outros termos.

[...] Então, a gente [participante do NDE] chamou pra fazer os projetos, representantes de entidades de classe, profissionais atuantes na área, egressos dos cursos e fez muitas reuniões, muitas discussões e repensou. (Q7, E25)

[...] A participação não foi direta [...] Eu não fazia parte da comissão

[...] havia uma comissão designada pra isso e eles nos comunicavam algumas coisas em reuniões específicas pra isso e havia alguma discussão [...] eu não participei do pensamento [...] desse projeto pedagógico. [...] (Q5, E7).

Entretanto, observa-se, a participação pouco efetiva da maior parte do corpo docente, sendo que muitos não participaram e, poucos, procuraram se informar sobre o projeto após aprovado:

Eu não participei desse projeto. [...] Desconheço ele. [...] Não se fala nada dele[...] Eu não consigo fazer [a avaliação], porque realmente é uma coisa que... [...] Eu desconheço. [...] Nunca ouvi falar. Não há divulgação. É a primeira vez que eu tô ouvindo falar. (Q7, E4).

[...] eu nem sei qual é o projeto pedagógico. Nunca me mandaram [...] eu nunca olhei, também nunca procurei [...] (Q8; E29)

[...] o projeto da Biblioteconomia eu não tive participação na construção, [...] Assim, agora eu não sei como é que ele tá [...] (Q7, E10)

[...] havia uma comissão designada pra isso e eles nos comunicavam algumas coisas em reuniões específicas pra isso e havia alguma discussão [...] eu não participei do pensamento [...] desse projeto pedagógico. (Q7, E5)

[...] eu não tive participação [...] Eu olhei um pouco o histórico, ele sofreu algumas alterações... alterações importantes, eu acho, que não só pro departamento, mas também pros novos ingressantes no curso de Biblio. (Q7, E15)

Alguns professores apresentaram uma colaboração “externa” ao NDE, a qual se deu no sentido de recomendar conteúdos, ou mesmo, na arguição e comunicação de ideias favoráveis ao projeto que estava em construção na época.

[...] eu tive [...] pouca participação, porque quando começou eu tava no pós-doc ou recém voltando do pós-doc e como eu atuo numa área muito específica [...] Tive participação no sentido [...] de recomendar, essa questão de disciplina [...] (Q7, E. 2).

[...] Eu diria assim que, eu defendi de unha e dentes a manutenção das disciplinas práticas [...] (Q7, E7).

[...] Qual o papel que eu tive na época? Foi de tentar convencer os bibliotecários dentro do [...] departamento de Ciência da Informação, que a gente tinha que ter profissionais de outras áreas aqui dentro. Como se fazem em todos os outros cursos de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Arquivologia no Brasil inteiro. [...] (Q7, E5).

Dessa forma, pode-se destacar que, apesar de aprovada a versão final do projeto em colegiado e de forma democrática, a responsabilidade pela construção do projeto, bem como, de suas diretrizes que vão nortear o ensino, fica quase que exclusivamente delegada ao NDE, salvo alguns docentes que se preocupam com a permanência de conteúdos que acreditam ser interessantes ao ensino e de outros com a interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento.

De fato, grande parcela dos docentes mostrou-se omissa (ou não questionadora) em relação ao processo de construção do PPC; e entendendo isso como suficiente. Ressaltam que se for o caso, buscarão o histórico das atualizações do documento e sua versão final. Essa omissão pode dar-se por muitas justificativas, seja por afastamento para qualificação profissional, idiosincrasias, desmotivação, cansaço pelo excesso de atribuições e participação em outras atividades docentes, entre outros fatores; porém, esses motivos não foram nitidamente explicitados nos discursos.

Nessa esteira, perguntou-se em que sentido o projeto político pedagógico lhes serve de base para a realização de suas ações. Compreendeu-se que o coletivo percebe no projeto, uma referência para pautar suas ações, no que tange diretamente às questões de conteúdo curricular, carga horária, ementas, bibliografias e estrutura da grade curricular; conforme o seguinte trecho do DSC:

o PPC me serve como base para realizar minhas ações, na maioria dos casos. Ele é uma referência que me fornece parâmetros para orientar a questões práticas sobre disciplinas, ementas, cargas horárias e bibliografias. Sendo assim, ele é a base para minha ação em sala de aula.

Reforça-se esse discurso, trazendo à tona, às seguintes falas que o compuseram:

O projeto pedagógico? O projeto pedagógico ele é a base de tudo, né? [...] Quando eu dou aula, eu sempre sei que as outras disciplinas da minha fase tão fazendo, e eu faço trabalho articulado com outras disciplinas da mesma fase tanto quanto possível, né? E eu sei que a minha disciplina é base pra todas que vem na sequência. E que, eles podem estar fazendo trabalhos articulados com outras disciplinas do mesmo semestre. Isso é essencial. (Q8, E2)

[...] tem um aspecto que é muito prático, tá? Que é toda vez que eu vou... todo o começo de semestre quando eu vou montar meus... meus planos de ensino, né? É minha base... Então, eu acho que isso é bastante braçal, assim! É consultar e tal. É... Ele também me serve de parâmetro, [...] a ementa, eu não posso mexer, no conteúdo programático, eu posso. (Q8, E5)

[...] Existe toda uma relação entre as disciplinas, as próprias ementas [...] é lá que o professor vai buscar subsídios pra poder construir seus projetos de pesquisa, seus projetos de extensão, a organização de um evento, pra concorrer a um edital, é... mesmo pra conseguir uma bolsa... [...] as respostas devem estar lá no projeto pedagógico, e é lá que... esse é o documento que deve embasar toda a prática docente. [...] (Q8, E12)

Ele é um guia, mas mais na disciplina que eu tô ministrando. [...] (Q8, E10)

[...] que ele é pra mim, uma referência [...] Quase que um... é... uma obra de consulta, quando eu preciso tirar uma dúvida específica de uma carga horária [...] (Q8, E5)

Eu observo o perfil acadêmico. [...] Tanto que o que se espera do aluno do futuro, [...] eu tento adequar pra os objetivos da disciplina, pros objetivos das aulas. [...] (Q8, E14)

Nessa direção, segundo a manifestação dos docentes, o projeto é usado como instrumento utilitário que se reduz somente aos aspectos de ordem prática, como a confecção dos planos, de ensino e na organização dos conteúdos das disciplinas em sala de aula, bem como de projetos e eventos. Não houve questionamento ou manifestação de discordância, apenas a aceitação dele como: “base de tudo”, “fundamental” e “embasa toda a prática docente”. Para além da questão instrutiva do projeto, pouquíssimos docentes chamaram a atenção para a aquisição de uma visão mais ampla e focada no

seu propósito. De modo que não se foque, apenas, na simples funcionalidade. Observa-se isso, quando mencionam princípios e maiores questionamentos:

[...] Então, eu vejo que o projeto pedagógico ele serve nesse sentido, assim, Conhecendo o projeto pedagógico, o que que a gente espera do profissional? O que que a gente tá fazendo? Por que isso? Por que aquele programa? Por que esse conteúdo nesse momento? Por que aquele conteúdo naquele momento, Traz essa amarração pra gente, Ir ministrando, enfim, Ir trabalhando nessa construção. (Q8, E19).

[...] ele que nos ajuda a pensar, inclusive, qual é o perfil desse egresso que queremos, [...] os diferentes enfoques cada professor precisa ter essa noção de que profissional eu quero ou de que profissional estamos formando dentro da Universidade (Q8, E16).

[...] Todas as atividades que a gente faz tem que tá previstas ali. Então, ele é a base pra qualquer ação docente, [...] mesmo as atividades de pesquisa, [...] de extensão, elas vão ser conduzidas pelos princípios que a gente tem em cada curso pelas metas, pelos objetivos dos cursos. [...] (Q8, E25).

[...] eu vejo que o projeto político pedagógico tem história, tem propósito, tem planejamento e tem execução e não é somente um documento para apresentar para as instâncias deliberativas [...] (Q8, E30).

Foi constatado também, em menor frequência, duas situações, embora distintas, voltadas para a pouca influência que o PPC tem nas ações docentes. A primeira delas, é semelhante ao destacado anteriormente, na direção instrutiva do projeto, conforme um entrevistado: “[...] *é algo que a gente consulta num momento de dúvida, num impasse, em alguma pressão que a gente recebeu da Reitoria que a gente tem que ver se a gente tá respaldado ou não no projeto, [...]*”.

E a segunda situação colocada, refere-se aos docentes que não creem na finalidade do PPC e/ou não se identificam com o direcionamento ideológico do projeto. Nessa direção, ele influencia pouco a ação docente. Segue trechos que os entrevistados afirmam isso:

Ele é um guia, mas mais na disciplina que eu tô ministrando. [...] na totalidade ele não [...] Eu vou muito mais pelo que eu acredito, pelo que eu [...] leio, pelo que eu entendo, pelo que eu acho que deve ser [...] Tipo, assim, tá lá o aspecto social, mas na prática ele é muito variável. [...] Ele não influencia, eu sei

que tá lá, eu sei que é considerado importante [...] discuto nas minhas disciplinas, mas não é porque tá no projeto. (E8, Q10)

[...] Mas a gente tem uma certa autonomia pra conduzir dentro daquele espaço do conteúdo programático da disciplina, da maneira como a gente vai conduzir as nossas avaliações que, apesar de estarem regidas e a gente não foge daquilo que está no projeto, [...] Mas não é algo assim, que a gente vá olhar toda hora pra poder, é... conduzir a nossa ação pedagógica. (E8, Q20)

[...] Não sei! [...] É difícil! É... sei lá, quando eu tenho a oportunidade de trazer um texto, uma coisinha mais diferente, assim tipo um Manifesto Comunista, [...] Eu tava dando Introdução à Filosofia, então é mais fácil, De sair um pouco, assim... [...] (E8, Q11).

[...]As pessoas que fazem o projeto pedagógico funcionar somos nós professores. Então, você pode dar a mesma aula do que eu de um jeito completamente diferente. Não importa o que fala projeto pedagógico. Depende do professor. [...] . (Q7 E13)

[...], uma vez que somos nós que construímos os nossos currículos, por exemplo, mas eu tenho tentado fazer a inserção de discussões, mesmo em disciplinas, é... cujo o projeto pedagógico do curso não contemple discussões mais... [...] discussões mais humanas. Então, por exemplo, dando aula de classificação eu sei que eu tenho uma responsabilidade que vai além de ensinar o aluno a... a usar um sistema de classificação. Ele tem que saber refletir o que que isso significa. (Q4, E5).

Então, nota-se a pouca motivação, o que demonstra o pouco crédito na proposta do projeto. Tais professores baseiam suas ações pelas suas crenças pessoais e profissionais, de acordo com o que entendem ser a melhor ação. Já para outros poucos professores, foi verificada a falta de interesse em conhecer o documento ou o esquecimento de seu conteúdo:

[...] eu nunca olhei, também nunca procurei, [...] Então, na verdade, cada um dá aula do jeito que quer. [...] (Q8, E29).

Aí, agora tu me pegasse! Eu acho que a gente tem que cumprir [...] aquele objetivo que tem ali, né? Colocar o aluno na sociedade pra atender, apesar que o nosso projeto pedagógico lá [...] se não me engano, eu não me lembro agora. Mas diz lá que ele tem que atender a parte de disseminação da informação, a parte social, a parte de disseminação da informação, ele fala a nossa missão, tá? Mas se tu for ver as disciplinas, especificamente, eu acredito que não estão atendendo. Eu teria que dar mais uma olhada, porque eu não tô muito por dentro, assim, a gente vai trabalhando e no final

e... tem coisas que a gente não consegue gravar tudo. (Q8, E3).

E, no relatado adiante, percebeu-se um desconhecimento do docente em relação ao projeto, visto que em ambos projetos das Universidades catarinenses, encontram-se diretrizes e princípios voltados para a “Críticidade” (UFSC, 2015b) e a “consciência crítica” (UDESC, 2007). O entrevistado alega que o projeto é puramente administrativo. Assim, subentende-se que ele desconhece a estrutura formal do documento e sua dimensão política. Ressalta-se inclusive, que as próprias instâncias superiores das Universidades, por meio de seus Projetos Políticos Institucionais (PPI), norteiam diretrizes (UFSC, 2015b) ou princípios (UDESC, 2007) para os PPCs.

[...] Mas nenhum lugar fala que você tem que ensinar a pensar as pessoas. É que o projeto pedagógico é uma coisa administrativa. [...] Aqui eu sei que nós gostamos muito da burocracia. [...] E no projeto pedagógico, você não pode contemplar professores que são de esquerda, de direita, professores que são machistas, [...] isso não entra no projeto pedagógico. [...] (Q8, E13).

Portanto, analisar estes discursos me possibilitou alcançar o proposto no objetivo específico **“a) Identificar a percepção que os docentes têm sobre a construção de suas próprias ações na direção de efetivar o proposto no projeto pedagógico”**.

Como verificado a partir do DSC, há pouca mobilização política e dialógica por parte do coletivo docente em relação à construção do projeto político pedagógico e à articulação do mesmo em sua prática docente. Por vezes, percebe-se certa integração com o projeto, já que a prática docente está baseada somente na instrumentalidade prescrita pelo projeto. Assim, sua existência fica reduzida a uma simples referência administrativa para se confeccionar planos de ensino, atender carga horária e bibliografias, bem como, se inteirar de ementas e resolver impasses organizacionais.

Foram pouco os docentes que consideraram nas suas manifestações, o sentido político e filosófico do projeto. Tais professores alegam que esse documento vai além de um instrumento prescritivo, pois possui história,

propósito e princípios. E ainda, propõem uma reflexão sobre o direcionamento do perfil do egresso que o processo formativo vai atender.

Já outros professores, constroem suas ações com pouca interlocução com o documento. Tal desmotivação em relação ao projeto político pedagógico, reflete a falta de conhecimento aprofundado do mesmo e a falta de comunicação dentro do próprio coletivo no sentido de articular suas ações em conjunto.

Outro aspecto constatado, é a falta de identificação ou mesmo de crença em relação ao projeto. Destaca-se que o PPC, no caso, foi concebido e assumido pelo grupo que esses mesmos docentes são parte. Tal aspecto se justifica, uma vez que se coloca na centralidade da ação, a conduta e os valores individuais do professor em detrimento da ação estabelecida pelo coletivo e prescrita no projeto.

Para tecer este entendimento, retomei à Schütz (2010) quando versa a respeito do homem que age e pensa dentro do mundo da vida e a natureza incoerente, não homogênea e parcialmente clara, sobre o seu próprio conhecimento. Pode-se dizer, que os docentes, de maneira individual, muitas vezes, não voltam sua atenção para a compreensão total das relações entre os elementos de seu mundo e os princípios que determinam tais relações.

Frequentemente, suas motivações individuais determinam a importância de suas escolhas e condutas, as quais não são integradas, no tecido social, dentro de um sistema coerente. Essas escolhas são parcialmente integradas à algum tipo de plano (por exemplo, plano de vida ou de trabalho). Entretanto, a prevalência desses planos, muda com a situação e também, com o próprio desenvolvimento da personalidade. Dessa forma, os interesses e motivações são alterados ininterruptamente, durante a vivência. (SCHÜTZ, 2010). Dessa forma, se explica, por exemplo, a pouca articulação da prática do docente com o projeto político pedagógico na sua totalidade, seja nas suas diretrizes, seja nas suas prescrições. Evidencia-se aqui a diversidade de motivações e escolhas individuais dentro desse coletivo, o que dificulta a comunicação e a articulação de conteúdo significativos que favoreçam uma ação política e conjunta.

Dessa forma, afirma-se a dificuldade que o docente tem em voltar sua atenção para o entendimento total das relações cotidianas a que está submetido. Esse fato se justifica pelo déficit de consciência ou de conhecimento que ele tem da construção sócio-histórica da profissão de bibliotecário e do processo educativo desse profissional. A evolução desta categoria profissional denota a tímida atuação política e conseqüentemente, o pouco fortalecimento dos interesses coletivos, desde que esse fazer se estruturou legalmente, na condição de profissão regulamentada a partir da lei 4.084 de 1962.

Observa-se essa “timidez” refletida na forma com que se desenvolve as associações e os sindicatos profissionais, visto que são entidades representativas dos discursos políticos do bibliotecário. (ALMEIDA JR., 1997; SOUZA, 1997, 2009, 2014). O próprio desenvolvimento da ABEBD e depois, a mudança para o que é hoje a ABECIN, denota uma falta de maiores reflexões sobre as condições econômicas e políticas que regeram o surgimento da Ciência da Informação (SOUZA, 1997, 2006, 2009); e sobre suas implicações éticas no desenvolvimento do ensino, do fazer e da própria identidade do bibliotecário.

Tais implicações se relacionam à missão do bibliotecário e à promoção da cidadania e não somente, ao atendimento das demandas requisitadas para o progresso da indústria da informação. Talvez, como Insc se justifique tal discurso relacionado à participação de um docente na construção do projeto político pedagógico:

[...]Foi de tentar convencer os bibliotecários dentro do [...] departamento de Ciência da Informação, que a gente tinha que ter profissionais de outras áreas aqui dentro. Como se fazem em todos os outros cursos de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Arquivologia no Brasil inteiro. [...] (Q7, E5, grifo nosso).

Por outro lado, evidencia-se abaixo, o recado de um entrevistado, nos últimos momentos da entrevista quando lhe foi indagado se gostaria de falar algo mais. Denotou-se assim, outra visão (embora, a única expressada dentro do coletivo pesquisado), sobre a progressão dessas áreas:

Eu espero que sua pesquisa seja voltado para a Biblioteconomia, lamento muito que nós não temos no Brasil um doutorado em Biblioteconomia. [...], lamento que certos momentos nós criamos a Ciência da Informação e ela nos desconsiderou. [...] portanto, que atualmente estão acontecendo diálogos possíveis entre as áreas, mas falta ainda muito para que a Ciência da Informação veja a Biblioteconomia com bons olhos. [...] (Q9, E30).

Nessa direção, parto em busca do segundo objetivo específico deste trabalho, que consiste em levantar o sentido ético da atuação docente e quais os pensamentos que norteiam o agir e o fazer das práticas de cada professor nas Universidades abrangidas nesta pesquisa.

8.2 Sentido ético da atuação docente: da miopia política ao tecnicismo

No intuito de resgatar as manifestações sobre o sentido ético percebido pelos docentes, com relação a sua própria atuação, foram feitas indagações. Tais perguntas abrangeram o propósito da existência do bibliotecário e das demandas atendidas por ele, as expectativas docentes, a abordagem de conteúdos éticos e políticos e os valores que motivam suas práticas.

Primeiramente, no que concerne à existência e às demandas desse profissional, os discursos apontaram para duas dimensões⁶⁰ de sua atuação: (i) técnica e tecnológica; (ii) sociocultural e educativa, conforme mostra o trecho do DSC:

O bibliotecário existe para organizar a informação, em qualquer documento e para qualquer pessoa, no setor público ou privado, bem como, promover o acesso à informação. Tem foco na dimensão técnica e tecnológica ou na dimensão sociocultural e educativa de sua atuação. Ele é um mediador da informação e deve promover seu uso com criticidade, visando o desenvolvimento da sociedade.

⁶⁰ Tomei para esta pesquisa o termo “dimensão” para caracterizar essas diferentes percepções concebidas pelos docentes sobre a atuação profissional do bibliotecário. Verifiquei o significado da palavra dimensão, e entre, seus vários significados, destaco: “grau de potência” (embora este esteja atrelado à álgebra) e “[Figurado] Âmbito significativo de alguma coisa real ou abstrata: ”. (AURELIO, 2017; DICIO, 2017).

E ainda, buscou-se alguns discursos onde se visualiza estas dimensões, conforme quadro abaixo:

Quadro 4 – Dimensões da atuação do bibliotecário

Dimensão técnica e tecnológica	Dimensão sociocultural e educativa
[o bibliotecário existe] <i>Pra organizar toda a documentação deste planeta. (Q1, E1)</i>	<i>[...] ele atua dentro de bibliotecas [...] pra levar a informação para as pessoas e aí ele tem o lado técnico porque ele tem que organizar a informação e ele também tem o lado social, [...] ele tem que ver o lado das pessoas também dependendo do tipo de biblioteca que ele vai trabalhar. (Q1; E2)</i>
<i>Pra divulgação de toda a informação científica, bibliográfica, poética que existe dentro de uma região, dentro de um país, dentro de uma instituição. O papel principal dele é gerar informação pra que as pessoas possam tomar decisões de leitura, de conteúdos. [...]A minha visão hoje em relação ao bibliotecário é o gestor de informação. (Q1, E6)</i>	<i>[...] Então, eu acho que o bibliotecário é muito desafiado nisso, entendeu? Porque ele é bibliotecário, ele é professor, no meio de uma biblioteca escolar, numa biblioteca pública [...] (Q1, E4)</i>
<i>[...] Eu diria que a essência da organização, recuperação e disseminação de qualquer informação, qualquer documento, em todas as áreas. (E1, Q7)</i>	<i>[...] eu acredito que o bibliotecário é um fomentador cultural. [...] é o facilitador que tem o ambiente da biblioteca como ponto de encontro pra é... organizar, pra fomentar as atividades culturais, educativas, incluindo a leitura. (Q1, E10)</i>
<i>[...] um profissional que manipula a informação é... e atende as necessidades de informação de alguém. Então, esteja aonde a informação estiver, esteja no formato que estiver, é... ele precisa dominar as técnicas e tecnologias e recursos pra... pra oferecer esse serviço. (Q1, E9)</i>	<i>[...] oportunizar o acesso e fazer a mediação entre essas informações que existem e as pessoas que precisam dessas informações, de como utilizá-las e pro seu bem, pra sua construção, é... enquanto indivíduo, enquanto cidadão e também pra formação dessa consciência crítica, reflexiva em relação ao uso dessas informações. [...] (Q1, E12)</i>
<i>[...] Organizar toda a informação que existe dentro de um projeto, no desenvolvimento de um produto, então eu vejo muito mais além do que as funções mais tradicionais [...] (Q1, E15)</i>	<i>[...] bibliotecário é uma profissão do mundo urbano porque é no mundo urbano que se tem a maior massa de documentação, de informação e do conhecimento [...] ele [...] é sempre o mediador dessa grande massa documental. [...] aquele que domina aquelas ferramentas que vai aprendendo ao longo da sua formação para é... buscar dados que as pessoas, países, indústrias</i>
<i>[...] é um profissional que vai ter que se adaptar às novas realidades, das</i>	<i>[...] um educador, ele é um profissional que tem uma importância social porque ele pode</i>

<p><i>tecnologias... [...] Um profissional que precisa trabalhar com as novas tecnologias [...] (Q1, E17)</i></p>	<p><i>contribuir na formação de leitores, na formação de um cidadão melhor, [...] é um agente de transformação da sociedade. [...] (Q1, E25)</i></p>
<p><i>[...] Fundamental pra sociedade. [...] todas as questões relacionadas à Ciência da Informação, organização dessas informações e... e que tem evoluído bastante com a utilização [...] novas abordagens, tecnologias e... basicamente organização...</i></p>	<p><i>[...] Nós precisamos aproximar a informação de qualquer formato para as necessidades informacionais de um determinado sujeito. [...] (Q1, E25)</i></p>
<p><i>[...] mas ele não existe pra organizar a informação, ele não existe pra ser guardião da informação. Ele existe porque as pessoas precisam da informação pro seu dia a dia, Pra suas... pros seus estudos, pra sua vida pessoal, particular, pro seu trabalho e ele é a pessoa responsável em organizar os espaços onde essas informações vão [...] (Q1, E22, grifo nosso)</i></p>	<p><i>[...] guardar a memória coletiva ou individual de um... de uma... de uma comunidade, de uma sociedade, em geral [...] E os bibliotecários pra justamente buscar os acervos que foram destruídos, reconstruir, organizar, sistematizar as informações. [...] (Q1, E31)</i></p>
<p><i>[...] como gestor e como planejador e prestador de serviços dentro dessas organizações. Todos os tipos de bibliotecas aí envolvidas, E também na gestão da informação dentro de organizações em geral. (Q2, E20).</i></p>	<p><i>[...]Eu acho que se tem uma demanda então é que seja pra atender, sabe?, biblioteca, o social, escola, biblioteca comunitária, pública, [...] (Q2, E11)</i></p>
<p><i>[...] ajudar a estabelecer novas normas, de novos tipos de serviços, de inovações em CT e... e unidades informacionais, [...] (Q2, E28)</i></p>	<p><i>Se as pessoas tem algum tipo de necessidade, o bibliotecário pode ajudar também nisso, pensando que o bibliotecário é a pessoa que, em alguns contextos... sim, é certo ter um intermediário entre a informação e as necessidades das pessoas [...] (Q2, E13).</i></p>
<p><i>[...]ele seja capaz de, obviamente, utilizar o sistema de informação de apoio às bibliotecas, é... [...] porque se ele tem o domínio de todos os requisitos, ele pode facilmente auxiliar os analistas e os desenvolvedores a projetar um novo sistema de biblioteca. [...] também espero que ele saiba especificar sistemas, [...] (Q,3, E28)</i></p>	<p><i>Um bibliotecário proativo, conhecedor da... do complexo da cidadania num país cheio de contradições. [...] um bibliotecário que seja leitor, que estimule leituras para quem está aprendendo a unir letras, que dê um contexto. Para atuar nos mais diferentes lugares, seja na favela, seja num complexo de pesquisas tecnológicas. Então, é um bibliotecário que precisa compreender como acessar e usar a informação nos diversos modos. (Q3, E30)</i></p>

Elaborado pela autora (2017).

Ao voltar a atenção para o quadro 4, percebe-se, portanto, alguns pontos interessantes. Na visão do coletivo, conforme sua representação social, a dimensão técnica e tecnológica pode ser sintetizada na organização de toda a informação, em qualquer suporte, seja no setor público ou privado. Ela se dá

por meio do tratamento, recuperação e disseminação. Nesse sentido, segundo o expressado, o bibliotecário é um gestor da Informação.

Nas falas, salienta-se termos utilizados, frequentemente, nas áreas de gestão como “prestador de serviços” e “desenvolvimento de produto e projetos”. Segundo alguns entrevistados, o bibliotecário é um profissional que precisa trabalhar com novas abordagens e novas tecnologias. Um dos entrevistados foi objetivo, ao responder a indagação sobre a existência do bibliotecário, em sete palavras: “*Pra organizar toda a documentação deste planeta*”. (Q1, E2).

Nesta análise, não se trata de forma alguma, de negar as técnicas ou tecnologias, até porque, elas efetivam um determinado fazer de um grupo de indivíduos. São artefatos linguísticos originados de acervos de conhecimentos vivenciados e comunicados, ao longo dos tempos. Tais artefatos foram construídos mediante a relação entre várias subjetividades, as quais representam socialmente e dão identidade à esse grupo de indivíduos em função desse fazer que se constituiu nesse processo. Porém, no coletivo docente em questão, percebe-se um sentido reducionista conferido às técnicas ou tecnologias.

Um exemplo disso, apresenta-se de maneira muito sutil e imbricada em uma fala, quando o docente afirma que o bibliotecário “[...] *existe pra organizar a informação, ele não existe pra ser guardião da informação. Ele existe porque as pessoas precisam da informação [...] é a pessoa responsável em **organizar os espaços** onde essas **informações vão** [...]” (Q1, E22, grifo nosso). Em tal discurso o foco é depositado na organização e no espaço onde as informações “vão”. Por consequência, acaba por se reproduzir justamente a premissa, que o entrevistado não gostaria, sobre a guarda da informação.*

Nesse caso, a organização atende a uma premissa espacial (inclusive, pode ser vista como o próprio acervo) ou mesmo, em nível macro, o espaço Institucional. Essa organização não tem como foco as pessoas para as quais a informação existe. Outra fala de diferente entrevistado, evidencia novamente, esse aspecto, nas suas entrelinhas: “[...] tem que valorizar o recurso que é o mais importante que **as organizações** manipulam, ele tem que dar valor pra isso [...] pensar num bibliotecário atuando em **qualquer espaço, onde** tem

informação ele tá” . (E3, Q9, grifo nosso). E se a fala fosse: “onde tem pessoas o bibliotecário está”? Acredito que o foco também mudaria, inclusive a própria técnica teria muito mais valor uma vez que se abrange o sentido do agir profissional, para depois concretizar o seu fazer.

Cito aqui, o exemplo de outro entrevistado, onde o espaço é entendido de forma diferente, como um local de promoção do encontro social e conseqüentemente, voltado para a mediação e apreensão da informação: “[o bibliotecário] é o facilitador que tem o ambiente da biblioteca como ponto de encontro pra é... organizar, pra fomentar as atividades culturais, educativas, incluindo a leitura”. (Q1, E10).

Assim, recorrendo à Aristóteles (2003), quando relaciona “práxis” e “poiésis”, a dimensão técnica, no sentido considerado aqui, seria somente a “poesia”, no sentido do artefato criado, do “fazer em si” classificado e acabado; reduzido e moldado. Dessa maneira, desconsidera-se como práxis, os intelectos que conversaram (como diria Flusser, 2007) para inspirar, construir e constituir esse fazer.

Entretanto, quando se considera a dimensão da práxis, a técnica é valorizada e constantemente, revisitada e ressignificada, pois está se abrangendo toda a vivência e as relações que a tornam significativa, seja para as pessoas que a fazem, seja para as que a recebem. Nessa linha, observa-se algumas falas voltadas para a organização da informação com foco na dimensão sociocultural e educativa de atuação profissional, como: “organizar, pra fomentar as atividades culturais, educativas, incluindo a leitura. (Q1, E10) ou “um bibliotecário que seja leitor, que estimule leituras para quem está aprendendo a unir letras, que dê um contexto.” (Q, 3, E30).

Nesse caso, o foco da organização vai ao encontro de atividades que fomentem a transformação social, ou seja, a organização da informação vista como um meio e não, como um fim em si mesma. Ainda nessa referida dimensão, destaca-se a mediação da informação e seu repasse com criticidade voltado para o desenvolvimento pessoal e profissional da sociedade, por exemplo: “um bibliotecário que seja leitor, que estimule leituras para quem está aprendendo a unir letras, que dê um contexto”. (Q2, E30).

De posse da compreensão do que se compõem essas duas dimensões da atuação, perguntou-se sobre as expectativas desses docentes em relação ao egresso formado por eles. Tais expectativas acompanharam os discursos que ora corroboraram para a dimensão mais técnica e tecnológica, ora para a dimensão mais social, conforme já exposto no DSC.

No que diz respeito a uma atuação voltada ao aspecto sociocultural e educativo foram enfatizadas, em algumas falas, a expectativa de um bibliotecário que tenha uma postura crítica, questionadora e inclusiva e que atue de forma ética e política para promover a transformação social.

[...] talvez pequenos pseudo comunistas[...] um pouco crítico, um pouco político, (Q3, E11)

[...] enquanto bibliotecário consiga diminuir um pouco as desigualdades sociais[...] com valores éticos e que eles tenham essa consciência social e política da profissão, [...] espero dos egressos de Biblioteconomia, que eles saiam dali com conhecimentos técnicos que tenham esses conhecimentos, essas habilidades tecnológicas, mas principalmente, essa consciência social e política da profissão [...] (Q3, E12)

[...] que ele não seja só um técnico, um mero técnico. Que ele tenha [...], principalmente, [...] uma formação mais política, no sentido mais amplo da coisa. Que ele tenha um engajamento com as entidades de classe. [...] ter essa análise mais crítica da sociedade e se engajar. [...] mais preocupado com a questão social e não que ele seja um técnico. [...] E3, E25

[...] sinceramente tenho esperado cada vez mais que sejam bibliotecários críticos, politizados, conscientes de uma realidade. [...] (Q3, E5)

[...] eu espero que ele atue eticamente, Que ele respeite [...] Atender as pessoas dentro de suas necessidades, de uma forma ética e que veja que o outro lado ali, na sua frente tem uma pessoa a ser atendida e que precisa de informação. (Q3, E3)

[...] A gente sempre espera que esse egresso possa ser aquele profissional completo, [...] que possa atender tecnicamente eticamente... [...] Que ele possa ser atuante nessa sociedade que nós temos hoje. Então, não é só uma atuação é... técnica, mas é política e social. [...] (Q3,E16)

[...] com a mente obrigatoriamente aberta! É obrigatório pensar! Absolutamente obrigatório! E questionar qualquer coisa! [...] que se for um profissional que sabe pensar, que é crítico na informação e pode ajudar, de algum jeito não sei como... de algum jeito, as pessoas a se aproximarem da informação que precisam, ajudar a procurar as fontes mais ótimas pra essas pessoas, [...] (Q3, e13)

[...] O que que essas pessoas querem de mim? Que tipo de... de serviço eles querem que eu proporcione pra eles? Será que é só manter o material organizado aqui? [...]Então, assim, o que eu esperaria do meu [...] egresso era a pró-atividade mesmo, era enxergar as coisas que tem que ser feitas e ir atrás e fazer, (Q3, E26)

Observou-se também, questões voltadas à habilidade dos egressos atuarem em diversificadas ambiências e construir uma carreira profissional. Por outro lado, algumas expectativas somaram-se, exclusivamente, à dimensão mais técnica e tecnológica da atuação, e ainda, direcionadas para a atuação em empresas, de preferência privadas. Dessa forma, neste caso, o discurso é voltado para um ponto de vista mais mercadológico onde a informação é um recurso essencial para a manutenção competitiva das organizações. Segue abaixo, os trechos de alguns discursos que se afinam com o exposto:

[...] eu acredito que eles poderiam trabalhar em muitas empresas voltadas ao sistema de informação, sistemas de gestão do conhecimento, de sistemas de gestão da própria informação [...] especificamente a função dele... a função dele é gerar informação. Trabalhar com fontes informacionais, disponibilizar essas fontes, é... ter uma atuação muito mais preventiva do que simplesmente demanda. [...] Eu acho que nós temos um mercado muito maior e que a gente ainda não se deu conta. [...]Se a gente não souber quais são as demandas, a gente não vai... vai continuar formando bibliotecários que vão sair daqui pra tentarem ser somente concurseiros.

[...] eu vejo que ele precisa estar habilitado também a atuar em outras frentes, Até de forma autônoma, [...] Eu acho que ele pode prestar um serviço de informação uma consultoria, alguma coisa nesse sentido trabalhar de forma autônoma num leque muito amplo, [...] se ele garimpar um pouco ele vai ter mercado, então o que que eu espero é que ele saia habilitado pra isso. Pra interagir nesse mercado, pra ter um conhecimento pelo menos um básico da... dos instrumentos de... tecnológicos, [...] que ele possa também atuar em outras [...] frentes (E3, E19)

[...] espero que seja um profissional que utilize de todos os conhecimentos, habilidades e atitudes que aprendeu na Universidade,[...] tem que valorizar o recurso que é o mais importante que as organizações manipulam, [...] (Q3, E9)

Dando continuidade ao pensamento proposto, segundo o revela o DSC final, foi detectada a atuação do profissional e suas dimensões e as expectativas dos docentes sobre os alunos egressos. Depois, perguntou-se o que estes mesmos docentes faziam em sua ação docente para que os egressos fossem formados conforme suas expectativas.

Assim, alguns os professores destacaram um caráter mais reflexivo ao explorar estudos de casos, leituras, filmes e compartilhar vivências pessoais deles próprios; no intuito de integrar teoria e prática que possam ir além do contexto acadêmico. *“tento inserir reflexões sobre o fazer bibliotecário no âmbito humano e social, para além das dimensões técnicas e tecnológicas” ou “insiro reflexões sobre o fazer bibliotecário que não estão contempladas no projeto pedagógico”*. (trechos do DSC). Nessa direção, exemplifica-se com o seguinte trecho dos discursos docente:

Ele tem que compreender, sei lá filosoficamente, a estrutura do sistema, mas como é que isso... que essa atuação que é meramente técnica, aparentemente, que... que alcance social essa atividade tem? Então, na minha prática eu tenho tentado acrescentar cada vez mais a reflexão sobre o fazer bibliotecário, [...] (Q 4, E5)

eu procuro é... fazer com que ele tenha autonomia... [...]de escolha, [...], por exemplo, seminário onde a pessoa possa expressar sua opinião, na medida do possível é... problemas, estudos de caso e tentar discutir como é que isso impacta... quais seriam as formas de agir naquele determinado contexto é... mas eu acho um desafio fazer isso dentro da sala de aula. [...]Eu acho que quando é uma disciplina técnica, ele tem que sair conhecendo, mas conhecendo com a devida flexibilidade. [...] eu acho que é mais aprender a pensar, saber tomar decisão dentro do ambiente que ele tiver, (Q4, E10).

[...] Faço pensar na responsabilidade que se tem[...] Então, chamar atenção pra essas questões, O poder do bibliotecário, o que é o bibliotecário atuando num... numa... num município pequeno. O que é o bibliotecário atuando dentro de uma escola, Qual é a força que ele tem? Como é que ele age? [...] Então, eu acho que, antes de tudo, somos um profissional social e temos que olhar pras pessoas! [...] (Q4, E26).

[...]Quase todos os anos falo também de uma prática que na verdade não faço porque não faço catalogação. Eu também não gosto muito de catalogação. [...]Perguntei para um grupo de alunos: - Se você tivesse uma biblioteca, não importa a biblioteca, pode ser uma biblioteca pública, assim, do bairro. Imagina que você tem uma pequena coleção... coleção de

escritores negros, africanos, mas em concreto esses escritores negros e africanos são mulheres. [...] (Q4, E13).

Diante da fala acima, faço questão de ressaltar que apenas dois entrevistados verbalizaram a inserção da temática étnico-racial e de gênero. No caso acima, o docente manifestou que busca instigar nos alunos, reflexões sobre o preconceito e a exclusão social, as quais são bastante presentes na atualidade. Lembrando que a pergunta feita ao entrevistado, era sobre o que o mesmo fazia para que os egressos atendessem sua expectativa. Sendo assim, subentende-se que ele deseja ver bibliotecários que, durante suas práticas, contemplem a diversidade. Ressalta-se que para além disso, questões fundamentais e de extrema importância como estas, não foram apreendidas diretamente e nem indiretamente por nenhum outro participante, além desses dois citados. Segue outro trecho da fala do referido participante:

Quase sempre, sem que muitas pessoas saibam, faço algum tipo de prática relacionada com machismo, feminismo nas aulas. [...]... Tá, eles são obrigados a pensar. [...]Pergunto pra eles se gostam de... de como as pessoas exercem o poder sobre eles. Dizem pra mim que não gostam muito. Então, pergunto pra eles também, como eles gostariam de exercer o poder? [...]Nunca se fala homem negro! (Q4, E13).

Em contrapartida, grande parte dos discursos revelam práticas docentes voltadas para a construção de uma formação voltada para a atuação mais técnica e tecnológica, percebeu-se isso, no seguinte trecho do DSC:

De outra maneira, frequentemente, trabalho com técnicas de gestão, estatísticas, métricas e o uso tecnologias para fortalecer sua racionalidade instrumental. Mostro as diversas ambiências para atuação do bibliotecário e exponho as práticas que o mercado de trabalho exige do bibliotecário, principalmente, em relação ao uso das tecnologias. Tento despertar o interesse do aluno com base na aprendizagem baseada em problemas, buscando a resolução de problemas voltados à técnica e à tecnológica. Nesse sentido, tenho convicção que é essencial abordar a responsabilidade do profissional no repasse da informação. Para efetivar isso, esporadicamente, procuro me manter atualizado e dar uma formação geral sobre o tema que eu estou ministrando.

Sendo assim, algumas falas complementam o DSC, e apontam para práticas docentes que suscitam um agir na direção estritamente utilitária, dessa forma, reforçando a racionalidade instrumental do estudante:

[...] tento que ele fique olhando pra unidade de informação, que em todos os exercícios, ele olhe pra unidade de informação, pense a unidade de informação, pense esse fluxo que eu te falei. (Q4, E29)

[...] preparo muita aula e sou muito rígido porque as disciplinas que eu dou, basicamente, são na área de computação, de informática ali na área de tecnologia. [...] eu dou subsídio pros alunos pra que eles saiam com essa competência que eu acabei de dizer. (Q4, E28)

[...] a gente já fazia pesquisas com eles pra saber, especificamente, o que que o mercado tava exigindo deles. [...] E ao mesmo tempo, trabalhando com tecnologia. Tudo que a gente fazia, geralmente, era com tecnologia. [...] O uso de computadores, recursos, softwares livres. Outra coisa que é... eu uso nas minhas disciplinas também que é específica. Outra de métricas que é [...], eu ensinava eles dentro da biblioteca como fazer o desenvolvimento de coleções a partir da matemática. (Q.4, E6).

A gente realiza uma série de coisas em laboratório, tá?, com tecnologias, com ferramentas, as coisas vão aparecendo, vem uma notícia a gente instala o software, testa, tá? [...] a gente precisa ter essa... essa... esse distanciamento da academia e, assim, se permitir também a tornar legítimo outras maneiras, outras formas de conhecimento [...]. (Q.4, E8).

Os problemas que ele eventualmente vai vivenciar e como ele vai utilizar dos recursos que ele tem, das técnicas, ferramentas, tecnologias, pra resolver da melhor forma esses problemas. [...] (Q.4, E9).

Então, a gente discute tecnologia não pela tecnologia em si, mas o que isso vai me fazer melhorar meus serviços, melhorar meus produtos, aquilo que vou oferecer no meu local de trabalho. (Q4,E17).

Faz-se uma observação final em relação à esta pergunta feita aos professores, a qual impulsionou os discursos acima. Quando indagados, a questão original era “Como você realiza sua prática profissional para atender o desenvolvimento desse egresso?”. O termo “prática profissional” foi utilizado de maneira ampla para que não se sugestionasse o entrevistado. No entanto, quase todos os entrevistado recorreram somente à sala de aula como ambiência para suas práticas profissionais. Tal constatação mostra uma

possível desarticulação de ensino, pesquisa e extensão. Programas de extensão e iniciação científica, por exemplo, não foram levantados como possibilidade de exercício da prática do professor, na direção da formação e do desenvolvimento do futuro bibliotecário.

Seguindo adiante, a próxima questão, perguntava sobre a ênfase que os docentes atribuíam aos aspectos éticos e políticos da prática bibliotecária, nas disciplinas que ministram. Salienta-se que pergunta foi concebida, partindo do pressuposto que o professor ao abordar tais conteúdos em sala de aula está possibilitando que o aluno discuta o sentido da prática que está aprendendo, bem como, suas implicações e a quem ela atenderá.

Nesse sentido, alguns docentes, afirmaram não abordar estes conteúdos em função da disciplina ter um caráter técnico visto que, em suas concepções, não há condições para tal. Conforme abaixo:

[...], eu acho que a minha disciplina é muito técnica então eu não... eu não abordo. (Q5, E3)

[...] eu não vejo a área [...] em que eu possa trabalhar mais profundamente essa área. E trabalho com código, com normas, É... E não vou só, simplesmente, botar e... botar ali que eu vou catalogar um livro de política ou de ética. [...] (Q5, E23)

Que ênfase?! É... eu penso que a ética não vem junto com a profissão do bibliotecário. A ética é uma conduta, tem muito a ver com caráter. Então, eu penso que a gente tem que trabalhar pensando na profissão, mas pensando nessa questão humana que vai além do bibliotecário. [...] (Q5, E25).

[...] mas pra mim isso é uma questão de gente, não é de profissional, [...] Eu acho que não é só pro bibliotecário, não! [...] Alguma coisa que... que toque só na questão que atendesse o bibliotecário, eu não me recordo de falar nada que fosse só específico pra essa prática. Nem sei se há, não sei nem se eu acredito que haja alguma que seja só nossa! (Q5, E18).

Analisando estes discurso, enfatiza-se que o pressuposto de uma ética profissional (nortear a prática do bibliotecário, o seu agir e o desenvolvimento da sua técnica) é refutado. Nesse quesito, conforme explicado na sexta seção, a ética reflete, avalia e regula às normas e valores morais estabelecidos em determinado grupo ou contexto social, voltando-se sempre para alcançar o bem. (CHAUÍ, 2000; SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1990). Já a ética profissional,

busca a garantia e a subsistência das profissões de seus profissionais, bem como, da sociedade (SOUZA, 2002b). O entendimento dessa diferenciação não ficou explícita em muitos discursos.

Nos casos apontados acima, os aspectos éticos profissionais quando considerados, vinculam-se à aspectos da ação didática ou pessoal, e não ao conteúdo da biblioteconomia. O que de forma alguma, deve ser desconsiderado, no entanto, constatou-se a dificuldade desses professores em ampliar suas visões sobre a técnica, revelando então, posturas autocentradas somente na informação e não, no que será feito a partir dela ou com ela.

Na fala de um dos entrevistados acima, por exemplo, reforça-se mais um ponto importante: o desconhecimento do conceito de ética e moral e da complementaridade dos mesmos. A relação entre esses termos se dá já que a ética se apoia no fato moral; e a moral é caracterizada por um conjunto de normas, regras, condutas e/ou comportamentos que visam regular as relações sociais. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1990). Então, quando o participante responde que trabalha com normas e códigos e que isso não se relaciona com a temática perguntada, subte-se a inconsciência do aspecto ético.

Por outro lado, encontram-se docentes com um grau maior de consciência sobre a necessidade de uma reflexão sobre a técnica e para além dela, embora tenham manifestado a dificuldade (no sentido de desafio) de trabalhar com isso de maneira mais prática:

[...] nas disciplinas, o que eu tento fazer... como eu dou disciplinas técnicas, É tentar colocar pra que aquilo serve, então sempre tentar fazer com que ele pense porque ele tá desenvolvendo e qual é o sentido daquela técnica. É... nesse sentido, eu acho que eu trago... tentar trazer o socia... assim, é... interação, contexto social e político pra dentro da... da parte mais técnica, Que é um desafio também, quero deixar registrado. [...] Jos alunos [...] da graduação [...] exigem bastante a prática. Como é que eu vou fazer? Mas eles não querem muito pensar sobre ela, eles querem é aplicação. [...] Só que não é isso, a Universidade é o local de você pensar! [...](Q5, E10)

[...]Ja questão da ética, ela tá sempre de uma forma transversal e tá posta de forma implícita. [...]O discurso ético acaba embarcado porque pra sustentar um discurso político precisa ter uma ética subliminar senão você não consegue nem defender os argumentos, Por exemplo, a dimensão social de uma biblioteca digital, tá? [...](Q5, E8)

[...] Eu sempre trabalho mostrando [...] que isso é só uma opção, que existem outras. São... dou aula de classificação, que é tal da CDD e CDU, sabe? [...] eu não vou modificar o sistema, não é pra isso a disciplina. É uma disciplina mega tecnicista, é pra aprender a usar, mas como que eu posso abordar isso eticamente? Mostrando: - Olha essa classe aqui como tá, porque que tudo isso é religião católica e esse numerzinho é outras religiões? Qual que é a representatividade desse outro povo que que tá, que não tá aqui? (Q5, E11).

[...] é fundamental fazer essa análise, muitas disciplinas, elas são dadas só no sentido estritamente técnico [...] acho que compromete esse profissional que [...] pro mercado[...] Pra ficar fechado, pra não se abrir, pra saber que se tem que adaptar pras coisas que acontecem e qual que é o teu papel na sociedade[...] Você pode se entender assim, tu vai atuar de acordo com esse teu entendimento. [...] Agora, se tu vai além disso, [...] essa discussão [...] teria que tá mais pautada dentro do projeto é [...] em termos práticos [...] dentro da disciplina então, o que que a gente vai [...] abordar dela que traga esse aspecto, não fique à mercê do professor! (Q9, E10).

Foi verificada em apenas uma fala, reflexões voltadas para a dimensão social do uso das tecnologias aplicadas à Biblioteconomia, como no discurso já citado: “[...]O discurso ético acaba embarcado porque pra sustentar um discurso político precisa ter uma ética subliminar senão você não consegue nem defender os argumentos, Por exemplo, a dimensão social de uma biblioteca digital, tá? [...] (Q5, E8)

Outra situação percebida, é que pouco se citou aspectos políticos, quando enfatizado, foi na direção da adequação ao mercado e do incentivo à participação em eventos profissionais ou científicos. Entretanto, não se deixou nítido, uma abordagem política que se volte para contemplar questões das associações e sindicatos, por exemplo. Não foi abordado em nenhum discurso, a importância do diálogo entre os pares e nem o melhor usufruto de seu espaço político, que é um dos objetivos da existência de qualquer associação profissional, no caso dos bibliotecários e docentes, a Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB), FEBAB, ABECIN e a ANCIb.

E de forma ocasional, identificou-se uma confusão feita, em relação ao conceito de política. Conforme abordado anteriormente, a política é considerada uma doutrina moral social já que a partir dela, elegem-se

princípios que visam o desenvolvimento dos pensares e fazeres que privilegiem um todo comum, ou seja, a busca do agir coletivo para a efetivação do próprio coletivo. (ARISTÓTELES, 1973, 2003). Assim, foi detectado nos discursos, uma associação de política com a ideologia partidária do sistema político brasileiro e com o cenário político e econômico atual no Brasil (e não com o agir e a ação profissional em prol do coletivo profissional e da sociedade):

Falar em política é complicado, Porque a gente vive num... numa desacreditação de políticas, Mas enquanto profissional e enquanto ele no mercado de trabalho, ele tem que se adequar, primeiro ao ambiente que ele tá inserido, Procurar conhecer todas as políticas, [...] tem que defender aquilo que ele realmente acredita [...] (Q5, E7).

[...] Questões políticas, normalmente, muito pouco eu discuto, Trago algumas coisas pra aula que tão... mas assim, é... Eu acho que também, é... é complicado a gente usar o espaço de aula pra... pra discutir aspectos políticos em alguns momentos, assim. As vezes que eu experimentei fazer isso, criou um ambiente tumultuado, assim, porque são várias posições e tal, então, a gente acaba tomando muito tempo. [...] (Q5, E9)

Em relação aos aspectos políticos, eu não entro em aspectos políticos dentro das minhas aulas, porque eu acho que a academia deve ser plural e abarcar todas as ideias. [...] (Q5, E27).

[...] Eu não sei até que ponto se adequa, agora, ter conversar com os alunos dentro da disciplina abordando questões políticas como, por exemplo, o momento que o país tá vivendo, isso a gente faz em qualquer disciplina, inclusive na catalogação. [...] (Q5, E23).

Frequentemente, também foram levantados aspectos éticos voltados para a postura profissional alinhados com questões bem pontuais como a seleção das fontes de informação, a disseminação da informação e responsabilidade de autoria e plágio, e ainda, para as normativas e/ou leis específicas como a da regulamentação da profissão de bibliotecário e o acesso à informação. Apareceram também, discursos voltados ao sigilo e ao repasse da informação nas organizações.

[...] possa promover essa informação, mas que eu também salvaguarda a... o termo que eu tenho com a instituição. Não posso liberar toda a informação, Se as informações são sigilosas, mas também como eu posso fazer a difusão dessa informação? (Q5, E15)

Então, automaticamente a gente usava uma lei ou outra. Não era é... o envolvimento total da disciplina, mas a gente utilizava leis pra poder fundamentar o processo informacional, a democratização da informação, o acesso à informação e assim, sucessivamente. (Q5, E6).

[...] é fundamental que a gente discuta todas as questões. Que a gente viabilize [...] os estudantes a quem está se capacitando. Que tenha acesso ao que [...] às normativas, E que a partir das normativas possa fazer a discussão do que aquilo representa [...] Parece o tipo da causa e consequência, assim, o que é que você pode fazer ou o que é que está dentro [...] do seu universo de atuação? [...] (Q5, E19)

Olha, as questões éticas elas perpassam e estão relacionadas, principalmente assim, à questão... como lidar com os documentos disponíveis, como lidar com as fontes disponíveis, e também na própria elaboração dos projetos, quais seriam as recomendações de atuação. A questão também com relação [...] a questão dos direitos, dos direitos autorais, ou relacionadas ainda [...] ao uso de patentes ou a elaboração de patentes (Q5, E20)

[...] mais uma ênfase ética, menos política. [...]Mas há um campo ético sólido também na área de computação, principalmente quando se fala de sigilo. [...] (Q5, E28)

De forma bastante frequente, os discursos docentes mostraram que a atenção dada aos aspectos éticos nas disciplinas ministradas, é realizada na prática em sala de aula, quando instigam a reflexão e a discussão sobre os assuntos do cotidiano profissional e/ou dos estágios, e também, por meio de textos e/ou filmes seguidos de debates.

[...] Só que eu acho que muita gente olha a ética, agora eu tô falando da disciplina, olhando pro Código de Ética. O Código de Ética é uma asneira, [...]jaquilo é um conjunto de leis, não serve pra [...] Tu tem que levar o cara a refletir a questão de ética, o que é ética, Eu me lembro que eu usava um filme... [...]falar em ética de forma passiva, é uma coisa que[...] acho que é muito limitado. [...]acontece é que... ah... por vários motivos a gente não se articula, mas daí são formas de agir[...]Então, isso é um conceito que eu tento passar pros caras[...]Quer dizer, essa inquietude com a ação dele. [...]É o que eu tento passar na disciplina e busco dar um exemplo [...] (Q5, E29).

[...] A ênfase é no sentido de reflexão. Tem algumas disciplinas, que de vez em quando a gente ministra, que isso entra como conteúdo programático, e aí nesse caso é até melhor, a gente consegue se aprofundar, Mas naquelas disciplinas onde isso não está presente no conteúdo, eu acho

que a ênfase acaba sendo na reflexão. Quando vou dar um exemplo pra um aluno, quando um aluno faz uma pergunta, quando um aluno traz um exemplo da biblioteca onde ele trabalha, onde ele faz estágio. Eu acho que essa vivência dos alunos é algo muito interessante, quando eles trazem isso pra sala de aula, pra gente fazer essas discussões. [...] (Q5, E5)

Ah, eu trabalho bastante, principalmente essa coisa da postura do bibliotecário. Quer ver no estágio, No estágio, eu falo bastante, [...]eu enfatizo muito isso. O cuidado com o olhar, percebam quem, como vocês estão ali dentro o respeito o respeito pelo bibliotecário, pela bibliotecária que está ali, que estão ali, Eles também tiveram uma trajetória. (Q5, E31)

Às vezes, falo coisas que até são um pouco contraditórias porque, no fundo, eu não quero que eles saibam o meu posicionamento. Eu quero que eles se... pensem um pouco. [...] Que tentem pensar alguma coisa, Pra mim é muito fácil falar de racismo, porque sou branco. Então, não seria justo se falasse dos problemas que tem o negro, porque eu não sei exatamente os problemas que tem o negro. [...] Eu não vivencio isso. [...]A minha ideia é que eles pensem. [...] Fizemos um desenho na aula... [...]Como é um cientista? Vamos fazer um desenho aqui[...][...] Esse ano, uma moça falou: - Ah, professor, porque não é mulher? (Q5, E13)

Então, as posturas, as atitudes e também, eu procuro levá-los a refletir, a ter posicionamentos sobre tudo aquilo que eles veem e que lhes é apresentado. Então, apresento alguma coisa e, às vezes, até apresento alguma coisa equivocada e pergunto: - Vocês concordam? E quando eu vejo que a maioria concorda e que não perceberam que aquilo é uma coisa totalmente equivocada eu chamo a atenção e digo: - Não, isso não pode ser assim! Então, mostro alguns casos e procuro... [...] Então, esse conjunto vai levá-los a uma reflexão sobre a situação em si e essa reflexão e essa postura crítica a... que vai acontecer diante dessa situação vão mudar a atitude. Eu penso que isso será positivo depois num mercado de trabalho, no mundo do trabalho. (Q5, E14).

E por fim, a ética ainda é abordada a partir da perspectiva da relação aluno e professor, como alerta o trecho do DSC: *“Por vezes, acredito que a ética é uma prática que está arraigada na pessoa, e não, no profissional e a abordo a partir das minhas atitudes em sala [...]”*. Alguns discursos versam sobre a postura dos professores e dos discente em sala de aula, o compromisso de ambos com os trabalhos acadêmicos, horários, entre outras questões:

[...] Não tenho, por exemplo, dentro dos meus currículos essas palavras, Mas pra mim, ético é a minha atitude e a do aluno.

Chegar na hora. A aula começa às 7:30? Aluno e professor tem que estar lá às 7:30 porque cada um abriu mão de outras tantas coisas para nós estarmos ali naquele momento. [...] Cumprir as tarefas, É... É no fazer do dia a dia, eu realmente não tenho isso, assim, na ementa. [...] É... o fazer! Como eu me sento na sala, como eu ando na sala, como eu falo na sala, como eu me relaciono com meu aluno fora da sala de aula. [...] (Q5, E21).

Mas eu acho que trabalhar textos em sala de aula, acho que ajuda. [...] Até a própria conduta do professor pode ser um espelho a própria conduta do aluno dentro da universidade também, Tudo que você trabalha tá envolvendo a ética, (Q5, E25).

Por outro lado, eventualmente, os discursos apontaram para questões éticas e/ou políticas voltadas à postura profissional do bibliotecário e envolvendo alguns valores que permeavam a reflexão, como responsabilidade, respeito e alteridade, conforme abaixo:

[...] Então a gente tem que ter o cuidado de como falar, como abordar, como averiguar realmente se tá tudo certo, E, sempre foquei nisso, entendeu? Numa ampla, assim que ele sempre deve privar a ética, primeiro saber escutar saber escutar não levar adiante aquilo que passou... Isso tudo a gente faz, Faz um parecer, faz um diagnóstico, não se omite, [...]E, realmente focar sempre nos princípios da Biblioteconomia que, realmente tem que ser éticos citar alguns autores. (Q5, E5).

[...]Então, esse respeito ao outro e também a... a entender qual é a necessidade do outro, a empatia, se colocar no lugar dessas pessoas, pra poder aí sim, pensar nos serviços que serão prestados, porque eu trabalho muito a disciplina... as disciplinas voltadas pra gestão (Q5, E12)

[...] Agora, nos termos práticos, trabalhar sempre a questão da inclusão, trabalhar sempre a questão do respeito, a ênfase não tem que estar nas técnicas. A ênfase tem que estar nas pessoas. [...] eu sempre mostro os dois polos. [...] na prática a ideia seja essa. Mas é tentar fazer com que o aluno veja que a sua instituição tem missões, tem objetivos, tem metas a cumprir e a... a outra ponta, que é a comunidade onde você também precisa conhecê-la e atender e se você não conhecer, você não consegue atender. [...] Eu acho que isso é ser ético, Quando você é... Olha pra cada um individualmente com esse olhar de tentar entendê-lo e de tentar então, exercer o seu papel de forma personalizada, vamos dizer assim, na medida do possível. (Q5, E22).

E por fim, perguntou-se aos professores, quais valores éticos lhes motivavam para o desenvolvimento de suas práticas docentes. Conforme exposto no DSC, um rol de valores foram elencados. Como mais comentados, destaca-se o respeito, a tolerância, a empatia (no sentido de alteridade), a comunicação, honestidade, a colaboração e responsabilidade (incluindo o cumprimento de deveres e obrigações).

Ressalta-se novamente, a falta de conhecimento mais aprofundado do conceito de ética e de ética profissional (principalmente, a ética bibliotecária), o que foi evidenciado por meio das dúvidas em relação à palavra “valores” na pergunta. Dessa forma, me deparei com a mesma situação exposta em pesquisa anterior, no ano de 2010, só que com bibliotecários e não professores (PIZARRO, 2010). Segue as falas de alguns entrevistados sobre esses valores:

[...]primeiro de tudo: é o do respeito, [...]eu gosto assim, de parar e ouvir. Talvez, isso seja empatia, alteridade[...] tem umas coisas que não são, necessariamente, valores éticos, mas que passam acho pelo respeito à essas pessoas, é respeitar horários, respeitar prazos... [...] (Q6, E5).

[...] A minha responsabilidade como professora docente [...] não posso deixar o aluno sair dessa disciplina pensando isso... [...] Tentar fazer alguma coisa, tentar mostrar que tem outras possibilidades em tudo[...] (Q6, E11).

[...] Dependendo como tu resolver aquele conflito ali você vai ser um reflexo. Se você tiver emocionalmente preparado pra lidar com eles, e resolver de uma forma neutra, ética, clara, sólida, certamente isso vai lá dentro da cabeça deles e lá eles vão ter esse comportamento na vida profissional. [...] (Q6, E28)

[...] Então, eu falo pra eles que se é universal a gente tem que estar abertos a diferentes línguas, ponto número um. [...] Não é aceitado nenhum tipo de falta de respeito a outras pessoas, pela cor dele, pela orientação sexual [...] pelo gênero, [...] Não é aceito nenhum tipo de coisa de falta de respeito. [...] (Q6, E13).

E a lealdade com a informação, a lealdade com a verdade, a lealdade com essas coisas, [...] Transparência, sinceridade e [...] eu acho muito antiético eu trabalhar com uma desinformação que eu sei que é desinformação. [...] (Q6, E18)

[...] é o diálogo e a comunicação, [...]vezes a informação num lugar ela pode ter um efeito que não é legal e num lugar correto ele tem um efeito, então... (Q6, E1)

[...] Então, quem trabalha com biblioteca não pode julgar nenhuma outra área. [...] respeitar todas as áreas e [...] nem as pessoas que [...] tão procurando eles. (Q6, E2)

E com baixa ocorrência, fora trazidos valores como: igualdade, respeito à diversidade étnico-raciais, de gênero e de orientação sexual, inclusão social, confiança, curiosidade e associativismo Político, segue alguns exemplos:

[...] Eu acho que é essa inquietude, entendeu? [...] Eu gosto de harmonia, eu gosto de trabalho em equipe, eu gosto de desafios, [...] Mesmo com diferenças, as diferenças... [...] trabalhar junto, a equipe ter um... um objetivo em comum[...] (Q6, E29)

[...] a minha participação em entidades de classe enquanto registrada, eu sei que ainda não atuo de forma ativa como deveriam, mas levo as entidades na sala de aula, procuro levar representantes da ACB e CRB pra que eles vejam como isso é importante, esse associativismo é importante. [...] E procuro, também disseminar essa cultura deles se envolverem na sociedade, se envolverem e tomarem posturas, não ficarem em cima do muro. Tomarem atitudes se posicionarem e não aceitarem aquilo que veem. [...] refletirem antes de aceitarem qualquer tipo de decisão. (Q6,E14)

A gente convive com questões muito justas que são as questões dos negros, as questões [...].gênero, [...] Porque mesmo que eu pessoalmente seja hétero, seja branca, E tem a questão da branquitude, eu tenho que olhar pras outras pessoas como iguais e trabalhar com elas em nível de respeito, não importa a religião, não importa a cor, não importa... Saber que elas são diferentes de mim, mas ao mesmo tempo, saber que elas têm os mesmos direitos que eu, [...] (Q6, E22).

Após o explanado, entende-se que estes valores, em sua maior parte, estão relacionados com a atuação do docente na sala de aula e com a regulação das relações entre professor e aluno; e não, diretamente associados à futura prática profissional.

Portanto, recapitulo que para levantar o entendimento do direcionamento ético que os docentes têm de suas atuações, recorri às informações retiradas dos discursos em algumas questões da entrevista que me possibilitaram compreender: (i) O que esses docentes manifestam sobre a existência do bibliotecário e as demandas que os bibliotecários devem atender; (ii) Qual a expectativa desses docentes em relação ao egresso; (iii) quais ações fazem para os estudantes ingressem no mundo do trabalho conforme as expectativas que eles (docentes) têm; (iv) como abordam aspectos éticos e políticos nas

disciplinas ministradas; (v) Quais valores mais motivam suas atuações como docente. Nesse sentido, trago à luz o objetivo “**b) Levantar o sentido ético manifestado pelo corpo docente em relação a sua própria atuação**”.

Cabe versar aqui, segundo o apreendido por meio dos discursos e do DSC, que cada docente em sua prática profissional, fomenta o que acredita e espera do egresso formado por ele, por meio de ações específicas no ensino em sala de aula e ainda, motivado por alguns valores. Para efetivar essas ações, o docente pode abordar, nas disciplinas ministradas, aspectos éticos e políticos voltados ao exercício profissional. A abordagem desses referidos aspectos consubstancia, no educando, a formação de uma consciência mais crítica perante o mundo do trabalho. Ressalta-se que o “mundo do trabalho” é apresentado ao estudante, tal como é concebido pelo docente em questão.

Mediante essa linha de pensamento, a partir da análise da representação social obtida desse coletivo docente, recorda-se que foi apreendido nos seus discursos, duas concepções distintas sobre a existência do bibliotecário. Sokolowski (2012), seguindo a abordagem fenomenológica, afirma que a experiência que nós temos é intencional, na medida em que é a consciência de uma ‘experiência de’ algo ou de outras pessoas. Nessa direção, cada uma dessas concepções aponta para diferentes vivências e consciências em relação à atuação do bibliotecário.

Dentre estas diferenças que compõem o coletivo, segundo os dados obtidos no questionário de caracterização, destaca-se que não há homogeneidade no que tange às questões de formação, de atuação profissional, de tempo de atuação como docente na Universidade, entre outras. Em relação às diferentes formações, a maioria do coletivo é composta de bibliotecários e que já atuaram em unidades de informação. Já a outra parte do coletivo não tem formação em Biblioteconomia e pouco trabalhou na área.

Outra questão também, é que boa parte do grupo tem pós-graduação em Ciência da Informação e outras Engenharias e ainda, observa-se uma pequena parcela com formação em Educação ou História. As diferentes formações e origens profissionais podem influenciar na visão de mundo destes docentes, alguns mais humanistas, outros mais utilitaristas. Mas não é via de regra, pois

a biografia pessoal e a trajetória profissional também se somam à essa construção da profissão docente.

Ainda, chama-se atenção, ao “tempo de casa” na Universidade, a maioria do grupo é composto por professores com tempo de docência no curso de Biblioteconomia entre 20 e 25 anos e outros, entre 1 à 5 anos. Dessa forma, Hughes (1998) e Huberman (2000), versam sobre a socialização em torno da cultura profissional e a influência do tempo de atuação nas diferentes construções da identidade profissional, ao longo do ciclo de vida de profissionais docentes.

Portanto, o coletivo docente estudado é composto de múltiplas e complexas relações, permeadas por intersubjetividades, bem como, por consciências semelhantes que têm experiências e intencionalidades semelhantes para os objetos do mundo da vida mas também, por consciências com intencionalidades diferentes para os mesmos objetos do mundo da vida. Nesse caso, um desses objetos é a existência do bibliotecário.

Portanto, a atuação do bibliotecário, segundo este coletivo, é percebida em duas dimensões: técnica e tecnológica e sociocultural e educativa. Ambas dimensões atuações, têm a organização da informação como o fazer que confere a identidade ao bibliotecário. Entretanto, se distanciam já que na atuação técnica e tecnológica, tal organização é um fim em si mesmo; e na sociocultural e educativa, a organização é um meio, pois a centralidade da ação do bibliotecário, é no indivíduo que necessita de informação e não na própria informação.

Assim, é possível entender de qual concepção se originam as expectativas dos docentes em relação ao egresso já que, de um lado se espera que ele tenha postura crítica e que atue de forma ética e política para promover a transformação social. E por outro lado, espera-se que o bibliotecário amplie sua racionalidade instrumental e atue em organizações privadas, onde a informação é um recurso relacionado à vantagem organizacional.

Como consequência disso, as ações que os docentes efetivam para que egresso seja formado conforme o que esperam, são alinhadas às concepções que fazem sentido a eles, ou seja, que suas consciências percebem como significante. Lembrando que, o mundo social e o cotidiano compõem o mundo

da vida. Nele, vão coexistir as relações vividas pelos indivíduos, bem como suas significações, seus sentidos e valores. (SCHÜTZ, 2012).

Dessa forma, na busca de desenvolver tais ações que possibilitem a realização de suas expectativas, os professores, apontam para atividades de caráter mais reflexivo que desenvolvam o senso crítico dos alunos e ampliem a relação entre teoria e prática. Por outro lado, nas suas falas, revelam-se práticas docentes voltadas para à construção de uma formação em um âmbito mais técnico e tecnológico baseadas no qual abordam processos de gestão, métricas e ferramentas tecnológicas de modo que fortaleçam a racionalidade instrumental do graduando. Tais atividades, segundo os discursos, ficaram quase que restritas à sala de aula e não se observou articulação do ensino com a extensão e a pesquisa.

Para desenvolver as ações descritas pelo coletivo, alguns valores motivam a prática docente. Os valores mencionados, em grande parte, estão ligados à relação docente e aluno, em sala de aula. Destaca-se aqui, a responsabilidade no que tange à regulação da dinâmica escolar: horários, cumprimento das tarefas, atendimento dos prazos, regras e entre outros, que visam uma convivência harmônica. Também, os docentes enfatizaram o respeito e a alteridade, como sendo o valor mais citado, e os quais mais motivam as suas atuações. Justificam tais valores quando versam sobre entendimento do contexto dos alunos, de saber ouvi-los, entender suas motivações e suas histórias de vida.

Foram mencionados, por pouquíssimos professores, valores que envolvem a diversidade e a igualdade de direitos nos diversos grupos étnicos-raciais e de identidade de gênero, bem como a inclusão social. Destaca-se, da mesma forma, com baixa frequência também, a menção ao associativismo, no sentido de uma capacidade política para defender a profissão e a participação na entidades de classe. Ademais, entende-se que a postura do docente pode inspirar o futuro bibliotecário, na adoção de tais valores na sua postura profissional.

E no ainda, no intuito de realizar a formação que espera do egresso, além de ser motivado por tais valores, alguns docentes, abordam aspectos éticos e políticos voltados ao exercício profissional na tentativa de uma

formação mais crítica desse egresso. Assim, nas disciplinas ministradas, instigam reflexões e compartilham experiências. Em relação à postura profissional, foram levantadas ações mais pontuais com vistas à seleção, ao repasse e ao acesso da informação, bem como, o uso de normativas e/ou leis específicas. Ademais, a ética ainda continua sendo abordada, a partir da relação aluno e professor e eventualmente, nos discursos voltadas à postura profissional do bibliotecário envolvendo valores como responsabilidade, respeito e alteridade. De forma menos frequente, destacam-se falas que trazem a necessidade de reflexão sobre e para além da técnica, embora esses professores considerem desafiador trabalhar de uma forma mais explícita.

Alguns professores não abordam estes conteúdos pois entendem que a disciplina que ministram tem um caráter exclusivamente técnico e não cabem outras reflexões. Para outros docentes, os aspectos éticos profissionais quando considerados, vinculam-se à aspectos da ação didática ou pessoal, e não ao conteúdo da biblioteconomia. Outra situação percebida, é que pouco se citou a abordagem dos aspectos políticos nas disciplinas e de forma ocasional, notou-se uma confusão feita em relação ao conceito de política associado ao sistema político brasileiro e não à atuação profissional.

Dessa forma, **o sentido ético manifestado pelo corpo docente em relação a sua própria atuação**, perpassa pela crença e expectativa dos docentes em relação à atuação do bibliotecário. Assim, levantou-se duas dimensão da atuação desse profissional, sendo técnica e tecnológica e sociocultural e educativa. Alguns buscam que ele tenha uma postura crítica voltada para promover a transformação social e outros, para que esse egresso amplie sua racionalidade instrumental e atue em organizações privadas, onde a informação é um recurso relacionado à vantagem organizacional. Embora, tenha se extraído essas duas concepções dos docentes entrevistados, percebe-se, nas Universidades pesquisadas o predomínio utilitarista, orientando o sentido do ensino, com formação aut centrada na organização da informação e na direção do desenvolvimento das técnicas e tecnologias que atendam às demandas mercantilistas. Um discurso que sintetiza bem estas questões é:

Por exemplo, nós vamos ter uma disciplina de [...] como visualizar a informação [...] com softwares livres. O cara vai poder aplicar isso na empresa. Que já é o produto final, que já é como o usuário vai ver a informação mastigada, visual, às vezes, em forma de gráfico... em forma de gráfico, [...] O cara vai aprender a fazer [...] desenvolvimento de coleção por sistemas automatizados, por softwares livres. [...] A gente vai querer formar um bibliotecário que saia da universidade e que saiba buscar recursos, ferramentas, softwares, pra tomar decisão dentro da empresa. [...] (Q7, E6).

Nesse sentido, alguns fatores podem justificar a predominância dessa visão tecnicista. Novamente, relembra-se os motivos já expostos, como a trajetória sócio-histórica da profissão e do ensino de Biblioteconomia. Como consequência desse caminhar, evidencia-se a fragilidade política e ética que compõe a identidade profissional. Isso fica mais nítido ainda, quando identifica-se a confusão nos conceitos de ética e política ou mesmo, a dificuldade de maiores reflexões éticas relacionadas ao fazer do bibliotecário.

Dessa forma, como reflexo disso, nota-se o pouco interesse da categoria profissional e dos docentes mediante a atenção que é dada à questão ética em eventos profissionais e científicos, pesquisas e publicações. (SOUZA; STUMPF 2009, BOTTENTUIT, OLIVEIRA E FERREIRA, 2009; PIZARRO, 2010; SILVA; 2011; BOTELHO, 2015). Conforme Botelho, em sua pesquisa realizada em 2015, sobre a produção científica da ética profissional do bibliotecário brasileiro, de 2004 à 2015, foram encontrados apenas 37 trabalhos sobre a temática dentro de um universo que abrangeu todos os periódicos brasileiros de Biblioteconomia e Ciência da Informação (24 artigos), nos anais do ENANCIB (6 trabalhos), nas teses (1) e nas dissertações (6).

Interligado ao exposto acima, outro fator que pode influenciar no predomínio do tecnicismo no ensino, é coexistência de uma diversidade de valores que determinam as ações dos docentes, entre eles, a predominância de valores individualistas e menos voltados para a construção coletiva. Ressalta-se, que nem sempre, isso é evidente para quem está vivenciando a prática desses valores, modos de pensar e agir; já que, conforme Schütz (2010), o mundo da vida não é totalmente livre de contradições.

Dessa forma, quando se pensa na preponderância dos valores mais voltados ao individualismo, remete-se ao sistema utilitarista, o qual se impõe por meio do predomínio da razão instrumental e da ingênua confiança na perfectibilidade do fazer técnico e tecnológico. Tal perspectiva ética privilegia a objetivação do ser humano e da racionalidade prática em detrimento da subjetividade. Dessa forma, orienta modos de pensar, agir e principalmente, oferece aos indivíduos, sistemas especializados de ação sobre a natureza e a sociedade. (DUPAS, LOPARIC, 2000). Assim, reforço o exposto com o trecho de um discurso (Q9, E25):

A gente acaba pensando muito na demanda tecnológica, porque é uma demanda da sociedade, Se a gente não ocupa esse campo, outros profissionais vão ocupar essa demanda, mas eu penso que a gente também tem que pensar nas demandas das bibliotecas que é a nossa base as bibliotecas comunitárias, nossas bibliotecas públicas, [...] acho que a gente precisa repensar pra que esse novo profissional não se preocupe somente com o tecnológico, mas que se preocupe com a questão basilar da profissão que é a questão educacional, que é a questão social, [...]

Nesse quesito, o desafio para os bibliotecários (e para os docentes!), é o reconhecimento da configuração atual, presente no mundo da vida e em suas atitudes naturais; e desenvolverem um senso crítico ou uma atitude fenomenológica perante a apropriação das técnicas e tecnologias. A atenção docente deve estar voltada ao reconhecimento do utilitarismo nos modelos de ação profissional do bibliotecário. E ainda, devem se atentar à forma com que se relacionam com as perspectivas teóricas e epistemológicas eleitas no desenvolvimento de suas práticas docentes. Assim, ao repensar a conduta utilitária, retomo à Flusser (2011),

Invertemos, sob tal visão, a relação epistemológica entre paisagem e mapa. O mapa não mais representa a paisagem, mas agora é a paisagem que representa o mapa. O mapa não serve mais de instrumento para nos orientar na paisagem, mas agora é a paisagem que serve de instrumento para orientar o mapa. A verdade deixa de ser função da adequação do mapa à paisagem, e passa a ser função da adequação da paisagem ao mapa. (2011, p. 31).

Ademais, no que diz respeito ao impacto do sistema político e econômico neoliberal no ensino, pode-se acrescentar às arguições anteriores, o que Contreras (2002) denomina de processo de proletarianização docente. Assim sendo, como consequência, cita-se os métodos de gestão e de racionalização do ensino e a influência deles no trabalho docente, acarretando a rotinização do trabalho e a perda de controle do próprio trabalho; a desorientação ideológica, o impedimento do exercício reflexivo e o estímulo ao isolamento e ao individualismo. E por fim, a perda do sentido da finalidade do trabalho docente.

Tais fatores não só impactam em um déficit de sentido no que tange a finalidade docente. Também, trazem consequências relacionadas ao sentido ético do ensino, à formação de consciência do futuro egresso do curso e de sua capacidade de intervir positivamente na construção de uma realidade social democrática e inclusiva. Portanto, um bom exemplo para encerrar esta subseção, verifica-se em um dos discursos, quando se perguntou ao entrevistado, se gostaria de acrescentar algo a mais sobre o que tínhamos conversado, e assim foi:

Eu penso que talvez a única lacuna que ainda me falta, inclusive, de estudos e de formação mesmo que... agora é algo que eu estou começando a me envolver e me aprofundar são leituras sobre ética. Me aprofundar sobre o sentido da ética na Filosofia. Então, à medida que eu conseguir me aprofundar sobre o sentido da ética no âmbito da Filosofia, o que ela significa, eu posso fazer com que isso realmente aconteça mais em sala de aula. A própria dimensão política também, mas eu penso que a dimensão ética ainda me é... eu sou um pouco carente com relação aos estudos sobre essa área. Preciso aprender muito. Acho uma área espinhosa em termos de teoria e de conceituação que eu preciso aprender. Minha formação acadêmica foi muito técnica e depois a própria... a própria... a profissão em si, a minha docência foi uma docência voltada para o trabalho, não para a reflexão. Então, fazer com que isso realmente aconteça em sala de aula é um exercício bem... bem interessante porque eu ainda sinto que me faltam leituras sobre esse assunto. Preciso me aprofundar mais. (risos). (Q9, E14).

8.3 Projeto (Político?) Pedagógico e a da formação de INconsciência ética

Nesta parte da pesquisa, pretende-se alcançar, o objetivo específico “c) Aprender, a partir das manifestações docentes, a atenção dada no projeto político pedagógico à formação de consciência ética do bibliotecário”. Dessa forma, indagou-se ao corpo docente, sobre qual avaliação ele faz do impacto do PPC na sociedade.

Para responder este objetivo, analisou-se a discursividade docente e dela, retirou-se os conteúdos significativos para esses docentes, no que tange às implicações do projeto na formação do bibliotecário pelas universidades pesquisadas, especialmente, no desenvolvimento de sua consciência ética.

Segundo o trecho do DSC, extraiu-se três pontos importantes: um deles sinalizou como favorável o impacto e relaciona-o com o desenvolvimento da dimensão técnica e tecnológica da atuação do bibliotecário. Outro, indica um baixo impacto no que tange à dimensão sociocultural e educativa do bibliotecário. E por fim, no terceiro ponto, não foi manifestada a avaliação desse impacto pois há desconhecimento do projeto.

Então, os docentes, na sua maioria, acreditam que o impacto do PPC na sociedade é favorável, pois ele privilegia a atuação de um bibliotecário apto e com uma formação voltada para o desenvolvimento de sua racionalidade prática e instrumental, na qual o permitirá atender as exigências do mercado, conforme o trecho do DSC, abaixo:

Acredito, frequentemente, que o impacto deste projeto na sociedade é positivo, pois haverá uma oferta de profissionais com uma formação mais atualizada e abrangente, com mais aptidões técnicas, tecnológicas e de gestão. Sendo assim, o bibliotecário será capaz de suprir as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como, o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado.

Desse modo, fortalecendo a afirmação acima, encontram-se discursos, estritamente voltados à concepção tecnicista e utilitária da atuação do bibliotecário. Nessas falas, observa-se a esperança, por parte dos entrevistados, de que esse profissional atenda aos diversos setores do mercado, principalmente, o científico e tecnológico. Desse modo, o “saber-agir”

e “saber-fazer” decorrentes do processo formativo profissional do egresso, se concentram, propriamente, no progresso econômico antes do desenvolvimento social. É fato, que o horizonte de visão destes docentes sobre o que é benéfico para a sociedade, não vislumbra as questões sociais em primeiro plano. O foco central consiste no desenvolvimento mercantilista, compatível com o contexto do imediatismo e do neoliberalismo. Adiante, apresenta-se um discurso bastante representativo dessa visão:

Eu acho que brutal [o impacto que esse projeto tem na sociedade], porque a gente vai formar um profissional que vai tá muito mais moldado ao mercado e, pelo menos, ao que o mercado tá exigindo hoje. Por exemplo, hoje 90% do que nós fazemos é em questões de informática. Além do controle documental, mas a gente usa a informática como recurso. [...] E é esse o requisito-chave dos que nós estamos formando. Por exemplo, nós vamos ter uma disciplina de [...] como visualizar a informação [...] com softwares livres. O cara vai poder aplicar isso na empresa. Que já é o produto final, que já é como o usuário vai ver a informação mastigada, visual, às vezes, em forma de gráfico... em forma de gráfico, [...] O cara vai aprender a fazer [...] desenvolvimento de coleção por sistemas automatizados, por softwares livres. [...] A gente vai querer formar um bibliotecário que saia da universidade e que saiba buscar recursos, ferramentas, softwares, pra tomar decisão dentro da empresa. [...] (Q7, E6).

Nesse sentido, os discursos sobre o impacto positivo na sociedade apresentam-se de forma unívoca. Todos atendem a mesma linha de pensamento: um profissional apto com maior base técnica e tecnológica beneficiará a sociedade pois, irá atender as demandas das empresas e ainda, organizar da melhor forma a informação, a qual é “o recurso que é o mais importante que as organizações manipulam,” (Q3, E9); privilegiando assim a vantagem competitiva das mesmas. Os discursos abaixo fortalecem esta afirmação:

*Pra sociedade é ter profissionais melhor formados, mais atualizados, mais abrangentes, Porque é justamente, isso foi e se incorporou uma série de disciplinas, **Uma carga de tecnologia muito grande**, que é o que a prática demanda cada vez mais. [...] (Q7, E2, grifo nosso).*

*[...] Eu diria assim que, **eu defendi de unha e dentes a manutenção das disciplinas práticas** [...]Que é na parte do núcleo forte da Biblioteconomia que é a classificação, a*

indexação e catalogação. Elas estão presentes, **inclusive, nas altas tecnologias**, [...] Impacto para a sociedade? Eu acho que, justamente, por todos esses advenços, todas essas mudanças, [...] essa reformulação[...] **acaba dando uma [...] nova visão[...] que é a questão da [...] recuperar, organizar e disseminar, mas dentro dessas novas áreas, então com as disciplinas novas [...]** projeta tanto o curso como o próprio profissional que sai do curso atualmente com o domínio melhor dessa parte das tecnologias, [...] (Q7, E7, grifo nosso).

[...] Eu acredito que, assim[...]eu acho que a gente **tem entregue pro mercado bibliotecários mais próximos, com discursos diferentes em relação às tecnologias da informação.** [...] (Q7, E8).

E eu acho que o principal... a principal contribuição, é... no sentido [...] de pensar no bibliotecário enquanto profissional que atua como, [...] com informação e **existem inúmeras demandas sociais, [...] econômicas, no ambiente empresarial que precisam ser resolvidas [...]** (Q7, E9, grifo nosso).

[...] Eu acho que é um impacto bem positivo, [...]. Então, o bibliotecário, se ele vai trabalhar numa área mais tecnológica, por exemplo, que é uma demanda muito grande da sociedade, a gente tem, por exemplo, em Santa Catarina, um parque tecnológico, tem empresas de tecnologia que trabalha com gestão do conhecimento, gestão da informação. [...] **E eu acho que a demanda mais gritante atualmente, é essa demanda tecnológica [...]** Eu sinto que nas empresas a gente precisa ocupar esse campo de trabalho, pra que a gente tenha **mais visibilidade profissional.** [...] o impacto que a gente pode ter na sociedade, no desenvolvimento científico e tecnológico de Florianópolis e do estado é muito grande [...] (Q7, E25)

Por outro lado, um segundo ponto pôde ser extraído do DSC e identificado na fala de poucos docentes: uma preocupação com alcance social que a profissão poderia ter, uma vez que o enfoque dado ao tecnicismo limita o exercício de uma atuação bibliotecária focada na sua dimensão sociocultural e educativa. Dessa forma, esses docentes acreditam que o impacto do projeto é pequeno na sociedade, em termos de uma atuação capaz de efetivar ações que visem a melhoria na qualidade de vida da população e que conduza a uma transformação social.

Sendo assim, existe um *déficit* de formação no aspecto sociocultural em detrimento do fortalecimento da racionalidade instrumental, o que não apoia a formação de uma consciência ética que possibilite ao profissional intervir

criticamente na sociedade. Nesse sentido, os professores justificam suas convicções por entenderem que “*ainda predomina-se uma ênfase tecnicista na atuação do bibliotecário e o PPC não privilegia a formação profissional com maior visão crítica e política para intervir na realidade*” (trecho do DSC).
Adiante, observa-se discursos que subsidiam tal argumentação:

[...] Eu acho que, o currículo, a proposta que ele, o departamento tá indo, [...] atendendo perfeitamente a demanda da sociedade que a gente tá construindo. Que é aprender [...] tudo uma visão de lucro, tudo é uma visão de coisa que se pode negociar, [...] é importante a gestão[...]Eu acho que a mudança no currículo... menos disciplinas, menos humanas, menos Filosofia, menos Sociologia, menos Antropologia, menos qualquer coisa que te dê duas visões, [...] Tem menos nesse currículo, por isso que eu acho que ele atende perfeitamente a demanda. [...] Vão sair tudo empregado em empresa privada. (Q7, E11).

[...] Já passamos assim, por várias mudanças curriculares, sempre com o sentido de aprimorar e sempre muito preocupada a matriz curricular com as tecnologias. Isso é uma preocupação minha, porque vamos atender o ser humano. Então, sinto que falta disciplina mais voltada pras Humanidades. [...] Então, eu sinto que falta, por exemplo, uma Psicologia Social. [...] porque o curso de Biblioteconomia está como se fosse um curso técnico [...] (Q7, E24).

[...] Então, eu ouvia de bibliotecários [...] falando que havia um diferencial, talvez por conta do peso das disciplinas de tecnologias, administração e gestão. Isso eu acho que é uma coisa muito interessante e necessária que a gente continue dando conta, [...] Eu só acho que a gente tem que aumentar esse impacto, como eu falei, pensar também em outras frentes de atuação pra além da tecnológica. [...] é quase que um retorno lá pra origens do ensino da Biblioteconomia, [...] ter um alcance social maior, [...] eu acho que o impacto seria maior também. [...] (Q7, E5).

[...] eu acho que a gente forma profissionais. A gente trabalha eles [...] Mas eu acho que a gente fica aquém do que a gente podia fazer[...] a gente treina os profissionais, a gente trabalha esses profissionais, a gente desenvolve esses caras, [...] mas eu acho que a gente fica aquém daquilo que a gente poderia fazer [...] Então, o impacto na sociedade [...] é um cara menos crítico, menos ativo do que ele poderia ser. [...] fazer o cara ser mais proativo, a sociedade ganha mais. [...] um bibliotecário mais ativo como profissional da informação tem um impacto indireto na sociedade. [...] Porque ele auxilia o desenvolvimento da criticidade do cidadão. [...] (Q7, E29).

E em relação ao terceiro ponto evidenciado a partir do DSC, obteve-se: *“Ressalto que embora com pouca frequência, eu não consigo fazer a avaliação do impacto do projeto político pedagógico do curso porque desconheço o PPC e não imagino seu impacto”* (trecho do DSC). Dessa forma, reporta-se ao objetivo específico “a”, no que tange à pouca mobilização política e dialógica relacionada à construção do projeto político pedagógico e à articulação do mesmo em sua prática docente.

Neste caso, os discursos abaixo, evidenciam uma discordância e um descaso em relação ao PPC, já que não buscam conhecê-lo de maneira mais detalhada, e ainda, não acreditam na sua finalidade. Portanto, não há um interesse genuíno e nem informações que subsidiem uma reflexão sobre o impacto no PPC. Assim, baseado neste desinteresse, pode-se constatar uma indiferença em relação ao que PPC vigente e também, uma inação. Dessa forma, reforça-se a falta de intervenção dialógica na construção de uma realidade social, compatível com o que acreditam. Segue alguns trechos de suas falas:

Desconheço ele. [...] Não se fala nada dele[...] Eu não consigo fazer [a avaliação], porque realmente é uma coisa que... [...] Eu desconheço. [...] Nunca ouvi falar. Não há divulgação. É a primeira vez que eu tô ouvindo falar. (Q7, E4).

[...] o projeto da Biblioteconomia eu não tive participação na construção, [...] Assim, agora eu não sei como é que ele tá [...] (Q7, E10).

Desconheço exatamente. Não tenho ainda experiência pra isso, se tem muito impacto. [...] Mas eu acho que a gente tem que ensinar as pessoas a pensarem por elas mesmas. Projeto é só uma pequena coisa, pra mim é uma estrutura. (Q7, E13).

Portanto, conforme os discursos delineados e analisados nesta subseção, as manifestações docentes, permitiram-me apreender a atenção dada, no projeto político pedagógico, à formação de consciência ética do bibliotecário. Nesse sentido, foco central da formação do bibliotecário, concentra-se na dimensão técnica e tecnológica de sua atuação, com a prática profissional voltada para as exigências mercadológicas. Dessa forma, o PPC não garante a atenção necessária para uma formação de consciência ética ao estudante e ao

futuro bibliotecário, já que concentra suas atividades em uma carga maior de conteúdos técnicos e tecnológicos que ampliem suas racionalidades práticas.

Destaca-se ainda, que ao se fazer uma releitura do PPC de ambas Universidades (DESC, 2007; UFSC, 2015b), conforme a quinta seção desta tese, atuação do bibliotecário é bastante focada em tecnologia e secundariamente, os projetos trazem a necessidade de uma atuação social do bibliotecário. Dessa forma, os discursos apresentados afinam-se com o delineado no projeto.

Em conformidade, com o que foi apresentado nos objetivos anteriores, a ótica produtivista impera desde a construção do projeto político pedagógico ao sentido ético do ensino, manifestado pelo corpo docente. Uma associação a ser feita, é que essa baixa (ou quase nula) atenção dada à formação de uma consciência ética no futuro egresso, nada mais é, que um reflexo da representação social desta coletividade.

Em face dessa situação, observa-se a predominância de um tecnicismo orientando as práticas dos docentes e que alinha-se perfeitamente com a aceitação do coletivo com o estabelecido no PPC. Essa aceitação é triplamente percebida, primeiro, na pouca participação desse coletivo na sua construção; segundo, quando reduz o uso do PPC a uma simples referência administrativa como base para guiar sua ação docente e; por fim, quando o consente o sentido utilitário de seu projeto político pedagógico.

Outra questão a ser evidenciada, é o próprio desfalque de consciência ética observado neste coletivo. Destaca-se que grande parte dele, é composta de professores que têm graduação em Biblioteconomia, e por sua vez, são egressos de uma trajetória de ensino, que tem sua origem no modelo estadunidense e ainda, que privilegiou o desenvolvimento industrial brasileiro e a indústria da informação. Nesse sentido, este modelo de ensino do qual são egressos também, não contempla tal formação. Os docentes acabam por ecoar, praticamente, os mesmo discursos. Assim, não só há um desfalque de consciência ética como um comprometimento da ação política do bibliotecário. (SOUZA, 1997, 2009; CASTRO; RIBEIRO, 2004). Dessa forma, ressalta-se a seguinte fala:

[...] eu acho que a demanda mais gritante atualmente, é essa demanda tecnológica [...] Eu sinto que nas empresas a gente precisa ocupar esse campo de trabalho, pra que a gente tenha mais visibilidade profissional. [...] (Q7, E26).

Como um eco do eco, esse discurso me remeteu a uma lembrança que expus nas considerações iniciais. Eu mesma, logo após minha graduação, proferia esse discurso, onde passivamente, de posse de uma atitude natural (ingenuamente), transferia a responsabilidade do reconhecimento profissional à tecnologia e às demandas mercantilistas. Essa atitude natural é a atitude da maioria do coletivo docente e do bibliotecários, já que o tecnocentrismo do ensino e da profissão, dificulta uma visão sócio-histórica mais ampliada sobre a construção da identidade deste profissional. Nessa direção, um olhar mais fenomenológico permitiria extrapolar a atitude natural e superar a inconsciência da importância de um agir ético.

8.4 A quem serve o bibliotecário formado em Santa Catarina?

Esta subseção visa atender o último objetivo específico proposto (d): **“Identificar a quem atende a formação do bibliotecário segundo o que está contemplado no projeto pedagógico”**. Assim, tendo em vista os discursos analisados e o inter-relacionamento dos resultados obtidos anteriormente, é possível afirmar, que a formação do bibliotecário é realizada para atender, prioritariamente, as demandas mercantilistas do mundo do trabalho.

Destaca-se, que desde a metade do século passado, o exercício profissional do bibliotecário vem sofrendo uma reconfiguração, em função do progresso das tecnologias de informação e comunicação. E como consequência desse processo, observa-se novas formas de trabalho e alternativas para os bibliotecários, levando em consideração, que a informação está na centralidade dos processos econômicos e sociais. (ARANALDE, 2005).

Sendo assim, fortalece-se, ainda mais, o tecnicismo como maneira de atuação e sobrevivência desse profissional, já que ele precisa estar constantemente, adequando sua técnica à evolução dessas tecnologias. Nesse

sentido, a própria dinâmica capitalista, incita a competitividade e os imperativos de rapidez e flexibilidade como valores que guiam o agir profissional. (SENNET, 2002).

Esse agir profissional, motivado por tais premissas, incorpora-se à atitude natural do bibliotecário por meio de uma socialização secundária, como o ensino, por exemplo. (BERGER; LUCKMANN, 2007). Se este agir não for “colocado entre parênteses” e nem for submetido a uma análise rigorosa da construção social dessa realidade, corre-se o risco de estar submisso às regras ditadas pelo mercado. Nesse sentido, a formação fica à mercê das exigências produtivistas do mercado, que por sua vez, regulam a oferta de empregos.

Adiante, lista-se alguns trechos de discursos que sinalizam esses aspectos:

*[...] Entregar melhores profissionais, mais atualizados, que esse projeto político pedagógico, ele trouxe isso. [...] pra ter uma maior **competitividade**, ele trouxe isso. [...] (Q7, E28, grifo nosso).*

*[...] porque a gente **vai formar um profissional que vai tá muito mais moldado ao mercado e, pelo menos, ao que o mercado tá exigindo hoje**. Por exemplo, hoje 90% do que nós fazemos é em questões de informática. Além do controle documental, mas a gente usa a informática como recurso. [...] E é esse o requisito-chave dos que nós estamos formando. (Q7, E6, grifo nosso).*

[...] recuperar, organizar e disseminar, mas dentro dessas novas áreas, então com as disciplinas novas [...] projeta tanto o curso como o próprio profissional que sai do curso atualmente com o domínio melhor dessa parte das tecnologias, [...] (Q7, E7).

*[...]eu acho que **a gente tem entregue pro mercado bibliotecários mais próximos, com discursos diferentes em relação às tecnologias da informação**. [...] (Q7, E8, grifo nosso).*

*[...] Eu acho que, o currículo, a proposta que ele, o departamento **tá indo, [...] atendendo perfeitamente a demanda da sociedade que a gente tá construindo. Que é aprender [...] tudo uma visão de lucro, tudo é uma visão de coisa que se pode negociar, [...] é importante a gestão[...]eu acho que ele atende perfeitamente a demanda**. [...] Vão sair tudo empregado em **empresa privada**. (Q7, E11, grifo nosso).*

[...] eu vejo uma possibilidade de inserção mais forte do nosso profissional, do nosso egresso como profissional, porque ele vai sair como [...] com um conhecimento um pouco mais pulverizado, ele continua com seu conhecimento técnico, com

sua expertise técnica do bibliotecário, mas agrega outros conhecimentos outras formas de inserção que a gente vê que vai [...] que vai ter uma inserção melhor no mercado. [...] não adianta formar um profissional que não vá se alinhar com o mercado que vai absorvê-lo. (Q7, E19, grifo nosso).

Eu vejo que assim o nosso profissional, ele pode [...] ele pode atuar de uma forma mais abrangente, ele pode ter uma visão mais clara sobre como organizar essas informações, seja de arquivo ou de biblioteca ou outro tipo de instituição qualquer, eles conseguem ter uma visão mais abrangente, ele consegue trazer mais colaboração pra isso e é bom pras organizações que vão tê-los (Q7, E20).

[...] Ele tem uma visão, no meu ponto de vista, que é uma visão bastante voltada pra sociedade, mas que também tem [...] uma visão bastante mercadológica [...]ele tem muito a ver com o mercado, com o mundo do trabalho. [...] a gente quer que o mercado absorva esses profissionais [...] (Q7, E22).

*[...] E eu acho que a **demanda mais gritante atualmente, é essa demanda tecnológica [...] Eu sinto que nas empresas a gente precisa ocupar esse campo de trabalho, pra que a gente tenha mais visibilidade profissional. [...] (Q7, E. 25, grifo nosso).***

Assim, ressalta-se, mais uma vez, a passividade da categoria profissional ao entregar sua formação à exigências mercantilistas. A falta de maior reflexão sobre sua trajetória profissional e sobre as implicações éticas contidas em seu agir, impossibilita que se tenha uma representatividade profissional, por meio de um associativismo político, que seja capaz de dialogar sobre a demanda do profissional com o mercado e com as escolas de Biblioteconomia. Para quem sabe, não se precisa reproduzir mais tal discurso “[...] *não adianta formar um profissional que não vá se alinhar com o mercado que vai absorvê-lo*”. (Q7, E19). Dessa forma, visando o exercício responsável de sua missão profissional e comprometimento com o desenvolvimento da sociedade como um todo.

Nesse sentido, ter uma visão crítica para a construção social da realidade, pode incentivar a prática de atitude fenomenológica, já que não se fica limitado apenas, para entender um fenômeno que é aparente para um indivíduo ou determinado grupo, e sim, busca-se o entendimento de como esse fenômeno aparece para esse grupo, na sua atitude natural. (SOKOLOWSKI, 2012). Essa amplitude de visão, ou seja, essa mundividência, promove diálogos e discursos

com argumentos construtivos que fortalecem o saber-agir, e conseqüentemente, a identidade e autoestima profissional do bibliotecário. Assim, prioriza-se o fortalecimento de uma consciência ética no bibliotecário que o capacita para apoiar a transformação do mundo social. Por fim, reforço novamente, este discurso:

A gente trabalha eles [os alunos] [...] Mas eu acho que a gente fica aquém do que a gente podia fazer[...] a gente treina os profissionais, a gente trabalha esses profissionais, a gente desenvolve esses caras, [...] mas eu acho que a gente fica aquém daquilo que a gente poderia fazer [...] Então, o impacto na sociedade [...] é um cara menos crítico, menos ativo do que ele poderia ser. [...] fazer o cara ser mais proativo, a sociedade ganha mais. [...] Porque ele auxiliaria no desenvolvimento da criticidade do cidadão. [...] (Q7, E29, grifo nosso).

8.5 Desdobramentos

Na sociedade atual, regida por um sistema econômico pós-industrial e neoliberal, o agir e o fazer do bibliotecário, pouco têm priorizado o projeto social. Além do contexto capitalista, essa circunstância se explica, ao olharmos para trás, pela desarticulação ético-política da categoria profissional; o que culmina na precarização ou na inconsciência da sua missão profissional (a missão profissional “de” Ortega y Gasset).

Posto isto, a representação social, extraída por meio dos discursos do coletivo docente composto pelos professores dos cursos de Biblioteconomia da UDESC e da UFSC, permitiu-me desdobrar o objetivo geral desta pesquisa: **“conhecer o sentido ético que os docentes extraem do projeto político-pedagógico dos cursos presenciais de Biblioteconomia de Santa Catarina e como aplicam-no em suas práticas docentes enquanto colaboram no processo formativo do bibliotecário”**.

Para isso, precisei primeiramente, identificar a percepção que os docentes têm sobre a construção de suas próprias ações na direção de efetivar o proposto no projeto pedagógico. Assim, constatei a falta de diálogo e conseqüentemente, de mobilização política deste coletivo na construção de seus projetos políticos pedagógicos; e principalmente, na articulação deles as

suas práticas docentes. Ressalta-se a fraca integração do projeto com a prática, sendo esse, um elo apenas utilitário e administrativo.

Depois, busquei levantar o sentido ético manifestado pelo corpo docente em relação a sua própria atuação. Dessa forma, foram verificadas duas dimensões da atuação do bibliotecário. Uma delas, técnica e tecnológica, e a outra, sociocultural e educativa. Nesse sentido, é perceptível, uma prática docente, realizada com menor ênfase, voltada para que este profissional tenha uma postura crítica e promova a transformação social. Por outro lado, observa-se, a prática de docentes que fortalecem a racionalidade instrumental do estudante, para que ele possa atuar, principalmente, em organizações privadas agindo em prol da manutenção da vantagem competitiva das mesmas. Embora, tenha se extraído essas duas concepções, verificou-se nas Universidades pesquisadas, o predomínio utilitarista que orienta o sentido do ensino, com uma formação tecnicista e autocentrada na informação, apontando para o desenvolvimento das técnicas e tecnologias.

De posse dessas compreensões, me voltei para apreender, a partir dos discursos docentes, a atenção dada nos projetos políticos pedagógicos à formação de consciência ética do bibliotecário. Nessa direção, por meio da representação social docente e de uma releitura dos projetos, compreende-se que a formação do bibliotecário, concentra-se, majoritariamente, na dimensão técnica e tecnológica de sua atuação. Dessa maneira, os projetos não garantem a atenção necessária para a formação de uma consciência ética dos seus egressos. Sendo assim, preveem por meio de seus delineamentos, um tecnocentrismo que colabora para reforçar fortemente a racionalidade prática do futuro bibliotecário.

E por fim, a partir das respostas anteriores e do DSC, pude identificar a quem atende a formação do bibliotecário, segundo o que está contemplado nos projetos políticos pedagógicos. De fato, conforme ficou evidenciado anteriormente, os PPCs contemplam a formação do bibliotecário para atender, majoritariamente, as demandas mercantilistas do mundo do trabalho. Destaca-se a tímida representatividade política do bibliotecário, por meio de suas associações profissionais, impossibilitando assim, um diálogo construtivo com

o mundo do trabalho, a fim de mediar a demanda de atuação profissional com as escolas de Biblioteconomia.

Portanto, mediante estes desdobramentos, foi possível conhecer o sentido ético que os docentes extraem dos projetos políticos pedagógicos e que, conseqüentemente, aplicam em suas praticas ao colaborarem com a educação do bibliotecário. Nessa direção, há uma confluência do sentido ético utilitarista e tecnicista manifestado pelos docentes em relação a sua própria atuação, com o mesmo sentido ético exposto nos projetos (os quais, também, foram manifestados, concebidos e consentidos por esse coletivo).

Dessa forma, o ensino de Biblioteconomia nos cursos presenciais das Universidades catarinenses no seu processo formativo, prepara o profissional egresso de seus cursos de graduação, com um repertório de conhecimentos focados nas técnicas e tecnologias. Tal repertório amplia a racionalidade instrumental desse futuro bibliotecário, de modo que seu agir e fazer, voltam-se, prioritariamente, para o atendimento de demandas mercantilistas.

Em face do constatado, o ensino não prepara um profissional com uma bagagem de conteúdos significativos oriundos das áreas humanas e sociais que sejam capazes de subsidiar a formação de uma consciência ética e política para sua atuação. Dessa forma, o ensino de Biblioteconomia e a atuação do bibliotecário vêm reproduzindo, praticamente, os mesmos discursos, desde a criação da primeira escola paulista de Biblioteconomia e da sua regulamentação profissional, no que tange ao sentido tecnocêntrico de sua atuação profissional.

O déficit de consciência ética na categoria profissional compromete o seu desenvolvimento, uma vez que não lhe confere um maior senso crítico para extrapolar sua atitude natural e se posicionar politicamente perante a transformação do mundo social. Assim, o saber agir compromete o saber fazer quando se trata do cumprimento da missão social do bibliotecário com vistas à promoção da autonomia dos indivíduos e a construção democrática da sociedade.

Vários exemplos dessa inconsciência, ficam evidentes, quando após 55 anos a regulamentação da profissão e do exercício do bibliotecário, observamos a passividade política dele, na desvalorização da biblioteca pública

e na diminuição do espaço público destinado a formação crítica do cidadão, em prol da cegueira oferecida por meio da exacerbada busca pelo tecnicismo. E ainda, na ausência de sua presença nos ambientes prisionais, de saúde, escolares, comunitários e nos movimentos populares, seja nas grandes cidades, seja nas localidades rurais.

E por fim, essa timidez política (e ética) é refletida em uma Biblioteconomia que não apresenta um exercício profissional responsável e atento à diversidade social e à igualdade de direitos nas relações étnico-raciais, de gênero e orientação sexual; já que pouco discute isso no ensino e nas suas associações profissionais.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOBRE AS DÚVIDAS

Se educar é aprender a viver, é
aprender a pensar. E nessa vida,
não se enganem, só vive
plenamente, o ser que pensa. Os
outros se movem, tão somente.

(Antonieta de Barros⁶¹)

A “redução da existência” acontece, constantemente, no mundo da vida. Se não ficarmos vigilantes, corremos o risco de cair nas malhas, por vezes sedutoras, do imediatismo, do mecanicismo e do tecnicismo. Facilmente, incorporamos em nossa atitude natural, modos de pensar, sentir e agir que nos levam a atender interesses individualistas, pois de modo aparente⁶² aquilo nos faz sentido na nossa autoexperiência.

Entretanto, para além do que nos é aparente, duvidar é preciso. A partir da dúvida, interrogamos a permanência de determinados fenômenos, o como e o porquê deles se configurarem na vida cotidiana. Uma postura ética consubstanciada por valores pautados na alteridade, no respeito e na responsabilidade⁶³, começa pela dúvida. Dúvida essa, que nos tira da zona de conforto, ou mesmo da inconsciência sobre as implicações do nosso agir perante os seres humanos, os animais e a natureza. Então, uma dessas dúvidas que me trouxe até aqui, entre tantas outras, foi: por que a escola não prepara o sujeito para questionar o processo social?

Nessa direção, constata-se um processo de ensino que forma um bibliotecário apto para o servilismo econômico e coerente com o movimento tecnocrático e desestruturador que as lideranças financeiras exigem. Acentua-se cada vez mais, a distância entre esse profissional e a ação voltada para a constituição de um projeto democrático de sociedade. O ensino de Biblioteconomia nos cursos presenciais catarinenses evidenciam a ausência de

⁶¹ Antonieta de Barros nasceu em Florianópolis em 11 de julho de 1901. Negra, mulher e de família pobre superou muitos preconceitos. Era educadora, jornalista e foi a primeira mulher deputada do estado de Santa Catarina, e ainda: a primeira deputada estadual negra do Brasil.

⁶² No sentido fenomenológico, da aparência e da intencionalidade.

⁶³ Estou fazendo menção aos valores mais citados pelos docentes

uma experiência criadora de uma estrutura que seja a base da consciência ética profissional.

A prevalência de um modelo tecnicista importado da escola estadunidense, ainda se faz presente até os dias atuais. Por modelo importado, refere-se então, a algo que não foi criado por esse grupo e somente, reproduzido no eco do eco dos seus discursos. Esse descolamento de sua origem se reflete na auto(des)valorização profissional; e ainda, compromete sua capacidade política de dialogar com humanidade entre sujeitos que dividem o mesmo espaço.

Admitindo que o discurso ético precede a construção do espaço social, pode-se perceber o utilitarismo que se evidencia na atitude natural dos docentes de Biblioteconomia e bibliotecários egressos desses cursos, incentiva a hegemonia técnica e tecnológica, bem como, o fomento de uma racionalidade instrumental. Flusser (2013), em sua obra “Mundo codificado” disserta que até pouco tempo atrás, o mundo da vida era composto de coisas (casas, móveis, objetos, trajes, remédios etc.), ou seja, objetos passíveis de mensuração e manipulação. “Em suma, o ambiente era a condição de nossa existência (Dasein). Orientar-se nele significava diferenciar as coisas naturais das artificiais”. (FLUSSER, 2013, p. 52). Para ele, a natureza ontológica dessas coisas estava ligada às coisas-últimas.

Entretanto, era mais aconchegante viver no mundo das coisas. Infelizmente, essa situação mudou, já que as não-coisas estão em todo lado. Para ele, essas não-coisas são as informações. Flusser (2013) atenta que informações sempre existiram, porém hoje, existe uma não-coisa que nunca existiu antes:

São informações imateriais (undingliche Informationen). As imagens eletrônicas na tela da televisão, os dados armazenados no computador, os rolos de filmes e microfimes, hologramas e programas são tão “impalpáveis” (software) que qualquer tentativa de agarrá-los com as mãos fracassa. Essas não-coisas são, no sentido da palavra, “inapreensíveis”. São apenas decodificáveis. (FLUSSER, 2013, p. 54).

Portanto, segundo o autor, nem sequer se faz necessário à consciência essa nova configuração da realidade, pois já estamos todos impregnados dela.

Estamos cada vez menos interessados em possuir coisas, e assim, elas se retiram para segundo plano. Nosso interesse está voltado para produzir e consumir informações, de modo que, os produtores de não-coisas tornam-se a maioria.

Atualmente, o homem “[...] não quer ter ou fazer, ele quer vivenciar. Ele deseja experimentar, conhecer, e sobretudo, desfrutar. Por não estar interessado nas coisas, ele não tem problemas [...] tem programas” (Flusser, 2013, p. 58). Nessa direção, Flusser (idem) nos deixa uma dúvida: “que tipo de homem será esse que, em vez de se ocupar com coisas, irá se ocupar com informações, símbolos, códigos, sistemas e modelos?”

Nesse contexto, a feliz comparação de Flusser entre problemas e programas evidencia a prevalência de uma racionalidade instrumental em detrimento de uma consciência crítica que busca a explicação para os problemas no campo reflexivo da filosofia. Então, não se admira, o constatado nesta tese, no que diz respeito à inabilidade na formação de consciência ética e política do bibliotecário.

Dessa forma, o pressuposto inicial desta pesquisa confirma-se e os seus objetivos foram alcançados, conforme exposto na seção anterior. Em relação às limitações encontradas no decorrer deste trabalho, volto à questão das dúvidas. Se houve limitações, essas foram possíveis, pois os pesquisadores da Biblioteconomia e da Ciência da Informação pouco têm duvidado. Nesse sentido, pouco se publicou sobre esta temática, o que se refletiu na escassez de material para o desenvolvimento desta pesquisa.

E ainda, conforme “manda o figurino” metodológico para o capítulo final, em relação às sugestões finais, eu só tenho uma: sugiro que se duvide! Que se duvide do que está pressuposto e do que orienta a formação profissional do bibliotecário, e que se duvide, inclusive, deste trabalho. Vamos além, vamos em frente (no sentido de evoluirmos eticamente)! Como fruto dessa indagação, que novos trabalhos e ações se construam, e que, principalmente, o saber agir prevaleça sobre o saber fazer.

Por fim, retomo à epígrafe inicial da tese: “o futuro não vai estar lá, é construído”. Esta fala de meu orientador, em um dos encontros que tivemos para dialogar sobre este trabalho, marcou-me muito. Mais do que nunca, ao

chegar no final dessa caminhada, faz-me mais sentido ainda. Por ora, paro aqui, mas levo a inquietação e a preocupação com a construção social de uma realidade que tenha como fim-último, o desenvolvimento da autonomia. Convido todos nós, docentes e pesquisadores, para que possamos contribuir efetivamente, com a formação de bibliotecários capazes de acrescentar informações relevantes aos cidadãos e que estes, por sua vez, a partir delas, usufruam de seus direitos, de uma vida digna e feliz.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5 ed. São Paulo: Mestre Jou, 2007. 976 p.

ACEVEDO, Mariela Hemilse. Aportes de la teoría social de Alfred Schütz para pensar la política y la acción colectiva. **Trabajo y Sociedad**, Santiago del Estero, Argentina, v. 15, n. 17, inverno 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond de Andrade. Da utilidade dos animais. In: _____. **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 1979. v. 4.

ALMEIDA, Carlos Cândido de. Discurso do sujeito coletivo: reconstruindo a fala do "social". In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da informação**. São Paulo: Polis, 2005. p. 59-79.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Polis, 1997. 129 p.

ALVES, Leonir P.; TAVARES, Cristina Z.; SCHULZE, Thiago R. Paradigma curricular para formação de docentes: princípio de provisoriedade. **R. e-Curriculum**, v. 1, n. 2, jun. 2006. Disponível em: http://www.pucsp.br/ecurriculum/artigos_v_1_n_2_jun_2006/PARADIGMA%20CURRICULAR.pdf. Acesso em: 03/02/2009.

ARANALDE, Michel Maia. A questão ética na atuação do profissional bibliotecário. **Em questão**: revista da faculdade de Biblioteconomia e comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 337 - 368, jul./dez. 2005.

ARAÚJO, C.A. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p.192-204, set./dez., 2009.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga; OLIVEIRA, Marlene. A produção de conhecimentos e a origem das bibliotecas. In: OLIVEIRA, Marlene (org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: UFMG, 2005. P. 33-43.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Abril Cultural, 1973, vol. 4. _____. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ABECIN). **Projeto Pedagógico e Avaliação da Graduação**: referências para a renovação e ressignificação do ensino em Biblioteconomia/Ciência da Informação. Disponível em: <<http://www.abecin.org.br/portal/abecin/documentos/repositorio/>>. Acesso em: 27 set. 2012.

AZEVEDO, E. A. de. O mundo da vida e ação, e Alfred Schütz. **Problemata:** Rev. Int. de Filosofia, v. 02. n. 01., 2011, p. 54-74.

BANDEIRA, Suelena Pinto. **O mestre dos livros:** Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Briquet de Lemos, 2007

BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas:** a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2000.

BATLICKOVA, Eva. Em busca dos fundamentos do pensamento de Vilém Flusser. **Revista Ghrebh:** Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia, São Paulo, v. 1, n. 11, p.172-183, mar. 2008. Disponível em: <[http://www.revista.cisc.org.br/ghrebh/index.php?journal=ghrebh&page=article&op=view&path:\[\]=306&path:\[\]=311](http://www.revista.cisc.org.br/ghrebh/index.php?journal=ghrebh&page=article&op=view&path:[]=306&path:[]=311)>. Acesso em: 04 maio. 2015.

BENTHAM, Jeremy. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação.** 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 68 p.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BERNARDO, Gustavo. Prefácio. In: Flusser, Vilém. **Língua e realidade.** São Paulo: Annablume, 2007.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa qualitativa olhada para além de seus procedimentos. In.: _____ (org.). **Pesquisa qualitativa:** segundo a visão fenomenológica. São Paulo: Cortez, 2011.

BOTTENTUIT, Aldinar Martins; OLIVEIRA, Maria Odaisa Espinheiro de; FERREIRA, Mary. Abordagens da ética nos cursos de Biblioteconomia e campos afins das instituições de ensino superior brasileiras. In: GOMES, Henriette Ferreira; BOTTENTUIT, Aldinar Martins; OLIVEIRA, Maria Odaisa Espinheiro de (Org.). **A ética na Sociedade, na área da informação e da atuação profissional.** Brasília (DF): Conselho Federal de Biblioteconomia, Comissão de Ética Profissional, 2009. p. 162-187

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais,** de 03 de abril de 2001. Brasília: Conselho Nacional de Educação/Câmara Superior de Educação, 2001.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento:** de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 241 p.

CAPURRO, R. **Epistemologia e Ciência da informação.** In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 5., 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação

da UFMG, 2003. Disponível em: < <http://www.capurro.de/enancib.htm>>. Acesso em: 05 maio 2015.

CARVALHO, José Mauricio de Carvalho. Percurso fenomenológico. **Revista Estudos Filosóficos**, São João Del-Rei, n.10, 2013, p.1-15. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>>. Acesso em: 15 set. 2015.

CASTRO, César Augusto. História da Biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica. Brasília: Thesaurus, 2000.

CASTRO, César Augusto; RIBEIRO, Maria Solange Pereira. As contradições da sociedade da informação e a formação do bibliotecário. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 41-52, jan./jun.. 2004. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001042&dd1=cdd1d>>. Acesso em: 04 ago. 2015.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2010. 520p.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 295-316.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

COHN, Amélia. **Florestan Fernandes**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. RESOLUÇÃO No 153, DE 06 DE MARÇO DE 1976. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/UserFiles/File/Resolucao/Resolucao_153.76.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2017.

_____. **Código de Ética do Bibliotecário Brasileiro**, 2002. Disponível em: <http://www.CFB.org.br/UserFiles/File/Legislacao/Resolucao/Resolucao_327-86.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2017.

CONTRERAS, José. **Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

CUARTAS, Enriqueta Graciela D.; PESSOA, Maria Lucia de Moura da Veiga; COSTA, Cosme Guimarães da. O código de ética profissional do Bibliotecário: 15 anos depois. **Biblos**, Rio Grande, v.15, p.195-209, 2003.

CUNHA, M. V.; CRIVELLARI, H. M. T O mundo do trabalho na sociedade do conhecimento e os paradoxos das profissões da informação. In: VALENTIM, M. (Org.). **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004. p.41-54.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** 10. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 2008.

DESLAURIERS Jean-Pierre, KÉRISIT Michéle. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** 2. ed. Petrópolis: Vozes; 2010. p.127-153.

DEPRAZ, Nathalie. **Compreender Husserl.** Petropolis: Vozes. 2007.

DEMO, Pedro. Ambivalências da Sociedade da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.29, n.2, p.37-42, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a05v29n2.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

DOMINGUES, Joaquim. O tema do conhecimento na obra de Vilém Flusser. **Cultura Revista de História e Teoria das Ideias: Percursos da Filosofia do Conhecimento no século XX em Portugal e no Brasil**, São Paulo, n. 29, p.125-133, 2009. Disponível em: < <http://cultura.revues.org/1080>> Acesso em: 04 maio. 2015

DREHER, Jochen. **Fenomenología:** Alfred Schütz y Thomas Luckmann. [2010?]. Disponível em: <<http://docencia.izt.uam.mx/egt/Cursos/MetodologiaMaestria/Drecher.pdf> >. Acesso em: 12 mar. 2015.

DUBAR, C. **A socialização:** construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

DUPAS, Gilberto. **Ética e poder na sociedade da informação.** 2. ed. São Paulo: UNESP, 2001. 134 p.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. 277 p. v. 1

EPICURO. **Carta sobre a felicidade:** (a Meneceu). São Paulo: Editora Unesp, 2002.

EUFRÁSIO, Mario A.; OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. Apresentação. In: SCHÜTZ, Alfred. *A formação de conceitos e teorias nas ciências sociais.* Tradução de Mário A. Eufrásio e José Jeremias de Oliveira Filho. **Plural: Revista do Programa de Pós Gradual em sociologia da USP**, São Paulo, n. 14, 2007, p. 147-162. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/ds/plural/edicoes/14/traducao_1_Plural_14.pdf >. Acesso em: 12 mar. 2015.

FÁVERI, Marlene; ASSIS, Gláucia de Oliveira. A FAED faz 50 anos: conquistas e desafios. In: TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; SCHEIBE, Leda; KOCH, Zenir Maria (orgs). **FAED / UDESC: 50 anos de educação (1963-2013).** Florianópolis: Editora UDESC, 2014. p. 259-266.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2. ed Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

FLUSSER, Vilém. **A dúvida**. São Paulo: Annablume, 2011a.

_____. **Fenomenologia do Brasileiro**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

_____. **Língua e realidade**. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. Metaescrita. In: _____. **A escrita: há futuro para a escrita?**. São Paulo: Annablume, 2010. Cap. 1, p.17-24.

_____. **O mundo codificado**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

_____. **Natural:mente**. São Paulo: Annablume, 2011c.

_____. **Pós-história**. São Paulo: Annablume, 2011b.

GIACOIA JR., Oswaldo. Hans Jonas: o princípio da responsabilidade. In: OLIVEIRA, Manfredo A. de (Org.) **Correntes fundamentais da ética contemporânea**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 193-206.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2004.

GOMES, Henriette Ferreira. Comportamento Ético. In: GOMES, Henriette Ferreira; BOTTENTUIT, Aldinar Martins; OLIVEIRA, Maria Odaisa Espinheiro de (Org.) **A ética na Sociedade, na área da informação e da atuação profissional**. Brasília (DF): Conselho Federal de Biblioteconomia, Comissão de Ética Profissional, 2009. p. 147-161

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. O profissional da informação sob o prisma de sua formação. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.) **O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. p. 53-70.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves et al. Aspectos em organização e representação do conhecimento. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n. 25, 1. Sem. 2008. p. 124-135.

JONAS, Hans. **El principio de responsabilidad: ensayo de una ética para La civilización tecnológica**. Barcelona (Es): Herder, 1995. 398 p.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. 236 p.

HANKE, Michael. Signos, comunicação e mundo da vida: a abordagem sócio-fenomenológica da semiótica de Alfred Schütz. **Significação**: Revista de Cultura, São Paulo, volume 31, n. 22, 2004. P. 82-87.

HERRERO, F. Javier. Ética do discurso. In: OLIVEIRA, Manfredo A. de (Org.) **Correntes fundamentais da ética contemporânea**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 163-192.

HILLESHEIN, Araci Isaltina de Andrade; MENEZES, Estera Muszkat; CHAGAS, Magda Teixeira. Criação do Curso de Graduação em Biblioteconomia: breve histórico. In: HILLESHEIN, Araci Isaltina de Andrade; MENEZES, Estera Muszkat; SOUZA, Francisco das Chagas de (orgs.). **Curso de Biblioteconomia da UFSC: 40 anos**. Florianópolis: Casa do Escritor, 2013.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000. p.31-61.

HUGHES, E.C. The making of a physician: general statement of ideals and problems. In: MACKAY, L.; SOOTHILL, K.; MELIA, K.M. (org.). **Classic texts in health care**. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1998. p.136-39.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Portugal: Edições 70, 1990.

_____. A ingenuidade da ciência. **Scientia Studia**, São Paulo, v. 7, n. 4, out./dez. 2009.

LE COADIC, Yves. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Discurso do sujeito coletivo**, 2003. Disponível em: <http://hygeia.fsp.usp.br/~flefevre/Discurso_sujeito_coletivo.htm>. Acesso em: 25 jun. 2009.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 26 ed. São Paulo: Loyola, 2011.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. Lisboa: Calouste Gulbenkin, 1999. v. 1.

LOPARIC, Zeljko. Ética da finitude. In: OLIVEIRA, Manfredo A. de (Org.). **Correntes fundamentais da ética contemporânea**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 65-77

MACEDO, Elizabeth. Currículo: política, cultura e poder. **Currículo sem Fronteiras**, v. 6, n. 2, p. 98-113, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss2articles/macedo.pdf>. > Acesso em 22.11.2015.

MAIMONE, Giovana Deliberali; SILVEIRA, Naira Christofoleti; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Reflexões sobre a influência do capitalismo no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis, n. 25, p. 174-187, 1. Sem. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-924.2008v13n25p174>. Acesso em: 04 ago. 2013.

McGARRY, Kevin. Aspectos éticos e profissionais da informação. In: _____. **O contexto dinâmico da informação**. Brasília: Briquet Lemos, 1999. p. 173-206

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MATTOS, Maria Antonia Ribas Pinke Belfort de. **Ética profissional do bibliotecário**. [s.n.]: Campinas, 1977. 60 p.

MELO, Nélio Vieira de. **A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

MENDONÇA, Claci; SOUZA, Francisco das Chagas de. O Curso de Graduação em Biblioteconomia da UFSC: ação pioneira de Alvaceli Lusa Braga. In: HILLESHEIN, Araci Isaltina de Andrade; MENEZES, Estera Muszkat; SOUZA, Francisco das Chagas de (orgs.). **Curso de Biblioteconomia da UFSC: 40 anos**. Florianópolis: Casa do Escritor, 2013.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil Colonial**. 2. ed. São Paulo: Briquet de Lemos, 2006.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **A invenção da sociedade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOTA, Alex Sandre L. I.; ROCHA, Eliane da. **Patética: O esvaziamento do discurso ético na educação e atuação profissional em Biblioteconomia**. 2005. 203 f. Trabalho de conclusão de curso (Monografia)-Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 2005.

MUELLER, Suzana Machado Pinheiro. Avaliação do estado da arte da formação em biblioteconomia e ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 17, n. 1, jan./jun. 1988, p. 71-81.

MYKONIOS, Athanásio. Ciência sem conhecimento. **Revista Vozes do Vale da UFVJM**, Minas Gerais, v. 1, n. 2, p. 1-20, out. 2012. Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/site/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Ci%C3%AAncia-sem-Conhecimento_atan%C3%A1sio.pdf>. Acesso: 07 ago. 2014.

NASCIMENTO, Maria de Jesus. Da paleografia às tecnologias da informação: histórico, fatos e feitos que a história não registra do curso de Biblioteconomia da FAED / UDES. In: TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; SCHEIBE, Leda; KOCH, Zenir Maria (orgs). **FAED / UDESC: 50 anos de educação (1963-2013)**. Florianópolis: Editora UDESC, 2014. p. 77-104.

NAWRATH, Mora. Mundo de la vida, comprensión y acción intersubjetiva en la sociología fenomenológica de Alfred Schütz, México, **Revista CUHSO**, v. 18, n. 1, 2009, p. 51-58.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NOVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: _____. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000. p.11-30.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

ORTIZ, Renato. Revisitando o tempo dos militares. In: REIS, Daniel Aragão *et al* (orgs.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

PERINI, Mário A. Sobre língua, linguagem e Linguística: uma entrevista com Mário A. Perini. **ReVEL**, São Paulo, Vol. 8, n. 14, 2010.

PIVATTO, Pergentino S. Ética da alteridade. In: OLIVEIRA, Manfredo A. de (Org.) **Correntes fundamentais da ética contemporânea**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 79-97.

PIZARRO, Daniella Camara. **Ética profissional do bibliotecário atuante no segmento empresarial em Santa Catarina**. 2010. 213 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean. *et al*. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 215-253.

REALI, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: de Nietzsche a Escola de Frankfurt. São Paulo: Paulus, 2006. V. 6.

RETAMOZO, Martín. Constructivismo: Epistemología y Metodología en las ciencias sociales, **Tratado de metodología de las ciencias sociales**: perspectivas actuales, México, 2012.

RICOUER, Paul. **Na escola da fenomenologia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ROMERO, Yasmín Hernández; SOSA; Raúl Vicente Galindo. El concepto de intersubjetividad en Alfred Schütz. **Espacios Públicos**, México, v. 1, 20, 2007, p.228-240.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

SALOMON, Délcio Vieira. **A maravilhosa incerteza**: pensar, pesquisa e criar. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SÂNCHEZ-VÁZQUEZ, Adolfo. **Ética**. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 267 p.

SANTOS, Jussara Pereira. Reflexões sobre legislação e currículo na área de Biblioteconomia. **Encontros Bibli**, v. 3, n. 6, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/rt/printerFriendly/17/62>>. Acesso em: 14 out. 2015.

SCHEIBE, Leda; BAZZO, Vera Lúcia. O papel das faculdades de educação no desenvolvimento do conhecimento educacional e na formação dos profissionais para o magistério. In: TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; SCHEIBE, Leda; KOCH, Zenir Maria (orgs.). **FAED / UDESC: 50 anos de educação (1963-2013)**. Florianópolis: Editora UDESC, 2014. p. 17-26.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SCHÜTZ, Alfred. A formação de conceitos e teorias nas ciências sociais. **Plural**: Revista do Programa de Pós Gradual em sociologia da USP, São Paulo, n. 14, 2007, p. 147-162. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/ds/plural/edicoes/14/traducao_1_Plural_14.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2013.

_____. O estrangeiro. **Revista espaço acadêmico**, v. 10, n. 113, p. 117-129, out. 2010.

_____. **Senso-comum e a interpretação científica da ação humana**. São Paulo: USP, 1953. 39p. Disponível em: <http://cienciasociaisunifesp.files.wordpress.com/2011/07/alfred_Schütz_sens_o_comum.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2013.

_____. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCHÜTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. **Las Estructuras del Mundo de la Vida**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973.

SILVA, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da. **É preciso estar atento**: a ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias. 2011. 386 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SCHRODER, Ulrike. O conceito sócio-filosófico de Alfredo Schütz e suas implicações epistemológicas para o campo da Comunicação. **Significação**, São Paulo, n. 26, p. 9-24, primavera-verão 2006.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **A Biblioteconomia no Brasil**: profissão e educação. Florianópolis: ACB, 1997.

_____. Docência e Ética na Ciência da Informação. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 1-26, set./dez. 2013.

_____. A educação bibliotecária catarinense – causas de seus pontos fracos, entre 1973 e 1993. **Encontros Bibli**: revista de Biblioteconomia e ciência da informação, n. 9, jun. 2000.

_____. Educação bibliotecária, pesquisa em educação bibliotecária e novas DCN (diretrizes curriculares nacionais) do curso de Biblioteconomia no Brasil. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 1-12, jul./dez. 2002a.

_____. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro**: século XX. 2. ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2009.

_____. **Ética e deontologia**: textos para profissionais atuantes em bibliotecas. Florianópolis: Ed UFSC, 2002b.

_____. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 23-34, jan./jun. 2006.

_____. O modelo educacional e seu impacto sobre a dimensão pedagógica da Ciência da Informação. **Em questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 123-142, jan./jun. 2004. Disponível em:

<<http://www.brapci.ufr.br/documento.php?dd0=0000011070&dd1=9281c>>. Acesso em: 25 set. 2012.

_____. **Modernização e Biblioteconomia nova no Brasil**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2003.

_____. Prática Profissional e ética: os bibliotecários brasileiros registrados e sua irrelevância social, cultural, econômica, política e quantitativa nos últimos anos. In: ALMEIDA JUNIOR. **Infohome**. 2014. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=864> . Acesso em 06 nov. 2015.

SOUZA, Francisco das Chagas de; STUMPF, Katiusa. Presença do tema ética profissional Nos periódicos de Ciência da Informação e Biblioteconomia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 13, p. 94-115, set. / dez. 2009.

TOMAZI, Nelson Dácio. **Iniciação à Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Atual, 2000.

TUGENDHAT, Ernst. **Lições sobre ética**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 406 p.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação. Reformulação curricular e **Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia – Habilitação em Gestão da Informação**. Florianópolis, 2007. Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/544/ppc_biblio_2007.pdf> . Acesso em 06 ago. 2017.

_____. **Plano Pedagógico Institucional**. Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.esag.udesc.br/arquivos/id_submenu/559/008_2016_cni_anexo_ppi.pdf> . Acesso em 06 ago. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Departamento de Ciência da Informação. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina**. Florianópolis, 2015b. Disponível em: <http://biblioteconomia.ufsc.br/files/2014/10/BBD_PPC_2016.pdf> . Acesso em 06 ago. 2017.

_____. **Plano Pedagógico Institucional**. Florianópolis, 2015a. Disponível em: <<http://coafor.prograd.ufsc.br/files/2016/10/PPI-UFSC-2015-2019.pdf>> . Acesso em 06 ago. 2017.

WAGNER, Helmut T. R. Introdução. In.: Schütz, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília: UnB, 2012. v.1.

APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO – IAD 1

Questão 1: Dentro da tua concepção, para que que existe o bibliotecário?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<i>O bibliotecário <u>existe pra trabalhar em todos os contextos organizacionais, públicos e privados, a informação.</u></i>	Organizar toda a informação no setor público e privado.
E2	<i>Pra organizar toda a documentação deste planeta.</i>	Organizar toda a informação, no setor público e privado.
E3	<i>[...] ele atua dentro de bibliotecas [...] pra <u>disseminação da informação, pra levar a informação para as pessoas e aí ele tem o lado técnico porque ele tem que organizar a informação e ele também tem o lado social, O lado... que ele tem que ver o lado das pessoas também dependendo do tipo de biblioteca que ele vai trabalhar. Se é uma biblioteca...</u></i>	Organizar a informação com foco na dimensão técnica e com foco na dimensão social de sua atuação.
E4	<i>[...] é um profissional que <u>dissemina informação, [...] Ele tem que ajudar o aluno a fazer a pesquisa, muitas vezes não sabe fazer pesquisa, [...] Então, eu acho que o bibliotecário é muito desafiado nisso, entendeu? Porque ele é bibliotecário, ele é professor, no meio de uma biblioteca escolar, numa biblioteca pública, de uma universidade já é outro nível, mas a gente sofre também aqui. São níveis diferentes, mas necessidades iguais, no meu parecer.</u></i>	Promover o acesso à informação. Organizar a informação com foco na dimensão sociocultural e educativa de sua atuação.
E5	<i>[...] ele tem uma <u>responsabilidade social</u> também bastante importante, no sentido de participar de um <u>processo de fluxo de informação.</u> [...]Então eu acho que... é tem uma importância que é <u>social</u>, no sentido de fazer a <u>informação circular de uma maneira mais adequada.</u></i>	Organizar a informação com foco na dimensão técnica e com foco na dimensão social de sua atuação. Promover o acesso à informação.
E6	<i>[...] <u>Pra divulgação de toda a informação científica, bibliográfica, poética que existe dentro de uma região, dentro de um país, dentro de uma instituição. O papel principal dele é gerar informação pra que as pessoas possam tomar decisões de leitura, de conteúdos. Acho que o grande chamado do bibliotecário hoje é o processo informacional. Não mais o papel específico de ordenar, classificar, catalogar a informação na biblioteca. Acho que ganhou uma amplitude muito maior hoje. A minha visão hoje em relação ao bibliotecário é o gestor de informação.</u></i>	Promover o acesso à informação. Organizar toda a informação no setor público e privado. Bibliotecário é um gestor da Informação.
E7	<i>[...] Eu diria que a <u>essência da organização, recuperação e disseminação de qualquer informação, qualquer documento, em todas as</u></i>	Organiza, recupera e dissemina toda a informação em qualquer

	<u>áreas.</u>	documento em qualquer área.
E8	<p>[...] Existe um modelo tradicional que são as práticas desse profissional é... é uma coisa meio que indissociável você pensar essas práticas tradicionais e isso define o bibliotecário. <u>O bibliotecário tem que saber catalogar, tem que saber o hardcore da área, ele tem que ser proficiente nisso, ele tem que defender o espaço de trabalho dele em primeiro lugar. Quando a gente fala... Quando a gente conjectura a possibilidade, por exemplo, de ter um espaço é... um ambiente virtualizado, vamos dizer assim, que é um acervo digital público, como se fosse uma grande biblioteca pública digital, há uma resistência enorme porque isso é posterior e tem que se privilegiar primeiro e garantir os espaços de trabalhos, os empregos pelos concursos, sabe? Eu penso que o bibliotecário é bem mais que isso, A questão da atuação multidisciplinar, as demandas sociais é... por informação, por acesso ao conhecimento é... Uma coisa que eu tenho lido sobre... os documentos sobre a biblioteca do futuro que... que alguns órgãos que as agências de fomento em alguns países têm elaborado é... são perspectivas de futuro pra... pras bibliotecas e pros bibliotecários, tá? E olhando assim, a biblioteca como um hub de conhecimento, um hub social um concentrador, um polarizador de conhecimento e distantes de produção de informação e de conhecimento, uma... já... de uma forma bem descaracterizada do estoque, É... e o bibliotecário centrado nisso, não centrado nos estoques, Ele é um profissional que deixa... de estar menos centrado no acervo físico... no acervo de suporte físico no documento, no acervo de suporte físico e... olhando na... o acesso privile... , pensando com a lógica do acesso à informação ao invés de pensar na gestão de estoques de documentos. Ainda que, essas duas coisas coexistam e vão coexistir por um bom tempo é... a sociedade requer isso. Acho que o bibliotecário tem que atuar nessas diferentes frentes.</u></p>	<p>Organizar a informação com foco na dimensão técnica e com foco na dimensão social de sua atuação.</p> <p>Promover o acesso à informação.</p> <p>O bibliotecário é um facilitador, ou seja, um mediador da informação e deve promover o uso da informação com criticidade visando o desenvolvimento pessoal e profissional dos cidadãos e da sociedade.</p>
E9	<p>[...] um profissional <u>que manipula a informação é... e atende as necessidades de informação de alguém. Então, esteja aonde a informação estiver, esteja no formato que estiver, é... ele precisa dominar as técnicas e tecnologias e recursos pra... pra oferecer esse serviço.</u></p>	<p>Organiza, recupera e dissemina toda a informação em qualquer documento em qual quer área.</p> <p>Organizar a informação com foco na dimensão técnica e tecnológica de</p>

		<p>su atuação.</p> <p>Promover o acesso à informação.</p> <p>Organizar a informação com foco na dimensão sócio-cultural e educativo de sua atuação.</p> <p>Organizar a informação com foco na dimensão técnica e com foco na dimensão social de sua atuação.</p>
E10	<p><u>[...] eu acredito que o bibliotecário é um fomentador cultural. [...] é o facilitador que tem o ambiente da biblioteca como ponto de encontro pra é... organizar, pra fomentar as atividades culturais, educativas, incluindo a leitura. E além disso, eu acho que um ponto importante também é... ele é um facilitador do acesso ao conhecimento, então ele que vai criar... Acho que parte dessa forma de fomentar é ele criar mecanismos que facilitem o acesso ao conhecimento. Que daí são todas as partes técnicas que servem pra isso também.</u></p>	<p>Promover o acesso à informação.</p> <p>Organizar a informação com foco na dimensão sócio-cultural e educativo de sua atuação.</p> <p>Organizar a informação com foco na dimensão técnica e com foco na dimensão social de sua atuação.</p>
E11	<p><u>[...] o bibliotecário pode fazer várias coisas, [...] Tá, na história a gente identifica bibliotecários, que trabalham, sei lá, com acervo, com livro, com documentação, alguma coisa assim. Mas... eu não sei se dá pra fazer uma lista, assim, do pra que que serve o bibliotecário.</u></p>	<p>Organiza, recupera e dissemina toda a informação em qualquer documento em qual quer área.</p>
E12	<p><u>[...] é um profissional que... vem atender uma demanda muito importante na sociedade que estamos vivendo, que diz respeito a... a... principalmente ao acesso à informação. É... Quando a gente fala na... nas habilidades que o profissional tem e tá organizando, é... filtrando, Recuperando a informação, eu acho que isso é o que ele tem de melhor pra atender uma necessidade da... das pessoas que é o acessar a informação. [...] essa função que o bibliotecário entra contribuindo pra facilitar e também como mediador, Porque ele pode pensar em estratégias pra ajudar as pessoas a lidar com essas informações e a usar essas informações pro crescimento pessoal e profissional delas [...] Então, a principal contribuição pra que serve o bibliotecário hoje seria nesse sentido, de oportunizar o acesso e fazer a mediação entre essas informações que existem e as pessoas que precisam dessas informações, de como utilizá-las e pro seu bem, pra sua construção, é... enquanto indivíduo, enquanto cidadão e também pra formação dessa consciência crítica, reflexiva em relação ao uso dessas informações.</u></p>	<p>Promover o acesso à informação.</p> <p>Organizar a informação com foco na dimensão sociocultural e educativa de sua atuação.</p> <p>O bibliotecário é um facilitador, ou seja, um mediador da informação e deve promover o uso da informação com criticidade visando o desenvolvimento pessoal e profissional dos cidadãos e da sociedade.</p>
E13	<p><u>[...] É o profissional que vai trabalhar com a informação. [...] Da forma mais ampla possível sempre. Não só a informação do livro numa... numa biblioteca e sim na necessidade de informação das pessoas. [...]</u></p>	<p>Organiza, recupera e dissemina toda a informação em qualquer documento em qual quer área e para qualquer pessoa.</p>
E14	<p><u>O bibliotecário, ele existe pra atender as</u></p>	<p>Organizar a informação</p>

	<u>demandas de informação, sejam essas demandas voltadas pra organização, pro acesso, para as oportunidades, então o bibliotecário existe pra dar conta de reunir esses elementos que eu acabei de falar e, de modo a proporcionar um bem pra sociedade.</u>	com foco na dimensão técnica e com foco na dimensão social de sua atuação.
E15	<u>[...] vejo o bibliotecário muito além da [...]atividade de atuação dentro de uma unidade de informação, [...]das disciplinas que tem na Universidade, é... Podem preparar esse profissional para atuar em vários campos, seja em instituições privadas, é... sejam com projetos de pesquisa voltando mais pra minha área de inovação, assim, eu vejo o quanto o bibliotecário pode contribuir dentro de um projeto de inovação, sabe? Organizar toda a informação que existe dentro de um projeto, no desenvolvimento de um produto, então eu vejo muito mais além do que as funções mais tradicionais [...]</u>	Organizar a informação com foco na dimensão técnica e tecnológica.
E16	<u>[...] sua função principal, eu creio que seja o tratamento, organização e disponibilização da informação registrada nos diferentes meios.</u>	Organiza, recupera e dissemina toda a informação em qualquer documento em qual quer área e para qualquer pessoa.
E17	<u>[...] é um profissional que vai ter que se adaptar às novas realidades, das tecnologias... [...] Um profissional que precisa trabalhar com as novas tecnologias no campo da... aonde o humano faz a diferença ainda.</u>	Organizar a informação com foco na dimensão técnica e tecnológica.
E18	<u>[...] ele existe pra ajudar os profissionais é... ou estudantes... [...] a trabalhar com a informação de um jeito que seja mais... mais fácil de lidar ou com informação em si ou com a recuperação dela.</u>	Organiza, recupera e dissemina toda a informação em qualquer documento em qual quer área e para qualquer pessoa.
E19	<u>[...] ele é importante [...]como organizador de informação, como mediador como facilitador de acesso.</u>	Organizar a informação com foco na dimensão técnica e tecnológica. Promover o acesso à informação.
E20	<u>[...] é um profissional de informação. Fundamental pra sociedade. Na... todas as questões relacionadas à Ciência da Informação, organização dessas informações e... e que tem evoluído bastante com a utilização das novas tecnologias e utilizando novas... novas abordagens, tecnologias e... basicamente organização... trata da organização da informação, facilita o tratamento da informação,</u>	Organizar a informação com foco na dimensão técnica e tecnológica. Promover o acesso à informação.

	<u>facilitação do acesso à essa informação, disponibilidade de informação... basicamente.</u>	
E21	<u>[...] bibliotecário é uma profissão do mundo urbano porque é no mundo urbano que se tem a maior massa de documentação, de informação e do conhecimento [...]E como bibliotecário, ele [...] é sempre o mediador dessa grande massa documental. [...] o bibliotecário é... é um grande mediador é... aquele que domina aquelas ferramentas que vai aprendendo ao longo da sua formação para é... buscar dados que as pessoas, países, indústrias, enfim...</u>	<p>Organizar a informação com foco na dimensão técnica e com foco na dimensão social de sua atuação.</p> <p>O bibliotecário é um facilitador, ou seja, um mediador da informação e deve promover o uso da informação com criticidade visando o desenvolvimento pessoal e profissional dos cidadãos e da sociedade.</p>
E22	<u>[...] é tornar a sociedade um lugar melhor a partir da disponibilização de informações. Então, deixar a sociedade melhor informada, significa deixar a sociedade com uma melhor qualidade de vida. Então, ele tem esse papel a cumprir. Pra isso, ele se utiliza de técnicas que precisam ser repensadas, Porque nem sempre elas atingem os objetivos, mas ele não existe pra organizar a informação, ele não existe pra ser guardião da informação. Ele existe porque as pessoas precisam da informação pro seu dia a dia, Pra suas... pros seus estudos, pra sua vida pessoal, particular, pro seu trabalho e ele é a pessoa responsável em organizar os espaços onde essas informações vão... podem ser disponibilizadas. E aí, tanto faz se é um espaço físico, se é um espaço virtual, se são pessoas, se são livros, se são documentos, O importante é que ele tenha essa consciência de que existe uma comunidade que precisa dele pra ser melhor informada e assim, então, ter uma vida melhor.</u>	<p>Organizar a informação com foco na dimensão técnica e com foco na dimensão social de sua atuação.</p> <p>O bibliotecário é um facilitador, ou seja, um mediador da informação e deve promover o uso da informação com criticidade visando o desenvolvimento pessoal e profissional dos cidadãos e da sociedade.</p>
E23	<u>O bibliotecário [...] deve estar capacitado, habilitado pra organizar, pra disseminar, pra divulgar a informação, pra fazer a gestão da informação, pra trabalhar com as tecnologias voltadas pra informação... Que é o diferencial do bibliotecário. Nós trabalhamos com informação. A informação está em todos os locais, [...]</u>	<p>Organizar a informação com foco na dimensão técnica e tecnológica.</p> <p>Bibliotecário é um gestor da Informação.</p> <p>Organizar toda a informação, no setor público e privado.</p> <p>Organiza, recupera e dissemina toda a informação em qualquer</p>

		documento em qual quer área e para qualquer pessoa.
E24	<u>[...] é um servidor. Ele existe pra servir o público. É isso que ele tem que ter em mente. Não é só organizar a biblioteca, deixar tudo em ordem. Não! Ele tá ali pra servir o público. Ele é um servidor.</u>	Organizar a informação com foco na dimensão técnica e com foco na dimensão social de sua atuação.
E25	<u>[...]bibliotecário [...] um educador, ele é um profissional que tem uma importância social porque ele pode contribuir na formação de leitores, na formação de um cidadão melhor, [...] é um agente de transformação da sociedade. Então, ele é de suma importância até pra que a gente tenha um país melhor, uma sociedade melhor, por meio das bibliotecas e de outras áreas que ele atua, mas, principalmente, por meio das bibliotecas, Então, esse é o principal.</u>	O bibliotecário é um facilitador, ou seja, um mediador da informação e deve promover o uso da informação com criticidade visando o desenvolvimento pessoal e profissional dos cidadãos e da sociedade. Organizar a informação com foco na dimensão sociocultural e educativa de sua atuação.
E26	<u>Bom, naquela concepção mais antiga, o bibliotecário é aquele que organiza a informação[...] independentemente do... do tipo de suporte que a gente tenha, essa é a grande função do bibliotecário. E não é só organizar, mas tornar disponível pras pessoas que aí a gente entra na disseminação da informação. [...] não só organizar, mas também proporcionar às pessoas, o acesso à informação do jeito que elas precisam, no nível que elas precisam e pra que isso seja útil pra vida da pessoa. [...]</u>	Organiza, recupera e dissemina toda a informação em qualquer documento em qual quer área e para qualquer pessoa. Organizar a informação com foco na dimensão técnica e com foco na dimensão social de sua atuação.
E27	<u>[...] o principal motivo é suprir a necessidade, ou seja, a demanda de informação dos usuários. [...] Essa pra mim é a principal função. Além, claro, de organizar, disponibilizar a informação... Enfim, é suprir a necessidade informacional do usuário.</u>	Organiza, recupera e dissemina toda a informação em qualquer documento em qual quer área e para qualquer pessoa.
E28	<u>[...]ele atua como um facilitador entre o sujeito que tem uma necessidade informacional e a informação, [...]</u>	Organizar a informação com foco na dimensão técnica e com foco na dimensão social de sua atuação.
E29	<u>[...] O bibliotecário, [...] é um profissional... [...] que [...] desenvolve a competência pra [...] selecionar e adquirir a informação, tratar essa informação e distribuir e disseminar essa informação. Então, o bibliotecário - nesse sentido do bibliotecário desse cara que cuida da informação - ele tem esse papel. Ele é o</u>	Organiza, recupera e dissemina toda a informação em qualquer documento em qual quer área e para qualquer pessoa.

	<u>responsável pra que esse fluxo informacional seja o mais eficaz e eficiente possível. Então, pra isso pra mim que serve o bibliotecário. O bibliotecário é isso. E quando eu falo fazer isso, em qualquer suporte, Então, basicamente é isso.</u>	
E30	<u>O bibliotecário existe para facilitar é... fontes de informação, impressas, digitais, para qualquer tipo de usuário, seja ele infantil de 0 a 6 anos, infanto-juvenil, adulto pré-adolescente, adulto normal, adulto com necessidades especiais, idosos e todos eles. Então, o que que acontece? Nós precisamos aproximar a informação de qualquer formato para as necessidades informacionais de um determinado sujeito.</u>	Organizar a informação com foco na dimensão técnica e com foco na dimensão social de sua atuação.
E31	<u>[...] guardar a memória coletiva ou individual de um... de uma... de uma comunidade, de uma sociedade, em geral [...] E os bibliotecários pra justamente buscar os acervos que foram destruídos, reconstruir, organizar, sistematizar as informações. [...] Até a gente, às vezes, tem também uma abordagem que a Biblioteconomia, ela é feita muito pra só realmente pra determinadas classes [...] Extremamente elitizada. [...] a Biblioteconomia, ela precisa justamente que... e aí entra o lado também multisocial que é justamente dos projetos, das bibliotecas comunitárias, das bibliotecas mais alternativas, carro-biblioteca, biblioteca ambulante e aí são as várias modalidades que a gente tem de trabalho. [...] E... agora então com a nova lei aí da biblioteca escolar, O quanto é necessário esse profissional [...]na formação da criança! [...]</u>	Organizar a informação com foco na dimensão técnica e com foco na dimensão social de sua atuação. Organizar a informação com foco na dimensão sociocultural e educativa de sua atuação. O bibliotecário é um facilitador, ou seja, um mediador da informação e deve promover o uso da informação com criticidade visando o desenvolvimento pessoal e profissional dos cidadãos e da sociedade.

Questão 2: Que demandas esse profissional deve atender?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<u>[...] Empresas, em órgãos de governo, na... até no consultório médico, ele tem espaço em todos os contextos.</u>	Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.
E2	<u>As demandas da sociedade, as demandas da ciência, as demandas de todos que os procurarem, porque se eles tem essa organização e sabem onde está, sabem fazer um tratamento técnico, sabem fazer uma análise crítica</u>	Demandas sociais, culturais e humanas. Demandas de informação científica e tecnológica. Atender as demandas informacionais por meio da sua organização e

		<p>disseminação.</p> <p>Atender as demandas informacionais por meio de uma análise crítica e ética.</p>
E3	<p><i>[...] são <u>tantas demandas</u>[...] ele tem que atender[...] tudo, <u>Demanda social</u> [...] Ele tem que <u>ter ética nesse... nesse trabalho dele junto com as pessoas.</u> [...] <u>são demandas do dia a dia das pessoas de informação!</u></i></p>	<p>Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.</p> <p>Demandas sociais, culturais e humanas.</p> <p>Atender as demandas informacionais por meio da sua organização e disseminação.</p> <p>Atender as demandas informacionais por meio de uma análise crítica e ética.</p>
E4	<p><i>[...] <u>quando ele vai pro mercado, ele precisa, sabe? Da didática. É... Trabalhar com aluno, quem vai pra biblioteca escolar tem que ter a didática do ensino, Trabalhar em parceria com os professores, fazer parte da reunião dos professores, participar do plano de ação de ensino que o professor vai dar, porque isso tudo vai cair na biblioteca.</u> [...] <u>Pode levar o livro pra pesquisar e essas coisas, umas coisas mais lúdicas é o que tá faltando, sabe?</u></i></p>	<p>Atender demandas exigidas pelo contexto educacional de forma didática e lúdica.</p>
E5	<p><i>[...] <u>Demandas de informação, [...] talvez científico ou cientificista e tecnológico. Eu acho que também por um viés cultural, artístico, humanístico</u> [...] Eu que a... a... <u>demanda é informacional, sempre!</u> [...]</i></p>	<p>Demandas de informação científica e tecnológica.</p> <p>Demandas sociais, culturais e humanas.</p>
E6	<p><i>Olha, eu acredito que dentro de uma instituição ou dentro de uma Universidade ou dentro de qualquer contexto, o <u>processo específico de gerar conteúdos pra sociedade, pra que ela possa tomar decisão.</u> [...] <u>estamos vivendo um momento tão drástico no país e que a gente não vê a atuação do bibliotecário em relação a isso. Em relação a informar... [...]</u> Talvez o [...] <u>bibliotecário poderia atuar mais a fundo nisso como um gestor de informação, [...]</u> acho que ele ganhou uma dimensão muito maior e essa <u>dimensão a gente ainda não conseguiu transpor, dentro da academia, para o mercado de</u></i></p>	<p>Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.</p> <p>Demandas sociais, culturais e humanas.</p> <p>Demandas de informação científica e tecnológica.</p>

	<u>trabalho. São poucos que conseguem fazer isso, por exemplo, é... dentro da Natura, a XXX faz um papel fenomenal de processo informacional lá dentro. [...]</u>	<p>Atender as demandas informacionais por meio da sua organização e disseminação.</p> <p>Atender as demandas informacionais por meio de uma análise crítica e ética.</p> <p>Atender as demandas empresariais e mercadológicas.</p>
E7	<u>Recuperar, organizar e disponibilizar todo o tipo de documento, informação em qualquer suporte, em qualquer meio.</u>	<p>Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.</p> <p>Atender as demandas informacionais por meio da sua organização e disseminação.</p>
E8	<u>[...] A sociedade requer informação, ela busca informação, ela busca o acesso à informação de uma maneira organizada, rápida, a informação tem que chegar até as pessoas. Os documentos as coisas têm que atender os meus interesses, tem que ter uma inteligência nesse processo. [...] É te dar a informação que você precisa, é isso que a sociedade quer. É isso que os bibliotecários têm que fazer.</u>	<p>Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.</p> <p>Atender as demandas informacionais por meio da sua organização e disseminação.</p> <p>Atender as demandas empresariais e mercadológicas.</p> <p>Demandas de informação científica e tecnológica.</p>
E9	<u>[...] Qualquer demanda de informação, é... talvez de conhecimento, [...] É... em qualquer espaço, em qualquer ambiente, [...] pensar no bibliotecário como efetivamente uma pessoa que tem todas as [...] competências habilidades, atitudes e conhecimentos pra manipular a informação, seja do tipo que for, no formato que tiver, no suporte que tiver pra adequar às demandas de uma determinada pessoa.</u>	<p>Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.</p> <p>Atender as demandas informacionais por meio da sua organização e disseminação.</p>

E10	<p><u>[...] todas as demandas [...] a instituição, o local onde o bibliotecário atua é... [...] então se naquele ambiente não pode ter uma resposta ou encaminhamento é... ele tem como fazer... dar esse encaminhamento pra essa pessoa, [...] Acho que se ele não responde ele pode encaminhar, ele tem possibilidade, por ele ter a informação, [...] é um privilegiado em relação à informação, então eu acho que ele tem essa capacidade.</u></p>	<p>Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.</p> <p>Atender as demandas informacionais por meio da sua organização e disseminação.</p>
E11	<p><u>[...]Eu acho que se tem uma demanda então é que seja pra atender, sabe?, biblioteca, o social, escola, biblioteca comunitária, pública, [...]</u></p>	<p>Demandas sociais, culturais e humanas.</p>
E12	<p><u>[...] as principais demandas eu acho que tem a ver com a organização dessas informações que estão disponíveis, o acesso a elas pra poder facilitar que as pessoas tenham acesso aos diferentes tipos de informações e não somente aquelas que a mídia divulga, que a... que a mídia manipula [...] O bibliotecário, ele tem esse papel bem importante de somar [...] oportunizando que as pessoas consigam acessar essas informações, é... por meio de serviços que o profissional pode prestar e também auxiliando eles a criarem esse pensamento crítico, [...]</u></p>	<p>Atender as demandas informacionais por meio da sua organização e disseminação.</p> <p>Atender as demandas informacionais por meio de uma análise crítica e ética</p> <p>Demandas sociais, culturais e humanas.</p>
E13	<p><u>[...] depende do lugar onde esteja inserido. Depende do tipo de bibliotecário que seja. Não é o mesmo um bibliotecário universitário, do que o bibliotecário numa escola ou o bibliotecário de uma comunidade pequena. [...] É uma biblioteca, eles fazem tudo, eles fazem absolutamente tudo. O bibliotecário não fica com o livro, o bibliotecário faz muito mais coisas. Desde dar de comer às crianças, que é uma das muitas tarefas que tem, até procurar roupas pra elas porque são famílias que não tem muitos recursos e o bibliotecário, talvez os projetos onde eles estão inseridos, tentam procurar pessoas que ajudam essas crianças que estão lá. Então, eu acho que o bibliotecário deveria se focar, talvez, um pouco mais na informação, mas sempre... Se as pessoas tem algum tipo de necessidade, o bibliotecário pode ajudar também nisso, pensando que o bibliotecário é a pessoa que, em alguns contextos... sim, é certo ter um intermediário entre a informação e as necessidades das pessoas. [...]</u></p>	<p>Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.</p> <p>Demandas sociais, culturais e humanas.</p> <p>Atender as demandas informacionais por meio de uma análise crítica e ética</p>
E14	<p><u>[...] atender as demandas de informação, sejam essas demandas voltadas pra organização, pro acesso, para as oportunidades, [...] de modo a proporcionar um bem pra sociedade.</u></p>	<p>Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.</p>

		<p>Atender as demandas informacionais por meio da sua organização e disseminação.</p> <p>Atender as demandas informacionais por meio de uma análise crítica e ética.</p>
E15	<p><i>[...] nessa parte de organização de informação! [...] E também essa demanda [...] <u>nas bibliotecas escolares, acho que esse é o papel fundamental, mostrar que a biblioteca não é um lugar de depósito de livros[...] Então, eu acho que esse caráter dentro da educação, Seja educação básica, mas também um caráter mais aplicável na prática, com instituições privadas ou públicas. [...]</u></i></p>	<p>Atender as demandas informacionais por meio da sua organização e disseminação.</p> <p>Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.</p>
E16	<p><i>Ele é a grande ponte, Entre o usuário, comunidade e a informação. Então, [...] os centros, seja uma biblioteca, seja qual for o tamanho, seja uma unidade informacional numa empresa, numa escola, [...]Jele que vai fazer essa ponte de mediação da <u>informação institucional, social... com o seu público-alvo[...]</u></i></p>	<p>Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.</p> <p>Demandas sociais, culturais e humanas.</p> <p>Demandas de informação científica e tecnológica.</p>
E17	<p><i>[...] Saber por onde procurar as coisas, Quer dizer, isso pra todos os profissionais, ninguém precisa ser especialista em tudo, mas saber que pra determinado tipo de problema, a solução muito provavelmente vai tá por aqui ou por ali. Então, é... Alguém <u>precisa ler os cenários e indicar a... os caminhos a serem trilhados, [...]</u></i></p>	<p>Atender as demandas informacionais por meio de uma análise crítica e ética.</p>
E18	<p><i>[...] são demandas que podem vir da sociedade como um todo, Dentro das <u>bibliotecas públicas, por exemplo. [...] Algumas demandas que podem ser bastantes especializadas e... e daí, num universo de bibliotecas especializadas ou nem precisa ser bibliotecas, [...]</u> Hoje em dia, a gente vê <u>bibliotecário trabalhando fora de unidades de informação trabalhando em algum setor que não é uma unidade de informação, mas que precisa de informação. Então, eu acho que as demandas, assim, elas são as que existem e as que, às vezes, nem tem noção ainda, elas vão sendo criadas</u></i></p>	<p>Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.</p> <p>Demandas sociais, culturais e humanas.</p> <p>Demandas de informação científica e tecnológica.</p> <p>Atender as demandas empresariais e</p>

		mercadológicas.
E19	<u>[...] a gente tem muitas demandas, a gente tem uma [...] acadêmica, [...] quando eu falo acadêmica, eu falo nesse escolar como um todo. [...] enfim, eu acho que é uma demanda mais específica também. E no lado profissional, nós temos um leque muito grande. Porque aí, qualquer empresa precisa, qualquer... profissional precisa de uma mediação de informação. E A gente tem aqui uma demanda turística e tecnológica muito forte,</u>	Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado. Demandas sociais, culturais e humanas. Demandas de informação científica e tecnológica. Atender as demandas empresariais e mercadológicas.
E20	<u>[...] tem as demandas mais tradicionais, que são óbvias, que é... que são as próprias bibliotecas, Atuar como gestor e como planejador e prestador de serviços dentro dessas organizações. Todos os tipos de bibliotecas aí envolvidas, E também na gestão da informação dentro de organizações em geral.</u>	Atender as demandas informacionais por meio da sua organização e disseminação. Atender as demandas empresariais e mercadológicas.
E21	<u>[...] são os lugares, Se ele tá numa biblioteca universitária ele tem demandas muito distintas da biblioteca pública, da biblioteca escolar, da empresarial, Mas no fundo é sempre o interesse daquele que busca a informação, Ele precisa tá antenado. (estalo de dedos) Pra que lugar? Aonde eu estou? Para quem eu trabalho? Qual é... qual é essa instituição? Qual é essa...? Ou quem é essa pessoa? É sempre essa ideia assim, do macro para o micro, que então é a pessoa. E que depois, daí volta, É da pessoa porque essa pessoa tá dentro de um contexto, de uma cultura, de um conhecimento. Então, é esse... esse jogo poderia até dizer, assim, que é um jogo de lentes, Maior menor, menor maior,</u>	Demandas sociais, culturais e humanas. Demandas de informação científica e tecnológica. Atender as demandas empresariais e mercadológicas. Atender as demandas informacionais por meio de uma análise crítica e ética.
E22	<u>[...] Para além de atender demandas, eu acredito que o bibliotecário precisa criar demandas, Porque o atendimento de demandas é algo bastante limitado e no mundo onde a gente vive hoje, onde as pessoas apesar de terem na palma da mão um universo de informações, é... nem sempre elas têm a competência e informação necessária pra poder fazer a filtragem, pra poder entender melhor. Então, eu acho que o bibliotecário tem que, em primeiro lugar, é... ajudar construir essa competência, então ele precisa tá em contato com essa comunidade, de fazer com que ela entenda o</u>	Atender as demandas informacionais por meio de uma análise crítica e ética. Demandas sociais, culturais e humanas.

	<p><u>processo, de como ele pode se informar, como ele pode formular melhor as suas perguntas. [...] bibliotecário tem uma responsabilidade social muito grande no que diz respeito a esse tipo de informação. Que nem sempre está nos livros, que nem sempre está na biblioteca, [...] o bibliotecário tem o papel de fazer as pessoas entenderem que elas são cidadãs, que elas têm uma opinião, que elas precisam ser respeitadas e que elas precisam respeitar os outros. [...] eu penso que há um papel social a cumprir muito importante nos dias de hoje em especial. A grande mídia, ela é muito manipuladora, ela é desinformadora. E o bibliotecário precisa mostrar que existem outras opções. Que a pessoa pode encontrar informações em outros lugares que não as redes de televisão disponíveis, aquela que a antena pega em todos os lugares. [...]</u></p>	
E23	<p><u>[...] Organização, recuperação da informação, tecnologias... trabalhar na sociedade como um todo. [...] Em termos de... de organização de informação, de conhecimento, de disseminação da informação pra sociedade, pra atender a sociedade como um todo, não só ficar ali atrás de uma estante ou atrás de uma mesa mas atender as necessidades.</u></p>	<p>Atender as demandas informacionais por meio da sua organização e disseminação.</p> <p>Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.</p> <p>Demandas sociais, culturais e humanas.</p>
E24	<p><u>[...] dependendo da região, as demandas são diferentes! Ele vai trabalhar numa região perto de uma área indígena, como nós temos até algumas faculdades perto da área indígena, as demandas são bem diferentes. Inclusive, não tem material nos idiomas, nos dialetos desses grupos. Então, isso é uma coisa a ser pensada, Hoje, se acha que tudo é tecnologia, então, as demandas são essas... não são bem assim! O nosso território é muito grande, o país é muito grande e temos necessidades diferentes!</u></p>	<p>Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.</p> <p>Demandas sociais, culturais e humanas.</p> <p>Atender as demandas informacionais por meio de uma análise crítica e ética.</p>
E25	<p><u>[...] o profissional ele tá com uma demanda muito ampla porque a gente tem as novas [...] tecnologias de informação[...] ele tem uma demanda social, que é essa de formação de leitores, de contribuir pra cultura, pra um país melhor. [...] a demanda humana também. [...]ele tem uma importância também não só como técnico, mas eu acho que ele tem que ser um profissional que, é... tenha a parte científica</u></p>	<p>Demandas de informação científica e tecnológica.</p> <p>Demandas sociais, culturais e humanas.</p> <p>Atender as demandas informacionais por meio</p>

	<u>também que contribua pra construção do conhecimento, não só na área, mas pro desenvolvimento de pesquisas que ajudem também na sociedade. Então, ele tem essa demanda científica também acredito.</u>	da sua organização e disseminação. Atender demandas de informações e conhecimentos para o desenvolvimento da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação.
E26	<u>[...] Se a gente pensar nos tipos de bibliotecas, a gente já tem aí uma gama de usuários enorme. Desde o pessoal que tá na Biblioteca Pública, que pode ser o pessoal analfabeto, até o erudito que precisa do suporte que tá lá da informação que tá lá dentro. E o especializado... a biblioteca especializada, a biblioteca escolar, a biblioteca infantil, [...] Eu acho que hoje em dia as demandas são muito grandes, [...] ao mesmo tempo, a gente tem a literatura científica, que precisa ser organizada e mantida. [...] o bibliotecário tem a capacidade de gerenciar isso pra passar pras pessoas que necessitam dessa informação.</u>	Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado. Demandas de informação científica e tecnológica. Demandas sociais, culturais e humanas. Atender as demandas informacionais por meio da sua organização e disseminação. Atender as demandas empresariais e mercadológicas.
E27	<u>[...] devem atender justamente as demandas de informação. Demandas essas que podem ser específicas, podem ser... mais gerais, ou seja, de qualquer natureza ou nível.</u>	Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.
E28	<u>[...] demandas de necessidade informacional por parte dos usuários [...] ajudar a estabelecer novas normas, de novos tipos de serviços, de inovações em CT e... e unidades informacionais, [...]</u>	Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado. Demandas de informação científica e tecnológica. Atender as demandas empresariais e mercadológicas. Atender as demandas informacionais por meio da sua organização e disseminação.

E29	<p><u>[...]a demanda dele [...] é identificar a necessidade informacional, [...] o primeiro papel dele é saber que o estoque informacional que ele tem [...] Então, ele tem que saber qual é a demanda do serviço informacional dele [...].Jesse bibliotecário tem que ter a capacidade de adquirir essa informação. Daí seleção não vai [...] Então, ele tem um papel de disseminar, distribuir, fornecer [...] interagir no processo de uso da informação porque senão volta aquela história do gestor de estoque[...] Ele podia ter um papel mais [...] ativo [...] para que o uso da informação fosse mais efetivo[...] mais útil, mais ativo e não passivo no processo de ensino-aprendizagem[...] Então, ele sai daquela posição, muito passiva, tá? Eu vou dizer passiva, às vezes, eu digo burra[...] Ou... ou acomodada [...] e se valorizar mais e valorizar o serviço dele.</u></p>	<p>Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.</p> <p>Demandas de informação científica e tecnológica.</p> <p>Atender as demandas empresariais e mercadológicas.</p> <p>Atender as demandas informacionais por meio da sua organização e disseminação.</p> <p>Atender demandas exigidas pelo contexto educacional de forma didática e lúdica.</p> <p>Atender as demandas informacionais por meio de uma análise crítica e ética</p>
E30	<p><u>As demandas dentro de um determinado contexto, [...] cuidando para não sobrecarregar de informação indesejada daquele usuário, daquele leitor, [...] A sobrecarga de informação equivale à desinformação.</u></p>	<p>Atender as demandas informacionais por meio de uma análise crítica e ética.</p>
E31	<p><u>[...] acho que tem que atender essas demandas da sociedade.</u></p>	<p>Demandas sociais, culturais e humanas.</p>

Questão 3: Com base na sua prática profissional como docente, o que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p><u>Eu espero que esse Bibliotecário do curso[...] saia muito mais com [...] conhecimentos e habilidades, mas muito mais com atitudes de inserção, [...] pensando que ele tem que estudar pro resto da vida, [...] e que ele tem que, saber conviver com outros, fazer partes de órgãos coletivos, [...]trabalhar em equipe, ouvir, se colocar politicamente.</u></p>	<p>Espero que o egresso tenha uma maior atuação política.</p> <p>Espero que o egresso saiba trabalhar em equipe e saber se relacionar coletivamente.</p> <p>Espero que o egresso continue estudando e se atualizando.</p>
E2	<p><u>Que seja capaz de se manter atualizado,</u></p>	<p>Espero que o egresso</p>

	<p><u>[...] e que seja capaz de atender os diferentes segmentos que ele tem que atender, [...] ele vai ter que ter muito claro que tá num processo de mutação muito grande que as necessidades dos novos segmentos são distintas.</u></p>	<p>continue estudando e se atualizando.</p> <p>Eu espero que o egresso seja capaz de atuar em diversas ambiências.</p> <p>Eu espero que o egresso saiba reconhecer as necessidades de novos segmentos de atuação.</p>
E3	<p><u>[...] eu espero que ele atue eticamente, Que ele respeite [...] Atender as pessoas dentro de suas necessidades, de uma forma ética e que veja que o outro lado ali, na sua frente tem uma pessoa a ser atendida e que precisa de informação.</u></p>	<p>Eu espero que o egresso atue eticamente com respeito e alteridade.</p>
E4	<p><u>[...] Eu acho que nós temos ainda que olhar o social, que ele não tá preparado [...] o lado do empreendedorismo, [...]E... se realmente voltasse pra esses dois lados e focasse também, lógico mais ênfase pra biblioteca escolar que era o que eu.. aí nós... a Biblioteconomia, ela vai se fortalecer de uma maneira que ela nem sabe.</u></p>	<p>Eu espero que seja mais empreendedor.</p> <p>Eu espero que o egresso tenha uma atuação mais voltada para o social.</p> <p>Eu espero que o egresso dê mais ênfase para a biblioteca escolar.</p>
E5	<p><u>[...] ele saia sabendo o que ele quer, [...] profissionalmente falando. Se ele quer atuar mais tecnicamente, se ele quer atuar em uma biblioteca, se ele quer uma atuação mais moderna, se ele quer trabalhar num ambiente digital, se ele quer seguir uma carreira acadêmica... [...] espero formar bibliotecários que tenham condições, não só de desenvolver uma profissão, mas que eles tenham condições de construir uma carreira [...] Com base em escolhas próprias, escolhas críticas, [...] sinceramente tenho esperado cada vez mais que sejam bibliotecários críticos, politizados, conscientes de uma realidade. [...]</u></p>	<p>Eu espero que o egresso seja capaz de escolher de forma crítica a ambiência que deseja atuar e possa construir uma carreira.</p> <p>Espero que o egresso tenha uma maior atuação política.</p> <p>Espero que o egresso seja mais crítico em relação à realidade.</p>
E6	<p><u>[...] eu acredito que eles poderiam trabalhar em muitas empresas voltadas ao sistema de informação, sistemas de gestão do conhecimento, de sistemas de gestão da própria informação [...] especificamente a função dele... a função dele é gerar informação. Trabalhar com fontes informacionais, disponibilizar essas fontes, é... ter uma atuação muito mais preventiva do que simplesmente demanda. [...]que ele saia capacitado e entendendo qual as demandas que a sociedade exige do profissional bibliotecário. [...]O bibliotecário se forma pra trabalhar em</u></p>	<p>Eu espero que o egresso atue em empresas privadas com a gestão da informação e com o uso de tecnologias de informação e comunicação.</p> <p>Eu espero que o egresso seja um profissional moderno e faça a gestão da informação, prevendo</p>

	<p><i>empresas ou instituições que são concursadas. [...] Eu acho que nós temos <u>um mercado muito maior e que a gente ainda não se deu conta.</u> [...] Se a gente não souber quais são as demandas, a gente não vai... vai continuar formando bibliotecários que vão sair daqui pra tentarem ser somente concurreseiros.</i></p>	<p>as demandas informacionais e recuperando as informações.</p> <p>Eu espero que o egresso saiba reconhecer as necessidades de novos segmentos de atuação.</p> <p>Eu espero que o egresso seja contratado pelas organizações privadas e não seja funcionário público contratado por concurso.</p> <p>Eu espero que o egresso atenda as demandas exigidas pelo mercado de trabalho.</p>
E7	<p><i>[...] ele <u>realmente assuma essa arte que é ser bibliotecário,</u> [...] <u>A formação continuada pra poder... dar conta de... de toda a demanda e, mais ainda, dependendo da área que ele optar em atuar, ele tem que buscar conhecimentos específicos daquela área.</u> [...]</i></p>	<p>Espero que o egresso continue estudando e se atualizando.</p> <p>Eu espero que o egresso seja capaz de escolher de forma crítica a ambiência que deseja atuar e possa construir uma carreira.</p>
E8	<p><i>[...] que o bibliotecário [...] <u>seja um profissional que tenha autonomia pra fazer as coisas, que ele seja menos dependente de concurso público.</u> [...] <u>é tudo uma questão de rever alguns pontos de vista e lançar mão ou se apropriar... se não for o caso de se apropriar de recursos, de competências, de habilidades novas que ele ainda não teve domínio, não teve a oportunidade de dominar, pelo menos se associar a pessoas é... formando equipes multidisciplinares pra dar conta desse serviço.</u> [...] <u>do fundo do meu coração, realmente espero que os egressos, [...] pelo menos uma parte consiga enxergar essas coisas, empreender serviços novos, Se associando a outros profissionais também, [...]</u> <u>Porque os problemas sociais que envolvem informação e conhecimento são de natureza multidisciplinar.</u></i></p>	<p>Eu espero que o egresso atue em empresas privadas com a gestão da informação e com o uso de tecnologias de informação e comunicação.</p> <p>Eu espero que o egresso seja um profissional moderno e faça a gestão da informação, prevendo as demandas informacionais e recuperando as informações.</p> <p>Eu espero que o egresso saiba reconhecer as necessidades de novos segmentos de atuação.</p>

		<p>Eu espero que o egresso seja contratado pelas organizações privadas e não seja funcionário público contratado por concurso.</p> <p>Eu espero que seja mais empreendedor.</p> <p>Espero que o egresso saiba trabalhar em equipe e saber se relacionar coletivamente.</p>
E9	<p><i>[...] espero que seja um profissional que <u>utilize de todos os conhecimentos, habilidades e atitudes que aprendeu na Universidade, [...] efetivamente fazer valer [...] a sua profissão, [...] eu acho que quem dá esse valor é justamente quem tá no mercado de trabalho, e tá aplicando seus... suas competências, seus conhecimentos pra resolver os problemas da sociedade em geral relacionados à informação, [...] tem que valorizar o recurso que é o mais importante que as organizações manipulam, ele tem que dar valor pra isso e tem que se posicionar como uma pessoa que resolve problemas concretos, [...] pensar num bibliotecário atuando em qualquer espaço onde tem informação ele tá...</u></i></p>	<p>Espero que o egresso utilize todos os conhecimentos, habilidades e atitudes que aprendeu na sua Graduação.</p> <p>Espero que o egresso tenha uma maior atuação política.</p> <p>Espero que o egresso atenda as demandas exigidas pelo mercado de trabalho.</p> <p>Espero que o egresso valorize a informação uma vez que ela é recurso mais importante a ser manipulado pelas organizações.</p> <p>Espero que o egresso seja capaz de atuar em diversas ambiências.</p>
E10	<p><i>[...] eu espero e gostaria de um <u>profissional versátil! [...] que dependendo da onde ele for atuar, ele [...] expressasse as competências [...] dentro daquele ambiente [...] adaptando ao que ele aprendeu. [...] acho que é possível dele atuar em qualquer espaço.</u></i></p>	<p>Espero que o egresso seja capaz de atuar em diversas ambiências.</p> <p>Espero que o egresso seja mais crítico em relação à realidade.</p>
E11	<p><i>[...] Eu gostaria que eles sáíssem [...] talvez <u>pequenos pseudo comunistas[...] um pouco crítico, um pouco político, um pouco isso, um pouco aquilo. [...] pelo menos não achar que tá tudo certo, ou realmente perguntar, questionar...</u></i></p>	<p>Espero que o egresso tenha uma maior atuação política.</p> <p>Espero que o egresso</p>

	<u>que eles se perquntem um pouco mais, Mas porque que eu tenho que usar essa roupa ou aquela? ou porque que eu tenho que...?</u>	seja mais crítico em relação à realidade.
E12	<u>[...] que eles saiam da universidade com essa percepção de qual é o papel do bibliotecário [...] nesse atual contexto, quais as demandas que ele deve atender, [...] no que a formação dele pode auxiliar pra que a gente tenha, é... daqui há 5. 10, 15 anos uma sociedade mais justa, que as pessoas tenham acesso e saibam usar a informação pro seu bem, e... que a gente, enquanto bibliotecário consiga diminuir um pouco as desigualdades sociais[...] com valores éticos e que eles tenham essa consciência social e política da profissão, [...] espero dos egressos de Biblioteconomia, que eles saiam dali com conhecimentos técnicos que tenham esses conhecimentos, essas habilidades tecnológicas, mas principalmente, essa consciência social e política da profissão [...] falta na nossa profissão, perceber essa importância e pensar coletivamente, o que que o bibliotecário junto com outros profissionais, junto com outras entidades de classe, junto com outras instituições pode colaborar pra melhorar as condições que as pessoas vivem atualmente, principalmente no Brasil.</u>	Espero que o egresso tenha uma atuação mais voltada para o social. Espero que o egresso tenha uma maior atuação política. Espero que o egresso atue eticamente com respeito e alteridade. Espero que o egresso saiba trabalhar em equipe e saber se relacionar coletivamente. Espero que o egresso utilize todos os conhecimentos, habilidades e atitudes que aprendeu na sua Graduação.
E13	<u>[...] com a mente obrigatoriamente aberta! É obrigatório pensar! Absolutamente obrigatório! E questionar qualquer coisa! [...] que se for um profissional que sabe pensar, que é crítico na informação e pode ajudar, de algum jeito não sei como... de algum jeito, as pessoas a se aproximarem da informação que precisam, ajudar a procurar as fontes mais ótimas pra essas pessoas, [...]</u>	Espero que o egresso seja mais crítico em relação à realidade.
E14	<u>Eu espero um olhar, não pra uma sociedade que já existe, que está colocada, mas [...] um olhar, uma atenção, um zelo para aqueles que estão fora da sociedade, aqueles que ainda não foram atendidos pelas tais demandas que estão presentes na sociedade da informação.</u>	Espero que o egresso atue eticamente com respeito e alteridade. Espero que o egresso tenha uma atuação mais voltada para o social. Espero que o egresso seja mais crítico em relação à realidade.
E15	<u>[...] ver esses profissionais atuando [...]melhorando o seu ambiente, a performance do ambiente que eles estudam, daí no caso uma unidade de informação, [...] Mas que eles pudessem olhar essas ferramentas como algo que pode ajudar a atuação deles, mostrar uma</u>	Espero que seja mais empreendedor. Espero que o egresso saiba reconhecer as necessidades de novos

	<u>mais valia nessa atuação que eles vão desenvolver. [...] acho que eles poderiam ser mais empreendedores, [...] Ver o quanto ele pode se inserir em vários contextos, [...]</u>	segmentos de atuação. Espero que o egresso seja capaz de atuar em diversas ambiências.
E16	<u>[...] A gente sempre espera que esse egresso possa ser <i>aquele profissional completo, [...] que possa atender tecnicamente eticamente... [...] Que ele possa ser atuante nessa sociedade que nós temos hoje. Então, não é só uma atuação é... técnica, mas é política e social. [...]</i></u>	Espero que o egresso tenha uma maior atuação política. Espero que o egresso atue eticamente com respeito e alteridade.
E17	<u>[...] <i>E eu acho que tem espaço pra todo mundo. Então, [...] o importante é achar algo onde você como ser humano possa fazer a diferença,</i></u>	Espero que o egresso seja mais crítico em relação à realidade. Espero que o egresso seja capaz de escolher de forma crítica a ambiência que deseja atuar e possa construir uma carreira
E18	<u>[...] <i>um profissional que tenha uma... uma formação de... ciências gerais, sociais, é... que eu gostaria, que eu gostaria que o meu aluno tivesse, [...]</i></u>	Espero que o egresso seja mais crítico em relação à realidade.
E19	<u>[...] <i>eu vejo que ele precisa estar habilitado também a atuar em outras frentes, Até de forma autônoma, [...] Eu acho que ele pode prestar um serviço de informação uma consultoria, alguma coisa nesse sentido trabalhar de forma autônoma num leque muito amplo, [...] se ele garimpar um pouco ele vai ter mercado, então o que que eu espero é que ele saia habilitado pra isso. Pra interagir nesse mercado, pra ter um conhecimento pelo menos um básico da... dos instrumentos de... tecnológicos, [...] que ele possa também atuar em outras [...] frentes.</i></u>	Espero que o egresso seja capaz de atuar em diversas ambiências. Espero que o egresso saiba reconhecer as necessidades de novos segmentos de atuação. Espero que o bibliotecário tenha conhecimento técnico e tecnológico básicos para interagir com o mercado. Espero que o egresso atenda as demandas exigidas pelo mercado de trabalho.
E20	<u>[...] <i>a possibilidade de atuar em todas essas áreas, em todas essas atividades, [...] E também uma postura mais empreendedora [...] os cursos, às vezes, eles ainda tem focalizado muito [...] só nas questões, assim, técnicas de tratamento de livros, E [...] não explorado como poderia as novas possibilidades.</i></u>	Espero que seja mais empreendedor. Espero que o egresso seja capaz de atuar em diversas ambiências.

		Espero que o egresso saiba reconhecer as necessidades de novos segmentos de atuação.
E21	<u>Entusiasmo! Entusiasmo, é... retidão e consciência do que ele faz! E não, sabe aquela coisa assim [...] Vou fazer mais ou menos, mas fazer com paixão, [...] fazer todo o dia, mas fazer com gosto, com sentido. [...] Paixão! Acreditar que aquilo que ele tá fazendo é capaz de trazer mudanças individuais, na localidade, na instituição e na localidade. [...]</u>	Espero que o egresso atue eticamente com respeito e alteridade. Espero que o egresso seja mais crítico em relação à realidade. Espero que o egresso tenha paixão e entusiasmo em relação a sua missão profissional.
E22	<u>Que ele seja mais crítico, que ele seja mais consciente desse papel que extrapola as questões técnicas [...] uma visão de mundo mais ampliada [...] precisa conhecer a sociedade, [...] a questão da competência em informação, a questão do contexto informacional contemporâneo [...] que ele se sinta parte dessa sociedade pra ele possa fazer com que a comunidade dele se sinta pertencente a sua biblioteca, a sua unidade de informação também. Então, precisa quebrar paradigmas, precisa entender a sua comunidade como uma comunidade de interagentes, não de usuários.</u>	Espero que o egresso seja mais crítico em relação à realidade. Espero que o egresso seja um profissional moderno e faça a gestão da informação, prevendo as demandas informacionais e recuperando as informações. Espero que o egresso tenha uma atuação mais voltada para o social.
E23	<u>Que ele faça jus ao curso. Que ele possa realmente [...] se sentir habilitado e capacitado pra desenvolver as suas atividades profissionais, no mercado ou na sociedade.</u>	Espero que o egresso utilize todos os conhecimentos, habilidades e atitudes que aprendeu na sua Graduação. Espero que o egresso atenda as demandas exigidas pelo mercado de trabalho.
E24	<u>[...] que ele se empenhe, [...] o bibliotecário tem que ficar muito atento ao que ele aprendeu na universidade e ir além buscar. [...] ele tem que buscar mais, mas não pode passar a borracha no que já aprendeu. [...]</u>	Espero que o egresso utilize todos os conhecimentos, habilidades e atitudes que aprendeu na sua Graduação. Espero que o egresso continue estudando e se atualizando.

E25	<p><u>[...] que ele não seja só um técnico, um mero técnico. Que ele tenha [...], principalmente, [...] uma formação mais política, no sentido mais amplo da coisa. Que ele tenha um engajamento com as entidades de classe. [...] ter essa análise mais crítica da sociedade e se engajar. [...] mais preocupado com a questão social e não que ele seja um técnico. [...]</u></p>	<p>Espero que o egresso tenha uma maior atuação política.</p> <p>Espero que o egresso seja mais crítico em relação à realidade.</p> <p>Espero que o egresso tenha uma atuação mais voltada para o social.</p>
E26	<p><u>[...] tem tantas coisas pra serem feitas, tem tantas possibilidades de trabalho... [...] Ele não pensa numa forma de ir além disso de ver o que esse usuário... [...] Eu penso sempre numa biblioteca especializada trabalhando, _O que que essas pessoas querem de mim? Que tipo de... de serviço eles querem que eu proporcione pra eles? Será que é só manter o material organizado aqui? Ou eles querem que eu me adiante mostrando as pesquisas que estão sendo feitas naquela área, vendo os congressos, sinalizando pra eles as coisas que tão acontecendo, indo além daquilo que é um trabalho mais rotineiro do bibliotecário. [...]Então, assim, o que eu esperaria do meu [...] egresso era a pró-atividade mesmo, era enxergar as coisas que tem que ser feitas e ir atrás e fazer,</u></p>	<p>Espero que o egresso tenha uma maior atuação política.</p> <p>Espero que o egresso seja mais crítico em relação à realidade.</p> <p>Espero que o egresso seja um profissional moderno e faça a gestão da informação, prevendo as demandas informacionais e recuperando as informações.</p> <p>Espero que o egresso atenda as demandas exigidas pelo mercado de trabalho.</p> <p>Espero que o egresso tenha paixão e entusiasmo em relação a sua missão profissional.</p>
E27	<p><u>[...] tenho que esperar do meu egresso que ele atue da melhor forma dentro da linha de preferência dele, [...] que ele tenha a melhor atuação possível dentro da linha que ele elegeru como preferida pra ele, Além disso, ele tem que tá apto pra gerir os recursos informacionais do local onde ele está trabalhando e tentar melhorar os mesmos, que também não adianta ficar só gerindo o que existe e não tentar fazer com que coisas novas cheguem até ali, equipamentos melhores, coisas assim. E ele tem que saber fazer o básico que a gente ensina no curso, que seria a parte de seleção e aquisição, de organização, ou seja, tratamento da informação. Ele tem que saber disponibilizar, dar acesso, disseminar essa informação e ainda tem que</u></p>	<p>Espero que o egresso seja capaz de escolher de forma crítica a ambiência que deseja atuar e possa construir uma carreira</p> <p>Espero que o egresso utilize todos os conhecimentos, habilidades e atitudes que aprendeu na sua Graduação.</p> <p>Espero que o bibliotecário tenha</p>

	<u>saber o mínimo de tecnologia. [...] E tentar estar sempre mais atualizado em relação a essas tecnologias na medida do possível da realidade dele.</u>	conhecimento técnico e tecnológico básicos para interagir com o mercado.
E28	<u>[...]espero que ele seja capaz de, obviamente, utilizar o sistema de informação de apoio às bibliotecas, é... [...] porque se ele tem o domínio de todos os requisitos, ele pode facilmente auxiliar os analistas e os desenvolvedores a projetar um novo sistema de biblioteca. [...] também espero que ele saiba especificar sistemas. [...] Então, eu espero que ele saia com esse background também e, obviamente, com uma noção geral [...] da área de [...] de informática.</u>	Espero que o bibliotecário tenha conhecimento técnico e tecnológico básicos para interagir com o mercado.
E29	<u>[...] eu espero dele [...] que o tico e o teco dele funcione e que ele crie valor. [...] Eu espero que o bibliotecário seja uma pessoa atuante aí, nesse princípio. [...] eu espero do bibliotecário que inconscientemente ele vai usar esse DNA, porque faz parte dele agora. [...] É da formação dele! Então, ele pode trabalhar aonde ele for trabalhar, o que ele for fazer. [...]</u>	Espero que o egresso seja mais crítico em relação à realidade. Espero que o egresso seja capaz de atuar em diversas ambiências. Espero que o egresso utilize todos os conhecimentos, habilidades e atitudes que aprendeu na sua Graduação. Espero que o egresso valorize a informação uma vez que ela é recurso mais importante a ser manipulado pelas organizações.
E30	<u>Um bibliotecário proativo, conhecedor da... do complexo da cidadania num país cheio de contradições. [...] um bibliotecário que seja leitor, que estimule leituras para quem está aprendendo a unir letras, que dê um contexto. Para atuar nos mais diferentes lugares, seja na favela, seja num complexo de pesquisas tecnológicas. Então, é um bibliotecário que precisa compreender como acessar e usar a informação nos diversos modos.</u>	Espero que o egresso seja mais crítico em relação à realidade. Espero que o egresso seja capaz de atuar em diversas ambiências. Espero que o egresso atenda as demandas exigidas pelo mercado de trabalho.
E31	<u>[...] que ele deve sair com uma cabeça [...] bem aberta, [...] Eu acho que ele tem que sair com uma cabeça bem ampla, porque ele pode trabalhar em qualquer tipo de unidade de informação. [...] uma postura aberta ao mercado</u>	Espero que o egresso seja capaz de atuar em diversas ambiências. Espero que o egresso

<u>de trabalho[...] porque trabalhar como bibliotecário... e também outras modalidades de trabalho [...]</u>	saiba reconhecer as necessidades de novos segmentos de atuação.
--	---

Questão 4: Como você realiza sua prática profissional para atender o desenvolvimento desse egresso?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<u>[...] costume fazer da sala aula um laboratório. [...] mostro pra ele que eu sou o maior exemplo de bibliotecária que depois de 20 anos em empresas multinacionais, empresas grandes, eu volto pra universidade pra terminar Administração, e faço Biblioteconomia, e me insiro em quatro anos e meio de mestrado e doutorado na vida acadêmica. Então, é... Eu sou um exemplo vivo da Biblioteconomia. [...]</u>	Eu realizo minha prática para atender o desenvolvimento desse egresso expondo o meu exemplo e contando minha experiência de vida pessoal, profissional e/ou acadêmica.
E2	<u>[...]a questão principal é justamente falar da aula de pesquisa bibliográfica, da confiabilidade da informação, que eu acho que é uma questão crucial, [...] Então, é a confiabilidade que eles são responsáveis pela informação que eles vão passar aos usuários deles. [...] o foco principal é a confiabilidade da informação que eles vão recomendar.</u>	Eu acredito ser essencial abordar a responsabilidade do profissional no repasse da informação.
E3	<u>[...] a gente [...] é obrigada a cumprir aquele plano de ensino, mas eu tento sempre ter uma boa relação com os meus alunos[...] respeitá-los eles como humanos, como pessoas que vem com problemas pra sala de aula, então, a gente tem que ensinar e, além de ensinar ver também esse lado humano do aluno.</u>	Eu cumpro o que está especificado no plano de ensino. Eu tento estabelecer uma boa relação com os alunos baseada valores como o respeito e a alteridade.
E4	<u>[...] eu dou as minhas aulas, [...] focando isso, o lado do empreendedor, dou o embasamento teórico, cobro muito deles e também a gente faz as práticas. [...]Jeu sempre fazia projetos de extensão. Então, a gente tinha [...] a teoria, e depois nós ia lá pra Biblioteca da BU, [...]E depois a gente ia pra SEPEX divulgar o que que nós tava fazendo, dando o respaldo pra comunidade, [...] isso enriquece muito porque o aluno, ele interage, [...] a gente saber fazer e juntar essas teorias com a prática, andar juntas não separadas ou coisas isoladas, elas se unem e [...]Então, ele [...] vai realmente adquirindo mais habilidade, vai adquirindo o conhecimento, ele vai [...]buscando coisas assim [...]</u>	Eu integro teoria e prática no intuito de proporcionar ao aluno vivências para além do contexto acadêmico.
E5	<u>[...], uma vez que somos nós que construímos os nossos currículos, por exemplo, mas eu tenho</u>	Insiro reflexões sobre o fazer bibliotecário que

	<p><u>tentado fazer a inserção de discussões, mesmo em disciplinas, é... cujo o projeto pedagógico do curso não contemple discussões mais... [...] discussões mais humanas. Então, por exemplo, dando aula de classificação eu sei que eu tenho uma responsabilidade que vai além de ensinar o aluno a... a usar um sistema de classificação. Ele tem que saber refletir o que que isso significa. Se eu entendo que esse bibliotecário é um profissional que tem [...]responsabilidade de fazer a informação fluir e se movimentar na sociedade, ele tem que entender isso. Ele tem que compreender, sei lá filosoficamente, a estrutura do sistema, mas como é que isso... que essa atuação que é meramente técnica, aparentemente, que... que alcance social essa atividade tem? Então, na minha prática eu tenho tentado acrescentar cada vez mais a reflexão sobre o fazer bibliotecário, [...]</u></p>	<p>não estão contempladas no projeto pedagógico.</p> <p>Eu acredito ser essencial abordar a responsabilidade do profissional no repasse da informação.</p> <p>Instigo reflexões sobre o fazer bibliotecário no âmbito humano e social, para além das dimensões técnicas e tecnológicas.</p>
E6	<p><u>Então, a gente dava mais ou menos um choque de realidade pra eles do que que poderia ser feito. A gente mais ou menos mapeava quem eram os pioneiros, [...] como eles desenvolveram práticas dentro das bibliotecas, mas ao mesmo tempo, a gente ensinava algumas práticas pra eles. [...] a gente já fazia pesquisas com eles pra saber, especificamente, o que que o mercado tava exigindo deles. [...] E ao mesmo tempo, trabalhando com tecnologia. Tudo que a gente fazia, geralmente, era com tecnologia. [...] O uso de computadores, recursos, softwares livres. Outra coisa que é... eu uso nas minhas disciplinas também que é específica. Outra de métricas que é "Bibliometria", eu ensinava eles dentro da biblioteca como fazer o desenvolvimento de coleções a partir da matemática. [...]</u></p>	<p>Trabalho com estatísticas, métricas e/ou tecnologias para fortalecer a racionalidade instrumental do aluno.</p> <p>Exponho as práticas que o mercado de trabalho exige do bibliotecário.</p>
E7	<p><u>[...] em todas as minhas atividades eu busco mostrar [...] várias opções que ele tem pra buscar lá fora, [...], na medida do possível, trabalhar com a realidade e com o imediato, com o que tá acontecendo pra ver se eu consigo mostrar pra eles a importância de cada uma das atividades.</u></p>	<p>Mostro aos alunos às diversas ambiências para atuação do bibliotecário.</p>
E8	<p><u>[...] eu tenho feito nos últimos anos, até pra me alinhar a esse discurso, é... tá junto do mercado, sabe? É tá junto... conhecer o mercado, conhecer as bibliotecas, conhecer as bibliotecárias, saber quais são as dificuldades, sabe? A gente realiza uma série de coisas em laboratório, tá?, com tecnologias, com ferramentas, as coisas vão aparecendo, vem uma notícia a gente instala o software, testa, tá? [...] a</u></p>	<p>Exponho as práticas que o mercado de trabalho exige do bibliotecário principalmente no que tange ao uso das tecnologias.</p> <p>Trabalho com estatísticas, métricas</p>

	<u>gente precisa ter essa... essa... esse distanciamento da academia e, assim, se permitir também a tornar legítimo outras maneiras, outras formas de conhecimento. O mestrado profissional tem ajudado um pouco nisso, tá?</u>	e/ou tecnologias para fortalecer a racionalidade instrumental do aluno.
E9	<u>[...]Eu procuro articular os conteúdos pensando sempre em atividades práticas, eu penso sempre nele atuando dentro da biblioteca ou qualquer unidade de informação. Os problemas que ele eventualmente vai vivenciar e como ele vai utilizar dos recursos que ele tem, das técnicas, ferramentas, tecnologias, pra resolver da melhor forma esses problemas. [...]tô fazendo algumas práticas pra... pra tentar alcançar esse objetivo, Pra envolver mais o aluno, despertar mais o interesse, e... mais ou menos baseado na... na ideia do Problem Based Learning – Aprendizagem baseada em problemas, então eu crio uma situação-problema e o aluno tem que resolver, mais ou menos nesse sentido.</u>	Trabalho com estatísticas, métricas e/ou tecnologias para fortalecer a racionalidade instrumental do aluno. Tento despertar o interesse do aluno com base na Aprendizagem baseada em problemas, trabalhando a resolução de problemas voltados para a parte técnica e tecnológica.
E10	<u>eu procuro é... fazer com que ele tenha autonomia... [...]de escolha, [...], por exemplo, seminário onde a pessoa possa expressar sua opinião, na medida do possível é... problemas, estudos de caso e tentar discutir como é que isso impacta... quais seriam as formas de agir naquele determinado contexto é... mas eu acho um desafio fazer isso dentro da sala de aula. [...]Eu acho que quando é uma disciplina técnica, ele tem que sair conhecendo, mas conhecendo com a devida flexibilidade. [...] eu acho que é mais aprender a pensar, saber tomar decisão dentro do ambiente que ele tiver,</u>	Instigo reflexões sobre o fazer bibliotecário no âmbito humano e social, para além das dimensões técnicas e tecnológicas.
E11	<u>[...] eu tenho diminuído, assim, bastante recurso visual, alguma coisa de vídeo, de filme, eu tento fazer isso pra eles terem que ler. [...] Não, assim, saber uma teoria, mas assim, conseguir construir um argumento, por exemplo, um pouco mais longo... [...]inclusive pra entender um argumento mais complexo ou pra conseguir enxergar quando um argumento não é nada complexo.</u>	Tento desenvolver o senso crítico e reflexivo no aluno por meio das leituras.
E12	<u>[...]sempre tento [...] alinhar muito a teoria com a prática em sala, Porque a gente sabe que quando eles vão pro mercado, é um mundo novo [...] tento alinhar essa prática convidando profissionais que estão atuando e trazendo discussões de cases práticos do mercado, de... de situações cotidianas que envolvem os assuntos que nós estamos trabalhando em sala. [...]</u>	Eu integro teoria e prática no intuito de proporcionar ao aluno vivências para além do contexto acadêmico.
E13	<u>Ah, nas aulas dá pra fazer muitas</u>	Instigo reflexões sobre o

	<p><u>atividades. Quase sempre, sem que muitas pessoas saibam, faço algum tipo de prática relacionada com machismo, feminismo nas aulas. [...]... Tá, eles são obrigados a pensar. [...] eles têm que pensar coisas simples como o poder, por exemplo, O que é o poder? Aonde está o poder? Qual meu poder como professor? Que tipo de poderes... que tipo eles percebem que... que outras pessoas exercem? Desde os pais deles que obrigam eles a fazerem algumas coisas, passando pelo professor, o chefe... Pergunto pra eles se gostam de... de como as pessoas exercem o poder sobre eles. Dizem pra mim que não gostam muito. Então, pergunto pra eles também, como eles gostariam de exercer o poder? [...]Nunca se fala homem negro! Nunca se destaca a característica da cor da pele pra dizer que foi assassinado. [...]Quase todos os anos falo também de uma prática que na verdade não faço porque não faço catalogação. Eu também não gosto muito de catalogação. [...]Perguntei para um grupo de alunos: - Se você tivesse uma biblioteca, não importa a biblioteca, pode ser uma biblioteca pública, assim, do bairro. Imagina que você tem uma pequena coleção... coleção de escritores negros, africanos, mas em concreto esses escritores negros e africanos são mulheres. [...]</u></p>	<p>fazer bibliotecário no âmbito humano e social, para além das dimensões técnicas e tecnológicas.</p> <p>Contemplo questões éticas que se voltam para a inserção da temática étnico-racial e de gênero nas práticas do bibliotecário.</p>
E14	<p><u>Que ele tenha um olhar tanto pra aquelas demandas que são as demandas do profissional da informação, ou seja, os usuários de bibliotecas, os usuários de empresas, os clientes de empresas, os que vão necessitar de informação, mas também para aqueles que, ainda não apresentaram suas necessidades ou nem sequer sabem muito bem quais são as suas necessidades de informação. [...] tenho procurado agir e conscientizá-los que eles precisam atender as demandas da sociedade, mas se deixar de lado aqueles que não tem acesso, ou seja, as populações vulneráveis e as minorias sociais. [...] penso que, conscientizá-los disso e mostrar exemplos e desenvolver atividades como eu já fiz em algumas disciplinas pras populações vulneráveis. [...]</u></p>	<p>Mostro aos alunos às diversas ambiências para atuação do bibliotecário.</p> <p>Eu integro teoria e prática no intuito de proporcionar ao aluno vivências para além do contexto acadêmico.</p> <p>Instigo reflexões sobre o fazer bibliotecário no âmbito humano e social, para além das dimensões técnicas e tecnológicas.</p>
E15	<p><u>[...] uma prática que eu tenho visto, que eu acho que [...] é o campo da empresa júnior [...]Eu acho que essas ações assim e também ações que a gente vai desenvolvendo por meio de projetos de extensão, [...] E a gente tá com o olhar também pra quem tá no mercado, Alguns alunos aqui na Universidade já, é... apesar de poucas experiências, mas já tem vindo essa</u></p>	<p>Exponho as práticas que o mercado de trabalho exige do bibliotecário.</p> <p>Eu integro teoria e prática no intuito de proporcionar ao aluno vivências para além do</p>

	<u>prática assim de colocar seu próprio negócio, de ter uma empresa, então... continua num vínculo muito próximo com professores daqui e que, às vezes, até indicam pra trabalhos. Então, e/ou pegam essas demandas que a gente não consegue atender. [...]</u>	contexto acadêmico. Mostro aos alunos às diversas ambiências para atuação do bibliotecário.
E16	<u>[...] Então, assim, eu tenho muita preocupação com a atuação deles fora. Então, eu busco [...] desenvolver algumas atividades práticas, inclusive visitas, Algumas, dependendo da disciplina, é possível irmos em determinados lugares juntos é... E depois trazer isso pra sala de aula, pra discutir pra conversar bastante a respeito dessas questões. [...]</u>	Eu integro teoria e prática no intuito de proporcionar ao aluno vivências para além do contexto acadêmico. Instigo reflexões sobre o fazer bibliotecário no âmbito humano e social, para além das dimensões técnicas e tecnológicas.
E17	<u>[...] tento mostrar pra eles que é um cenário de mudanças muito grandes, [...] tento sempre falar... trazer novidades e, por exemplo, discussões mais atualizadas. Eu me lembro quando a gente tava discutindo o Marco Civil da Internet, que foi aprovado lá em 2014, eu sempre trazia nas aulas isso, a gente fazia discussões muito interessantes. Inclusive, o Marco Civil já tá sofrendo uma ameaça de regressão e tal, então até pra trazer um pouco essas temáticas: a Lei do acesso à informação, é... Big Data, Internet das Coisas, então... [...] você não precisa se tornar um super especialista nessas tecnologias, mas eu sempre tento fazer com que eles relacionem isso com a unidade de informação: - Ok! Se coloquem no lugar de usuários, você vai chegar numa biblioteca e você quer que o bibliotecário, de alguma forma, te fale dessas tecnologias, como é que você colocaria isso pras pessoas, [...], um trabalho onde eles procuravam criar dois serviços inovadores em portais de bibliotecas, a partir das tecnologias que a gente discutiu ao longo do semestre, E eles tinham uma certa dificuldade nisso, não é uma coisa trivial você se colocar do lado do usuário de repente e... Mas eu sempre procurava trabalhar por essa vertente: - Imaginem que vocês estão acessando o website da biblioteca ou portal, o que é que faria com que vocês se... o que que seria atrativo pra que vocês como usuários se interessassem por determinados serviços? Então, era um pouco por aí que a gente fazia a discussão e é nessa... [...]</u> <u>Então, a gente discute tecnologia não pela tecnologia em si, mas o que isso vai me fazer melhorar meus serviços, melhorar meus</u>	Tento despertar o interesse do aluno com base na Aprendizagem baseada em problemas, trabalhando a resolução de problemas voltados para a parte técnica e tecnológica. Exponho as práticas que o mercado de trabalho exige do bibliotecário principalmente no que tange ao uso das tecnologias. Trabalho com estatísticas, métricas e/ou tecnologias para fortalecer a racionalidade instrumental do aluno.

	<u>produtos, aquilo que vou oferecer no meu local de trabalho.</u>	
E18	<u>[...]bastante diálogo com eles, bastante conversa e, assim, o que eu tento fazer é[...]</u> <u>Porque tu pode ser bom pra apresentar trabalhos, mas péssimo pra escrever. Tu pode ser ótimo pra escrever, mas péssimo pra falar oralmente porque tu é tímido. Ah, tu é muito bom pra falar, mas assim, em vídeos, em edição de vídeos [...]</u> <u>Porque as pessoas são diferentes, elas têm habilidades diferentes. [...]</u>	Eu tento estabelecer uma boa relação com os alunos baseada valores como o respeito e a alteridade.
E19	<u>[...] A gente procura uma aproximação grande com o mercado. Quando eu digo mercado não é só o mercado... sei lá, Não são só empresas. A gente procura... procura uma aproximação grande em todos os níveis. Então, a gente tem várias atuações, ou com projeto de extensão ou mesmo aproximando as turmas mesmo, de... de outros espaços pra que eles visualizem isso, [...] como é que funciona o universo escolar, como é que funciona o universo profissional, como é que as empresas atuam, como [...] outros setores de informação que absorvem... editoras ou sei lá... periódicos, enfim, portais é... [...]</u> <u>a gente tenta direcionar nossos alunos para os estágios de forma que eles tenham uma... uma aproximação grande com o mercado que se abre pra sua atuação e que eles possam atuar em várias frentes até sair da universidade. [...]</u>	Eu integro teoria e prática no intuito de proporcionar ao aluno vivências para além do contexto acadêmico. Mostro aos alunos às diversas ambiências para atuação do bibliotecário. Exponho as práticas que o mercado de trabalho exige do bibliotecário.
E20	<u>[...] nós temos acesso a uma série de novas possibilidades de atuação do profissional bibliotecário. Ela trabalha... [...], mas basicamente como que o profissional bibliotecário pode atuar junto a programas de inovação e como ele pode pensar em programas de inovação pra qualquer tipo de organização, qualquer tipo de empresa, organização não-governamental, organização governamental, as questões relacionadas às patentes, ao suporte informacional dentro das organizações com relação à questão das inovações, [...] a gente tem percebido que muitos alunos tem aproveitado essa oportunidade para aplicar em determinadas bibliotecas onde eles já estejam atuando como... às vezes, estagiários ou, às vezes, até como funcionários[...]</u> <u>Outra é fornecer suporte para programas de inovação em qualquer tipo de organização que não seja biblioteca também.</u>	Mostro aos alunos às diversas ambiências para atuação do bibliotecário. Exponho as práticas que o mercado de trabalho exige do bibliotecário principalmente no que tange ao uso das tecnologias.
E21	<u>acredito que a minha atitude [...]</u> <u>expresse mais do que eu falo, Então, assim, uma das coisas que eu mais prezo é eu ser uma leitora. Eu sou uma leitora! Posso dizer isso, [...]</u> <u>também</u>	Eu realizo minha prática para atender o desenvolvimento desse egresso expondo o meu

	<p><u>sou um mediador enquanto professora, mas eu sou professor. Que, além de mediar, eu preciso é... deixar para o aluno esse entusiasmo. Que pra mim, é por meio da leitura. [...]</u></p>	<p>exemplo e contando minha experiência de vida pessoal, profissional e/ou acadêmica.</p> <p>Tento desenvolver o senso crítico e reflexivo no aluno por meio das leituras.</p>
E22	<p><u>Basicamente com leituras. Leitura de mundo. Eu tento colocar nas nossas... nas nossas avaliações [...] é tentar puxar um pouco da realidade. Trazer pra dentro da sala de aula o que acontece lá fora, pra que eles tenham condições de pensar, com base na teoria aprendida aqui, como ele faria se estivesse lá fora, [...]É justamente este trabalho de ampliar fronteiras, de não deixar a coisa muito quadradinha, fechadinha ou o básico, [...]eu tento trazer pra dentro da disciplina algo diferente. Então, trabalho com estudo de caso, já trabalhei com a questão de solução de problemas também... [...]</u></p>	<p>Tento desenvolver o senso crítico e reflexivo no aluno por meio das leituras.</p> <p>Eu integro teoria e prática no intuito de proporcionar ao aluno vivências para além do contexto acadêmico.</p> <p>Instigo reflexões sobre o fazer bibliotecário no âmbito humano e social, para além das dimensões técnicas e tecnológicas.</p> <p>Tento despertar o interesse do aluno com base na Aprendizagem baseada em problemas, trabalhando a resolução de problemas voltados para a parte técnica e tecnológica.</p>
E23	<p><u>Ministro aulas, não só aula profissional, mas levo palestrantes, pessoas de fora... atividades práticas. [...] procuro dar um atendimento mais à pessoa porque ele antes de ser aluno, ele é um ser humano. Então, não adianta você passar toda a técnica, toda a teoria de qualquer disciplina, em qualquer lugar, se aquela pessoa não está bem, se aquela pessoa não consegue assimilar. [...] A parte prática faz parte do "núcleo duro" da Biblioteconomia, mas aí sim, ele vai ter um lado mais humano pra se voltar mesmo pra sociedade, trabalhar com o social, com o igual. [...]</u></p>	<p>Eu integro teoria e prática no intuito de proporcionar ao aluno vivências para além do contexto acadêmico.</p> <p>Eu tento estabelecer uma boa relação com os alunos baseada valores como o respeito e a alteridade.</p> <p>Instigo reflexões sobre o fazer bibliotecário no âmbito humano e social, para além das dimensões técnicas e tecnológicas.</p>

E24	<p><u>[...] cada turma é diferente, não só as pessoas de cada turma, Então, muito embora eu tenha um plano de aula que é didático, normalmente eu faço ajustes porque eu vejo necessidades diferentes em cada turma. Incentivo a fazer pesquisa, incentivo a publicar, incentivo a ler aquele assunto da... da... mais do seu interesse. Às vezes, nem só o assunto da área, mais do seu interesse. [...]</u></p>	<p>Tento desenvolver o senso crítico e reflexivo no aluno por meio das leituras.</p> <p>Eu tento estabelecer uma boa relação com os alunos baseada valores como o respeito e a alteridade.</p>
E25	<p><u>Eu acho que é importante sempre trabalhar a visão crítica do aluno. Não trabalhar com ideias prontas, mas qualquer disciplina que ele vá trabalhar que ele tenha uma visão ampla e uma visão crítica das coisas, Então, fazer visitas técnicas, trabalhos junto às bibliotecas nas comunidades pra que ele possa conhecer a realidade, é... fazer com que ele sempre repense a realidade, não só da área, mas da sociedade. [...]Então, sempre trabalhar com textos ou com atividades que desenvolvam esse lado crítico dele.</u></p>	<p>Tento desenvolver o senso crítico e reflexivo no aluno por meio das leituras.</p> <p>Instigo reflexões sobre o fazer bibliotecário no âmbito humano e social, para além das dimensões técnicas e tecnológicas.</p> <p>Eu integro teoria e prática no intuito de proporcionar ao aluno vivências para além do contexto acadêmico.</p>
E26	<p><u>Ah, eu converso muito, Eu dou muito exemplo, eu tenho muito tempo de... de história na Biblioteconomia, Não só porque eu fui usuária de biblioteca por muitos e muitos anos, eu comecei a utilizar a biblioteca eu tinha quatro, cinco, seis anos, [...], eu trabalhei muitos anos como bibliotecária e depois a docência, Então, assim, eu dou muito exemplo, eu chamo muita atenção pras coisas que tão acontecendo hoje. [...] Faço pensar na responsabilidade que se tem[...] Então, chamar atenção pra essas questões, O poder do bibliotecário, o que é o bibliotecário atuando num... numa... num município pequeno. O que é o bibliotecário atuando dentro de uma escola, Qual é a força que ele tem? Como é que ele age? [...] Então, eu acho que, antes de tudo, somos um profissional social e temos que olhar pras pessoas! [...]</u></p>	<p>Eu realizo minha prática para atender o desenvolvimento desse egresso expondo o meu exemplo e contando minha experiência de vida pessoal, profissional e/ou acadêmica.</p> <p>Instigo reflexões sobre o fazer bibliotecário no âmbito humano e social, para além das dimensões técnicas e tecnológicas.</p> <p>Exponho as práticas que o mercado de trabalho exige do bibliotecário.</p>
E27	<p><u>[...] Eu ponho à disposição... eu vou colocar à disposição do meu aluno o meu conhecimento e a minha experiência, porque a gente vai adquirindo uma carga de experiência no decorrer da vida no campo científico no campo acadêmico e profissional. [...] eu tento levar</u></p>	<p>Eu realizo minha prática para atender o desenvolvimento desse egresso expondo o meu exemplo e contando minha experiência de</p>

	<u>minha experiência e tento estar atualizada.</u>	vida pessoal, profissional e/ou acadêmica. Eu tento me manter atualizada para passar novos conhecimentos.
E28	<u>[...] preparo muita aula e sou muito rígido porque as disciplinas que eu dou, basicamente, são na área de computação, de informática ali na área de tecnologia. [...] eu dou subsídio pros alunos pra que eles saiam com essa competência que eu acabei de dizer.</u>	Trabalho com estatísticas, métricas e/ou tecnologias para fortalecer a racionalidade instrumental do aluno.
E29	<u>[...] tento que ele fique olhando pra unidade de informação, que em todos os exercícios, ele olhe pra unidade de informação, pense a unidade de informação, pense esse fluxo que eu te falei. [...] dar uma formação geral pra eles sobre o tema que eu tô dando aula [...]</u>	Tento dar uma formação geral sobre o tema que eu estou dando aula.
E30	<u>[...] estímulo muito o discurso, [...] o diálogo, [...] tento trazer vivências para dentro da sala de aula [...] Então, normalmente quando o aluno confronta, confronta teoria com a prática, mesmo que seja pequena ou faz pelo menos a reflexão da necessidade, da melhoria, já é um começo. [...] Primeiro, o bibliotecário precisa saber escutar, saber ler entrelinhas, saber ouvir o silêncio e aí, sim, ele vai poder interagir.</u>	Eu integro teoria e prática no intuito de proporcionar ao aluno vivências para além do contexto acadêmico. Instigo reflexões sobre o fazer bibliotecário no âmbito humano e social, para além das dimensões técnicas e tecnológicas.
E31	<u>[...] acho que tudo depende de cada disciplina independente que você vai fazer. Acho que cada disciplina tem um elenco [...] de habilidades, de conteúdos que o aluno... [...] Atitudes também, é claro, porque não é só a questão do conteúdo. Porque a disciplina, ela tem conteúdo, ela tem a prática, tem é...mas tem esse lado, com certeza, do aluno. [...] Agora, uma questão que eu acho que é fundamental pro professor, de você fazer com que ele saia também dessa forma aí, é... a questão do ser justo, também, agir de acordo com todo mundo igual. [...]Eu não posso exigir de um grupo uma coisa e exigir... não exigir do outro. [...] Porque é o estímulo também que a gente tem que trazer pro aluno [...] Como que eu vou instigar aquela turma a continuar, a fazer, a pesquisar mais profundamente sobre aquela temática que, às vezes, a gente trabalhou numa sala de aula, [...] é fazer com o que o aluno identifique o sentido daquela disciplina pra ele e daquele conteúdo. [...] Porque o nosso curso tem essa parte muito técnica e tal. Mas então, eu acho isso assim dele... dele...isso tudo vai</u>	Tento mostrar a importância de cada disciplina para que faça sentido ao aluno; Instigo reflexões sobre o fazer bibliotecário no âmbito humano e social, para além das dimensões técnicas e tecnológicas; Eu tento estabelecer uma boa relação com os alunos baseada valores como o respeito e a alteridade.

	<u>interferir no desenvolvimento dele, quando ele perceber qual o sentido daquilo ali que ele tá aprendendo, [...]</u>	
--	--	--

Questão 5: Que ênfase você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referentes à prática bibliotecária nas disciplinas que ministra?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<u>[...] tá muito difícil hoje de se discutir política, então, Me parece a... [...]</u> <u>Tem uma dificuldade muito grande nas questões políticas. Eu tento mostrar pra eles, que a... que eles são partes dessa política, que eles são parte dessas questões éticas que a gente tem que buscar, que a informação ela é todinha voltada e tem que ter muita ética em disponibilizar... [...]</u> <u>que eu acho que uma das grandes questões que nós estamos onde estamos é que politicamente o bibliotecário não se insere... Não consegue se inserir politicamente.</u>	Considero um desafio abordar estes aspectos. Abordo aspectos éticos referentes à responsabilidade intelectual da informação, à seleção das fontes de informação e a sua disseminação.
E2	<u>[...] ela vai muito na questão do plágio da autoria, Então, a questão ética deles, de cair na questão da confiabilidade, Que o trabalho que eles vão fazer tem que ter os padrões de qualidade da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, ou seja, tem que ter citação, referências, se tão todas as ferramentas pra identificar plágio, pra que eles possam estar seguros de como vão se organizar e aí a gente volta, volta e vai pra questão da confiabilidade [...]</u>	Abordo aspectos éticos referentes à responsabilidade de autoria e plágio. Abordo aspectos éticos referentes à responsabilidade intelectual da informação, à seleção das fontes de informação e a sua disseminação.
E3	<u>[...] Eu tenho uma falha que a gente não trabalha muito essas questões, [...], eu acho que a minha disciplina é muito técnica então eu não... eu não abordo. [...]</u> <u>abordar mesmo, não! Mas talvez as minhas atitudes, o respeito que eu tenho com eles, Eu tento sempre respeitá-los e tanto eles a mim. [...]</u>	Eu não dou ênfase, a ética é abordada implicitamente. Abordo a ética a partir das minhas atitudes em sala como por exemplo, o respeito aos alunos. Eu abordo questões éticas e/ou políticas voltadas a postura discente e/ ou profissional baseada em valores como responsabilidade, alteridade e respeito.
E4	<u>[...] eu falava muito na ética, inclusive eu trazia até o... tem uma palestra que o... que o comandante do corpo de bombeiros, (nome do comandante), ele dá o que você faz numa</u>	Eu abordo questões éticas e/ou políticas voltadas a postura discente e/ ou

	<p><u>situação de risco. Então ele... então, essa era a primeira aula que a gente dava na segurança de acervo. [...] Então a gente tem que ter o cuidado de como falar, como abordar, como averiguar realmente se tá tudo certo, E, sempre foquei nisso, entendeu? Numa ampla, assim que ele sempre deve privar a ética, primeiro saber escutar saber escutar não levar adiante aquilo que passou... Isso tudo a gente faz, Faz um parecer, faz um diagnóstico, não se omite, [...]E, realmente focar sempre nos princípios da Biblioteconomia que, realmente tem que ser éticos citar alguns autores. O [...] sempre trabalhava com isso. O Professor [...] sempre dava os livros do professor porque, como já era professor então, já passou por lá pela disciplina e o [...] tem um elo muito grande com os alunos, Isso ele captava bem, Então, assim... um professor catedrático assim, que, que fez muita diferença, não só no nosso curso, mas em todo o curso de Biblioteconomia do Brasil, ele é uma referência.[...]</u></p>	<p>profissional baseada em valores como responsabilidade, alteridade e respeito.</p> <p>Eu enfatizo estas questões através de textos e/ ou filmes para se debaterem em sala de aula.</p>
E5	<p><u>[...] A ênfase é no sentido de reflexão. Tem algumas disciplinas, que de vez em quando a gente ministra, que isso entra como conteúdo programático, e aí nesse caso é até melhor, a gente consegue se aprofundar, Mas naquelas disciplinas onde isso não está presente no conteúdo, eu acho que a ênfase acaba sendo na reflexão. Quando vou dar um exemplo pra um aluno, quando um aluno faz uma pergunta, quando um aluno traz um exemplo da biblioteca onde ele trabalha, onde ele faz estágio. Eu acho que essa vivência dos alunos é algo muito interessante, quando eles trazem isso pra sala de aula, pra gente fazer essas discussões. [...]</u></p>	<p>A ênfase desses aspectos é a partir da reflexão, questionamentos e discussão de assuntos do cotidiano profissional e dos estágios em sala de aula.</p>
E6	<p><u>[...] Todas as disciplinas que eu ministro, o foco central, a ponta é usuário. Então, todas as disciplinas é... no começo a gente consulta algumas leis a 12.527, que é de acesso livre. A lei a lei do próprio bibliotecário 8.159... do bibliotecário ou do arquivista. [...] Na parte de “Bibliometria”, todas as leis e desenvolvimentos de coleções que são ordenados pra área de Biblioteconomia a gente também utilizava pra que... pra que a pessoa entenda: - Olha, eu tô fazendo Bibliometria, mas qual o significado disso. O significado disso é gerar conhecimento pra... pros demais setores que estão envolvidos, é... gerar uma demanda que o próprio usuário tem e, ao mesmo tempo, consolidar isso. Então, automaticamente a gente usava uma lei ou outra. Não era é... o envolvimento total da disciplina,</u></p>	<p>A ênfase nestes aspectos é a partir de leis específicas como a da regulamentação da profissão de bibliotecário e a do acesso à informação.</p> <p>Eu ministro disciplinas técnicas e/ou de gestão e abordo estes aspectos de maneira a questionar o porquê e o sentido daquela técnica/disciplina.</p>

	<u>mas a gente utilizava leis pra poder fundamentar o processo informacional, a democratização da informação, o acesso à informação e assim, sucessivamente.</u>	
E7	<u>Com certeza, Porque eu acho que, em especial a ética aí vem por uma característica da formação do ser humano. [...] a gente tem que trabalhar um pouquinho no sentido de mostrar pra eles [...] as atitudes deles com a Universidade que requer, como [...]no mercado de trabalho depois, é extremamente importante. E essa ética no sentido de eu ser o profissional bibliotecário e assumir as minhas características, como saber trabalhar isso perante a sociedade fora. E aí, a... essa questão ética, todos os ambientes, as pessoas, tudo isso tem... tem que ser trabalhado especificamente. E com relação aos aspectos políticos... Falar em política é complicado, Porque a gente vive num... numa desacreditação de políticas, Mas enquanto profissional e enquanto ele no mercado de trabalho, ele tem que se adequar, primeiro ao ambiente que ele tá inserido, Procurar conhecer todas as políticas, [...] tem que defender aquilo que ele realmente acredita [...]</u>	Eu abordo questões éticas e/ou políticas voltadas a postura profissional. Eu dou ênfase à ideia de que o bibliotecário deve se adequar ao mercado de trabalho e conhecer todas as políticas e defender o que ele acredita.
E8	<u>Éticos, a gente não... [...]a questão da ética, ela tá sempre de uma forma transversal e tá posta de forma implícita. [...]O discurso ético acaba embarcado porque pra sustentar um discurso político precisa ter uma ética subliminar senão você não consegue nem defender os argumentos. Por exemplo, a dimensão social de uma biblioteca digital, tá? [...]</u>	Eu não dou ênfase, a ética é abordada implicitamente. Os aspectos éticos e políticos estão voltados para a dimensão social do uso das tecnologias aplicadas à Biblioteconomia.
E9	<u>Não, eu não dou ênfase! [...] talvez alguma coisa esteja implícita no meu discurso, [...] Questões políticas, normalmente, muito pouco eu discuto. Traço algumas coisas pra aula que tão... mas assim, é... Eu acho que também, é... é complicado a gente usar o espaço de aula pra... pra discutir aspectos políticos em alguns momentos, assim. As vezes que eu experimentei fazer isso, criou um ambiente tumultuado, assim, porque são várias posições e tal, então, a gente acaba tomando muito tempo. [...]</u>	Eu não dou ênfase, a ética é abordada implicitamente. Considero um desafio abordar estes aspectos.
E10	<u>[...] eu dou ênfase e eu acho que toda a discussão tem uma... uma ênfase política, social, eu sempre tenho um posicionamento e... é... nas disciplinas, o que eu tento fazer... como eu dou disciplinas técnicas, É tentar colocar pra que aquilo serve, então sempre tentar fazer com que ele pense porque ele tá desenvolvendo e qual é o</u>	Eu ministro disciplinas técnicas e abordo estes aspectos de maneira a questionar o porquê e o sentido daquela técnica. A ênfase desses

	<p><u>sentido daquela técnica. [...]É... nesse sentido, eu acho que eu traço... tentar trazer o socia... assim, é... interação, contexto social e político pra dentro da... da parte mais técnica, Que é um desafio também, quero deixar registrado. [...]os alunos [...] da graduação [...]exigem bastante a prática. Como é que eu vou fazer? Mas eles não querem muito pensar sobre ela, eles querem é aplicação. [...] Só que não é isso, a Universidade é o local de você pensar! [...]</u></p>	<p>aspectos é a partir da reflexão, questionamentos e discussão de assuntos do cotidiano profissional e/ou dos estágios em sala de aula.</p> <p>Considero um desafio abordar estes aspectos.</p>
E11	<p><u>[...] Eu sempre trabalho mostrando [...] que isso é só uma opção. Que existem outras. São... dou aula de classificação, que é tal da CDD e CDU, sabe? [...] eu não vou modificar o sistema, não é pra isso a disciplina. É uma disciplina mega tecnicista, é pra aprender a usar, mas como que eu posso abordar isso eticamente? Mostrando: - Olha essa classe aqui como tá, porque que tudo isso é religião católica e esse numerozinho é outras religiões? Qual que é a representatividade desse outro povo que que tá. Que não tá aqui? Porque que a música tem todas as..., Super formal, ocidental e não tem outras na..., Quem que foi o continente que mais emigrou no mundo e que não tá aceitando imigrante agora? [...]</u></p>	<p>Eu ministro disciplinas técnicas e abordo estes aspectos de maneira a questionar o porquê e o sentido daquela técnica.</p> <p>A ênfase desses aspectos é a partir da reflexão, questionamentos e discussão de assuntos do cotidiano profissional e/ou dos estágios em sala de aula.</p>
E12	<p><u>[...]Eu sempre procuro trazer esses exemplos que... que a gente identifica nas publicações, nas mídias nos eventos... [...] foco na necessidade dos alunos participarem dos eventos da nossa área e eu participo junto também, não só de eventos de pesquisadores, mas eventos profissionais porque é lá que eles vão se inserir, é lá que eles vão participar, então eu tento sempre tá participando também pra poder tá mais perto da realidade deles. [...] Porque é no momento que a gente pensa quais são esses valores e identifica quais são esses valores que a gente quer pra nossa prática, que a gente [...]Então, esse respeito ao outro e também a... a entender qual é a necessidade do outro, a empatia, se colocar no lugar dessas pessoas, pra poder aí sim, pensar nos serviços que serão prestados, porque eu trabalho muito a disciplina... as disciplinas voltadas pra gestão no curso de Biblioteconomia, então antes de pensar a gestão propriamente dita e pensar nos processos, técnicas e instrumentos, a gente tem que pensar quem são as pessoas beneficiadas com isso? Pra quê? O que que elas precisam? Pra quem vai servir isso? E não só as pessoas que vão usar, mas as pessoas que vão... [...] essa percepção de identificar e de se posicionar e, principalmente, [...] Então, eu enquanto gestora tenho uma</u></p>	<p>A ênfase desses aspectos é a partir da reflexão, questionamentos e discussão de assuntos do cotidiano profissional e/ou dos estágios em sala de aula.</p> <p>Eu incentivo os alunos a participarem de eventos científicos e profissionais</p> <p>Eu abordo questões éticas e/ou políticas voltadas a postura profissional baseada em valores como responsabilidade, alteridade e respeito.</p> <p>Eu ministro disciplinas técnicas e/ou de gestão e abordo estes aspectos de maneira a questionar o porquê e o sentido daquela técnica/ disciplina.</p>

	<p><u>equipe, eu preciso identificar nessa equipe quais são as demandas, quais são... qual é a vocação de cada uma dessas pessoas, qual o perfil delas, o que que elas querem, né? O que que elas precisam? de agir politicamente envolvendo os diferentes setores, os diferentes tipos de profissionais e instituições como parceiras, mas sempre de acordo com os valores que elas acreditam [...]</u></p>	
E13	<p><u>[...] Uma das ideias é a provocação aos alunos. Tentar falar uma coisa que eles não esperam. [...] Então, eu tento que eles pensem um pouco. Às vezes, falo coisas que até são um pouco contraditórias porque, no fundo, eu não quero que eles saibam o meu posicionamento. Eu quero que eles se... pensem um pouco. [...] Que tentem pensar alguma coisa. Pra mim é muito fácil falar de racismo, porque sou branco. Então, não seria justo se falasse dos problemas que tem o negro, porque eu não sei exatamente os problemas que tem o negro.</u></p> <p><u>[...] Eu não vivencio isso. [...]A minha ideia é que eles pensem. Então, eu tento posicionar, às vezes, pontos de vista que são opostos. Só pra fazer com que eles pensem. Não estão de acordo comigo? Pensem. Esse ano fizemos um desenho muito legal. [...] Fizemos um desenho na aula... [...]</u>Como é um cientista? Vamos fazer um desenho aqui[...][...] Esse ano, uma moça falou: - Ah, professor, porque não é mulher? Ah! Eu faço como vocês quiserem. Eu estou aqui pra desenhar pra vocês. Quero que vocês desfrutem...</p>	<p>Eu enfatizo estes aspectos quando propositalmente provooco os alunos com falas inesperadas e quando confronto pontos de vistas diferentes.</p> <p>A ênfase desses aspectos é a partir da reflexão, questionamentos e discussão de assuntos do cotidiano profissional e/ou dos estágios em sala de aula.</p>
E14	<p><u>[...] eu procuro enfatizar o uso rigoroso da informação, principalmente, com relação às fontes de informação fidedignas e... também a indicação das autorias dessas fontes de informação. [...] relação à postura e às atitudes perante aos colegas de sala de aula e, por consequência, seus colegas de trabalho que no futuro eles vão trabalhar nas empresas, nas bibliotecas, em outras entidades quaisquer. Então, as posturas, as atitudes e também, eu procuro levá-los a refletir, a ter posicionamentos sobre tudo aquilo que eles veem e que lhes é apresentado. Então, apresento alguma coisa e, às vezes, até apresento alguma coisa equivocada e pergunto: - Vocês concordam? E quando eu vejo que a maioria concorda e que não perceberam que aquilo é uma coisa totalmente equivocada eu chamo a atenção e digo: - Não, isso não pode ser assim! Então, mostro alguns casos e procuro... [...] Então, esse conjunto vai</u></p>	<p>Abordo aspectos éticos referentes à responsabilidade intelectual da informação, à seleção das fontes de informação e a sua disseminação.</p> <p>Abordo aspectos éticos referentes à responsabilidade de autoria e plágio.</p> <p>A ênfase desses aspectos é a partir da reflexão, questionamentos e discussão de assuntos do cotidiano profissional e/ou dos estágios em</p>

	<p><u>levá-los a uma reflexão sobre a situação em si e essa reflexão e essa postura crítica a... que vai acontecer diante dessa situação vão mudar a atitude. Eu penso que isso será positivo depois num mercado de trabalho, no mundo do trabalho.</u></p>	<p>sala de aula.</p> <p>Eu enfatizo estes aspectos quando propositalmente provoço os alunos com falas inesperadas e quando confronto pontos de vistas diferentes.</p> <p>Eu abordo questões éticas e/ou políticas voltadas a postura profissional.</p>
E15	<p><u>[...] essa questão apesar de não tá diretamente ligada, mas a gente acaba sempre tocando nesse ponto, [...] Que questões legais existem dentro desse processo? Como é que eu vou trabalhar como instituições de diferentes... de diferentes... de natureza diferente, Então, como que eu me comporto... a informação que é sigilosa? [...] Essa... possa promover essa informação, mas que eu também salvaguarda a... o termo que eu tenho com a instituição. Não posso liberar toda a informação, Se as informações são sigilosas, mas também como eu posso fazer a difusão dessa informação? [...] Que também não vá ferir a... a privacidade das pessoas, Da instituição... Então, dentro de um regimento, Como é que você faz isso?</u></p>	<p>Eu não dou ênfase, a ética é abordada implicitamente.</p> <p>Abordo aspectos éticos referentes à responsabilidade intelectual da informação, à seleção das fontes de informação e a sua disseminação.</p> <p>A ênfase nestes aspectos é a partir de normativas e/ou leis específicas como a da regulamentação da profissão de bibliotecário e a do acesso à informação.</p>
E16	<p><u>[...] Uma das questões, talvez, que eu trabalho mais seja a questão do sigilo. [...] então, isso exige uma postura ética. [...] Não só por imposição de uma lei, mas são preocupações que precisam estar presentes. [...] que eu tenho bastante preocupação e com a própria prática até de um simples guardar uma informação, Então, isso também exige uma relação de consciência, de ética com quem você vai trabalhar, com seus pares e porque se uma pessoa guarda uma informação errada, a recuperação dela vai ser muito mais difícil e isso [...]</u></p>	<p>Abordo aspectos éticos referentes à responsabilidade intelectual da informação, à seleção das fontes de informação e a sua disseminação.</p> <p>A ênfase nestes aspectos é a partir de normativas e/ou leis específicas como a da regulamentação da profissão de bibliotecário e a do acesso à informação.</p>
E17	<p><u>[...] eu não chego tocar exatamente nesse assunto, a gente toca transversalmente, obviamente, Mas eu faço muitas simulações de</u></p>	<p>Eu não dou ênfase, a ética é abordada implicitamente.</p>

	<p><u>cenários, [...] Eu procuro trabalhar as situações reais. E aí, nisso obvia... obviamente, que a postura deles enquanto profissionais, isso está sempre em discussão dentro das nossas aulas [...]</u></p>	<p>A ênfase desses aspectos é a partir da reflexão, questionamentos e discussão de assuntos do cotidiano profissional e/ou dos estágios em sala de aula.</p> <p>Eu abordo questões éticas e/ou políticas voltadas a postura profissional.</p>
E18	<p><u>[...] eu não trabalho a questão em nenhuma disciplina [...] Eu trabalho, eu acho que... com eles da conscientização, da politização, da ética das pessoas. [...] Eu acho que as pessoas têm que ser assim [...] A prática profissional, a prática da vida, a prática das coisas, quando tu lida com pessoas... [...] mas pra mim isso é uma questão de gente, não é de profissional, [...] Eu acho que não é só pro bibliotecário, não! [...] Alguma coisa que... que toque só na questão que atendesse o bibliotecário, eu não me recordo de falar nada que fosse só específico pra essa prática. Nem sei se há, não sei nem se eu acredito que haja alguma que seja só nossa!</u></p>	<p>Eu não dou ênfase, a ética é abordada implicitamente.</p> <p>Acredito que a ética é uma prática que está arraigada na pessoa e não somente no profissional.</p>
E19	<p><u>[...] é fundamental que a gente discuta todas as questões. Que a gente viabilize [...] os estudantes a quem está se capacitando. Que tenha acesso ao que [...] às normativas. E que a partir das normativas possa fazer a discussão do que aquilo representa [...] Parece o tipo da causa e consequência, assim, o que é que você pode fazer ou o que é que está dentro [...] do seu universo de atuação? [...]</u></p>	<p>A ênfase nestes aspectos é a partir de normativas e/ou leis específicas como a da regulamentação da profissão de bibliotecário e a do acesso à informação.</p> <p>Eu abordo questões éticas e/ou políticas voltadas a postura profissional.</p>
E20	<p><u>Olha, as questões éticas elas perpassam e estão relacionadas, principalmente assim, à questão... como lidar com os documentos disponíveis, como lidar com as fontes disponíveis, e também na própria elaboração dos projetos, quais seriam as recomendações de atuação. A questão também com relação [...] a questão dos direitos, dos direitos autorais, ou relacionadas ainda [...] ao uso de patentes ou a elaboração de patentes.</u></p>	<p>Abordo aspectos éticos referentes à responsabilidade intelectual da informação, à seleção das fontes de informação e a sua disseminação.</p> <p>Abordo aspectos éticos referentes à responsabilidade de</p>

E21	<p><u>[...] Não tenho, por exemplo, dentro dos meus currículos essas palavras. Mas pra mim, ético é a minha atitude e a do aluno. Chegar na hora. A aula começa às 7:30? Aluno e professor tem que estar lá às 7:30 porque cada um abriu mão de outras tantas coisas para nós estarmos ali naquele momento. [...] Cumprir as tarefas, É... É no fazer do dia a dia, eu realmente não tenho isso, assim, na ementa. [...] É... o fazer! Como eu me sento na sala, como eu ando na sala, como eu falo na sala, como eu me relaciono com meu aluno fora da sala de aula. [...]</u></p>	<p>autoria e plágio.</p> <p>Eu não dou ênfase, a ética é abordada implicitamente.</p> <p>Abordo a ética a partir das minhas atitudes em sala como por exemplo, o respeito aos alunos.</p> <p>Eu abordo questões éticas e/ou políticas voltadas a postura discente e/ ou profissional baseada em valores como responsabilidade, alteridade e respeito.</p>
E22	<p><u>[...] Às vezes, nas entrelinhas porque nem sempre isso está explícito dentro da disciplina. [...] Agora, nos termos práticos, trabalhar sempre a questão da inclusão, trabalhar sempre a questão do respeito, a ênfase não tem que estar nas técnicas. A ênfase tem que estar nas pessoas. [...] eu sempre mostro os dois polos. [...] na prática a ideia seja essa. Mas é tentar fazer com que o aluno veja que a sua instituição tem missões, tem objetivos, tem metas a cumprir e a... a outra ponta, que é a comunidade onde você também precisa conhecê-la e atender e se você não conhecer, você não consegue atender. [...] Eu acho que isso é ser ético. Quando você é... Olha pra cada um individualmente com esse olhar de tentar entendê-lo e de tentar então, exercer o seu papel de forma personalizada, vamos dizer assim, na medida do possível.</u></p>	<p>Eu não dou ênfase, a ética é abordada implicitamente.</p> <p>Eu abordo questões éticas e/ou políticas voltadas a postura discente e/ ou profissional baseada em valores como responsabilidade, alteridade e respeito.</p> <p>A ênfase desses aspectos é a partir da reflexão, questionamentos e discussão de assuntos do cotidiano profissional e/ou dos estágios em sala de aula.</p> <p>Eu abordo estes aspectos mostrando que a ênfase deve estar nas pessoas e não nas técnicas.</p>
E23	<p><u>[...] eu não vejo a área [...] em que eu possa trabalhar mais profundamente essa área. E trabalho com código, com normas, É... E não vou só, simplesmente, botar e... botar ali que eu vou catalogar um livro de política ou de ética. [...] Mas em outras disciplinas [...] Agora, a questão pra... a questão ética e política, ela perpassa toda uma vida profissional, toda uma vida de pessoas.</u></p>	<p>Eu não dou ênfase, a ética é abordada implicitamente.</p> <p>Acredito que a ética é uma prática que está arraigada na pessoa e não somente no</p>

	<u>Tem muito a ver também com a... a criação dele, a sociedade em que ele vive, de onde ele veio, o seu meio. [...] Eu não sei até que ponto se adequa, agora, ter conversar com os alunos dentro da disciplina abordando questões políticas como, por exemplo, o momento que o país tá vivendo, isso a gente faz em qualquer disciplina, inclusive na catalogação. [...]</u>	profissional.
E24	<u>Mas aí tem os aspectos éticos a ser vistos: não constringer a pessoa, quando é criança também tomar certos cuidados, quando é idoso. [...] A questão também do afeto, do abraço. Porque tudo tem um limite, tudo tem um limite. A gente trabalha muito com criança e com idoso, às vezes, é mal interpretado. [...]</u>	Eu abordo questões éticas e/ou políticas voltadas a postura discente e/ ou profissional baseada em valores como responsabilidade, alteridade e respeito.
E25	<u>Que ênfase?! É... eu penso que a ética não vem junto com a profissão do bibliotecário. A ética é uma conduta, tem muito a ver com caráter. Então, eu penso que a gente tem que trabalhar pensando na profissão, mas pensando nessa questão humana que vai além do bibliotecário. [...] ser mais do que pensar o bibliotecário, mas pensar o cidadão. [...] fazer com que ele repense, por exemplo, o nosso sistema educacional como um todo educação, que repense a sociedade, que reflita para além da Biblioteconomia. Mas eu acho que trabalhar textos em sala de aula, acho que ajuda. [...] Até a própria conduta do professor pode ser um espelho a própria conduta do aluno dentro da universidade também, Tudo que você trabalha tá envolvendo a ética.</u>	Eu enfatizo estas questões através de textos. Abordo a ética a partir das minhas atitudes em sala como por exemplo, o respeito aos alunos. A ênfase desses aspectos é a partir da reflexão, questionamentos e discussão de assuntos do cotidiano profissional e/ou dos estágios em sala de aula. Acredito que a ética é uma prática que está arraigada na pessoa e não somente no profissional.
E26	<u>[...] Então, todas as tuas atitudes em sala de aula, elas refletem isso. No momento que você se relaciona com o aluno, no momento que você não permite que haja discriminação de cor, no momento que você não permite que haja discriminação de sexo ou de escolhas sexuais, No momento que você não permite que as pessoas se passem umas com as outras ou que você não permite que é mais folgado entre sempre no grupo do aluno que faz. [...]</u>	Abordo a ética a partir das minhas atitudes em sala como por exemplo, o respeito aos alunos.
E27	<u>[...]Em função das disciplinas que eu leciono, a minha ênfase nos aspectos éticos é muito mais voltada pra pesquisa, do que propriamente nas práticas bibliotecárias. [...] A</u>	Abordo aspectos éticos referentes à responsabilidade intelectual da

	<u>seriedade na elaboração da pesquisa como um todo na execução, na manipulação dos dados, nos aspectos de citação, porque os alunos não incorram em plágio, esse tipo de coisa. Então, eu penso nos conceitos de ética que envolvem a prática da pesquisa, do que na prática do bibliotecário como profissional, tá?, em função das disciplinas que eu ministro. Em relação aos aspectos políticos, eu não entro em aspectos políticos dentro das minhas aulas, porque eu acho que a academia deve ser plural e abarcar todas as ideias. [...]</u>	informação, à seleção das fontes de informação e a sua disseminação. Abordo aspectos éticos referentes à responsabilidade de autoria e plágio.
E28	<u>[...] mais uma ênfase ética, menos política. [...]Mas há um campo ético sólido também na área de computação, principalmente quando se fala de sigilo. [...]</u>	Abordo aspectos éticos referentes à responsabilidade intelectual da informação, à seleção das fontes de informação e a sua disseminação.
E29	<u>[...] Só que eu acho que muita gente olha a ética, agora eu tô falando da disciplina, olhando pro Código de Ética. O Código de Ética é uma asneira, [...]aquilo é um conjunto de leis, não serve pra [...] Tu tem que levar o cara a refletir a questão de ética, o que é ética. Eu me lembro que eu usava um filme... [...]falar em ética de forma passiva, é uma coisa que[...] acho que é muito limitado. [...]acontece é que... ah... por vários motivos a gente não se articula, mas daí são formas de agir[...]Então, isso é um conceito que eu tento passar pros caras[...]Quer dizer, essa inquietude com a ação dele, [...]É o que eu tento passar na disciplina e busco dar um exemplo [...]</u>	Eu enfatizo estas questões através de textos e/ ou filmes para se debaterem em sala de aula. A ênfase desses aspectos é a partir da reflexão, questionamentos e discussão de assuntos do cotidiano profissional e/ou dos estágios em sala de aula. Eu ministro disciplinas técnicas e/ou de gestão e abordo estes aspectos de maneira a questionar o porquê e o sentido daquela técnica/disciplina.
E30	<u>Eu traço normalmente exemplos. Levo os alunos para uma biblioteca[...]Então, quando você começa a aproximar o aluno com a vivência de emprestar o livro antes que a biblioteca feche. Entender porque que a biblioteca deveria funcionar 24 horas, que serviços não precisam ser feitos 24 horas, que o maior investimento da nossa universidade, que o coração da universidade é a biblioteca e que um coração você não pode parar ele por seis horas e nem por oito, nem aos finais de semana. Que o coração da biblioteca, os livros são caríssimos num país</u>	A ênfase desses aspectos é a partir da reflexão, questionamentos e discussão de assuntos do cotidiano profissional e/ou dos estágios em sala de aula. Abordo a ética a partir das minhas atitudes em sala como por exemplo,

	<p><u>de poucos leitores, [...]Então, na medida em que eu consigo mostrar o... o uso do livro em sala de aula, a importância dele quando um aluno tá lendo em voz alta. Porque o bibliotecário precisa saber escutar. O bibliotecário precisa saber o valor do silêncio. Senão, ele não vai conseguir criar ambientes de informação, de acesso de informação e de uso da informação. Então, nós podemos fazer “n” práticas. Então, mas a teoria que simplesmente foi traduzida e mal traduzida pra nossa realidade está no descompasso. [...] E isso é pensar proativamente. E... não colocar a técnica ah... ocupando espaço maior para que o bibliotecário possa é... estimular o acesso à leitura, fazer a competência informacional ou a tecnológica que é necessária. [...] Mas se um aluno nunca ver um professor com o livro na mão. Se um aluno nunca vê um professor dando uma aula, uma leitura. Se um aluno nunca frequenta a biblioteca, seja no início do semestre, no meio, no final, que bibliotecário vai ser esse? [...] Então, ali... mas o mais importante é que eles ganham a vivência e tem projetos de extensão, tem projetos de pesquisa, tem tanta possibilidade que eu acho que precisamos despertar. [...]</u></p>	<p>o respeito aos alunos.</p> <p>Eu ministro disciplinas técnicas e/ou de gestão e abordo estes aspectos de maneira a questionar o porquê e o sentido daquela técnica/disciplina.</p> <p>Eu enfatizo estas questões através de textos e/ ou filmes para se debaterem em sala de aula.</p>
E31	<p><u>Ah, eu trabalho bastante, principalmente essa coisa da postura do bibliotecário. Quer ver no estágio. No estágio, eu falo bastante. [...]eu enfatizo muito isso. O cuidado com o olhar percebam quem, como vocês estão ali dentro o respeito o respeito pelo bibliotecário, pela bibliotecária que está ali, que estão ali. Eles também tiveram uma trajetória. Muitas vezes, eles estão também agindo por conta também de outras questões, também subjetivas que, o aluno o estagiário, não pode ficar julgando e avaliando, jamais. [...]E também nas outras disciplinas, o tempo todo com certeza. Como se colocar o respeito[...]</u></p>	<p>Eu abordo questões éticas e/ou políticas voltadas a postura discente e/ ou profissional baseada em valores como responsabilidade, alteridade e respeito.</p> <p>Abordo a ética a partir das minhas atitudes em sala como por exemplo, o respeito aos alunos.</p>

Questão 6: Qual os valores éticos que lhe motivam e/ou influenciam para realizar sua atuação como docente do curso de graduação em Biblioteconomia?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p><u>[...] é o diálogo e a comunicação, [...]vezes a informação num lugar ela pode ter um efeito que não é legal e num lugar correto ele tem um efeito, então... pelo jeito, meu jeito de ser, eles sabem como é minha ação, e é isso que eu passo pra eles, que é preferível a gente olhar as questões de frente, por mais difíceis que sejam, mas falar delas e tratar as questões todas [...]</u></p>	<p>Diálogo Responsabilidade Honestidade Integridade no repasse da informação</p>

E2	<u>[...] Então, quem trabalha com biblioteca não pode julgar nenhuma outra área. [...] respeitar todas as áreas e [...] nem as pessoas que [...] tão procurando eles.</u>	Tolerância Respeito
E3	<u>[...] Tu gostar do que tu faz, é... respeito, [...] a gente tem que ser humilde também em sala de aula com os alunos [...]</u>	Amor pelo fazer Humildade Respeito
E4	<u>[...] eu peço que eles seja sinceros. [...] não mentir, ser sincero, não bajular porque você é um profissional e você pode realmente conseguir almejar algum cargo pela sua competência e habilidade, do seu conhecimento [...] falar de modo profissional [...]</u>	Honestidade / sinceridade Competência Postura profissional
E5	<u>[...]primeiro de tudo: é o do respeito, [...]eu gosto assim, de parar e ouvir. Talvez isso seja empatia, alteridade[...] tem umas coisas que não são, necessariamente, valores éticos, mas que passam acho pelo respeito à essas pessoas, é respeitar horários, respeitar prazos... [...]</u>	Respeito Empatia / alteridade Cumprimento de Deveres / Obrigações (horários, prazos, legislações)
E6	<u>[...] Então, desde o princípio você já tem que ir respeitando até mesmo notas. Coisas mais simples dos alunos. Então, o princípio ético que eu sempre tive com eles é no primeiro dia explicar todos os prós e os contras, os deveres que eles têm, a resolução 017 da universidade, [...]inclusive, as suas notas, o percentual de cada nota, o percentual de que você vai ter maior tolerância com determinados trabalhos e outros. [...] [simulando fala com os alunos] "O prazo é pra seguir e eu tenho que ter prazo com vocês. Eu tenho que ter uma conduta ética com vocês em relação a esse quesito e vocês também tem que ter o mesmo comigo"[...] Nós fomos o primeiro curso no Brasil a ter um nome social. [...]E a gente nota nítido que tem um preconceito. [...] Me assusta muito não ver negros na rua, não ver negros na Universidade [...]</u>	Diálogo Cumprimento de Deveres / Obrigações (horários, prazos, legislações) Tolerância Equidade Respeito
E7	<u>[...] Primeiro que, é... Eu acredito [...] no ser bibliotecário. [...] eu acho que tem a ver com [...]saber respeitar cada momento. E, ao meu ver, a gente tem que ser a gente mesmo em todos os momentos. Então, nessa questão de ética é a igualdade entre todas as coisas. Todos os momentos, em todos os sentidos: profissionais, éticos, religiosos, políticos, pessoais... Vamos aumentar aí: cor, religião, [...]Eu acho que a autenticidade da gente como ser humano é o que conta pra mim e a ética é um motivo pra eu estar aqui, [...]</u>	Amor pelo fazer Autenticidade Respeito Honestidade Equidade / igualdade Tolerância Inclusão Social
E8	<u>[...]Penso que a confiança, [...]transparência, a igualdade de [...] oportunidades [...]criar um espaço de</u>	Confiança Honestidade Equidade

	<u>oportunidades é... de diálogo. [...]</u>	Diálogo
E9	<u>[...]Jeu acho que o respeito, [...] respeitar os limites de cada um e entender o contexto... de procurar entender o contexto de cada um. Sempre pensar na pessoa, no indivíduo, é... Você tem um grupo, tem grupos menores dentro da sala de aula... [...]procurar entender os grupos, mas especialmente o contexto de cada um. E aí entram esses valores, Tolerância [...] a gente procura transparecer [...] talvez não necessariamente na sala, mas assim nas atitudes, o comprometimento, a responsabilidade, a disciplina, [...]</u>	Respeito Tolerância Empatia / Alteridade Responsabilidade
E10	<u>[...] Eu vejo que eu não consigo diferenciar é... o curso não me influencia muito essa resposta, [...], assim, é o ouvir o outro. Então, eu acho que as discussões dentro da sala abrem a possibilidade das discussões fora dela. Então, eu paro pra ouvir o outro e, às vezes, eu considero um ponto de vista que... a minha experiência não tinha me trazido ou eu não conhecia ou não sabia. [...] Todos somos humanos e a gente tá num processo de construção. [...]</u>	O curso de Biblioteconomia não influencia na escolha dos valores que elejo para minha atuação. Diálogo Tolerância Empatia / alteridade
E11	<u>[...] A minha responsabilidade como professora docente [...] não posso deixar o aluno sair dessa disciplina pensando isso... [...] Tentar fazer alguma coisa, tentar mostrar que tem outras possibilidades em tudo[...]</u>	Responsabilidade
E12	<u>[...]Jessa questão do respeito, de ouvir o outro, de se colocar no lugar do outro, de entender quais são suas motivações, qual é a sua história de vida [...] sempre pensando nessa questão do respeito, do valor, da empatia, é.. da sua história de vida mesmo essa questão da gente conhecer o outro e não fazer um pré-julgamento sem antes conhecê-lo e poder fazer que eles sejam parceiros e se [...]</u>	Respeito Tolerância Empatia
E13	<u>[...] Vou te falar o primeiro dia de aula, tenho um... power point assim, preparado com um mapa de [...] onde que [...] de onde que eu venho também pra que eles saibam [...] também eu pergunto pra eles, um por um, de onde que vem ou o que eles gostam de fazer, [...] Então, eu falo pra eles que se é universal a gente tem que estar abertos a diferentes línguas, ponto número um. [...] Não é aceitado nenhum tipo de falta de respeito a outras pessoas, pela cor dele, pela orientação sexual [...] pelo gênero, [...] Não é aceito nenhum tipo de coisa de falta de respeito. [...]</u>	Diálogo Empatia Tolerância Curiosidade Respeito Respeito à diversidade (igualdade direitos nos diversos grupos étnicos-raciais e de identidade de gênero)
E14	<u>A responsabilidade, [...] atitude com relação aos meus colegas e aos alunos, A postura em sala de aula, o uso de determinados</u>	Responsabilidade Disciplina Associativismo Político

	<u>aspectos de autoridade [...] posição do professor e do aluno em sala de aula pra que a gente possa ter um relacionamento adequado entre aluno e professor. [...] eles precisam saber que isso existe a... a minha participação em entidades de classe enquanto registrada, eu sei que ainda não atuam de forma ativa como deveriam, mas levo as entidades na sala de aula, procuro levar representantes da ACB e CRB pra que eles vejam como isso é importante, esse associativismo é importante. [...] E procuro, também disseminar essa cultura deles se envolverem na sociedade, se envolverem e tomarem posturas, não ficarem em cima do muro. Tomarem atitudes se posicionarem e não aceitarem aquilo que veem. [...] refletirem antes de aceitarem qualquer tipo de decisão.</u>	Senso crítico
E15	<u>[...] Ser transparente e o mais fiel possível àquela instituição que você tá representando[...]</u>	Honestidade Fidelidade aos valores institucionais
E16	<u>[...] primeira questão seria talvez o respeito ao próximo, [...]Postura fora enquanto pesquisadora, como que você vai tá tratando, como que você vai tá [...]passando um conteúdo e isso vai interferir [...]no seu tom de voz [...] no seu próprio corpo, como que você responde às expectativas. [...] tem que trabalhar com essas questões e formá-los também mostrando que o profissional tem que ter uma postura sim, uma linguagem na forma de se colocar, nas justificativas. E eu procuro trazer isso pra minha vida, Então, quando eu tô corrigindo uma prova, quando eu estou conversando com esse aluno. Então, como que eu vou falar. Uma outra questão é a adequação de linguagem, [...]</u>	Respeito Responsabilidade Empatia Comunicação
E17	<u>[...] procurar ser verdadeiro, Você tem que ter... a segurança naquilo que você fala, você precisa acreditar precisa acreditar primeiro naquilo, [...] Às vezes, fecha um grupo de alunos que é interessante, dá muita discussão legal e a gente discute um pouco isso, Por exemplo, quantas horas trabalhar, trabalho à distância, [...] mesmo esse mundo ultra conectado que a gente tem, mas é um mundo meio frio em que, por exemplo, as pessoas são amigas [...]de computador, mas não se conhecem, [...] tento levar um pouco as discussões por aí quando eu percebo que a turma é... é aberta pra isso.</u>	Honestidade Autoconfiança Empatia Tolerância Presença (física)
E18	<u>[...] a coisa que eu acho mais importante [...] que eu sempre falo pra eles, é a questão [...] da verdade! [...]E a lealdade com a informação, a lealdade com a verdade, a lealdade com essas coisas, [...] Transparência, sinceridade e [...] eu</u>	Honestidade Respeito Responsabilidade Integridade no repasse da informação

	<p><u>acho muito antiético eu trabalhar com uma desinformação que eu sei que é desinformação. [...] quando eu sei, mas eu sei que os outros não sabem e que eu vou conseguir enganá-los e eu passo essa desinformação pra frente, eu acho que isso é o pior processo antiético [...] O exercício desse poder ele tem que ser feito de uma forma muito respeitosa, muito respeitosa! [...]</u></p>	
E19	<p><u>[...] eu entendo que o que é certo e o que é [...]de melhor resultado para todos é o que deve ser. [...] é aquilo que tem [...] o que está respaldado por coisas que vão representar resultados positivos, [...] eu tenho uma linha muito, acho que... muito reta nesse sentido, Eu não sou flexível, O que não pode, não pode[...] Todos têm os mesmos direitos e todos têm os mesmos deveres. Independente do que isso vai resultar no final. Então, isso pra mim é o principal, [...] o respeito ao que é individual e ao que é coletivo antes de qualquer coisa [...]</u></p>	<p>Respeito Disciplina Justiça Cumprimento de Deveres / Obrigações (horários, prazos, legislações)</p>
E20	<p><u>[...] todos aqueles que são fundamentais, quer dizer, a questão do respeito [...] às instituições, à atuação profissional [...] respeito aos... aos limites estabelecidos pela legislação de atuação de cada profissional. E também, a questão do respeito ao trabalho colaborativo entre bibliotecários, entre outros profissionais que atuam em biblioteca mais diretamente e outro e qualquer outro profissional de outra área. [...]</u></p>	<p>Respeito Postura profissional Tolerância Colaboração Obrigações (horários, prazos, legislações)</p>
E21	<p><u>[...] quando eu digo que [...] o bibliotecário é socialmente menos reconhecido numa parte do Brasil, isso é diferente, por exemplo, [...] num centro urbano maior. Porque há possibilidades de mais visibilidade do trabalho desse [...] desse bibliotecário [...] Então, é dentro desse universo que cada um vai construindo a sua ética no fazer [...] dessa profissão [...] falta da valorização [...] Apesar de [...] Não sermos um médico mas nós temos [...] a mesma importância do arquivista, do bibliotecário, do advogado, do agrônomo. Porque quando você entende o teu lugar no mundo, é... não tem rótulo, você faz aquilo. [...] O que que é você ser professor, É você acreditar na tua capacidade que você vai imprimir a sua profissão no outro. É... E nesse caso, é a Biblioteconomia, Que eu acredito que é uma das profissões que compõem o fazer, O mundo!</u></p>	<p>Autoconfiança Confiança Amor pelo que se faz / Entusiasmo Associativismo Político</p>
E22	<p><u>Acima de tudo, o respeito. Acho que sem isso, a gente não consegue fazer nada. Porque eu posso não concordar, eu posso até não aceitar, mas eu tenho que respeitar. Então, assim, a minha fala, o meu olhar, a minha forma de tratar, ela sempre tem que ser respeitosa. [...]</u></p>	<p>Respeito Tolerância Respeito à diversidade (igualdade direitos nos diversos grupos étnicos-raciais e de identidade)</p>

	<u>A gente convive com questões muito justas que são as questões dos negros, as questões [...] gênero. [...] Porque mesmo que eu pessoalmente seja hétero, seja branca. E tem a questão da branquitude, eu tenho que olhar pras outras pessoas como iguais e trabalhar com elas em nível de respeito, não importa a religião, não importa a cor, não importa... Saber que elas são diferentes de mim, mas ao mesmo tempo, saber que elas têm os mesmos direitos que eu. [...]</u>	de gênero) Empatia / Alteridade Equidade / Igualdade Inclusão social
E23	<u>São os valores, os princípios que eu trago da minha família. Isso pra mim, é imprescindível. Faz parte da minha criação, faz parte é... da sociedade em que fui criada, do meio em que eu vim, da Universidade onde estudei, que foi a UNESP. Então, eu trago esses valores desses ambientes. Eu não cheguei na Universidade 1 e adquiri esses valores. Eles já vieram comigo.</u>	O curso de Biblioteconomia não influencia na escolha dos valores que elejo para minha atuação.
E24	<u>[...] É... Como cristã, Eu me pauto muito nesses valores que a Bíblia passa e que o bom senso também exige, que a convivência exige. O respeito é um deles. [...] Tem a lealdade, tem a integridade e, principalmente, a pessoa não ser mentirosa, [...]</u>	Respeito Tolerância Alteridade Honestidade
E25	<u>[...] a honestidade e nunca tentar tirar vantagem, sempre seguir as regras como elas tem que ser e eu gosto sempre de ser, é... [...] Então, tentar não abrir exceções e seguir o que tem que ser seguido à risca de acordo com a legislação. Porque o que a gente vê, assim, é uma conduta [...] de todo ser humano, do Brasil, que é de você tentar tirar vantagem e o aluno vem, ele é um reflexo da sociedade, ele vem com essa ideia de querer dar um jeitinho e querer entregar um trabalho depois do prazo, então, isso também é ética, [...] Então, essas mínimas coisas tentar ser o mais justa com todo mundo diante das regras que a gente tem que seguir, [...] Então, é uma diversidade de formação, que não é fácil a gente manter o mesmo padrão pra todo mundo mas a gente tenta... Eu acho que os princípios são a honestidade [...] e o respeito</u>	Honestidade Cumprimento de Deveres / Obrigações (horários, prazos, legislações) Respeito Justiça
E26	<u>[...] Eu acho que muita responsabilidade, [...] Você vai deixar que crianças tenham acesso a obras que, talvez, não sejam tão adequadas porque eles não vão entender. [...] Mas, ao mesmo tempo, a liberdade é individual, as escolhas são individuais. [...] Nunca achei que tem que se proibir nada. Eu acho que você tem que deixar a pessoa experienciar, [...] Eu te respeito pelo que você fez. [...] Então, responsabilidade, cuidado com o ser, cuidado com a pessoa cuidado com as diferenças,</u>	Responsabilidade Liberdade Cuidado Alteridade Tolerância Sensibilidade

	<u>cuidado com as necessidades específicas de cada um cuidado com as limitações, com as angústias, com o sofrimento. [...] Eu acho que muita sensibilidade no trato com as pessoas, muita sensibilidade no trato com os pares... [...]</u>	
E27	<u>[...] Faço questão de mostrar pros meus alunos que eu gosto do que eu faço, [...]</u> <u>Buscar uma profissão que dê sentido e dê alegria pra vida deles. Dentro de sala de aula, eu tento colaborar e peço que colaborem uns com os outros e comigo. Eu tento ser justa com os meus alunos, pra que eles também sejam justos comigo. Bom, eu tento definir com o grupo, algumas regras, algumas condutas, tá? Tento dar exemplo pra eles, eu tento fazer com que a gente tenha uma convivência boa, saudável e justa. Eu acho que bondade seria a palavra principal. [...]</u>	Amor pelo que se faz Bondade Amor ao próximo Colaboração Justiça
E28	<u>[...] Então, a... a postura de um professor talvez seja o aspecto mais importante, é... acho que para além do campo técnico. A postura dele enquanto ele ensina, ele orienta, ele resolve conflitos em sala de aula, como ele vai resolver esses conflitos, é... porque quando há um conflito [...] Dependendo como tu resolver aquele conflito ali você vai ser um reflexo. Se você tiver emocionalmente preparado pra lidar com eles, e resolver de uma forma neutra, ética, clara, sólida, certamente isso vai lá dentro da cabeça deles e lá eles vão ter esse comportamento na vida profissional. [...]</u>	Responsabilidade Alteridade Tolerância Postura profissional
E29	<u>[...] Eu acho que é essa inquietude, entendeu? [...] Eu gosto de harmonia, eu gosto de trabalho em equipe, eu gosto de desafios, [...] Mesmo com diferenças, as diferenças... [...] trabalhar junto, a equipe ter um... um objetivo em comum [...]</u>	Curiosidade Alteridade Tolerância Colaboração
E30	<u>[...] Primeiro, tem um dizer que eu concordo muito, "Não faça aos outros aquilo que você não quer que lhe façam", [...] Então, se você vem todo o dia na sala de aula, isso é um compromisso, [...] você pede para eles trazerem algo novo pra socializar com os colegas que estejam na área. Você compartilha, porque você acha pertinente, mas daí você aprende a respeitar o momento que o outro tem. [...]</u> <u>Normalmente, eu pergunto: - De onde você veio? Por quê que Biblioteconomia? Para eu entender os contextos daquela pessoa.</u> <u>[...] mas se você não conversar depois sobre o que que ele percebeu, o que ele sentiu, o que que ele achou positivo, negativo, o que que poderia ser melhorado, não valeu nada. Você tem que discutir. [...]</u> <u>E aí, com isso você conseguiu</u>	Alteridade Comunicação Tolerância Responsabilidade Confiança Sensibilidade Colaboração

	<u>confiança, comprometimento, valores, respeito, que são essenciais para mudanças, para aprendizado. Como é que eu vou ensinar alguém se a pessoa não confia em mim? Se a pessoa tem medo de compartilhar? [...]</u>	
E31	<u>[...] um valor ético, que eu acho que é um valor, que é a justiça. [...]</u> outra questão que eu acho que é ética, é o respeito. [...] e isso também em todos os sentidos, <u>Respeito pela fala do outro, respeito [...]</u> pelas opiniões. [...] Outra questão também é de saber trabalhar em grupo. [...] <u>Então, colocar pra eles que todos [...]</u> cada um tem a sua contribuição, [...] <u>Mas cada um contribui, isso que é importante.</u> [...] também acho que não deixa de ser um valor ético, é amorosidade [...] Não é ficar beijando, abraçando, não é nesse sentido, mas de criar na turma uma questão afetiva, [...] a compreensão também que eu tenho da própria aprendizagem é também ela ligada com afeto [...]	Justiça Respeito Tolerância Alteridade Colaboração Afetividade

Questão 7: Que tipo de participação você teve no projeto pedagógico e que avaliação você faz do impacto deste projeto na sociedade?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<u>[...] Uma das práticas da minha vivência é o PPC Projeto Político Pedagógico do curso, junto com os PDIs, Projeto de Desenvolvimento Institucional. [...] o PPC norteia toda uma formação de um profissional, só que muitas vezes, existe um projeto e ele não é colocado em prática. O projeto é muito bonito, [...]a gente vai perguntar para os alunos se eles conhecem o PPC, como é que as coisas acontecem. [...]mas 90%, 60%, alguém cumpre tudo aquilo e o restante faz o que bem entende.]Então, um exemplo, lá dentro PPC tem um plano de ensino. Esse plano de ensino foi pensado, foi desenhado, foi colocado tudo que é necessário de leitura pra que ele realmente se consolide. O que a gente verifica, a biblioteca muitas vezes não tem. Ou o contrário, muitas vezes o plano de ensino tá super desenhado, e o professor tá [...]bem sedimentado, e o professor fala do que bem entende, do que ele gosta. [...]A gente consegue avaliar o PPC pelo egresso. Só que essa avaliação é a longo prazo, [...], é fundamental que se chame a sociedade civil organizada, pra saber quais as demandas, que que eles estão achando, pra eles poderem opinar. Porque na verdade o profissional tá de cara com problemas, ele tá sabendo das demandas. Só que, muitas vezes, isso fica restrito a alguém</u>	Participei da construção do atual projeto político pedagógico como membro do Núcleo Docente Estruturante. Na minha avaliação, algumas demandas profissionais não estão sendo supridas pois os docentes não têm colocado o projeto, na sua totalidade, não em prática.

	<p><u>que pedagogicamente faz</u> e... [...] é necessário muita interação entre professores, [...] Os pares precisam também conversar mais sobre isso. PPC [...] tem que ser colocado em prática [...]</p>	
E2	<p>[...] eu tive [...] <u>pouca participação</u>, porque quando começou eu tava no pós-doc ou recém voltando do pós-doc e como eu atuo numa área muito específica [...] Tive participação no sentido [...] de <u>recomendar</u>, <u>essa questão de disciplina</u> [...]</p> <p>Entrevistadora: <u>E avaliação desse projeto, do impacto dele pra sociedade. Que impactos será que ele tem?</u></p> <p><u>Pra sociedade é ter profissionais melhor formados, mais atualizados, mais abrangentes. Porque é justamente, isso foi e se incorporou uma série de disciplinas, Uma carga de tecnologia muito grande, que é o que a prática demanda cada vez mais.</u> [...]</p>	<p>Minha participação na construção do projeto pedagógico foi no sentido de estar presente em algumas reuniões, discussões e/ou recomendar algumas disciplinas ou conteúdos específicos.</p> <p>O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é que os profissionais terão formação mais atualizada e abrangente, incorporando a questão mais técnica, tecnológica e de gestão atendendo as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado.</p>
E3	<p>[...] <u>participei como membro do Núcleo Docente Estruturante que agora tem aqui na Universidade.</u> [...] nós estamos acreditando que o curso vai [...] A gente tenta fazer o melhor possível, mas é que também a sociedade e as necessidades vão mudando muito, <u>então a gente tem que tá sempre atualizando.</u> [...] Talvez o que o nosso curso ainda, querendo ou não isso é uma coisa que todo mundo fala, <u>é muito tecnicista, parte de tecnologia</u> [...] as nossas disciplinas ainda não são [...] aquelas disciplinas muito sociais[...]</p>	<p>Participei da construção do atual projeto político pedagógico como membro do Núcleo Docente Estruturante.</p> <p>O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é que os profissionais terão formação mais atualizada e abrangente, incorporando a questão mais técnica, tecnológica e de gestão atendendo as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado.</p>
E4	<p><u>Eu não participei desse projeto.</u> [...] <u>Desconheço ele.</u> [...] <u>Não se fala nada dele[...]</u> <u>Eu</u></p>	<p>Não participei de forma efetiva da construção do</p>

	<p><i>não consigo fazer [a avaliação], porque realmente é uma coisa que... [...] Eu desconheço. [...] Nunca ouvi falar. Não há divulgação. É a primeira vez que eu tô ouvindo falar.</i></p>	<p>atual projeto político pedagógico.</p> <p>Eu não consigo fazer a avaliação do impacto do projeto político pedagógico do curso porque desconheço o PPC e/ou Desconheço o impacto que o projeto político pedagógico tem para a sociedade.</p>
E5	<p><i>[...] A participação não foi direta [...] Eu não fazia parte da comissão [...] de elaboração desse projeto. [...] havia uma comissão designada pra isso e eles nos comunicavam algumas coisas em reuniões específicas pra isso e havia alguma discussão [...] eu não participei do pensamento [...] desse projeto pedagógico. [...] Então, eu ouvia de bibliotecários [...] falando que havia um diferencial, talvez por conta do peso das disciplinas de tecnologias, administração e gestão. <u>Isso eu acho que é uma coisa muito interessante e necessária que a gente continue dando conta, [...] Eu só acho que a gente tem que aumentar esse impacto, como eu falei, pensar também em outras frentes de atuação pra além da tecnológica.</u> [...] é quase que um retorno lá pra origens do ensino da Biblioteconomia, [...] ter um alcance social maior, [...] eu acho que o impacto seria maior também. [...]</i></p>	<p>Minha participação na construção do projeto pedagógico foi no sentido de estar presente em algumas reuniões, discussões e/ou recomendar algumas disciplinas ou conteúdos específicos.</p> <p>O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é que os profissionais terão formação mais atualizada e abrangente, incorporando a questão mais técnica, tecnológica e de gestão atendendo as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado.</p> <p>Acredito que no que tange ao alcance social da profissão o impacto do projeto político pedagógico na sociedade é pequeno pois predomina-se uma ênfase tecnicista na atuação do bibliotecário.</p>
E6	<p><i>[...] <u>Qual o papel que eu tive na época? Foi de tentar convencer os bibliotecários dentro do... dentro do departamento de Ciência da Informação, que a gente tinha que ter profissionais de outras áreas aqui dentro. Como se fazem em todos os outros cursos de</u></i></p>	<p>Minha participação na construção do projeto pedagógico foi no sentido de estar presente em algumas reuniões, discussões e/ou</p>

	<p><u>Biblioteconomia, Ciência da Informação e Arquivologia no Brasil inteiro.</u> [...] <u>Eu acho que brutal</u> [o impacto que esse projeto tem na sociedade], <u>porque a gente vai formar um profissional que vai tá muito mais moldado ao mercado e, pelo menos, ao que o mercado tá exigindo hoje. Por exemplo, hoje 90% do que nós fazemos é em questões de informática. Além do controle documental, mas a gente usa a informática como recurso.</u> [...] <u>E é esse o requisito-chave dos que nós estamos formando. Por exemplo, nós vamos ter uma disciplina de [...]</u> como visualizar a informação [...] com softwares livres. O cara vai poder aplicar isso na empresa. <u>Que já é o produto final, que já é como o usuário vai ver a informação mastigada, visual, às vezes, em forma de gráfico... em forma de gráfico.</u> [...] O cara vai aprender a fazer [...] desenvolvimento de coleção por sistemas automatizados, por softwares livres. [...] <u>A gente vai querer formar um bibliotecário que saia da universidade e que saiba buscar recursos, ferramentas, softwares, pra tomar decisão dentro da empresa.</u> [...]</p>	<p>recomendar algumas disciplinas ou conteúdos específicos.</p> <p>O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é que os profissionais terão formação mais atualizada e abrangente, incorporando a questão mais técnica, tecnológica e de gestão atendendo as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado.</p>
E7	<p>[...] <u>Eu diria assim que, eu defendi de unha e dentes a manutenção das disciplinas práticas</u> [...] <u>Então eu defendi essa questão, de termos também junto</u> [...] <u>essas novas versões que a gente tem achando que tudo a tecnologia vai resolver, mas que também a prática se faz importante, que é na parte do núcleo forte da Biblioteconomia que é a classificação, a indexação e catalogação. Elas estão presentes, inclusive, nas altas tecnologias,</u> [...] <u>eu defendi nessa questão do projeto [...] Impacto para a sociedade? Eu acho que, justamente, por todos esses adventos, todas essas mudanças,</u> [...] <u>essa reformulação[...] acaba dando uma [...]</u> <u>nova visão[...]</u> <u>que é a questão da [...]</u> <u>recuperar, organizar e disseminar, mas dentro dessas novas áreas, então com as disciplinas novas</u> [...] <u>projeta tanto o curso como o próprio profissional que sai do curso atualmente com o domínio melhor dessa parte das tecnologias,</u> [...]</p>	<p>Minha participação na construção do projeto pedagógico foi no sentido de estar presente em algumas reuniões, discussões e/ou recomendar algumas disciplinas ou conteúdos específicos.</p> <p>O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é que os profissionais terão formação mais atualizada e abrangente, incorporando a questão mais técnica, tecnológica e de gestão atendendo as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado.</p>
E8	<p><u>No projeto pedagógico, eu atuei desde que eu entrei no departamento.</u> [...] <u>Eu acredito que, assim[...]</u><u>eu acho que a gente tem entregue pro mercado bibliotecários mais próximos, com discursos diferentes em relação às tecnologias da</u></p>	<p>Participei da construção do atual projeto político pedagógico como membro do Núcleo Docente Estruturante.</p>

	<u>informação.</u> [...]	O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é que os profissionais terão formação mais atualizada e abrangente, incorporando a questão mais técnica, tecnológica e de gestão atendendo as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado.
E9	[...] <u>Eu não participei do projeto</u> [...] <u>E eu acho que o principal... a principal contribuição, é... no sentido [...] de pensar no bibliotecário enquanto profissional que atua como, [...] com informação e existem inúmeras demandas sociais, [...] econômicas, no ambiente empresarial que precisam ser resolvidas</u> [...] <u>Eu acho que é um impacto positivo, mas tem que se discutir mais a questão da ética como tu colocastes, das questões [...] das relações, talvez trazer mais pro lado humano também</u> [...] <u>a gente tá muito voltado pras questões técnicas</u> [...]	Não participei de forma efetiva da construção do atual projeto político pedagógico. O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é que os profissionais terão formação mais atualizada e abrangente, incorporando a questão mais técnica, tecnológica e de gestão atendendo as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado. Acredito que no que tange ao alcance social da profissão o impacto do projeto político pedagógico na sociedade é pequeno pois predomina-se uma ênfase tecnicista na atuação do bibliotecário.
E10	[...] <u>o projeto da Biblioteconomia eu não tive participação na construção, [...] Assim, agora eu não sei como é que ele tá</u> [...]	Não participei de forma efetiva da construção do atual projeto político pedagógico. Eu não consigo fazer a

		avalição do impacto do projeto político pedagógico do curso porque desconheço o PPC e/ou Desconheço o impacto que o projeto político pedagógico tem para a sociedade.
E11	<u>[...] Eu não tive muita participação[...] não tava [...] no Núcleo Docente Estruturante, eu não tava em nada disso. [...] Eu acho que, o currículo, a proposta que ele, o departamento tá indo, [...] atendendo perfeitamente a demanda da sociedade que a gente tá construindo. Que é aprender [...] tudo uma visão de lucro, tudo é uma visão de coisa que se pode negociar, [...] é importante a gestão[...] Vocês podem sair na rua e gritar fora Dilma, fora Temer, fora quem vocês quiserem. Sentar e ler um texto, presidente nenhum vai fazer por vocês, [...] Tem que sentar e tem que ler. Eu acho que a mudança no currículo... menos disciplinas, menos humanas, menos Filosofia, menos Sociologia, menos Antropologia, menos qualquer coisa que te dê duas visões, [...] Tem menos nesse currículo, por isso que eu acho que ele atende perfeitamente a demanda. [...] Vão sair tudo empregado em empresa privada.</u>	Não participei de forma efetiva da construção do atual projeto político pedagógico. O impacto do projeto político pedagógico na sociedade vai na direção de fomentar o desenvolvimento capitalista, baseado na hegemonia econômica das empresas privadas. Este projeto não propicia ao profissional consciência ético-política para atuar com criticidade perante as demandas sociais.
E12	<u>[...] eu não tive participação na construção do projeto político atual. [...] A gente só tá agora pensando em uma atualização, mas é do... mas ainda vai ser é... analisado pela... pelo colegiado do curso. E aí, incluímos disciplinas e ementas em algumas disciplinas que abordam essas questões da formação política do bibliotecário, da consciência ética e essa responsabilidade social também.</u>	Não participei de forma efetiva da construção do atual projeto político pedagógico. Acredito que no que tange ao alcance social da profissão o impacto do projeto político pedagógico na sociedade é pequeno pois predomina-se uma ênfase tecnicista na atuação do bibliotecário.
E13	<u>Não participei muito. [...]As pessoas que fazem o projeto pedagógico funcionar somos nós professores. Então, você pode dar a mesma aula do que eu de um jeito completamente diferente. Não importa o que fala projeto pedagógico. Depende do professor. [...] Olha, desse meu ponto de vista, o que eu gostaria é que o impacto fosse o menor possível. Entrevistadora: E você acha que é grande? Você acha que é... Desconheço exatamente. Não tenho ainda experiência pra isso se tem muito impacto. [...]</u>	Não participei de forma efetiva da construção do atual projeto político pedagógico. Eu não consigo fazer a avaliação do impacto do projeto político pedagógico do curso porque desconheço o PPC e/ou Desconheço o

	<i>Mas eu acho que a gente tem que ensinar as pessoas a pensarem por elas mesmas. Projeto é só uma pequena coisa, pra mim é uma estrutura.</i>	impacto que o projeto político pedagógico tem para a sociedade.
E14	<i>[...] eu não participei também desse processo. [...] Imagino [o impacto] porque as disciplinas de base, essas do núcleo comum, elas dão uma <u>formação mais reflexiva</u>. As disciplinas, <u>elas auxiliam na base, na formação técnica</u>, então dão uma <u>base mais sólida</u> e ao mesmo tempo encaminham [...] pra que os alunos façam reflexões diante da sociedade da informação. [...]</i>	Não participei de forma efetiva da construção do atual projeto político pedagógico. O impacto do projeto político pedagógico na sociedade se dá por meio de profissionais com melhor formação técnica e com uma base mais reflexiva sobre a sociedade da informação.
E15	<i>[...] eu não tive participação [...] <u>Eu olhei um pouco o histórico, ele sofreu algumas alterações... alterações importantes, eu acho, que não só pro departamento, mas também pros novos ingressantes no curso de Biblio.</u> [...] A gente <u>tem disciplina de ética, tem disciplina de empreendedorismo</u>, [...] <u>Então, eu acho que esse novo olhar. Se a gente tinha antes, uma ideia de que as pessoas entravam no curso de Biblioteconomia: - Ah, quero ser bibliotecário pra trabalhar numa biblioteca. Ou aquela visão errônea da sociedade achar que o bibliotecário é a pessoa que fica ali guardando livro... Então, eu acho que a construção de currículos atualizados com disciplinas e temáticas atuais [...]</u></i>	Não participei de forma efetiva da construção do atual projeto político pedagógico. O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é que os profissionais terão formação mais atualizada e abrangente, incorporando a questão mais técnica, tecnológica e de gestão atendendo as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado.
E16	<i>[...] Eu não atuei de forma direta na elaboração do projeto pedagógico do curso. [...] Agora você quer saber o impacto desse projeto...? [...] <u>Aí, a gente retoma um pouco algumas questões, <u>Esse profissional que consiga olhar de forma mais ampla possível a informação, não tão é... fechada dentro só de uma biblioteca,</u> [...]. <u>Então, eu creio que... que o curso tem se voltado um pouco mais pra essas demandas de forma mais ampla, Não tão tecnicista se a gente pode comparar, assim, com algumas décadas atrás. Você tinha cursos muito voltados pra um fazer, mas sem uma reflexão de pra quê fazer aquilo, Pra quê aquela informação serviria? Pra quê organizar determinadas informações, Eu</u></u></i>	Minha participação na construção do projeto pedagógico foi no sentido de estar presente em algumas reuniões, discussões e/ou recomendar algumas disciplinas ou conteúdos específicos. O impacto do projeto político pedagógico na sociedade se dá por meio de profissionais com melhor formação

	<u>acho que essa formação mais ampla desse profissional precisa tá presente e creio que o grupo está consciente dessa dessa necessidade.</u>	técnica e com uma base mais reflexiva sobre a sociedade da informação.
E17	<u>[...] Eu participei do Colegiado até o ano passado também, então, participei de várias reuniões. [...] A gente tem... agora eu vou falar um pouco mais do meu lado. A gente tem um problema muito grande na web, quem usa sabe disso, Na internet, de maneira geral, A gente tem um excesso de informação. Então, a gente tá hoje meio que trabalhando... vertentes como competência informacional. [...] Muitas pessoas não sabem nem como começar a utilizar isso. Então, acho que o papel do bibliotecário é um pouco por aí também, [...]</u>	Minha participação na construção do projeto pedagógico foi no sentido de estar presente em algumas reuniões, discussões e/ou recomendar algumas disciplinas ou conteúdos específicos. O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é que os profissionais terão formação mais atualizada e abrangente, incorporando a questão mais técnica, tecnológica e de gestão atendendo as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado.
E18	<u>[...] eu fiz parte da equipe [...] que reestruturou na época [...] Nós tínhamos é... dois estágios, em dois semestres separados e a gente juntou pros alunos poderem fazer fora de Florianópolis, então dar oportunidade dos nossos alunos não ficarem só perto da Universidade [...] Então, podia voltar, inclusive, pras suas cidades durante seis meses e, talvez, construir uma possibilidade de emprego, durante o estágio, pra depois voltarem pras suas cidades... Então, essas oportunidades a gente pensou nessa reformulação. Eu te confesso que eu voltei do doutorado um pouco frustrada, porque eu achei que eu ia voltar quatro anos depois e... e iam ter vários exemplos disso, e não teve! Hoje, é que as pessoas dizem que poucas pessoas acabaram usufruindo desse estágio [...] Os estágios acabaram acontecendo muito aqui, com raríssimas exceções! [...] Eu fiquei um pouco decepcionada com o que eu vi agora quase oito anos depois com o que a gente se tornou que realmente não foi ainda do jeito que eu esperava. Mas eu acho que teve um bom impacto as mudanças das disciplinas, é... por outro lado, eu</u>	Participei da construção do atual projeto político pedagógico como membro do Núcleo Docente Estruturante. O impacto do projeto político pedagógico foi pequeno no que a criação de novos locais para estágio e possível atuação do bibliotecário em Santa Catarina, fora da capital. Acredito que no que tange ao alcance social da profissão o impacto do projeto político pedagógico na sociedade é pequeno pois predomina-se uma ênfase tecnicista na atuação do bibliotecário.

	<p><u>confesso que eu também fiquei um pouco... Acho que teve uma falha, nós tiramos muitas disciplinas [...] da área de humanas e sociais. Então, existia a Sociologia, existiam algumas disciplinas que elas foram... é... retiradas e tal, da grade e hoje eu sinto falta. [...] Eu não acho que foi acertado, eu acho que, inclusive, quando a gente quer dar uma noção um pouco mais de ética e política e tal pros alunos, às vezes, a gente podia ter um... um apoio aí de algumas disciplinas [...] das humanas e sociais que a gente acaba não tendo [...]</u></p>	
E19	<p><u>Bom, desse projeto pedagógico que foi implantado em 2016 eu tive 100% de participação [...] Então, eu participei ativamente de toda essa construção de todos os cursos... é... das particularidades de cada curso [...] a gente teve de primeiro reflexo um aumento na procura do vestibular [...] eu vejo uma possibilidade de inserção mais forte do nosso profissional, do nosso egresso como profissional, porque ele vai sair como [...] com um conhecimento um pouco mais pulverizado, Ele continua com seu conhecimento técnico, com sua expertise técnica do bibliotecário, mas agrega outros conhecimentos outras formas de inserção que a gente vê que vai [...] que vai ter uma inserção melhor no mercado. [...] não adianta formar um profissional que não vá se alinhar com o mercado que vai absorvê-lo.</u></p>	<p>Particpei da construção do atual projeto político pedagógico como membro do Núcleo Docente Estruturante.</p> <p>O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é que os profissionais terão formação mais atualizada e abrangente, incorporando a questão mais técnica, tecnológica e de gestão atendendo as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado.</p>
E20	<p><u>[...] Eu participei na época [...] e vejo que os alunos perceberam uma grande... um ganho pra eles também, no sentido de que eles podem, por exemplo, hoje eles tem mais opções de realizar disciplinas que são do núcleo comum, no caso da Universidade 2, tanto à noite, tradicionalmente na Biblioteconomia, quanto de manhã na Arquivologia. Então, alguns alunos têm essa possibilidade e o que tem acontecido também, uma coisa bem interessante que eu vejo pra área que é alunos formados na Biblioteconomia voltando pra fazer cursos de Arquivologia ou de Ciência da Informação e o contrário também, alunos de Arquivologia já formados retornando pra fazer curso de Biblioteconomia, formando um profissional, que eu vejo, bem interessante pro mercado, pra sociedade. [...] eu acho que é um passo bem... evoluído [...] pra área contribuir mais para a</u></p>	<p>Particpei da construção do atual projeto político pedagógico como membro do Núcleo Docente Estruturante.</p> <p>O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é que os profissionais terão formação mais atualizada e abrangente, incorporando a questão mais técnica, tecnológica e de gestão atendendo as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como o</p>

	<p>sociedade, <u>Eu vejo que assim o nosso profissional, ele pode [...] ele pode atuar de uma forma mais abrangente, ele pode ter uma visão mais clara sobre como organizar essas informações, seja de arquivo ou de biblioteca ou outro tipo de instituição qualquer, eles conseguem ter uma visão mais abrangente, ele consegue trazer mais colaboração pra isso e é bom pras organizações que vão tê-los e pra sociedade em geral.</u></p>	<p>desenvolvimento científico e tecnológico do Estado.</p>
E21	<p>[...] <u>Agora, o que isso representa pra sociedade?</u> [...] <u>o que a gente ouve, da capacidade de trabalho do nosso aluno, de responsabilidade, da confiabilidade, mesmo nos estágios. Que a gente depois recebe as avaliações [...]</u> <u>Que o aluno foi cuidadoso, [...] ele traz uma bagagem de conhecimento [...] que modificou ou modifica a instituição [...]</u> [minha participação] <u>Foi direta,</u></p>	<p>Participei da construção do atual projeto político pedagógico como membro do Núcleo Docente Estruturante.</p> <p>O impacto do projeto político pedagógico foi positivo no que tange à capacidade de trabalho do aluno e/ou egresso. Eles inserem-se cedo no mercado de trabalho e/ou apresentam responsabilidade, confiabilidade, conhecimento e inferem positivamente na instituição.</p>
E22	<p><u>Eu não tive praticamente nenhuma participação, [...] Ele tem uma visão, no meu ponto de vista, que é uma visão bastante voltada pra sociedade, mas que também tem [...] uma visão bastante mercadológica [...]</u> <u>ele tem muito a ver com o mercado, com o mundo do trabalho. [...]</u> <u>a gente quer que o mercado absorva esses profissionais, então a gente trata de fazê-los competentes e a gente tá sendo bem sucedido nisso porque os nossos alunos passam em concursos públicos e precisam colar grau em gabinete porque já... antes mesmo de se formar já estão sendo contratados, [...] tem toda uma vertente social que precisa agora ser resgatada, precisa agora ser reforçada. [...]</u></p>	<p>Não participei de forma efetiva da construção do atual projeto político pedagógico.</p> <p>O impacto do projeto político pedagógico foi positivo no que tange à capacidade de trabalho do aluno e/ou egresso. Eles inserem-se cedo no mercado de trabalho e/ou apresentam responsabilidade, confiabilidade, conhecimento e inferem positivamente na instituição.</p> <p>Acredito que no que tange ao alcance social da profissão o impacto do projeto político pedagógico na</p>

		sociedade é pequeno pois predomina-se uma ênfase tecnicista na atuação do bibliotecário.
E23	[...] eu não tive uma participação efetiva [...]	Não participei de forma efetiva da construção do atual projeto político pedagógico.
E24	[...] Já passamos assim, por várias mudanças curriculares, sempre com o sentido de aprimorar e sempre muito preocupada a matriz curricular com as tecnologias. <u>Isso é uma preocupação minha, porque vamos atender o ser humano. Então, sinto que falta disciplina mais voltada pras Humanidades.</u> [...] <u>Então, eu sinto que falta, por exemplo, uma Psicologia Social.</u> [...] porque o curso de Biblioteconomia está como se fosse um curso técnico [...] eu já tenho participado, assim, <u>Sugestões de ofertas de disciplinas nem sempre é acatada.</u> [...] <u>acho que esse impacto é muito grande se esse profissional já tiver essas noções de Psicologia Social, de Filosofia, do trato com o outro, da ética, eu acho que o impacto vai ser grande.</u> [...] <u>tem que ser um pouco psicólogo e se ele não tiver essa disciplina, se ele não tiver a disciplina de "Psicologia" como vai ser? Eu acho que o impacto é grande se a gente se mostrar mais como humano e menos como aquele camarada que fica atrás da máquina.</u>	Minha participação na construção do projeto pedagógico foi no sentido de estar presente em algumas reuniões, discussões e/ou recomendar algumas disciplinas ou conteúdos específicos. Acredito que no que tange ao alcance social da profissão o impacto do projeto político pedagógico na sociedade é pequeno pois predomina-se uma ênfase tecnicista na atuação do bibliotecário.
E25	[...] <u>Então, a gente chamou pra fazer os projetos, representantes de entidades de classe, profissionais atuantes na área, egressos dos cursos e fez muitas reuniões, muitas discussões e repensou.</u> [...] <u>Eu acho que é um impacto bem positivo, porque eu vejo que as áreas hoje, elas tão [...] trabalhando muito interdisciplinarmente.</u> <u>Então, o bibliotecário, se ele vai trabalhar numa área mais tecnológica, por exemplo, que é uma demanda muito grande da sociedade, a gente tem, por exemplo, em Santa Catarina, um parque tecnológico, tem empresas de tecnologia que trabalha com gestão do conhecimento, gestão da informação.</u> [...] <u>E eu acho que a demanda mais gritante atualmente, é essa demanda tecnológica</u> [...] <u>Eu sinto que nas empresas a gente precisa ocupar esse campo de trabalho, pra que a gente tenha mais visibilidade profissional.</u> [...] <u>o impacto que a gente pode ter na sociedade, no desenvolvimento científico e tecnológico de Florianópolis e do estado é muito grande.</u> [...]	Minha participação na construção do projeto pedagógico foi no sentido de estar presente em algumas reuniões, discussões e/ou recomendar algumas disciplinas ou conteúdos específicos. O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é que os profissionais terão formação mais atualizada e abrangente, incorporando a questão mais técnica, tecnológica e de gestão atendendo as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento

		científico e tecnológico do Estado.
E26	<i>[...] eu participei [...] eu acredito que nós tivemos um ganho muito grande. É... Não só organizacional pra nós, em funcionalidade dentro do Departamento, mas também em organização para o curso. O aluno de Biblioteconomia <u>vai ter uma base que ele não tinha até hoje.</u> [...] <u>ele vai ter estudado gestão, ele vai ter estudado empreendedorismo, ele vai ter estudado uma série de outras...disciplinas importantes pra formação dele.</u> [...] <u>ele vai ter uma base muito maior pra ele entrar nas especificidades.</u> [...] <u>Eu acho que ele vai sair preparado pra esse novo tipo de sociedade que a gente tem, que é uma sociedade em que a informação circula por muitos espaços, por muitos suportes e que ele, muitas vezes, não tem conhecimento. Então, ele vai tá preparado pra tecnologia e vai ter o conhecimento básico de um bibliotecário que esse é essencial!</u> [...]</i>	Participei da construção do atual projeto político pedagógico como membro do Núcleo Docente Estruturante. O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é que os profissionais terão formação mais atualizada e abrangente, incorporando a questão mais técnica, tecnológica e de gestão atendendo as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado.
E27	<i><u>Não tive participação alguma no projeto pedagógico vigente.</u> [...]</i>	Não participei de forma efetiva da construção do atual projeto político pedagógico.
E28	<i>[...] eu não participei disso, infelizmente [...] <u>Entregar melhores profissionais, mais atualizados, que esse projeto político pedagógico, ele trouxe isso.</u> [...] pra ter uma maior competitividade, ele trouxe isso. [...]</i>	Não participei de forma efetiva da construção do atual projeto político pedagógico. O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é que os profissionais terão formação mais atualizada e abrangente, incorporando a questão mais técnica, tecnológica e de gestão atendendo as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado.
E29	<i>[...] <u>Eu não participei!</u> [...] A consequência disso, ela é... é relativa. [...] eu acho que a gente forma profissionais. A gente trabalha eles [...] Mas eu acho que a gente fica aquém do que a gente podia fazer[...] a gente treina os profissionais, a gente trabalha esses profissionais, a gente</i>	Não participei de forma efetiva da construção do atual projeto político pedagógico. O impacto do projeto

	<i>desenvolve esses caras, [...] mas eu acho que a gente fica aquém daquilo que a gente poderia fazer [...] Então, o impacto na sociedade [...] é um cara menos crítico, menos ativo do que ele poderia ser. [...] fazer o cara ser mais proativo, a sociedade ganha mais. [...] um bibliotecário mais ativo como profissional da informação tem um impacto indireto na sociedade. [...] Porque ele auxiliaria no desenvolvimento da criticidade do cidadão. [...]</i>	político pedagógico na sociedade é negativo pois ele não privilegia a formação de um profissional com visão crítica e proativa.
E30	<i>[...] eu não...</i>	Não participei de forma efetiva da construção do atual projeto político pedagógico.
E31	<i>[...] lembro que a gente participou [...] eu digo assim, que a gente tem tido de retorno, Quantos alunos que a gente encontra, ex-alunos em locais, [...] Hoje, hoje então, eu vejo muito isso no estágio. Vou no IFSC encontro ex-aluno, vou na biblioteca da UFSC, ex-aluno, vou nas escolas, ex-alunos, ex-alunas. Então, assim, eu acho que dá um certo panorama do quanto os nossos... [...] Então, eu acho que o nosso curso, ele tem uma empregabilidade, os nossos alunos, isso é uma questão que a gente também sempre escuta falar, se dão muito bem nos concursos, Tanto que a gente tem alunos em Curitiba, saem daqui também e fazem concurso pra fora e conseguem colocações. [...]</i>	Participei da construção do atual projeto político pedagógico como membro do Núcleo Docente Estruturante. O impacto do projeto político pedagógico foi positivo no que tange à capacidade de trabalho do aluno e/ou egresso. Eles inserem-se cedo no mercado de trabalho e/ou apresentam responsabilidade, confiabilidade, conhecimento e inferem positivamente na instituição.

Questão 8: Em que sentido o Projeto Pedagógico lhe serve de base para realizar suas ações?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<i>[...] <u>a gente não pode alterar. A ementa, é... Conteúdo progr... A ementa, a gente não pode de maneira nenhuma alterar o nome da disciplina e tudo mais. Mas nada impede que eu altere a bibliografia e que eu dê um outro enfoque mais atual desse projeto pedagógico. [...] ele é muito importante. [...] o projeto pedagógico é um instrumento, é uma ferramenta, tem que ser aplicado, tem que ser avaliado, [...] ele tem que ser bastante atualizado, alunos tem que ler livros.</u></i>	O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar a prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados.
E2	<i>O projeto pedagógico? O projeto pedagógico ele é a base de tudo, [...] Quando eu</i>	O PPC é a base para minha ação em sala de

	<u>dou aula, eu sempre sei que as outras disciplinas da minha fase tão fazendo, e eu faço trabalho articulado com outras disciplinas da mesma fase tanto quanto possível. E eu sei que a minha disciplina é base pra todas que vem na sequência.</u>	aula. A partir dele tem-se o entendimento da estrutura curricular e é possível articular as disciplinas, fornecendo sentido à construção dos conteúdos disciplinares.
E3	[...] <u>Então, eu acho assim, o projeto pedagógico eu acho que nos faz sempre tá acompanhando em atingir os objetivos, a missão que tá ali e a gente tem que tá se atualizando, porque ele quer sempre colocar um profissional melhor no mercado [...]</u>	O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar o prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados.
E4	[...] <u>Estudamos um pouco mais, pela oportunidade de estudar e transmitir esse conhecimento, mas o conhecimento está sempre em transformação. [...] Dá uma diretriz de como possa melhorar. [...] Pra mim é um instrumento fundamental sim porque às vezes a gente os professores, se acham, maior do que o projeto e não se admite que seja chamada a atenção [...]</u>	O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar o prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados.
E5	[...] <u>todo o começo de semestre quando eu vou montar meus... meus planos de ensino, É minha base... Ele também me serve de parâmetro, [...] a ementa, eu não posso mexer, no conteúdo programático, eu posso. Então, pra eu não [...] não sair muito dos limites do que é proposto, então, ele também serve como referência l, tá? [...] que ele é pra mim, uma referência [...] Quase que um... é... uma obra de consulta, quando eu preciso tirar uma dúvida específica de uma carga horária [...]</u>	O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar o prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados.
E6	[...] <u>Claro! Pra mim, sim! [...] Quando a gente foi criar esse novo projeto [...] cada disciplina que foi criada foi feita por especialista naquela disciplina. [...] Então, era controlado e era defendido dentro do colegiado do departamento. Então, por exemplo, se alguém não concordava com algum tema, a gente fazia umas discussões até chegar a um consenso. Nós levamos seis meses pra aprovar todas as disciplinas e para o desenvolvimento do tronco único. Pra depois ter os desmembramentos das disciplinas da... dos cursos por... por si só, [...]</u>	O PPC é a base para minha ação em sala de aula. A partir dele tem-se o entendimento da estrutura curricular e é possível articular as disciplinas, fornecendo sentido à construção dos conteúdos disciplinares.
E7	[...] <u>Acredito [no projeto]! Se você votou, tu</u>	O PPC é uma referência

	<p>tá votando junto... Pode ser a minoria e não ter concordado com [...] todo o seu conteúdo, Mas eu acho que toda a mudança, ela é válida e... qualquer modificação, alguma coisa você assume, Acho que todos deveriam assumir.</p>	<p>na qual fornece parâmetros para orientar o prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados.</p>
E8	<p><i>Bom, primeiro a concepção disciplinar, As... A formação, competência e habilidades que ainda é trabalhado nesses termos, [...] Os componentes curriculares é... toda a estrutura de... de área, de conhecimento que ele é desenvolvido, Ainda é um conceito bastante verticalizado. As áreas têm pouca relação transversal entre si, [...] Então, a tecnologia e a pesquisa são vistas como um campo de atuação e disciplinas diferentes, E a gente sabe que... a questão tecnológica é uma coisa que permeia a... todas as quatro áreas e a pesquisa também, [...] Não é um conjunto de habilidades que você desenvolve numa disciplina e é assim que tá materializado no nosso curso através das disciplinas de metodologia. As tecnologias também. E a evidência disso, é que assim, a gente vê os alunos concluírem o curso sem habilidades com softwares, sem habilidades que [...] a gente tinha uma expectativa no [...] no início do curso, [...] você percebe no TCC que ele não desenvolveu habilidade de pesquisa, não desenvolveu habilidade para o uso de tecnologias. Por quê? Porque elas são concebidas de forma desintegrada, Essas são questões, são características do projeto pedagógico e tem desdobramentos [...]</i></p>	<p>O PPC não atende totalmente a minha expectativa uma vez que apresenta um déficit de transversalidade entre os conteúdos o que se reflete na formação do aluno.</p>
E9	<p><i>[...]É fundamental, porque entendendo o projeto pedagógico, em especial, as disciplinas, não só as disciplinas que eu estou diretamente ligado, mas as disciplinas que tem interface com as minhas disciplinas, eu consigo articular melhor os conteúdos de modo a estabelecer essas... essas relações pra que faça mais sentido aquilo que o aluno tá aprendendo na cabeça dele, [...] eu sempre que possível procuro estabelecer as relações entre disciplinas, especialmente as disciplinas que eu leciono ao longo do curso, Então, eu acho que isso é muito importante Muito importante mesmo. Até pra estabelecer trabalhos interdisciplinares [...] importante o aluno ter esse visão holística da coisa mais global, mais geral. [...]</i></p>	<p>O PPC é a base para minha ação em sala de aula. A partir dele tem-se o entendimento da estrutura curricular e é possível articular as disciplinas, fornecendo sentido à construção dos conteúdos disciplinares.</p>

E10	<p><u>Ele é um guia, mas mais na disciplina que eu tô ministrando. [...] na totalidade ele não [...] Eu vou muito mais pelo que eu acredito, pelo que eu [...] leio, pelo que eu entendo, pelo que eu acho que deve ser [...] Por exemplo, esse viés [...] Isso que eu falei, ele tem lá... [...] idealista. Tipo, assim, tá lá o aspecto social, mas na prática ele é muito variável. [...] Ele não influencia, eu sei que tá lá, eu sei que é considerado importante [...] discuto nas minhas disciplinas, mas não é porque tá no projeto. É um projeto ele foca mais... eu foco mais no programa e no meu plano de ensino. Minhas concepções...</u></p>	<p>O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar a prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados.</p> <p>Eu me baseio no PPC no que diz respeito à disciplina que estou ministrando. Entretanto, ele não influencia totalmente minha ação. Acredito que tange o aspecto social ele se distancia da realidade.</p>
E11	<p><u>[...] Não sei! [...] É difícil! É... sei lá, quando eu tenho a oportunidade de trazer um texto, uma coisinha mais diferente, assim tipo um Manifesto Comunista, [...] Eu tava dando Introdução à Filosofia, então é mais fácil, De sair um pouco, assim... [...] tomara que não me deem essas disciplinas nunca pra eu ministrar, que eu não sei o que fazer [...]. Empreendedorismo, nossa senhora! [...] Porque na minha área, pelo menos, eu consigo [...] apesar de técnica, a minha área ser mais puxada pro técnico, consigo ainda, mostrar, discutir, [...]</u></p>	<p>Eu não acredito na utilidade e na finalidade do PPC e/ou não me identifico com o mesmo, portanto o ele tem pouca influência sobre minha ação.</p>
E12	<p><u>[...] Existe toda uma relação entre as disciplinas, as próprias ementas, então ele... ele teria que estar alinhado pra gente poder organizar as disciplinas de acordo com o projeto, atendendo os objetivos propostos, a formação... [...] é lá que o professor vai buscar subsídios pra poder construir seus projetos de pesquisa, seus projetos de extensão, a organização de um evento, pra concorrer a um edital, é... mesmo pra conseguir uma bolsa... Então, é... as respostas devem estar lá no projeto pedagógico, e é lá que... esse é o documento que deve embasar toda a prática docente. [...]</u></p>	<p>O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar a prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados.</p> <p>O PPC é a base para minha ação em sala de aula. A partir dele tem-se o entendimento da estrutura curricular e é possível articular as disciplinas, fornecendo sentido à construção dos</p>

		<p>conteúdos disciplinares.</p> <p>O PPC serve como base para a construção de projetos de pesquisa e extensão, organização de eventos e/ou para concessão de bolsas.</p>
E13	<p>[...] <u>Não, eu acho que tem que ter uma base fundamental. Se falamos em medicina tem que ter uma base que todo mundo [...] que as pessoas têm que conhecerem. Se falamos de Biblioteconomia, eu acho que não é igual.. [...] Eu gostaria que fosse o mínimo possível o impacto do projeto. [...] Em que parte o projeto pedagógico de nenhuma área... praticamente, de nenhuma área fala que você tem que ensinar a pensar as pessoas. Talvez em Filosofia, talvez, [...] Mas nenhum lugar fala que você tem que ensinar a pensar as pessoas. É que o projeto pedagógico é uma coisa administrativa. [...] Aqui eu sei que nós gostamos muito da burocracia. [...] E no projeto pedagógico, você não pode contemplar professores que são de esquerda, de direita, professores que são machistas, [...] isso não entra no projeto pedagógico. [...]</u></p>	<p>Eu não acredito na utilidade e na finalidade do PPC e/ou não me identifico com o mesmo, portanto o ele tem pouca influência sobre minha ação.</p>
E14	<p><u>Eu observo o perfil acadêmico. [...] Tanto que o que se espera do aluno do futuro. [...] eu tento adequar pra os objetivos da disciplina, pros objetivos das aulas. [...] Então, na realidade como existe um perfil esperado dele depois... quando ele termina o curso, o pedagógico aponta o que se espera do aluno no mundo do trabalho. [...]</u></p>	<p>O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar o prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados</p>
E15	<p>[...] eu tô com disciplinas que aí se encaixam nessa categoria que eu coloquei* [...] o caso de empreendedorismo isso me [...] é muito motivador. [...] Ter uma disciplina que traz temáticas diferentes, que é uma disciplina de primeiro semestre que tenta abrir a cabeça do aluno Por meio desse caminho, aí, que eu vejo a possibilidade, [...] Daí, eu já engato junto com a minha atuação dentro da empresa júnior, já vou fazendo ações integradas, [...]</p> <p>* [trecho da questão anterior: “Então, eu acho que a construção de currículos atualizados, [...] com disciplinas e temáticas atuais também ajuda pra essa imagem [...] desse profissional, da importância desse profissional na sociedade.”]</p>	<p>O PPC é a base para minha ação em sala de aula. A partir dele tem-se o entendimento da estrutura curricular e é possível articular as disciplinas, fornecendo sentido à construção dos conteúdos disciplinares.</p> <p>O PPC serve como base para a construção de projetos de pesquisa e extensão, organização de eventos e/ou para concessão de bolsas.</p>

E16	<p><u>É ele que vai direcionar o que necessariamente, é elaborado pra que tenha essa comunicação entre as diferentes disciplinas. Então, as interdisciplinaridades são possíveis através de um projeto pedagógico, [...] ele que nos ajuda a pensar, inclusive, qual é o perfil desse egresso que queremos, [...] os diferentes enfoques cada professor precisa ter essa noção de que profissional eu quero ou de que profissional estamos formando dentro da Universidade [...] Em algumas disciplinas, então, você trabalhar um pouco mais com os estudantes com essa questão também do próprio projeto pedagógico, [...] Então, quem é esse profissional que no projeto pedagógico a gente encontra. As possibilidades de diálogos com outros cursos, com a disciplina, com as diferentes disciplinas que ele pode compor. [...] É lógico que existe muito a possibilidade de cada docente realizar o seu trabalho, mas é respaldado no projeto pedagógico.</u></p>	<p>O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar a prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados.</p> <p>O PPC é a base para minha ação em sala de aula. A partir dele tem-se o entendimento da estrutura curricular e é possível articular as disciplinas, fornecendo sentido à construção dos conteúdos disciplinares.</p>
E17	<p><u>[...] acho que muito pouco [...] essa foi, eu acho, uma discussão que a gente teve quanto tava revendo o currículo agora e... as disciplinas tecnológicas, elas tavam meio que largadas, [...] existe ainda uma desconexão [...] que me ajuda, a gente tenta ver o perfil ali, os objetivos macro, mas de fato ainda precisaria trabalhar mais essa questão.</u></p>	<p>O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar a prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados.</p> <p>O PPC não atende totalmente a minha expectativa uma vez que apresenta um déficit de transversalidade entre os conteúdos o que se reflete na formação do aluno.</p>
E18	<p><u>[...] na época em que ele foi recém reformulado, ele servia como base pra muita coisa. Porque a gente tinha que olhar as ementas que a gente tinha criado e tal. [...] Hoje em dia, depois de quase 10 anos ele já tá meio internalizado[...] Eu, indiretamente acabo voltando através dos planos de ensino que já foram feitos por ele[...] Eu acho que ele atende mais as necessidades hoje de responder algumas questões que nós queríamos pro curso de uma forma geral, assim. [...] do que nós queríamos pra formação dos alunos, eu acho que é muito</u></p>	<p>O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar a prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados.</p>

	<u>mais isso, [...] Então, eu até acho que [...] eu recorro pouco a ele, a não ser pela questão da formalização. [...] Ementa, é... Bibliografia de jeito nenhum! [...] Então, é sempre uma bibliografia complementar que vai me ajudar muito, que vai ajudar os alunos, não é uma bibliografia de 2008, tirando os clássicos, [...]</u>	O projeto pedagógico é um instrumento. Ele tem que ser aplicado e deve conter suas bibliografias básicas sempre atualizadas.
E19	<u>[...] Então, eu vejo que o projeto pedagógico ele serve nesse sentido, assim. Conhecendo o projeto pedagógico, o que que a gente espera do profissional? O que que a gente tá fazendo? Por que isso? Por que aquele programa? Por que esse conteúdo nesse momento? Por que aquele conteúdo naquele momento, Traz essa amarração pra gente, Ir ministrando, enfim, Ir trabalhando nessa construção.</u>	O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar o prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados. O PPC é a base para minha ação em sala de aula. A partir dele tem-se o entendimento da estrutura curricular e é possível articular as disciplinas, fornecendo sentido à construção dos conteúdos disciplinares.
E20	RESPOSTA NÃO COLETADA	
E21	<u>É ter na cabeça, assim, o elo entre as disciplinas. Como eu ministro as disciplinas mais de fundo teórico-social, eu poderia dizer assim, É... mas também por causa da minha formação em leitura [...]</u>	O PPC é a base para minha ação em sala de aula. A partir dele tem-se o entendimento da estrutura curricular e é possível articular as disciplinas, fornecendo sentido à construção dos conteúdos disciplinares.
E22	<u>Ele norteia. Até porque ele também é baseado no projeto da Universidade como um todo, Então, assim, as nossas ações elas são norteadas pelo nosso projeto pedagógico. Mas eu tenho que confessar [...] Que não é algo que eu consulte com frequência, [...] é algo que a gente consulta num momento de dúvida, num impasse, em alguma pressão que a gente recebeu da Reitoria que a gente tem que ver se a gente tá respaldado ou não no projeto, [...] Mas a gente tem uma certa autonomia pra conduzir dentro daquele espaço do conteúdo programático da disciplina, da maneira como a gente vai conduzir as nossas avaliações que, apesar de estarem regidas e a gente não foge daquilo que está no</u>	O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar o prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados. Eu baseio minhas ações pedagógicas no PPC, com pouca frequência.

	<p><u>projeto, [...] Mas não é algo assim, que a gente vá olhar toda hora pra poder, é... conduzir a nossa ação pedagógica.</u></p>	<p>Consulto o mesmo em caso de resolução de impasses ou para atender alguma demanda administrativa da Universidade.</p>
E23	<p><u>As nossas ações docentes são todas baseadas [...] no PPC [...] o próprio plano de ensino, ele tem que tá de acordo com o projeto pedagógico, a bibliografia tem que tá de acordo com o projeto pedagógico, [...] as ementas das disciplinas, depois que elas são aprovadas no projeto pedagógico, não podem ser alteradas. [...] porque depois que ele é totalmente aprovado, todas as disciplinas, elas tem que estar baseadas dentro do projeto, inclusive, viagens externas com alunos ou internas. [...] Essa questão das disciplinas, da interdisciplinaridade com as disciplinas, carga horária toda. Então, é importante a questão do projeto pedagógico por conta disso. [...]</u></p>	<p>O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar o prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados.</p> <p>O PPC serve como base para a construção de projetos de pesquisa e extensão, organização de eventos e/ou para concessão de bolsas.</p> <p>O PPC é a base para minha ação em sala de aula. A partir dele tem-se o entendimento da estrutura curricular e é possível articular as disciplinas, fornecendo sentido à construção dos conteúdos disciplinares.</p>
E24	<p><u>É, ele é um norteador. Nós temos que seguir e é interessante porque o projeto permite assim que os professores dialoguem, Por exemplo, as fases... a professora que ministra a mesma disciplina ética à noite, divide essa aula comigo. Então, a gente pode trocar ideias baseadas nas diretrizes do projeto. [...] Até mesmo, pros professores substitutos como acontece, por exemplo, no verão nós tivemos algumas aulas pra ir adiantando, os professores substitutos também pedem orientação e, graças assim, a essas orientações do projeto pedagógico, a gente fornece as diretrizes pra ter uma coerência, Pra ter uma coerência. [...]</u></p>	<p>O PPC é a base para minha ação em sala de aula. A partir dele tem-se o entendimento da estrutura curricular e é possível articular as disciplinas, fornecendo sentido à construção dos conteúdos disciplinares.</p> <p>O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar o prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a</p>

		serem ministrados e atualizados
E25	<u>Em todas as atividades, [...] Todas as atividades que a gente faz tem que tá previstas ali. Então, ele é a base pra qualquer ação docente, [...] mesmo as atividades de pesquisa, [...] de extensão, elas vão ser conduzidas pelos princípios que a gente tem em cada curso pelas metas, pelos objetivos dos cursos. [...]</u>	<p>O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar o prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados.</p> <p>O PPC é a base para minha ação em sala de aula. A partir dele tem-se o entendimento da estrutura curricular e é possível articular as disciplinas, fornecendo sentido à construção dos conteúdos disciplinares.</p>
E26	[...] Não porque eu tô saindo fora [em processo de quase aposentadoria], [...] Ele serve como base pras minhas ações. [...]	<p>O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar o prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados</p>
E27	[...] projeto pedagógico serve pra dar rumo pra dar norte. [...] a gente tem que ser basear, se focar. [...] Eu procuro dar <u>alguns exemplos, que abarquem esse viés da gestão da informação, além de tentar seguir uma lógica de continuidade entre as disciplinas. Saber o que meu colega ministra pra eu partir dali a minha disciplina, Tentar fazer parcerias com outros professores também, entre as disciplinas oferecidas no curso. Acho que isso são as principais ações.</u>	<p>O PPC é a base para minha ação em sala de aula. A partir dele tem-se o entendimento da estrutura curricular e é possível articular as disciplinas, fornecendo sentido à construção dos conteúdos disciplinares.</p>
E28	[...] <u>ele é a base pra formação do profissional que a gente quer lá no futuro, no mínimo o que a gente tem que fazer é seguir.</u> [...] <u>E eu sigo ele na íntegra...</u> [...] <u>Eu falo isso pra todos os alunos, em todas as aulas, esse aqui é o mínimo, tá? Nós temos que ver isso aqui. Gostaria de falar mais, eu cito, e me preocupo</u>	<p>O PPC é a base para minha ação em sala de aula. A partir dele tem-se o entendimento da estrutura curricular e é possível articular as disciplinas, fornecendo</p>

	<p><u>sempre em posicionar eles dentro do programa e falar assim: – Nessa aula a gente viu isso aqui. Na próxima aula, eu relembro e falo. E vou completando ali. Até quando falo: – Oh, terminamos. Agora a gente pode ver isso aqui. [...].</u></p>	<p>sentido à construção dos conteúdos disciplinares.</p> <p>O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar o prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados</p>
E29	<p>[...] <u>eu nem sei qual é o projeto pedagógico. Nunca me mandaram [...] eu nunca olhei, também nunca procurei, [...] Então, na verdade, cada um dá aula do jeito que quer. [...]</u></p>	<p>Eu não acredito na utilidade e na finalidade do PPC e/ou não me identifico com o mesmo, portanto o ele tem pouca influência sobre minha ação.</p>
E30	<p>[...] <u>O projeto pedagógico é muito importante porque, às vezes, você dá uma disciplina de semestres mais pra frente e aí, você consegue concatenar os conteúdos e fazer aquela... aquele alinhamento [...] O projeto político pedagógico, ele é muito importante, porque você consegue entender o que que eles já tiveram e o que que eles vão ter. Onde eles estão. [...] eu vejo que o projeto político pedagógico tem história, tem propósito, tem planejamento e tem execução e não é somente um documento para apresentar para as instâncias deliberativas [...]</u></p>	<p>O PPC é a base para minha ação em sala de aula. A partir dele tem-se o entendimento da estrutura curricular e é possível articular as disciplinas, fornecendo sentido à construção dos conteúdos disciplinares.</p> <p>O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar o prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados.</p>
E31	<p>[...] <u>no projeto pedagógico estão ali por exemplo, falando de disciplina tem as ementas, [...] Tem a bibliografia, tem o perfil ali que a gente deseja. Claro que eu tento seguir o que por exemplo, as ementas por exemplo da disciplina, a gente tenta cumprir ali, aquela ementa, [...] Acho que a nossa ação, é muito mais ampla do que tá ali no papel, [...] Ele é ativo ele é dinâmico, ele vai... mas é claro, mas a essência tá ali. As bases, O sedimento do curso, ele precisa estar ali no projeto pedagógico do curso.</u></p>	<p>O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar o prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados.</p>

Questão 9: Em relação ao que conversamos, o que mais você gostaria de acrescentar ou comentar? Por favor, sinta-se à vontade.

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p><u>[...] eu vejo que projeto pedagógico tem que ser realmente apresentado, tem que ser discutido, [...] E a ética e a filosofia [...] são fundamentais. Quem não ou quem não estudar filosofia vai ter muita dificuldade. Os tempos não vão ser os melhores porque realmente todas estão saindo do currículo.</u></p>	<p>Eu vejo que projeto pedagógico tem que ser realmente apresentado, tem que ser discutido. E a ética e a filosofia são fundamentais. Quem não ou quem não estudar filosofia vai ter muita dificuldade. Os tempos não vão ser os melhores porque realmente todas estão saindo do currículo.</p>
E3	<p><u>Qualquer profissão a gente tem que gostar do que faz e eu acho que a ética [...] é um princípio de vida [...]</u></p>	<p>Acredito que devemos gostar do que fazemos e que a ética é um princípio de vida.</p>
E4	<p><u>[...] temos que continuar a ser éticos e lutar pela ética, [...] o Brasil é um país muito jovem ainda, de democracia 34 anos. Muito pouco[...]</u></p>	<p>O Brasil é um país jovem em termos de seu sistema político democrático. Devemos lutar pela ética.</p>
E5	<p><u>[...] Que eu acho que a gente tem que discutir cada vez mais [...] porque quando a gente fala das questões éticas, especialmente no ensino, dá a impressão assim que a gente vai falar de um conjunto de regras e de normas, e na verdade isso passa por uma conduta [...] a gente tem que compreender que essa nossa conduta pode ser o sucesso ou fracasso da turma, do professor, do aluno, do departamento. Não significa que todo mundo tenha que pensar igual, mas eu acho que as discussões, a gente conseguir parar pra se ouvir, [...] acho que a temática é relevante e a sociedade atual tá precisando muito falar disso, de condutas, de ética [...]</u></p>	<p>A temática é relevante e a sociedade atual está precisando muito falar disso. Carecem-se mais diálogos e pesquisas que privilegiem a reflexão sobre as condutas humanas na área da Biblioteconomia e do ensino universitário, como um todo.</p>
E7	<p><u>[...] é a primeira vez que eu faço [...] uma entrevista gravada. Geralmente, é questionário que a gente responde[...]</u> <u>temos que resgatar mesmo essa parte da ética, não só na Biblioteconomia, eu acho que, principalmente, [...]</u> <u>Para que sejamos realmente bibliotecários reconhecidos</u></p>	<p>É a primeira vez que respondo uma entrevista gravada. Geralmente só respondo questionários.</p> <p>Para o bibliotecário obter o reconhecimento social precisamos refletir sobre a ética.</p>
E10	<p><u>[...] Eu acho que esse é um tema que me preocupa um pouco, assim, essa coisa que eu falei do projeto. [...] ficar à mercê da prática do</u></p>	<p>Muitas disciplinas são dadas no sentido estritamente técnico sem</p>

	<p><u>professor [...] é fundamental fazer essa análise, Muitas disciplinas, elas são dadas só no sentido estritamente técnico [...] acho que compromete esse profissional que [...] pro mercado[...] Pra ficar fechado, pra não se abrir, pra saber que se tem que adaptar pras coisas que acontecem e qual que é o teu papel na sociedade[...] Você pode se entender assim, tu vai atuar de acordo com esse teu entendimento. [...] Agora, se tu vai além disso, [...] essa discussão [...] teria que tá mais pautada dentro do projeto é [...] em termos práticos [...] dentro da disciplina então, o que que a gente vai [...] abordar dela que traga esse aspecto, não fique à mercê do professor!</u></p>	<p>um embasamento mais reflexivo sobre a dimensão da atuação profissional. Acredito que o PPC deve abranger esta reflexão, em termos práticos e de forma prescrita, de modo que sua inserção não fique na dependência aceitação do docente.</p>
E11	<p><u>[...] o que a gente imagina não é bem o que a gente é, talvez. Talvez seja melhor do que a gente imagina ou talvez não, talvez seja pior. Sei lá, Certo e errado é que nem nariz e outras coisas, [...] Não tem referência teórica pra isso [...]</u></p>	<p>Não existe referência teórica para certo ou errado.</p>
E12	<p><u>[...] gostaria de salientar a importância do professor se envolver [...] e praticar aquilo que ele prega em sala de aula [...] se envolver também com as ações que são propostas no curso, com as entidades de classe, com as instituições afins, [...] com outros profissionais [...] o nosso currículo e a formação do nosso aluno, pra mostrar pra ele que aquilo que nós estamos praticando, nós estamos pregando em sala, nós também praticamos, nós também estamos [...]</u></p>	<p>Acredito que a atuação do professor deve ir além da sala de aula estendendo suas ações com as entidades representativas de classe e interagindo com outros profissionais.</p>
E14	<p><u>Eu penso que talvez a única lacuna que ainda me falta [...] de estudos e de formação [...] e me aprofundar são leituras sobre o sentido da ética na Filosofia. Então, à medida que eu conseguir me aprofundar [...] significa, eu posso fazer com que isso realmente aconteça mais em sala de aula. A própria dimensão política também [...] eu sou um pouco carente com relação aos estudos sobre essa área. [...] Minha formação acadêmica foi muito técnica e depois a própria... [...] a profissão em si, a minha docência [...] voltada para o trabalho, não para a reflexão. Então, fazer com que isso realmente aconteça em sala de aula é um exercício [...]</u></p>	<p>Entendo que para que eu promova a reflexão sobre a dimensão ético-política da atuação profissional em sala de aula, eu necessito de estudos e leituras sobre estas questões. Acredito que minha formação acadêmica foi muito técnica e minha docência muito voltada para o trabalho.</p>
E15	<p><u>[...] quero dizer que eu achei muito legal essa temática. Ontem quando você me falou [citação da temática para marcação da entrevista], [...] eu voltei pra casa pensando muito nisso, da importância da gente colocar isso em pesquisas empíricas, Essa é a importância de ouvir e conversar, trocar ideias também com as pessoas. Acho que essa pesquisa, vai trazer aqui um novo ar para esse ambiente da Biblioteconomia, que tá</u></p>	<p>A temática é relevante e a sociedade atual está precisando muito falar disso. Carecem-se mais diálogos e pesquisas que privilegiem a reflexão sobre as condutas humanas na área da Biblioteconomia e do</p>

	<u>se redesenhando, Eu tô entrando agora nessa... nessa área, [...]</u>	<i>ensino universitário, como um todo.</i>
E16	<u>[...] Algumas reestruturas do curso que a gente pensou e que tá desenvolvendo são pautados também nas necessidades dos estudantes [...] Eu vejo como essencial esse diálogo com eles [...] chegamos, então, nessa necessidade de reestruturação de disciplinas [...] também de um Núcleo Comum pra que houvesse essa aproximação maior entre os profissionais que a gente diminuísse também alguns embates profissionais que estávamos vendo aqui dentro, com novos cursos e que na verdade vem pra dialogar [...] Então, a Ciência da Informação, a Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, dialogam muito, são, interdisciplinares. A gente vê muita teoria sendo produzida, mas isso na prática ela precisa acontecer na atuação desses profissionais. [...] É uma dessas formas de diálogo, de integração também não só no mercado de trabalho, mas dentro da própria pesquisa, da extensão. Então, no ensino a gente espera tá efetivando isso.</u>	Acredito na necessidade de maiores diálogos com estudantes e docentes sobre o ensino, pesquisa e extensão, bem como sobre a integração e interdisciplinaridade nas áreas da Ciência da Informação, Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.
E18	<u>[...] ele [o currículo] tá passando por um processo agora de reformulação curricular no nosso curso. Então, eu acho que todas essas minhas preocupações que eu falei aqui [...] Não que vão ser todas contempladas, mas vão ser melhor, vai ser atualizado, vai ser um outro[...] Talvez daqui a cinco meses, eu não responderia totalmente a [...] essa entrevista desse jeito que eu respondi porque a gente taria já com essa reformulação construída. [...]</u>	O currículo está passando por uma reestruturação curricular. Acredito que minhas preocupações nesta entrevista sejam contempladas na próxima versão do currículo.
E19	<u>[...] Eu vejo que a área precisa se modernizar [...] eu participo das discussões, dessas discussões e eventos, enfim. E eu ainda vejo que a [...] imensa maioria muito agarrado em alguns [...] conceitos, em algumas posições que já não se colocam mais no mundo. Você vai pra fora e você vai pra outros espaços, você vê a atuação do bibliotecário muito mais forte. Num espectro muito amplo de atividade e que aqui a gente tá ainda numa discussão muito rasa, De coisas muito elementares. Assim, agarrado muito numa essência bibliotecária que eu vejo que não se perde com outras atuações. E que eu acho que a gente pode avançar nessa discussão pra inserir todo mundo no mercado. A gente tem muito bibliotecário se formando aí. A gente tem muito espaço e a gente não consegue ocupar esse espaço, porque a gente tem muito bibliotecário desempregado como bibliotecário, [...]</u>	Acredito que a área da biblioteconomia precisa se modernizar e repensar seus conceitos e posicionamentos, bem como suas atuações para se inserir de forma efetiva no mercado.

E20	<p>[...] <u>reforçar essa questão que eu vejo, assim, que é importante esses cursos de Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia</u> [...] e a própria Ciência da Informação... eu vejo que a gente poderia trabalhar muito tranquilamente produzindo coisas em conjunto e seríamos mais fortes [...] <u>Nós estamos hoje... na verdade, o único curso de graduação em Ciência da Informação do país, e houve uma resistência muito forte, eu lembro, por parte de vários profissionais da Biblioteconomia contra a Ciência da Informação, ou vamos... dizendo, assim, vamos pensar em reservas de mercado. As reservas de mercado são muito limitantes, porque eu vejo que a... o bibliotecário pode fazer muito mais coisas do que trabalhar em biblioteca.</u></p>	<p>Acredito na necessidade de maiores diálogos com estudantes e docentes sobre o ensino, pesquisa e extensão, bem como sobre a integração e interdisciplinaridade nas áreas da <i>Ciência da Informação, Arquivologia, Biblioteconomia</i> e <i>Museologia</i>.</p> <p>Acredito que a área da biblioteconomia precisa se modernizar e repensar seus conceitos e posicionamentos, bem como suas atuações para se inserir de forma efetiva no mercado</p>
E21	<p>[...] <u>E se nós pensarmos em ética, talvez esse seja o momento em que a gente precisa trazer a mesa a discussão.</u> [...] <u>Uma coisa que me choca é mais difícil ministrar disciplinas na primeira, segunda, terceira e quarta fase do que as fases posteriores. Porque na primeira, segunda e terceira fase o aluno sabe mais do que o professor, ele é arrogante,</u> [...] <u>ele vai percebendo que as fronteiras do conhecimento não era só aquele mundinho que ele veio com a bagagem</u> [...] <u>do cursinho, que é muito mais</u> [...] <u>E também porque depois ele entra no mundo profissional do trabalho e ele também vai percebendo</u> [...] <u>Tem algo maior</u> [...] <u>Mas essa é uma grande dificuldade! Você conseguir convencer o aluno da primeira fase que aqui não é cursinho, não é aula espetáculo, mas é aula de estudo!</u> [...] <u>É muito desafiador e também porque esse aluno</u> [...] <u>das primeiras fases, ele vem com menos compromisso diante da vida. À medida que você vai envelhecendo, os compromissos vão aumentando</u> [...] <u>hoje, nós professores e alunos nós somos chamados pra tanta coisa, menos essa... esse compromisso sério. Do trabalho e do estudar,</u> [...]</p>	<p>Acredito que o cenário cultural, político e econômico carece reflexões sobre a ética e o compromisso profissional, no âmbito docente e discente.</p>
E22	<p>[...] <u>Eu tenho medo que</u> [...] <u>em poucos meses isso se reflita na nossa atuação docente</u> [...] <u>Aquilo que a gente tem sofrido como pressões, de legislações que são baixadas a toda semana praticamente, instruções normativas e nos tolhem</u> [...] <u>do nosso fazer docente</u> [...] <u>Pressões no sentido até punitivas,</u> [...] <u>E isso vai acabar sendo refletindo</u> [...] <u>no nosso dia a dia enquanto</u></p>	<p>Acredito que o cenário cultural, político e econômico carece reflexões sobre a ética e o compromisso profissional, no âmbito docente e discente.</p>

	<p><i>docentes [...] onde a gente tem que repensar a nossa prática, mas também pensar o nosso direito [...] a nossa relação enquanto Universidade [...] penso que é um momento de bastante reflexão [...] a gente tem que ser bastante crítico. Assim como a gente quer que os nossos alunos sejam críticos, a gente precisa ser crítico na nossa prática também. [...]</i></p>	
E23	<p><i>[...] Eu acho que no momento, a [...] Universidade tá passando por [...] fases de adaptação[...] e política muito grande. E isso tá interferindo muito no nosso dia a dia é [...] estão querendo que... engeassar o ensino. E isso não é legal. [...] E eu espero que isso... sirva pra que a gente amadureça, pra que a gente cresça, pra que a gente possa mudar um pouco nós mesmos, no ambiente que a gente vive. Porque tá muito complicado, tá muito difícil, e... sendo a Universidade, a proposta que... Desde que surgiram as Universidades na Europa e Estados Unidos que é propor a criação, o desenvolvimento de uma consciência crítica, de massa crítica, nós estamos num momento, eu acho, num processo retrógrado. Sabe? E... Não poder falar, não pode dizer. Faz uma manifestação... os professores com papel e lápis na mão encontra uma tropa de choque é... É muito triste tudo isso. [...] eu acho que é bem complicado é... a ética, a política são muito importantes, mas nós estamos... vivendo um momento de extrema delicadeza nessa área. [...]</i></p>	<p>Acredito que o cenário cultural, político e econômico carece reflexões sobre a ética e o compromisso profissional, no âmbito docente e discente.</p>
E25	<p><i>[...] acho que a gente precisa mais assim, cada vez mais... como colegas e também como área, repensar cada dia a profissão e eu acho que os profissionais, eles tem que repensar também cada dia a sua conduta, não só a questão ética, mas a questão social. A gente acaba pensando muito na demanda tecnológica, porque é uma demanda da sociedade. Se a gente não ocupa esse campo, outros profissionais vão ocupar essa demanda, mas eu penso que a gente também tem que pensar nas demandas das bibliotecas que é a nossa base as bibliotecas comunitárias, nossas bibliotecas públicas. [...] acho que a gente precisa repensar pra que esse novo profissional não se preocupe somente com o tecnológico, mas que se preocupe com a questão basilar da profissão que é a questão educacional, que é a questão social, [...]</i></p>	<p>Muitas disciplinas são dadas no sentido estritamente técnico sem um embasamento mais reflexivo sobre a dimensão da atuação profissional. Acredito que o PPC deve abranger esta reflexão, em termos práticos e de forma prescrita, de modo que sua inserção não fique na dependência aceitação do docente.</p> <p>Acredito que o cenário cultural, político e econômico carece reflexões sobre a ética e o compromisso profissional, no âmbito docente e discente.</p>

E26	<p><u>Então, se o bibliotecário for criativo, se ele aproveitar o conhecimento que ele tem, ele atua em qualquer área que tenha a informação. E ele ajuda na empresa, ele ajuda no... na indústria, ele ajuda em tudo nesse gerenciamento. E a gente vai, cada vez mais, tirar o bibliotecário daquele papel de livro atrás dele e... e documento impresso atrás dele ou documento eletrônico registrado em algum lugar. Ele vai abrir as possibilidades de trabalho, porque ele vai enxergar outros caminhos pra ele gerenciar a informação.</u> [...] <u>Então, assim, são possibilidades de trabalho que esse conhecimento que vem agora novo, vai ajudar o bibliotecário a ter lá na frente.</u></p>	<p>Acredito que a área da biblioteconomia precise se modernizar e repensar seus conceitos e posicionamentos, bem como suas atuações para se inserir de forma efetiva no mercado.</p>
E28	<p>[...] <u>eu sempre fui um cara bem técnico bem... sempre dei disciplinas tecnicistas de âmbito tecnicista mas... “Sociedade da informação” no currículo da Biblioteconomia, ela tá voltada aos problemas que o Manoel Castells lida, [...] sobretudo, como a sociedade vem se desenvolvendo. [...] inclusive, entramos no campo ético ali [...] Então, eu acho que pesquisas como a sua vem [...] pra enriquecer ainda mais esses debates. [...]</u></p>	<p>A temática é relevante e a sociedade atual está precisando muito falar disso. Carecem-se mais diálogos e pesquisas que privilegiem a reflexão sobre as condutas humanas na área da Biblioteconomia e do ensino universitário, como um todo.</p>
E30	<p><u>Eu espero que sua pesquisa seja voltado para a Biblioteconomia, lamento muito que nós não temos no Brasil um doutorado em Biblioteconomia. [...], lamento que certos momentos nós criamos a Ciência da Informação e ela nos desconsiderou. [...] portanto, que atualmente estão acontecendo diálogos possíveis entre as áreas, mas falta ainda muito para que a Ciência da Informação veja a Biblioteconomia com bons olhos. [...]</u></p>	<p>Acredito na necessidade de maiores diálogos com estudantes e docentes sobre o ensino, pesquisa e extensão, bem como sobre a integração e interdisciplinaridade nas áreas da Ciência da Informação, Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.</p>

APÊNDICE B - INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO – IAD 2

Questão 1: Dentro da tua concepção, para que que existe o bibliotecário?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistado
Organizar toda a informação, no setor público e privado.	E1; E2; E23
Organizar a informação com foco na dimensão técnica e com foco na dimensão social de sua atuação.	E3; E5;E8;E10; E14; E21; E22; 24; E26; E28; E30; E31
Promover o acesso à informação.	E4;E5;E6;E8;E10; E12; E19;20
Organizar a informação com foco na dimensão sócio-cultural e educativa de sua atuação.	E4;E10; E12; E25; E31
Bibliotecário é um gestor da Informação.	E6; E23
Organiza, recupera e dissemina toda a informação em qualquer documento em qual quer área e para qualquer pessoa.	E7; E9; E11; E12; E13; E16; E18; E23; E26; E27; E29
Organizar a informação com foco na dimensão técnica e tecnológica.	E9; E15; E17; E19;E20; E23
O bibliotecário é um facilitador, ou seja, um mediador da informação e deve promover o uso da informação com criticidade visando o desenvolvimento pessoal e profissional dos cidadãos e da sociedade.	E8; E12; E20; E22; E25; E31

Questão 1: Dentro da tua concepção, para que que existe o bibliotecário?

Resposta 1: *O bibliotecário existe para promover o acesso à informação bem como para organizar a informação seja com foco na dimensão técnica ora na dimensão social, inclusive sócio-cultural e educativa de sua atuação. Este profissional é um facilitador, ou seja, um mediador da informação e deve promover o uso da informação com criticidade visando o desenvolvimento pessoal e profissional dos cidadãos e da sociedade. Além disso, o bibliotecário existe para promover o acesso à informação e organizar toda a informação, no setor público ou privado. Pode-se dizer, que este profissional organiza, recupera e dissemina toda a informação em qualquer documento em qual quer área e para qualquer pessoa. Ele é um gestor da informação e organiza a informação com foco na dimensão técnica e tecnológica de sua atuação.*

Questão 2: Que demandas esse profissional deve atender?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistado
Atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado.	E1, E3; E6; E7; E8; E9; E10; E13; E14; E15; E16; E18; E19; E23; E24; E26; E27; E28; E29
Demandas sociais, culturais e humanas.	E2; E5; E6; E11; E12; E13; E16; E18; E19; E21; E22; E23; E24; E25; E26; E31
Demandas de informação científica e tecnológica.	E2; E6; E8; E16; E18; E19; E21; E25; E26; E28; E29
Atender as demandas informacionais por meio da sua organização e disseminação.	E2; E3; E6; E7; E8;E9; E10; E12; E14; E15;

	E20; E23; E25 ; E26; E28; E29
Atender as demandas informacionais por meio de uma análise crítica e ética.	E3; E6; E12; E13; E14; E17; E21; E22; E24; E29; E30
Atender demandas exigidas pelo contexto educacional de forma didática e lúdica.	E4; E29
Atender as demandas empresariais e mercadológicas.	E6; E8; E18; E19; E20; E21; E26; E28; E29
Atender demandas de informações e conhecimentos para o desenvolvimento da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação.	E25

Questão 2: Que demandas esse profissional deve atender?

Resposta: Este profissional deve atender as demandas informacionais em todos os suportes e contextos, seja em órgão público ou privado. Estas demandas podem ser sociais, culturais, humanas, bem como de informação científica, tecnológica ou empresarial. O bibliotecário deve atendê-las por meio da organização e disseminação da informação; e ainda, é necessário que faça uma análise crítica e ética para o cumprimento delas. E de maneira menos frequente, acredito que o bibliotecário pode atender as demandas exigidas pelo contexto educacional de forma didática e lúdica e também, as próprias demandas de informações e conhecimentos da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação que apoiam o seu desenvolvimento profissional.

Questão 3: Com base na sua prática profissional como docente, o que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistado
Espero que o egresso tenha uma maior atuação política.	E1; E5; E9; E11; E12; E16; E25; E26
Espero que o egresso saiba trabalhar em equipe e saber se relacionar coletivamente.	E1; E8; E12
Espero que o egresso continue estudando e se atualizando.	E1; E2; E7; E24
Espero que o egresso seja capaz de atuar em diversas ambiências.	E2; E9; E10; E15; E19; E20; E29; E30; E31
Espero que o egresso saiba reconhecer as necessidades de novos segmentos de atuação.	E3; E6; E8; E15; E19; E20; E31
Espero que o egresso atue eticamente com respeito e alteridade.	E3; E12; E14; E16; E21
Espero que o egresso dê mais ênfase para a biblioteca escolar.	E4;
Espero que o egresso tenha uma atuação mais voltada para o social.	E4; E12; E14; E22; E25
Espero que seja mais empreendedor.	E4; E15; E20;
Espero que o egresso seja mais crítico em relação à realidade.	E5; E10; E11; E12; E13; E14; E17; E18; E21; E22; E25; E26; E30
Espero que o egresso seja capaz de escolher de forma crítica a ambiência que deseja atuar e possa construir uma carreira	E5; E7; E17; E27

Espero que o egresso seja contratado pelas organizações privadas e não seja funcionário público contratado por concurso.	E6; E8
Espero que o egresso atue em empresas privadas com a gestão da informação e com o uso de tecnologias de informação e comunicação.	E6; E8
Espero que o egresso seja um profissional moderno e faça a gestão da informação, prevendo as demandas informacionais e recuperando as informações.	E6; E8; E22; E26; E27
Espero que o egresso atenda as demandas exigidas pelo mercado de trabalho.	E6; E19; E23; E26; E30
Espero que o egresso utilize todos os conhecimentos, habilidades e atitudes que aprendeu na sua Graduação.	E9; E12; E23; E24; E27; E29
Espero que o egresso valorize a informação uma vez que ela é recurso mais importante a ser manipulado pelas organizações.	E9; E29
Espero que o bibliotecário tenha conhecimento técnico e tecnológico básicos para interagir com o mercado.	E19; E27; E28
Espero que o egresso tenha paixão e entusiasmo em relação a sua missão profissional.	E21; E26

Questão 3: Com base na sua prática profissional como docente, o que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

(Q3) Resposta: Em relação ao egresso do curso de Biblioteconomia, minha expectativa é que ele utilize todos os conhecimentos, habilidades e atitudes que aprendeu na sua Graduação e continue estudando e se atualizando. Espero que sua atuação seja voltada para o aspecto social e que possa ser mais crítico em relação à realidade. Dessa forma, desejo que ele tenha uma maior atuação política e atue eticamente baseado em valores como o respeito e a alteridade. Minha aspiração em relação à esse futuro bibliotecário é que ele tenha paixão e entusiasmo por sua missão profissional e que seja capaz de escolher a ambiência que deseja atuar e construir uma carreira.

Ademais, desejo que ele atenda as demandas exigidas pelo mundo do trabalho e tenha conhecimento técnico e tecnológico básicos para interagir com o mercado. Desse modo, é necessário que o egressa saiba trabalhar em equipe e saber se relacionar coletivamente e de forma empreendedora, bem como, seja capaz de atuar em diversas ambiências e reconhecer as necessidades de novos segmentos de atuação. Espero que possa ser contratado pelas organizações privadas e não seja funcionário público contratado por concurso. E ainda, atue em empresas privadas com a gestão da informação e com o uso de tecnologias de informação e comunicação. Aspiro que ele se torne um profissional moderno e faça a gestão da informação, prevendo as demandas informacionais e recuperando as informações, valorizando a informação uma vez que ela é recurso mais importante a ser manipulado pelas organizações.

Questão 4: Como você realiza sua prática profissional para atender o desenvolvimento desse egresso?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistado
Eu realizo minha prática para atender o desenvolvimento desse egresso expondo o meu exemplo e contando minha experiência de vida pessoal, profissional e/ou acadêmica.	E1; E21; E26; E27
Eu acredito ser essencial abordar a responsabilidade do profissional no repasse da informação.	E2; E5

Eu tento estabelecer uma boa relação com os alunos baseada valores como o respeito e a alteridade.	E3; E18; E23; E24; E31
Eu integro teoria e prática no intuito de proporcionar ao aluno vivências para além do contexto acadêmico.	E4; E12; E14; E15; E16; E19; E22; E23; E25; E30
Instigo reflexões sobre o fazer bibliotecário no âmbito humano e social, para além das dimensões técnicas e tecnológicas.	E5; E10; E13; E14; E16; E22; E23; E25; E26; E30; E31
Insiro reflexões sobre o fazer bibliotecário que não estão contempladas no projeto pedagógico.	E5; E24
Exponho as práticas que o mercado de trabalho exige do bibliotecário.	E6; E15; E19; E20; E26
Trabalho com estatísticas, métricas e/ou tecnologias para fortalecer a racionalidade instrumental do aluno.	E6; E8; E9; E17; E28
Mostro aos alunos às diversas ambiências para atuação do bibliotecário.	E7; E14; E15; E19
Exponho as práticas que o mercado de trabalho exige do bibliotecário principalmente no que tange ao uso das tecnologias.	E8; E17; E20
Tento despertar o interesse do aluno com base na Aprendizagem baseada em problemas, trabalhando a resolução de problemas voltados para a parte técnica e tecnológica.	E9; E17; E22
Tento desenvolver o senso crítico e reflexivo no aluno por meio das leituras.	E11; E21; E22; E24; E25
Contemplo questões éticas que se voltam para a inserção da temática étnico-racial e de gênero nas práticas do bibliotecário.	E13;
Eu tento me manter atualizada para passar novos conhecimentos.	E27;
Tento dar uma formação geral sobre o tema que eu estou dando aula.	E29;
Tento mostrar a importância de cada disciplina para que faça sentido ao aluno;	E31;

Questão 4: Como você realiza sua prática profissional para atender o desenvolvimento desse egresso?

(Q4) Resposta: Eu realizo minha prática para atender o desenvolvimento desse egresso expondo o meu exemplo e contando minha experiência de vida pessoal, profissional e/ou acadêmica. Tento mostrar a importância de cada disciplina para que faça sentido ao aluno e insiro reflexões sobre o fazer bibliotecário que não estão contempladas no projeto pedagógico. Busco integrar teoria e prática no intuito de proporcionar ao aluno vivências para além do contexto acadêmico. Instigo reflexões sobre o fazer bibliotecário no âmbito humano e social, para além das dimensões técnicas e tecnológicas. Eu acredito ser essencial abordar a responsabilidade do profissional no repasse da informação. Mostro aos alunos às diversas ambiências para atuação do bibliotecário. Tento desenvolver o senso crítico e reflexivo no aluno por meio das leituras. Eu tento estabelecer uma boa relação com eles baseada valores como o respeito e a alteridade.

Com pouca frequência, eu abordo questões éticas que se voltam para a inserção da temática étnico-racial e de gênero nas práticas do bibliotecário. De outro modo, trabalho com estatísticas, métricas e/ou tecnologias para fortalecer sua racionalidade instrumental. Mostro às diversas ambiências para atuação do bibliotecário e exponho

as práticas que o mercado de trabalho exige do bibliotecário principalmente no que tange ao uso das tecnologias. Tento despertar o interesse do aluno com base na aprendizagem baseada em problemas, trabalhando a resolução de problemas voltados para a parte técnica e tecnológica. Nesse sentido, tenho convicção que é essencial abordar a responsabilidade do profissional no repasse da informação. E ainda, esporadicamente, eu tento me manter atualizado para passar novos conhecimentos e dar uma formação geral sobre o tema que eu estou dando aula.

Questão 5: Que ênfase você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referentes à prática bibliotecária nas disciplinas que ministra?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistado
Considero um desafio abordar estes aspectos.	E1; E9; E10
Abordo aspectos éticos referentes à responsabilidade intelectual da informação, à seleção das fontes de informação e a sua disseminação.	E1; E2; E14; E15; E16; E20; E27; E28
Abordo a ética a partir das minhas atitudes em sala como por exemplo, o respeito aos alunos.	E3; E21; E25; E26; E30; E31
Eu abordo questões éticas e/ou políticas voltadas a postura discente e/ ou profissional baseada em valores como responsabilidade, alteridade e respeito.	E3; E4; E12; E21; E22; E24; E31
A ênfase desses aspectos é a partir da reflexão, questionamentos e discussão de assuntos do cotidiano profissional e/ou dos estágios em sala de aula.	E5; E10; E11; E12; E13; E14; E17; E22; E25; E29; E30
A ênfase nestes aspectos é a partir de normativas e/ou leis específicas como a da regulamentação da profissão de bibliotecário e a do acesso à informação.	E6; E15; E16; E19
Eu dou ênfase a ideia de que o bibliotecário deve se adequar ao mercado de trabalho e conhecer todas as políticas e defender o eu ele acredita.	E7
Eu não dou ênfase, a ética é abordada implicitamente.	E3; E8; E9; E15; E17; E18; E21; E22; E23
Os aspectos éticos e políticos estão voltados para a dimensão social do uso das tecnologias aplicadas à Biblioteconomia.	E8;
Eu ministro disciplinas técnicas e/ou de gestão e abordo estes aspectos de maneira a questionar o porquê e o sentido daquela técnica/ disciplina.	E6; E10; E11; E12; E29; E30
Eu incentivo os alunos para participarem mais de eventos científicos e profissionais.	E12;
Eu enfatizo estes aspectos quando propositalmente provoco os alunos com falas inesperadas e quando confronto pontos de vistas diferentes.	E13; E14;
Eu abordo questões éticas e/ou políticas voltadas a postura profissional.	E7; E14; E15; E17; E19
Acredito que a ética é uma prática que está arraigada na pessoa e não somente no profissional.	E18; E23; E25
Eu abordo estes aspectos mostrando que a ênfase deve estar nas pessoas e não nas técnicas.	E22
Eu enfatizo estas questões através de textos e/ ou filmes para se debaterem em sala de aula.	E4; E25; E29; E30

Questão 5: Que ênfase você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referentes à prática bibliotecária nas disciplinas que ministra?

Resposta: Frequentemente, eu abordo aspectos éticos voltados para a postura profissional. Chamo atenção para a seleção das fontes de informação e para a disseminação da informação; e ainda, referentes à responsabilidade de autoria e plágio e questões voltadas ao sigilo e ao repasse da informação nas organizações. Também, atento para as normativas e/ou leis específicas como a da regulamentação da profissão de bibliotecário e o acesso à informação. *Acredito que a ética é uma prática que está arraigada na pessoa e não no profissional. Por isso, acho importante abordar a ética a partir das minhas atitudes em sala, como por exemplo, o respeito aos alunos. Por outro lado, eu enfatizo questões éticas e/ou políticas voltadas à postura discente e/ou profissional que também se baseiam em valores como responsabilidade, alteridade e respeito.*

Muitas vezes, na prática em sala de aula, instigo reflexão, questionamentos e discussão de assuntos do cotidiano profissional e/ou dos estágios. De maneira proposital, gosto de provocar os alunos com falas inesperadas e quando confronto pontos de vistas diferentes. Eventualmente, eu enfatizo estas questões através de textos e/ou filmes para se debaterem em sala de aula;

Quando eu ministro disciplinas técnicas e/ou de gestão e abordo estes aspectos de maneira a questionar o porquê e o sentido daquela técnica e da disciplina. Eu também acredito que a reflexão e as ações devem se focar nas pessoas e não nas técnicas, propriamente. Poucas vezes, eu reflito sobre os aspectos éticos e políticos no que se refere à dimensão social do uso das tecnologias aplicadas à Biblioteconomia. Em relação aos aspectos políticos, eu dou ênfase à ideia de que o bibliotecário deve se adequar ao mercado de trabalho, conhecer todas as políticas e defender o que ele acredita. Eu incentivo os alunos para participarem de eventos científicos e profissionais. Destaco, que algumas vezes, eu não dou ênfase à *ética e ela é abordada de forma implícita*. De qualquer forma, eu considero desafiador abordar esses aspectos.

Questão 6: Qual os valores éticos que lhe motivam e/ou influenciam para realizar sua atuação como docente do curso de graduação em Biblioteconomia?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistado
Diálogo / Comunicação	E1; E6; E8; E10; E13; E16; E30; E31
Responsabilidade	E1; F9; F11; F14; E16; E18; E19; E27; E30;
Honestidade / Sinceridade	E1; E4; E7; F8; E15; E17; E18; E24; E25;
Tolerância	E2; E6; E7; E9; E10; E12; E13; E17; E20; E22; E24; E26; E27; E28; E29; E30; E31
Respeito	E2; E3; E5; E6; E7; E9; E12; E13; E16; E18; E19; E20; E22; E24; E25; E26; E27; E30; E31
Amor pelo que se faz / Entusiasmo	E3; E7; E21; E30

Humildade	E3
Empatia / Alteridade	E3; E5; E9; E10; E12; E13; E16; E17; E22; E24; E26; E28; E29; E30
Competência	E4
Postura profissional	E4; E20; E28
Cumprimento de Deveres / Obrigações (horários, prazos, legislações)	E5; E6; E19; E20; E25
Equidade / Igualdade	E6; E7; F8; E22
Respeito à diversidade (igualdade direitos nos diversos grupos étnicos-raciais e de identidade de gênero)	E6; E13; E22
Inclusão social	E6; E7; E22
Confiança	E8; E20; E30
O curso de Biblioteconomia não influencia na escolha dos valores que elejo para minha atuação.	E10; E22
Curiosidade	E13; E19; E29
Disciplina	E14
Associativismo Político	E14; E21
Senso Crítico	E14;
Fidelidade aos valores institucionais	E15
Autoconfiança	E17; E21
Presença (física)	E17
Integridade no repasse da informação	E18; E1
Colaboração	E21; E27; E29; E30; E31
Liberdade	E26
Cuidado	E26
Sensibilidade	E26; E30
Bondade	E27
Justiça	E19; E25; E27; E31
Amor ao próximo / Afetividade	E27; E31
Autenticidade	E7

Questão 6: Qual os valores éticos que lhe motivam e/ou influenciam para realizar sua atuação como docente do curso de graduação em Biblioteconomia?

Resposta: *Frequentemente, os valores que me motivam a minha atuação como docente são: Diálogo / Comunicação, Responsabilidade, Honestidade / Sinceridade, Tolerância, Respeito, Amor pelo que se faz / Entusiasmo, Humildade e Empatia / Alteridade. E com menos ocorrência, me baseio nos aspectos que envolvem a Competência, Postura profissional, Cumprimento de Deveres / Obrigações (horários, prazos, legislações), Equidade / Igualdade, Respeito à diversidade (igualdade direitos nos diversos grupos étnicos-raciais e de identidade de gênero), Inclusão social, Confiança, Curiosidade, Disciplina, Associativismo Político, Senso Crítico, Fidelidade aos valores institucionais, Autoconfiança, Presença (física), Integridade no repasse da informação, Colaboração, Liberdade, Cuidado, Sensibilidade, Bondade, Justiça, e Amor ao próximo / Afetividade.*

Questão 7.1: Que tipo de participação você teve no projeto pedagógico e que avaliação você faz do impacto deste projeto na sociedade?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistado
Participei da construção do atual projeto político	E1; E3; E8; E18; E19;

pedagógico como membro do Núcleo Docente Estruturante.	E20; E21; E26; E31
Minha participação na construção do projeto pedagógico foi no sentido de estar presente em algumas reuniões, discussões e/ou recomendar algumas disciplinas ou conteúdos específicos.	E2; E5; E6; E7; E17; E24; E25
Não participei de forma efetiva da construção do atual projeto político pedagógico.	E4; E9; E10; E11; E12; E13; E14; E15; E22; E23; E27; E28; E29; E30

Questão 7.1: Que tipo de participação você teve no projeto pedagógico e que avaliação você faz do impacto deste projeto na sociedade?

Resposta: Na maior parte das vezes, não participei de forma efetiva da construção do atual projeto político pedagógico. Nas vezes em que participei, eu fazia parte do núcleo docente estruturante ou estive presente em algumas reuniões, discussões e/ou recomendei algumas disciplinas ou conteúdos específicos.

Questão 7.2: que avaliação você faz do impacto deste projeto na sociedade?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistado
Na minha avaliação, algumas demandas profissionais não estão sendo supridas pois os docentes não têm colocado o projeto, na sua totalidade, não em prática.	E1
O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é que os profissionais terão formação mais atualizada e abrangente, incorporando a questão mais técnica, tecnológica e de gestão atendendo as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado.	E2; E3; E6; E7; E8; E9; E15; E19; E20; E25; E26; E28
Eu não consigo fazer a avaliação do impacto do projeto político pedagógico do curso porque desconheço o PPC e/ou Desconheço o impacto que o projeto político pedagógico tem para a sociedade.	E4; E10; E13
Acredito que no que tange ao alcance social da profissão o impacto do projeto político pedagógico na sociedade é pequeno pois predomina-se uma ênfase tecnicista na atuação do bibliotecário.	E5; E9; E12; E18; E22; E24
O impacto do projeto político pedagógico na sociedade vai na direção de fomentar o desenvolvimento capitalista, baseado na hegemonia econômica das empresas privadas. Este projeto não propicia ao profissional consciência ético-política para atuar com criticidade perante as demandas sociais.	E11
O impacto do projeto político pedagógico na sociedade se dá por meio de profissionais com melhor formação técnica e com uma base mais reflexiva sobre a sociedade da informação.	E14; E16
O impacto do projeto político pedagógico foi pequeno no que diz respeito à criação de novos locais para estágio e possível atuação do bibliotecário em Santa Catarina, fora da capital.	E18

O impacto do projeto político pedagógico foi positivo no que tange à capacidade de trabalho do aluno e/ou egresso. Eles inserem-se cedo no mercado de trabalho e/ou apresentam responsabilidade, confiabilidade, conhecimento e inferem positivamente na instituição.	E21; E22; E31
O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é negativo pois ele não privilegia a formação de um profissional com visão crítica e proativa.	E29

Questão 7.2: que avaliação você faz do impacto deste projeto na sociedade?

Resposta: O impacto do projeto político pedagógico na sociedade é positivo pois haverá uma oferta de profissionais com uma formação mais atualizada e abrangente, incorporando a questão mais técnica, tecnológica e de gestão. Sendo assim, o bibliotecário será capaz de suprir as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado. E ainda, acredito que ocasionalmente, teremos profissionais com melhor formação técnica e com uma base mais reflexiva sobre a sociedade da informação. Em alguns casos, destaco também, um reflexo no que tange à capacidade de trabalho do aluno e/ou egresso. Tenho percebido que os recém-formados estão sendo absorvidos pelo mercado de trabalho e/ou apresentam responsabilidade, confiabilidade e conhecimento, interferindo beneficentemente na instituição. Apesar de achar que, eventualmente, o impacto do projeto político pedagógico foi pequeno no que diz respeito à criação de novos locais para estágio e possível atuação do bibliotecário em Santa Catarina, fora da capital.

Por outro lado, em relação ao alcance social da profissão, creio que o impacto do projeto político pedagógico na sociedade é pequeno, pois ainda predomina-se uma ênfase tecnicista na atuação do bibliotecário, ou seja, o PPC não privilegia a formação de um profissional com visão crítica e proativa. De forma pouco frequente, penso também que o impacto do projeto vai na direção de fomentar o desenvolvimento capitalista, baseado na hegemonia econômica das empresas privadas. Este projeto não propicia ao profissional consciência ético-política para atuar com criticidade perante as demandas sociais. E ainda, acredito também, que algumas demandas profissionais não estão sendo supridas pois os docentes não têm colocado o projeto, na sua totalidade, não em prática.

Ressalto, que apesar de pouco frequente, às vezes, não consigo fazer a avaliação do impacto do projeto político pedagógico do curso porque desconheço o mesmo ou seu impacto.

Questão 8: Em que sentido o Projeto Pedagógico lhe serve de base para realizar suas ações?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistado
O PPC é a base para minha ação em sala de aula. A partir dele tem-se o entendimento da estrutura curricular e é possível articular as disciplinas, fornecendo sentido à construção dos conteúdos disciplinares.	E2; E6; E9; E16; E19; E21; E23; E24; E25; E27; E28; E30
O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar a prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados.	E1; E3; E4; E5; E7; E10; E12; E14; E15; E16; E17; E18; E19; E22; E23; E24; E25; E26; E28; E30; E31
O PPC não atende totalmente a minha expectativa uma vez que apresenta um déficit de transversalidade entre os conteúdos o que se reflete na formação do aluno.	E8; E17

Eu me baseio no PPC no que diz respeito à disciplina que estou ministrando. Entretanto, ele não influencia totalmente minha ação. Acredito que tange o aspecto social ele se distancia da realidade.	E10; E12
O PPC serve como base para a construção de projetos de pesquisa e extensão, organização de eventos e/ou para concessão de bolsas.	E12; E15; E23; E25
Eu não acredito na utilidade e na finalidade do PPC e/ou não me identifico com o mesmo, portanto o ele tem pouca influência sobre minha ação.	E11; E13; E29
Eu baseio minhas ações pedagógicas no PPC, com pouca frequência. Consulto o mesmo em caso de resolução de impasses ou para atender alguma demanda administrativa da Universidade.	E22

Questão 8: Em que sentido o Projeto Pedagógico lhe serve de base para realizar suas ações?

Resposta: O PPC é uma referência na qual fornece parâmetros para orientar a prática docente em relação aos objetivos do curso, ao perfil esperado, às disciplinas, às ementas, à carga horária e sobre os conteúdos a serem ministrados e atualizados. Ele tem que ser aplicado e deve conter suas bibliografias básicas sempre atualizadas. Nessa direção, ele é a base para minha ação em sala de aula. A partir dele tem-se o entendimento da estrutura curricular e é possível articular as disciplinas, fornecendo sentido à construção dos conteúdos disciplinares. Por vezes, o projeto serve como base para a construção de projetos de pesquisa e extensão, organização de eventos e/ou para concessão de bolsas.

No entanto, em alguns poucos casos, me deparo com algumas situações. Raramente, eu baseio minhas ações pedagógicas no PPC. Consulto-o mesmo, em caso de resolução de impasses ou para atender alguma demanda administrativa da Universidade. Outro ponto é que, às vezes, utilizo-o para a disciplina que estou ministrando. Entretanto, ele não influencia totalmente minha ação docente pois, em relação ao aspecto social, ele se distancia da realidade. Enfim, em algumas situações, acontece dele não atender totalmente a minha expectativa uma vez que apresenta um déficit de transversalidade entre os conteúdos, o que se reflete na formação do aluno.

Pode acontecer também, menos frequentemente, de eu não acreditar na utilidade e na finalidade do PPC e/ou não me identificar com o mesmo, portanto, ele tem pouca influência sobre minha ação.

Questão 9: Em relação ao que conversamos, o que mais você gostaria de acrescentar ou comentar? Por favor, sinta-se à vontade.

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistado
Eu vejo que projeto pedagógico tem que ser realmente apresentado, tem que ser discutido. E a ética e a filosofia são fundamentais. Quem não ou quem não estudar filosofia vai ter muita dificuldade. Os tempos não vão ser os melhores porque realmente todas estão saindo do currículo.	E1
Acredito que devemos gostar do que fazemos e que a ética é um princípio de vida.	E3
O Brasil é um país jovem em termos de seu sistema político democrático. Devemos lutar pela ética.	E4
A temática é relevante e a sociedade atual está precisando muito falar disso. Carecem-se mais diálogos e pesquisas	E5; E15; E28

<i>que privilegiem a reflexão sobre as condutas humanas na área da Biblioteconomia e do ensino universitário, como um todo.</i>	
É a primeira vez que respondo uma entrevista gravada. Geralmente só respondo questionários.	E7
Para o bibliotecário obter o reconhecimento social precisamos refletir sobre a ética.	E7
Muitas disciplinas são dadas no sentido estritamente técnico sem um embasamento mais reflexivo sobre a dimensão da atuação profissional. Acredito que o PPC deve abranger esta reflexão, em termos práticos e de forma prescrita, de modo que sua inserção não fique na dependência aceitação do docente.	E10; E25
Não existe referência teórica para certo ou errado.	E11
Acredito que a atuação do professor deve ir além da sala de aula estendendo suas ações com as entidades representativas de classe e interagindo com outros profissionais.	E12
Entendo que para que eu promova a reflexão sobre a dimensão ético-política da atuação profissional em sala de aula, eu necessito de estudos e leituras sobre estas questões. Acredito que minha formação acadêmica foi muito técnica e minha docência muito voltada para o trabalho.	E14
Acredito na necessidade de maiores diálogos com estudantes e docentes sobre o ensino, pesquisa e extensão, bem como sobre a integração e interdisciplinaridade nas áreas da <i>Ciência da Informação, Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia</i> .	E16; E20; E30
Acredito que a área da biblioteconomia precisa se modernizar e repensar seus conceitos e posicionamentos, bem como suas atuações para se inserir de forma efetiva no mercado.	E19; E20; E26
Acredito que o cenário cultural, político e econômico carece reflexões sobre a ética e o compromisso profissional, no âmbito docente e discente.	E21; E23; E25

Questão 9: Em relação ao que conversamos, o que mais você gostaria de acrescentar ou comentar? Por favor, sinta-se à vontade.

Resposta: Em relação à tudo que conversamos eu gostaria de acrescentar alguns pontos, embora, eu os aborde com pouquíssima frequência. Primeiro, acredito que devemos gostar do que fazemos e que a ética é um princípio de vida. O Brasil é um país jovem em termos de seu sistema político democrático. Devemos lutar pela ética. Acredito que o cenário cultural, político e econômico carece reflexões sobre a ética e o compromisso profissional, no âmbito docente e discente. A temática é relevante e a sociedade atual está precisando muito falar disso. Carecem-se mais diálogos e pesquisas que privilegiem a reflexão sobre as condutas humanas na área da Biblioteconomia e do ensino universitário, como um todo.

No que tange ao PPC, acho importante apresenta-lo e discuti-lo. Muitas disciplinas são dadas no sentido estritamente técnico e sem um embasamento mais reflexivo sobre a dimensão da atuação profissional. Acredito que o PPC deve abranger esta reflexão, em termos práticos e de forma prescrita, de modo que sua inserção não fique na dependência aceitação do docente.

Vejo a ética e a filosofia como fundamentais. Quem não ou quem não estudar filosofia vai ter muita dificuldade. Os tempos não vão ser os melhores porque realmente todas estão saindo do currículo. Para o bibliotecário obter o reconhecimento social precisamos refletir sobre a ética. Nesse sentido, entendo que para que eu promova a reflexão sobre a dimensão ético-política da atuação profissional em sala de aula, eu necessito de estudos e leituras sobre estas questões. Acredito que minha formação acadêmica foi muito técnica e minha docência muito voltada para o trabalho. Ademais, acredito que a atuação do professor deve ir além da sala de aula estendendo suas ações com as entidades representativas de classe e interagindo com outros profissionais.

Por outro lado, sinto a necessidade de maiores diálogos com estudantes e docentes sobre o ensino, pesquisa e extensão, bem como sobre a integração e interdisciplinaridade nas áreas da Ciência da Informação, Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Acredito que a área da biblioteconomia precisa se modernizar e repensar seus conceitos e posicionamentos, bem como suas atuações para se inserir de forma efetiva no mercado.

APENDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de doutorado intitulada “ENTRE O SABER-FAZER E O SABER-AGIR: O QUE PROFESSAM OS DOCENTES DE BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA.”. Esta pesquisa está associada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina e tem como objetivo conhecer o sentido ético que os docentes dos cursos de Santa Catarina extraem do projeto político-pedagógico dos cursos de Biblioteconomia da UFSC e da UDESC e como o aplicam em suas práticas docentes enquanto colaboram no processo formativo do bibliotecário. Para a realização deste estudo, serão coletados dados, junto aos docentes de Biblioteconomia dos cursos presenciais de graduação do Estado Santa Catarina, por meio de entrevista gravada em áudio e pela aplicação de um questionário solicitando dados pessoais (como idade e sexo), bem como, de formação e atuação profissional. Serão previamente marcados a data, horário e local mais adequados, conforme sua vontade, para responder à entrevista e ao questionário. Não é obrigatório responder todas as perguntas da entrevista e do questionário. Sinta-se absolutamente a vontade para deixar de participar da pesquisa em qualquer momento e sem ter que apresentar qualquer justificativa. O(a) Senhor(a) e seu/sua acompanhante não terão despesas e nem serão remunerados pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de dano, durante a pesquisa será garantida a indenização. Os riscos em participar desta pesquisa figuram como mínimos em virtude do (a) entrevistado (a) ceder seu tempo e/ou sentir qualquer pequeno desconforto físico, como um leve cansaço ao responder as perguntas da entrevista e do questionário. De modo a evitar desconfortos físicos, estes procedimentos serão realizados em local escolhido pelo (a) participante onde o(a) mesmo (a) possa estar confortavelmente acomodado. Ademais, durante a realização da entrevista, a pesquisadora prestará a assistência necessária e estará ao dispor para quaisquer esclarecimentos. A sua identidade será preservada durante todas as fases da pesquisa. Com relação aos benefícios e vantagens em participar deste estudo, ressalta-se que em curto prazo, para o(a) participante não haverá benefícios. Estes figuram de forma indireta e em longo prazo, uma vez que a pesquisa trará informações relativas às diretrizes éticas da formação que contribuirão no processo educativo do bibliotecário e no desenvolvimento da profissão. A pessoa que acompanhará os procedimentos será a pesquisadora Daniella Camara Pizarro, estudante de doutorado da Universidade Federal de Santa Catarina. O(a) senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento. Solicito a sua autorização para a utilização das informações coletadas, para a participação em eventos e produção de artigos técnicos e científicos, os quais mostrarão apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição ou qualquer informação relacionada a sua privacidade. Destaca-se ainda, que a pesquisadora será a única a ter acesso aos seus dados. Este termo de consentimento livre e esclarecido é

feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: Daniella Camara Pizarro
NÚMERO DO TELEFONE: (48) 9951-6810 e (48) 3304-3781
ENDEREÇO: Servidão Porto do Vento, 110 casa, Lagoa da Conceição, Cep.: 88.048-560, Florianópolis – SC.

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UEDESC
Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901
Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa SEPN 510, Norte, Bloco A, 3º andar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF- CEP: 70750521 Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO - Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso:

Assinatura _____

Local: _____ Data: ____/____/____ .

**APENDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS,
VÍDEOS E GRAVAÇÕES**

Permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada “ENTRE O SABER-FAZER E O SABER-AGIR: O QUE PROFESSAM OS DOCENTES DE BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA.” e concordo que o material e informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

Florianópolis, _____ de _____ de _____.

Nome do Sujeito Pesquisado

Assinatura do Sujeito Pesquisado

APENDICE E – QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO**DADOS PESSOAIS**

Idade: _____.

Gênero: () Feminino () Masculino () Outros.

FORMAÇÃO

Graduação: _____.

Ano de conclusão: _____.

Universidade: _____.

Especialização: _____.

Ano de conclusão: _____.

Universidade: _____.

Mestrado: _____.

Ano de conclusão: _____.

Universidade: _____.

Doutorado: _____.

Ano de conclusão: _____.

Universidade: _____.

Pós-doutorado: _____.

Ano de conclusão: _____.

Universidade: _____.

EXERCÍCIO PROFISSIONAL

Quando (ano) iniciou o exercício profissional como docente?

_____.

Há quantos anos atua como profissional nesta Universidade?

_____.

Enquanto docente, já exerceu função de coordenação, chefia ou direção?

() Sim () Não.

Qual a função e em qual setor da Universidade a desenvolvia:

Antes de ser docente, teve vínculo empregatício em outras instituições?

() Sim () Não

Se sim diga, qual(is) a(s) Instituição(ões); por quanto tempo atuou na instituição e qual era seu cargo:

Você exerce ou exerceu atividades de participação em entidades profissionais ou de ensino (associações) ou órgãos de categoria profissional (conselho)?

() Sim () Não.

Se sim, diga qual (is) e o tempo de participação.

APÊNDICE F – PRÉ-TESTE ENTREVISTAS TRANSCRITAS

ENTREVISTA A – Pré-teste

Questão 1 - Dentro da sua concepção, pra quê serve o bibliotecário?

Olha, na minha concepção, é um mediador, né? Então, eu trabalho muito com essa perspectiva, assim, de que ele é um mediador cultural, em qualquer ambiente que ele atue. Né? Então no caso da biblioteca, ele é um mediador cultural ali dentro. Ele vai fazer esse link entre um patrimônio, um acervo de conhecimentos acumulados e as pessoas que potencialmente pode utilizar desse acervo. Como é que ele vai fazer essa mediação? Pode ser uma mediação desde a perspectiva mais tradicional de trabalhar com o livro, com o impresso, até uma perspectiva assim, mais... digamos, ahm... dialógica no sentido de fazer mediação de leituras, estabelecer círculo, fazer atividades culturais, fazer um perfil desse usuário. E uma coisa que eu acho que é uma tendência contemporânea que eu vejo em algumas experiências, mais inovadoras é essa ideia de não pensar só nele como um prestador de serviços, mas nele assim com um facilitador dentro de um modelo de parceria. Então, junto com o usuário eles construirão esse modelo de acesso ao conhecimento. Isso seria pra mim, o ideal de um bom bibliotecário.

Questão 2 - Bacana! Que demandas esse profissional que você imagina deve atender?

Olha, eu acho assim, que ele tem que... qualificar os seus mecanismos de escuta. Acho que é a coisa mais importante. Então, saber detectar, saber diagnosticar quais são as necessidades que ele percebe na comunidade que ele atua. Aí, nesse sentido, ele tem que ser uma pessoa atenta no contexto. Antenada nos grupos aos quais ele tá ligado, né? Então, eu acho que nesse sentido, ele tem que ser uma pessoa ativa dentro da comunidade dele.

Questão 3 - E com base na tua prática profissional como docente, o que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Olha, eu espero que ele saia... não com respostas prontas, mas sabendo enfrentar problemas que ele vai encontrar, ou seja, que ele saia muito mais com um repertório de métodos, de posturas, de visões de mundo do que com um conjunto de técnicas.

Questão 4 - Legal! Como você realiza a tua prática profissional para atender o desenvolvimento desse egresso?

Olha, a minha prática profissional é basicamente ser professor, né? Então, como professor eu tenho uma atuação em sala de aula, né? Então, tem um conjunto de disciplinas que eu desenvolvo. Mas assim, dentro da sala de aula eu sempre falo pros alunos, assim, que os professores estão lá disponíveis pra serem potencializados por eles, né? Então, que eles não têm que se restringir à sala de aula. Então, eu tô sempre com horários em aberto, eventualmente, com grupos de estudo ou dando atendimento fora pra potencializar isso. Então, eu gosto que os

caras venham com questões pra mim, não eu que tenho que chegar oferecendo conteúdos.

Entrevistadora: Aberto ao diálogo...

É mais interessante! É uma coisa mais rica, eu acho, inclusive. Até porque eu acho mais desafiador. Falar do que eu já sei é fácil, agora refletir e pensar sobre coisas que eu ainda não tinha pensado ou que eu não tenha tanta certeza, acho que é mais desafiador, mais interessante!

Questão 5 - Bacana! Que ênfase você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referentes à prática bibliotecária nas diversas disciplinas que você ministra?

Olha, a partir dos tópicos e dos temas que eu trabalho, né? Que são temas geralmente relacionados à intersecção cultura-tecnologia-sociedade eu, às vezes, levanto problemas, né? Eu acho que não existe um... um modelo já fechado de ética. Eu acho que, assim, a ética que eu penso... e acho que aí é um pouco das leituras sobre multiculturalismo, sobre os estudos culturais... eu penso que ela é uma ética relacional. Cada situação vai colocar os sujeitos em determinados contextos que eles vão ter que refletir e tomar determinadas posições, né? Então, na minha prática, né?, o que eu tento colocar é isso, assim, né? Como é... refletir, né? Como diagnosticar questões que tenham fundo ético, né? Que tenham um fundo ético, muitas vezes, por conflitos culturais, por conflitos sociais, por conflitos econômicos, né? Então, pensar qual é a raiz do conflito e que questão ética tá ali expressa nesse conflito.

Questão 6 - Perfeito! Quais os valores... Eu acho que você já falou um pouquinho disso, mas quais os valores éticos que lhe motivam e lhe influenciam pra realizar a sua atuação como docente?

Ah, nisso daí, eu acho que sou um pouquinho antigo, assim. Eu sou meio iluminista, assim, eu... Eu vou um pouco na linha de autores assim... Um autor que me influencia bastante a conhecer essas coisas é o Habermas, né? Eu acho que, na verdade, é a tentativa da gente tá no mundo público, numa esfera pública e construir um diálogo... um diálogo onde você veja o outro, né? Veja o seu interlocutor como igual. Que é um negócio muito difícil, né? Então, eu acho, assim, que a ética que eu prezo é essa ética comunicativa.

Questão 7 - Hum, que legal! E, assim, como você avalia o projeto pedagógico do teu curso?

Olha, o meu curso, ele tem uma história que é interessante... ahm... ele vai fazer... ele vai completar 13 anos agora. Então, quando eu entrei... quando todos nós entramos, o projeto já estava pronto. Nenhum dos professores que entrou participou do projeto. Então, a gente pegou o bonde andando num certo sentido, assim. Que era um grupo que era da ECA-USP que montou esse... projeto político pedagógico e eles tinham a intenção de ir pra Ribeirão Preto meio que terminar a carreira lá montando esse curso. Uma série de contratempos fez com que isso fosse modificado. Então, a gente foi pra lá, um grupo de professores novos, nem todos egressos da área. Então, a gente ficou trabalhando com esse projeto político pedagógico nos quatro ou cinco primeiros anos até engrossar a quantidade de

professores e a gente fez uma primeira discussão desse projeto político pedagógico, nesse período, né? Fizemos uma série de modificações e trouxemos isso até o ano passado... um pouquinho antes, ano retrasado! Quando a gente voltou a discutir esse projeto, aí as pessoas com mais experiências, entrando outras pessoas da área. Então, agora a gente tá com esse projeto praticamente fechado, a gente só tem que passar ele nas instâncias da USP. Então, uma das coisas que a gente fez em relação ao projeto anterior, a gente tirou a disciplina de ética, porque a gente chegou à conclusão que as questões éticas, elas teriam que ser abordadas transversalmente no conjunto de disciplinas. E a gente elencou algumas disciplinas que seriam mais ou menos estratégicas pra abordar essas questões éticas dentro de cada área, na área social, na área cultural, na área de conduta do profissional, na área tecnológica. Então, a gente tá trabalhando um pouco isso. Então, eu acho que o projeto ahm... na teoria contempla. Agora o que vai dar, de fato, a resposta de se ele tá contemplando vai ser a atuação de cada professor em sala de aula, né?

Entrevistadora: Entendi. Mas independente de contemplar a ética, né? Como você avalia esse projeto? É um projeto mais voltado a quê? A que tipo de formação você acha que é?

Olha, a nossa formação lá... Ela é curiosa, assim, acho que é uma formação mais humanista mesmo, né? Então, a gente não discute a questão tecnológica, até que a ideia... até que a ideia assim é... inclusive, reforçar essa parte tecnológica, mas sempre pensando, assim, que a tecnologia, ela não é uma solução em si. Ela é uma ferramenta pra uma solução que tem que ser pensada no plano cultural e no plano social.

Questão 8 - Perfeito! Em que sentido esse projeto lhe serve como base pra você realizar as tuas ações como docente?

Olha, ele... na medida em que eu participei da elaboração dele, então, eu acho assim que... ele... ele é construído a partir de uma série de postulados e princípios que eu aplico nas minhas práticas educacionais, nas minhas práticas de orientação. Eu acho que é um bom referencial para orientar essas minhas práticas.

Entrevistadora: Porque o projeto, ele é um discurso, na realidade, materializado, né? De um grupo que em consenso materializou aquele discurso, né? Às vezes, não concorda muito, mas como tá num grupo, a gente... né?

É, mas eu acho que ele é suficientemente aberto pra ser lido dentro das características de cada professor, de cada disciplina. Eu acho que ele é muito mais um... protocolo geral, de direcionamentos do que uma coisa normativa, regulamentatória. Nesse sentido...

Entrevistadora: Possibilidades de ações... Possibilidades e limites de ações, né?

Aham! É! Exatamente!

Questão 9 - Ah, legal! Tem mais alguma coisa que você queria falar ou acrescentar em relação ao que a gente conversou?

Olha, eu acho que... Questão ética, na minha perspectiva, ela tem muito mais a ver com uma interação comunicacional. Então, nesse sentido não adianta... ahm... você pensar numa coisa prescritiva, numa coisa normativa, se você não tem atitudes que postulem essa abertura do diálogo. Então, eu acho, assim, que a ética, ela é muito mais construída numa prática educativa, numa prática de diálogos com os alunos do que num documento, numa regra, numa legislação. Eu acredito muito mais nisso.

Entrevistadora: Na força do argumento, né? Não o argumento de quem tem poder, fazer uma...

Exatamente! E principalmente, assim, trabalhar com isso numa perspectiva que fuja um pouco das hierarquias acadêmicas. A instituição que eu tô, ela é muito hierárquica, ela tem essa coisa, assim, muito tradicional, né? Então, tem um corporativismo muito forte dos professores, e eu acho que isso daí faz com que os alunos tenham uma atitude, assim, um pouco na defensiva em relação a essas coisas. Então, você tem que construir esse espaço de confiança.

Entrevistadora: E esse corporativismo no fundo é uma proteção, né? É o reflexo do medo, né?, de insegurança... E as pessoas se unem pra... né?

É! E aí sim, eu acho que você não pode pisar na bola, porque toda vez que você pisa na bola, você aumenta essa distância e faz com que as pessoas fiquem mais na defensiva.

Entrevistadora: Mas eu acho que não é só lá não... (risos)

É! Acho que é meio geral isso daí!

Entrevistadora: Pois é, né? Mas beleza. Obrigada!

Não sei se te ajudou...

Entrevistadora: Ajudou bastante!

ENTREVISTA B – Pré-teste

Questão 1 – Dentro da sua concepção, para que que existe o bibliotecário?
(Risos) *Que pergunta mais ampla!*

Entrevistadora: É difícil, né?, essa pergunta?

É... pra que que existe o bibliotecário?

Entrevistadora: Você é professor de Biblioteconomia, né?, assim... Pra que você acha que existe? Pra quem... bom, isso vem depois, mas pra que que existe o bibliotecário?

Ah, objetivamente ou idealmente?

Entrevistadora: O que você achar... Os dois!

Objetivamente, ele existe...

Entrevistadora: Realmente existe de alguma forma pra você, né? Então, pra que que existe o bibliotecário? Pode ser idealmente ou objetivamente.

Ah, o bibliotecário, objetivamente, existe pra é... atuar em centros de informação, bibliotecas. Agora em funções... as mais variadas, desde mediação da informação, ao tratamento dos documentos, é... serviços de referência, enfim, uma infinidade de espaços que ele pode atuar.

Entrevistadora: E idealmente?

Ah, idealmente vai ter algumas correntes, né? Vai ter quem acredite que ele...

Entrevistadora: Ah, mas pra você?

Pra mim? Eu acredito num papel de responsabilidade social do bibliotecário, né? Mas eu acho que existe uma... uma situação objetiva que é... assim, que as pessoas também precisam arrumar um trabalho e trabalhar, né? Eles estão buscando uma forma de... é... de sobrevivência, de ascensão social, de... né? é... de atuação profissional, de vida digna, enfim.

Entrevistadora: Mas isso é separado? Do que poderia ser o papel dele? Ele não pode ter uma ascensão social e ter um papel social, por exemplo?

A princípio, eu acho que sim.

Entrevistadora: Tá!

Não, é... Não!

Entrevistadora: Tá! E, assim, ó... Que demandas...?

É que é uma pergunta ampla, eu fico pensando que...

Entrevistadora: Não, responde o que tiver na tua cabeça...

É... Eu fico pensando que... Não, eu tô respondendo o que tá na minha cabeça, mas eu fico pensando que ela não... não vai ser contemplada na forma com que eu gostaria, talvez. Amanhã, assim, eu pensaria numa coisa...

Entrevistadora: Tá! Mas o objetivo é esse mesmo, é pegar de surpresa.

Tá bom...

Entrevistadora: Né? Pegar o que vem na cabeça mesmo, sabe?

Entendi!

Entrevistadora: Sem a manipulação do... né?, do pensamento. Que a gente vem depois e acaba manipulando, né?, o... Quando você já sabe, né? É pra pegar o que... o que tem aí dentro!

Questão 2 – Que demandas esse profissional, ele deve atender pra você?

Que demandas ele deve atender? Bom, eu já é... Eu penso na... na... no local onde eu tô mais familiarizado a atuar que é Alagoas. Alagoas tem uma situação social diferente de outras do Brasil, é uma realidade social muito desigual, muito problema. Então, na minha... minha concepção, as demandas que ele tem que atender e atuar são essas, de uma realidade muito difícil e complicada. Que talvez não é a mesma realidade do Rio de Janeiro, de São Paulo ou de Florianópolis. Então, lá a demanda assim... são índices, é... indicativos sociais muito baixos, desde é... renda, população... a maior parte da população vivendo abaixo da... da linha da pobreza. Senão a maior parte, mas uma boa parte. Então, assim, uma realidade social ainda muito difícil, né?, é... por um lado, pro bibliotecário atuar. E, por outro lado, ele é necessário, mas... mas é uma dificuldade que tá posta e que as pessoas lá tão tendo que lidar com ela. Ou seja, estamos formando bibliotecários e... alguns trabalham, outros não. Assim, então, que demandas ele tem que atender? Tem que atender as demandas pessoais de arrumar um trabalho, de arrumar... demandas... demandas da sociedade, de atender... é... conseguir contribuir de alguma forma pra sociedade. Demanda de mercado, que é... - Ah, eu preciso de bibliotecária nessa biblioteca, então...

Questão 3 – E assim... Com base na tua prática profissional como docente, o que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Do discente?

Entrevistadora: Na tua prática docente, o que que você espera desse egresso? Que você deu aula, o que você espera? Como é que ele sai?

Reflexão crítica. Ter um pouco mais de reflexão crítica, não só... é... replicar técnicas, né? Saber porque ele tá fazendo. Não saber só fazer.

Questão 4 – Legal! Tá, e aí como você realiza a tua prática profissional pra atender o desenvolvimento desse egresso? Pra ele sair assim como você acha.

Ah, eu... Bom, depende da disciplina, mas no geral eu procuro construir a disciplina de uma forma com que ele possa fazer essa reflexão e não simplesmente fazer com que ele replique o conhecimento técnico. Mas nem sempre ele tá interessado nisso. Muitas vezes, o aluno ou porque foi já moldado dessa forma desde o início do curso ou porque... ou porque a gente... a estrutura educacional já é essa, né? O aluno tá acostumado com um sistema da educação bancária, não com um sistema mais reflexivo, né? Então, ele... mesmo assim, ou teria que ser muito início da graduação pra ele tentar mudar isso ou fica mais difícil. Não que não dê, mas fica mais difícil no meio da graduação mudar.

Entrevistadora: Muito!

Questão 5 – Que ênfase que você dá, é... na abordagem de aspectos éticos e políticos, referente à prática bibliotecária, nas disciplinas que você ministra?

Eu não abordo o tema da ética diretamente, mas indiretamente sim, né?, o comportamento com... comportamento com o que eu acho que é correto, né? Cumprimento dos prazos, cumprir o que foi combinado, é... ter uma lisura profissional, coerência, assim... Mas assim, tento... tento fazer com que a próxima... a própria disciplina seja construída com eles. Mas assim, não trabalho o tema diretamente, mas, assim, é... explic... trabalho muito a questão do plágio, né? De...

Sou muito rigoroso com questão a plágio, porque isso está diretamente relacionado também à ética, né?

Entrevistadora: Que disciplina você ministra normalmente?

“Classificação”, “Ação Cultural”, “Preservação”... Atualmente são essas, mas... antes...

Entrevistadora: Até, assim, tem questões éticas assim, por exemplo, na classificação, né? Vou classificar um livro de... homossexualismo como doença? Aquele exemplo clássico, assim, né? Isso dá pra abordar, né?, em sala, nesse sentido...

É... Eu trabalho isso com eles. Até porque a minha dissertação de mestrado foi nessa linha.

Entrevistadora: Foi? Foi o que? O que você fez?

Fiz uma discussão e uma análise da CDD em relação aos valores de cultura de paz e guerra.

Entrevistadora: Nossa! Olha só! Pois então, é nesse aspecto. Esses aspectos éticos e políticos, né?

É... Eu não chego a chamar isso de aspectos éticos diretamente, mas são valores culturais que tão em concordância com uma cultura de guerra, né?

Entrevistadora: É que assim, os valores culturais, eles refletem o... o valor reflete a ética e a cultura reflete uma moral, então é um modo de fazer baseado num valor. É ético isso também, né? É que a gente não... a gente acha que ética é só uma coisa ligada a certo ou errado, mas não é o... isso, né? Você aborda, então, essas questões?

É. Não, é porque assim, é essa história, né?, a... eu acho que a ética não precisa ser trabalhada como conteúdo, a não ser que você vá trabalhar numa disciplina de ética. Então, eu não trabalho o tema ética, mas eu trabalho temas que são..., enfim, de reflexão crítica e de análise de algumas coisas que, talvez, repercuta aí na questão da ética.

Entrevistadora: Legal!

Questão 6 – É... Quais os valores éticos, valores, né?, que te motivam ou te influenciam pra realizar a tua atuação como docente do curso de Biblioteconomia?

Ah... Postura profissional, coerência com o que tá falando, com o que foi acordado, lisura, né?, comprometimento. Eu valorizo muito um aluno que é comprometido. É... Que mais de valores? Enfim! Tento trabalhar a questão da... uma... uma questão de... de consciência de classe, talvez, né? Entender que... que a gente... que existe uma diferença aí de classes, existe aí um poder ou uma ideologia que faça com que eles pensem de uma determinada maneira ou com que a gente pense de uma determinada maneira. Tento questionar alguns... alguns pontos, né? Trazendo aí, de alguma leitura que eu tenho da Sociologia, Antropologia... mas é... Sim! Eu acho que tá repleto de questões indiretas aí, talvez não diretamente, mas direto... mas indiretas.

Questão 7 – Entendi! E aqui, como que você avalia o projeto pedagógico do teu curso?

Ah, aí... o projeto lá tá... tá complicação e... e tá precisando de ser reformulado e quando eu cheguei... ele... eu não participei, né? Então, eu cheguei e ele já tava pronto e aí...

Entrevistadora: Então, na sua opinião ele precisa ser reformulado?

Reformulado, urgentemente!

Entrevistadora: Por quê?

Não, primeiro porque a última mudança foi feita de uma maneira complicada, numa situação muito... limitada dos docentes, da situação da universidade com correria pra aprovar REUNI. Então, enfim, não tá adequado, não tá adequado, tá...

Entrevistadora: Você acha que falta o que, por exemplo? Por que que ele não tá adequado? O que isso influencia na formação do aluno? Ele representa o que esse projeto não adequado? O déficit é aonde? Em quem?

Então, assim, eu não sei... muitas coisas. É muito ampla a pergunta. É... Assim, diretamente, né?

Entrevistadora: O que que ele não contempla, por exemplo? Questões étnico-culturais...? Questões... é...

É porque assim, eu não posso, é... embora tenha... né? Analisado assim, eu num... nunca fiz uma leitura profunda de todo o projeto político pedagógico. Então, eu fico mais voltado pras minhas... pras disciplinas que eu atuo, algumas próximas. E aí, é uma questão particular lá, que assim, tem duas versões e... nem a coordenação sabe exatamente qual que é a versão que vale, assim, aí... a minha instituição, ela passa por uma situação muito particular, é difícil falar, assim, mas...

Entrevistadora: Tá!

Não saberia agora assim...

Questão 8 – Em que sentido esse projeto pedagógico, ele te serve como base pra você realizar tuas ações?

Ah, muito pouco, assim. Eu não uso muito o projeto político, eu acho que ele não... Primeiro que assim, projeto político pedagógico, né? Você não vê na ementa alguma coisa sobre questão ética. Até porque é aquilo que eu falei, assim, não acho que... não sei se precisa ter. Como assim, eu preciso te falar que você não pode roubar? É um valor, né? É uma conduta moral. Eu não preciso te falar, necessariamente isso, a não ser que você vá em uma disciplina, né?, sei lá... alguma coisa que diga, né?, legislação de conduta... Então, não precisa, assim, então... é... eu não vejo, assim, o projeto político pedagógico como uma diretriz direta de... de trabalhar questões éticas. Mas eu também não sei até que ponto é o caso, não sei!

Entrevistadora: Tá! Mas independente da ética, ele serve como base pra você realizar tuas ações como docente?

É... ele é um documento base, não... não que ele...

Entrevistadora: Mas você não concorda com ele muito, mas ele tá como base?

É, até porque eu preciso segui-lo, né? É um documento institucional que eu tenho que seguir. Eu não posso, por exemplo, alterar uma ementa de uma disciplina. Então... Até que ele seja modificado com debate com a comunidade toda, eu não posso mudá-lo, né? Então, ele... ele é base.

Questão 9 – E assim, tem alguma coisa que você queira falar mais em relação ao que a gente conversou?

Não, assim, só isso assim. Né? Me parece um tema muito amplo, né? Como pesquisador a gente fica pensando também, né?, como que isso vai ser articulado em termos de pesquisa. Então, você fica com a cabeça um pouco nos dois lados, né? Como que isso vai ser articulado, mas também como que... como que eu vou responder de uma maneira mais próxima da minha realidade.

Entrevistadora: Por isso que a gente fala assim, não precisa nem saber as perguntas, é o que vier na tua cabeça, independente da pesquisa.

É, mas assim, também... a pesquisa nunca é totalmente livre, né? Nunca é exatamente o que tá na minha cabeça, mesmo que você pergunte na hora. Sempre tem, né?, aspectos sociais, institucionais que tão vigiando o que eu tô falando.

Entrevistadora: Perfeito! Obrigada!

ENTREVISTA C – Pré-teste

Questão 1 - Então, dentro da sua concepção, pra quê existe o bibliotecário?

É... pra mim eu concebo o bibliotecário como o agente social, né? O agente social pra modificar o status quo da sociedade, né? e pra possibilitar que os indivíduos tenham acesso, né?, à informação e também que respeite a... a concepção individual de cada indivíduo dentro dessa sociedade.

Questão 2 - E essa... e que demandas esse profissional ele deve atender, na sua opinião? Que demandas esse profissional ele deve atender?

É... é... como um agente social, né?, ele acaba tendo uma série de demandas, né? Tem uma demanda, vamos ver assim, mais clássica, né?, que é organizar um acervo e disponibilizar essas informações e possibilitar que essas informações estejam acessíveis, né?, pra... pra... esse usuário. Mas tem uma demanda também, dependendo do contexto de biblioteca que ele vai estar atuando ou, por exemplo, uma biblioteca pública, uma biblioteca escolar tem uma demanda também como educador, né? Como um fomentador, né?, de ideias. E eu acho que tem uma outra demanda também, é uma demanda, é... que ele deve estar antenado com as questões ligadas às novas tecnologias, né?, pra possibilitar atuar no movimento interdisciplinar, né?, na sua ação numa ação interdisciplinar, dentro dessa web hoje que também está... tem que sair do, vamos dizer assim do quadrado das bibliotecas, né? Alguma coisa nesse sentido.

Questão 3 - Perfeito, é... Com base na sua prática profissional como docente o que a senhora espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Ah... eu espero que ele saia um grande questionador. (risos) Eu espero que ele vá, na verdade, é... pensar nas práticas numa... numa possibilidade de... não de se adequar, mas uma possibilidade de questionar e propor novas práticas dependendo do contexto que esse, é... em que ele vai estar inserido profissionalmente, né?

Questão 4 - E... como você realiza a sua prática profissional para atender o desenvolvimento desse egresso?

Eu acho que eu crio muitas confusões. (risos) Eu acho que eu crio, é... eu gostaria de criar mais, talvez eu crie até pouco, mas eu queria assim, fazer com que esse egresso pudesse chegar ao mercado com quest.... questionamentos, né? com espanto sobre o seu fazer. Eu tento, é... trabalhar, é... nesse sentido dentro de sala de aula, né? Fazer com que se repense sobre o fazer... ou se repense sobre os princípios que estão adjacen... que estão subordinados a um dado fazer.

Questão 5 - Hum, ótimo! E... que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referente à prática bibliotecário nas disciplinas que você ministra?

Veja... é... Eu trabalho com classificação, né?, é... E classificar, na verdade, é olhar o mundo sob um dado aspecto, sobre uma dada visão de mundo, né? E... e.. ter uma visão de mundo é ter uma visão, é... das pessoas que estão envolvidas dentro daquele contexto, né?, das necessidades dessas pessoas, das possibilidades de uma interferência, vamos dizer assim, sobre... sobre esse contexto e das consequências dessa interferência.

Questão 6 - E... quais os valores ético que lhe motivam e influenciam pra realizar a sua atuação como docente na graduação em Biblioteconomia?

A primeira coisa, é porque eu gosto de gente. Eu acho que o docente tem que... tem que gostar de pessoas, né? Tem que ser generoso, entendeu? E tem que saber, é... na verdade que ele está com um grande motivador, né?, sobre o conhecimento. É mais ou menos por aí!

Questão 7 - Ótimo! E como que você avalia o projeto pedagógico do curso, do seu curso de graduação de Biblioteconomia?

Pois é! Nós construímos um projeto pedagógico que a gente está nesse momento até reavaliando, mas era... quando, quando na época nós construímos o novo currículo junto nele uma proposta pedagógica de formação de currículo, nós pensamos... nós tínhamos o curso de Biblioteconomia e Arquivologia dentro do Departamento, então nós montamos um... o currículo em que a gente teve...tem um núcleo comum. Esse núcleo comum de conhecimento junta em sala de aula bibliotecários e arquivistas e eles perpassam todo... esse núcleo comum perpassa todo o curso, e... por que... naquele momento nós acreditávamos e, eu acredito até hoje, que é possível formam profissionais, né?, que tenham é... é... que possam sentar junto naquilo que eles tem de semelhante, né?, garantindo as diferenças. Então o currículo é formado com uma carga grande de núcleo comum, de disciplinas de núcleo comum e... quando o aluno se prepara, se forma na verdade, numa... num curso, ele pode pedir reingresso e ir completando a sua formação e formando então, o novo profissional que a gente chamaria de um híbrido no mercado. Que tem tanto,

uma visão arquivista, como biblioteconômica. E aí, é... a gente acha que essas... esses recortes... que eles vão se acabar, eles vão terminar, né?, e que a gente precisa de alguém que trabalhe informação, que trabalhe uma visão social dessa informação, né?, em uma construção de um novo espaço, que esse nome Biblioteca e Arquivo é ruim, né?, pra nomear a profissão, não é isso? A... A... A gente nomeia a profissão pelo lugar e não pelo fazer, né? Come... Então, eu... eu sou aquilo que está naquele lugar e aquele lugar hoje, ele se amplia, ele se modifica, né? Talvez a gente tivesse que ter um outro nome pra nomear esse conceito, esse fazer.

Questão 8 - Interessante! E... em que sentido então, esse projeto pedagógico, ele lhe serve como base pra realizar suas ações?

Então, ele... ele... ele na verdade como eu participei da construção desse projeto, assim... porque eu acredito nesse profissional que possa ter uma visão dos fazeres, né? Vamos dizer assim... organizacionais e... e também da sua atuação sobre uma visão de um pilar com o usuário, como uma organização apropriada pra determinado contexto, uma visão de domínio, uma visão do contexto, né? mas está ligado a uma forma de estar para o usuário, respeitando as necessidades individuais e tentando uma estruturação, é... dessa informação, né?, de forma a ser adequada, né?

Entrevistadora: Então...é ele que dá base pra sua prática? Ele atende, professora?

Ele dá base. Na verdade, eu acredito nele. (risos).

Entrevistadora: Você acabou de falar, né?, que participou da... que bom, né?

Eu acredito! Eu acredito nesse projeto, agora é um... é difícil porque nós temos as formações disciplinares, né? O nosso recorte é disciplinar por mais que a gente queira ser interdisciplinar e hoje você vai, é... No... numa...no mercado – eu falei tanto no mercado antes - mas você vai para o mercado que não quer mais você disciplinado. Quer você interdisciplinar, quer você transdisciplinar, né? Então... é... Essa é difícil, mas... (risos)

Questão 9 - A Professora gostaria de acrescentar mais alguma coisa? Quer falar mais algo...?

Entrevistadora: Não, era isso!

Entrevistadora: Agradeço muito! Obrigada! Você tem um sonho!

Então vamos terminar dizendo: - Eu tenho um sonho! (risos)

Entrevistadora: Ai que lindo! E esse sonho é o quê? Que esse bibliotecário saia...

É.. Eu acho que é... A construção desse indivíduo crítico, né?, sobre o seu fazer, né? É... que... certo ou errado não tem nunca, não é verdade? Certo ou errado, verdade ou falsidade, depende de que lado eu estou olhando, não é isso?

Entrevistadora: Sim... é...

Mas pelo menos eu tenho um movimento de... de... um movimento um pouco mais... não é agressivo a palavra, mas com um pouco mais de combate, de... de... ânimo! Ânimo!

Entrevistadora: Diálogo!

É...de ânimo, entendeu? Sobre as questões e não só de... um aceite, uma profissão meio, né? Aí é uma modificação, né? De... de posicionamento diante do mundo, né?

Entrevistadora: Que bom, né? Vê esse ânimo que todos nós tenhamos esse ânimo, né?

É... pra modificar um pouco essa posição, né?

Entrevistadora: Perfeito! Obrigada!

ENTREVISTA D – Pré-teste

Questão 1 - Dentro da sua concepção, para que que serve o bibliotecário?

O bibliotecário, ele é um profissional extremamente importante pra sociedade, né? Porque eu penso que uma sociedade sem informação é uma sociedade ignorante, uma sociedade que não é crítica, uma sociedade que não tem... a percepção de mundo correta, né? Ela vai ser manipulada, ela vai ser enganada, ela vai ser frágil, né? Na... na defesa dos próprios direitos, né? E... E então, o bibliotecário como eu penso essa profissão, como um profissional que vai propiciar a informação, que vai dar acesso à... à informação pra pessoas, que vai, de alguma maneira, contribuir para que essa pessoa se informe corretamente a partir de informações fidedignas, informações confiáveis, informações que... que não tenha ali... é... um viés intencional, né? Porque a gente sabe que numa sociedade democrática quanto mais essa... essa sociedade possui informação fidedigna, informação consistente, informação é... é... realmente... dentro de um... um... de um contexto, vamos dizer assim, é... que possa fazer com que essa pessoa reflita e que enxergue os vieses que estão ali, as coisas subliminares que estão ali. Essa sociedade, ela vai ser mais libertária, ela vai ser mais crítica e... Então, para mim, o bibliotecário tem uma função essencial, em qualquer sociedade. E aí, pensando na sociedade como um todo, pensando num grupo, num segmento, né? E seja no âmbito público, no âmbito privado... Porque eu também penso que uma organização que tem informação, ela se defende mais, ela tem condição de inovar, ela tem a condição de criar, enfim! Então, em qualquer contexto a informação é um diferenciador, vamos dizer, né? Então, pra mim, a profissão bibliotecário é essencial em qualquer segmento, em qualquer área, de qualquer maneira. (risos)

Questão 2 – Perfeito! E que demandas este profissional, ele deve atender?

Bom, pra mim, o bibliotecário, ele se insere em qualquer segmento econômico e quando eu falo segmento econômico, eu... eu tô dizendo segmento econômico no sentido amplo da palavra, ou seja, ele vai atender, desde a sociedade como um todo e, portanto, as bibliotecas públicas, as bibliotecas escolares, as oficinas de leitura, os centros culturais, os centros de documentação, os centros de memória. Ele pode atuar em empresas privadas, ele pode atuar em bancos, ele pode atuar em consultorias, em assessorias, em indústria de todo tipo possível e imaginável, no comércio... Então, assim, é um profissional que tem uma amp... um amplo espaço de trabalho porque a informação, ela permeia qualquer atividade, qualquer atividade a informação ela vai ser a base, para se tomar decisão, para desempenhar uma tarefa, informação é tudo! Né? Então, o profissional, ele tem um amplo espaço de trabalho, tanto na esfera pública, quanto na esfera privada. E aí, o céu é o limite, na

verdade, porque basta que ele tenha competências ou desenvolva competências especializadas, ele pode atuar, na verdade, em qualquer área.

Questão 3 – Bacana! E com base na sua prática profissional como docente, o que que você espera do egresso, então, do curso de Biblioteconomia?

Então, o que a gente espera do egresso tem muito a ver com os conteúdos formadores que você propicia a ele, né? Então, quando a gente define um perfil, dentro de um projeto pedagógico, a gente tem ali um... vamos dizer assim, a gente espera atender ao final dessa formação, esse perfil que foi definido. A gente tem essa pretensão, né? É claro que isso em termos.... Vamos dizer assim, de perfeição, é difícil atingir. Por quê? Porque quando a gente tá trabalhando a questão... o projeto político pedagógico, a formação, ela... ela tá dentro de um contexto, num contexto institucional, num contexto social, num contexto econômico, um contexto é... é... que envolve o corpo docente, que envolve a infraestrutura institucional, que envolve as questões político-econômicas daquele... daquele momento histórico, vivenciado. Então, muitas vezes, a gente define um perfil prum... pra esse aluno esperando encontrar esse egresso com esse perfil e não necessariamente... Por exemplo, você tem... Vou dar um exemplo pra... pra você entender o que eu tô falando. Você define um determinado conteúdo como um conteúdo essencial para formação, para atingir aquele perfil. Mas, por alguma razão, justamente quem trabalha aquele conteúdo ele... foi... foi pro estágio no exterior. Então, naquele semestre ele não tava na Universidade. Quem deu aquele conteúdo já não era mais aquele cara que dominava aquele conteúdo no... no nível de qualidade exigido era um... temporário, por exemplo, um substituto. Que tudo bem, ele também entendia, tanto que ele passou na... na... no teste seletivo, no processo seletivo. Mas ele não tem a mesma experiência, ele não tem... Então, assim, esse conteúdo formador, ele foi dado, mas talvez não como se desejasse, como se realmente aquele... aquele professor mais bem preparado pra aquilo não estava ali. Esse é um aspecto, mas outros aspectos... sei lá. Você tem um conteúdo formador, visando determinado perfil e... de repente você tem algum problema de infraestrutura naquela... naquele momento, né? Por exemplo, eu me lembro que, algumas universidades, quando houve o REUNI, né?, nas universidades federais, o pessoal reformou prédios, reformou laboratórios. O que foi ótimo, porque as Universidades não tinham investimentos por muito tempo. E foi maravilhoso, porque construíram prédios novos, reformaram prédios antigos, reelaboraram... fizeram novos laboratórios. Só que durante o período em que esses laboratórios estavam sendo reformulados, né? Que a sala de aula tava sendo reformada, esses alunos tiveram que conviver como? Com o que tinha! Então, houve prejuízo nessa formação desse aluno? Houve prejuízo. Então, assim, a gente tem sempre um ideal, que é definir um perfil e formar para atender e conseguir ao final da formação aquele perfil. Mas, tudo isso vai depender de contextos, de conjunturas, de situações que, às vezes... [Interrupção] Então, aí eu tava falando e agora eu me perdi. Deixa eu ver o que que eu tava falando mesmo?

Entrevistadora: Da questão de que como ele não sai como espera por causa da...

Ah, então! ...Das conjunturas, dos contextos, né? Então, assim, a gente sempre define o perfil e as competências e tenta, a partir dos conteúdos formadores, atingir isso, né? E claro, quando a gente atinge, o que que a gente quer? Que esse perfil seja executado, que ele seja trabalhado!

Entrevistadora: Mas o que se espera dele dentro dessas duas circunstâncias, uma na que... o correto aconteça do jeito que foi programado e também do desprogramado?

Então, quando a gente consegue atingir plenamente esse perfil, a gente quer que esse profissional cumpra essas competências, que ele execute essas competências e essas habilidades que a gente definiu no perfil. É...E claro, isso... isso é... de uma certa forma, tem a ver com esses conteúdos como eles foram passados, como eles foram dados. Então, a responsabilidade docente é muito grande. Não adianta a gente falar: - Olha, a gente quer esse perfil, mas no processo, né?, no processo você não... não... não possibilita que isso, de fato, ocorra lá na frente. E, claro, se a gente consegue atingir o perfil ao final da formação, o que a gente quer é que esse bibliotecário, de fato, honre essa formação, que ele honre essa formação plenamente! Então, ele teve todas as condições, ele realmente recebeu todos os conteúdos. Então, ele sai com aquele perfil. Olha, se ele sai com aquele perfil, ele tem que honrar essa formação e cumprir aquele perfil que se definiu. Só que, claro, eu acho assim, dificilmente um curso vai conseguir 100% atingir esse perfil. É sempre... Porque, veja, o perfil ele é definido, assim, é o que nós desejamos, é o que nós queremos.

Entrevistadora: Uhum! Expectativa, né?

Só que...Claro, a gente passa... as instituições, elas passam por tantas coisas... Então, de fato, você consegue 100%, eu não sei se a gente consegue 100%. Eu acho que seria uma ingenuidade a gente pensar que 100% do que nós definimos no perfil e nas competências a gente atinja. Até porque a gente tá lidando com pessoas, com sujeitos... E esses sujeitos têm limitações também. Então, quer dizer, seria assim, ingênuo achar que a gente vai conseguir. Agora, o que se almeja, o que se deseja é que esse perfil seja, pelo menos, não diria 100%, mas que a gente consiga um percentual significativo, vai! Eu diria, assim, né?

Questão 4 – Bacana! E como você realiza a tua prática profissional para atender o desenvolvimento desse egresso?

Olha, eu como docente, eu penso que assim... Eu tenho uma responsabilidade. Por quê? Pra mim, o docente é como se ele fosse um espelho... é um espelho... ele... ele... O que ele faz não só em sala de aula, o que ele faz fora da sala de aula. Isso vai ser absolutamente influenciador desse aluno. Então, para mim, a prática docente, ela... ela... a sala de aula, ela é um aspecto da prática docente, é um aspecto. Mas eu vou ter "n" outros aspectos que estão fora da sala de aula. Vou te dar um exemplo: grupo de pesquisa. Grupo de pesquisa, para mim, é uma prática docente essencial na formação do aluno, essencial! Por quê? Porque no grupo, você vai discutir, você vai ensinar esse aluno a refletir, vai ensinar esse aluno a ser crítico, que muitas vezes na sala de aula, o próprio conteúdo, às vezes, nem permite grandes reflexões, por exemplo, um conteúdo técnico que reflexão cê vai fazer? Você não vai fazer reflexão nenhuma porque aquilo é técnico e aquilo é aquilo, ponto. Né? Agora, quando você vai para um grupo de pesquisa e trabalha com outros tipos de conteúdo, você vai... vai fomentar isso no aluno. Não é? E mais, a maneira que você leva essa discussão, você dá, por exemplo, pra esse aluno ahm... aprendizagem de outra maneira como, por exemplo, saber ouvir o outro, saber que... você acha uma coisa, o outro acha outra, mas você sabe dialogar com ele, com o

diferente. Então, as práticas docentes, elas são múltiplas e, evidentemente, o docente tem que perceber isso. Então, como grupo de pesquisa, se você desenvolve um projeto extensão, se você vai e leva esse aluno pra outros espaços, né? Isso é muito importante! A prática docente, ela é fundamental e, aí, eu penso a prática docente como múltiplas coisas na sala de aula e a responsabilidade docente nisso é total, né? Total!

Questão 5 - E assim, e que ênfase você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos, referente à prática bibliotecária, nas disciplinas que você ministra?

Ah, isso tá sempre presente! Muito presente! Porque, assim, eu acho que quando a gente é... pensa na ética, a ética, ela... ela vai desde a relação humana. E a relação humana, nesse caso, professor-aluno, a relação humana professor-orientando, a relação humana professor-colega-professor, a relação humana colega-funcionário, a relação humana colega-profissional que atua fora da Universidade. Porque tudo... Essas relações humanas, elas vão aparecer durante o período de formação e os alunos que estão com você, eles estão vendo como você age. Como você é... é... se relaciona. Então, esse é um aspecto fundamental. Ética na relação humana em todas as suas dimensões. A outra coisa, é como você lida com esse conteúdo eticamente, por exemplo, você vai, por exemplo, discutir correntes teóricas. O professor, ele... eu acho que ele tem obrigação de dizer no que ele acredita. Ele tem que dizer: - Olha, eu defendo isso, por conta disso e disso. Mas, ele tem que dizer: - Isso não é consenso, isso tem gente que pensa oposto de mim e defende o oposto falando e... sustentando por isso e por isso. Ou seja, eu tô sendo ética no sentido de dizer: primeiro, eu não sou dona da verdade; segundo: eu defendo acredito naquilo, mas existem pessoas que defendem e acreditam em outras coisas que não é menos do que eu e nem mais! São pontos de vista. Então, ética na maneira que você passa esse conteúdo é... mostrando a diversidade, mostrando a multiplicidade, isso é fundamental! Né? Isso é uma postura ética trabalhando conteúdo. A outra coisa, além da ética na relação humana e no lidar com os conteúdos é você ter uma ética profissional. Por exemplo, você como docente, você faz parte de uma categoria profissional, você é professor, mas você é... no meu caso, eu sou bibliotecária. Então, eu sou bibliotecária e eu sou professora. Então, como levar a importância do profissional atuar com ética? Então, a ética não é só você ser um bom bibliotecário no sentido de que você executa bem a tua atividade. Não! Ela é muito mais do que isso! Por exemplo, quando eu indexo um livro, se eu não indexar eticamente aquele material, eu vou colocar o que eu achar que... do jeito que... - Ah, eu vou pôr isso aqui de qualquer jeito. Não! Você tem uma responsabilidade pra que... o teu público usuário possa acessar aquele material. Então, a tua indexação, ela vai ser determinante pra essa recuperação. Isso é ética profissional. Eu tenho que ter essa ética, então, se eu faço indexação, se eu faço catalogação, se eu faço gestão da informação, se eu faço um planejamento, toda a atividade bibliotecária tem que ser pautada numa ética, né? Então, isso é fundamental!

Questão 6 - E quais os valores que motivam ou te influenciam para realizar a tua atuação como docente?

Os valores?

Entrevistadora: Os valores éticos...

Bom, primeira coisa, eu acho que eu respeito ao outro. Esse é o primeiro... Pra mim, quem não respeita o outro, não tem como levar ma... como que cê vai fazer alguma outra coisa, se você não respeita o outro?

Entrevistadora: Não tem como...

Não tem como! Então, esse é o primeiro valor. O segundo valor que eu penso, eticamente, é você é... sem dúvida nenhuma, é entender a... a importância, no sentido assim, o que a... o que a minha atividade, enquanto profissional, é propícia para uma sociedade, para um grupo social. O que isso representa para esse grupo social. Uma outra questão ética, é você pensar o coletivo, não o individual. Porque tudo bem... se cada um cuidar de si, que é o que a gente vê muito, a gente vê muito... Nós estamos numa sociedade muito individualista e isso é péssimo, porque você... quando você deixa de pensar o coletivo, as tuas decisões, muitas vezes, elas não são éticas. Elas deixam de ser éticas, porque você se dá bem, mas o outro se dá mal, né? Então, pensar coletivamente, sabe? Uma outra coisa, e aí, eu penso que a ética, ela passa por valores assim: justiça. O que que é justo, sabe? Se é justo para mim, tem que ser justo pro outro. Se é injusto para mim, não pode ser ético. Se é injusto pro outro, também! Concorda? Então, justiça, eu acho que é uma coisa importante como valor numa conduta ética. Outro valor que eu... que eu acho que também a gente poderia é... colocar em termos éticos, né?, além do respeito ao outro, que eu já falei, do pensar coletivo e tudo mais é... é... nesse... nesse aspecto da... da... Sabe? De você respeitar os seus princípios, assim, sabe? De você... porque assim, conforme as coisas acontecem, aí você muda completamente a tua opinião, para atender um... uma determinada demanda ou a um... tem interesse, não! Você tem que ter uma coerência, aí, você tem que ter... os seus princípios tem que ser respeitados, né? Não se submeter, porque... – Não, olha o cara é o reitor! Então, agora ele falou isso e eu vou... sabe? Eu não concordo, mas vou fazer de conta que eu concordo. Não! Eu acho que respeitar esses princípios, respeitar essa coerência, respeitar essa... essa... como é que eu vou dizer? É realmente uma... É respeitar a própria... os próprios sentimentos, suas próprias emoções talvez, sabe?

Entrevistadora: Ser verdadeiro consigo...

Ser verdadeiro! Isso! Ser verdadeiro com o que você realmente crê, com o que realmente você acredita, com o que você realmente sente. Acho que é por aí, sabe?

Questão 7 – Bacana! E como que você avalia o projeto pedagógico do teu curso?

Do meu curso? Olha, eu... Primeiro assim, eu considero que não existe projeto pedagógico perfeito, isso é impossível! Toda vez que cê pega o projeto, aí fala: - Meu Deus, aqui precisava melhorar, aqui não sei o que. Isso é normal, né? Eu considero que é um bom projeto político pedagógico, mas eu sempre olho pro nosso projeto político pedagógico lá do curso e eu falo assim: - Puxa, tá faltando isso. Puxa, a gente esqueceu daquilo. Então, é sempre como se o projeto político pedagógico tivesse, assim, faltando alguma coisa que precisaria ser melhorada ou precisaria ser incluída. É sempre inacabado. E isso, eu acho que é até normal. Tanto é verdade que a gente sempre tá reformulando o projeto político pedagógico do curso porque a gente olha e fala: - Puxa, vida! Além da sociedade agora estar precisando disso, a gente... – Puxa, isso aqui, né? Então, assim, eu considero que é

um bom projeto, mas eu acho que... que inclusive, tá na hora da gente ir lá rever nosso projeto político pedagógico, né? Principalmente, pensando algumas questões éticas mesmo. Nós temos a ética lá dentro de tópicos, é... de disciplina de "Fundamentos" e tudo mais, mas eu penso que hoje, a ética podia ser uma disciplina específica, sabe? E nós não temos isso. Nós temos conteúdos dentro de uma disciplina que vão abordar a questão da ética. Por exemplo, na disciplina de "Fundamentos" nós temos. Na disciplina de "Atuação profissional" nós temos, né?, com diferentes enfoques obviamente, uma mais voltada para atuação profissional, outra mais voltada para as concepções éticas, os princípios éticos, né? Mas eu acho que ela merecia, até porque hoje eu acho que... sem dúvida nenhuma precisaria implementar, sabe? Eu acho... Eu acho que isso faz falta hoje. Nós estamos... Porque eu penso que nós estamos numa sociedade individualista, nós estamos numa sociedade que é voltada cada um pra si, sabe? E que os valores, muitos valores que são importantes, aí... Que eu penso que são importantes, lógico, né? Eu acho que eles tão meio que desaparecendo, não sei... Eu, às vezes, falo: - Gente, como pode, sabe? Como assim?

Entrevistadora: Falta consciência, né?

É... Então, eu penso que a ética, ela tinha que ser incluída como uma disciplina em tudo quanto... em todos os cursos, não de Biblio, em todos os cursos.

Entrevistadora: No geral, né?

É, no geral.

Questão 8 – E assim, em que medida... Em que sentido, aliás, esse projeto te serve como base pra você realizar tuas ações?

Pra mim, enquanto docente? Ou enquanto profissional?

Entrevistadora: Não, enquanto docente. Em que sentido você realiza as tuas ações, as tuas práticas docentes. Em que sentido, ele te serve como base?

Bom, ele é o balizador. Por quê? Os conteúdos que eu ministro, eles estão presentes ali. Quando eu faço, quando eu ministro esses conteúdos, eu viso esse perfil e viso essas competências que foram definidas. Então, sempre, vamos dizer assim, essa interação entre perfil desejado, competências e habilidades que eu tenho que provocar, né?, promover a esse aluno por meio dos conteúdos. Então assim, ele é... ele é a base para eu trabalhar em sala de aula, pra eu trabalhar no grupo de pesquisa, pra eu trabalhar a orientação, pra eu trabalhar... enfim, a produção científica com os meus orientandos. Seja lá o que for, né? Ele vai ser o... o que me dá a base pra agir como docente, né? Então, eu sempre olho pra ele pra ver como é que eu tô fazendo... Por exemplo, em termos de avaliação. Como que... que isso... se realmente tá dentro do que é que foi definido pedagogicamente no projeto. E por aí vai, né?

Entrevistadora: Legal! Tem alguma coisa que você queria acrescentar ou falar em relação ao que a gente conversou?

Não! Eu acho que basicamente é isso, mas... o projeto, ele deveria ser realmente um elemento que vai nortear todo o trabalho docente, obviamente! Porque senão, pra que é o projeto?

Entrevistadora: No sentido da conduta, né? No sentido da ação!

Exatamente! Ele é o fio... Ele é o fio condutor! Senão não faz sentido. Pra que que você vai fazer o projeto? Infelizmente, às vezes, a gente vê que ele é um documento que fica na gaveta, né? Infelizmente!

Entrevistadora: Ou também tem o sentido de ação totalmente, né? Atender o mercado de trabalho, a não atender, por exemplo, a associação, né? A formação deveria ser pra atender a associação e não atender as demandas do mercado, né?

Sem dúvida!

Entrevistadora: Né? E também ele fica nesse sentido, quando tem um sentido, uma prática e uma ênfase muito mais... De como a gente viu ontem, né? Por exemplo, quando foi colocado ali a questão das tecnologias, tão enfaticamente, né?

Pois é.

Entrevistadora: A gente vê o sentido... a quem atende, né?

A quem atende!

Entrevistadora: Nesse sentido, é o que a gente vai... balizando nas nossas práticas, né?

É verdade! Agora, o projeto pra mim, ele tem uma coisa, sabe? Eu acho assim, pra ele... pra ele conseguir, de fato, ser aquele instrumento balizador em que o docente realmente se pauta, ele tem que ter sido discutido amplamente! Então, muitas vezes, o que acontece? Existe o projeto político pedagógico, mas que fez foi um grupo... um grupo de pessoas que fez, isso pode... isso acontece!

Entrevistadora: Mas o Colegiado vota, né? É um consenso, né?

Tá, e aí o que aconteceu? Não houve uma ampla discussão, não houve a participação de todo mundo, não houve uma preocupação e argu... de agrupar nesse projeto o que todo mundo pensa. Por quê? Porque é um trabalho difícil. É um trabalho que dá... que é complexo, é um trabalho que você tem que saber fazer o gerenciamento disso. Então, muitas vezes, a gente vê projetos em que foi um grupo que fez e colocou goela abaixo do restante. Isso... isso é ruim, porque aí, de fato, ele vai ser um documento de gaveta!

Entrevistadora: E também assim, de qualquer forma, ele simboliza um discurso materializado, né?, de pessoas que... de poucos ou muitos que fizeram...

Isso!

Entrevistadora: ...Mas o restante... se não manifestou interesse... como a coisa é consentida em Colegiado, se não manifestou o interesse manifesta, talvez, um desinteresse também, ao que vai ser... e como vai pautar a ação, né?

É verdade. É verdade. Tem problemas...

Entrevistadora: Então, eu fico pensando "n" coisas, né?

"N" coisas, por exemplo, elaborar um projeto político pedagógico, vamos supor. Você elabora um projeto político pedagógico e pra fazer isso, o ideal seria você instrumentalizar o próprio corpo docente antes.

Entrevistadora: Uhum. É. Perfeito!

Por exemplo, o que é avaliação? Vamos discutir o que é avaliação. Antes de partir para a elaboração do projeto, que que é perfil? Vamos discutir o que que é isso. Porque tem gente que não sabe nem o que é perfil. Verdade! Tô te falando!

Entrevistadora: É, mas é!

Então, assim, antes de partir pra elaboração dele, cê tem etapas preliminares pra trabalhar.

Entrevistadora: Até mesmo pra afirmar o porquê. Porque, muitas vezes, a gente tá só refletindo sobre como e até nem sabe o porquê, né?

Isso! Isso! É isso, aí!

Entrevistadora: É, né?

Então, aí, quando você parte pro projeto, é lógico que é muito mais fácil a negociação, muito mais fácil resolver os embates, né? Mas aí, dá trabalho! Você tem que fazer tudo isso antes, né? Então, ai... Olha, não é fácil! (risos)

Entrevistadora: Tá bom! Olha, mas que conversa rica! Obrigada!

Imagina!

ENTREVISTA E – Pré-teste

Questão 1 - Dentro da sua concepção, para que existe o bibliotecário?

É... Uma época eu trabalhei muito com a ideia de função do bibliotecário, né? Então, quer dizer, qual era a função do bibliotecário na sociedade? Só que a ideia de função é funcionalista, que dizer você, cria uma... Hoje eu trabalho mais com a ideia de responsabilidade, qual são as responsabilidades de um profissional bibliotecário na sociedade? É... eu trabalho um pouco com essa ideia. E a nossa... a nossa responsabilidade, basicamente, é de permitir que as informações sejam democraticamente utilizadas. Eu não gosto muito também da palavra “uso” de informação e não... Eu tô falando utilizando porque a literatura trabalha com isso, né? Eu prefiro apropriada e... é... quem utiliza a... a informação é a pessoa a partir do seu conhecimento modificado pela informação, né? Então... Eu acho que basicamente é... o que eu... o que... a responsabilidade de um bibliotecário na sociedade pra mim são, no meu ponto de vista, é esse... É esse... é sempre de possibilitar e democratizar o acesso à informação. É essa ideia. Então, tudo que você faz é... fora disso, é simplesmente para dar sustentação a isso. Bom, como é que eu permito acesso das pessoas a essa informação? Ah, eu permito organizado, eu permito armazenando, eu permito organizando, então, eu trago todo o... o aparato técnico, né? Depois disseminando, tá?, a disseminação é uma forma, mas o mais importante não é ter acesso físico. O mais importante é se apropriar do conteúdo daquilo. Então, a... a ideia é que toda vez que você se apropria de uma

informação é... isso também precisa ficar um pouco claro, a informação pra mim é aquilo que cria dúvidas, que gera dúvida, gera conflito. Ela não dirime dúvidas, entendeu? Ela cria dúvidas, né? Ela cria conflitos, se cria conflitos a pessoa se desorganiza e ela tem que se reorganizar. Então, você está permitindo à pessoa que ela se repense o tempo inteiro! Então, isso eu acho que é nossa responsabilidade social.

Questão 2 – Que demandas este profissional deve atender?

Aí, então! Bom, pensando na formação, a demanda de mercado é só um dos itens que a gente deve se preocupar. Então, eu tenho uma preocupação em atender demandas de mercado sim, mas a gente na formação, a gente tá sempre atrás do mercado. Sempre! Então, o mercado tá sempre com tecnologias novas e tal. E a gente vai tá sempre atrás. Então, a gente nunca vai atender essa demanda devidamente. Tem que atender, mas a gente precisa preparar, né?, esse... esse profissional, pra outras coisas! Então, há uma demanda, sim! São várias as demandas, demandas sociais, demandas de leis, legislação... Elas são demandas que, às vezes, não são próprias da comunidade, é de interesse de um grupo pequeno, né? Então, a gente tem várias demandas. Então, existe a demanda da formação, mas a demanda do... do profissional, ela tem que ser a partir de um estudo que você faça das necessidades, interesses e desejos da... da comunidade que você atende. Então, você tem que buscar essa demanda! O Luis Milanese falava uma coisa que eu acho muito legal. Ele dizia assim: “A gente tem que atender demandas ou criar demandas”, né? Era uma per... uma pergunta que ele fazia. E eu acho que tem que ser os dois, eu tenho que atender uma demanda, porque se tem uma demanda eu tenho que atender. Mas, eu tenho que criar demandas também! Eu tenho que ser aquele... nós, né?, temos que ser aquele profissional que gera novas demandas, eu não posso simplesmente atender! Tem que gerar novas demandas, né? Então, um pouco por aí!

Questão 3 – Bacana! Com base na sua prática profissional como docente, o que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Hum! Eu espero muita coisa, mas normalmente a gente faz... (risos) Cada... cada aluno tem o seu interesse, né? Então, quando ele... ele sai do curso, ele sai buscando atender o interesse dele. Mas, às vezes, ele não... não reconhece o interesse de imediato. Ele vai descobrir depois. Eu tenho uma ex-aluna, que ela dizia que nunca trabalharia com criança. Nunca! Que ela não gostava, não suportava a prática. E depois ela saiu, foi pra outra cidade, achou o primeiro emprego e era numa biblioteca escolar pra atender aluno, a hora do conto e tal. E ela me escreveu contando isso dizendo: - O pior é que eu gostei! O pior é que eu gostei! (risos) Era exatamente aquilo que ela dizia que não queria fazer e quando ela começou a fazer, ela começou a gostar. (risos) É bem interessante! Mas é lógico, eu tenho as minhas posições, né? E eu gostaria que todos os alunos seguissem aquilo que eu penso, isso é normal, natural, acho todo mundo deseja isso. Mas não é bem verdade, então, o que eu gostaria que ele fosse? Que ele fosse realmente um profissional ético, entendeu? Que aquilo que ele pensa, aquilo que ele é... como ele entende o mundo, como ele... ele explica o mundo, né? Ele utiliza tudo aquilo que ele conseguiu no curso, aplica isso, mas de uma maneira bastante ética, né? Se... se ele for ético, ele vai tá respondendo à sociedade a partir do seu conhecimento e não... inventando nada, criando nada, né?, mas algo assim.

Questão 4 – Ahm. Como você realiza a sua prática profissional para atender o desenvolvimento desse egresso?

Hum, a minha... Como você realiza...?

Entrevistadora: Como você realiza a sua prática profissional para atender o desenvolvimento desse egresso?

Aí, é... Aí, eu não sei! Não sei responder muito, eu preciso... né? É, entender um pouco mais a questão aqui. Como você realiza a sua prática profissional para atender o desenvolvimento desse egresso? Oh, aí eu tô pensando então, de alguém que já se formou, o egresso, ele tá voltando, então aí... deve ser a partir de uma educação continuada... né? Buscando é... entender o que ele está precisando, né? E direcionando, eu acho também, isso a gente tem que fazer isso... é quando você percebe que, por exemplo, como tá acontecendo muito hoje, há seguimentos que são muito importantes na área que não estão sendo muito bem... muito bem lidados, né? Eu acho que a gente tem que gerar formas de que esse... segmento que está sendo meio relegado, ele possa voltar a ser discutido. Então, criando eventos, fazendo cursos de atualização especiais, sabe?, escrevendo... Isso eu tenho uma preocupação muito grande, escrever. E escrever não pra academia, né? Escrever pra academia tudo bem, a gente tem que fazer porque tem obrigação da... de quem tá na área da educação docente, mas eu quero escrever também pra quem não é da academia, quero escrever pra quem está no mercado, quem tá trabalhando, quem tá atuando e que é esquecido! Hoje, você pega as revistas, todas estão atrás de quais, que professores doutores ligados a cursos, né?, de pós-graduação stricto sensu escrevam e tal. Não... eu não penso por aí muito não, eu penso um pouco diferente. Eu acho que a gente tem que estar voltado pra academia, porque é uma obrigação, mas a gente tem que tá voltado... escrever voltado pra quem está no mercado. Então, nosso jargão não pode ser só acadêmico, ele tem que ser um jargão inteligível, né?, pra quem tá no mercado.

Entrevistadora: Inclusive, né?

É, eu acho que é bem por aí!

Questão 5 - Que ênfase você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos, referentes à prática bibliotecária, nas disciplinas que você ministra?

É... Quando eu... quando eu trabalhava, né?, assim como professor na graduação, hoje eu tô mais na pós, né? Então, a preocupação é um pouco diferente, mas na graduação em alguns lugares... bateria fraca...

Entrevistadora: Ah, mas tá gravando ainda ...

Tá bom? Dá tempo? É que eu vi agora aparecendo um negócio...

Entrevistadora: Peraí... Dá. Dá sim! Deixa eu...

É que eu vi agora aparecendo um negócio...

Entrevistadora: Ainda tá!

Então, aí... a... me perdi... Ahm então, quando eu... quando eu trabalhava com a graduação, eu tinha uma relação muito... muito forte com a discussão de ética, assim, né? É... não só... Eu não ministrava uma disciplina específica, mas nós

tínhamos uma disciplina optativa que é... dá pra se perceber um pouco, né?, (risos) qual que era o interesse que se tinha quando você joga uma disciplina dessa como optativa e que, dependendo do professor, era bem ou pouco procurado, tá? Dependia do professor, tá? Quando era uma professora que dava, enchia, porque as pessoas gostavam da professora. E não especificamente, né? Porque isso, a gente precisa levar em conta, porque, às vezes, fala: - Ah, ninguém tá... tá procurando o curso de ética. Às vezes, tem muito a ver com a professora ou professor que tá ministrando e tal. É... quando é optativa, quando não é, eles são obrigados a fazer. Mas... Então, eu sempre tive uma preocupação, essa é... né? com essas discussões. O tempo inteiro eu... abordava.

Entrevistadora: Em qualquer disciplina?

Em qualquer disciplina. Eu abordava. Eu trabalhei muito com referência. Então, em referência é isso é primordial, né?, você trabalhar com essas questões, sabe? Então, às vezes, as pessoas falam: - Não, nós somos profissionais. Então, quando eu entro pra trabalhar, eu sou profissional, eu esqueço tudo. Não é verdade! Quando você é racista, você é racista dentro e fora do teu trabalho. Você não larga o racismo e entra pra trabalhar. Você continua sendo racista, você continua sendo homofóbico, né?, você continua tendo relações de exclusão de gênero e é isso aí, então.

Entrevistadora: Perfeito, Professor. Obrigada, deixa eu ver...

Questão 6 - Quais os valores éticos que lhe motivam ou lhe influenciam pra realizar a sua atuação como docente do curso de graduação em Biblioteconomia?

Ah... Aí, é difícil, eu não sei! Eu acho... Quando eu trabalhava, né?, eu... eu enfocava a ética de uma maneira mais geral, né? Por que? Porque eu não era um professor específico de ética, né? Então, lógico, a cada momento você é... busca trabalhar com um determinado valor dentro da ética, né? Eu acho que é meio... meio por aí, mas de maneira geral, como professor de graduação, eu tinha uma... umas discussões mais gerais sobre ética, né? Não... não segmentava, não... não fazia discussões muito assim. Então, por exemplo, eu trabalhava com referência, então, é... e eu sempre disse isso aos meus alunos, porque a referência era no último ano, eles tavam no... oitavo semestre e tal. Ou sétimo semestre, então, eu sempre dizia isso porque... é que a profissão, ela tem que se pautar por uma postura ética. Se você for um profissional ético, você vai ser um bom profissional. Isso é certo! Independe de como você entende, né?, a sua profissão. Se você for um profissional ético, você vai ser um bom profissional. E você vai lidar de uma forma que você acredita, que você e... o respeito, né?, em relação às pessoas e etc.

Entrevistadora: Entendi, Professor. E essas... esses valores é... pra... tem também uma coisa de ideal, né? Um pouco que eu idealizo e o que a gente acredita aos ser professor, né?

Exatamente, só que tem uma coisa, o Paulo Freire, ele fala muito de que a educação, ela é utópica. A educação nunca pode prescindir da utopia e o ideal tem muita relação com a utopia, não é? Então, o que é utópico? É o ideal! É o que eu busco, que é o caminho e que eu não vou alcançar! Né? Eu nunca vou alcançar! Eu quero ser tal coisa, eu quero que todos os alunos... Não, eu não vou alcançar! O ideal eu não alcanço.

Entrevistadora: Mas o que que é esse ideal? Se esse ideal se traduzisse? Né? Esse valor, ele se traduz em uma palavra.

Uma palavra?

Entrevistadora: É! Que o Professor que acredite em uma... Que... que palavra é essa, assim? Seria alteridade? Seria...?

Não sei, aí é difícil! O ideal, eu acho que é... eu acho que você não consegue sintetizar, assim.

Entrevistadora: Difícil, né? Sintetizar, assim!

Muito difícil! Eu acho que ideal é um... é um...

Entrevistadora: Mas não precisar ser em uma, pode ser várias.

... É um cômputo de ideias que você tem, né?, e que... você entende como sendo prioritário e básico na sustentação da formação e do próprio... da própria atuação do profissional. Então, eu acho que é difícil você sintetizar, né?, o que que a gente quer.

Questão 7 - Sim, é verdade! Como você avalia o projeto pedagógico do curso de graduação em Biblioteconomia?

Olha, aí depende! Né? Depende de cada curso! Tem cursos é...

Entrevistadora: Do seu, né? Do contexto que o senhor tá!

É, mas eu não tô mais hoje vinculado, mas eu vou... vou pensar nele. Eu participei de várias discussões de mudanças de curso, muitas! E eu sempre insisti é... o básico quando você pensa em criar um curso, é... você definir qual o perfil do profissional que você quer formar. Quando você define o perfil do profissional que você quer formar, você, necessariamente, tá fazendo uma discussão epistemológica da área. Então, a área é isso, então, por causa disso eu tenho esse profissional. A partir daí, você começa a ver competências, habilidades... essas coisas todas e por último, você cai na... na matriz curricular, né?, na antiga grade curricular, as disciplinas. Eu acho que essa é a... é a ideia, só que, pra você chegar nisso, pra você descobrir qual o perfil, pra você descob... você precisa, primeiro, fazer essa discussão epistemológica, né? Segundo, você precisa auscultar aí, a tua... comunidade, os ex-alunos, os egressos, os professores, os próprios alunos que estão lá, você... você precisa descobrir isso. Você precis... Não é... não é um trabalho de marketing. O trabalho de marketing é uma coisa muito... muito fechada, sabe?, muito técnica, comercial... Não é isso! É um trabalho de auscultar mesmo. É você descobrir quais são, lá vou eu: interesse, necessidade e desejo, né?, dentro daquela... daquela comunidade que você vai atender ou daquele espaço, às vezes, maior que você vai atender. É isso que você tem que fazer. Então, o projeto político pedagógico, ele não surge do nada. Ele surge da combinação de todas essas coisas, não é? Tem um... um trabalho que foi feito uma vez, é... muito bem feito, por uma... uma professora... virou até livro, mas hoje já tá esgotado e tal e que contava como é que ela chegou nesse projeto, nesse é... projeto político pedagógico do curso, né?, na época era político pedagógico, né? Como é que ela chegou nisso. E é muito interessante, né?, você ver essas etapas muito claramente. O grande problema é que você acaba tendo um foco, o teu curso acaba tendo um foco e ele

acaba tendo um olhar, né? Qual é o profissional que eu quero formar, e às vezes, não bate. Se eu pegar a Universidade aqui, por exemplo, ela... ela se propôs a: - Eu vou formar um professor, formar um profissional bibliotecário voltado pra gestão. Mas então, você definiu isso e todo o teu trabalho é em cima de gestão, só que gestão atende esfera pública e privada. Não é uma gestão voltada pra esfera privada, não é uma gestão voltada só pra tecnologia. Então, isso, às vezes, eu sinto que é meio deixado de lado. Então, a esfera pública é deixada de lado e se a gente pensar vamos atender a área de produç... a área que produz, sabe? Não a área do espírito. Vai... a área... o mercado de trabalho da produção, da biblioteca... o que produz a biblioteca pública? A biblioteca não produz nada!

Entrevistadora: Sob a ótica produtivista, nada!

Exatamente! Mas é a ótica produtivista, é a ótica capitalista de consumo, de produção que impera nos nossos cursos. Isso é óbvio, isso é claro! Ver os discursos dos professores com os alunos, a gente descobre isso facilmente, né?, tá lá! (risos)

Questão 8 – Em que sentido o projeto pedagógico lhe serve como base pra realizar suas ações?

Ah, eu que ele... ele é básico! Eu acho que ele é básico! Só que você adapta, sabe?, pra aquilo que você tá trabalhando. Eu sempre trabalhei com Informação e Sociedade, com biblioteca pública, com mediação da informação, e tal. Minhas disciplinas sempre foram por aí, leitura... Então, eu tenho um... um viés, que não é bem um viés, né?, mas se você pensar é... a concepção da... do projeto político pedagógico essa que nós falamos agora é um viés. Eu... eu sou um, né?, que tô enviesado. Tô fora, né?, do padrão. Mas, claro que eu sigo o que eles querem. Eu acompanho o que eu... as pessoas... o que foi definido, eu não posso também dizer: - Ah, não. Então, qualquer um tem o direito... Senão, né? Eu estou lá dentro, mas eu adapto também às necessidades no segmento que eu atuo. Então, por favor, eu vou ser um contestador...

Entrevistadora: A gente sempre pode fazer mais, né?, mesmo com o que tem, né?

Pode! E eu... Eu não posso escapar, seu eu trabalhar... se eu fosse professor aqui da Universidade, por exemplo, né?, que é... que é gestão da informação o foco, eu tenho que trabalhar com gestão da informação. Só que aí eu vou priorizar, né?, ou não vou fugir, né?, daquilo que tá lá, mas eu vou adaptar e vou priorizar as minhas concepções e vou trabalhar com a área que... é minha área, né?, senão...

Entrevistadora: Tem que ser! Em relação ao que conversamos, o Professor tem mais alguma coisa pra acrescentar? Gostaria de... Fique à vontade.

Não, eu acho que não. Eu não sei como é que você vai depois relacionar tudo isso com ética. Eu queria depois entender como é que você vai fazer.

Entrevistadora: Sim! (risos)

Você deve ser os seus... seus motivos pra ter essas questões, né?

Entrevistadora: Sim! Sim!

Tá bom! É... Não, só... eu fiquei aqui imaginando como é que você faria essa relação com... com ética!

Entrevistadora: Obrigada!

ENTREVISTA F – Pré-teste

Questão 1 – Então, dentro da sua concepção, pra que que existe o bibliotecário?

Olha, a pergunta é muito, muito abrangente, mas é...eu vou tentar partir dentro do meu ponto de vista, ou seja, da... da... o ponto de vista entendendo, assim, o que que eu fiz dentro da área, o que que eu fiz como bibliotecário. O bibliotecário, existe, basicamente porque o homem produz artefatos, o homem é fundamentalmente ligado a um mundo material que não é externo a ele. É um mundo absolutamente conectado, em relação ao homem com a natureza, né?, ou aquilo que a gente concebe como natureza. E, naturalmente, esses artefatos que são, fundamentalmente, linguísticos, eles exigem um profissional. E esse profissional, ele vai existir, independentemente, de ter ou não um tipo de formação. Exemplo, como no mundo moderno, nós chamamos de uma graduação ou uma pós-graduação. Isso, é absolutamente desnecessário para a existência do bibliotecário, porque essa... ação no mundo, ela vai ser concebida independentemente do nome bibliotecário, porque o homem se relaciona diretamente com artefatos. Nós, modernos, consideramos diretamente essa classificação e temos os relatos a partir da história, penso na História do Livro, da presença de artífices de... de indivíduos que atuaram, na antiguidade e no período medieval, com esse tipo de experiência que nós consideramos hoje profissional legitimada em boa parte dos países do Ocidente, a partir dos Conselhos e Associações. Mas a base da pergunta é: Existem artefatos porque o homem produz esses artefatos? Existe, então, a necessidade de um profissional ou alguém ou indivíduo que cuide, visando preservar, organizar, previrá o acesso e, em algum momento, disseminar, né? Acho que isso resume...

Questão 2 – Perfeito! E que demandas esse profissional, ele deve atender? Na tua opinião.

Hoje, na minha opinião, já no sentido de um ponto de vista político baseado naquilo que eu venho trabalhando como pesquisador, ele atende fundamentalmente demandas linguístico-políticas. Ele é parte do universo de um escopo da linguagem que não é característico do campo da Letras, do campo dos Estudos Literários ou do campo da Semiótica é... ou mesmo o campo da Comunicação Social é... ou da Psicologia, ahm, é um domínio específico do pensamento, ligado à linguagem, que responde para... responde à uma necessidade de transformação política do social, do mundo social, né? Ele, necessariamente, é esse ator envolvido com isso. Quando ele não é, no sentido moderno, ele simplesmente retorna a um artífice absolutamente não formado para tal, praticamente alguém do senso comum que, como autodidata, atua em determinado tipo de... de... é... contato com esse artefato, com esse objeto, que em geral chamamos de objeto informacional. Porém, não necessariamente, o fato da não formação gera esse senso comum ou gera esse ponto de vista acrítico que leva esse profissional a não pensar nesse setor de transformação social. Muito pelo contrário, às vezes, exatamente por não ser formado, e por ver nesses artefatos a possibilidade de mudança do seu mundo social, ele atua criticamente.

Questão 3 - E com base na tua prática profissional como docente, o que você espera do egresso?

Eu espero que ele aja criticamente na manipulação desse conjunto de artefatos produzido pelo homem. Hoje, basicamente produzido em um tipo de fisicalidade que é a fisicalidade... ahm... eletrônica multiplicada pelo recurso digital. Mas o que eu espero dele é, simplesmente, que independentemente do tipo de fisicalidade, e ele sempre vai ter esse contato com um tipo de fisicalidade, o bibliotecário fora desse mundo artefactual, ele é inexistente, pelo menos no modo como concebemos na Antiguidade, no Medievo e na Modernidade. Eu espero que ele, manipulando isso, transforme a condição social estabelecida do que está diante dele, né?

Questão 4 – Perfeito! E como você realiza a tua prática profissional pra atender o desenvolvimento desse egresso? Pra ele chegar no que você espera.

No plano, a sua pergunta é minha prática pedagógica ou é minha prática profissional? No sentido...

Entrevistadora: A tua prática como docente!

Como docente, prática pedagógica. Perfeito! Isto... [Tem caneta aqui.]

Entrevistadora: Tudo isso que eu vou ter que mudar, óh! Pré-teste, que maravilha...

É! A minha prática pedagógica basicamente é, tentar num recolhimento de textos, por conta da minha formação, a reunião de textos basicamente filosóficos. E hoje, cada vez mais uma tentativa de diálogo com textos da fundamentação da Filosofia Social e, naturalmente, da aproximação a textos diretamente de Antropologia e de Sociologia, que não necessariamente, são de Filosofia Social, né? Então, o conjunto dessas abordagens em sala, no plano teórico, é o que me permite diretamente acreditar nessa transformação como docente. Do ponto de vista da aplicação, através do grupo de pesquisa, eu tenho tentado inserir diretamente na formação do grupo mais restrito, ligado ao grupo de pesquisa e a um determinado grupo de alunos que se aproxima indiretamente do grupo de pesquisa, em intervenções urbanas. Levar esses alunos para locais onde a gente pode realmente discutir a manifestação social se envolvendo diretamente com ela.

Entrevistadora: Uma prática mais extensionista?

Uma prática mais extensionista! E, de certo modo, buscando pra esses tipos de práticas, metodologias, que aí sim, são diretamente retiradas das Ciências Sociais, estruturalmente a Antropologia e Sociologia, que permitem, de fato, esse movimento com a possibilidade de mudança. Exemplo: Etnografia e as pesquisas de campo diretamente... pesquisas que realmente querem trabalhar com o ponto de vista da Alteridade.

Entrevistadora: Só uma pergunta: Por que que você distingue quando eu falo prática pedagógica e profissional, sendo que a pedagógica é tua profissão.

Mas é porque... Não, é a minha profissão, mas é porque eu também trabalhei como bibliotecário e a sua pergunta anterior destacou a docência.

Entrevistadora: Ah, não! Tá! Entendi!

Ou não? Teve um... eu entendi um... uma... Isso!

Entrevistadora: Ah, não! Tá! Beleza!

Mas, é... Você... A primeira pergunta, é uma pergunta muito aberta. A primeira de todas é aberta, porque não é nem o docente a falar, nem o profissional. É alguém que tá envolvido no meio é... é... que não tá especificado.

Entrevistadora: Vou ter que reformular isso.

Aqui... Não! Mas talvez só a adjetivação, né? Ou talvez você conjugar: - Você, como profissional, trabalhou com a proposta de intervenção ou não? Ou você como é... pesquisador trabalhou sim ou não e fale sobre isso, né? Fale sobre isso.

Entrevistadora: Sei.

Porque a nossa área é fundamentalmente relacionada com o mundo do trabalho e eu tendo uma percepção consciente ou não disso, não tenho certeza disso, porque a nossa história é... é... possui no [porte...] completamente imprevisíveis, eu preferi primeiro ir pro mercado profissional pra depois ser docente, mesmo fazendo mestrado fazendo com bolsa. Então, eu queria ter que falar que um dia eu fui bibliotecário, de fato, no mercado profissional. Pra que fizesse sentido o que teoricamente eu estudava. E eu já estudava quando eu era esse profissional, porque quando eu comecei a carreira profissional fazendo mestrado. Então, eu tirei 6 anos e meio e... e, acho, poderia ter chegado a 10, talvez um número mais redondo por uma coisa mais cabalística. Mas esses 6 anos me deram a condição de tentar fazer algumas coisas, é... ganhar as associações necessárias e a pensar o quanto é necessário dentro da academia, isso ser repercutido.

Entrevistadora: Qual área você atuou?

Eu atuei basicamente com gestão biblioteconômica, porque nas bibliotecas onde passei, eu passei por Biblioteca Nacional e pelo IBGE. Me colocaram no cargo de gestão por algum motivo. E aí, dentro da Biblioteca Nacional tive condição de ampliar mais isso, no IBGE também, mas mais no sentido de uma proposta menos social, mas mais de multiplicar a ideia do que é bibliotecário pra eles dentro do IBGE. Na Biblioteca Nacional, uma experiência direta que é a primeira proposta minha junto da gestora chefe, eu era o vice gestor, o substituto dela, foi de organizar um estudo em que nós usamos, e por isso eu aprendi o conceito da Teoria do Discurso do Sujeito Coletivo. E qual era a proposta? Identificar uma comunidade que pudesse ser atendida pela Biblioteca Nacional e que jamais puderam ou se imaginaram ali presente. O que que nós estudamos? Um conjunto de 40, a princípio, e depois selecionamos pra fazer a roda de DSC, de 40 profissionais de limpeza, que limpavam diariamente a Biblioteca Nacional, os banheiros, o chão, e que nunca leram um livro da Biblioteca Nacional. E qual foi a nossa curiosidade? Esse trabalho nunca foi publicado. Temos resultados lindos e não conseguimos fechar. A x, que era chefe saiu à época, e depois eu fui pro IBGE. Qual foi o resultado imediato e que

a gente teve o primeiro impacto com a aplicação da metodologia? É... Dos 10 que a gente selecionou para a etapa direto e de coleta dos relatos é... ou seja, dos discursos deles, metade era analfabeto. E aí, a gente viu o tanto que o buraco é muito mais embaixo, quando a gente pensa na Biblioteconomia como um ethos voltado pra transformação social.

Entrevistadora: Até, você falando assim, eu lembrei de que eu comecei... até o meu orientador que me orientou à isso, a estudar um documento que é sobre a pesquisa científica no Brasil. Foi um documento elaborado pelo CNPQ na época da ditadura militar, um pouco antes até, de uma proposta do que seria a pesquisa científica no Brasil e do que ela iria atender, né? visando uma ditadura de direita, visando uma industrialização e é nesse documento que eles tentam... Eu tô falando numa forma muito simplista e reducionista mas tentam pôr de lado e comparar... ahm... e dizer que o engenheiro supriria a função do bibliotecário e é nesse documento que surge o IBGE, né? Então, assim, é com esse viés, né?

Então, é anterior... Então, é... é...

Entrevistadora: Esse viés totalmente mercantilista e mecanicista, né? E aí, você começou a falar a questão da Biblioteca Nacional e do IBGE, e eu não sei... me veio isso um pouco na cabeça.

E a nossa pergunta primeira foi, dentro da Biblioteca Nacional, como que nunca fizeram isso? Como que esse público que tá aqui dentro, todo mundo fala que a Biblioteca Nacional é memória e a reconstrução da ideia de um país e de transformação, e aquelas pessoas que ali estão não são atingidas e estão dentro da Biblioteca. E são as maiores frequentadoras, porque vão lá todo dia.

Entrevistadora: Nossa! E como que você realiza...

Entrevistadora: Então, a gente falou um pouquinho, né?, enquanto docente o que você espera do egresso. E aí, como a gente falou agora, né?, como você realiza a sua prática pra atender o desenvolvimento desse egresso. E agora, dando sequência, que ênfase você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referentes à prática bibliotecária, nas disciplinas que você ministra na graduação de Biblioteconomia?

Perfeito! A ênfase principal é uma tentativa de abertura pra uma consciência da diversidade, ahm... da possibilidade de... é... principalmente, pela minha tradição pela via da linguagem da necessidade da deliberação permanente, de saber escutar o outro e conviver com as diferenças, mas em termos estruturais sempre sob um ponto de vista democrático, sempre sob um ponto de vista das completas falhas, das completas fraturas que a democracia exige, nós vamos perder, nós vamos ganhar, mas nós não podemos substituir o discurso pelas armas. Essa é a primeira proposta da democracia grega, que se tem alguma razão de aproximação com a democracia contemporânea, está nessa metáfora da arma pelo discurso.

Entrevistadora: E quais os valores éticos que te motivam ou te influenciam pra você realizar a tua atuação como docente no curso de Biblioteconomia?

Ahm. Valores éticos, talvez eu resuma em um, a crença, podemos trabalhar no sentido “thomazcunhano” de... de paradigma. A crença que você pode incutir um modelo de pensamento que existe na mudança. A crença que você pode repercutir num conjunto de mentalidades que está diante de você, que ele pode transformar socialmente o seu entorno. Isso é o foco. Agora, naturalmente, o retorno imediato como... em termos avaliativos, ahm... é a possibilidade de perceber a transformação do próprio sujeito, porque isso nós temos como ele vai transformar o seu entorno, nós ficamos a aguardar talvez numa outra encarnação. Mas quando o sujeito é transformado, nós sempre temos um outro tipo de crença, um outro tipo de fé que essa transformação dele vai poder repercutir, né? Hoje, através das redes sociais, um contato que permanece entre professor e aluno distante, aquele aluno que não teve um contato direto com você, mas teve um contato via redes sociais, a gente vai sentindo um pouco dessa avaliação multiplicada. É percebível através de postagens de um tipo de rede que se estabelece entre professor e aluno que ele de certo modo tomou um ponto de partida. Que muitas das vezes, não é o ponto que você deseja, ainda bem, porque a ideia não é moldar, não é perfazer. Mas você vê que o ponto de vista crítico voltado pra tolerância, voltado pra alteridade, começa a se estabelecer. No Brasil hoje, a gente trabalha com... eu penso, pelo menos a minha tradição na Biblioteconomia como professor da graduação, muito... muito com alunos oriundos das igrejas evangélicas e é muito interessante essa relação de você pensar uma possibilidade de uma transformação do ponto de vista social baseada numa estrutura brasileira que sempre foi muito comum, que é a condição de formação do sujeito a partir da abordagem religiosa. É nesse sentido que eu chamo atenção dessa experiência das redes sociais, de perceber que alunos que mesmo tendo uma metafísica totalmente vertical que os orienta a partir de um tipo de crença religiosa, consegue perceber um mundo a partir da tolerância depois de uma experiência dentro de sala de aula. Isso é um dos indícios que eu vejo desse tipo de transformação, tá?

Entrevistadora: Tem muitos alunos evangélicos?

Muito, muito, isso é muito comum.

Entrevistadora: No Rio?

Isso é muito comum. Percebo isso no meu dia a dia, né? Agora isso é muito aparente no próprio discurso e por uma série de outros indícios semióticos que vão desde jeito, cabelo, é... discurso, roupa, né? Então, isso é comum. Naturalmente, que existe... uma gama de representações sociais que, às vezes, não são tão aparentes no sentido coletivo, porque representações como: o punk, é... o politizado, a feminista, a gente sempre vê, mas nunca representam a maioria, em geral representam um exemplar de indivíduo ou de representação social dentro da sala. E existe um grupo maior, em geral, esse grupo mais facilmente identificado na relação face a face na sala de aula é o grupo de evangélicos, né?

Entrevistadora: Será que isso tem alguma coincidência com a questão de... da predominância de um discurso cada vez mais capitalista, né?, aquela coisa da ética capitalista e...?

De uma ética protestante?

Entrevistadora: ...de uma ética protestante.

Em... em ge... em parte, sim! É uma pergunta muito difícil, eu não saberia respondê-la com... com uma qualidade sociológica, porque comparar ética protestante, de fato, britânica, norte-americana, anglo-saxã com a nossa, isso é muito delicado. Exige um estudo sociológico sobre esse fenômeno do avanço de uma nova evangelização no Brasil nos últimos 30 anos, 40, que são interessantíssimos e que, não necessariamente, partem da ética protestante, mas vão utilizar em algum momento lá na frente, depois do sucesso econômico desse ethos, né? Mas é interessantíssimo! Há de se considerar sim, a sua questão pra...

Entrevistadora: Como que você avalia o projeto pedagógico do curso de graduação? Do seu curso.

É. O processo pedagógico do curso de Biblioteconomia da graduação onde eu atuo hoje, da Universidade XX, na verdade se divide em dois: a licenciatura e o bacharelado. São outra... uma questão peculiar da instituição onde eu trabalho com graduação, né? Esses dois currículos, eu posso falar tranquilamente que obedecem uma política, um modo de pensar político de transformação social, porque são muito recentes e acompanharam mudanças contemporâneas. Inclusive, pra não negar em momento algum, a existência condicionante do capitalismo de um modelo de pensamento baseado no lucro e na mercadoria, isso também foi contemplado no currículo. Mas ao mesmo tempo, a abordagem social se manteve, uma abordagem humanista que não é social se manteve na transformação desse currículo na Universidade XX, né? Então, isso está contido ali, né? Uma abordagem humanista absolutamente tímida, no sentido da transformação social, que muitas das vezes é reprodutora das condições do hino da erudição pra poucos e não para toda a sociedade, essa abordagem humanista se mantém com seus valores, em parte, a abordagem social está contemplada nesse projeto político pedagógico e a abordagem que eu chamaria de gerencial-tecnológica muito forte, que diretamente está envolvida com o apelo atual do mercado voltado para o produtivismo de mercadoria, né? No nosso caso hoje, a mercadoria é a informação, né?

Entrevistadora: Perfeito! Em que sentido esse projeto pedagógico serve como base pra você realizar tuas ações?

Esse projeto serve no sentido de que ele me dá essa liberdade. Eu posso, em sala de aula, falar sobre a... o meu enfoque... em parte representado pelas respostas anteriores que eu te passei, ou seja, eu tenho absoluta tranquilidade de que, do ponto de vista, do meu ethos, daquilo que eu acredito, eu posso, em sala de aula, colocar isso porque o currículo permite. As ementas pré-determinadas me permitem entrar em determinados enfoques sociais, políticos, éticos, nesse currículo.

Entrevistadora: Mas mesmo o objetivo dele sendo, às vezes, um objetivo implícito sendo outro?

O objetivo de uma das... uma das, é... na Universidade XX tem se chamado de... não é diretrizes, nem ênfase, são os três eixos. Um dos eixos tem uma outra direção. Eu realmente não sou professor desse eixo, então, é difícil eu responder por ele, mas não há nenhuma dúvida e eu repito o que disse anteriormente, um dos

eixos contemplam exatamente esse ponto de vista contrário ao que eu penso, mas eu não posso deixar, num ponto de vista democrático, de respeitá-lo, né? Não participo dele e isso é um fato, né? E alunos... Há um grupo de alunos que são totalmente devotados a ele, também não posso contrariá-los no sentido de proibi-los, porque isso não é democracia, né?

Entrevistadora: Então, é isso. Acho que em relação ao que a gente conversou, não sei se você tem alguma coisa que você queira acrescentar ou que...?

Não, não! Achei interessantíssimo as perguntas!

Entrevistadora: Te agradeço! Obrigada!

APÊNDICE G – ENTREVISTAS TRANSCRITAS

ENTREVISTA 1

Questão 1 - Dentro da tua concepção, pra que que existe o bibliotecário?

O bibliotecário existe pra trabalhar em todos os contextos organizacionais, públicos e privados, a informação.

Questão 2 - Que demandas esse profissional deve atender?

Todas as demandas que... falem... sejam necessárias trabalhar com informação. Empresas, em órgãos de governo, na... até no consultório médico, ele tem espaço em todos os contextos.

Questão 3 - E com base na tua prática como docente, como você espera que o egresso do curso de Biblioteconomia saia?

Eu espero que esse Bibliotecário do curso, ele saia muito mais com... não só, com conhecimentos e habilidades, mas muito mais com atitudes de inserção, é... pensando que ele tem que estudar pro resto da vida, quem trabalha com a informação, essa informação tem um tempo real, e que ele tem que, ahm... saber conviver com outros, fazer partes de órgãos coletivos, é... trabalhar em equipe, ouvir, se colocar politicamente. Eu acho que a questão que a... pior... pior que a questão que norteia o bibliotecário é de atitude.

Questão 4 - Perfeito. E como você realiza tua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso?

Ahm... Eu até costume fazer da sala aula um laboratório. Então, nosso aluno vem de uma classe em que ele traz uma série de questões eu já estão arraigadas e muito culturais, de cultura dele, do espaço que ele veio. Então, ele não visualiza, ahm... não tem muita perspectiva de enxergar longe, eles... fica muito voltado para questões tradicionais, ele fica muito acanhado em dizer que é bibliotecário, e ele não visualiza a inserção nesses espaços. Então, eu mostro pra ele que eu sou o maior exemplo de bibliotecária que depois de 20 anos em empresas multinacionais, empresas grandes, eu volto pra universidade pra terminar Administração, e faço Biblioteconomia, e me insiro em quatro anos e meio de mestrado e doutorado na vida acadêmica. Então, é... Eu sou um exemplo vivo da Biblioteconomia, porque quando eu cheguei aqui, e verifiquei que as pessoas não tinham dimensão do que ela poderia ajudar, eu enxerguei.

Entrevistadora: Que legal!

(risos) Não, só to a...

Questão 5 - Fiquei até arrepiada agora aqui. É... E que ênfase você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referentes à classe bibliotecária nas disciplinas que você ministra? Mesmo que não sejam de...

Uhuh... Ética e política. As questões... tá, tá muito difícil hoje de se discutir política, então, ahm... Me parece a... Pelo perfil de um aluno, que nós temos um aluno noturno, ele... ele não tá pre... ele não se insere nas questões políticas, é uma

coisa de muita dificuldade da gente falar, e tem que ter muito cuidado ao falar, porque se falar em política com nosso aluno, muitas vezes ele pensa que a gente tá defendendo um partido, tá pensando, então... Tem uma dificuldade muito grande nas questões políticas. Eu tento mostrar pra eles, que a... que eles são partes dessa política, que eles são parte dessas questões éticas que a gente tem que buscar, que a informação ela é todinha voltada e tem que ter muita ética em disponibilizar... Nós temos cuidado com informação tendenciosa, nós somos minados diariamente. Então, eu quero que eles sejam um filtro dessas questões e que eu acho que uma das grandes questões que nós estamos onde estamos é que politicamente o bibliotecário não se insere... Não consegue se inserir politicamente.

Questão 6 - Uhum... Com certeza. E quais os valores éticos que te motivam ou influenciam pra você realizar tua atuação como docente no curso de Biblioteconomia?

Primeiro, é... Uma das grandes questões que eu coloco e vejo da Biblioteconomia é falar, é o diálogo e a comunicação, né? Então, eu procuro que os canais aonde a gente se envolva que eles sejam canais fáceis de diálogo, que as pessoas consigam conversar com a gente sobre qualquer assunto, que a... ninguém é... eu sempre falo que não existe rádio-corredor, e às vezes a informação num lugar ela pode ter um efeito que não é legal e num lugar correto ele tem um efeito, então... pelo jeito, meu jeito de ser, eles sabem como é minha ação, e é isso que eu passo pra eles, que é preferível a gente olhar as questões de frente, por mais difíceis que sejam, mas falar delas e tratar as questões todas, né? É muito difícil essa pergunta... (risos)

Questão 7 - Muito, né? (risos) E que tipo de participação você teve no projeto pedagógico e que avaliação você faz do impacto desse projeto pra sociedade?

Bom, é... Se a tri pode publicar... Mas tudo bem... Eu faço parte... Como eu faço parte...

Entrevistadora: Não entendi o que você falou.

Não, eu vou te dar uma... Eu vou te colocar, na verdade, uma realidade que eu não poderia, talvez... Mas não... Tudo bem, vou colocar. Eu... A minha... Uma das práticas da minha vivência é o PPC, né?, Projeto Político Pedagógico do curso, junto com os PDIs, Projeto de Desenvolvimento Institucional. A gente é... Existe duas coisas, um projeto que desenha um egresso, e esse egresso é... Está desenhado, na verdade, a gente é... o PPC norteia toda uma formação de um profissional, só que muitas vezes, existe um projeto e ele não é colocado em prática, né? O projeto é muito bonito, ele é... Então, por isso a gente vai para uma instituição que a gente conhece o Projeto Político Pedagógico, o PPC, a gente vai perguntar para os alunos se eles conhecem o PPC, como é que as coisas acontecem. É... E nunca, é claro, a gente não vai também ser tão otimista, mas 90%, 60%, alguém cumpre tudo aquilo e o restante faz o que bem entende, né? A gente que é bibliotecário sabe muito bem disso, as dificuldades que muitas vezes existem do coordenador do curso com a biblioteca, ou com o bibliotecário. Ou o coordenador de curso é...

Entrevistadora: - Com os professores ou com a biblioteca e os bibliotecários?

E... o... a... Essa figura do bibliotecário, da biblioteca, em muitos cursos ela não é vista, eles não utilizam, eles não vão buscar tudo que precisam. Então, um exemplo, lá dentro PPC tem um plano de ensino. Esse plano de ensino foi pensado, foi desenhado, foi colocado tudo que é necessário de leitura pra que ele realmente

se consolide. O que a gente verifica, a biblioteca muitas vezes não tem. Ou o contrário, muitas vezes o plano de ensino tá super desenhado, e o professor tá su... bem sedimentado, e o professor fala do que bem entende, do que ele gosta. Então, é... São questões, não são questões éticas, são questões que agente verifica na vivência, mas a... A gente consegue avaliar o PPC pelo egresso. Só que essa avaliação é a longo prazo, né? E a... Dentro do... Uma das questões que a gente vai propor uma atualização do PPC, é fundamental que se chame a sociedade civil organizada, pra saber quais as demandas, que que eles estão achando, pra eles poderem opinar. Porque na verdade o profissional tá de cara com problemas, ele tá sabendo das demandas, né? Só que, muitas vezes, isso fica restrito a alguém que pedagogicamente faz e... Mas na maioria das vezes, a gente em visto muito avanço de PPC. Nós temos mais um pra ser implantado agora, a gente com o PPC 2015, e o outro foi pensado muito, muito, muito, e com certeza ele tem um reflexo de quando a gente chegar a implantar talvez seja pela... defasado. Essa área... ahm... Se defasa com muita facilidade. Então, e tem essas questões éticas, vamos dizer assim, todas envolvidas, que eu faço aquilo que eu acho que tenho que fazer e não aquilo que... E a questão é... Precisa muito dentro da... Até vou falar um pouquinho disso, que é necessário muita interação entre professores, né? Professor... É, nada é estante. Se eu tô falando de determinado assunto, ele é agora no momento presente, muito importante, ou ele vai ser muito importante depois. Então é... Os pares precisam também conversar mais sobre isso. PPC não é... ele é... ele é uma figura que tá ali, que tem que ser colocado em prática, mas tem outras coisas que também podem ajudar muito, que é o diálogo, né?

Questão 8 - Em que sentido o Projeto Pedagógico, ele te serve como base para você realizar tuas ações como docente? Aquilo que tu falava a pouco...

É... o Projeto Pedagógico, ele é... Geralmente, ele tem uma idade de cinco anos e tem algumas coisas que é pensado e é desenhado pela instituição e a gente não pode alterar, né? A ementa, é... Conteúdo progr... A ementa, a gente não pode de maneira nenhuma alterar o nome da disciplina e tudo mais. Mas nada impede que eu altere a bibliografia e que eu dê um outro enfoque mais atual desse projeto pedagógico. Ahm... E o que que ele serve? Eu... Eu sempre digo que o PPC, ele é muito importante. Vamos pensar nas bibliografias básicas, que existe lá um item que o MEC chama bibliografias básicas. O que que é isso? Se alguém for fazer concurso, se alguém for fazer um ENADE, é... Pela lógica, pelo correto, eles teriam que usar os melhores autores relevantes daquela temática pra poder montar esse... essas questões pra serem respondidas. Então, assim, o projeto pedagógico é um instrumento, é uma ferramenta, tem que ser aplicado, tem que ser avaliado, e eu consigo avaliar o projeto pedagógico através daquilo quem eu disponibilizo no mercado, através da demandas e tudo mais. Então, pra mim o projeto pedagógico, ele... ele tem que ser bastante atualizado, alunos tem que ler livros. Não tô dizendo que todos tem que comprar livros, mas os clássicos. A gente tem que ter clássicos, né? ahm... Os principais clássicos, só artigos e periódicos não dá, né?

Questão 9 - Em relação ao que a gente conversou, você quer colocar mais alguma coisa?

Não, não tenho, ahm... Questão nenhuma pra colocar, mas eu vejo que projeto pedagógico tem que ser realmente apresentado, tem que ser discutido, tem que ser avaliado, tem que ser trabalhado porque tem que se adequar às demandas. Não

precisa eu, ahm... modernizar ele, tem que ver as necessidades do contexto que eu tô atendendo. Claro que não vamos ter todos numa turma muito voltada pra inovação e criatividade, então, nós temos que alterar alguma flexibilidade nesse currículo, né?. Ele tem que atender a todos dentro daquela área, e muito mais conhecimento e habilidade, tem disciplinas desse projeto pedagógico tem que ser de atitudes, né? E a ética e a filosofia, pra mim, eu vou falar até filosofia e ética nesse sentido, elas são fundamentais. Quem não ou quem não estudar filosofia vai ter muita dificuldade, né? Os tempos não vão ser os melhores porque realmente todas estão saindo do currículo, né? Saiu do currículo.

Entrevistadora: - Que pena. Obrigada.

ENTREVISTA 2

Questão 1 - Dentro da tua concepção pra que que existe o bibliotecário?

Pra organizar toda a documentação deste planeta.

Questão 2 - Que demandas este profissional deve atender?

As demandas da sociedade, as demandas da ciência, as demandas de todos que os procurarem, porque se eles tem essa organização e sabem onde está, sabem fazer um tratamento técnico, sabem fazer uma análise crítica, toda essa estrutura eles tem que atenderem as demandas da sociedade.

Questão 3 - E com base na sua prática profissional como docente, né? O que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Que seja capaz de se manter atualizado, porque tá muita mudança nessa área, o tempo inteiro, essa é uma questão crucial e que seja capaz de atender os diferentes seguimentos que ele tem que atender, né? Não achar que é uma coisa só. Claro, ele vai se especializar em um setor ou outro, mas ele vai ter que ter muito claro que tá num processo de mutação muito grande que as necessidades dos novos seguimentos são distintas.

Questão 4 - Certo. E como você realiza sua prática docente para atender o desenvolvimento desse egresso?

Eu dou aula na primeira fase, né? Então... eles come... a questão principal é justamente falar da aula de pesquisa bibliográfica, da confiabilidade da informação, que eu acho que é uma questão crucial, especialmente nestes tempos que vivemos com essa... mídia na situação que tá e redes sociais. Então, é a confiabilidade que eles são responsáveis pela informação que eles vão passar aos usuários deles. Então essa...tu...e na apresentação. Tem normalização e tudo, mas acho que o foco principal é a confiabilidade da informação que eles vão recomendar.

Questão 5 - E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referente à prática bibliotecária nas disciplinas que você ministra?

Ah... A questão ética nesta disciplina, em especial, que tô ministrando agora, ela vai muito na questão do plágio da autoria, né? Então, a questão ética deles, de

cair na questão da confiabilidade, né? Que o trabalho que eles vão fazer tem que ter os padrões de qualidade da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, ou seja, tem que ter citação, referências, se tão todas as ferramentas pra identificar plágio, pra que eles possam estar seguros, né?, de como vão se organizar e aí a gente volta, volta e vai pra questão da confiabilidade, né?

Entrevistadora: Independente da disciplina?

Independente... É que é uma... Como a disciplina é a pesquisa bibliográfica que eu venho ministrando nos últimos anos e disciplinas ligadas à comunicação científica, né? Então, essa... Isso pra mim... na minha prática docente é uma coisa muito importante.

Questão 6 - E quais os valores éticos que te motivam ou influenciam pra realizar sua atuação como docente na Biblioteconomia?

Valores éticos...?

Entrevistadora: ...Que te motivam ou influenciam pra realizar sua atuação como docente na Biblioteconomia?

O que você quer dizer com valores éticos?

Entrevistadora: Valores éticos podem ser: respeito, tolerância, tolerância com confiança... Valores pontuais, assim.

Eu vou te ilustrar, um termo que eu uso muito com eles, com a Biblioteconomia ela lida com toda a universidade, eu digo que a localização da Biblioteca tá muito bem pensada porque ela se relaciona com todos os outros espaços da universidade. Então, quem trabalha com biblioteca não pode julgar nenhuma outra área. Então, como eles são o centro e como a biblioteca tá no centro, o conhecimento tá no centro... E aí, eu uso muito a metáfora de tá no centro do campus também pra fazer essa associação, eles tem que respeitar todas as áreas e eles não tem, ahm... ou não devem ou não deveriam julgar, né? Se uma área é melhor ou se outra área é melhor, né? Não julgar nem as áreas e nem as pessoas que tão... Logo, não julgar as pessoas que tão... tão procurando eles.

Questão 7 - Hum, Legal. E que tipo de participação você teve no projeto pedagógico e que avaliação você faz do impacto desse projeto pra sociedade?

Projeto pedagógico de quê?

Entrevistadora: Do curso de Biblioteconomia.

Na verdade eu tive pouca... pouca participação, porque quando começou eu tava no pós-doc ou recém voltando do pós-doc e como eu atuo numa área muito específica, que é mais comunicação científica, etc., etc. Tive participação no sentido de... de recomendar, né? Essa questão de disciplina de acesso aberto e tudo, eu acho deu uma boa atualizada esse nosso último... esse nosso último projeto pedagógico. E a cada x anos tem que ser atualizado, não tem jeito.

Entrevistadora: E avaliação desse projeto, do impacto dele pra sociedade. Que impactos será que ele tem?

Pra sociedade é ter profissionais melhor formados, mais atualizados, mais abrangentes, né? Porque é justamente, isso foi e se incorporou uma série de

disciplinas, né? Uma carga de tecnologia muito grande, que é o que a prática demanda, né?, cada vez mais. Se manteve as estruturais, né?, todos os tratamentos técnicos, todas as questões voltadas pra sociedade, se manteve a questão da humanas, ética, inclusive. Eu acho que ficou um currículo bem equilibrado, bem distribuído, né?, e eu... tá em mutação... Também entender que o currículo vai dar conta de tudo é ilusão. O currículo dá conta de uma parte da formação, né?, como a universidade é parte... uma parte só da formação dos alunos.

Questão 8 - E em relação... Em que sentido esse projeto, ele te serve de base pra você realizar tuas ações como docente?

O projeto pedagógico? O projeto pedagógico ele é a base de tudo, né? Eu não posso.... eu só faço... Quando eu dou aula, eu sempre sei que as outras disciplinas da minha fase tão fazendo, e eu faço trabalho articulado com outras disciplinas da mesma fase tanto quanto possível, né? E eu sei que a minha disciplina é base pra todas que vem na sequência. Então, esse... esse entendimento ele é essencial pra que o aluno não sinta que está trabalhando de uma forma... tá desconect... que a minha disciplina tá desconectada do curso. Então, quando que eles tem que fazer um relatório de pesquisa de forma tal, com a estrutura tal, eu digo que eles vão usar essa mesma estrutura pra todas as outras disciplinas. Então, eles já sab... é... só o começo, né? E que, eles podem estar fazendo trabalhos articulados com outras disciplinas do mesmo semestre. Isso é essencial.

Questão 9 - Perfeito. Então, tá! Tem mais alguma coisa que queira acrescentar sobre o que a gente falou?

Não. (risos)

ENTREVISTA 3

Questão 1 - Na sua concepção, para que que existe o bibliotecário?

Olha, acho que o bibliotecário, ele atua dentro de bibliotecas, né? Acho que pra disseminação da informação, pra levar a informação para as pessoas e aí ele tem o lado técnico porque ele tem que organizar a informação e ele também tem o lado social, né? O lado... que ele tem que ver o lado das pessoas também dependendo do tipo de biblioteca que ele vai trabalhar. Se é uma biblioteca... biblioteca comunitária ele tem que tá mais na comunidade, biblioteca pública... numa biblioteca escolar já tem que, né? Ter aquele jeito de trabalhar com criança, fazer atividades de leitura e também tem que organizar a informação, ensinar a pesquisar, então... é uma mescla de atividades que ele tem que ter, né? Tem que ter uma visão bem ampla da sua função.

Questão 2 - E que demandas ele deve atender?

Hum... é que são tantas demandas, né? (risos). São tantas demandas agora em que sentido tu queres dizer assim, Daniella? Demanda... Acho que ele tem que atender, eu acho que é tudo, né? Demanda social, é... Ele tem que ter ética nesse... nesse trabalho dele junto com as pessoas. A questão da disseminação da

informação e organização da informação ele também tem que ter ética, ele tem que conhecer o seu – eu vou usar aqui um termo que não é muito usado mais, mas o seu usuário, né? – pra quem ele tá passando essas informações. Então, eu acho assim, é... são demandas do dia a dia das pessoas, né?, de informação!

Questão 3 - Perfeito! E com base na tua prática profissional como docente, no caso, né? O que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Ah, eu espero que ele atue eticamente, né? Que ele respeite as pessoas e que ele consiga, é... Atender as pessoas dentro de suas necessidades, né? De uma forma ética e que veja que o outro lado ali, na sua frente tem uma pessoa a ser atendida e que precisa de informação.

Questão 4 - E como você realiza a tua prática docente para atender o desenvolvimento desse egresso? Para que ele saia assim como você espera.

Ah, eu... eu sou da área técnica, então a gente tem... é obrigada a cumprir aquele plano de ensino, mas eu tento sempre ter uma boa relação com os meus alunos, né? É... Eu aprendo muito com meus alunos. Então, eu sempre digo pra eles, no primeiro dia de aula eu já coloco pra eles: - Oh! Se vocês me fizerem alguma pergunta e eu não souber, nós vamos pesquisar juntos! Então, eu tento ter assim, uma boa relação com os alunos, respeitá-los eles como humanos, né? Como pessoas que vem com problemas pra sala de aula, então, a gente tem que ensinar e, além de ensinar ver também esse lado humano do aluno, né?

Questão 5 - Com certeza! E que ênfase que você dá na abordagem dos aspectos éticos e políticos também, referentes à prática bibliotecária nas disciplinas que você ministra, mesmo que sejam técnicas?

Pois é, aí eu já acho que já... já é uma falha. Eu tenho uma falha que a gente não trabalha muito essas questões, assim, né? Talvez eu com as minhas atitudes em sala de aula, né? O respeito que eu tenho com eles, então... Talvez eu sirva como exemplo pra eles, é... abordar mesmo, teoricamente, assim, eu acho que a minha disciplina é muito técnica então eu não... eu não abordo.

Entrevistadora: Não tem oportunidade né?

Mas eu acho que as minhas atitudes talvez mostre pra ele a maneira de ética. Claro, a gente conversa, às vezes, né? A gente sai daquele assunto da disciplina especificamente técnica, a gente conversa de outras coisas, mas eu acho assim... abordar mesmo, não! Mas talvez as minhas atitudes, o respeito que eu tenho com eles, né? Eu tento sempre respeitá-los e tanto eles a mim. Então, a gente tenta passar essa relação boa com o aluno, né?

Entrevistadora: Eu também ministro catalogação e eu vejo que se for falar da ética na catalogação quase não tem trabalho sobre isso também, né?

Não, não tem...

Entrevistadora: O exemplo é muito mais da nossa parte do que..., né?

É... A nossa prática... A nossa prática...

Questão 6 - Quais os valores éticos que te motivam ou te influenciam pra realizar a tua atuação como docente na Biblioteconomia?

Aí, meu Deus, e agora? Eu acho que a ética é um princípio de vida da gente, né? Acho que a gente tem que ter ética em tudo.

Entrevistadora: E que valores esses, assim? Gostar do que faz...? Respeito?

Ah, não, sem dúvida! Tu tens que gostar, é... Tu gostar do que tu faz, é... respeito, eu acho que isso aí os alunos consideram muito. Às vezes, a gente vê os alunos reclamando de alguns professores que tratam eles mal, é... que, às vezes, assim meio que... Em alguns momentos rebaixam eles, as... a forma de se colocar... Eu acho que em alguns momentos, a gente tem que ser humilde também em sala de aula com os alunos. A gente sabe que tem... que nós temos alunos com problemas pessoais também, vem cansado do trabalho e eu acho que é a nossa postura em sala de aula. As nossas atitudes... Eu acho que a gente tem que conquistar os alunos também. Então, se tem uma coisa que eu tenho muito, é respeito com os alunos, com tá ali na minha frente. Claro, que a gente chama a atenção deles, às vezes, precisa dar uma... uma chamada neles, mas eu acho que é o respeito. É a forma de se colocar em sala de aula, eu acho que a gente, às vezes, tem que ser humilde também, né?

Questão 7 - Perfeito! E que participação que você teve no projeto pedagógico da Biblioteconomia? E que avaliação você faz desse projeto em relação ao impacto que ele tem na sociedade?

Tu tá falando de 2005 ou 2016, porque nós temos dois...

Entrevistadora: Do projeto vigente...

O vigente?

Entrevistadora: É.

Nós temos dois agora, no momento. O de 2005, que eu participei também, eu era membro da comissão que elaborou o projeto. Na época, eu era vice... eu acho... eu era subcoordenadora. E agora no 2016 eu também participei como membro do Núcleo Docente Estruturante que agora tem aqui na Universidade. Então, assim... Eu acho, que nós estamos acreditando que o curso vai melhorar, nós apo... esperamos que sim. Agora, desse novo de 2016 a gente só vai poder fazer uma avaliação nele daqui a quatro anos, né? Eu acho que todo currículo, ele também sempre tem alguma defasagem, né? A gente tenta fazer o melhor possível, mas é que também a sociedade e as necessidades vão mudando muito, então a gente tem que tá sempre atualizando. Tanto que a gente teve em 2005 e tá sendo renovado agora em 2016 que é pra tentar melhorar um pouco isso. Talvez o que o nosso curso ainda, querendo ou não isso é uma coisa que todo mundo fala, é muito tecnicista, né? Parte de tecnologia e tal, as nossas disciplinas ainda não são, assim, aquelas disciplinas muito sociais, não!

Entrevistadora: E agora tá ficando mais ou menos? Tu acha?

Tá ficando menos! Eu acho que ficou menos, Daniella. Talvez, eu tenha que dá uma olhada porque eu participei e não me lembro assim muito dele, porque é tanta coisa que a gente faz. Mas eu acho que menos, talvez em disciplinas optativas, agora em disciplinas obrigatórias... Ah, mas ainda eu acho que... Eu acho, na minha opinião particular, eu acho que ainda tem falha.

Entrevistadora: Interessantes, né? Porque na optativa a gente tenta compensar...
Compensar! Isso... Isso...

Questão 8 - Em que sentido que o projeto pedagógico te serve, então, pra realizar tuas ações como docente?

Aí, agora tu me pegasse! Eu acho que a gente tem que cumprir aquela... aquele objetivo que tem ali, né? Colocar o aluno na sociedade pra atender, apesar que o nosso projeto pedagógico lá o... se não me engano, eu não me lembro agora. Mas diz lá que ele tem que atender a parte de disseminação da informação, a parte social, a parte de disseminação da informação, ele fala a nossa missão, tá? Mas se tu for ver as disciplinas, especificamente, eu acredito que não estão atendendo. Eu teria que dar mais uma olhada, porque eu não tô muito por dentro, assim, a gente vai trabalhando e no final e... tem coisas que a gente não consegue gravar tudo. Mas é... Como é que é a pergunta mesmo?

Entrevistadora: Em que sentido que o projeto pedagógico te serve como base pra tuas ações...

Como base para realizar, é! Tipo, assim, eu acho que a gente tem que tá sempre se atualizando, né? Porque um dos objetivos do projeto pedagógico é estar atualizando os conhecimentos que a gente vai passar pros alunos. Que nem na catalogação, nós temos aí o RDA que ainda nós não damos aqui na Universidade. Eu falo pra eles, assim, né?, um pouco da teoria... A disciplina Catalogação 1 e Catalogação 2 e agora com currículo novo, eu tenho aí um ano agora pra me preparar pra tá inserindo esse novo instrumento, aí! Que não vai ser fácil, porque é acesso só eletrônico, em inglês, e a gente sabe que os nossos alunos não têm esse conhecimento, de inglês, de outra língua. Apesar, claro, tem o espanhol também, né? Mas eles têm dificuldades, mesmo sendo espanhol. Eles mesmos já vem com essa relutância de outras línguas, né? Então, eu acho assim, o projeto pedagógico eu acho que nos faz sempre tá acompanhando em atingir os objetivos, a missão que tá ali e a gente tem que tá se atualizando, porque ele quer sempre colocar um profissional melhor no mercado, né? Fala muito em mercado.... Na sociedade pra atender as suas necessidades, né? E a cada dia, as necessidades vão mudando, então, a gente tem que tá sempre correndo atrás. A gente não dá conta, eu digo sempre pros meus alunos, eu estou aprendendo todos os dias com eles.

Questão 9 - Em relação ao que a gente conversou, disso tudo, quer acrescentar mais alguma? Fica à vontade.

Eu acho que é a questão da atuação profissional, nossa, né? Qualquer profissão a gente tem que gostar do que faz e eu acho que a ética tem que estar no... tem que ser o... Como eu disse ali já no início, é um princípio de vida, eu acho que a gente tem que... que até um outro dia eu fiz uma... um aluno me pediu pra falar alguma coisa sobre ética e aí eu fui dar uma pesquisada e não conhecia, né? Daí eu... Tem um autor aqui que ele diz assim, ôh, Pierre Reverdy ou Reverdí, não sei... Não sei se tu lesse alguma coisa nos estudos: "A ética é a estética de dentro"...

Entrevistadora: Olha! É a nossa motivação!

Eu acho que... Eu acho que na vida, né, Daniella? Não só profissionalmente, eu acho que em tudo, né? No nosso dia a dia pessoal e profissional, acho que a gente tem que ter ética, tem que ter o respeito com o nosso... Seja aluno, seja

colega de trabalho, eu acho que deveria conduzir os nossos atos, né? Apesar que hoje tá difícil... (risos) A gente vê aí em todos os setores, mas a gente tenta fazer o... A gente, né? Acho que a cada sementinha que a gente faz vai plantando e tem um fruto!

Entrevistadora: Tá bom! Obrigada!
Espero que tenha ajudado!

Entrevistadora: Bastante!

ENTREVISTA 4

Questão 1 - Dentro da tua percepção, pra quê existe o Bibliotecário?

O bibliotecário, ele é um profissional que dissemina informação, mas num país nosso “subdesenvolvido”, né?, entre aspas, né? Ele é muito mais do que isso, né? Ele tem que ajudar o aluno a fazer a pesquisa, muitas vezes não sabe fazer pesquisa, é... o aluno, muitas vezes, né? é minha experiência de biblioteca pública, eu trabalhei 13 anos em biblioteca pública então, ele não sabia o que tava querendo, o que tava procurando, então na referência numa biblioteca pública, né?, que tem todo o lado social dela, a gente tem que fazer os dois papéis: o papel do professor, de consultar o livro ou o caderno do aluno, que muitas vezes, a gente sentava no chão e perguntava: - que matéria que é que tu quereres pesquisar? Aí, muitas vezes ele: - Aí, eu não sei! – Deixa eu ver o caderno. Muitas vezes eu peguei isso: - Então, é esse aqui, então... Vamos supor, de biologia. Então, a gente dava primeiro, uma enciclopédia para ele definir o que era, o que era biologia, o que que ele queria estudar, meio ambiente, ... pra depois então, dá mais um subsídio de livros ou alguma coisa que ele pudesse ler. O desagradável é que, muitas vezes, eles gostariam que fosse em xerox e ir embora. Não tem aquela... aquela consciência de pesquisar, de averiguar vários autores, fazer uma referência, né? Muitas vezes a biblioteca também na escola, ela não tá ainda focada para realmente, né?, o aluno vem já com a resp... com a pergunta pra que possa ampliar seus estudos, né?, fazer uma prévia na escola e ampliar seus conhecimentos, né? Então, eu acho que o bibliotecário é muito desafiado nisso, entendeu? Porque ele é bibliotecário, ele é professor, no meio de uma biblioteca escolar, numa biblioteca pública, né?, de uma universidade já é outro nível, mas a gente sofre também aqui. São níveis diferentes, mas necessidades iguais, no meu parecer.

Questão 2 - E que demandas esse profissional deve atender?

Olha, esse profissional... eu gosto muito da área social, né? É que o interessante é que nesses anos todos de experiência, né?, de trinta e três anos de formação... trinta e quatro, eu acredito que poderemos ir ainda para alguma disciplina da Pedagogia. Eu acho que esse confronto, essa necessidade que esse profissional, quando ele vai pro mercado, ele precisa, sabe? Da didática, né? É... Trabalhar com aluno, quem vai pra biblioteca escolar tem que ter a didática do ensino, né? Trabalhar em parceria com os professores, fazer parte da reunião dos

professores, participar do plano de ação de ensino que o professor vai dar, porque isso tudo vai cair na biblioteca. E aí, o bibliotecário, ele não tem a dimensão da didática, todo o... a conjuntura do que que cada professor dá. Se cada professor, né?, fizesse a reunião de classe e o bibliotecário também participasse seria mais fácil porque ele já conhecia o conteúdo e não era então... era uma... é uma ação conjunta e aí a gente vê ainda que alguns professores acham que o bibliotecário quer se meter na ação do professor. Não! Ele completa essa ação e não interfere. Então, assim, esse diálogo ainda, né?, é muito... muito estreito ainda, deve ser ampliado mais, né? Fazer parceria com os professores na escola, é... atividades conjuntas, né? Então, sei lá... Geografia, até a bibliotecária pode ir num passeio de visita técnica, né? Conhecer o que é rio, o que é lago, o que é floresta, o que é baía... A gente mora numa ilha, né? E esse conceito de ilha, o que é, né? Então... Pode levar, né?, o livro pra pesquisar e essas coisas, umas coisas mais lúdicas é o que tá faltando, sabe?

Questão 3 - E com base na tua prática profissional como docente, no caso, o que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia? Qual sua expectativa em relação a saída dele pra sociedade?

Olha, eu dei aula na Biblioteconomia... Eu acho que nós temos ainda que olhar o social, que ele não tá preparado, ele não tá... o lado do empreendedorismo, uma coisa que eu já venho falando a bastante tempo, ele não tá preparado, né? E... se realmente, né?, voltasse pra esses dois lados e focasse também, lógico, né?, mais ênfase pra biblioteca escolar que era o que eu.. aí nós... a Biblioteconomia, ela vai se fortalecer de uma maneira que ela nem sabe. A transformação do país passa por dois setores, né?, a profissão do bibliotecário e a sua ação na biblioteca escolar que é sublime, entendeu? Se a gente conseguisse realmente fazer essa ponte, essa ligação, essa mão única, porque agora é uma mão... pra mim tá na... ainda, no meu ponto de vista, tá em contramão, no meu ponto de vista.

Entrevistadora: - Ainda mais ainda com essa lei, vai ter cumprir o que eles estão fazendo...

Então, se fossemos olhar esse bibliotecário, né? Nesse viés, e focar, eu acho que nós vamos dar um salto de qualidade daqui a 10 anos, 15 anos, ia fazer uma grande diferença e, realmente, os cursos de Biblioteconomia serão tão concorridos quanto os de Medicina, que vai fazer a diferença nessa sociedade, vai fazer uma sociedade pensante, porque eu acho que a única arma mais poderosa que nós temos é a educação. E é por isso que eu estou sempre constante. E voltando.

Questão 4 - E como que você realiza a tua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso? Pra que ele saia como você espera?

Bom, os meus alunos, né?, eu sempre foco pra eles, né?, que temos que, é... O que que nós queremos aqui? O que que o curso oferece, né? Porque eu disse pra eles, o curso não vai resolver tua vida toda, ele vai resolver uma parte e você vai ter um curso superior. Mas você não pode ficar na mesmice desse curso, na margem dele, você tem que atravessar, pegar a outra margem lá do outro lado, né? Então, como eu sempre faço, eu dou as minhas aulas, é... focando isso, o lado do empreendedor, dou o embasamento teórico, cobro muito deles e também a gente faz as práticas. Eles têm duas disciplinas, que nem agora na Arquivologia, que eram as práticas. Na Biblioteconomia, eu trabalhava com preservação e conservação, eu

sempre fazia projetos de extensão. Então, a gente tinha... tinha que... a teoria, e depois nós ia lá pra Biblioteca da BU, que tinha um centro de... de rest... de obras raras, então a gente fazia a conservação, a preservação, a restauração, e disseminava aquele conhecimento lá. Então, ele sempre trabalhando em parceria com a universidade, com a BU, e que ele pudesse então também realizar isso, né?, tivesse que aquele balcão de troca, né? E depois a gente ia pra SEPEX divulgar o que que nós tava fazendo, dando o respaldo pra comunidade, né? Então, isso eu faço. Então, agora eu tô na Arquivologia, e tô fazendo a mesma coisa, então, é... Nós temos uma disciplina de Unidade de Saúde, e nós estamos trabalhando então no Hospital Universitário, lá no arquivo de óbitos, de prontuários médicos. Então, há uma fonte... várias frentes que a gente pode realmente focar naqueles prontuários médicos, nos tratamentos, na informação, né? Qual foi o primeiro prontuário? Quem era, né? Como iniciou o HU, que antes era só pra funcionários, né?, e depois foi abrindo pra comunidade, cresceu. Hoje é um hospital público, né?, é um hospital escola, mas público, pelo SUS, né? Então, a gente atende residentes, médicos, né?, e os arquivistas auxiliam nas pesquisas dos residentes, e a gente tá organizando todo esse acervo, né?, num tratamento de 10, 10-15 anos numa doença, vamos supor, câncer, como já mudou, né? De AIDS, como já mudou, né? Então, essas coisas, então, transformam a sociedade e mostram como que o documento, né?, ele tá tudo registrado, né?, e como ele pode ser transformado para uma ação conjunta para o Ministério do... né?, para a secretaria da Saúde, pra o Ministério da Saúde, então, como é que chega esses dados lá, os dados estatísticos, né?, as métricas, quantas pessoas entram na emergência, a gente tá contando quantas que é que entram hoje, terça e quinta, quantas pessoas na emergência entraram? Que tipo de ocorrência, né? isso tem custo, tem benefício, mas também tem custo, nós pagamos, né? É esses confrontos, né?, então a gente tem a prática e vai lá na teoria e vai na prática, vai teoria e na pra... isso enriquece muito porque o aluno, ele interage, né? Então, é um outro olhar, sabe? É outro olhar de... de a gente saber fazer e juntar essas teorias com a prática, andar juntas, né?, não separadas ou coisas isoladas, elas se unem e isso vem também... incentiva, aguça mais o aluno, né?, que quando a gente faz... eu faço uma teoria e uma prática, uma teoria e uma prática, uma teoria e uma prática. Então, ele vai... vai realmente adquirindo mais habilidade, vai adquirindo o conhecimento, ele vai... vai buscando coisas assim que a gente às vezes... que eu digo, isso eu ia dar na outra aula, mas surge naquela aula que a gente tá na prática, eles estão, mas aí começa a pesquisar, já vem os resultados, e isso também interage melhor assim também. Eu vejo isso.

Entrevistadora: - Pra vivência também...

É, pra vivência do dia a dia, né? Então, assim, eu acho... eu acho que é melhor, entendeu? Trabalhar com esses laboratórios, mini-laboratórios que tem, que a gente possa ter as vivências, né?, e já questionar ali o que tá acontecendo, qual o procedimento, qual o parecer que ele vai dar. Então, quando ele entra no arquivo, ele vai fazer a atividade, então eu quero um diagnóstico, e depois o parecer dele, né? Então são duas coisas diferentes, né? Então, ele tem que dar, o arquivistas tem que aprender a dar um diagnóstico, um parecer, né?, de toda a unidade de informação, como anda... então a gente tá trabalhando nisso.

Questão 5 - E que ênfase que você dá aqui no caso do curso de Biblioteconomia, né? Que ênfase você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referente a

prática do Bibliotecário nas disciplinas que você ministrou ou ministra ainda independente da temática?

Olha, quando eu dava aula de preservação e conservação e segurança de acervo, eu falava muito na ética, inclusive eu trazia até o... tem uma palestra que o... que o comandante do corpo de bombeiros, (nome do comandante), ele dá o que você faz numa situação de risco, né? Então ele... então, essa era a primeira aula que a gente dava na segurança de acervo. E, então, ele focava logo a ética, né? E tem um tópico da ética, porque a gente tá sempre trabalhando e... eu não posso também dizer tudo que ocorre, né? Então a gente tem que ter o cuidado de como falar, como abordar, como averiguar realmente se tá tudo certo, né? E, sempre foquei nisso, entendeu? Numa ampla, assim, né?, que ele sempre deve privar a ética, primeiro saber escutar, né?, saber escutar, né?, não levar adiante aquilo que passou... Isso tudo a gente faz, né? Faz um parecer, faz um diagnóstico, não se omite, né? Mas não precisa é... fazer um alarme muito grande daquelas ações, né?, porque as ações vem, você registra, você olha o... né? Não deixa de registrar, e passar para os superiores e guardar cópias. Se acontecer alguma coisa, você avisou, mas não precisa, né?, sair cantando eu fiz isso, eu fiz aquilo, isso não interessa. Isso também é uma postura ética, né? E, realmente focar sempre nos princípios, né?, da Biblioteconomia que, realmente tem que ser éticos, né?, citar alguns autores. O [...] sempre trabalhava com isso. O Professor [...], né?, sempre dava os livros do professor porque, como já era professor, né?, então, já passou por lá pela disciplina e o [...] tem um elo muito grande com os alunos, né? Isso ele captava bem, né? Então, assim... um professor catedrático assim, que, que fez muita diferença, não só no nosso curso, mas em todo o curso de Biblioteconomia do Brasil, ele é uma referência. Então, esse lado ético, isso a gente deve é... deve focar... eu acho, é... não é que... é muito... é uma disciplina, 36 créditos, devia ser uma disciplina assim com 72 créditos, né?, para os nossos alunos, né?, que num país tão grande né?, com um continente, e são regiões tão diferentes, e eles daqui, eles vão pra tudo quanto é lugar, né? Que levassem mais bagagem disso, né? E que não ficasse também só no discurso da academia, mas escutasse outros, né? O pessoal do Direito, o que que eles acham da... da... né? O pessoal da Pedagogia, porque a gente vai trabalhar com a Pedagogia. O pessoal da Psicologia, da Sociologia, né? Então, como é que isso, né?, fazer então um seminário desses, dessas ciências, né?, que possam... porque todos comungam na ética, né? Mas cada um tem o princípio da sua ética, né?, da Sociologia, da Psicologia, da Pedagogia, do Direito, né? Então, são coisas que poderíamos fazer, né?, pra ver, né?, esse novo olhar, né? Que a gente fica muito pro... fica só... anda no círculo, né? E esse círculo, eu acho que deve ter alguns elos, né? Não ficar só, só na Biblioteconomia, né? Da ética da Biblioteconomia, que a ética tá em todos os segmentos da sociedade, em todas as ciências, então... Eu acho que, pra ele ver o outro lado, né? Eu penso assim.

Questão 6 - E quais os valores éticos que te motivam ou te influenciam pra você realizar sua prática e a tua ação como docente, no caso mais focado no curso de Biblioteconomia? Se tiver diferença pra você também...

Não, pra mim dá igual, é igual (risos). Eu, é... sempre quando eu peço pra eles um parecer, um diagnóstico, eu peço que eles seja sinceros. Que eles não mente. Porque o profissional que mente, ele perde todo o crédito, né? E digo sempre pra eles não colocar: – Ah, deve ser feito isso. Deve é uma negação, então digo pra

eles: - Não precisa, necessita, pra você não se omitir, porque você é um profissional, né? Aqui a gente pode errar, nesse muro que nós tamos, mas lá foram eles vão cobrar. Mediante que a sociedade cobra disso, você tem que ter uma postura ética, não mentir, ser sincero, não bajular porque você é um profissional e você pode realmente conseguir, né?, almejar algum cargo pela sua competência e habilidade, do seu conhecimento, que é muito gratificante e do outro lado a gente sabe que não é. E eles são tão jovens, que a gente pede que eles realmente possam mudar esse mundo, né? Então, por essa mudança, né?, ele devia, ele deve, ele necessita ser ético, né? Na sua postura, né?, falar de modo profissional, fazer [palavra não identificada] do profissional, o comportamento dele, né?, no dia a dia, é o dia a dia dele, né?, que quando for falar do João da Silva, ele vai saber: - Realmente, não. Realmente é uma pessoa correta, né? Um bom pai de família, né?, um bom marido, um bom profissional, né?, cumprimenta todo mundo, desde o faxineiro até o diretor. Isso é uma diferença das pessoas, né? Eu sou, né?, então, eu acho um bom dia pra qualquer pessoa, isso não vai... não vai diminuir não, pelo contrário gente. Então, todo o procedimento do ser tem que ser avaliado, né?

Questão 7 - Que tipo de participação você teve no projeto pedagógico vigente do curso de Biblioteconomia? E que possível avaliação você poderia fazer do impacto desse projeto na sociedade?

Eu não participei desse projeto. Eu fiquei quatro anos fora, e... e não participei.

Entrevistadora: - Mas tem conhecimento dele?

Não tenho. Não... Desconheço ele. Não se fala muito... Não se fala nada dele, entendeu? Eu... não...

Entrevistadora: Não sabe fazer uma avaliação desse quadro?

Eu não consigo fazer, porque realmente é uma coisa que... Como que eu vou dizer... Eu desconheço. E eu tô aqui, vai fazer um ano que cheguei, e eu nunca ouvi falar disso. Nunca ouvi falar. Não há divulgação. É a primeira vez que eu tô ouvindo falar. E é uma coisa que devia ser difundido, divulgado, pra sociedade, Associação, CRB, tá aqui dentro, debatendo, né? Escutar as duas universidades, né? Fazer um seminário sobre isso, né? Um seminário aqui, um seminário lá, e vamos fazer um grande, né? Com as duas classe, né?, CRB e associação. Não é pra esconder a sete chaves, eu desconhecia, e eu nem sabia disso.

Questão 8 - Em que sentido o projeto pedagógico te serve como base pra realizar tuas ações docentes?

Bom, aquilo é um espelho, né? Então, é... O aluno... Como é que o aluno te vê? E o que que você pode melhorar? Porque a gente, o ser humano está sempre melhorando, e deve melhorar. A gente tem um ser em transformação, graças a Deus, né? É ótimo, maravilhoso. Então, partindo desse princípio, então, é... essas avaliações, pra mim, é gratificante, na medida que eu posso tá sempre melhorando, né? Mudando o meu modo de pensar. Posso melhorar, posso me avaliar e ver quais foram minhas falhas, né? Ter humildade e dizer: - Eu errei aqui. Eu posso melhorar, né? Porque nós não somos deuses, não precisa de deuses, não precisa nada, somos seres humanos, né? Estudamos um pouco mais, pela oportunidade de

estudar e transmitir esse conhecimento, mas o conhecimento está sempre em transformação. Então, saber fazer sempre é muito interessante, né?

Entrevistadora: Em cima do projeto pedagógico que dá uma diretriz?
Dá uma diretriz de como possa melhorar.

Entrevistadora: Porque tem gente que fala assim: - Ah, eu não uso, não uso, o projeto pra mim não influencia na minha prática, o que vai por um caminho totalmente diferente, né?

O projeto, ou porque não acredita nele, ou porque não concorda, mesmo porque não teve... não foi divulgado, não foi... né?

Mas isso é muito cômodo, né? Isso faz que a gente ainda não saiu do país da... o país da Alice, né? Só faz de contas. Aí não dá, entendeu? E muitas vezes as pessoas também não tão querendo fazer isso.

Entrevistadora: - Então seria um instrumento fundamental pra...

Pra mim é. Pra mim é um instrumento fundamental sim porque às vezes a gente, né?, os professores, se acham, maior do que o projeto e não se admite que seja chamada a atenção. - Ah, já tô aqui, a sei lá, a quanto tempo, e não vou mudar. A gente escuta isso. - Ah, porque aluno é tudo igual. Não, aluno é tudo igual. Isso a gente escuta no discurso. Então, a gente também... se a gente... a gente pede mudança, mas daí então vamos mudar... vamos começar a mudar pela gente, né? Eu acho, né?

Questão 9 - Em relação a tudo que a gente conversou, gostaria de colocar mais alguma coisa? Fique à vontade.

Gostaria de desejar saúde, né? A gente tem que ter saúde pra fazer uma tese, né? (risos). Que você consiga seus objetivos, né? E temos que continuar a ser éticos e lutar pela ética, né? Pra mudar esse país, né? Porque desde que a gente nasceu tá pedindo pra mudar, é o país do futuro, e a gente tá ficando velho, e a luz do túnel realmente (risos), tá difícil, né? Mas pela ética, quem sabe um dia... E também o Brasil é um país muito jovem ainda, de democracia 34 anos. Muito pouco. Então, essas coisas, realmente, eu... então, acho que acredito que... que mude alguma coisa, né? Tentando fazer... O saber fazer é que é importante, né? Tudo de bom, sucesso na sua tese, tá? E lado profissional também.

Entrevistadora: Obrigada.

ENTREVISTA 5

Questão 1 - Na tua concepção para que que serve o bibliotecário?

Ah, o bibliotecário enquanto profissional, eu acho que ele tem uma responsabilidade social também bastante importante, no sentido de participar de um processo de fluxo de informação. Ahm... e a participação dele é no sentido de oferecer isso, né?, oferecer esse... esse montante de informação de maneira organizada, né? Ahm... Mas que ela, principalmente, mais que organizar a

informação é fazer com que ela, é... se movimente, que ela seja de fato utilizada. Então eu acho que... é tem uma importância que é social, no sentido de fazer a informação circular de uma maneira mais adequada.

Questão 2 - Perfeito. E que demandas esse profissional ele deve atender, na sua opinião?

Bom! Demandas de informação, né? Eu acho que esse é o ponto principal, mas não só é... por um viés talvez científico ou cientificista e tecnológico. Eu acho que também por um viés cultural, artístico, humanístico, né? Eu acho que a gente quando fala muito de demandas de bibliotecas, eu acho que a... o conceito de informação que a gente for construindo no Brasil, ele se aproxima muito de um lado e se afasta muito de outro. Eu que a... a... demanda é informacional, sempre! Mas eu acho que a gente tem que ampliar o que a gente entende por informação, né? E aí eu acho que ele vai tá atendendo uma parte maior da população, né? A sua comunidade usuária tem condições de aumentar. Quando a gente fala em atender uma demanda de informação científica e tecnológica, eu tenho a impressão que...ahmm... a gente acaba delimitando até tipos de bibliotecas onde esse tipo de informação circula. Quer dizer, circula em todas as bibliotecas, mas comumente, na realidade brasileira isso tá mais na especializada e na universitária. Então eu acho que a gente acaba deixando de lado, uma parte importante da... da... comunidade que é atendida por outros tipos de bibliotecas e de unidades de informação.

Questão 3 - Com certeza! E com base na tua prática profissional como docente, o que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Bom, eu espero... o meu trabalho é sempre no sentido de mostrar pra eles caminhos, tá? Mas eu espero que quando ele saia daqui que ele saia sabendo o que ele quer, sabe? profissionalmente falando. Se ele quer atuar mais tecnicamente, se ele quer atuar em uma biblioteca, se ele quer uma atuação mais moderna, se ele quer trabalhar num ambiente digital, se ele quer seguir uma carreira acadêmica... Eu, sinceramente, espero formar bibliotecários que tenham condições, não só de desenvolver uma profissão, mas que eles tenham condições de construir uma carreira, sabe? Com base em escolhas próprias, escolhas críticas, né? Eu, sinceramente tenho esperado cada vez mais que sejam bibliotecários críticos, politizados, conscientes de uma realidade. Eu não sei se a gente consegue fazer isso, mas... é... eu acho que eu caminho e acordo todos os dias pensando nisso.

Questão 4 - Legal! E como que você realiza a tua prática como docente também para atender o desenvolvimento desse egresso? Pra que ele saia do jeito que você espera?

Tá! Enquanto ele ainda é nosso aluno?

Entrevistadora: É...

Tá! Bom, eu acho que a gente tem, é... uma responsabilidade enorme nisso, uma vez que somos nós que construímos os nossos currículos, por exemplo, né? Mas eu tenho tentado fazer a inserção de discussões, mesmo em disciplinas, é... cujo o projeto pedagógico do curso não contemple discussões mais... eu costumo chamar de sociais, mas eu também já tô começando a mudar esse termo. Eu prefiro chamar de discussões mais humanas, né? Então, por exemplo, dando aula de classificação eu sei que eu tenho uma responsabilidade que vai além de ensinar o aluno a... a usar um sistema, né?, de classificação. Ele tem que saber refletir o que

que isso significa. Se eu entendo que esse bibliotecário é um profissional que tem uma... eu vou chamar de responsabilidade de fazer a informação fluir e se movimentar na sociedade, ele tem que entender isso. Ele tem que compreender, sei lá filosoficamente, a estrutura do sistema, mas como é que isso... que essa atuação que é meramente técnica, aparentemente, que... que alcance social essa atividade tem? Então, na minha prática eu tenho tentado acrescentar cada vez mais a reflexão sobre o fazer bibliotecário, né? Claro que de um ponto de vista sempre pensando a sociedade, é... Sem negar a tecnologia, sem negar nada disso, acho que tudo isso é feito para.. pro atendimento de uma comunidade usuária ou interagente, enfim, o termo que cada um até inclusive prefira usar, né?

Questão 5 - E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referentes à prática bibliotecária nas disciplinas que você ministra?

Huum... É... Eu acho que a abordagem é... ética e a legislação? É isso?

Entrevistadora: Que ênfase que você dá na abordagem desses aspectos nas disciplinas, independente da disciplina...

Ah, tá! É... é... A ênfase é no sentido de reflexão. Tem algumas disciplinas, que de vez em quando a gente ministra, que isso entra como conteúdo programático, e aí nesse caso é até melhor, a gente consegue se aprofundar, né? Mas naquelas disciplinas onde isso não está presente no conteúdo, eu acho que a ênfase acaba sendo na reflexão. Quando vou dar um exemplo pra um aluno, quando um aluno faz uma pergunta, quando um aluno traz um exemplo da biblioteca onde ele trabalha, onde ele faz estágio. Eu acho que essa vivência dos alunos é algo muito interessante, quando eles trazem isso pra sala de aula, pra gente fazer essas discussões. Eles: - Ah, mas o bibliotecário que me supervisionou/supervisiona faz isso, isso e isso. E de que forma que a gente vai lidar porque não é isso que a gente aprende aqui. Então, são questões que eu acho que a gente... é... é um... são momentos ricos de discussão pra enfatizar a ética, a... e o bom desenvolvimento, né?, da profissão.

Questão 6 - Perfeito! E quais os valores éticos que te motivam e te influenciam pra você desenvolver a tua prática, a tua atuação como docente, vamos dizer assim?

Eu não sei se o que você chama de valores éticos é o mesmo que eu entendo, tá? Eu... Mas eu parto de valor... Bom, primeiro de tudo: é o do respeito, tá? Eu entro numa sala com 10 alunos ou com 40, eu enxergo um grupo de pessoas que escolheu tá ali e que tá buscando se melhorar enquanto cidadão, enquanto profissional, culturalmente falando... Então, eu respeito muito isso. Então, o primeiro é o respeito. E eu aprendi também – aí eu não sei em que termo eu poderia colocar isso – eu aprendi que eu aprendo com os meus alunos todos os dias. Então, eu acho que é a observação... Passa pelo respeito também, mas eu gosto assim, de parar e ouvir. Talvez, isso seja empatia, alteridade, é... alguma coisa nesse sentido, né? Enfim, eu acho que é isso, assim! Eu sempre tô tentando me colocar no lugar do aluno. Às vezes, é complic... Eu... eu entendo que, às vezes, é complicado uma pessoa que está na condição de aprendiz, às vezes formular uma pergunta... Eu vejo isso como um momento de... de... formação de opinião, né? Então, eu tento sempre praticar essa coisa da empatia, de me colocar no lugar do outro, né? E as coisas normais, assim, é... respeito, educação, tem uma... tem umas coisas que não são, necessariamente, valores éticos, mas que passam acho pelo respeito à essas

peessoas, é respeitar horários, respeitar prazos... Porque se por um lado eu tô representando uma instituição que me cobra e me faz cobrar deles, eu acho que eu também tenho o dever, né?, de devolver, assim, no mesmo nível, né?, pra eles.

Entrevistadora: Com certeza!

Huum!

Questão 7 - Bacana! E que tipo de participação você teve no projeto pedagógico do curso? E que avaliação que você faz do impacto desse projeto pedagógico na sociedade?

Tá! A participação não foi direta, tá? Eu não fazia parte da comissão, tá?, de elaboração desse projeto. Apesar, de que eu já tava trabalhando aqui, mas havia uma comissão designada pra isso e eles nos comunicavam algumas coisas em reuniões específicas pra isso e havia alguma discussão, tá? Mas eu não pensei... eu não participei do pensamento, vamos dizer assim, mais original desse... desse projeto pedagógico. Eu acho que ele tem um impacto, é... importante na sociedade e como que é eu percebo isso? Eu percebo através dos nossos egressos que se colocam rapidamente no mercado de trabalho, são aprovados em concurso público e antes da minha licença, eu acompanhava muito os estágios também. Então, eu ouvia de bibliotecários, é... assim, falando que havia um diferencial, talvez por conta do peso das disciplinas de tecnologias, administração e gestão. Isso eu acho que é uma coisa muito interessante e necessária que a gente continue dando conta, e aí, eu penso que se a gente tem profissionais que impactam, é... organiza... unidades de informação, automaticamente eles vão impactar a sociedade, né? Eu só acho que a gente tem que aumentar esse impacto, como eu falei, pensar também em outras frentes de atuação pra além da tecnológica. É... a gente conseguir incorporar, eu acho que, talvez a gente tenha... esteja caminhando pra maturidade no sentido de incorporar essas metodologias pra ampliar a abordagem. Sair dessa coisa mais técnica, né? De gestão, de tecnologia e começar também... é quase que um retorno lá pra origens do ensino da Biblioteconomia, né? Eu gostaria de ver isso, tá? Porque eu acho que a gente teria condições de... de ter um alcance social maior, e aí, é claro, eu acho que o impacto seria maior também. Mas não acho que seja... que seja ruim, acho que nós temos é... temos feito um bom trabalho, assim, sabe? Pelos resultados que a gente vê de quem já... já se formou.

Questão 8 - Certo! Em que sentido o projeto pedagógico, ele te serve como base pra você realizar as tuas ações como docente?

Tá! É... Bom, tem um aspecto que é muito prático, tá? Que é toda vez que eu vou... todo o começo de semestre quando eu vou montar meus... meus planos de ensino, né? É minha base... Então, eu acho que isso é bastante braçal, assim! É consultar e tal. É... Ele também me serve de parâmetro, quando eu... a ementa, eu não posso mexer, no conteúdo programático, eu posso. Então, pra eu não... é... não... não sair muito dos limites do que é proposto, então, ele também serve como referencial, tá? E é na verdade, eu acho até que eu consulto menos do que eu poderia, tá?, o projeto pedagógico. Mas é... é... eu acho que ele é pra mim, uma referência, sabe? Quase que um... é... uma obra de consulta, quando eu preciso tirar uma dúvida específica de uma carga horária ou coisa do tipo, sabe? Mas eu acho que ele reflete... Não é ele reflete. Eu acho que o curso reflete o que ele traz. Então, essa característica do que a gente tem hoje no curso, que fez com que a gente tivesse um reconhecimento dentro da Universidade e fora dela – Nós que eu digo,

nós Biblioteconomia da Universidade – acho que tem a ver com esse projeto pedagógico pensado pra o momento social importante, que foi o começo da década passada, que foi assim, a grande transformação, né? Depois ele veio passando por outros processos.

Questão 9 - Certo! Em relação ao que a gente conversou no geral você quer acrescentar alguma coisa? Fique à vontade!

Eu só acho assim que... Que eu acho que a gente tem que discutir cada vez mais, sabe? Essas questões, porque quando a gente fala das questões éticas, especialmente no ensino, dá a impressão assim que a gente vai falar de um conjunto de regras e de normas, né? E na verdade isso passa por uma conduta, né? E... e a gente que lida com pessoas, nós somos... nós somos educadores, então, a gente não tem como fazer um trabalho sozinho. Então, a gente tem que compreender que... que essa nossa conduta pode ser o sucesso ou fracasso da turma, do professor, do aluno, do departamento, né? Não significa que todo mundo tenha que pensar igual, mas eu acho que as discussões, a gente conseguir parar pra se ouvir. Eu acho até que no nosso depar..., no meu departamento, o departamento onde eu trabalho, eu acho que isso acontece bem, né? Mas infelizmente não é o que eu vejo, é... de experiência de... de professores universitários no Brasil de uma forma geral, né? Então, é um pouco isso, eu acho que a temática é relevante e a sociedade atual tá precisando muito falar disso, de condutas, de ética, de... né? De traçar bons caminhos, né? Eu acho que é isso!

Entrevistadora: Obrigada!

ENTREVISTA 6

Questão 1 - Dentro da tua concepção, pra que que existe o bibliotecário?

De forma ampla? Pra divulgação de toda a informação científica, bibliográfica, poética que existe dentro de uma região, dentro de um país, dentro de uma instituição. O papel principal dele é gerar informação pra que as pessoas possam tomar decisões de leitura, de conteúdos. Acho que o grande chamado do bibliotecário hoje é o processo informacional. Não mais o papel específico de ordenar, classificar, catalogar a informação na biblioteca. Acho que ganhou uma amplitude muito maior hoje. A minha visão hoje em relação ao bibliotecário é o gestor de informação.

Questão 2 - E que demandas esse profissional deve atender?

Olha, eu acredito que dentro de uma instituição ou dentro de uma Universidade ou dentro de qualquer contexto, o processo específico de gerar conteúdos pra sociedade, pra que ela possa tomar decisão. Por exemplo, estamos vivendo um momento tão drástico no país e que a gente não vê a atuação do bibliotecário em relação a isso. Em relação a informar... Porque a gente vê hoje, dentro da sociedade é uma desinformação total. Talvez o profissional bibliotecário poderia atuar mais a fundo nisso como um gestor de informação. Eu sei que a gente fica meio que desviando um pouco o foco central do bibliotecário, que a muito tempo

foi o controlador da informação bibliográfica. Eu acho que não é mais só isso, acho que ele ganhou uma dimensão muito maior e essa dimensão a gente ainda não conseguiu transpor, dentro da academia, para o mercado de trabalho. São poucos que conseguem fazer isso, por exemplo, é... dentro da Natura, a [...] faz um papel fenomenal de processo informacional lá dentro. E a gente não vê muitos profissionais bibliotecários fazendo a mesma atuação. A gente ainda fica muito enraizado na coisa de: - Ah, eu tenho que passar num concurso público pra trabalhar numa... numa biblioteca universitária que é onde tem mais fundo. E a gente deixa outras parcelas da sociedade de fora disso.

Questão 3 - Com certeza! E com base na tua prática profissional como docente, no caso, o que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Bom, aqui na Universidade agora nós temos três cursos, né? E cada um deles bem direcionado. Eu acredito que, dentro das atuações do profissional bibliotecário, além da reserva de mercado que já existe, né? Que são cargos que somente o bibliotecário pode atender, eu acredito que eles poderiam trabalhar em muitas empresas voltadas ao sistema de informação, sistemas de gestão do conhecimento, de sistemas de gestão da própria informação como a Knowtec já faz aqui em Santa Catarina é... e outras empresas no Brasil inteiro já absorvem esse profissional bibliotecário. Então, é... especificamente a função dele... a função dele é gerar informação. Trabalhar com fontes informacionais, disponibilizar essas fontes, é... ter uma atuação muito mais preventiva do que simplesmente demanda. Então, eu acho que isso... Pelo menos o bibliotecário moderno parece que não entendeu isso ainda.

Entrevistadora: Tá! Então você espera que ele saia consciente dessa demanda de...?

Olha, o que a gente tenta fazer no curso é isso! Tanto que a gente criou um tronco único, não pra desestabilizar o profissional bibliotecário, é todo o contrário. É pra dar a ele mais embasamento de outros conteúdos que ele fica fragmentado quando ele se forma. Por exemplo, Matemática. - Ah, eu vou fazer Biblioteconomia porque não gosto de matemática. Pelo contrário, matemática é extremamente importante para o desenvolvimento de coleção, desenvolvimento de software, desenvolvimento de recuperação informacional. Qual o gargalo informacional que ele precisa pra atender a demanda. Então, tudo isso tá intrínseco dentro da... da ação dele, mas ele praticamente não absorve isso no curso. A mesma coisa são tecnologias, né? Então, a junção de três cursos que se falam nesse ambiente é justamente pra que ele saia capacitado e entendendo qual as demandas que a sociedade exige do profissional bibliotecário. Pelo menos isso é o que a gente tá tentando implantar na Universidade. Agora se vai ter êxito ou não vai depender também da massa... da massa docente que nós temos aqui dentro. Que tem que ter uma amplitude mais específica do que o mercado tá exigindo porque é... é interessante. O professor Moreiro e o Waldomiro Vergueiro, eles fizeram uma análise das competências desse novo profissional e boa parte desse novo profissional passa por questões de tecnologia. A gente acaba não formando o que o mercado, de fato, exige. Então, a gente tem que fazer o processo reverso, primeiro saber, através desses estudos pra depois capitalizar dentro do curso. E foi mais ou menos isso que a gente fez, quando a gente gerou o tronco único. A gente foi absorver o que que o mercado tava pedindo pra esse profissional, não o mercado de

concurso público, mas o mercado privado mesmo. O que que ele tava exigindo do profissional pra gente poder moldar um novo curso. E eu acho que é mais ou menos esse processo que várias... vários cursos de Biblioteconomia no Brasil estão fazendo. Porque senão você é engolido por outros cursos, Informática, é... Por exemplo, existe uma...

Entrevistadora: Sei! Pra dar conta de especificidades, né?

Exato! Tem uma grande empresa no mundo inteiro que chama Accenture, que ela contrata profissionais pra tomar decisões dentro das empresas. No Brasil, a Accenture, ela tem uma... uma... ela absorve poucos bibliotecários. Na Espanha, é todo contrário. Boa parte dos bibliotecários que são formados pelas universidades, a Accenture ou outras empresas mais ou menos do mesmo ramo absorvem eles, porque sabem que esse profissional é o que sabe buscar a informação. É o que sabe... sabe que vai dar o controle informacional por detrás de todo o seguimento que eles estão montando de projeto. Então, é uma outra visão.

Entrevistadora: A nossa identidade profissional é bem fragilizada aqui, né? A gente não tem...

Sim, somos concurreiros! O bibliotecários e forma pra trabalhar em empresas ou instituições que são concursadas. Que é o sonho de consumo de todos eles. Eu acho que nós temos um mercado muito maior e que a gente ainda não se deu conta. E não vai ser a Ciência da Informação que vai tomar conta disso. É o próprio bibliotecário. O problema é que ele tem que saber fazer um portfólio melhor da própria carreira.

Entrevistadora: Daí, passa por uma conscientização do que que ele tem... que deve... onde ele atua, né?

Exato!

Entrevistadora: Sempre passa pela formação, com certeza!

Esses... Essas análises de competências antecipadas pra universidades não sair formando um monte de... de pessoas controladas, é vital. Senão, nem a sobrevivência do próprio curso vai... vai mantê-la na Universidade. Olha só, o... o curso, ele passou de 1 por vaga, para 2 por vaga. A tendência é que ele vá aumentando nos próximos anos. A mesma coisa aconteceu com a Arquivologia, era 0,75 por vaga, agora é 1,75 por vaga. A Ciência da Informação são 6 ou 8 por vaga. Ou seja, tem uma demanda muito maior. Cada momento que nós tivermos uma demanda maior, a gente vai ter uma entrada de alunos mais qualificados pra universidade. O problema é que a gente também tem que conversar com o mercado. Se a gente não souber quais são as demandas, a gente não vai... vai continuar formando bibliotecários que vão sair daqui pra tentarem ser somente concurreiros.

Questão 4 - E nesse sentido que você falou, então, como que você realiza a tua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso? Pra que esse egresso saia como você espera?

Sim, vamo lá! É... Aqui no curso eu já tive algumas disciplinas que eram chaves, né? "Fundamentos de Biblioteconomia", que era a primeira disciplina. Então, a gente dava mais ou menos um choque de realidade pra eles do que que poderia ser feito. A gente mais ou menos mapeava quem eram os pioneiros, como eles desenvolveram... como eles desenvolveram práticas dentro das bibliotecas, mas ao

mesmo tempo, a gente ensinava algumas práticas pra eles. O que que é uma catalogação, o que que é uma classificação... Porque são coisas fundamentais pra ordem de todo o processo informacional. Mas, ao mesmo tempo, a gente já fazia pesquisas com eles pra saber, especificamente, o que que o mercado tava exigindo deles. É... volto a repetir, eu absorvi bastante o estudo do Moreiro e do Waldomiro Vergueiro justamente pras minhas disciplinas, pra saber qual era a demanda deles. E o mais curioso de tudo, é que boa parte dos alunos, entravam no curso de Biblioteconomia dentro da Universidade, especificamente, porque o grau de entrada era muito fácil. Então, boa parte nem sabia o que a própria carreira fazia, o que era possível. Então, tinha muitas pessoas que já trabalhavam no mercado... por exemplo, numa empresa que tenha documentação e você começava a dizer: - Olha, porque vocês já não começam a ordenar essa informação, não começam a sistematizar um processo? - Ah, mas isso não é só um papel do arquivista? Eu falei assim: - Sim, é o papel do arquivista, mas o bibliotecário pode dar o primeiro suporte informacional até que essa empresa contrate um arquivista. Até mesmo momentos de lazer dentro dessa empresa pode ser criado pelo profissional bibliotecário. O processo de leitura, é... pesquisas precisam ser feitas dentro dessa empresa. O bibliotecário pode dar suporte para a busca dessas informações...

Entrevistadora: A própria inteligência competitiva...

Dentro de parcerias com universidades porque a universidade tem acesso à base de dados ou até mesmo criar um repertório bibliográfico deles, específicos pra aquelas necessidades. Bom, isso aconteceu várias vezes porque boa parte das pessoas que vem pro curso de Biblioteconomia já estão no mercado de trabalho. E a facilidade do curso ser noturno justamente vai atrair esse tipo de perfil de... de... de candidatos, né? Pessoas que já trabalham em alguma empresa. É diferente de outros cursos dentro da universidade que atrai quem trabalha no comércio. A Biblioteconomia, a Ciência da Informação e Arquivologia não atrai esse tipo de pessoa. Você vai pegar o histórico de cada um dos alunos, você vai ver que nenhum deles trabalha no comércio. São poucos. Geralmente trabalham numa empresa que já desenvolve alguma coisa e acabam vindo pra universidade pra poder pegar novos conhecimentos. Então, era mais ou menos nesse sentido. E ao mesmo tempo, trabalhando com tecnologia. Tudo que a gente fazia, geralmente, era com tecnologia. Claro! O uso de computadores, recursos, softwares livres. Outra coisa que é... eu uso nas minhas disciplinas também que é específica. Outra de métricas, né?, que é "Bibliometria", eu ensinava eles dentro da biblioteca como fazer o desenvolvimento de coleções a partir da matemática. Então, isso era um recurso básico pra eles. - Ah, por quê? Por que isso? Bom, geralmente quando se faz é... processo e desenvolvimento de coleções você meio que faz aleatório. Você pode seguir algumas regras, mas... em geral, nas bibliotecas se faz aleatório. - Ah, isso aqui é o que mais sai. Não! Não! Não é o que mais sai. Você tem que fazer primeiro uma... um esboço estatístico para verificar de fato o que sai. O que que tem demanda, o que que não tem. E isso, geralmente, as bibliotecas fazem meio que aleatório. Porque o bibliotecário já conhece, mas nem sempre ele acerta. Até mesmo a classificação, os que mais saem são essas classificações. Os que menos saem, são essas? Será que tão classificados de acordo? Porque, às vezes, o material não sai, não porque o material não tem demanda, porque não está bem classificado. Então, esse processo é permitido através da Bibliometria, da Biblioteconometria, da Arquivometria, do que seja.

Questão 5 - Bacana! E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos, independente da disciplina que tu tiver dando?

Tá bom!

Entrevistadora: E por éticos, só pra falar que pode interpretar com a consequência da ação... o bibliotecário tem uma prática e essa prática vai gerar... vai ter uma consequência, né? Então, pensar na consequência disso tudo.

Ok! Todas as disciplinas que eu ministro, o foco central, a ponta é usuário. Então, todas as disciplinas é... no começo a gente consulta algumas leis a 12.527, que é de acesso livre. A lei a lei do próprio bibliotecário 8.159... do bibliotecário ou do arquivista. Então, essas leis... Na "Fundamentos" é obrigatória. Na verdade, é... a "Fundamentos" e a disciplina de "Ética" que era ministrada pela [...] eram no mesmo semestre. Pra que em, determinado momento, a gente conseguisse ter uma articulação entre as duas disciplinas. Na parte de "Bibliometria", todas as leis e desenvolvimentos de coleções que são ordenados pra área de Biblioteconomia a gente também utilizava pra que... pra que a pessoa entenda: - Olha, eu tô fazendo Bibliometria, mas qual o significado disso. O significado disso é gerar conhecimento pra... pros demais setores que estão envolvidos, é... gerar uma demanda que o próprio usuário tem e, ao mesmo tempo, consolidar isso. Então, automaticamente a gente usava uma lei ou outra. Não era é... o envolvimento total da disciplina, mas a gente utilizava leis pra poder fundamentar o processo informacional, a democratização da informação, o acesso à informação e assim, sucessivamente.

Questão 6 - Bacana. E que valores éticos te motivam ou te influenciam pra você realizar tua prática docente no curso de Biblioteconomia?

Tá. Princípios?

Entrevistadora: É por valores pode entender características, princípios, tolerância, respeito, colaboratividade... qualquer coisa... outras coisas que você achar também.

Sim! É... Nós temos um curso que é bem plural, né? Então, desde o princípio você já tem que ir respeitando até mesmo notas, né? Coisas mais simples dos alunos. Então, o princípio ético que eu sempre tive com eles é no primeiro dia explicar todos os prós e os contras, os deveres que eles têm, a resolução 017 da universidade, isso é uma cartilha que quase todo o professor, pelos menos os que eu tenho conhecimento é... delega pro aluno no primeiro dia. Olha, vocês têm direitos e deveres. Os direitos são esses os deveres são esses. Até mesmo em coisas pequenas, arredondamento de nota... essas coisas já tem eu deixar claro, como que vai ser... como que vai ser o jogo, né? Inclusive, as suas notas, o percentual de cada nota, o percentual de que você vai ter maior tolerância com determinados trabalhos e outros. É... Prazos. Uma normativa de prazos é... por exemplo, eu nunca recebi nenhum trabalho fora do prazo. Aí, o aluno chega: - Ah, mas não pode dar uma nota mais baixa. Não, o outro teve organização de fazer, com tempo hábil e muito mais ordenado, por que que eu vou te dar um prazo? - Ah, mas tem professores dentro da universidade que dão uma nota menor. Bom, eu não vou dar nota menor. O prazo é pra seguir e eu tenho que ter prazo com vocês. Eu tenho que ter uma conduta ética com vocês em relação a esse quesito e vocês também tem que ter o mesmo comigo. É... Eu tive um problema, não sei se é um problema ético, mas eu tive um problema que é... que eu posso dizer isso. Professores dificultavam a minha disciplina, professores vendiam a ideia de que a

minha disciplina não deveria existir. A de "Bibliometria". Verdade. E aí era muito complicado vender esse pacote pro aluno. Então, a gente tinha que ter uma conduta, supostamente, uma conduta ética para dizer: - Olha, não isso daqui não é uma invenção. Isso daqui serve para outras coisas dentro da universidade, para respaldar a questão ética de desenvolvimento de coleção, por exemplo, para respaldar o estudo de usuário, para respaldar a informação dentro de uma empresa científica para ela saber, quais são os materiais mais consumidos? Quem são os autores mais consumidos? Quais são as temáticas que tão envolvidas nisso? Então, esse tipo de aspecto eu já tive aqui dentro. E foi muito complicado. Principalmente, quando a gente criou a disciplina de "Bibliometria". Foi muito complicado. Isso foi em 2011 e a gente teve muitos problemas porque os alunos já vinham dizendo: - Ah, porque o professor de tal disciplina.... Olha, não quero saber qual é a disciplina, não quero saber quem é o professor. Mas, isso daqui é um suporte informacional para outras disciplinas, se vocês vão conseguir absorver da mesma forma que eu vou passar, aí é outra história. Mas sim, a gente tem muitos problemas nesse sentido. É... Também tivemos alguns... não é problema, mas eu acho que foi um aprendizado. Nós fomos o primeiro curso no Brasil a ter um nome social. E isso você já tem que vender a ideia de ética desde o primeiro dia. Porque não é só o professor aceitar, porque a gente sabe que tem é... a gente sabe que o professor, ele... ele... vamos lá! Nasce-se de um princípio de que o professor é uma pessoa sábia. Então, ele tem que saber se comportar em relação a isso. O que não sabe, desculpa, é... mas esse cara não... não serve para ser professor ou docente. E nós tivemos um problema com isso porque é... Até mesmo na questão de orientar essa pessoa. Olha, é... eu me chamo tal nome, mas o meu nome social é esse. Olha, você tem que ir na universidade e pedir para trocar porque é direito seu. Por exemplo, a gente tem até um caso da nossa amiga a [...]. O nome social dela é [...], ela assina como x, mas o nome social é [...] e ela... ela pede que seja chamada de [...], é diferente.

Entrevistadora: Agora com a questão de identidade de gênero é mais difícil ainda, né?

Mais difícil ainda... tenta imaginar... às vezes, você pega um professor de 60 anos, para ele não vai ser mesma coisa que um professor de 30 anos que vai entender aquilo.

Entrevistadora: É difícil, a gente precisa de capacitação para essas coisas até, né? Penso a questão de raça, de gênero... não só de gênero, mas muita coisa, né?

Ah, com certeza! Aqui, principalmente no estado de Santa Catarina, onde a gente tem uma porcentagem é... de negros muito baixa em relação ao resto do país. E a gente nota... nítido que tem um preconceito. Recentemente, eu não sei se quiser desgravar...

Entrevistadora: Não, pode falar...

Recentemente é... teve uma onda muito forte de haitianos que vieram para cá, justamente pela conjuntura do país, e o Brasil era um momento interessante e eles vieram para cá. Isso ano passado, esse ano já não tem mais, você não acha mais na... na Ilha. Justamente porque eles foram para outros países porque o Brasil está praticamente falido em relação a isso, né? Em receber e dar oportunidade de trabalho. E se via que existe um certo preconceito...

Entrevistadora: Muito! Nossa!

...na população. Eu não sei se você é daqui, eu não sou de Florianópolis e me assusta muito isso. Me assusta muito não ver negros na rua, não ver negros na Universidade, isso me assusta demais. Eu sou de uma universidade da PUC de Campinas, que era paga, que tinha muitos negros lá dentro.

Entrevistadora: Em São Paulo tem bem mais, né?

Na Unicamp também, mesmo sendo uma universidade elite e tudo, tinha bastantes negros e... eu não sei, isso me dava um conforto porque mais ou menos a coisa tava caminhando. Aqui eu não vejo isso. Você pode contar no curso de Biblioteconomia nosso noturno.

Entrevistadora: Mas a gente também lá tem muita exclusão. E essa questão do próprio discurso nosso. Às vezes, a gente é preconceituoso sem saber, né?, a questão que eles colocam da branquitude, né?, dos privilégios de branquitude é complicado mesmo.

Sim! Eu não sei se eu consegui responder tudo o que você queria.

Questão 7 - Não, pode deixar que a gente vai extraindo tudo. Tá ótimo. Que tipo de avaliação que você deve no projeto pedagógico atual, se teve né? uma... desculpa. Que tipo de participação você teve no projeto atual do curso de Biblioteconomia, né? E se foi direta, indireta, se não teve tudo bem. E a partir disso que avaliação que você faz do possível impacto desse projeto pra sociedade, não é só mercado?

Tá bom! Vamo lá! É... Nós tínhamos dois cursos que não se falavam que era o curso de Arquivologia e o curso de Biblioteconomia. Inclusive, dos próprios professores. Ah, eu sou professor de Arquivologia, eu sou professor de Biblioteconomia. Nós temos um departamento que não é grande e nós tivemos uma demanda recente da Museologia, que eles precisavam de laboratórios e coisa do tipo. E ao mesmo tempo, a gente começou a identificar que o profissional bibliotecário e o profes... o profissional arquivista, em alguns momentos, existiam junções que poderiam ser articuladas em conjunto. Principalmente, questões éticas, questões de tecnologia, questões de processos informacionais, se casavam. E ao mesmo tempo, a gente criou um novo curso, para que dessem essa junção, pra que dessem essa liga, que foi o curso de Ciência da Informação e, dentro desse programa pedagógico, a gente fez um troco único de dois anos. O tronco único é: as mesmas disciplinas que são dadas à noite, para as pessoas que fazem Biblioteconomia, ela é refletida de manhã. E o aluno de Ciência da Informação, ele pode circular em um dos dois horários, conforme a necessidade dele. Às vezes, o cara trabalha e ele fala: - Eu quero fazer só a noite. As mesmas disciplinas são ofertadas a noite para que ele também tenha... não tenha perda, né? E a mesma disciplina é ofertada de manhã. É... O que a gente fez? Fez uma diminuição das entradas, que eram 40, a gente passou pra 30. Justamente, pra ter 20 de Ciência da Informação, tira 10 daqui e 10 aqui, e que a gente tenha uma divisão igualitária, e que esse programa pedagógico, tente atender a todas as demandas em igualdade. Mesmo porque os dois troncos únicos não excluem disciplinas como classificação, catalogação... Não excluem! Só que é a classificação para arquivo, a classificação para Biblioteconomia, a classificação que o cara vai ter que ter de ordem para o mercado de trabalho, na empresa que ele vai trabalhar, e assim, sucessivamente. Automaticamente, fazendo isso, a partir do terceiro ano e quarto ano, cada um vai ter vidas próprias. E aí, sim, nós vamos ter um... uma readequação, né?, dos professores nesses últimos anos. E aí, sim! O professor, ele vai dizer: - Olha, eu sou professor nesse período só da Ciência da Informação, só da Biblioteconomia, só da

Arquivologia. Porque a gente tinha um problema sério com os professores, em termos de pedagogia, que era: - Ah, eu fui contratado para dar aula só na Arquivologia. Desculpa, aqui é departamento da Ciência da Informação. - Ah, mas eu não domino tal coisa. Tudo bem, mas o que você domina que pode ser aplicado para Ciência da Info... pra Biblioteconomia? Não existe isso, é um departamento tão pequeno. A gente tem tantas demandas aqui dentro, que a pessoa se dá o privilégio só de dar aula ou à noite ou de manhã. Não! Infelizmente, os cursos, um deles funciona matutino e outro noturno. Automaticamente, os professores têm que se adequar. Afinal de contas, prestaram concurso e que não era específico só pra uma temática. Eram várias temáticas juntas. Então, o programa pedagógico foi mais ou menos moldado nesse aspecto. Qual o papel que eu tive na época? Foi de tentar convencer os bibliotecários dentro do... dentro do departamento de Ciência da Informação, que a gente tinha que ter profissionais de outras áreas aqui dentro. Como se fazem em todos os outros cursos de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Arquivologia no Brasil inteiro. Por exemplo, na Arquivologia, eles contratam bastantes historiadores. Por quê? Porque tem um casamento muito forte entre as duas. Biblioteconomia, é muito raro você pegar um bibliotecário que também é formado em Informática. Existe? Existem bastantes, mas será que eles vão entrar no mercado como professores? Não! Eles vão trabalhar diretamente na empresa, na biblioteca ou no que seja. Professores que tem essa característica é muito difícil. Os melhores cursos que eu já vi no Brasil, em relação a isso, aconteceram justamente porque a gente teve uma mescla de profissionais aí dentro. Por exemplo, o IBICT foi o IBICT de muito tempo porque eles contrataram economistas, bibliotecários, documentalistas, historiadores, informáticos e assim, sucessivamente. E isso acontece no Brasil inteiro, porque muitos perfis de disciplinas não são específicos para o bibliotecário. Às vezes, tem uma característica que não é a dele, mas é extremamente necessária para formação do bibliotecário. Então, isso foi complicado. Em uma determinada reunião disseram: - Ah, mas eles tão tomando o lugar do bibliotecário. Eu falei: - Vamos lá! Vamos contar quantos profissionais aqui são bibliotecários. E de 20 e poucos professores, 17 eram bibliotecários. Eu falei: - Então, a gente não tá tomando lugar do bibliotecário. Porque a gente ainda não parou para contar quantos bibliotecários têm. Na verdade, tinha que ter um número menor, né? Para algumas disciplinas. Por exemplo, Professor x era específico em ética. Quantos bibliotecários estudam ética? Pra dar essa disciplina?

Entrevistadora: Poucos.

Poucos? Geralmente, você vai contratar um filósofo, um advogado... não sei. Você vai contratar uma pessoa que é mais específica, que... que vivencia isso todos os dias. O bibliotecário não vivencia, ele vivencia na prática, mas pra ensinar é outra coisa. Então, essa adaptação... é preferível contratar um professor que não seja bibliotecário nesse momento, que vai suportar essa disciplina com maior qualidade, do que você colocar um professor que não conhece daquele assunto, que não domina. Vai ser um sacrifício tremendo pra ele, vai ser um sacrifício muito maior para o aluno que, às vezes, não vai conseguir captar tudo que o professor tá falando e a qualidade da disciplina vai cair.

Entrevistadora: Ok! Certo! Beleza! E nesse sentido, que impacto que você... como você avalia o possível impacto que esse projeto tem na sociedade?

Eu acho que brutal, porque a gente vai formar um profissional que vai tá muito mais moldado ao mercado e, pelo menos, ao que o mercado tá exigindo hoje. Por exemplo, hoje 90% do que nós fazemos é em questões de informática. Além do controle documental, mas a gente usa a informática como recurso. Se o bibliotecário não tem esse mínimo de domínio, é... complicado. E tem outra coisa, o profissional bibliotecário que a gente vai tá formando, não é aquele que vai chegar... que vai ser absorvido pela Universidade Federal, que já tem um pacote lá dentro, que já tem uma metodologia. Eu acho que a gente tá formando é outro profissional bibliotecário. Eu acho que não só a gente como a Universidade também. Entrar num... num... concurso, por exemplo, numa Universidade, numa Universidade hoje é bem difícil. Não é uma coisa simples! E são uma porcentagem muito pequena do profissional que vai trabalhar nisso. O que nós estamos formando é um profissional que sabe se virar com as ferramentas livres que ele tem. E é esse o requisito-chave dos que nós estamos formando. Por exemplo, nós vamos ter uma disciplina de visualização da informação para o próximo ano, acho que no segundo semestre do ano que vem, que tem pelo menos oito tópicos ali dentro, que esses oito tópicos de como visualizar a informação são todos com softwares livres. O cara vai poder aplicar isso na empresa. Que já é o produto final, que já é como o usuário vai ver a informação mastigada, visual, às vezes, em forma de gráfico... em forma de gráfico, em forma de tabela, em forma de alguma... alguma forma visual mais prática do que ter que ler um relatório de 300 páginas. Então, isso já é com todos softwares livres. Vai ser aplicado dentro da disciplina com todos softwares livres. A "Bibliometria" que, na verdade vai se chamar "Estudos métricos" na próxima disciplina, que vai extinguir a "Bibliometria" e vai entrar em "Estudos métricos" é a mesma coisa. O cara vai aprender a fazer é... desenvolvimento de coleção por sistemas automatizados, por softwares livres. E isso é uma reprodução em todas as outras disciplinas. Eu acredito que, em quase todas as disciplinas, isso vai tá sendo uma constante daqui pra frente. Então, tem uma revolução muito forte pro cara. A gente vai querer formar um bibliotecário que saia da universidade e que saiba buscar recursos, ferramentas, softwares, pra tomar decisão dentro da empresa. Pelo menos esse é o... aporte de ter um tronco único pra que esse profissional, tanto o bibliotecário, o arquivista e o cientista da informação, saiba fazer isso na prática. Porque dentro da Universidade, o pacote tá pronto, mas em outros mercados, não! A biblioteca escolar, que a gente nem explorou ainda no Brasil inteiro, tem uma lei que caduca em 2020. É... já tão montando cursos técnicos pra poder substituir o bibliotecário. Esse curso técnico vai ter essa qualidade de bibliotecário que nós estamos querendo dar hoje? Eu acho que não! Então, esse bibliotecário tem que começar a abocanhar esse mercado também. Ah, o mercado paga muito mal! Sim! No começo, sim! Depois, talvez, a coisa possa se estruturar. E depende também de região pra região, mas a... a vertente dele pro mercado de trabalho e ambientalizando ele a isso, é... é que esse cara saiba se virar daqui pra frente.

Questão 8 - E em que sentido ético o projeto pedagógico do curso de Biblio, né?, assim mais específico, ele te serve como base pra você realizar tuas ações como docente?

Deixa eu ver se entendi a pergunta. É como eu...?

Entrevistadora: Em que sentido o projeto... você utiliza o projeto pra... pra tomar tuas... realizar tua prática docente? Em que sentido ele te... como você se baseia

nele... totalmente? Tem gente que fala: - Olha, eu não sigo o projeto! Eu não acredito no projeto, nem li o projeto, eu sigo ele, ele atende parcialmente, eu sigo parcialmente o que está lá ou não.

Teve duas melhoras na... na questão de tratamento ao... ao aluno e, automaticamente, a conduta dele dentro da Universidade, que são dois momentos que... a gente teve preocupação quando foi fazer o projeto pedagógico. O primeiro deles, era ter monitorias, porque deixar o aluno solto até mesmo nas disciplinas é complicado. Então, precisaria de ter monitorias que é uma coisa já específica da nova demanda. Já tá dentro do programa pedagógico. Isso é mais ou menos é... como os Estados Unidos faz, né? Por exemplo, você vai numa universidade como Harvard e vai fazer uma disciplina de Direito, geralmente tem um professor que é o professor tutor desse tipo de conduta. Nós temos aqui, dois professores em cada semestre que são responsáveis por essas ações. Outra coisa que foi reestruturado, que também acredito que seja uma postura ética, são professores responsáveis por cada turma, além desses dois são os das monitorias, existem professores responsáveis por cada turma pra trazer as demandas, as necessidades, as carências, o que que tá acontecendo, é... para as reuniões de colegiado. As... principalmente, os NDEs da vida, né?, o Núcleo Docente Estruturante. É... e cada professor é responsável por uma turma. Às vezes, um professor fica com mais de uma turma, isso pode acontecer, em função de outros que estão afastados, e assim sucessivamente. Mas essa conduta, eu acho que é interessante. Porque você consegue mapear, de fato, qual é a carência de determinadas turmas. Porque aqui na universidade nós temos assim, ó: o curso de Biblioteconomia, o curso de Arquivologia, é uma desigualdade tremenda entre a entrada dos alunos. É... não é discriminatório, mas quando você vai dar aula pra uma turma noturna e pra uma turma diurna, você vê que tem uma diferença brutal. E, às vezes, é contrárias. Por exemplo, várias vezes eu peguei turma de Arquivologia que o nível deles era muito bom, e a coisa fluía dentro da aula. E você pegava alunos da Biblioteconomia que era ao contrário, a aula não fluía, você via que o nível era muito básico de... de conhecimento. E... em muitos momentos, ao contrário, acontecia que você pegava turma de manhã que era... terrível! Parecia que eles não entendiam nada, parecia que o nível básico deles de educação era muito frágil. Em compensação, à noite você via que o nível era muito mais elevado do que você podia ter expectativa. Era muito interessante isso! Então, é... a gente conseguiu conter isso a partir dessas formações. Que deixou de existir nas últimas... no último plano pedagógico. Que a gente reestruturou agora, né?

Entrevistadora: Tá, e já tá em ação esse... esse plano que é esse aqui dos...?

Já tá em ação! Já temos os dois primeiros semestres dessa... dessa turma. E a cada semestre, cada turma tem um professor responsável. Isso é uma troca direta do aluno em relação ao que acontece. E também temos representações dos alunos em cada turma, né? Pra que ele traga a demanda diretamente para esse professor.

Entrevistadora: E em relação assim, por exemplo, ao projeto pedagógico, as disciplinas, né?, que vão tá elencadas nesse projeto, no sentido das ementas, de bibliografias ou a forma... né? o que a ementa coloca em relação ao conteúdo programát... direciona o conteúdo programático e tal. E muitas vezes, a gente também não concorda, não... gostaria de inserir alguma coisa ou excluir e o professor acaba mesmo, oficialmente, tendo que seguir o projeto na sua, vamos

dizer assim, na sua prática, né? no vivenciar, às vezes, é diferente. Então, o projeto ele te serve como base totalmente pra você...?

Claro! Pra mim, sim! Porque foi o seguinte: Quando a gente foi criar esse novo projeto... esse novo programa da... das disciplinas é... cada disciplina que foi criada foi feita por especialista naquela disciplina.

Entrevistadora: Tá! Ah, legal!

Então, a gente tentava fazer com um conselho de três professores, mas quem desenvolvia aquele programa, que era o responsável por aquela comissão, era o responsável pela disciplina. Por exemplo, catalogação foi a [...] e a [...]. A [...] era presidente e a [...] fazia parte... E acredito também que [...] também fez parte do programa pedagógico dessa disciplina. Então, era controlado e era defendido dentro do colegiado do departamento. Então, por exemplo, se alguém não concordava com algum tema, a gente fazia umas discussões até chegar a um consenso. Nós levamos seis meses pra aprovar todas as disciplinas e para o desenvolvimento do tronco único. Pra depois ter os desmembramentos das disciplinas da... dos cursos por... por si só, né? Mas por exemplo, os dois primeiros anos nós tivemos, pelo menos, umas dez composições de quais seriam as disciplinas dos dois primeiros anos, que era o tronco único. Isso foi uma discussão muito intensa. E não era coisa que vinha direto. Não vinha da direção para o colegiado, não! Era montado junto. O que que nós achamos que é importante nos dois primeiros anos? - Ah, precisa ter, por exemplo, ética! Precisa ter... tecnologia. Precisa ter informações gerais, por exemplo, fontes de informação logo de cara pra que ele entenda como e aonde buscar a informação. Então, nós montamos um corpo que era, mais ou menos, fundamentado dessa forma. - Ah, não vai ter mais "Introdução à Arquivologia" nem "Introdução à Biblioteconomia", mas vai ser "Introdução à Ciência da Informação". Pra que ele tenha uma... um aprimoramento. "Introdução específica à Biblioteconomia" ou "Aprofundamento da Biblioteconomia" no terceiro ano, "Aprofundamento da Arquivologia" no terceiro ano, e assim sucessivamente. Então, isso foi montado em conjunto, não foi é... montado uma comissão pra fazer isso. Não, foi todos os professores! Inclusive, levou seis meses é... justamente porque tinha coisa que a gente não concordava. - Ah, mas qual o meio termo pra isso? Então, foi feito dentro de um princípio ético em que todos os participantes, todos os professores e os representantes discentes participaram.

Entrevistadora: Bacana!

Foi legal!

Questão 9 - Então, em relação ao que a gente conversou você quer acrescentar mais alguma coisa? De tudo...? Fique à vontade.

Olha, eu acho que a gente falou até bastante! (risos)

Entrevistadora: Bastante! Então, tá bom, obrigada!

Eu que agradeço, boa sorte na pesquisa!

Entrevistadora: Tá bom, obrigada!

ENTREVISTA 7

Questão 1 - Dentro da sua concepção, pra que existe o bibliotecário?

Na minha concepção? Eu diria que a essência da organização, recuperação e disseminação de qualquer informação, qualquer documento, em todas as áreas. Ele tá embutido, mesmo que ele não se... se sinta ou não se... haja como bibliotecário, essa é a função, ele o faz.

Questão 2 - Legal! E que demandas que esse profissional precisa atender, na tua opinião?

Sabeer... Recuperar, organizar e disponibilizar todo o tipo de documento, informação em qualquer suporte, em qualquer meio.

Questão 3 - Certo! E como base na tua prática como docente, o que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Egresso?

Entrevistadora: É.

Esse egresso no sentido de que ele volte a estudar...?

Entrevistadora: O que é formado. O que você espera dele, que... como ele saia.

... O que formar...? Ou que ele produza? Ah, ok! É... Ele... ele realmente assuma essa arte que é ser bibliotecário, né? E... indiferente de todos os contextos ou qual a área que ele vá atuar, né?, que ele assuma mesmo essa profissão e... pela característica da evolução dos tempos ele tem que tá se atualizando, né? A formação continuada pra poder... dar conta, né?, de... de toda a demanda e, mais ainda, dependendo da área que ele optar em atuar, ele tem que buscar conhecimentos específicos daquela área. Não tem jeito, é a única maneira de... (risos)

Questão 4 - Com certeza! E como você realiza a tua prática como docente pra atender o desenvolvimento desse egresso? Para que ele saia conforme a tua expectativa?

Bem, como eu sou mais da área técnica, né?, não tão teórica, né? Em tudo... em todas as minhas atividades eu busco mostrar o que que ela forma, né? E... várias opções que ele tem pra buscar lá fora, né? Então, procuro, na medida do possível, trabalhar com a realidade e com o imediato, com o que tá acontecendo pra ver se eu consigo mostrar pra eles a importância... de cada uma das atividades.

Questão 5 - Certo. Ok. E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos ou políticos referentes à prática do bibliotecário nas disciplinas que você ministra? Mesmo sendo técnicas, enfim, qualquer disciplina, têm ênfase nesses aspectos?

Com certeza, né? Porque eu acho que, em especial a ética, né?, aí vem por uma característica da formação do ser humano, né? Eu que, às vezes, a gente tem que trabalhar um pouquinho no sentido de mostrar pra eles que... ou as atitudes deles com a Universidade, né?, que requer, como fora do... no mercado de trabalho depois, é extremamente importante. E essa ética no sentido de eu ser o profissional bibliotecário e assumir as minhas características, como saber trabalhar isso perante a sociedade fora, né? E aí, a... essa questão ética, todos os ambientes, as pessoas, tudo isso tem... tem que ser trabalhado especificamente, né? E com relação aos

aspectos políticos... Falar em política é complicado, né? Porque a gente vive num... numa desacreditação de políticas, né? Mas enquanto profissional e enquanto ele no mercado de trabalho, ele tem que se adequar, primeiro ao ambiente que ele tá inserido, né? Procurar conhecer todas as políticas, é... seja no âmbito da empresa, seja no seu âmbito enquanto bibliotecário e dentro da região, né? Ele tem que buscar... Mais que isso, eu acho que tem que defender aquilo que ele realmente acredita, né?

Questão 6 - Com certeza. E quais os valores éticos que te motivam ou te influenciam pra você realizar a tua prática como docente no curso de Biblioteconomia?

Éticos! Primeiro que, é... Eu acredito no... no ser bibliotecário, né? Uma das funções mais importantes ao meu ver, pra que eles... estejamos onde estamos, né? E diante de qualquer contexto, diante dessas tecnologias, todas as coisas de ponta, eu acho que tem a ver com... em... em você saber respeitar cada momento, né? E, ao meu ver, a gente tem que ser a gente mesmo em todos os momentos, né? Então, nessa questão de ética é a igualdade entre todas as coisas, né? Todos os momentos, em todos os sentidos: profissionais, éticos, religiosos, políticos, pessoais... Vamos aumentar aí: cor, religião, né? (risos) Tudo! Tudo! Eu acho que é uma... uma postura! Eu acho que a autenticidade da gente como ser humano é o que conta pra mim e a ética é um motivo pra eu estar aqui, na medida em que eu tô discutindo isso, eu tô discutindo todos esses... esses aspectos. E mais importante, né?, é a história do.. do saber fazer, é... Não adianta eu falar bonito e agir de modo errado, né? Então as duas coisas têm que tá alinhadas, senão não consigo mostrar isso, né?

Questão 7 - Huhum! Ótimo! E que tipo de participação você teve no projeto pedagógico atual? E que avaliação você faz do impacto desse projeto na sociedade?

Projeto pedagógico... Tu se refere às...?

Entrevistadora: Do curso de Biblio?

Do curso de... de Biblio, mesmo, né?

Entrevistadora: É...

Mas específico do nosso departamento, aí? É... pedagógico? Eu diria assim que, eu defendi de unha e dentes (risos) a manutenção das disciplinas práticas, né? Porque eu acho que a gente pode tá trabalhando toda a teoria e mostrar toda uma... uma realidade e a tendência é essa mesma, né?, de... temos a teoria, a partir da gestão, tem uma parte de... de... é... de toda essa questão, marketing e produção, é... Ontologias, taxonomias, e tal, né?, mas a... Qual é toda essa realidade diante do contexto brasileiro? O contexto da região onde estão inseridas, né? Então, eu parto um pouco desta realidade, né? Então eu defendi essa questão, de termos também junto a toda essa... essas novas versões que a gente tem achando que tudo a tecnologia vai resolver, mas que também a prática se faz importante, né? Que é na parte do núcleo forte da Biblioteconomia que é a classificação, a indexação e catalogação. Elas estão presentes, inclusive, nas altas tecnologias, né? Então... essa parte aí que eu... que eu defendi nessa questão do projeto, mesmo, né?

Entrevistadora: E a avaliação que você faz desse impacto pra sociedade?

Impacto para a sociedade? Eu acho que, justamente, por todos esses adventos, todas essas mudanças, né? Eu acho que essa... essa reformulação, ela acaba dando uma... uma... nova visão, embora, atrás tenha o mesmo padrão que foi a milhões de anos atrás, né?, que é a questão da... recuperar, organizar e disseminar, mas dentro dessas novas áreas, então com as disciplinas novas isso vai dar uma visão e, de certa maneira, projeta tanto o curso como o próprio profissional que sai do curso atualmente com o domínio melhor dessa parte das tecnologias, né? Eu acho que tem que trabalhar os dois lados e eu acho que com a reformulação, ele vai permitir uma melhoria mesmo. Uma visão melhor.

Questão 8 - Perfeito! E em que sentido que o projeto, ele te serve como base pra você realizar suas ações como docente?

Deixa eu pensar um pouco, né? Porque a gente... são perguntas que a gente... essa perguntinha, é... repete ela pra mim, como...?

Entrevistadora: Em que sentido que este projeto, ele te serve como base pra você realizar a tua prática docente?

Com a certeza de que o... o... o aluno, né?, o acadêmico, o futuro profissional bibliotecário, ele vai ter com um... com um preparo melhor, pelo menos com uma visão melhor do que... do que a... o conhecimento que... que circunda a área da Biblioteconomia, né? Ele sai com uma visão profissional melhor e mais adaptado pra...

Entrevistadora: Então você acredita nesse projeto, no sentido de ele te...

Do atual projeto? Sim! Acredito!

Entrevistadora: Que ideia que ele te sai... que ele tem... Porque, às vezes, a gente tem a questão do projeto que a gente acre..., né? Claro, é um discurso de todo aquele coletivo docente que a gente tem que seguir, né? As ementas, os... das disciplinas, tudo... Mas, às vezes, a nossa prática de fato também, né?, ela pode ser direcionada do projeto, mas também, às vezes, né? Esse é o porquê da pergunta, né?

Não encaixa... Exato! Não encaixa bem a tua disciplina com o que o projeto tá prevendo, né?

Entrevistadora: Porque, às vezes, a gente ouve professores, assim: - Ai, eu não sigo o projeto, embora deveria, não serve como base, eu não acredito, eu não..., né? Então, assim...

Não, isso realmente acontece! A gente presencia esse daqui. Eu acho que cabe a cada docente, é... é buscar a... que é a questão da mudança, né? Ninguém gosta de mudanças! Então, se tá há anos naquela rotina, tu acha que: - Não, deve dar uma mescladinha! Realmente, deve dar uma atualizada em seus conteúdos, deve dá uma... Então, eu acho que quando você assumiu, você assume, né? Se você votou, tu tá votando junto... Pode ser a minoria e não ter concordado com a... todo o seu conteúdo, né? Mas eu acho que toda a mudança, ela é válida e... qualquer modificação, alguma coisa você assume, né? Acho que todos deveriam assumir, né? Essa que é a verdade, se você assumiu...

Questão 9 - E você quer falar mais alguma coisa em relação a tudo que a gente falou?

Primeira vez... é a primeira vez que eu faço uma... (risos) uma entrevista gravada. Geralmente, é questionário que a gente responde, né? Não, eu acho que... é... Tu vens trabalhando esse sentido ético mesmo, né?, da importância. Acho que é... temos que resgatar mesmo essa parte da ética, não só na Biblioteconomia, tá precisando em todas, né? Mas no nosso curso, eu acho que, principalmente, para o reconhecimento, né? Para que sejamos realmente bibliotecários reconhecidos, né? Então... Acho que tudo é muito válido!

Entrevistadora: Obrigada!

ENTREVISTA

Questão 1 - Dentro da tua concepção, pra que que existe o bibliotecário?

Como eu disse antes, é uma pergunta complicada, né? (risos)

Entrevistadora: Vai ser uma das...

Vai ser mais complicada ainda, cada vez que você me pede, pergunta isso.

Entrevistadora: Começa a pensar duas vezes. (risos)

Né? Mas é uma coisa que a gente tem... tem discutido sempre quando fala do profissional, fala do perfil. Ahm... Tem a questão da expectativa social... Como eu disse, a gente tem... Existe um modelo tradicional, né?, que são as práticas desse profissional é... é uma coisa meio que indissociável, né?, você pensar essas práticas tradicionais e isso define o bibliotecário. O bibliotecário tem que saber catalogar, tem que saber, né?, o hardcore da área, ele tem que ser proficiente nisso, ele tem que defender o espaço de trabalho dele, né?, em primeiro lugar. Quando a gente fala... Quando a gente conjectura a possibilidade, por exemplo, de ter um espaço é... um ambiente virtualizado, vamos dizer assim, que é um acervo digital público, como se fosse uma grande biblioteca pública digital, há uma resistência enorme porque isso é posterior e tem que se privilegiar primeiro e garantir os espaços de trabalhos, os empregos pelos concursos, sabe? Eu penso que o bibliotecário é bem mais que isso, né? A questão da atuação multidisciplinar, as demandas sociais é... por informação, por acesso ao conhecimento é... Uma coisa que eu tenho lido sobre... os documentos sobre a biblioteca do futuro que... que alguns órgãos, né?, que as agências de fomento em alguns países têm elaborado é... são perspectivas de futuro pra... pras bibliotecas e pros bibliotecários, tá? E olhando assim, a biblioteca como um hub de conhecimento, um hub social, né?, um concentrador, um polarizador de conhecimento e distantes de produção de informação e de conhecimento, uma... já... de uma forma bem descaracterizada do estoque, né? É... e o bibliotecário centrado nisso, não centrado nos estoques, né? Ele é um profissional que deixa... ahm... de estar menos centrado no acervo físico... no acervo de suporte físico, né?, no documento, no acervo de suporte físico e... olhando, né?, na... o acesso privile... né?, pensando com a lógica do acesso à informação ao invés de pensar na gestão

de estoques de documentos. Ainda que, essas duas coisas coexistam e vão coexistir por um bom tempo é... a sociedade requer isso. Acho que o bibliotecário tem que atuar nessas diferentes frentes.

Questão 2 - Que demandas ele deve atender?

É... A sociedade requer informação, ela busca informação, ela busca o acesso à informação de uma maneira organizada, rápida, a informação tem que chegar até as pessoas, né? Os documentos, né?, as coisas têm que atender os meus interesses, tem que ter uma inteligência nesse processo. Os paradigmas de busca, é... e de localização, né?, precisam... precisam ser revistos, né? É atrás disso que o Google e o Yahoo! quando eles desenvolvem aquelas tecnologias, por exemplo, o Google tem a... e isso já é coisa antiga, né? Quando ele... quando você tá fazendo a busca, ele armazena todas as nossas... as nossas tentativas e... os resultados que a gente escolhe e as nossas mensagens, tudo isso é insumo pra deduzir as nossas intenções. Eles chamam isso de "base de dados de intenções", tá? Tudo pra poder fazer o quê? Pra tentar descobrir as nossas preferências de informação, direcionar informações que a gente gostaria pra gen... pra nós! Tanto que se você acessar a busca do Google com o login do G-mail o resultado é um, se você sair do login do G-mail e fizer a mesma busca o resultado é diferente, tá? E qual é a intenção, né?, por trás dessa técnica? É te dar a informação que você precisa, é isso que a sociedade quer. É isso que os bibliotecários têm que fazer.

Questão 3 - Certo! E com base na tua prática profissional como docente, no caso, o que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia? O que que você espera que ele saia daqui como?

Eu espero assim, que o... Eu realmente penso que o bibliotecário, ele seja um profissional, né?, que tenha autonomia pra fazer as coisas, que tenha algum espírito empreendedor, que ele seja menos dependente de concurso público. A expectativa estável profissional garantida pela lei, sabe? É... que ele... que ele conquiste isso, sabe? E tem espaço! Mercado, as pessoas, a sociedade tá pedindo. Se é assim... é tudo uma questão de rever alguns pontos de vista e lançar mão, né?, ou se apropriar... se não for o caso de se apropriar de recursos, de competências, de habilidades novas que ele ainda não teve domínio, não teve a oportunidade de dominar, pelo menos se associar a pessoas é... formando equipes multidisciplinares pra dar conta desse serviço. Porque a lógica de mundo de vários serviços ainda é aquela que ele aprende na graduação quando gerencia uma unidade de informação, quando gerencia um serviço. Por exemplo, têm várias formas de você pensar numa biblioteca digital, uma base de dados. Várias, né? E esses smartisis não são definidos... a literatura científica define uma parte deles, mas se ele se desprender um pouquinho disso e olhar pro mercado e olhar pra demanda que as instituições apresentam, que os bibliotecários que gerenciam as instituições que tão procurando os serviços, vai conseguir encontrar a oportunidade. Assim, do fundo do meu coração, realmente espero que os egressos, essa turma que a gente vai formando aí, pelo menos uma parte consiga enxergar essas coisas, empreender serviços novos, né? Se associando a outros profissionais também, porque... só entre os profissionais a gente não cresce. Entre os iguais a gente não progride, a gente progride complementando competências. Porque os problemas sociais que envolvem informação e conhecimento são de natureza multidisciplinar.

Questão 4 - Legal! E como você realiza a sua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso? Pra fazer com que ele saia do jeito que você espera?

Bom, uma maneira que é... eu tenho feito nos últimos anos, até pra me alinhar a esse discurso, né? É... tá junto do mercado, sabe? É tá junto... conhecer o mercado, conhecer as bibliotecas, conhecer as bibliotecárias, saber quais são as dificuldades, sabe? A gente realiza uma série de coisas em laboratório, tá?, com tecnologias, com ferramentas, as coisas vão aparecendo, vem uma notícia a gente instala o software, testa, tá? Pra tirar um pouco... fazer avançar e tornar essas coisas mais palatáveis junto aos alunos, mas é... a gente precisa ter essa... essa... esse distanciamento da academia e, assim, se permitir também, né?, a tornar legítimo outras maneiras, outras formas de conhecimento. O mestrado profissional tem ajudado um pouco nisso, tá? É a lógica do mestrado profissional, na verdade, a essência é essa. E conhecer as demandas do... das bibliotecas, do mercado, né?, em torno do que eu faço aí com... no caso, da... no uso de tecnologias, né?

Entrevistadora: Perfeito!

Muita gente me vê como um profissional de tecnologia na biblioteca, mas eu não me vejo assim, eu me vejo como um profissional da Ciência da Informação, né? Atuando... mas é... é o que te falei em relação à definição de valor, né?

Questão 5 - Certo! E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos, que se referem à prática bibliotecária, nas disciplinas que você ministra? Independente da disciplina.

Éticos, a gente não... não... A ética, a questão da ética, ela tá sempre de uma forma transversal e tá posta de forma implícita. Não trabalho explicitamente a dimensão ética, mas a dimensão política, sim! Tá? Por exemplo...

Entrevistadora: A ênfase é maior na dimensão do que na ética, mas a ética tem uma ênfase menor...

Sim! Ela tá... ela acaba embarcada na verdade, né? O discurso ético acaba embarcado porque pra sustentar um discurso político precisa ter uma ética subliminar senão você não consegue nem defender os argumentos, né? Por exemplo, a dimensão social de uma biblioteca digital, tá? A gente passa um tempo falando disso, quando começa a introduzir o assunto, porque a biblioteca digital não é tecnologia. Ela tá enquadrada como uma disciplina de tecnologia, mas é... disciplinas de tecnologias são aquelas iniciais de "Tecnologias da informação". "Gestão de bibliotecas digitais" e "Tecnologias pra bibliotecas" são disciplinas que são fortemente radicadas no discurso é... social, né? Porque a razão da existência de uma biblioteca é essa, a biblioteca digital antes de ser digital é biblioteca. Então... E ainda tem uma série de matizes das demandas sociais, que... né? Que pra justificar a existência das bibliotecas digitais é que... e aí, sempre vem, né? Sempre vem à tona a questão política, né?, político-social e esses discursos estão presentes, porque... é um ponto de ligação também, né?, com os acadêmicos, que já tem alguma... alguma... é... alguma formação, né? Já tem material, vamos dizer assim, patrimônio intelectual pra discutir e entender essas questões e pra poder justificar também e... a... até usar isso como motivação pro aprendizado.

Questão 6 - Beleza! E quais os valores éticos que te motivam ou te influenciam pra você realizar a tua atuação como docente no curso de graduação em Biblioteconomia?

Eu não entendi a pergunta.

Entrevistadora: O que que... Que valores que você considera importante, que te motivam ou vão influenciar na forma como você vai ministrar tuas aulas? Na graduação, no caso, né? Por valores podem ser... Valor, mesmo, pontual: respeito, tolerância, colaboratividade... O que você entender como características, adjetivos, né?

Sim, a... Penso que a confiança, né? É a primeira... A confiança pra mim é uma coisa bastante importante e isso define transparência, né? A igualdade de... de oportunidades pra você abrir, entre aspas, né? Não seria democratizar o espaço, mas... Não diria isso. Mas você criar um espaço de oportunidades é... de diálogo. Isso requer algumas coisas nesse sentido. Em relação aos processos, por exemplo, avaliativos é... Os pressupostos, deixar bem claro, transparentes, né?, os pressupostos, os instrumentos, né?, motivação. Que é bastante comum, né? Muitos não entendem, divergem, tá? E isso tem que abrir, né? Isso tem que se abrir e aparecer durante... durante o processo. Então, acho que a confiança, transparência, são coisas bem importantes nessa... nessa relação de atuação com a graduação!

Questão 7 - Certo! E que tipo de participação você teve no projeto pedagógico atual e que avaliação você faz do impacto desse projeto pra sociedade?

Olha, é... Todas as discussões sobre... sobre tecnologias e formação de competências em torno, né? Onde a... habilidade tecnológica venha de forma direta ou indireta é... contribuir pra formação do egresso que a gente tá concebendo... No projeto pedagógico, eu atuei desde que eu entrei no departamento. Isso já em duas versões do projeto pedagógico é... Eu acredito que, assim... eu tenho observado, eu acho que a gente tem entregue pro mercado, né?, bibliotecários mais próximos, né? Com discursos diferentes em relação às tecnologias da informação. Mais aplicativos, é... Eu tive experiência com bibliotecários que tem 30, 40 anos de formação e recém... né? Eu fiz, eu coordenei a informatização do... aqui da Universidade assim que eu entrei. Trabalhei dois anos na... e eu vi os bibliotecários enxergarem na informatização da Universidade uma panaceia pra todos os problemas da biblioteca. E essa é uma relação, era um valor de formação que eles tinham... que eles depositaram na tecnologia e não nos processos de gestão, né?, a solução dos problemas da biblioteca. É uma concepção que eles tinham em função da prática profissional e do tipo de formação estritamente técnica, tá? Hoje, eu já vejo, já percebo, assim, que uma parte... pelo menos uma parte dos egressos que a gente tá entregando aí, já tem uma visão um pouco diferente, né? Já há uma capacidade mais reflexiva e essa familiaridade, em parte, já é cultural, tá?, e em parte também há uma certa facilidade de assimilar e perceber, de pensar, de propor soluções pras bibliotecas e pro dia a dia, né? E vários deles já chegam na biblioteca e já são apresentadas as demandas, né? Assim, não foi uma nem duas vezes que eu tive egressos me mandando e-mail depois, no ano seguinte, porque fez um concurso, entrou na biblioteca e: - Professor, a gente tem que montar um repositório, a gente tem que montar uma biblioteca digital, tá? A gente tem que iniciar um processo de digitalização, né? Indica mercado, indica fornecedor, tá? Materiais de aula, até!

Então, a gente percebe, assim, profissional que está mais integrado a essa realidade que em parte tá concebida lá no projeto pedagógico mesmo.

Entrevistadora: Então, impacto é positivo?

O impacto é positivo!

Questão 8 - E a última pergunta. Em que sentido o projeto pedagógico te serve como base pra você realizar tuas ações como docente?

Bom, primeiro a concepção disciplinar, né? As... A formação, competência e habilidades que ainda é trabalhado nesses termos, tá? Os componentes curriculares é... toda a estrutura de... de área, de conhecimento que ele é desenvolvido, né? Ainda é um conceito bastante verticalizado. As áreas têm pouca relação transversal entre si, né? E ainda ele traz um conceito de... de definição dos conceitos das seis áreas lá dos anos 90, a ABEBD, né? Ainda tem essa... Isso mudou em 2002, né? Essa... essa visão de áreas, hoje eu penso na...

Entrevistadora: ABECIN.

...ABECIN. Hoje tem as quatro áreas, mas o nosso currículo ainda é... perpetuou essa visão de seis áreas. Então, a tecnologia e a pesquisa são vistas como um campo de atuação e disciplinas, né?, diferentes, né? E a gente sabe que... a questão tecnológica é uma coisa que permeia a... todas as quatro áreas e a pesquisa também, porque a pesquisa é uma visão de um... (pigarro) Não é um conjunto de habilidades que você desenvolve numa disciplina e é assim que tá materializado no nosso curso através das disciplinas de metodologia. As tecnologias também. E a evidência disso, é que assim, a gente vê os alunos concluírem o curso sem habilidades com softwares, sem habilidades que eles... a gente tinha uma expectativa no início... eles começam no início do curso, não... a gente... entendemos assim. É... No início do curso, eles têm que estudar coisas básicas, técnicas e métodos de pesquisa e tecnologias pra trabalhar... se instrumentalizar e trabalhar no decorrer do curso. Aí, você chega no último semestre, com a disciplina e com o TCC e você percebe no TCC que ele não desenvolveu habilidade de pesquisa, não desenvolveu habilidade para o uso de tecnologias. Por quê? Porque elas são concebidas de forma desintegrada, né? Essas são questões, são características do projeto pedagógico e tem desdobramentos, né? E... que hoje, assim, só a prática mesmo com o currículo ajuda a gente a perceber isso. São coisas que a gente tem que mudar! Aí, a gente tem que descobrir como!

Questão 9 - E em relação a tudo que a gente conversou, você quer acrescentar mais alguma coisa?

Não, na verdade não! Não tenho... Não teria relação... Ao longo das questões eu acho que já comentei bastante coisa!

Entrevistadora: Tá bom! Obrigada!

Questão 1 - Qual a tua concepção sobre o bibliotecário? Pra que que existe o bibliotecário?

O bibliotecário, na minha concepção, é uma pessoa que... um profissional que manipula a informação é... e atende as necessidades de informação de alguém. Então, esteja aonde a informação estiver, esteja no formato que estiver, é... ele precisa dominar as técnicas e tecnologias e recursos pra... pra oferecer esse serviço.

Questão 2 - Beleza. E que demandas esse profissional deve atender?

Que demandas? Tá bem genérica a pergunta, né? Mas é... Qualquer demanda de informação, né? É... talvez de conhecimento, não sei... não sei se conhecimento, mas informação eu tenho certeza. É... em qualquer espaço, em qualquer ambiente, eu acho que isso inclusive... essa é uma... talvez, eu não sei dá pra dizer uma tendência, mas eu acho que é por aí que a profissão tá indo, assim. Extrapolar os limites do espaço da biblioteca e pensar no bibliotecário como efetivamente uma pessoa que tem todas as habilidades e compet... todas as competências, né?, habilidades, atitudes e conhecimentos pra manipular a informação, seja do tipo que for, no formato que tiver, no suporte que tiver pra adequar às demandas de uma determinada pessoa.

Questão 3 - Certo! E com base na tua prática profissional como docente, no caso, o que que você espera do egresso do curso?

É... Do ponto de vista... pensando em termos de competência? Do ponto de vista de...

Entrevistadora: A tua expectativa no geral.

Em geral... Eu espero que seja um profissional que utilize de todos os conhecimentos, habilidades e atitudes que aprendeu na Universidade, é... pra efetivamente fazer valer o seu... a sua profissão, né? Eu acho que é... é... eu vejo muito, assim, o movimento da classe, né? E eu acho que... Eu vi um discurso do professor x, aqui na palestra que ele proferiu aqui na Universidade, achei bem... bem interessante, assim. Que o profissional, o bibliotecário hoje em dia se discute muito a profissão, se a profissão é... o valor da profissão, aquela história toda, assim, mas eu acho que quem dá esse valor é justamente quem tá no mercado de trabalho, e tá aplicando seus... suas competências, seus conhecimentos pra resolver os problemas da sociedade em geral relacionados à informação, que são inúmeros, né? Eu procuro... Eu realmente falo pros alunos, né?, especialmente na primeira turma, eu parabeno os alunos por ter escolhido o curso de Biblioteconomia, porque vão trabalhar com o recurso mais importante que qualquer organização precisa trabalhar que é a informação. Informação é subsídio pra qualquer outra área, né? Então,... eu acho que é nesse caminho que o egresso tem que se posicionar, né? Ele tem que valorizar o recurso que é o mais importante que as organizações manipulam, ele tem que dar valor pra isso e tem que se posicionar como uma pessoa que resolve problemas, né?, concretos. É... em qualquer espaço, eu acho que esse é o grande... grande... a grande questão, né? Pensar num bibliotecário atuando em qualquer espaço onde tem informação ele tá...

Questão 4 - Ótimo! E nesse sentido, como que você realiza a tua prática pra atender o desenvolvimento desse egresso? Pra ele sair como você espera.

Eu penso é... nos problemas que ele tem que resolver, do ponto de vista das disciplinas que eu ministro, né? Então, é mais ou menos... Eu procuro articular os conteúdos pensando sempre em atividades práticas, eu penso sempre nele atuando dentro da biblioteca ou qualquer unidade de informação. Os problemas que ele eventualmente vai vivenciar e como ele vai utilizar dos recursos que ele tem, das técnicas, ferramentas, tecnologias, pra resolver da melhor forma esses problemas. Então, inclusive é uma das questões que eu tenho repensado muito nas disciplinas há alguns anos e... tô fazendo algumas práticas pra... pra tentar alcançar esse objetivo, né? Pra envolver mais o aluno, despertar mais o interesse, e... mais ou menos baseado na... na ideia do Problem Based Learning – Aprendizagem baseada em problemas, então eu crio uma situação-problema e o aluno tem que resolver, mais ou menos nesse sentido.

Entrevistadora: Trazer pra vivência...

Trazer pra vivência... É a estratégia que eu tenho utilizado.

Questão 5 - Tá, legal! E que ênfase você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos independente da disciplina que você dá? Aqui eu posso dizer ético no sentido não só normativo, mas ético no sentido da consequência da ação que ele vai ter, né? Às vezes não é uma coisa explícita que a gente..., mas só ver o... que ênfase você dá nisso e se dá também?

Não, eu não dou ênfase! De fato, não dou ênfase, talvez alguma coisa esteja implícita no meu discurso, né? Na forma como eu apresento os conteúdos, é... mas assim, não de maneira explícita... E... trabalhar... não trabalho. Questões políticas, normalmente, muito pouco eu discuto, né? Trago algumas coisas pra aula, né, que tão... mas assim, é... Eu acho que também, é... é complicado a gente usar o espaço de aula pra... pra discutir aspectos políticos em alguns momentos, assim. As vezes que eu experimentei fazer isso, criou um ambiente tumultuado, assim, porque são várias posições e tal, então, a gente acaba tomando muito tempo. De repente, esse espaço eu utilizo... criar um espaço pra discutir isso em outro momento fora de sala de aula seria mais produtivo e a questão ética realmente tá implícita no meu discurso. Acho que, não tenho explicitamente trabalhado esse tema dentro das disciplinas.

Questão 6 - E que valores éticos te motivam pra realizar a tua atuação como docente?

Nossa! Que valores éticos... O que que são valores éticos?

Entrevistadora: Valores éticos podem ser características: tolerância, respeito, né? Tudo que tem um sentido...

É... eu acho que o respeito, sem dúvida nenhuma, é... É um aspecto fundamental, é... respeitar os limites de cada um e entender o contexto... de procurar entender o contexto de cada um. Sempre pensar na pessoa, no indivíduo, né? É... Você tem um grupo, tem grupos menores dentro da sala de aula... O grande grupo, a sua turma, os grupos menores e o indivíduo, né? Então, acho que é importante sempre mirar... é... procurar entender os grupos, mas especialmente o contexto de cada um. E aí entram esses valores, né? Tolerância, como tu falaste, né?, inúmeros! Todos os valores, a gente procura transparecer e... Talvez não necessariamente na sala, mas assim nas atitudes, o comprometimento, a responsabilidade, a disciplina,

acho que tudo isso forjam um ambiente propício pra que o trabalho aconteça da melhor maneira, né?

Questão 7 - E que tipo de participação, você teve no projeto pedagógico do curso, né? Independe de ser direta ou indireta. E que avaliação você faz do impacto desse projeto... atual projeto pra sociedade?

Huhum.. Eu partic... Eu não participei do projeto de 2007, porque eu, naturalmente, não tava aqui, mas esse projeto novo eu tenho participado desde o início e muito ativamente, né? E eu acho que o principal... a principal contribuição, é... no sentido do que eu disse antes, né? De pensar no bibliotecário enquanto profissional que atua como, é... uma pessoa que trabalha com informação e existem inúmeras demandas sociais, né? Que precisam... Sociais, econômicas, no ambiente empresarial que precisam ser resolvidas e se a gente indexar os nossos conteúdos e a forma como a gente trabalha dentro das disciplinas desses conteúdos, pra atender e resolver esses problemas, eu acho que a gente vai forjar um outro profissional, né? Um profissional mais próximo do mercado e, conseqüentemente... das demandas do mercado e, conseqüentemente, mais valorizado também pelo trabalho que ele desenvolve.

Entrevistadora: Mas o que tá em vigor agora, você acha que tem um impacto na sociedade? Que impacto você acha que tá tendo?

Impacto na sociedade do atual...?

Entrevistadora: Como você avalia a consequência disso que foi pensado, né? No mercado de trabalho, enfim, na sociedade de forma geral.

Huhum. Impacto na sociedade...

Entrevistadora: É uma percepção, tá? Eu não tenho dados sobre nenhum experimento que tenha medido isso.

Sim... Sim... Sim... O que que vou te dizer em relação ao impacto na sociedade... Eu que isso... Bom! O currículo permite formar profissionais que tão atuando especialmente nas bibliotecas, eu acredito, a grande maioria dos nossos egressos atuam em bibliotecas. E eu acho que isso é o que a gente tem que pensar em mudar. Pensar mesmo no conceito de unidade de informação e expandir esse leque aí e... Enfim, estão prestando serviços dentro desse... desse espaço, né? As conseqüências, né?, dentro da sociedade... prestação de serviços pra comunidade, né?

Entrevistadora: Você acha que é um impacto positivo? Negativo? Tanto que o novo tá privilegiando outras coisas, né? Que talvez estejam faltando nesse...

É... Eu acho que é um impacto positivo, mas tem que se discutir mais a questão da ética como tu colocastes, das questões do... do... das relações, talvez trazer mais pro lado humano também, né? Alguma coisa assim... Sair... sair... a gente tá muito voltado pras questões técnicas, né? Então, especialmente nesse momento que a gente tá vivendo agora, né? E o bibliotecário, especialmente, é uma pessoa que lida com pessoas, né? Então... eu acho que a gente precisa se preocupar mais com isso também.

Questão 8 - Em que sentido, esse projeto pedagógico te serve como base pra você realizar tuas ações como docente?

Ah! É fundamental, porque entendendo o projeto pedagógico, em especial, as disciplinas, não só as disciplinas que eu estou diretamente ligado, mas as disciplinas que tem interface com as minhas disciplinas, eu consigo articular melhor os conteúdos de modo a estabelecer essas... essas relações pra que faça mais sentido aquilo que o aluno tá aprendendo na cabeça dele, né? É... muitas vezes, ele... ele... entrar numa sala de aula pra assistir uma disciplina, participar de uma disciplina onde o conteúdo tá fracionado, é... já é difícil, né? Pra gente que já fez o curso de graduação, entender o contexto, então se o professor não tem essa visão do todo e não consegue articular essas relações, fica mais... fica difícil pra ele e difícil pros alunos também. Isso, tem... a... consequência direta na motivação da turma, eu acho. Então, eu sempre que possível procuro estabelecer as relações entre disciplinas, especialmente as disciplinas que eu leciono ao longo do curso, né? Então, eu acho que isso é muito importante, né? Muito importante mesmo. Até pra estabelecer trabalhos interdisciplinares em que... é uma tendência que várias... várias instituições de ensino superior tão fazendo, né? É importante o aluno ter esse visão holística da coisa, né?, mais global, mais geral. Então, sem dúvida nenhuma vai fazer com que ele tenha mais... desenvolva melhor as suas competências.

Questão 9 - Em relação ao que a gente conversou, tu quer dizer mais alguma coisa...?

Não, eu acho que é isso. Acho que é isso.

ENTREVISTA 10

Questão 1 - Na tua concepção, pra que que existe o bibliotecário?

É... eu acredito que o bibliotecário é um fomentador é... cultural. Eu acho que ele é... é o facilitador que tem o ambiente da biblioteca como ponto de encontro pra é... organizar, pra fomentar as atividades culturais, educativas, incluindo a leitura. E além disso, eu acho que um ponto importante também é... ele é um facilitador do acesso ao conhecimento, então ele que vai criar... Acho que parte dessa forma de fomentar é ele criar mecanismos que facilitem o acesso ao conhecimento. Que daí são todas as partes técnicas que servem pra isso também.

Questão 2 - E que demandas ele deve atender na tua opinião?

Demandas em que sentido?

Entrevistadora: O que tu entender por demanda, as necessidades sociais que ele deve...

Ah, eu acho que todas as que chegarem até ele. Eu acho que todas as demandas que chegarem a... a instituição, o local onde o bibliotecário atua é... ele de alguma forma eu acho que ele é o profissional, então se naquele ambiente não pode ter uma resposta ou encaminhamento é... ele tem como fazer... dar esse encaminhamento pra essa pessoa, né? Seja uma pessoa procurando um trabalho, enfim, demandas que vierem, assim! Acho que se ele não responde ele pode encaminhar, ele tem possibilidade, por ele ter a informação, né? Porque você tem...

you are a privileged person in relation to information, so I think that you have this capacity.

Questão 3 - Certo! E com base na tua prática profissional como docente o que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Ah, eu... eu... eu espero e gostaria de um profissional versátil! Um profissional que soubesse... que eu acho que o bibliotecário é um coringa, assim. É... que dependendo da onde ele for atuar, ele tivesse... ele expressasse as competências é... dentro daquele ambiente é... adaptando ao que ele aprendeu. Porque o que ele aprendeu é muito amplo, então eu acho que é possível dele atuar em qualquer espaço é... e eu gostaria que... espero que ele tenha versatilidade pra fazer essa... essa adaptação pro contexto em que ele for atuar, seja ele qual for.

Questão 4 - Perfeito! E como que você realiza a tua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso? Pra ele sair do jeito que tu espera.

É... é bem difícil isso. Essa... essa... exercer dentro da sala de aula porque tem uma formação que engessa um pouco, mas eu procuro é... fazer com que ele tenha autonomia... autonomia é... de escolha, inclusive dos textos que ele traz, por exemplo, seminário onde a pessoa possa expressar sua opinião, na medida do possível é... problemas, estudos de caso e tentar discutir como é que isso impacta... quais seriam as formas de agir naquele determinado contexto é... mas eu acho um desafio fazer isso dentro da sala de aula. Mas eu tento não... tentar tirar o gesso um pouco do... do que a universidade apresenta, né?, como o conteúdo programático, por exemplo, né?, como deve ser trabalhado. Então tentar deixar isso mais aberto, assim, pra que seja um espaço de discussão é... discutir, eu acho que é o mais importante, depois ele vai atuar, enfim, e eu acho... e técnica é importante também, né? Eu acho que quando é uma disciplina técnica, ele tem que sair conhecendo, mas conhecendo com a devida flexibilidade. Saber que aquilo é o hoje, é o contexto social que a gente tá vivendo, mas que ele tem que tá aberto pras mudanças que vem, que pode ser que aquilo não tenha mais validade. Então, aprender uma única técnica também... eu acho que é mais aprender a pensar, saber tomar decisão dentro do ambiente que ele tiver, né?

Questão 5 - E... Que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos, referentes à prática do bibliotecário, nas disciplinas que você ministra? Independente de quais.

É... Então, eu dou ênfase e eu acho que toda a discussão tem uma... uma ênfase, né?, política, social, eu sempre tenho um posicionamento e... é... nas disciplinas, o que eu tento fazer... como eu dou disciplinas técnicas, né? É tentar colocar pra que aquilo serve, então sempre tentar fazer com que ele pense porque ele tá desenvolvendo e qual é o sentido daquela técnica. Então, que usuário vai ser atendido e como que ele vai também fazer a adaptação daquilo, porque não necessariamente aquela técnica toda vai ser usada daquela forma... Em alguns contextos vai, mas no contexto ideal, que é bem difícil, né? É... na maior parte das vezes eles vão pra ambientes que não é o ideal, que não são ideais dentro daquele... da técnica ensinada. Então, é... que ele consiga pensar e agir dentro daquele escopo, daquela base teórica e prática que ele tem. É... nesse sentido, eu acho que eu trago... tentar trazer o socia... assim, é... interação, contexto social e

político pra dentro da... da parte mais técnica, né? Que é um desafio também, quero deixar registrado. (risos)

Entrevistadora: Muito, né? Pode falar à vontade tá? Eu tô só sinalizando, se você quiser falar mais... quer dizer você fala. Que eu não tô te cortando...

Tá, então eu vou começar a reclamar... a reclamar aqui porque óh... é difícil ser professor. (risos)

Entrevistadora: É muito! Nossa!

Não, mas é que tem... Eu acho que é isso, tem um contexto, é bem dinâmico fora e os alunos é... da graduação espe..., né?, que é o único que eu dou aula, é... eles exigem bastante a prática. Como é que eu vou fazer? Mas eles não querem muito pensar sobre ela, eles querem é aplicação. E daí, por exemplo, a disciplina mais aplicada é a que faz mais sucesso, é aquela que: - Ah, tá, eu vejo! Só que não é isso, a Universidade é o local de você pensar! É de você questionar, de você achar... porque a aula mais fácil de ser dada é essa mesmo. Ah, eu aprendo bem uma técnica, eu vou lá e ensino pra eles! E vai ser ótimo porque daqui a dez anos, eu tô ensinando a mesma técnica. Sou super boa, né?, porque tô a dez anos ensinando, eu vou saber muito bem. Só que eu vejo que o desafio é acompanhar a mudança que a sociedade, né? O que tá acontecendo, hoje o bibliotecário é muito diferente do que era na década de 80, né? Ele lida com demandas muito diferentes, então como é que eu vou me posicionar frente a isso? Ah, eu vou achar que realmente um bibliotecário é... a Miriam Leitão, eu achei uma entrevista dela que ela dizia que ela queria ser bibliotecária e o pai dela disse pra ela que ela não ia guardar livros, que ela ia escrever livros. Então, essa é uma visão limitada, entendeu? Que... Claro, naquele momento... mas assim, o bibliotecário, ele pode ser visto... Talvez fosse naquela década de 80-70 como um guardador de livros, hoje não mais! Ele é um facilitador, então quanto mais essas bibliotecas estiverem abertas pra isso, né? Isso que até o... a experiência europeia é muito interessante, é... eles são muito mais abertos, né?, tu pega um livro emprestado não tem aquela regra toda pra você pegar um livro. Tem algumas diretrizes, a gente é uma burocracia dentro das bibliotecas que impedem que qualquer pessoa chegue ou acham que é um espa... as pessoas acham que são espaços privilegiados, não espaço... Então, isso é... é... Então, isso é muito... Eu acho que o papel do bibliotecário é muito quebrar isso também. Ok, tem muita técnica, eu consigo encontrar uma informação na hora que eu preciso de forma mais rápida, mas eu também posso fazer com que o espaço seja socializado, né? Que seja aberto pra todo mundo, como de fato uma biblioteca pública deve ser, né? é... acessível assim a qualquer pessoa, independente se ela tem, né?... cartão de residência, se ela tem endereço, se ela tem RG [registro geral]... Não me importa! Só o fato de usar já é...

Questão 6 - Sim! E que valores éticos te motivam ou te influenciam pra você realizar tua atuação como docente no curso de Biblioteconomia? O que que tá por trás...

É que eu não consigo separar muito o curso, né?

Entrevistadora: Sim! Ah! Que valores éticos que te motivam ou te influenciam pra você realizar tua atuação no curso de Biblioteconomia?

É... então... Eu vejo que eu não consigo diferenciar é... o curso não me influencia muito essa resposta, né? Qual é o curso é... Eu vejo que... A educação pra mim é muito importante, assim. Eu acho que é um meio de transformar a

sociedade. Então é... Vários aspectos, eu acho que quando você incentiva alguém, quando você é... faz críticas no sentido de melhorar o que ela apresenta ou de valorizar e qualificar a fala do aluno, eu acho que tu tá é... influenciando fazer a sociedade, né? Então, esse aluno vai pelo menos... vai questionar ou vai abrir um pouco mais pra questões que ele não tinha pensado até então ou a... E não sou só eu, né? Eu acho que a turma, assim, é o ouvir o outro. Então, eu acho que as discussões dentro da sala abrem a possibilidade das discussões fora dela. Então, eu paro pra ouvir o outro e, às vezes, eu considero um ponto de vista que... a minha experiência não tinha me trazido ou eu não conhecia ou não sabia. E a experiência do outro e... Como professora eu sou bem idealista, assim. Ah, eu acho que pode mudar o mundo mesmo, sabe? Eu acho que a educação é... Acho que a nossa prática em sala inspira muitos alunos é... e nós somos exemplos, assim, não no sentido de ser perfeito, né? Justamente ao contrário, assim, deles perceberem o quanto nós é... também temos as nossas... é... a gente não sabe, a gente tem dúvida. Tudo isso eu acho que inspira o aluno a: - Ah, ok, é assim! Todos somos humanos e a gente tá num processo de construção. Mas eu acho que o professor é uma profissão muito privilegiada é... de poder trabalhar com pessoas e fomentar, né?

Entrevistadora: Muito!
Sensacional!

Questão 7 - Legal! E que tipo de participação você teve no projeto pedagógico, se você teve? E que avaliação você faz do impacto desse projeto na sociedade? É o atual, em vigor.

Não, o projeto da Biblioteconomia eu não tive participação na construção, até porque ele foi reformulado, né? Justamente agora que eu tava é... fora, nesse período afastada. É... Então eu não tive participação efetiva no novo projeto. Só em discussões e adaptações do anterior. E... mas as minhas participações foram muito pontuais, né?, nas disciplinas que eu tinha certo conhecimento e quais as consequências que eu vejo?

Entrevistadora: É... Avaliação que você faz do impacto dele na sociedade, pra sociedade.

Eu acho que ele tem que tá em consonância com as necessidades sociais, né?

Entrevistadora: E tá? Que que ele causa quando o egresso tá formado, vai atuar pra sociedade, né?, pro mercado de trabalho? Qual que é a consequência disso? Que que gera positivo, negativo...? Como é que você acha que ele tá?

Eu acho... Assim, agora eu não sei como é que ele tá, né? Mas eu acho que a versão anterior... o projeto pedagógico, ele tem que tá sempre em discussão, né? Eu acho que ele tem que.. Ele não pode tá pronto e acabado e finalizou, né? Ele precisa tá em consonância com o que tá sendo discutido e algumas vezes, os projetos... e o projeto anterior que era o que eu conhecia mais é... tem um viés tecnicista e... esse viés ele necessita que o professor tenha uma intervenção, mas que daí vai ficar muito a critério do professor e isso que eu acho que é difícil, né? Porque daí, dependendo da visão do professor, vai ter uma ou outra abordagem.

Entrevistadora: E esse de agora tem esse viés tecnicista? Mais ou menos...?

Isso eu não sei. Isso eu não sei. Isso eu não sei como é que tá. É que o nosso departamento tem uma característica, né? Então, eu acredito que ele ainda vá ter bem forte isso, né?

Entrevistadora: Tecnicista!

Aham! E professores especialistas em áreas... focam assim é... Até pelos projetos do departamento tem uma característica, né? A gente não tem muitos projetos sociais, por exemplo assim, de atuação... por exemplo, em uma biblioteca pública tem bem poucos projetos nesse sentido, né?, de atuação mais com a comunidade. Os projetos são mais técnicos, né? Então, eu imagino que o projeto continua a refletir isso porque talvez seja a área, obviamente, que as pessoas dominam, então... Não me aventuro numa área... mas aí eu vejo um problema de ficar muito à mercê do professor que ministra a disciplina. Isso é ruim, né? Porque aí o aluno vai pensar sobre impacto social quando o professor traz essa discussão, não que ela esteja pontuada nos programas, né? Mais eu acho que o projeto, ele é sempre, né?, idealista e ele sempre tem uma... um viés focado no social, né? O anterior tinha e tenho certeza que esse tem, mas agora na prática eu não sei como é que...

Questão 8 - Tá! Uma última pergunta: Em que sentido esse projeto, ele te serve como base pra você realizar a sua atuação como docente?

Ele é um guia, mas mais na disciplina que eu tô ministrando. Ele num total... na totalidade ele não... Eu vou muito mais pelo que eu acredito, pelo que eu é... leio, pelo que eu entendo, pelo que eu acho que deve ser é... Por exemplo, esse viés... isso que eu falei, ele tem lá... ideia... idealista, né? Tipo, assim, tá lá o aspecto social, mas na prática ele é muito variável. Mas eu não... Ele não influencia, eu sei que tá lá, eu sei que é considerado importante, é... eu discuto nas minhas disciplinas, mas não é porque tá no projeto. É um projeto ele foca mais... eu foco mais no programa e no meu plano de ensino. Minhas concepções...

Questão 9 - É... Em relação ao que a gente conversou tem alguma coisa que você queira conversar, acrescentar ou falar? Fique à vontade! Se tiver...

Não, eu só tenho uma... Eu acho que esse é um tema que me preocupa um pouco, assim, essa coisa que eu falei do projeto. É... Muitas vezes, ficar à mercê da prática do professor porque isso é muito... é... é fundamental fazer essa análise, né? Muitas disciplinas, elas são dadas só no sentido estritamente técnico e aí, eu acho que compromete esse profissional que vai é... pro mercado, assim, né? Pra ficar fechado, pra não se abrir, pra saber que se tem que adaptar pras coisas que acontecem e qual que é o teu papel na sociedade, né? Pra que tu tá...? Ah, tu é um guardador de livros? Não! Você não é! Você pode se entender assim, tu vai atuar de acordo com esse teu entendimento. Que eu vejo muitos bibliotecários assim, né? Atuando nesse entendimento mesmo. – Ah, eu sou um guardador de livros! Agora, se tu vai além disso, pra que eu... existe esse espaço que eu tô atuando aqui nesse lugar que pode ser uma empresa ou pode ser a Biblioteca Pública. Aí, vai ampliando, assim, e eu vejo que essa discussão é... ela teria que tá mais pautada dentro do projeto é... Assim, em termos práticos mesmo, dentro da disciplina então, o que que a gente vai a... abordar dela que traga esse aspecto, não fique à mercê do professor!

Entrevistadora: Huhum! Obrigada!

ENTREVISTA 11

Questão 1 - Na tua concepção, pra que que existe o bibliotecário?

Uma perguntinha bem difícil de... Ai, que difícil essa pergunta! Bem geral... (risos) Não sei... o bibliotecário é um... assim, o nome, assim... a forma de fixar esse resultado é que o bibliotecário é uma profissão, né?, assim... E aí, tem toda essa regulamentação, de política, mas eu tenho... as minhas dúvidas quanto à essas... essa delimitação, assim, de profissão, sabe? Não só de bibliotecário, mas várias outras profissões, sabe? É... Sei lá, o bibliotecário pode fazer várias coisas, assim como, sei lá, professor... que profissão é essa, né?... Várias áreas de conhecimento envolvem o professor ou... sei lá, jornalista ou médico ou seja lá o que for. Então, ele é um... ele é o marco mais legal, eu acho, assim. Tá, na história a gente identifica bibliotecários, que trabalham, né? sei lá, com acervo, com livro, com documentação, alguma coisa assim. Mas... eu não sei se dá pra fazer uma lista, assim, do pra que que serve o bibliotecário.

Questão 2 - Tá! E que demandas que ele deve atender?

Demandas que ele deve atender? Tá, opinião bem pessoal, né?

Entrevistadora: Pela tua percepção, não tem...

Eu acho que eu sou meio... sou conservadora, entendeu?, nesse aspecto aí. Eu acho que se for então pra definir alguma demanda... O bibliotecário é social e da biblioteca, eu não gosto dessa coisa de megas competitivos e inteligentes do comércio das coisas... de inovação do não sei o que, sabe? Essa coisa muito mercadológica, assim. Eu acho que se tem uma demanda então é que seja pra atender, sabe?, biblioteca, o social, escola, biblioteca comunitária, pública, sabe? Eu acho que é...

Questão 3 - Tá! E com base na tua prática profissional como docente, no caso, o que que você espera do docente do curso de Biblioteconomia? Como você espera que esse egresso saia.

Tá, como eu espero ou como eu acho que eles vão sair? (risos)

Entrevistadora: A tua expectativa... Como você espera.

Como eu espero?

Entrevistadora: É.

Eu gostaria de formar... Eu gostaria que eles saíssem... talvez pequenos pseudo comunistas, um pouquinho.... (risos)

Entrevistadora: (risos) Adorei! Adorei!

Assim... só um pouco assim, sabe? Um pouco... ah, assim a gente fala: um pouco crítico, um pouco político, um pouco isso, um pouco aquilo. Eu espero que eles saiam assim, só que eu acho que... de fa... de novo, eu acho que eu sou

conservadora... me acho conservadora, porque assim, óh: Eu acho que isso não se alcança... não sei se eu tô respondendo à tua pergunta... não é que não se alcança, não tem necessidade de tu, por exemplo, transformar ela num circo, entende? Tem coisas que o aluno tem que sentar e tem que ler, e tem que entender e tem que pensar, entendeu? Então, eu... eu gostaria que eles saíssem, assim... Não é que ele vá fazer diferença no mundo, mas pelo menos não achar que tá tudo certo, ou realmente perguntar, questionar... - Ah, isso aqui é um vocabulário controlado que indexa super bem a área da música, - Tá, mas porque que tem essa palavra aí? - Mas daonde que vem esse negócio, aí? Não sei... Que eles sejam assim num ambiente de trabalho, que eles se perguntem um pouco mais, né? Mas porque que eu tenho que usar essa roupa ou aquela? ou porque que eu tenho que...?

Entrevistadora: Questione...

É... Não só da profissão, mas tudo!

Questão 4 - Ótimo! E como você realiza a tua prática como docente no curso de Biblioteconomia para que esse egresso saia assim da forma como você espera? Para atender o desenvolvimento desse egresso.

Tá! Para começar, eu sou muito frouxa, eu acho! Que... (risos) Ah, eu acabo afrouxando, a tá, uma notinha, um negócio assim, só que... Tá começando a doer assim, eu acho que vou começar a enrijecer como docente daqui pra frente, porque senão a gente fica muito no discurso, né? Tá muito no discurso. Tá, algumas coisas que eu tenho tentado fazer: eu tenho diminuído, assim, bastante recurso visual, alguma coisa de vídeo, de filme, eu tento fazer isso pra eles terem que ler. Eu acho que eles precis... que pra isso a pessoa precisa desenvolver ... Não, assim, saber uma teoria, mas assim, conseguir construir um argumento, por exemplo, um pouco mais longo... É tudo muito frase curtinha, muito pontual, muita frase que tava no slide, muita... (tosse) muito assim. (tosse) Eu que... pra ele sair assim, um pouco mais crítico ou mais inconformado assim, talvez... não sei se é essa a palavra, que seja, não tem que só aprender uma ou outra teoria ou outra e outra teoria, mas acho que é uma lógica, uma forma de desenvolver o pensamento que... inclusive pra entender um argumento mais complexo ou pra conseguir enxergar quando um argumento não é nada complexo. Quando um político fala: - Ah, vou arrumar a saúde e a educação... e o aluno ver que ele não tá dizendo nada. Então, eu acho que leitura... é fundamental e eu acho que eu penso mais que eu tô fazendo isso do que eu realmente tô fazendo, porque eu acho que sou muito frouxa. O negócio de se encontrar no trabalho e tal e amizade... sabe?

Entrevistadora: É difícil...

É.

Questão 5 - Tá. E que ênfase que você dá nos aspectos éticos e políticos referentes à prática bibliotecária nas disciplinas que tu trabalha? Independente da disciplina.

Tá! Eu sempre trabalho mostrando que... é bem repetitivo na minha aula isso... que isso é só uma opção, né? Que existem outras. São... dou aula de classificação, que é tal da CDD e CDU, sabe? Não tem... eu não vou modificar o sistema, não é pra isso a disciplina. É uma disciplina mega tecnicista, é pra aprender a usar, mas como que eu posso abordar isso eticamente? Mostrando: - Olha essa classe aqui como tá, porque que tudo isso é religião católica e esse numerozinho é

outras religiões? Qual que é a representatividade desse outro povo que tá, né? Que não tá aqui? Porque que a música tem todas as..., né? Super formal, ocidental e não tem outras na..., né? Quem que foi o continente que mais emigrou no mundo e que não tá aceitando imigrante agora? (risos)

Entrevistadora: Boa...

É... tem que mostrar que... apesar de... – Ah, professora mas esse sistema... Tá, mas aí tu manda um e-mail pro Dewey, porque a gente não vai poder mudar agora o Sistema de Classificação (risos). Avisa o Dewey que eu não posso fazer nada, mas eu tento sempre mostrar que é uma opção, né? E que nem sempre a gente conhece as outras, né? E, às vezes, nem eu sei não sei dar um exemplo talvez de outra opção. Mas pelo menos eu sei que não é..., né? Que a minha não é a única que existe, mesmo que eu não lembre de outra na hora.

Questão 6 - E que valores éticos te motivam ou te influenciam pra realizar a tua prática enquanto docente? A tua atuação no curso de Biblioteconomia, se tiver alguma diferenciação pra você.

Valores éticos?

Entrevistadora: É... o que que te move? O que que te influencia?

Tá! Eu vou se... Eu sinto assim isso de forma mais clara, às vezes, quando eu tô corrigindo alguma prova, alguma coisa, que eu vejo uma coisa muito absurda escrita assim, aí eu penso: - Meu, eu não posso deixar isso passar! A minha responsabilidade como professora docente eu não posso... não posso deixar o aluno sair dessa disciplina pensando isso... o aluno, né? Falou, sei lá, que o Aristóteles... que a bíblia tava certa porque fala a mesma coisa que o Aristóteles falava. Sei lá... Umas coisas assim, não! Você tá dando Introdução à Filosofia e o cara vai sair da minha disciplina dizendo que aprendeu comigo que o Aristóteles.... Não! (risos) Não pode sair... Sei lá... É... Não sei, acho que eu tô... Quando eu entrei talvez eu tivesse mais... pens... eu acho que eu pensei que eu podia fazer mais, talvez, do que realmente dá pra fazer. Em parte por causa de todo o sistema político que a Universidade se inclui, né? Não dá pra tu fazer qualquer coisa. Por exemplo, eu trabalhei o Manifesto do Partido Comunista com os alunos em sala de aula, mas eu não botei o texto no plano de ensino. Porque tava nessa época de impeachment e de não sei o quê, sabe? É... PEC não sei das quantas, então eu não botei no plano de ensino. Botei texto a definir, mas eu já sabia que eu ia dar esse texto pros alunos, né? Né? Não sei... Não sei se isso é ética ou o que que é isso, né? É, não coloquei, mas trabalhei o texto com eles. E ainda na prova, eles escreveram um monte de asneira (risos).

Entrevistadora: Mas já saíram da zona de conforto pelo menos.

Eu espero que sim, né? Eu espero que sim. Tentar fazer alguma coisa, tentar mostrar que tem outras possibilidades em tudo, entende? No nosso dia a dia, sei lá.

Questão 7 - Ótimo! E que participação você fez ou se teve no projeto pedagógico e como você avalia o impacto desse projeto na sociedade?

Tá! Eu... Eu não tive muita participação, eu era professora nova, não tava em nenhuma... No Núcleo Docente Estruturante, eu não tava em nada disso. Então, eu não participei das decisões, assim, das disciplinas. Eu acho que, o currículo, a

proposta que ele, o departamento tá indo, tá... atendendo perfeitamente a demanda da sociedade que a gente tá construindo. Que é aprender... da... tudo uma visão de lucro, tudo é uma visão de coisa que se pode negociar, tudo é uma visão, né? É importante a gestão, não é isso, sabe? É uma área interessante e legal, tudo bem, precisa... a gente trabalha, as pessoas trabalham, não existe relações de trabalho, mas assim... Ai, sei lá! Esse negócio de ser tudo "diferentão" pra ser bom... tem que ser... Olha eu conservadora de novo. A competitividade, é inventar produto novo, inventar não sei o quê, meu! Vocês podem sair na rua e gritar fora Dilma, fora Temer, fora quem vocês quiserem. Sentar e ler um texto, presidente nenhum vai fazer por vocês, entendeu? Não tem... Tem que sentar e tem que ler. Eu acho que a mudança no currículo... menos disciplinas, menos humanas, né? Menos Filosofia, menos Sociologia, menos Antropologia, menos qualquer coisa que te dê duas visões, assim. Que te...

Entrevistadora: Tirar essas disciplinas que você diz ou inserir mais?

Inserir mais, né?

Entrevistadora: Ah, claro!

Tem menos nesse currículo, por isso que eu acho que ele atende perfeitamente a demanda.

Entrevistadora: Essa demanda do candidato...? Entendi!

Claro, ótimo! Show de bola!

Entrevistadora: Entendi!

Vão sair tudo empregado em empresa privada.

Questão 8 - E... Em que sentido o projeto... esse projeto aí, ele te serve como base pra você realizar as tuas ações como docente?

Ahm... Eu posso... Em que senti...? Não sei!

Entrevistadora: Você não acredita no...?

É difícil! É... sei lá, quando eu tenho a oportunidade de trazer um texto, uma coisinha mais diferente, assim, né?, tipo um Manifesto Comunista, uma coisa assim eu... Eu tava dando Introdução à Filosofia, então é mais fácil, né? De sair um pouco, assim... Eu acho que... sei lá. Que eu não... O que mais me motiva, eu acho que é... é... tomara que não me deem essas disciplinas nunca pra eu ministrar, que eu não sei o que fazer (risos). Empreendedorismo, nossa senhora! Vamos empreender, vamos falar de leitura... Olha, ninguém fala disso! (risos) Né? Porque realmente, eu acho que isso me motiva (risos). Porque na minha área, pelo menos, eu consigo... e como eu conheço um pouco mais, conheço um pouco... apesar de técnica, a minha área ser mais puxada pro técnico, consigo ainda, né? Mostrar, discutir, sei lá. O que mais domino, né?

Questão 9 - Você quer falar mais alguma coisa de tudo em relação a tudo que a gente falou?

Ah, é... que a... sei lá... A representação que a gente tem, porque isso também é muito uma ideia de nós mesmos, né? Da nossa pessoa, assim, né? Às vezes, o que a gente imagina não é bem o que a gente é, talvez, né? Talvez seja

melhor do que a gente imagina ou talvez não, talvez seja pior. Sei lá, né? Certo e errado é que nem nariz e outras coisas, né? (risos)

Entrevistadora: Referenciais...

É... Não tem referência teórica pra isso (risos). É isso!

Entrevistadora: Tá bom! Obrigada!

ENTREVISTA 12

Questão 1 - Dentro da sua concepção, para que existe o Bibliotecário?

Bom, na minha concepção pra que que serve o bibliotecário? Essa é a primeira questão. Eu acho que ele é um profissional que... vem atender uma demanda muito importante na sociedade que estamos vivendo, que diz respeito a... a... principalmente ao acesso à informação. É... Quando a gente fala na... nas habilidades que o profissional tem e tá organizando, é.... filtrando, né? Recuperando a informação, eu acho que isso é o que ele tem de melhor pra atender uma necessidade da... das pessoas que é o acessar a informação. Então, de acordo com esse contexto eu vejo que há uma relevância muito importante no papel desse profissional, pensando em serviços que possam atender essas demandas, que sejam, né?, na... na comunidade, seja nas empresas, seja nas associações, seja nas escolas, qualquer instituição. Por isso que a gente fala muito no papel social desse profissional, não somente dentro de empresas, mas pra sociedade em si também, né? Então, pensando em... em ações efetivas que possam favorecer e oportunizar o acesso à informação, porque o que vemos hoje é um número grande de informações, registradas em diferentes mídias e suportes e as pessoas não leem, não sabem interpretar, não sabem diferenciar o... o valor da informação, ou verificar a autenticidade da informação. É,... fazer uma análise em relação ao que tá sendo divulgado, se aquilo ali é pertinente, se é verdadeiro, se tem coerência. É essa... no caso é essa função que o bibliotecário entra contribuindo pra facilitar e também como mediador, né? Porque ele pode pensar em estratégias pra ajudar as pessoas a lidar com essas informações e a usar essas informações pro crescimento pessoal e profissional delas. E, a partir disso também pensando na consciência crítica, né?, na formação de uma consciência crítica. Um outro lado também é a formação da cidadania, do acesso à informação, pensando nessa questão da cidadania, de ele exercer o seu o papel enquanto cidadão, de poder é... é... enquan... é... escolher, né?, as pessoas em quem votar, os candidatos em quem votar, a partir de um conhecimento, de diferentes fontes de informação das propostas desses candidatos. Conhecer o que os... esses candidatos já fizeram no seu passado, então essas informações elas vem contribuir diretamente pra escolha do... dos nossos representantes políticos também. E quando a gente fala na formação cidadã, na formação crítica também, eu saliento essa importância, né?, dessa necessidade do bibliotecário pensar em ações pra facilitar essa mediação. Então, a principal contribuição, né?, pra que serve o bibliotecário hoje seria nesse sentido, de oportunizar o acesso e fazer a mediação entre essas informações que existem e as pessoas que precisam dessas informações, de como utilizá-las, né?, e pro seu bem,

pra sua construção, é... enquanto indivíduo, enquanto cidadão e também pra formação dessa consciência crítica, reflexiva em relação ao uso dessas informações.

Questão 2 - Que demandas este profissional deve atender?

Em relação à demandas é... gostaria de salientar algo que eu já respondi na primeira questão, que eu acabei falando de demandas, mas as principais demandas eu acho que tem a ver com a organização dessas informações que estão disponíveis, o acesso à elas, né?, pra poder facilitar que as pessoas tenham acesso aos diferentes tipos de informações e não somente aquelas que a mídia divulga, que a... que a mídia manipula, né?, de acordo com seus interesses. Mas acessar informação em diferentes pessoas pra que as pessoas consigam usar essas informações, acessá-las e a partir daí criar a sua... a concepção sobre o que pensam cada um, né? Então, hoje por exemplo, quando a mídia divulga é... sobre a PEC 55, ela vai trazer um lado, né?, e ela não vai divulgar os dois lados em relação à essa.. a esse projeto de lei. E o ideal é que o cidadão tivesse acesso à... aos textos que os deputados e soubessem acessar, né? O texto que... e o projeto de lei que esses deputados e senadores estão se baseando pra votar, há argumentos, né?, de diferentes tipos de profissionais, o que eles pensam sobre a.. a aprovação da PEC, os benefícios ou/e malefícios desse projeto de lei a curto, médio e longo prazo e partir daí, forma a sua concepção. Então, hoje acontece ao contrário, as pessoas acabam formando a sua opinião porque a mídia passa. Então, quando a gente fala em relação às demandas eu acho que é nesse sentido que o profissional, ahm, que o bibliotecário vem é... vem somar! O bibliotecário, ele tem esse papel bem importante de somar nesse sentido, oportunizando, né?, que as pessoas consigam acessar essas informações, é... por meio de serviços que o profissional pode prestar e também auxiliando eles a criarem esse pensamento crítico, né? Então, é... são essas demandas que eu percebo a.. pro bibliotecário.

Questão 3 - Com base na sua prática profissional como docente, o que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Em relação à terceira questão, o que que espero, né?, dos egressos do curso enquanto professora é que eles saiam da universidade com essa percepção, né?, de qual é o papel do bibliotecário no cont... nesse atual contexto, quais as demandas que ele deve atender, é... no que a formação dele pode auxiliar pra que a gente tenha, é... daqui há 5, 10, 15 anos uma sociedade mais justa, que as pessoas tenham acesso e saibam usar a informação pro seu bem, e... que a gente, enquanto bibliotecário consiga diminuir um pouco as desigualdades sociais, então eu enquanto professora bato muito nessa tecla em sala de aula, da relevância social da nossa profissão, da... dessa responsabilidade social que temos e, principalmente, da atitude, do comportamento, porque na graduação os alunos aprendem as habilidades pra classificar, catalogar, indexar, recuperar a informação, fazer um planejamento, pra... enfim, eles aprendem diferentes habilidades e tem acesso a diferentes conhecimentos que são construídos de uma forma coletiva, por meio de dinâmicas de grupo, leituras, discussões em sala, trabalhos, saídas de campo, eventos que eles participam, então, o conhecimento ele acaba sendo construído de uma forma coletiva e colaborativa. Mas, além da habilidade e do conhecimento, o terceiro pilar que forma a competência é a atitude, então eu falo muito sobre isso enquanto professora pra eles que, na graduação eles vão desenvolver habilidades e adquirir conhecimento, agora a atitude vai depender muito desse comportamento

deles, vai depender deles escolherem o caminho que eles querem seguir, com valores éticos e que eles tenham essa consciência social e política da profissão, pra eles possam agir, depois de formados, com essa... tendo essa percepção da sua profissão, né?, essa abrangência social da nossa profissão. Então, é isso que eu espero dos egressos de Biblioteconomia, que eles saiam dali com conhecimentos técnicos, né?, que tenham esses conhecimentos, essas habilidades tecnológicas, mas principalmente, essa consciência social e política da profissão pra que, quando eles se inserirem no mercado, eles possam contribuir efetivamente pra construção de uma sociedade mais justa. Eu acho que é isso que falta na nossa profissão, perceber essa importância e pensar coletivamente, né? O que que o bibliotecário junto com outros profissionais, junto com outras entidades de classe, junto com outras instituições pode colaborar pra melhorar as condições que as pessoas vivem atualmente, principalmente no Brasil.

Questão 4 - Como você realiza sua prática profissional para atender o desenvolvimento desse egresso?

Em relação a quarta questão, como que eu realizo a minha prática docente pensando, né?, na formação desse egresso... Eu uso ahm... sempre tento é... alinhar muito a teoria com a prática em sala, né? Porque a gente sabe que quando eles vão pro mercado, é um mundo novo, né?, um desafio que eles vão encontrar tentar aplicar tudo que eles viram na universidade, o.. o ideal seria no mundo real, né? Então pra diminuir um pouco essa distância, essas lacunas que existem entre a teoria e a prática, eu tento trazer bastante prática pra dentro da sala de aula, não só pela experiênc... minha experiência enquanto bibliotecária durante 15 anos, que eu sempre trago bastante exemplo da minha própria prática profissional, mas também eu trago, é... tento alinhar essa prática convidando profissionais que estão atuando e trazendo discussões de cases práticos do mercado, de... de situações cotidianas que envolvem os assuntos que nós estamos trabalhando em sala. Eu acho que isso é muito pertinente de ser abordado pelo professor, então uso diferentes dinâmicas, né?, seja saídas de campo, participação nos eventos, é... palestras, mesas com convidados externos, né?, discussões com convidados externos. Eles fazem também... coletam informações, diagnósticos com outros bibliotecários, outras bibliotecas, pra tá alinhando isso que a gente tá vendo em sala pra que eles possam verificar na prática o que acontece e, a partir daí construir o conhecimento deles.

Questão 5 - Que ênfase você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referentes à prática bibliotecária nas disciplinas que ministra?

Em relação à quinta pergunta, da ênfase que eu do em relação aos aspectos éticos e políticos nas disciplinas que eu ministro... Eu sempre procuro trazer esses exemplos que... que a gente identifica nas publicações, nas mídias, né?, nos eventos... por isso que eu sempre, é... foco na necessidade dos alunos participarem dos eventos da nossa área e eu participo junto também, não só de eventos de pesquisadores, mas eventos profissionais porque é lá que eles vão se inserir, é lá que eles vão participar, então eu tento sempre tá participando também pra poder tá mais perto da realidade deles, né? E eu trago esses exemplos pra discutir essas questões também relacionadas ao comportamento ético e também político, né? Porque é no momento que a gente pensa quais são esses valores e identifica quais são esses valores que a gente quer pra nossa prática, que a gente é... é... acredita principalmente, né?, enquanto ser humano, enquanto profissional é necessária essa

reflexão e também esse... esse, digamos, cuidado, né?, em tratar o outro já que a... o valor, é... os valores éticos e políticos, eles estão muito relacionados ao nosso comportamento na sociedade. Então, esse respeito ao outro e também a... a entender qual é a necessidade do outro, a empatia, se colocar no lugar dessas pessoas, pra poder aí sim, pensar nos serviços que serão prestados, porque eu trabalho muito a disciplina... as disciplinas voltadas pra gestão no curso de Biblioteconomia, então antes de pensar a gestão propriamente dita e pensar nos processos, técnicas e instrumentos, a gente tem que pensar quem são as pessoas beneficiadas com isso? Pra quê? O que que elas precisam? Pra quem vai servir isso? E não só as pessoas que vão usar, mas as pessoas que vão... que participam da equipe de trabalho. Então, eu enquanto gestora tenho uma equipe, eu preciso identificar nessa equipe quais são as demandas, quais são... qual é a vocação de cada uma dessas pessoas, qual o perfil delas, o que que elas querem, né? O que que elas precisam? Pra eu poder fortalecer essa minha equipe e fazer com que ela pense junto e se... seja uma unidade, né? Que essa equipe, ela consiga trabalhar junto e nesse caso, o gestor, ele é meio que um... funciona como um maestro em que ele vai reger diferentes instrumentos, né?, como se fosse uma orquestra e dali tem que sair uma música mesmo trabalhando com pessoas diferentes, formações diferentes, com histórias de vida diferentes, com valores éticos diferentes, e... elas precisam pensar juntas pra poder prestar esses serviços pra essas pessoas que usam, né?, a... que vão usar a unidade de informação, que vão usar os serviços, da... que a biblioteca vai ofertar. Então, é nesse sentido, com esse foco que eu trago esses preceitos éticos e políticos pra nossa prática ou/e mesmo pra dentro das disciplinas de gestão que eu tenho ministrado, pra que os bibliotecários, os estudantes, eles tenham esse conhe... essa percepção de identificar e de se posicionar e, principalmente, de part... de agir politicamente envolvendo os diferentes setores, os diferentes tipos de profissionais e instituições como parceiras, mas sempre de acordo com os valores que elas acreditam e, pensando nesse... nesses apontamentos.

Questão 6 - Quais os valores éticos que lhe motivam e/ou influenciam para realizar sua atuação como docente do curso de graduação em Biblioteconomia?

Em relação à sexta questão, quais os valores éticos... Eu acredito muito no... no... principalmente, né?, em termos de comportamento, é... essa questão do respeito, de ouvir o outro, de se colocar no lugar do outro, de entender quais são suas motivações, qual é a sua história de vida e, pensando nisso, como que eu posso envolver o outro, seja um professor, seja um aluno, seja um bolsista, um funcionário terceirizado, como que eles podem se envolver com os projetos da disciplina, com... com os conteúdos que eu tenho... que eu trabalho em sala de aula como docente, mas sempre pensando nessa questão do respeito, do valor, da empatia, é... da sua história de vida mesmo, né?, essa questão da gente conhecer o outro e não fazer um pré-julgamento sem antes conhecê-lo e poder fazer que eles sejam parceiros e se... principalmente, se... sinta parte do processo, né?, seja no ensino, seja na aprendizagem, seja enfim em diferentes caminhos que a gente, enquanto professor, vai trilhando ao longo da nossa carreira. Mas eu... é... principalmente, isso mesmo que eu comentei em relação ao respeito e também à empatia, é... esse cuidado com o outro, né?, de evitar pré-julgamentos ou estabelecer conceitos prévios sem antes conhecer as pessoas e fazê-las se sentir parte desse processo.

Questão 7 - Como você avalia o projeto pedagógico do curso de graduação em Biblioteconomia?

É.. na questão 7, eu não tive participação na construção do projeto político atual. Ele aconteceu bem antes de eu entrar na universidade e... atualmente eu tenho participado de alguns encontros, participei de dois encontros até hoje, que discutiram o novo currículo, né?, que vai é... estar incluso dentro do projeto político pedagógico que ainda será... analisado pela... pelo departamento. Participei de algumas discussões, mas do atual projeto eu não... não tive nenhum tipo de participação. A gente só tá agora pensando em uma atualização, mas é do... mas ainda vai ser é... analisado pela... pelo colegiado do curso. E aí, incluímos disciplinas e ementas em algumas disciplinas que abordam essas questões da formação política do bibliotecário, da consciência, né?, ética e essa responsabilidade social também.

Questão 8 - Em que sentido o Projeto Pedagógico lhe serve de base para realizar suas ações?

Ele deveria ajudar 100%, né?, na... em relação à forma como o projeto auxilia, né, a... o desenvolvimento das disciplinas, porque as nossas disciplinas, elas são pautadas por esse projeto, né? Existe toda uma relação entre as disciplinas, as próprias ementas, então ele... ele teria que estar alinhado pra gente poder organizar as disciplinas de acordo com o projeto, atendendo os objetivos propostos, a formação...a... o... o que a gente espera, né?, que o egresso desenvolva em termos de conhecimentos, de habilidades, enfim! E isso é muito importante, então eu acredito que ele deve atender 100%, mesmo! Ainda respondendo à 8ª questão, né?, do projeto servir de base... é lá que o professor vai buscar subsídios pra poder construir seus projetos de pesquisa, seus projetos de extensão, a organização de um evento, né? pra concorrer a um edital, é... mesmo pra conseguir uma bolsa... Então, é... as respostas devem estar lá no projeto pedagógico, e é lá que... esse é o documento que deve embasar toda a prática docente. Então, é um documento importantíssimo, que deve ser um instrumento constante do professor, não só no planejamento de suas aulas, né?, pro entendimento das suas disciplinas em relação às demais e toda a implicação que essas disciplinas tem na formação do bibliotecário que a Universidade quer formar, como também pra alinhar os projetos de pesquisa, de extensão, de monitoria, enfim, serão realizados pelo professor ao longo da sua carreira.

Questão 9 - Em relação ao que conversamos, o que mais você gostaria de acrescentar ou comentar? Por favor, sinta-se à vontade.

Eu só gostaria de salientar a importância do professor se envolver, é... e praticar aquilo que ele prega em sala de aula, né? Quando a gente fala em valores éticos, políticos, né? e tudo... e essa contribuição pra formação do aluno no curso de Biblioteconomia, tem muita relação com aquilo que é... fazer aquilo que ele prega, né? Então, é... ao mesmo tempo que ele tá falando, tá orientando os alunos, sobre esses comportamentos, sobre esses valores, sobre essa questão das atitudes e... e habilidades, ele também tá praticando isso, né? Ele ser isso que ele prega, né? que às vezes a gente vê muita teoria longe da ação e vice-versa, né? Então, quando eu falo em formação política, em discussões com os alunos que tenham relação com a prática profissional pra nortear eles, inclusive em relação a esses valores éticos, é o

professor... ele se envolver também, né?, com as ações que são propostas no curso, com as entidades de classe, com as instituições afins, é... com outros profissionais... Ele ser o espelho daquilo que ele prega. Então, não adianta o professor falar em sala de aula e ele ser outra... outro tipo de pessoa, né? Não agir de acordo com aquilo que ele prega. Então, quando eu falo em que eu ressalto a questão de valores como a questão do respeito, da empatia, da solidariedade, da verdade, como valores importantes que o professor tem que tá atento em também, de certa forma praticar isso, é nesse sentido, né? Então, só pra... é só um complemento mesmo em relação à última questão que tu deixou ela em aberto, né?, da tua pesquisa. Então, só pra complementar a minha fala em relação às demais perguntas e também deixar como exemplo essa participação que os professores da Universidade têm, né?, com outras instituições, essas parcerias com a organização de eventos, a gente têm os representantes da... que são professores da Universidade envolvidos com a ACB, CRB, com a ABECIN, com a ANCIB e isso é muito importante, não só pra legitimar nossas ações e nossas... as teorias que a gente ensina em sala, mas também pra tá enriquecendo o nosso currículo e a formação do nosso aluno, pra mostrar pra ele que aquilo que nós estamos praticando, nós estamos pregando em sala, nós também praticamos, nós também estamos, né?, é... nos envolvendo com as ações políticas da nossa área, pra poder orientar o aluno e mostrar pro aluno os melhores caminhos pra ele se formar enquanto profissional e poder fortalecer a identidade dele e a visibilidade da profissão pra que a sociedade perceba, né?, essa nossa importância, né?, pra... pra sociedade.

ENTREVISTA 13

Questão 1 - Na tua concepção, pra que que existe o bibliotecário? Adoro ver a reação!

Para o atender, né? (risos) Desde que perspectiva? Do ponto de vista do curso ou do ponto de vista da... da vida?

Entrevistadora: Então, do que você entende? Do seu entendimento?

Tá! É o profissional que vai trabalhar com a informação. Fechou!

Entrevistadora: Fechou?

Da forma mais ampla possível sempre. Não só a informação do livro numa... numa biblioteca e sim na necessidade de informação das pessoas.

Entrevistadora: Mas têm outros que trabalham com a informação também, né?

Sim!

Entrevistadora: O que diferencia o bibliotecário desses outros que trabalham com a informação?

Tá! É que... na verdade não gosto de pensar que se diferencia muito entre eles. Prefiro pensar que é... é uma profissão comum, que depois as pessoas se especializam em coisas diferentes. Eu gosto de pensar que é uma coisa comum

que, pra mim, sempre falo profissional da informação. Embora parece que não tem identidade, mas pra mim tem e eu... o mais importante... esse é o meu ponto de vista. Então, tem o profissional da informação e a partir daí, temos arquivistas, bibliotecários, cientistas da informação e outros tipos de especialistas da informação. Porque dependendo do que você pegue, tem outras áreas envolvidas, só que na nossa área, que fala que ser inter, mega, super, trans, não é assim! Eles tentam separar outras profissões que, eu acho, faria muito bem pra nós... eles tentam deixar fora.

Questão 2 - Ok! E que demandas, dentro dessa tua concepção... E que demandas que esse profissional deve atender?

Falando do profissional da informação? Ou falando de...?

Entrevistadora: Do bibliotecário, sempre!

Que demandas deve atender? Olha, depende do lugar onde esteja inserido. Depende do tipo de bibliotecário que seja. Não é o mesmo um bibliotecário universitário, do que o bibliotecário numa escola ou o bibliotecário de uma comunidade pequena. Então, é... conheço uma pessoa que trabalha em... em um morro. Conheço uma pessoa que trabalha num morro em uma comunidade bem fechadinha, bem pequena, assim. É uma biblioteca, eles fazem tudo, eles fazem absolutamente tudo. O bibliotecário não fica com o livro, o bibliotecário faz muito mais coisas. Desde dar de comer às crianças, que é uma das muitas tarefas que tem, até procurar roupas pra elas porque são famílias que não tem muitos recursos e o bibliotecário, talvez os projetos onde eles estão inseridos, tentam procurar pessoas que ajudam essas crianças que estão lá. Então, eu acho que o bibliotecário deveria se focar, talvez, um pouco mais na informação, mas sempre... Se as pessoas tem algum tipo de necessidade, o bibliotecário pode ajudar também nisso, pensando que o bibliotecário é a pessoa que, em alguns contextos... sim, é certo ter um intermediário entre a informação e as necessidades das pessoas. Em alguns contextos... Não em todos. Há pessoas que não precisam do bibliotecário para chegar até lá. Se você é... mestranda, por exemplo, doutoranda... Olha, não precisa do bibliotecário do mesmo jeito. Às vezes, nem precisa do bibliotecário. Você já sabe o que precisa, mas tem pessoas que vão precisar.

Questão 3 - Tá! E assim, com base na tua prática profissional como docente, não como bibliotecário, né? Como docente, no caso. O que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia? Que sempre vai ser o... o que eu vou te perguntar é sempre focado no curso de Biblio, tá? Então, qual sua expectativa pra esse egresso? Como que você espera que o teu aluno saia pro mercado de trabalho, pra sociedade, enfim!

No meu caso, de meus alunos, exclusivamente, meus alunos com a mente obrigatoriamente aberta! É obrigatório pensar! Absolutamente obrigatório! E questionar qualquer coisa! Eu vejo os alunos chegando com muitos problemas pra... pra pensar coisas simples, pra pensar... pra pensar. Bota pra pensar! Então, sou professor de "Introdução à Ciência da Informação". Como eles ainda não... não tem condições de... de pesquisar artigos científicos, às vezes, fazemos isso também, né? Só pra ter uma aproximação, mas eles não tão em condições pra ler um artigo científico e compreender o que está lá. Não tem essas condições. A gente utiliza... Eu utilizo material que são, geralmente, notícias da Folha de São Paulo, da Globo,

Diário Catarinense... E pergunto pra eles se é certo o que estão lendo. Eles não conseguem diferenciar. Eu acho que é um problema bem sério. Eles não conseguem diferenciar quando tem um ponto de vista atrás das notícias, notícias muito simples. Eles não conseguem diferenciar machismo nas notícias. Não conseguem diferenciar racismo nas notícias. Não conseguem enxergar esse tipo de coisa. Então, seria muito legal falar que o bibliotecário tem que ser profissional, que sabe fazer muita coisa, mas não é verdade. Pra mim, eu acho, que se for um profissional que sabe pensar, que é crítico na informação e pode ajudar, de algum jeito não sei como... de algum jeito, as pessoas a se aproximarem da informação que precisam, ajudar a procurar as fontes mais ótimas pra essas pessoas, eu acho que só com isso já seria bastante feliz.

Questão 4 - E nesse sentido, então, o que que você faz pra que esse egresso se desenvolva ou saia do jeito que você espera? Em tua prática docente, o que dá pra fazer?

Ah, nas aulas dá pra fazer muitas atividades. Quase sempre, sem que muitas pessoas saibam, faço algum tipo de prática relacionada com machismo, feminismo nas aulas. Só para eles... simplesmente, abrir umas... umas práticas, abrir um Diário e perceber as fotos que tem um Diário, só fotos. Qual é o posicionamento de um homem e uma mulher dentro de Diário Brasileiro hoje? Não importa o dia, na verdade. É legal também. Eu não tenho que procurar um dia específico, qualquer dia. Dar uma olhada pra ver exatamente qual a forma de mostrar os homens, as formas de mostrar as mulheres. Qual é a forma de mostrar profissionais? Porque não é o mesmo que você ser profissional mulher ou homem. São duas coisas diferentes. Então, esse tipo de coisas, dá pra fazer! É... na disciplina de “Sociedade e Informação” que dá pra fazer um monte de coisas legais, a gente também... Tá, eles são obrigados a pensar. Nessa disciplina é a única que eles estão obrigados a pensar. Uma obrigação da disciplina! Então, eles têm que pensar coisas simples como o poder, por exemplo. O que é o poder? Aonde está o poder? Qual meu poder como professor? Que tipo de poderes... que tipo eles percebem que... que outras pessoas exercem? Desde os pais deles que obrigam eles a fazerem algumas coisas, passando pelo professor, o chefe... Pergunto pra eles se gostam de... de como as pessoas exercem o poder sobre eles. Dizem pra mim que não gostam muito. Então, pergunto pra eles também, como eles gostariam de exercer o poder? E é um problema muito sério, porque no fundo eles replicam as coisas que eles já experimentaram, porque acham que não existem mais. Bom, aí temos um pequeno problema, que... Tá, o que eu tento fazer pelo menos é que eles pensem um pouco. E atividades pra que pensem, pra que tenham que refletir. Esse ano fizemos uma atividade com racismo. Ficou super legal. Porque... aconteceu um problema nos Estados Unidos, mataram um... um homem negro. Na verdade, aconteceram vários problemas, mas esse em concreto, foi bem forte e foi também um dos... dos... desses... a partir desse momento, nasceu... não nasceu, mas se reforçou o movimento dos negros nos Estados Unidos. Um movimento mais forte, de união mais forte entre os negros dos Estados Unidos. Não só negros, mas movimento... movimento negro em geral. Foi bem legal, porque a gente procurou essa notícia no Diário, essa notícia falava que um... um homem negro é baleado, é assassinado, foi morto. Uma coisa assim, né? Mas eu gostei muito do conceito de “homem negro”, achei super legal. Então, esses dias... Esses dias pela manhã estava em casa, tomando café da manhã e a li a notícia no Diário Catarinense, eu acho foi. Pensei,

cara, um homem negro... Então, fui pra Globo e falavam de “um homem negro”. Ah, que legal. Fui pra Folha de São Paulo e falavam “um homem negro”. Achei super legal. E pensei: Tá, Brasil... mais de 51% da população que não é branca, não é branca, segundo as estatísticas. Como será que falam quando matam um negro aqui? Então, eu estive procurando e percebi...

Entrevistadora: Se fosse alguém diferente... Diferenciado?

Nunca se fala homem negro! Nunca se destaca a característica da cor da pele pra dizer que foi assassinado. Nunca! Se fala morador do bairro, se fala de um jeito sempre que não... você não vai saber se ele é negro, se ele é branco ou se ele é chinês! Nunca vai saber! Achei bem interessante! Os alunos tiveram muita dificuldade pra conseguir perceber que é sim uma forma de racismo.

Entrevistadora: O que eles é... tem algumas... eu orientei uma... uma aluna que ela fala um pouco da inserção da temática, né?, e cultura africana e afro-brasileira nos cursos de Biblioteconomia e ela aborda, né?, um dos conceitos é a questão da branquitude. Que é esse privilégio que nós temos de ser brancos e fazer esse tipo de coisa, né?

É uma maravilha ser branco!

Entrevistadora: E isso tem que ser abordado na...

Branco, homem, heterossexual...

Entrevistadora: Sim, né? Mas que legal que tem essa...

...e de alguma religião. São as pessoas que controlam o mundo.

Entrevistadora: E teve receptividade, né? Que você achou?

Olha, há pessoas que tem vontade de pensar e pessoas que não. Então, algumas pessoas pensaram. Ano passado fiz uma coisa parecida, algumas pessoas pensam e acham que é uma coisa legal e outras não.

Entrevistadora: Porque eles em biblioteca vão atender os negros, né?

Olha, é... Quase todos os anos falo também de uma prática que na verdade não faço porque não faço catalogação. Eu também não gosto muito de catalogação. Tenho que reconhecer esse tipo de coisa pra mim... eu não gosto muito. Perguntei para um grupo de alunos: - Se você tivesse uma biblioteca, não importa a biblioteca, pode ser uma biblioteca pública, assim, do bairro. Imagina que você tem uma pequena coleção... coleção de escritores negros, africanos, mas em concreto esses escritores negros e africanos são mulheres. Em que área você catalogaria isso?

Entrevistadora: Hum... Legal.

Aonde iriam? Iriam como escritores africanos? Seria bem interessante, não? E também dependendo do contexto, seria muito interessante. Imagina que você está numa comunidade que tem uma mulher nigeriana, por exemplo. Talvez, destacar o fato de ser nigeriana, de ser africano, seria útil dentro do contexto dessa comunidade. É... Você destacaria que são mulheres escritoras? Você destacaria que são escritoras negras em geral? O que você destacaria? A pessoa que cataloga tem esse poder também. Você pode escolher a entrada principal, como você escolhe é um problema seu, esses valores, mas você vai escolher. Você tem que pensar um

pouco como abordar esse tipo de coisa. Imaginamos que estamos numa comunidade que... tá... aqui nós temos alguns problemas com mulheres, não são tratadas como se fossem humanas.

Entrevistadora: Muitas!

Então, talvez se falarmos de uma... tá, uma biblioteca em geral, seria mais interessante destacar que são mulheres e negras. Primeiro, mulheres porque é um problema. E depois negros, porque também é um problema. Depois africanas, talvez. Porque temos um problema de racismo. São três coisas pelo preço de um.

Entrevistadora: Sim! Nossa!

Então, é uma coisa interessante para fazer também. Dá pra fazer!

Questão 5 - Legal! Então, a próxima pergunta já vai um pouco nesse sentido, né? Qual é a ênfase que você dá para aspectos éticos e políticos nas disciplinas que você aborda? Independente da disciplina, né? Mas na tua prática docente, na realidade, não precisa ser só na disciplina, né? Pode ser extensão, pesquisa, enfim! E tudo mais. Mas mais na disciplina, talvez, porque é aonde a gente tem mais... mais acesso aos alunos, né?

É que no fundo na pesquisa não dá pra fazer, né? Na pesquisa... Nas pesquisas que eu faço seria legal, às vezes, falar pra algum... lugares, né? A última que fiz foi sobre bibliotecas universitárias e é legal falar pra eles: - Olha, isso está errado! Mas não dá pra falar desse jeito!

Entrevistadora: Pode ter voluntários, né?, na pesquisa, alunos, mas são poucos... a gente... na aula, em sala de aula a gente abrange mais, né?

Tá, repete a pergunta outra vez. Pra pensar como...

Entrevistadora: Qual a ênfase que você dá nos aspectos éticos ou políticos, né?, referentes à prática do bibliotecário nas disciplinas que você ministra?

Uma das ideias é a provocação aos alunos. Tentar falar uma coisa que eles não esperam. Eu já comecei algumas palestras falando: Vocês gostam de bibliotecas? Eu, não! E começo a falar do profissional da informação, para que saibam... porque muitas pessoas pensam ainda que pra Biblioteconomia a única saída são bibliotecas. Não, tem mais coisas pra fazer na vida! Não é a única que você pode fazer. Se você gostar, é uma oportunidade maravilhosa pra você fazer uma coisa que você gosta, mas tem mais opções. Não é a única. Então, eu tento que eles pensem um pouco. Às vezes, falo coisas que até são um pouco contraditórias porque, no fundo, eu não quero que eles saibam o meu posicionamento. Eu quero que eles se... pensem um pouco.

Entrevistadora: Saiam da zona de conforto.

Ah. Que tentem pensar alguma coisa, né? Pra mim é muito fácil falar de racismo, porque sou branco. Então, não seria justo se falasse dos problemas que tem o negro, porque eu não sei exatamente os problemas que tem o negro. Imagina quantos problemas. Eu... Tá, sou parceiro mas essas coisas talvez eu escute mais essas pessoas que tem esse tipo de problema. Mas também eu não sei o que as pessoas sentem quando voltam pra casa putos da vida!

Entrevistadora: Não vivenciou isso.

Eu não vivencio isso. Se alguém me perguntar por xenofobia, eu posso comentar dentro do meu contexto. Também pensando que eu não sou haitiano. Os haitianos sofrem muito mais do que os europeus, brancos, heterossexuais que chegam aqui com um trabalho já... Não com um trabalho tem... tem um trabalho bom. Não o mesmo. Não é exatamente o mesmo. A minha ideia é que eles pensem. Então, eu tento posicionar, às vezes, pontos de vista que são opostos. Só pra fazer com que eles pensem. Não estão de acordo comigo? Pensem. Esse ano fizemos um desenho muito legal. Eu desenho muito mal. Muito, muito mal. Fizemos um desenho na aula... primeiras aulas de "Introdução à Ciência da Informação". Falei pra eles: - Olha, vamos fazer aqui um desenho como... como a gente vê nos desenhos animados. Como é um cientista? Vamos fazer um desenho aqui. Então, eu desenho, né? Então, vou fazendo a bolinha e a cabeça. Aí, eu falo pra eles: - Cara, mais do que a cabeça e a parte assim, de... da cintura pra cima não vou fazer porque eu desenho muito mal. Então, mais ou menos... a bolinha é a cabeça, né? Que tem? Tem óculos? Tem que ter óculos, né?, é um cientista. Que mais tem? Cabelo curto ou nanana? Ah, curto! No final quase sempre a gente chega a um homem que é o cientista. Ah, tudo... tudo deles. E eu falo pra eles: - É o que vocês falaram. Esse ano, uma moça falou: - Ah, professor, porque não é mulher? Ah! Eu faço como vocês quiserem. Eu estou aqui pra desenhar pra vocês. Quero que vocês desfrutem...

Entrevistadora: Olha só que interessante!

Mas é legal que as pessoas pensem, esse pequeno esforço. Dá pra dizer que a pessoa que falou, foi uma das poucas pessoas que passou na disciplina! Porque é uma das poucas pessoas que tinha vontade por pensar alguma coisa. Que um dos grandes "retos" pra nós, um dos grandes desafios que nós temos.

Questão 6 - E quais os valores éticos te motivam ou te influenciam pra você é... realizar a tua atuação como docente? No curso de Biblioteconomia, sempre pensando no contexto do curso de graduação em Biblio.

Não dá pra falar uma mentira. Que valores éticos?

Entrevistadora: Por exemplo, respeito, transparência, colaboratividade...

Ah, isso é educação, isso não são valores éticos, isso é educação básica. Isso pra mim, não são valores éticos. Um valor ético é uma coisa muito mais elaborada que isso, é educação básica.

Entrevistadora: Então, mas assim, a gente mistura um pouco com as nossas crenças, né? A gente tem, sei lá se pode chamar de crença ou de ideologias, né? A gente tem algo que move a gente, né? Se você busca que eles sejam pessoas críticas e que pensem mais, é porque no fundo tu tem algum valor que você achar que é ético no sentido que, isso que você acredita, você acredita que proporciona o bem de um coletivo. Então, se gera bem é ético, né? Então, assim, o que que te motiva...? Podemos falar...

Tá, uma coisa seria moral que está...

Entrevistadora: É, a moral taria no nível do comportamento, a ética taria avaliando esse comportamento, né?

Pra mim, a ética é na pessoa e a moral no contexto do coletivo, né?, vai estar...

Entrevistadora: Tá! Porque a moral, ela gera o que é bom, né? e a ética vê se esse bom gera o bem, né? Nesse sentido... Mas tudo bem, pode ser assim, mas que valores de comportamento, né?, que você... ou podem ser até morais, vamos dizer assim, que você acredita, que te move na tua prática?

Vou te falar o primeiro dia de aula, tenho um... power point assim, preparado com um mapa de... de onde que eu sou... falo um pouco de... de onde que eu venho também pra que eles saibam e contextualizo de onde que eu saio também. Porque também eu pergunto pra eles, um por um, né? de onde que vem ou o que eles gostam de fazer, mas coisas que eu tenho aí nesse power point, coisas fundamentais de... a gente fala de Universidade, fui pra um dicionário para ver o que significava Universidade e é uma característica de universal. Então, eu falo pra eles que se é universal a gente tem que estar abertos a diferentes línguas, ponto número um. Eu vejo, desse meu ponto de vista, tudo está muito focado no Brasil como se o Brasil fosse o mundo inteiro. E eu compreendo que a realidade brasileira, não é igual a de outros lugares, mas também eu acho que a gente tem que se abrir muito, o máximo possível, pra "roubar"... "roubar" o máximo possível dos outros e adaptar ao que você precisar. É bom pesquisar no Brasil, é bom fazer esse tipo de coisas, mas é bom saber o que acontece fora. Falo pra eles em línguas, que é muito importante tentar fazer coisas em outras línguas, depois falamos de algumas coisas, falamos de respeito. Não é aceitado nenhum tipo de falta de respeito a outras pessoas, pela cor dele, pela orientação sexual é... pelo gênero, por nada! Não é aceito nenhum tipo de coisa de falta de respeito. Baseado nisso, que no fundo isso pra mim, é educação simplesmente, é como desenvolvo as outras atividades. Atividades essas que algumas pessoas podem dizer que é uma ética, pra mim não é, é educação básica. É respeitar os outros. Simplesmente respeitar as outras pessoas e tudo mais.

Questão 7 - Legal! E no projeto pedagógico vigente, o atual, o que que você... ? Se você teve alguma participação nele e qual é o impacto independente da tua participação, se você teve ou não teve, qual é o possível impacto que você imagina que ele tem na sociedade, não no mercado de trabalho? Na sociedade como um todo.

Não participei muito. Não dá pra falar muito disso, porque eu não participei. Eu sei o que eu gostaria, mas não dá pra falar do projeto assim.

Entrevistadora: Você acha que esse impacto que ele tem... ele é um impacto positivo, negativo? Ele atende, não atende?

O projeto pedagógico é uma coisa que está no papel. As pessoas que fazem o projeto pedagógico funcionar somos nós professores. Então, você pode dar a mesma aula do que eu de um jeito completamente diferente. Não importa o que fala projeto pedagógico. Depende do professor. Depende da orientação do professor. Imagina que você é de direita, no fundo é impossível transmitir algumas coisas pra pessoas que você fala todos os dias. É impossível. Então, no meu caso, eu vou tentar transmitir alguns valores que são os adequados, não ser um "x", valor número um, que as pessoas, às vezes, esquecem. Racismo, xenofobia, são coisas que outros me diriam também. Se eu fosse muito da direita e eu não acreditasse, por exemplo, coisas de racismo e eu acreditasse que no Brasil não existe racismo, no fundo você vai passar isso para os alunos. Embora você não queira se expor, vai

passar isso para os alunos. Que vai fazer o projeto pedagógico na frente disso? Nada, né? É uma coisa que está no papel.

Entrevistadora: Mas assim, você teve alguma participação, não?
Não, muito pouco.

Entrevistadora: Mas de qualquer maneira, o projeto pedagógico... Eu concordo com você, mas de qualquer maneira ele é um discurso materializado, né?, consolidado, é um discurso de várias pessoas que... O colegiado que tá ali consolidou, consentiu pra ele tá ali. E de alguma forma, ele... tiraram o político, né? Que antes era o projeto político pedagógico, a nomenclatura.

Não sabia.

Entrevistadora: Ele na realidade, ele é um instrumento político na medida que ele direciona ou tem a intenção de direcionar a ação de um corpo docente que tá ali. Né? Assim, independente da participação ou não, ele foi consentido por um colegiado. Né? Se falasse que o comportamento, moral deve ser assim no projeto, teoricamente, o professor teria que seguir aquilo porque ele está no departamento. Que é regido por aquele projeto, né?

Tem que seguir.

Entrevistadora: E esse projeto pode ter um... ele tem um impacto na sociedade. Você acre... No projeto que existe, independente de você concordar ou não, qual é o impacto que você acha que ele terá na sociedade? O bibliotecário que vai ser formado por esse projeto, que vai ser educado teoricamente pela...

Olha, desse meu ponto de vista, o que eu gostaria é que o impacto fosse o menor possível.

Entrevistadora: E você acha que é grande? Você acha que é...

Desconheço exatamente. Não tenho ainda experiência pra isso se tem muito impacto.

Entrevistadora: Tá!

Mas eu acho que a gente tem que ensinar as pessoas a pensarem por elas mesmas. Projeto é só uma pequena coisa, pra mim é uma estrutura. Você vai escolhendo depois, eu escolhi o que eu queria fazer. Então, eu tinha uma base que era projeto... que no fundo são as disciplinas obrigatórias, né? O principal, na verdade. Porque depois eu escolhi tudo que eu queria escolher, coisas relacionadas com a tecnologia, coisas que realizam meus gostos.

Entrevistadora: Sim!

Fui me formando pra parte que eu queria. O projeto estava aqui. Eu estava aqui, às vezes.

Questão 8 - Posso fazer a próxima pergunta porque tem a ver com o que você tá falando? Que é a última que fala assim: Em que base o projeto pedagógico te serve pra você realizar a tua atuação como docente? Acho que é isso que você tava falando. Porque você pode escolher disciplinas, tem outras coisas que você não concorda.

Eu não acredito muito no âmbito... do treinamento das pessoas... Não, eu acho que tem que ter uma base fundamental. Se falamos em medicina tem que ter uma base que todo mundo... que as pessoas têm que conhecerem. Se falamos de Biblioteconomia, eu acho que não é igual. A gente tenta comparar um bibliotecário com um médico, às vezes, não é o mesmo. São coisas completamente diferentes. A labor, o trabalho do médico é muito mais importante, gostemos ou não. A gente pode concordar mais ou menos, não é o mesmo. O bibliotecário pode influenciar umas pessoas, com certeza, mas não vai salvar a vida de muitas pessoas. Talvez um bibliotecário no mundo salve a vida de uma pessoa, mas praticamente qualquer médico pode salvar a vida de uma pessoa. Então, não é o mesmo, não dá pra comparar. Eu gosto de pensar que meus alunos vão pensar um pouco o que eles querem, o que eles gostam e pra onde eles querem ir.

Entrevistadora: Vamos supor que...

Eu gostaria que fosse o mínimo possível o impacto do projeto. Por que eu gostaria que fossem... Olha, eu lembro a uns anos eu tinha um professor de Filosofia, era um... era um padre. Ele falava que não gostava dessa x da solidariedade. Solidariedade é uma palavra que é só da modinha, isso é caridade. É caridade. Ah, quando voltei na Espanha, um dia discutindo... não falando, discutindo com uns amigos falávamos que, essa parte política, às vezes, influencia muito também. (tosse). Não é o mesmo que ajudar uma pessoa. No ponto de vista de vista da caridade, eu tenho mil e vou te dar dez, porque sou muito bom. E vou te dar dez pra que você se sinta um pouco melhor. Não é o mesmo isso do que a solidariedade, embora seja a mesma quantidade. Porque do meu ponto de vista, a caridade envolve uma relação de poder, de eu sou melhor que você! Eu tenho mais que você.

Entrevistadora: De inferioridade e superioridade. É arrogante.

Isso aí! É um pouco do que eu tenho e vou te dar. Solidariedade pode ser até a mesma quantidade, exatamente igual, mas a forma de interagir com as pessoas é de igual para igual. Eu nunca esqueci desse cara, um professor de Filosofia e padre, meu deus. A gente teve que estudar Santo Agostinho pra mover... estudamos demais. Então, eu quero pensar que a gente na Universidade, professores na Universidade, o que fazemos é dar ferramentas para que as pessoas pensem. É o que eu gosto de pensar.

Entrevistadora: Se por exemplo, o projeto pedagógico que... ele invoca uma... uma atuação muito forte na tecnologia, que não há problema nenhum, que é muito necessário, mas que isso... esse enfoque total na tecnologia, ele acabe obscurecendo a dimensão que o professor tem que trabalhar, porque a tecnologia tá muito ligada com uma técnica. E o professor, às vezes, tá tão focado na tecnologia que ele esquece de dar com o que que elas têm que pensar. Né? O professor, ele tá tão focado em dar o como usar a tecnologia e não dá o porquê de pensar.

Será que acontece o contrário? Será que alguma vez aconteceu o contrário? Que o professor tava tão focado em ensinar outra coisa...

Entrevistadora: Então, nesse sentido no projeto pedagógico...

Que esqueceu a tecnologia e por isso a Biblioteconomia está tão atrasada?

Entrevistadora: Também... Estou dando um exemplo, nesse sentido o projeto pode estar direcionado pra isso. E você não concorda porque você acha que tem que ensinar a pensar, então nem sempre ele vai servir como base pra tua prática.

Em que parte o projeto pedagógico de nenhuma área... praticamente, de nenhuma área fala que você tem que ensinar a pensar as pessoas. Talvez em Filosofia, talvez. E não estou garantindo. Não estou garantindo. Mas nenhum lugar fala que você tem que ensinar a pensar as pessoas. É que o projeto pedagógico é uma coisa administrativa. É que, no fundo, é uma coisa administrativa. Aqui eu sei que nós gostamos muito da burocracia. A burocracia só funciona quando é, no mínimo, imprescindível. Quando passa o mínimo imprescindível, é uma máquina que atrapalha as pessoas. Compreendo que tem que ter um mínimo, mas tem que ser o mínimo. E no projeto pedagógico, você não pode contemplar professores que são de esquerda, de direita, professores que são machistas, professores que são "[...]", isso não entra no projeto pedagógico. Imagina que todas as suas perguntas de projeto pedagógico é pra tentar ver se os professores são "[...]", não dá pra saber no projeto pedagógico. É impossível absolutamente saber, porque depende das pessoas.

Entrevistadora: Huhum! Sim!

Professores que ensinam tecnologia, eu adoro tecnologia. Eu ensino o máximo que posso tecnologia, utilizando as ferramentas colaborativas, utilizamos... numa disciplina utilizamos hashtag durante todo o semestre pra... pra ensinar coisas. Até a disciplina de "Sociedade e Informação" podia ter focado exclusivamente na tecnologia. Sem problema nenhum. É meu problema lembrar pra eles que a tecnologia tem uma parte boa e uma parte que... que é ainda melhor. Porque a tecnologia é maravilhosa, faz que pessoas, por exemplo, lembro quando eu era criança que falavam que a tecnologia isolava as pessoas. A tecnologia hoje faz com que pessoas que estão isoladas, possam estar junto com sua família, por exemplo. Vai reclamar da tecnologia? A tecnologia faz com que pessoas se conheçam. Tinder! Sempre falo do Tinder, todos os anos em um ponto eu falo do Tinder, que é tecnologia que faz com que pessoas se conheçam. Qual é o problema disso? Há pessoas que acham que isso é muito ruim porque é tecnologia, não dá pra falar disso, não dá pra... Olha, não concordo com isso.

Entrevistadora: Eu acho que faz parte do momento no nosso... que a gente vive com a mediação tecnológica, não tem como... Eu acho que só a questão é que, às vezes, gente foca muito no como utilizar, a gente ensina muito o como utilizar a tecnologia e a gente deveria ensinar também, além do como, o por quê eu utilizou essa tecnologia, ou por quê, eu dentro de tantas, eu posso escolher essa. Aí é uma dimensão... a minha crítica única é essa. Né? Se eu fico... O exemplo que você deu tá perfeito, a catalogação também é uma tecnologia, né? O homem quando vivia na caverna e fazia o fogo ali na pedrinha era uma tecnologia, sempre...

Tudo é tecnologia...

Entrevistadora: Não é? Então, assim, em vez de só ensinar a catalogação se eu for ensinar como eu vou catalogar, né?, uma mulher negra e nanana... Via, então, do por quê, né?

Você acha... Vamos pensar nas velhinhas da Biblioteconomia brasileira, essas grandes mentes... mulheres quase todas, que são as grandes da Biblioteconomia, que todo mundo fala como se fossem um máximo do universo. E é

certo dentro desse contexto, é o máximo que existe. Você acha que quando elas ensinam tecnologia, ensinavam isso? Quando el... elas ensinavam catalogação, mas vocês ensinavam... Você acha que? E elas são as que mais falam contra a tecnologia, sabe por quê? Porque não há tecnologias que elas controlam. Porque a tecnologia sobrepassou elas. Que é lógico, também. Vai uma hora que a tecnologia vai sobrepassar a mim também. Mas esse tipo de pessoas são as que mais reclamam contra a tecnologia. Eu fico um pouco triste e olhando pra elas pensando: - Cara, que vida triste. Que vida triste é essa aí. Porque você só ensina tecnologia, só que com o nome de catalogação, com o nome de classificação e agora você fala que eu sou muito tecnológico por ter um computador na minha frente. Não será que o meu computador ajuda na sua catalogação?

Entrevistadora: *É... Porque eu acho que tira um pouco essas pessoas da... da segurança delas, né? Estudaram tanto uma coisa e mudou. Agora, quer dizer, a pessoa tem que se atualizar também.*

A Biblioteconomia é muito blábláblá...

Questão 9 - *Você quer falar mais alguma coisa com relação a todas as questões que a gente conversou? Tem alguma...*

Não.

Entrevistadora: *Eu agradeço!*

ENTREVISTA 14

Questão 1 - *Dentro da tua concepção, pra que que existe bibliotecário?*

O bibliotecário, ele existe pra atender as demandas de informação, sejam essas demandas voltadas pra organização, pro acesso, para as oportunidades, então o bibliotecário existe pra dar conta de reunir esses elementos que eu acabei de falar e, de modo a proporcionar um bem pra sociedade.

Questão 2 - *Vou até pular a segunda questão que era que demandas esse profissional deve atender. Então, queres falar alguma coisa a mais sobre isso?*

Não, não, eu penso que é isso!

Questão 3 - *E com base na tua prática como docente, o que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?*

Eu espero um olhar, não pra uma sociedade que já existe, que está colocada, mas eu espero que um... um olhar, uma atenção, um zelo para aqueles que estão fora da sociedade, aqueles que ainda não foram atendidos pelas tais demandas que estão presentes na sociedade da informação.

Questão 4 - *E como você realiza a tua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso dentro do que você... da expectativa que ele se torne?*

Que ele tenha um olhar tanto pra aquelas demandas que são as demandas do profissional da informação, ou seja, os usuários de bibliotecas, os usuários de empresas, os clientes de empresas, os que vão necessitar de informação, mas também para aqueles que, ainda não apresentaram suas necessidades ou nem sequer sabem muito bem quais são as suas necessidades de informação. Então, eu tenho procurado agir e conscientizá-los que eles precisam atender as demandas da sociedade, mas se deixar de lado aqueles que não tem acesso, ou seja, as populações vulneráveis e as minorias sociais. Eu penso que, conscientizá-los disso e mostrar exemplos e desenvolver atividades como eu já fiz em algumas disciplinas pras populações vulneráveis. Eu leciono quatro disciplinas e em duas delas nós fizemos atividades voltadas às necessidades de informação de populações vulneráveis e de minorias sociais. Então, eu penso que conscientizá-los é o primeiro passo pra que eles mudem a atitude e o modo como vão enxergar essa sociedade e essas demandas que a sociedade pode ter com relação à informação.

Questão 5 - E... E que ênfase que você dá na abordagem dos aspectos éticos e políticos, referente à prática bibliotecária, nas disciplinas que você ministra?

Com relação à ética, eu procuro enfatizar o uso rigoroso da informação, principalmente, com relação às fontes de informação fidedignas e... também a indicação das autorias dessas fontes de informação. Também com relação à postura e às atitudes perante aos colegas de sala de aula e, por consequência, seus colegas de trabalho que no futuro eles vão trabalhar nas empresas, nas bibliotecas, em outras entidades quaisquer. Então, as posturas, as atitudes e também, eu procuro levá-los a refletir, a ter posicionamentos sobre tudo aquilo que eles veem e que lhes é apresentado. Então, apresento alguma coisa e, às vezes, até apresento alguma coisa equivocada e pergunto: - Vocês concordam? E quando eu vejo que a maioria concorda e que não perceberam que aquilo é uma coisa totalmente equivocada eu chamo a atenção e digo: - Não, isso não pode ser assim! Então, mostro alguns casos e procuro... Tenho trazido poucos casos ainda, eu penso que eu posso enfatizar mais isso nas disciplinas com estudos de caso. Determinados problemas, mesmo que sejam hipotéticos trazê-los à baila pra que eles possam, a partir desse problema, tomar atitudes, discutir individualmente ou em grupo e isso pode mudar o posicionamento deles. Então, esse conjunto vai levá-los a uma reflexão sobre a situação em si e essa reflexão e essa postura crítica a... que vai acontecer diante dessa situação vão mudar a atitude. Eu penso que isso será positivo depois num mercado de trabalho, no mundo do trabalho.

Questão 6 - Com certeza! E... Quais os valores éticos que te motivam ou te influenciam pra você realizar a tua atuação como docente no curso de Biblioteconomia também?

A responsabilidade, a... a responsabilidade, o que mais? A própria postura pessoal, a atitude com relação aos meus colegas e aos alunos, né? A postura em sala de aula, o uso de determinados aspectos de autoridade e formação a... a posição do professor e do aluno em sala de aula pra que a gente possa ter um relacionamento adequado entre aluno e professor. Então, eu penso que quando eles forem pro mundo do trabalho também haverá hierarquias, eles precisam saber que isso existe a... a minha participação em entidades de classe enquanto registrada, eu sei que ainda não atuam de forma ativa como deveriam, mas levo as entidades na sala de aula, procuro levar representantes da ACB e CRB pra que eles vejam como

isso é importante, esse associativismo é importante. Então, eu mostro pra eles essa importância, talvez não pelo meu exemplo, eu sou registrada mas não tenho uma atuação tão... ahm... vamos dizer forte como deveria, talvez, mas até assumo isso perante eles e digo que eles podem fazer diferente e por isso levo... eu sempre levo a ACB e CRB nas turmas pra que eles possam ter essa visão de como está, que eles podem se associar e as vantagens que tem e tudo mais. E procuro, ahm... também disseminar essa cultura deles se envolverem na sociedade, se envolverem e tomarem posturas, não ficarem em cima do muro. Tomarem atitudes, né?, se posicionarem e não aceitarem aquilo que veem. Sempre terem uma... refletirem antes de aceitarem qualquer tipo de decisão.

Questão 7 - Huhum! Beleza! E que tipo de participação que você teve no projeto pedagógico vigente do curso de Biblioteconomia? E qual avaliação que você faz ou possível avaliação do impacto que esse projeto pedagógico tem pra sociedade?

Bem, o projeto pedagógico aqui do curso ele é de 2005 e eu ingressei no ano de 2006. Então, é a última revisão curricular que nós temos. Houve uma revisão recente agora onde nós temos um núcleo comum de quatro... três anos, se não me falha a memória, que é de quando eu estava no pós-doutorado. Então, eu não participei também desse processo. Quando eu retornei, por exemplo, já existia o núcleo comum, já existiam, inclusive, disciplinas que foram revisadas e que eu não participei dessa revisão. Não que não houvesse acontecido reuniões anteriores. Como essas reuniões figuravam no... na... no colegiado do curso e eu agora faço parte do colegiado teve momentos que sim, momentos não, as representações trocam... Quando estamos nas reuniões de colegiado participamos mais. Outra coisa também, é do Núcleo Docente Estruturante que fa... que participa dessas revisões e eu participei numa época em que não havia essas revisões. Havia outras atividades. Então, essa minha participação, ela tá limitada em termos de projeto.

Entrevistadora: Mas o vigente é esse de agora do Núcleo Estruturante?

É... Que tem o núcleo comum. É o que tá mais vigente, né? Que agora tem três cursos e tem um núcleo comum. Então, houve uma mudança curricular aí, né? E essa mudança implicou em código de disciplinas e disciplinas, por exemplo, de catalogação que é o que eu leciono que se dividiu. Então... Inclusive tem disciplinas novas que vou ter que me preparar justamente por não ter participado dessa mudança, né? Eu vou ter que me adequar a essa... eu tenho um programa e eu tenho que elaborar um plano de ensino pro próximo semestre, por exemplo. Isso vai acontecer. Não só comigo, com vários professores. Disciplinas novas. Mas eu penso que pela análise que eu fiz desse núcleo em comum e das disciplinas, eu penso que foi uma tacada, assim, de mestre. Eu penso que foi uma... Quando eu estava fora e eu vi a mudança eu tive um pouco de receio, eu pensei: - Poxa, será que isso vai dar certo? Mas quando eu regresssei, eu comecei a ver os conteúdos e as disciplinas em si, a matriz curricular me pareceu muito boa e, inclusive, muito inovadora, com disciplinas de "Tutoria acadêmica", disciplinas de "Sociedade da Informação", que inclusive outros alunos de outros cursos vem fazer, porque a nossa... nós depois que fechamos a inscrição dos nossos é aberta pra toda a comunidade, qualquer aluno pode se inscrever. Isso deixou um espaço muito bom pra troca dentro da sala de aula pra interdisciplinaridade, por exemplo, eu tive agora seis ou... seis alunos de Administração na disciplina de "Sociedade da Informação" junto com os alunos da Arquivologia.

Entrevistadora: Olha só que importante, né?

Então, isso deu uma... uma conexão interessante, uma mistura boa ali, né? Então eu penso que... É lógico que tem que ser feito uma avaliação posterior, mas ideia e o que eu tenho visto até agora dessa mudança curricular e dessa proposta pedagógica que tá aí, né? Eu penso que ela tem um futuro muito promissor, porque permite que os alunos façam em alguns anos disciplinas comum, se misturem e depois cada um segue o seu caminho. Seja na Ciência da Informação, seja na Biblioteconomia ou seja na... na Arquivologia. Tenho um pouco de receio, talvez por não ter participado da criação do curso de Ciência da Informação, tenho um pouco de receio com relação ao espaço de trabalho. É só uma preocupação, mas só porque não participei da criação do curso, então eu fico pensando: - Como será depois pra eles se registrarem? Como ficará isso depois no mundo do trabalho? Porque Arquivologia e Biblioteconomia no Brasil são carreiras sólidas, já tem registro e tudo mais. Então, só penso... Fico preocupada um pouquinho com essa questão... burocrática, talvez, como é que vai acontecer isso no futuro. Só isso, mas a mudança em si foi muito boa.

Entrevistadora: E assim, esse impacto desse... no caso só da Biblioteconomia, né?, desse projeto pra sociedade, porque o egresso vai sair formado segundo o direcionamento desse projeto e você imagina, assim, o impacto disso?

Imagino. Imagino porque as disciplinas de base, essas do núcleo comum, elas dão uma formação pra... uma formação mais reflexiva. Elas levam a uma reflexão maior. As disciplinas, elas auxiliam na base, na formação técnica, então dão uma base mais sólida e ao mesmo tempo encaminham pra... pra que os alunos façam reflexões diante da sociedade da informação. Então, eu penso que quando eles chegarem nas disciplinas seguintes, eles já vão ter um posicionamento melhor. Essa base, eu penso que ela pode ser uma base muito sólida e boa pra formação e pro mundo do trabalho. Pro aluno da Biblioteconomia, penso que sim.

Questão 8 - E a última pergunta: Em que sentido o projeto pedagógico, ele te serve como base pra realizar a tua atuação como docente?

Eu observo o perfil acadêmico. O que que se espera do aluno no futuro? Tanto que o que se espera do aluno do futuro, eu... eu tento... eu não tento transferir, eu tento adequar pra os objetivos da disciplina, pros objetivos das aulas. Então, se se pensa que tem que ter um aluno proativo então essas atitudes em sala de aula a gente têm que trazer e fazer com que isso se concretize, por exemplo, em atividades... Se ele tem que aprender a trabalhar em grupo porque lá no futuro ele vai trabalhar numa empresa então, na sala de aula, nós temos que ter atividades de grupos, né? Também temos que ter atividades individuais que demonstrem a responsabilidade do aluno... Então, na realidade como existe um perfil esperado dele depois... quando ele termina o curso, o pedagógico aponta o que se espera do aluno no mundo do trabalho. Então, eu penso que essa parte final ali, à medida que eu vou agregando nas práticas em sala de aula, eu auxilio e contribuo com essa... essa prospecção, né?, de futuro dele ali. Tento fazer essa vinculação do que se espera do aluno depois e isso, então, eu tenho que trazer pra sala de aula pra que ele depois possa ter, possa desenvolver, não ter, né?, desenvolver!

Questão 9 - Que legal! É... Você quer deixar... comentar alguma coisa em relação a tudo que a gente conversou? Fique à vontade!

Eu penso que talvez a única lacuna que ainda me falta, inclusive, de estudos e de formação mesmo que... agora é algo que eu estou começando a me envolver e me aprofundar são leituras sobre ética. Me aprofundar sobre o sentido da ética na Filosofia. Então, à medida que eu conseguir me aprofundar sobre o sentido da ética no âmbito da Filosofia, o que ela significa, eu posso fazer com que isso realmente aconteça mais em sala de aula. A própria dimensão política também, mas eu penso que a dimensão ética ainda me é... eu sou um pouco carente com relação aos estudos sobre essa área. Preciso aprender muito. Acho uma área espinhosa em termos de teoria e de conceituação que eu preciso aprender. Minha formação acadêmica foi muito técnica e depois a própria... a própria... a profissão em si, a minha docência foi uma docência voltada para o trabalho, não para a reflexão. Então, fazer com que isso realmente aconteça em sala de aula é um exercício bem... bem interessante porque eu ainda sinto que me faltam leituras sobre esse assunto. Preciso me aprofundar mais. (risos).

Entrevistadora: Obrigada!

Nada!

ENTREVISTA 15

Questão 1 - Na tua concepção, pra que que existe o bibliotecário?

Olha, eu vejo o bibliotecário muito além da... ahm... atividade de atuação dentro de uma unidade de informação, né? Eu vejo que assim, as competências que ele desenvolve ao longo da... das disciplinas que tem na Universidade, é... Podem preparar esse profissional para atuar em vários campos, seja em instituições privadas, é... sejam com projetos de pesquisa voltando mais pra minha área de inovação, assim, eu vejo o quanto o bibliotecário pode contribuir dentro de um projeto de inovação, sabe? Organizar toda a informação que existe dentro de um projeto, no desenvolvimento de um produto, então eu vejo muito mais além do que as funções mais tradicionais, né?, dentro desse profissional, assim. É... mas eu acho que o bibliotecário tá tendo um papel muito importante na sociedade.

Questão 2 - E quais as demandas que você acha que ele deve atender?

Ahm... Olha, nessa parte de organização, né?, de informação! Eu que acho o bibliotecário tem uma... um papel aí importante, ahm, e não só... E também essa demanda também, na... na... nas bibliotecas escolares, acho que esse é o papel fundamental, mostrar, né?, que a biblioteca não é um lugar de depósito de livros, né? A biblioteca não tá lá por acaso, né? Que ela tem um papel fundamental. Então, eu acho que esse caráter dentro da educação, né? Seja educação básica, mas também um caráter mais aplicável na prática, com instituições, né?, privadas ou públicas. Então, eu acho que essa é uma demanda... são dois... eu separaria, assim, como duas categorias principais.

Questão 3 - Ah, legal! E com base na tua prática profissional como docente, né? O que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia? A entrevista vai ser só focada no curso de graduação de Biblioteconomia.

Tá! Aham! É... Bom, eu tenho disciplinas mais na área de gestão, né? E... pra mim assim, acho que um contributo muito grande seria ver esses profissionais atuando é... melhorando o seu ambiente, a performance do ambiente que eles estudam, daí no caso uma unidade de informação, né? Com essas ferramentas, essas discussões que eles têm na prática, né? Um novo olhar porque... o que eu tenho visto é que os alunos de... voltando pras disciplinas que eu tenho, mais na parte de gestão, tem muito esse olhar de que: - Ai, não gosto de gestão! Mas que eles pudessem olhar essas ferramentas como algo que pode ajudar a atuação deles, mostrar uma mais valia nessa atuação que eles vão desenvolver. E eu acho que também, enquanto assim, caráter de... de trajetória que essas pessoas têm de olhar: - Ah, eu vou prestar concurso, né? Então, eu acho que o profissional tendo essas disciplinas e tendo uma visão desse amplo campo de trabalho ao longo do curso, acho que eles poderiam ser mais empreendedores, né? Acho que essa é uma grande... Acho que é uma atuação do futuro pro bibliotecário, né? Ver o quanto ele pode se inserir em vários contextos, né? A gente sabe que tem, às vezes, alguns pré-conceitos, né? Digo assim, pré-conceitos mesmo e as pessoas acharem: Ah, tem que ter formação nisso ou naquilo... Mas eu acho que esse olhar, assim, do quanto o bibliotecário pode contribuir... E aí isso faz dele um ser livre, né?, pra trilhar seu próprio caminho mesmo, empreender!

Questão 4 - Então, assim, é... Como você realiza a tua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso, dentro do que você espera que ele saia?

Huhum! É... assim, aqui na... Comecei recentemente, né? Então, é uma prática que eu tenho visto, que eu acho que ainda a gente tem muito pra percorrer é o campo da empresa júnior, né? Que assim: eles têm um... por enquanto, não estão com projetos, mas à medida que vai surgindo projetos, a gente vai ter a necessidade daquelas pessoas que tão se formando aqui. Então, assim, a nossa expertise que saiu da Universidade, eu acho que é uma grande... uma grande aproximação que a gente tem. São os que a gente já conhece, então, a possibilidade de conversar com eles e ver: - Olha, pode entrar em projetos, né? É... paga o terceirizado, né?, mas assim, eu acho que essa é uma atuação que... que tá dentro da Universidade e que demanda o que tá saindo, né? Então, eu acho que esse contato aqui com os egressos é fundamental! E também indicações, né? Às vezes, ao longo da... Volta e meia alguém liga pra pedir: - Ai, a gente tá aqui com uma demanda... Às vezes, a empresa júnior não consegue atender por questões legais, mas a gente pode indicar esses alunos, né?

Entrevistadora: Huhum! Entendi! Tá!

Eu acho que essas ações assim e também ações que a gente vai desenvolvendo por meio de projetos de extensão, né? Que aí, acho que há necessidade de pedir pra essas pessoas mesmo: - Olha, se aproximem de nós, né? E a gente tá com o olhar também pra quem tá no mercado, né? Alguns alunos aqui na Universidade já, é... apesar de poucas experiências, mas já tem vindo essa prática assim de colocar seu próprio negócio, de ter uma empresa, então... continua num vínculo muito próximo, né?, com professores daqui e que, às vezes, até

indicam pra trabalhos, né? Então, e/ou pegam essas demandas que a gente não consegue atender, né? Então, acho que isso é interessante.

Questão 5 - Legal! E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos nas disciplinas... relativo à prática bibliotecária, nas disciplinas que você ministra? Independente das...

Huum. É, assim... essa questão apesar de não tá diretamente ligada, mas a gente acaba sempre tocando nesse ponto, né? É, no caso da gestão, ah... você... como é que você conduz um processo, né? é... Que questões legais existem dentro desse processo? Como é que eu vou trabalhar como instituições de diferentes... de diferentes... de natureza diferente, né? Então, como que eu me comporto... a informação, né, que é sigilosa? Que é estratégica pra a instituição. Como é que eu trabalho isso de uma forma que eu possa promover essa ideia, né? Essa... possa promover essa informação, mas que eu também salvaguarda a... o termo, né?, que eu tenho com a instituição. Não posso liberar toda a informação, né? Se as informações são sigilosas, mas também como eu posso fazer a difusão dessa informação? Então, essas questões a gente acaba tocando também... é... Em termos também de estudos de usuário, né? Isso me lembrou muito, né? A gente trabalhou bastante essa questão, né? Até que ponto... E aqui a gente tem alguns instrumentos na tua pesquisa, né? Então, também passar isso pros alunos: - Olha, estudo de usuários é um instrumento interessante, mas de que forma você aborda isso, né? Que também não vá ferir a... a privacidade das pessoas, né? Da instituição... Então, dentro de um regimento, né? Como é que você faz isso?

Questão 6 - E... Quais os valores éticos que te motivam ou te influenciam pra você realizar a tua prática como docente no curso de Biblioteconomia?

Ahm... Primeiro, eu acho que clareza, né? No teu processo, né? É... Ser transparente e o mais fiel possível àquela instituição que você tá representando, né? Então, você vai aplicar prática de gestão, eu sempre digo: - Olha, você tem... na verdade, você tem que seguir a... digamos, o planejamento, né?, que a instituição rege, mas também sempre cuidando com essas questões de... ahm... fugiu a palavra... mas cuidando com questões que você vá promover coisas novas, né? Dar... ter iniciativas novas, né? Mas até que ponto que isso não... não interfere no planejamento central da instituição, então... é... Tô voltando muito pra gestão, né?, mas as questões mais éticas dentro do... seguir os valores da instituição, né? Então, a gente trabalha isso lá na missão, visão, valores da instituição, né? Pra que os alunos também sigam. É claro, que enquanto profissionais, eles vão desenvolvendo também valores éticos, né?, na sua profissão, né? Mas você representar uma instituição que já tem os seus valores, eu acho que você vai conduzindo um processo com base nesses valores, né?

Questão 7 - E... que tipo de participação você teve no projeto pedagógico atual e vigente do curso de Biblioteconomia, né? E qual a avaliação que você faz do impacto desse projeto para a sociedade?

Bom, eu não tive participação porque eu entrei em maio, né? Foi bem recente, mas assim, olhando a... hoje a estrutura do curso, né? Eu olhei um pouco o histórico, ele sofreu algumas alterações... alterações importantes, eu acho, que não só pro departamento, mas também pros novos ingressantes no curso, né?, de Biblio. É... Olhando pra estrutura como tá agora, eu acho que a gente deu um grande

avanço, né? Colocando disciplinas, né? A gente tem disciplina de ética, tem disciplina de empreendedorismo, ahm... Então, eu acho que essas disciplinas também trazem uma contribuição maior também pra visão que a Biblioteconomia pode trazer pra... pra sociedade, né? Então, eu acho que esse novo olhar, né? Se a gente tinha antes, uma ideia de que as pessoas entravam no curso de Biblioteconomia: - Ah, quero ser bibliotecário pra trabalhar numa biblioteca, né? Ou aquela visão errônea, né?, da sociedade achar que o bibliotecário é a pessoa que fica ali, né?, guardando livro... Então, eu acho que a construção de currículos atualizados, né?, com disciplinas e temáticas atuais também ajuda pra essa imagem, né?, da... desse profissional, da importância desse profissional na sociedade.

Questão 8 - Com certeza! E em que sentido que esse projeto, ele te serve como base pra você realizar tuas ações docentes?

O novo projeto?

Entrevistadora: É.

Ahm... Bom, como eu tô com disciplinas que aí se encaixam nessa categoria que eu coloquei, né? Por exemplo, o caso de empreendedorismo, isso me dá uma... assim... é muito motivador, assim, pra mim. Ter uma disciplina que traz temáticas diferentes, que é uma disciplina de primeiro semestre que tenta abrir a cabeça do aluno, né? Assim, pra dizer que: - Olha, empreendedorismo não é só abrir um novo negócio. Você tem "n" possibilidades e trazendo isso pro campo da... da Biblioteconomia, da Ciência da Informação, mostrando pra ele que: - Olha, você pode também inovar e fazer coisas diferentes na profissão que você tá escolhendo, né? No campo de estudos que você escolheu. Então, eu acho que essa... Por meio desse caminho, aí, que eu vejo a possibilidade, né? Daí, eu já engato junto com a minha atuação dentro da empresa júnior, já vou fazendo ações integradas, assim, né? Mas eu acho que é... me centro nisso.

Questão 9 - Tá bom! Obrigada! E em relação a tudo que a gente falou você quer falar mais alguma coisa? Fique à vontade!

Ai, eu só quero dizer que eu achei muito legal essa temática. Ontem quando você me falou, eu fiquei... eu voltei pra casa pensando muito nisso, né? Da importância da gente colocar isso em pesquisas, né?, empíricas, né? Essa é a importância de ouvir e conversar, trocar ideias também com as pessoas, né? Acho que essa pesquisa, vai trazer aqui um novo ar para esse ambiente, né?, da Biblioteconomia, que tá se redesenhando, né? Eu tô entrando agora nessa... nessa área, mas eu vejo assim, que... o quanto tem pra crescer, o quanto tá evoluindo, né? E sangue novo, a gente vai fazendo, né? (risos) muitas pesquisas interessantes.

Entrevistadora: Tá bom! Obrigada!

ENTREVISTA 16

Questão 1 - Na tua concepção, pra que que existe o bibliotecário?
Pensar bem, deixa eu formular...

Entrevistadora: Fica à vontade!

É... É uma das vertentes que vai trabalhar com essa organização da informação, principalmente, a informação registrada. Então, no âmbito das publicações, livros, né?, mas não só. Assim, como também é... a informação oral e hoje, o bibliotecário também tá atuando, então, em Centros de Memória, em arquivos, em diferentes unidades, mas a sua função principal, eu creio que seja o tratamento, organização e disponibilização da informação registrada nos diferentes meios.

Questão 2 - E que demandas você acha que ele deve atender?

Ele é a grande ponte, né? Entre o usuário, comunidade e a informação. Então, esses... os centros, seja uma biblioteca, seja qual for o tamanho, seja uma unidade informacional numa empresa, numa escola, é... é ele que vai fazer essa ponte de mediação da informação institucional, social... com o seu público-alvo, né? Acredito que sempre você tem uma comunidade que é mais específica, não é só pra aquela comunidade, mas sempre tem uma comunidade que é mais voltada, né?, que você tá atendendo.

Questão 3 - E com base na tua prática profissional como docente, no caso, o que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

É... A gente sempre espera que esse egresso possa ser aquele profissional completo, né? Então, é esse, talvez, um pouco das nossas expectativas e esperanças... E não só esperança, né? Eu creio que a gente trabalha muito em prol disso ao longo da... de uma graduação. Então, você quer aquele profissional que possa atender tecnicamente, né?, eticamente... Então, é... é um rol de... de conteúdos, de práticas, né?, que você espera desse egresso. Que ele possa ser atuante nessa sociedade, né?, que nós temos hoje. Então, não é só uma atuação é... técnica, mas é política e social. Então, você espera que esse estudante saia, né?, da Universidade com o mínimo de formação, né?, pra tá atuando.

Questão 4 - Ok! E, assim, como você realiza a tua prática docente, então, pra atender o desenvolvimento desse egresso?

É... Nós temos, então, diferentes conteúdos dependendo da... da disciplina. Considero como fundamental essa ponte que você faz com a realidade de cada estudante, né? E com uma conjuntura social, né? Não adianta falarmos também só de um contexto de vivência dele, mas trazer, né?, os diferentes contextos dos estudantes e trabalhar em sala de aula. Seja problemas políticos, né? Seja noticiários que você tá vendo, problemas cotidianos da nossa sociedade, então, esses pontos são fundamentais, principalmente, quando se trabalha no âmbito da Ciência da Informação, né?, Arquivologia, Biblioteconomia, o próprio curso de Ciência da Informação. Então, você tem essa demanda de que o aluno consiga visualizar onde ele está, né?, pra conseguir que aquele conteúdo tenha uma relação maior, né?, um significado maior pra ele. Então, assim, eu tenho muita preocupação com a atuação deles fora. Então, eu busco é... desenvolver algumas atividades

práticas, inclusive visitas, né? Algumas, dependendo da disciplina, é possível, né?, irmos em determinados lugares juntos é... E depois trazer isso pra sala de aula, pra discutir, né?, pra conversar bastante a respeito dessas questões. Considero bem... bem válido e como um dos meios, né?, um dos canais possíveis, então.

Questão 5 - Ah, que ótimo! E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos, referente à prática bibliotecária, nas disciplinas que você ministra? Independente da disciplina.

Uhum, é... Uma das questões, talvez, né? Que eu trabalho mais seja a questão do sigilo, né? A gente trabalha muito com essa questão do sigilo, então, isso exige uma postura ética, exige... né? Não só por imposição de uma lei, mas são preocupações, né?, que precisam estar presentes. Então, no cotidiano daquele profissional que tá em contato com diferentes... né? é... com diferentes informações, né?, que demandam sigilo. Algumas vezes não é só por demanda de lei, né?, mas por demandas do cotidiano, da relação é... com os usuários, né?, da relação com a própria pesquisa, né?, desses usuários que podem tá usando essas unidades de informação. Então, são algumas das questões, assim, que eu tenho bastante preocupação e com a própria... prática até de um simples guardar uma informação, né? Então, isso também exige uma relação, né?, de consciência, de ética, né?, com quem você vai trabalhar, com seus pares e porque se uma pessoa guarda uma informação errada, a recuperação dela vai ser muito mais difícil e isso... é... envolve não só a pessoa que tá trabalhando direto, mas outras... né? Então, envolve a pessoa da limpeza, envolve os seguranças, que são pessoas que tão circulando por ali. Então, são todas as pessoas, né?, dessa comunidade interna que precisam ter essa consciência, né?, de como tratar essa informação, como... Qual é o valor disso, né?, pra aquela unidade. Então, é... é uma das questões que o... o bibliotecário, o cientista da informação precisa estar atento também, como que ele vai tá atuando e formando esses pares que ele vai tá trabalhando, né?

Questão 6 - Perfeito! E quais os valores éticos que te motivam ou te influenciam pra você realizar a tua prática como docente?

Eu não sei se seriam dentro de uma categoria ética só, né? Acho que é um rol, né? É... Então, primeira questão seria talvez o respeito ao próximo, mas que aí ela não tá só imbuída de um valor ético profissional, né? É uma questão de valor de vida, é... mas volt... pensando em algumas questões, né?, mais é... seria com relação à postura, né?, em sala de aula. Postura fora enquanto pesquisadora, como que você vai tá tratando, como que você vai tá... né?, passando um conteúdo e isso vai interferir é... no seu tom de voz, né?, é... no seu próprio corpo, como que você responde, né?, às expectativas. E eu acredito que o docente hoje seja desafiado cada dia mais, né? Você tem um conjunto que é difícil, às vezes, dessa relação estudante-docente, né?, que muitas vezes você já não tem mais o respeito que você desejaria ter, né? é... E que você tem que trabalhar com essas questões e formá-los também, né?, mostrando que o profissional, né?, tem que ter uma postura sim, uma linguagem, né?, na forma de se colocar, nas justificativas. E eu procuro trazer isso pra minha vida, né? Então, quando eu tô corrigindo uma prova, quando eu estou conversando com esse aluno. Então, como que eu vou falar, né? Uma outra questão é a adequação de linguagem, né? Eu acho que ela precisa tá presente também, que é uma relação ética, né?, com quem eu tô falando. Então, quem é o meu usuário naquele momento? Então, né? E dentro da Universidade você não recebe só o

estudante, você recebe, muitas vezes, os pais, né? E outras pessoas que tem interesse em conhecer, né?, alguma informação, mas que tá distante. Então, tudo isso exige de você algumas posturas e uma adequação, né?, nesses... diferenciada. Eu não sei se eu respondi?

Questão 7 - Respondeu. Com certeza! Dá pra tirar bastante coisa dessa fala. Tá ótimo! E que tipo de participação você no projeto pedagógico no curso de Biblioteconomia? E qual avaliação você faz do impacto desse projeto pra sociedade?

Tá! É... Eu não atuei de forma direta na elaboração do projeto pedagógico do curso. É... Nós atuamos e eu atuo enquanto docente do departamento de Ciência da Informação que passa todos os programas de disciplinas pra serem elaborados e aprovados. Então, nesse momento sim, né? Na parte curricular, é... eu tenho acompanhado e trabalhado e quando é... você tem uma comissão que aprova... que elabora e aprova, né?, numa primeira instância um plano... um programa de ensino e isso é passado nas reuniões e nós podemos, então, debater, modificar se for o caso e aprovar ou não. Então, são nesses momentos, né? Agora você quer saber o impacto desse projeto...?

Entrevistadora: É desse projeto vigente, pra que você imagina ou percebe ser o impacto pra sociedade.

Uhuh. Eu vejo, assim, nós tivemos algumas alterações recentes, inclusive com uma reestruturação do Núcleo, né?, específico é... e o Núcleo Comum entre os curso de Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação. Então, o que que foi olhado pra esse projeto pedagógico, né?, de cada curso e pra esse Núcleo, então, comum? É buscando compreender um pouco melhor esse profissional, né?, no todo e o que que a sociedade necessita, né?, de um profissional pra trabalhar nesse âmbito da informação. E o que que a gente procura formar, né? Aí, a gente retoma um pouco algumas questões, né? Esse profissional que consiga olhar de forma mais ampla possível, né?, a informação, não tão é... fechada dentro só de uma biblioteca, só de um arquivo, só de um museu, né? Porque o usuário muitas vezes... ou a comunidade, a sociedade não vai pedir essa informação de uma informação que está em determinado ambiente. Então, a gente tem uma preocupação sim, em olhar as demandas e não é só a demanda de mercado, né, mas a demanda de uma sociedade, né? E aí, a gente tem exemplos da Lei de Acesso à Informação, né? Como não é uma lei implementada, né?, nem pela Biblioteconomia, nem pela Arquivologia, mas que vai impactar sim, né?, na atuação desse profissional que tem que tá atento a essas demandas, a essas características de necessidade de acesso. Então, eu creio que... que o curso tem se voltado um pouco mais pra essas demandas de forma mais ampla, né? Não tão tecnicista se a gente pode comparar, assim, com algumas décadas atrás. Você tinha cursos muito voltados pra um fazer, mas sem uma reflexão de pra quê fazer aquilo, né? Pra quê aquela informação serviria? Pra quê organizar determinadas informações, né? Eu acho que essa formação mais ampla desse profissional precisa tá presente e creio que o grupo está consciente dessa, né?, dessa necessidade.

Questão 8 - Ok! E em que sentido o projeto pedagógico, ele te serve como base pra você realizar suas ações?

É ele que vai direcionar o que, né?, necessariamente, é elaborado pra que tenha essa comunicação entre, né?, as diferentes disciplinas. Então, as interdisciplinaridades são possíveis através de um projeto pedagógico, né? É... E é ele que nos ajuda a pensar, inclusive, qual é o perfil desse egresso que queremos, né? Então, os diferentes enfoques cada professor precisa ter essa noção, né?, de que profissional eu quero ou de que profissional estamos formando dentro da Universidade, né? É um projeto que tá inserido não só em um curso, mas que tem um diálogo com a Universidade, né? Então, que Universidade que queremos? Que Universidade que construímos no nosso dia a dia? É... Em algumas disciplinas, então, você trabalhar um pouco mais com os estudantes, né?, com essa questão também do próprio projeto pedagógico, né? Uma das disciplinas que a gente tem buscado é em "Tutoria Acadêmica" pra que o próprio estudante também conheça esse projeto pedagógico. Porque muitas vezes, o estudante não sabe, né?, o que que é essa... esse grupo, né?, de docentes e da comunidade, né?, principalmente a comunidade interna pensou, planeja e organiza, né? Como um profissional, né?, que vai sair após a sua formatura... Então, quem é esse profissional que no projeto pedagógico a gente encontra, né? As possibilidades de diálogos com outros cursos, com a disciplina, com as diferentes disciplinas que ele pode compor. Então, isso tudo vai estar diretamente, né? É... vai te orientar muito na sua docência. É lógico que existe muito a possibilidade de cada docente realizar, né?, o seu trabalho, mas é respaldado no projeto pedagógico.

Questão 9 - Beleza! Tens mais alguma coisa que você gostaria de falar em relação ao que a gente conversou? Fique à vontade!

Acho que assim... Algumas reestruturas do curso, né?, que a gente pensou e que tá desenvolvendo são pautados também nas necessidades dos estudantes, né? Então, é... Eu vejo como essencial esse diálogo, né?, com eles, com esse grupo que também passa, né? E é por eles, né?, essa formação, né? E algumas demandas a gente foi percebendo ao longo, né?, do curso e chegamos, então, nessa necessidade de reestruturação de disciplinas e... também de um Núcleo Comum, né?, pra que houvesse essa aproximação maior entre os profissionais, né?, que a gente diminuísse também alguns embates profissionais que estávamos vendo, né?, aqui dentro, com novos cursos e que na verdade vem pra dialogar. Então, uma das preocupações também, né?, que nos motivou a... a pensar nessa estrutura geral, né?, é esse profissional mais completo e que vai dialogar com outros profissionais, né? Então, a Ciência da Informação, a Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, dialogam muito, são, né? interdisciplinares. A gente vê muita teoria sendo produzida, mas isso na prática ela precisa acontecer, né?, na atuação desses profissionais. Estamos vendo o Núcleo Comum, né?, como um desses.

Entrevistadora: Integrador.

É uma dessas formas de diálogo, de integração também, né?, não só no mercado de trabalho, mas dentro da própria pesquisa, da extensão. Então, no ensino a gente espera tá efetivando isso.

Entrevistadora: Tá bom! obrigada!

ENTREVISTA 17

Questão 1 - Na tua concepção pra que serve o bibliotecário?

Ah... Bom, talvez seja uma profissão que esteja em fase de mudança, de perspectiva, né? O bibliotecário era a pessoa que... que gerenciava a informação física e que fazia a... a guarda dos livros e do conhecimento que era produzido de maneira que a gente tivesse algum tipo de categorização. Bom, essa é a minha visão, eu não sou bibliotecário, né? (risos) Mas eu creio que hoje a... é um profissional que vai ter que se adaptar às novas realidades, das tecnologias... Eu sempre falo nas minhas aulas que... pensem no que vo... pensem em fazer algo que vocês possam continuar fazendo daqui a 20 ou 30 anos... o que tudo... tudo que a gente puder automatizar em algum momento da história será automatizado, né? Então, entregar livro, passar a roleta, entregar a carteirinha, esse tipo de coisa... localizar livro, né? A Biblioteca de Chicago já faz isso automaticamente e tal. Pensem em trabalhar aonde o ser humano seja valorizado e aonde a criatividade, a... o elemento humano seja essencial porque todas as tarefas automáticas, elas vão ser automatizadas. Então, é por aí que eu vejo hoje. Um profissional que precisa trabalhar com as novas tecnologias no campo da... aonde o humano faz a diferença ainda.

Questão 2 - E nesse sentido, que demandas que ele deve atender?

Bom, são enormes! (risos) Desde algum conhecimento técnico, que é... não precisa ser um super especialista, mas um conhecimento básico é essencial. Ah... Saber por onde procurar as coisas, né? Quer dizer, isso pra todos os profissionais, ninguém precisa ser especialista em tudo, mas saber que pra determinado tipo de problema, a solução muito provavelmente vai tá por aqui ou por ali. Então, é... Alguém precisa ler os cenários e indicar a... os caminhos a serem trilhados, eu vejo por aí.

Questão 3 - Certo! E com base na tua prática profissional, no caso como docente, o que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Olha, eu vejo diferentes subgrupos, assim. Isso fica muito claro nas... nas aulas, eu dou sempre disciplinas mais tecnológicas e a gente conversa um pouco sobre isso. Eu faço muitas discussões, debates... Tem aquele grupo de bibliotecários mais tradicionais, né?, que quer trabalhar mesmo... Tem o grupo de alunos que gostam de ler e por isso veio pra Biblioteconomia. Eu imagino que, né? (risos) aquela coisa meio romântica que eu vou tá num ambiente onde eu vou poder ler o dia todo e... tem o pessoal que gosta de criança, então imagina trabalhar na biblioteca escolar. Tem o pessoal que gosta da questão da informação na web... O pessoal que gosta de novas tecnologias de redes sociais, né? Então, eu... eu vejo subgrupos, assim, né? E eu acho que tem espaço pra todo mundo. Então, eu volto ao que eu falei ali no início: o importante é achar algo onde você como ser humano possa fazer a diferença, né?

Questão 4 - Certo! E daí, nesse sentido, o que que você faz para o desenvolvimento desse egresso pra que ele saia conforme você acredita?

Uhuh! Bom, eu tento puxar a sardinha pro meu lado como todos os professores, né? Eu tento mostrar pra eles que é um cenário de mudanças muito grandes, ah... três, quatro, cinco anos fazem uma diferença enorme, né? Então, por exemplo, eu entrei aqui na Universidade em 2011, a gente tinha um outro cenário e nós estamos indo pra 2017. Então, eu tento sempre falar... trazer novidades e, por exemplo, discussões mais atualizadas. Eu me lembro quando a gente tava discutindo o Marco Civil da Internet, que foi aprovado lá em 2014, eu sempre trazia nas aulas isso, a gente fazia discussões muito interessantes. Inclusive, o Marco Civil já tá sofrendo uma ameaça de regressão e tal, então até pra trazer um pouco essas temáticas: a Lei do acesso à informação, é... Big Data, Internet das Coisas, então... Como que é que a gente relaciona isso, né? Obviamente, que você não precisa se tornar um super especialista nessas tecnologias, mas eu sempre tento fazer com que eles relacionem isso com a unidade de informação: - Ok! Se coloquem no lugar de usuários, você vai chegar numa biblioteca e você quer que o bibliotecário, de alguma forma, te fale dessas tecnologias, como é que você colocaria isso pras pessoas, né? A gente fez agora, numa disciplina que acabou esse semestre, um trabalho onde eles procuravam criar dois serviços inovadores em portais de bibliotecas, a partir das tecnologias que a gente discutiu ao longo do semestre, né? E eles tinham uma certa dificuldade nisso, não é uma coisa trivial você se colocar do lado do usuário de repente e... Mas eu sempre procurava trabalhar por essa vertente: - Imaginem que vocês estão acessando o website da biblioteca ou portal, o que é que faria com que vocês se... o que que seria atrativo pra que vocês como usuários se interessassem por determinados serviços? Então, era um pouco por aí que a gente fazia a discussão e é nessa... nessa temática que eu tento, eu sempre tento fazer com que eles usem a coisa no dia a dia, né? Então, a gente discute tecnologia não pela tecnologia em si, mas o que isso vai me fazer ahm... melhorar meus serviços, melhorar meus produtos, aquilo que vou oferecer no meu local de trabalho.

Questão 5 - Legal! E que ênfase que você dá, numa abordagem ética e política, relativa à prática do bibliotecário nas disciplinas que você ministra? Independente do teu...né?

Uhuh! Bom, a gente a... eu não chego tocar exatamente nesse assunto, a gente toca transversalmente, obviamente, né? Mas eu faço muitas simulações de cenários, assim, né? – Olha, vamos imaginar tal coisa! Vamos imaginar um... porque a gente trabalha modelagem também de projetos. Então, às vezes, eu pego muitos cenários, por exemplo, uma brinquedoteca com a hora do conto, aí a gente trabalhou esse semestre. Semestre passado a gente trabalhou a gestão de cursos de capacitação, ah... eu acho que a gente... a gente faz muita discussão paralela que, eventualmente, toca nisso, né? Eu te confesso que eu não entro muito, especificamente nesses termos, mas eu tento sempre colocar eles dos dois lados, eu falo dos dois lados do balcão, né? Uma hora como bibliotecário e outra hora como usuário. – Imaginem que vocês vão agendar um curso de capacitação, como é que vocês têm que agir? Quais são as... as... como é que deve ser feita a organização prévia desse curso, né? Como é que você vai receber o... o docente que foi convidado? Como é que a biblioteca vai fazer o meio de campo? Eu tento sempre eles... ah... e trabalhando essa vertente humana mesmo, real assim! Eu procuro trabalhar as situações reais. E aí, nisso obvia... obviamente, que a postura

deles enquanto profissionais, isso está sempre em discussão dentro das nossas aulas, né?

Questão 6 - Tá! E quais os valores éticos que te motivam ou te influenciam na tua atuação como docente?

Isso aí é interessante! (risos) Mas ah... Eu acho que procurar ser verdadeiro, né? Você tem que ter... a segurança naquilo que você fala, você precisa acreditar precisa acreditar primeiro naquilo, né? Então, não é um, simplesmente... de tá falando por falar é... Quando eu tô lendo as coisas, preparando as aulas e mesmo sendo um pouco mais tecnológicas, você... você faz uma filtragem de maneira que você apresente algo que você tenha segurança depois em defender aquela ideia. E aí, você... obviamente, que você não vai deslizar pra caminhos mais obscuros, né? É... Politicamente falando, a gente sempre tenta relacionar um pouco é... e algumas vezes a discussão descambou, por exemplo, pra... relações de trabalho, né? Uma coisa que seria um pouco maior do que a Biblioteconomia, inclusive. Como é que é a relação de trabalho? Qual seria o mundo do trabalho ideal? Às vezes... tem turmas que... que... que a gente consegue trabalhar melhor isso, outras turmas são mais refratárias, né? Às vezes, fecha um grupo de alunos que é interessante, dá muita discussão legal e a gente discute um pouco isso, né? Por exemplo, quantas horas trabalhar, trabalho à distância, né? Utilização da tecnologia, até que ponto, né? Mesmo... mesmo esse mundo ultra conectado que a gente tem, mas é um mundo meio frio em que, por exemplo, as pessoas são amigas de... de computador, mas não se conhecem, não saem mais, né? Das relações humanas, eu... eu... tento levar um pouco as discussões por aí quando eu percebo que a turma é... é aberta pra isso.

Questão 7 - Legal! E... Em relação ao projeto vigente do curso de Biblioteconomia, no caso, qual é a tua participação na construção desse projeto e que avaliação que você faria, uma possível avaliação ou que você imagina, em relação ao impacto desse projeto pra sociedade, na sociedade?

Olha, a gente teve muitas discussões sobre isso no ano passado quando a gente reformulou os currículos, né? A minha participação, ela se restringiu ao novo Núcleo Comum, né?, do curso de Biblioteconomia. Então, a gente... Eu participei do Colegiado até o ano passado também, então, participei de várias reuniões. Ah, eu acho que a gente conseguiu a... No meu ponto de vista, atualizar diversos conteúdos que tinham ali, talvez não tenha sido ah... Bom, cada um tem a sua visão pessoal, né? Mas eu acho e aí, eu volto um pouco que eu falei ali atrás, há subgrupos ah... Há pessoas que estão, claramente, mais realizadas com esse currículo, a gente percebe isso. E há estudantes que tem... tem algumas restrições. Com esses eu procuro conversar, né? Olha... Isso não é algo definitivo, você pode sair e continuar a sua formação se capacitando em determinadas áreas. Você pode depois entrar no mestrado, né? Mas o que eu sempre procuro trabalhar é essa coisa de que tenham um conjunto básico de conhecimento e saibam qual é o papel de vocês, aí, né? Então, se vocês precisam conhecer um pouco da história da... da profissão de vocês, vocês precisam fazer bem a organização do conhecimento, né?, que é catalogar, classificar, indexar, processar tecnicamente e... aonde vocês entram... Eu sempre procuro fazer uma relação com a computação, que é minha área de origem, e dizer que existe uma clara intersecção entre as duas áreas, mas existe uma área onde o bibliotecário pode atuar porque o bibliotecário, por exemplo, tem uma visão

voltada ao usuário muito mais forte que o pessoal da Computação, né? Então, eu acho que você... você consegue trabalhar a informação e as bibliotecas mais modernas, elas podem servir para isso de fato, caminhar de fato pra ser uma grande unidade de informação. Quer dizer, onde você chega e... não apenas pra pegar os itens pra ler, pra emprestar mas, quer dizer, onde você seja bem orientado, onde você seja... né? A gente sempre dá exemplo, procura aquelas bibliotecas mais marco no mundo todo, né? A biblioteca da Alemanha, biblioteca de Nova Iorque, aquela coisa toda. Olha, você poderia ter numa biblioteca um ambiente convivial, com espaço onde as pessoas possam ir passar o dia com as suas famílias, cheia de atividades culturais aonde você trabalha uma série de coisas, então... ah... eu vejo por aí, assim, digamos essa Biblioteconomia do futuro, né? Agora, de fato, a gente precisa... ah... o ser humano, ele é resistente à mudança, então a gente vai aos poucos, assim. Eu acho que a gente evoluiu bastante.

Entrevistadora: E o impacto disso na sociedade? Tu acha que vai ser positivo, né? Vai tá o quê? Esse egresso que... né? Vai tá sendo formado por esse projeto, ele vai? O que que a prática, a atuação dele vai impactar na sociedade?

A gente tem... agora eu vou falar um pouco mais do meu lado. A gente tem um problema muito grande na web, quem usa sabe disso, né? Na internet, de maneira geral, né? A gente tem um excesso de informação, né? Então, a gente tá hoje meio que trabalhando... vertentes como competência informacional, quer dizer, ok! Eu tenho uma... um dispositivo que tá no acesso à internet, uma biblioteca universal e aí? E a gente não sabe... Muitas pessoas não sabem nem como começar a utilizar isso. Então, acho que o papel do bibliotecário é um pouco por aí também, né? E a partir do momento onde essas mídias vão, de alguma forma, impregnando o nosso dia a dia... a televisão digital, que a gente monta a nossa grade de programação, assiste no tablet a qualquer momento, né? Tem... tem um vídeo muito legal do... do Isaac Asimov, que era aquele escritor de ficção científica que ele fala, né?, nos anos 80 ainda, ele prevendo o impacto da internet comercial antes da internet comercial. E ele... e ele falava na internet como uma biblioteca, muito legal o vídeo que a gente pas... eu passo nas aulas e ele dizia... O entrevistador um pouco... um pouco desconcertado: - Mas você tem certeza que todo mundo vai ter um computador? E ele: - Sim! Todo mundo vai ter um computador e vai tá ligado nessa biblioteca universal e você vai fazer suas pesquisas em casa... E aí, o pesquisador pergunta: - Tá, mas e aí eu não vou mais à biblioteca? E ele: - Não, você vai continuar indo, mas essa biblioteca que você vai ter no seu computador, ela vai te apresentar tópicos relacionados que você não teria de outra forma na biblioteca física. Então, eu acho que essa... esse apresentar, esse... esse motivar, esse é o papel do bibliotecário, mas eu... eu... no entanto, nem tudo são flores, né? Uma coisa que eu falo pros alunos, ôh: - Façam se ver, cresçam e apareçam. Né? Não adianta depois reclamar que a profissão é pouco valorizada, é pouco conhecida e eu falei: - Ela só vai ser conhecida quando vocês fizerem conhecer ela.

Questão 8 - Legal! E a última pergunta só: Em que sentido esse projeto pedagógico te serve como base pra as tuas ações como docente do curso de Biblioteconomia?

Olha, acho que muito pouco assim! Vou ser sincero, né? Muito pouco! Então, essa foi, eu acho, uma discussão que a gente teve quanto tava revendo o currículo agora e... as disciplinas tecnológicas, elas tavam meio que largadas, assim, como

uma pitadinha de sal: - Olha, então você tem essa aqui porque precisa ter e tal! (risos) Então, assim, de fato existe ainda uma desconexão, poderia ser melhorado, então... Tô sendo sincero agora, não... não acho que é... que me ajuda, a gente tenta ver o perfil ali, os objetivos macro, mas de fato ainda precisaria trabalhar mais essa questão.

Questão 9 - Beleza! Em relação a tudo que a gente conversou, você quer acrescentar alguma coisa?

Não, sei foi o suficiente pro teu... (risos)

Entrevistadora: Foi! Tá ótimo!

Então, tá bom!

Entrevistadora: Obrigada!

ENTREVISTA 18

Questão 1 - Dentro da tua concepção, pra que que existe o bibliotecário?

Para que existe o bibliotecário na sociedade, tu diz? Ai, eu acho que ele existe pra ajudar os profissionais é... ou estudantes... ah, mas são profissionais de qualquer forma porquê eu... eu entendo assim, né? Qualquer cidadão até pode ser... a trabalhar com a informação de um jeito que seja mais... mais fácil de lidar ou com informação em si ou com a recuperação dela.

Questão 2 - Certo! E que demandas esse profissional deve atender?

Pois é... Ai, a... a minha... a dúvida até de dizer na resposta da primeira questão. Eu acho que... são demandas que podem vir da sociedade como um todo, né? Dentro das bibliotecas públicas, por exemplo. É... Algumas demandas que podem ser bastantes especializadas e... e daí, num universo de bibliotecas especializadas ou nem precisa ser bibliotecas, né? A gente tem essa... esse costume, às vezes, de tratar sempre o bibliotecário como dentro de uma unidade de informação que é a biblioteca ou uma outra unidade de informação. É... Hoje em dia, a gente vê bibliotecário trabalhando fora de unidades de informação, né?, trabalhando em algum setor, né?, que não é uma unidade de informação, mas que precisa de informação. Então, eu acho que as demandas, assim, elas são as que existem e as que, às vezes, nem tem noção ainda, elas vão sendo criadas, né? Ainda mais hoje em dia que... que existem demandas que nascem de um dia pro outro, né? Então, assim, eu não conseguiria te listar porque eu acho que elas não são mais possíveis de serem listadas.

Questão 3 - Tá! E com base na tua prática profissional como docente no caso, o que que você espera do egresso do curso de graduação em Biblioteconomia?

Daí da Universidade, né? É uma posição bem pessoal que daí eu vou te falar, tá Dani? Porque é... eu não acho nem que o nosso... é... o nosso projeto, a nossa grade atenda isso que eu vou falar, então é um desejo muito meu. É... Existe uma ligação de um... de um profissional que tenha uma... uma formação de... ciências

gerais, sociais, é... que eu gostaria, que eu gostaria que o meu aluno tivesse, tá? E eu acho que é... eu vejo que isso não é tão nítido na nossa grade, mas assim, o que eu posso e eu tento... sei que também não... até porque a minha formação também não é tão assim é... um pouco que eu consegui resolver no meu doutorado, talvez. Eu tento fazer isso em sala de aula até nas disciplinas um pouco mais técnicas, tentar trazer pra esse outro olhar pra eles conseguirem pensar um pouco fora dessa caixa técnica. Mas, às vezes, é um processo bem difícil, assim, né? Até porque... é... esse processo que se repete, ele é mais simples, né? Ele é mais repetitivo, ele é mais simples, ele tem uma rotina e o que eu gostaria é que eles pensassem fora disso, né? Nem sempre eu consigo, mas é um desejo pessoal, tá? Não acho que ele é refletido no nosso currículo não!

Questão 4 - Acho que tu já falou um pouquinho do que seria a próxima pergunta, que era: Como você realiza a sua prática pra atender o desenvolvimento desse egresso? Pra que ele saia como você espera.

Isso. É... é... bastante diálogo com eles, bastante conversa e, assim, o que eu tento fazer é... tem algumas coisas até, que eu sempre falo, que... eu tento fazer em sala de aula com eles pra que eles parem pra pensar de como isso é importante. Por exemplo, avaliações: todas as turmas eu nunca faço o mesmo tipo de avaliação, eu faço vários. Por que? Porque tu pode ser bom pra apresentar trabalhos, mas péssimo pra escrever. Tu pode ser ótimo pra escrever, mas péssimo pra falar oralmente porque tu é tímido. Ah, tu é muito bom pra falar, mas assim, em vídeos, em edição de vídeos... Então, assim, geralmente eu faço trabalhos individuais e em grupo, provas escritas e orais, é... exercícios e... assim, dou essa misturada e digo: Por que que isso é importante? Porque as pessoas são diferentes, elas têm habilidades diferentes, isso é... eu passo pra eles, eles veem que é verdade porque alguns tiram 10 numa prova e 7 na outra, pelas deficiências nas suas habilidades. E com o usuário é assim também, vai ter usuário que vai ter que ver um vídeo pra entender, tem usuário que tem que ler, mas nem todos tem que ler, nem sempre é só o livro que vai atender aquela necessidade informacional, né? Então, eu tento fazer... às vezes, até que com eles, um exemplo com eles pra que eles percebam que... Porque pra mim, eles são meus usuários, né? O que eu tô passando pra eles é informação, eles são meus usuários, não são só alunos! Então, levando isso em consideração é assim que eu quero que eles tratem os... os usuários deles, os futuros... é... clientes, interagentes, o nome que quem quiser dar, dê! Pra mim isso é o que menos faz diferença, assim, né?

Questão 5 - Que legal! Que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos, referente à prática do bibliotecário, nas disciplinas que você ministra?

Olha, vou te ser bem sincera que eu nun... que eu não trabalho a questão em nenhuma disciplina até, tá?, a ética profissional do bibliotecário. Eu trabalho, eu acho que... com eles da conscientização, da politização, da ética das pessoas.

Entrevistadora: Isso já é um aspecto ético...

É... é um aspecto ético, mas assim, não o bibliotecário, assim. Eu acho que as pessoas têm que ser assim, né?

Entrevistadora: Reflete na prática profissional...

A prática profissional, a prática da vida, a prática das coisas, quando tu lida com pessoas... Então, esse ano foi um ano muito rico pra gente trabalhar a questão ética e a questão política, né?, em sala de aula. É... Infelizmente, né?, não por bons motivos, né? Ele foi rico justamente porque teve muitos maus exemplos é... no cotidiano que o Brasil passou algumas coisas, assim, no cotidiano é... que a gente conseguiu conversar em sala de aula, mas eu acho que serviu pra eles perceberem bastante isso, né? É... algumas questões que foram bastante antiéticas, de posicionamentos, alguns de acordo com o que eles acreditam, alguns não de acordo com o que eles acreditam, mas mesmo quem tá do teu lado, às vezes, tem alguns posicionamentos que não são éticos, né? Apesar de tarem do teu lado na posição, a forma de se posicionar não é ética. Não é ética! Então, às vezes, eu ficava: - Gente, não é só o que a gente fala, é como a gente fala, né? Então, assim, a informação ela tem nuances que vão além do conteúdo, né? Esses nuances, às vezes, é uma questão ética. A forma com que tu...

Entrevistadora: Com certeza!

Exatamente! São nuances éticos, né? Então, assim, não é só conteúdo que pode ser antiético, não é só o conteúdo que é pornográfico que daí: - Ai, é antiético de estar aqui! Não! Às vezes, pode ser totalmente tranquilo, mas a forma com que eu passo isso é super antiética, né? A... O preconceito deixado nítido em algumas frases com sarcasmo, né? Algumas questões, assim, que podiam ser passadas de um jeito e são passadas de um outro que daí pra mim ali a ética falhou, né? Então, é... isso é... mas pra mim isso é uma questão de gente, não é de profissional, né? Vai ser pra bibliotecário, vai ser pra pedagogo, pra médico, pra advogado. Eu acho que não é só pro bibliotecário, não! Tá? Alguma coisa que... que toque só na questão que atendesse o bibliotecário, eu não me recordo de falar nada que fosse só específico pra essa prática. Nem sei se há, não sei nem se eu acredito que haja alguma que seja só nossa! Tá? Eu creio que não, eu creio que não! Eu diria que não! Eu acho que se nos atende, deve atender também as pessoas como um todo.

Questão 6 - Certo! E quais valores éticos que te motivam ou te influenciam pra realizar a tua atuação como docente no curso de Biblioteconomia? De graduação.

Nem sei se isso é valor ético, tá? Vou te confessar que, às vezes, eu fico um pouco é... em dúvida em relação à questão ética e moral, eu meio que misturo um pouco essas coisas. Mas assim, a coisa que eu acho mais importante e... e que eu sempre falo pra eles, é a questão da... da verdade! Tá? É sempre isso, então assim, a questão da verdade e a questão de... eu vou usar um termo que talvez não seja o mais apropriado, mas na falta de uma palavra melhor... que é uma questão de... de, às vezes, de lealdade! Tá? E a lealdade com a informação, a lealdade com a verdade, a lealdade com essas coisas, a lealdade com o que é... é... a gente precisa fazer. Independente de ser o que eu acredito ou não, o que eu gostaria ou não! Né? Quer dizer, então, essa lealdade à verdade e às coisas como elas tem que ser e não como eu gostaria, isso é uma coisa que devia imperar! Sei que é utópica, tá? Também por outro lado. Totalmente utópica, é... mas a gente tem que trabalhar, às vezes, eu acho que também com algumas utopias assim, até pra gente poder avançar. Então, não dá pra ser... só trabalhar com verdade, eu sei disso, né? Não... O mundo não é assim, né? Existem algumas negociações que precisam ser feitas.

Entrevistadora: Desculpa. O que que tu entende por verdade? Transparência, sinceridade?

Exatamente! Transparência, sinceridade e a... a informação, não a desinformação, principalmente proposital, já que o nosso trabalho é com informação, né? Então, assim, é... é... Eu não acho antiético eu trabalhar com uma desinformação que eu creio ser verdade, mas eu acho muito antiético eu trabalhar com uma desinformação que eu sei que é desinformação. Tá? Então, às vezes, é por ignorância que eu passo uma informação errada, mas aí eu não acho que é uma questão antiética, é uma ignorância do fato. É um erro! Agora... quando eu sei, mas eu sei que os outros não sabem e que eu vou conseguir enganá-los e eu passo essa desinformação pra frente, eu acho que isso é o pior processo antiético que... da nossa profissão! Né? De qualquer um que trabalha com informação, não é só a nossa profissão! Qualquer um comunicador, né? Então... Isso pra mim é a pior das coisas! E a gente tem uma atividade que lida com gente que, às vezes, ignora muitas coisas que nós não ignoramos! Então, a luz pra essas pessoas faz muita diferença e a gente tem que saber trabalhar com isso, porque é... é um poder que nós temos, né? O exercício desse poder ele tem que ser feito de uma forma muito respeitosa, muito respeitosa! E, às vezes, não é o que acontece! É feito de qualquer jeito e é isso que eu tenho mais medo, assim, né? Esse... Esse exercício desse poder informacional de um jeito... né? Que me cause vergonha, não gostaria que fosse assim.

Questão 7 - Com certeza! Que tipo de participação que você teve no projeto pedagógico atual, no vigente? E que avaliação você faz do impacto desse, se é possível, né? Que você faz ou que você imagina do impacto desse projeto pedagógico na sociedade?

Eu tive um... um trabalho bem forte porque esse projeto pedagógico que tá agora, essa grade toda, eu fiz parte da equipe que... que reestruturou na época em 2008... 2008? Eu creio que sim, que a gente começou pelo menos a fazer em 2008, eu acho que em 2010 que ele foi pro ar ou em 2008 mesmo. Não lembro! Sei que tem uma ligação com 2008, é... Só que eu acho hoje que ele já tá um pouco defasado, acho que ele demorou a ser reconstruído, tá? Bem mais que o anterior, né? Mas, na época em que a gente fez, lá em 2008 quando a gente começou a pensar nele, né?, que é uma realidade muito diferente da que a gente tem hoje, há quase 10 anos atrás. Uma... uma coisa absurda de diferente o que a gente vivia naquela época, é... ele foi bem impactante com algumas coisas bem positivas, assim, algumas disciplinas novas que nós incluímos que era... que era... que era muito interessante, uma coisa que eu acho, que foi formidável, foi... Nós tínhamos é... dois estágios, em dois semestres separados e a gente juntou pros alunos poderem fazer fora de Florianópolis, então dar oportunidade dos nossos alunos não ficarem só perto da Universidade, só aqui. Então, podia voltar, inclusive, pras suas cidades durante seis meses e, talvez, construir uma possibilidade de emprego, né? Durante o estágio, pra depois voltarem pras suas cidades... Então, essas oportunidades a gente pensou nessa reformulação. Eu te confesso que eu voltei do oportunado um pouco frustrada, porque eu achei que eu ia voltar quatro anos depois e... e iam ter vários exemplos disso, e não teve! Hoje, é que as pessoas dizem que poucas pessoas acabaram usufruindo desse estágio de... concentrado num semestre só, saindo de Florianópolis. Os estágios acabaram acontecendo muito aqui, com raríssimas exceções! O que eu achei uma pena, tá?

Entrevistadora: Isso se reflete socialmente no sentido de que as pessoas não vão...
No sentido de que...

Entrevistadora: Pegando vagas...

É! Que a ideia era justamente é... retornarem pras suas cidades natais, em alguns casos pra quem quisesse, ou ter a oportunidade de sair de Florianópolis, né? E ir pra lugares mais longes, tanto da sua cidade natal quanto da sua cidade de formação e acabou que não, né? Quer dizer, as pessoas... os... os alunos acabaram fazendo... e eu não sei se foi um problema de falta de divulgação com os alunos, se foi um problema da casa. Eu fiquei muito tempo fora, né?, foram quase cinco anos. Então, é...teria que repensar isso, mas eu acho que a gente perdeu a oportunidade é... nesse tempo aí, né?, de fortalecer isso! Inclusive, a nossa ligação e a nossa cara pra fora de Florianópolis, eu acho que Florianópolis e a Grande Florianópolis conhece bastante já, né? Porque nós temos duas universidades com o curso, muito próximas, que dividem locais de estágio e tal, é... Mas tem cidades, tem locais, inclusive, em Santa Catarina que não essa oportunidade! E poderiam ter, né? Então, isso foi uma das coisas que... é pra mim era mais forte naquela época porque eu fiquei, né? Foi uma discussão minha muito forte de fazer um semestre só, né? E... Eu fiquei um pouco decepcionada com o que eu vi agora, né?, quase oito anos depois com o que a gente se tornou que realmente não foi ainda do jeito que eu esperava. Mas eu acho que teve um bom impacto as mudanças das disciplinas, é... por outro lado, eu confesso que eu também fiquei um pouco... Acho que teve uma falha, nós tiramos muitas disciplinas é... da área de humanas e sociais, né? Então, existia a Sociologia, existiam algumas disciplinas que elas foram... é... retiradas e tal, da grade e hoje eu sinto falta. Eu não acho que foi acertado! Eu não acho que foi acertado, eu acho que, inclusive, quando a gente quer dar uma noção um pouco mais de ética e política e tal pros alunos, às vezes, a gente podia ter um... um apoio aí de algumas disciplinas dessa área mais das sociais que... das humanas e sociais que a gente acaba não tendo, tá?

Questão 8 - E em que sentido o projeto pedagógico, ele te serve como base pra você realizar a tua ação como docente?

Olha, eu te confesso que... na época em que ele foi recém reformulado, ele servia como base pra muita coisa. Porque a gente tinha que olhar as ementas que a gente tinha criado e tal. É... Hoje em dia, depois de quase 10 anos ele já tá meio internalizado, já não... não volto a ele, né?, como... como documento muitas vezes, mas talvez por internalização. Eu, indiretamente acabo voltando através dos planos de ensino que já foram feitos por ele, né? É... Mas... Eu acho que ele atende mais as necessidades hoje de responder algumas questões que nós queríamos pro curso de uma forma geral, assim. De uma formação... do que nós queríamos pra formação dos alunos, eu acho que é muito mais isso, mas daí eu volto a dizer: Eu acho que hoje... Hoje, estou falando de dezembro de 2016, ele já está desatualizado! Acho que ele já precisa ser reformulado! Então, eu nem sei se eu volto tanto a ele porque ele já não atende, inclusive, as minhas expectativas quanto aos alunos. Eu já tento incluir coisas nas minhas disciplinas, tento incluir coisas no meu discurso que já não são contempladas naquela fala, naquele documento de 2008. Então, eu até acho que o... eu recorro pouco a ele, a não ser pela questão da formalização. Eu acho que eu recorro um pouco a ele.

Entrevistadora: Ementa...

Ementa, é... Bibliografia de jeito nenhum! Ele já não me atende mais 10 anos depois, ele não me atende mais. Então, é sempre uma bibliografia complementar que vai me ajudar muito, que vai ajudar os alunos, não é uma bibliografia de 2008, tirando os clássicos, né? Então, é ementa, é crédito, é isso! Mas no demais, eu acho que a gente... é... o lado de fora que nos dá, assim, uma boa bagagem, não é mais ele não!

Questão 9 - Certo! Beleza! E em relação ao que a gente conversou, você quer comentar mais alguma coisa? Fique à vontade!

Não, não! Eu acho que não. Eu acho que só deixar bem claro que, né?, a gente tá... Todas essas minhas preocupações que são bem relacionadas a currículo, ele tá passando por um processo agora, né?, de reformulação curricular no nosso curso. Então, eu acho que todas essas minhas preocupações, né?, que eu falei aqui é... Não que vão ser todas contempladas, mas vão ser melhor, vai ser atualizado, vai ser um outro, né? Vai ser um... Com certeza o nosso discurso em sala de aula, a nossa fala vai tá mais de acordo, né? Que vai ser alguma coisa mais atual, é isso que eu espero que vá acontecer. Então, essas preocupações elas são muito pontuais e muito sazonais, né? Talvez daqui a cinco meses, eu não responderia totalmente a essa tua... essa entrevista desse jeito que eu respondi porque a gente taria já com essa reformulação construída. Então, tô falando de uma... de um currículo defasado que está em processo de reformulação, mas que ainda não tá no ar. Então, só pra deixar isso registrado, né? E pronto e é isso! Boa sorte pra ti!

Entrevistadora: Obrigada!

ENTREVISTA 19

Questão 1 - Dentro da tua concepção, pra que que existe o bibliotecário?

Olha, eu entendo assim: a gente tem uma mudança, a gente tem.. tá acompanhando uma mudança, né?, do perfil da profissão. Profissão extremamente importante, na identificação da informação, na viabilização, né?, do acesso, é... no compartilhamento, enfim. Eu vejo que há uma mudança grande é... desse perfil de atuação, da necessidade de atuação. Com a autonomia que a tecnologia nos trouxe, que é inegável, é... aquela bibliotecária, né?, ou aquele bibliotecário com aquele... com aquelas expertise única só, né?, do... do... do acesso limitado aquele espaço é... da biblioteca já não se... é... já não é mais a nossa realidade, né? Mas hoje, a tecnologia exige também uma mediação de informação. Então, eu vejo que a... ele é importante nesse sentido, como organizador de informação, como mediador, né?, como facilitador de acesso.

Questão 2 - Certo! E que demandas esse profissional deve atender?

Olha, eu vejo assim: a gente tem muitas demandas, a gente tem uma... uma demanda que é... uma demanda acadêmica, né? E aí, quando eu digo acadêmica,

desde lá da pré-escola porque, né?, a criançada também acessa. Então, né?, quando eu falo acadêmica, eu falo, né?, nesse escolar como um todo. É... eu vejo que essa demanda, é uma demanda, é... lá no estágio inicial escolar ela é muito... ahm... muito importante e ela é muito delicada, né?, porque a criançada tem muito acesso hoje, né?, e alguém precisa mediar. A gente sabe que em casa nem sempre isso acontece, então... a... a escola, né?, esse espaço da biblioteca escolar ele é também pra isso, pra ensinar como chegar, né? Eu acho que é bastante importante. Quando começa a avançar, né?, já no ensino médio, as demandas já são outras, né? Se tem já uma... uma busca maior de... de informação, né? Já tem... né? outros interesses... Tem também essa questão escolar e daí, né?, procura um profissional, enfim, eu acho que é uma demanda mais específica também. E no lado profissional, nós temos um leque muito grande, né? Porque aí, qualquer empresa precisa, qualquer...né?, profissional precisa de uma mediação de informação. É... a gente tem... na nossa região aqui uma... uma inserção muito forte profissional da informação nos nossos cenários aqui, né? A gente tem aqui uma demanda turística e tecnológica muito forte, né? E aí, eu vejo sim que essa... que também é uma demanda forte que a gente pode atender.

Questão 3 - Certo! E com base na tua experiência profissional como docente, o que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Nós aqui fizemos um... uma reforma curricular grande nesse ano... que implantamos esse ano, o ano de 2015 todo em estudos, né?, em desenvolvimento pra que esse bibliotecário tenha é... essa... esse... essa instrumentação pra atuar nesse mercado, é... É fato, né?, que nós temos uma dificuldade no estado de inserir o bibliotecário, né? O cargo de bibliotecário escolar não existe apesar da gente tá aí, né?, vinte anos... mais eu acho, nessa luta, ele não existe é... quem absorve o bibliotecário na... na parte escolar é só a rede privada, né? Então, a gente tem muito bibliotecário é... que não consegue inserção no mercado, né? Mas eu vejo que ele precisa estar habilitado também a atuar em outras frentes, né? Até de forma autônoma, né? Eu vejo assim que é... o bibliotecário não precisa se limitar a... a uma... a uma ligação formal, vamos dizer assim, com um espaço, uma escola, uma empresa, enfim. Eu acho que ele pode prestar um serviço de informação, né?, uma consultoria, alguma coisa nesse sentido, né?, trabalhar de forma autônoma num leque muito amplo, né? Porque se ele garimpar um pouco ele vai ter mercado, então o que que eu espero é que ele saia habilitado pra isso. Pra interagir nesse mercado, pra ter um conhecimento pelo menos um básico da... dos instrumentos, né?, de... tecnológicos, vamos dizer assim, que estão disponíveis... que ele possa interagir... que ele possa atuar com tranquilidade lá na escolar se for a sua... né? se... a sua habilidade, né?, assim se tiver esse interesse maior, mas que ele possa também atuar em outras... em outras frentes.

Questão 4 - Certo! E como você realiza a tua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso? Pra que ele saia do jeito que você espera.

É... A gente procura uma aproximação grande com o mercado. Quando eu digo mercado não é só o mercado... sei lá, né? Não são só empresas, né? A gente procura... procura uma aproximação grande em todos os níveis. Então, a gente tem várias atuações, ou com projeto de extensão ou mesmo, né?, aproximando as turmas mesmo, né? de... de outros espaços pra que eles visualizem isso, né? A gente é... como é que funciona o universo escolar, como é que funciona, né?, o

universo profissional, como é que as empresas atuam, como é que... né?, outros setores de informação que absorvem... editoras, né?, ou sei lá... periódicos, enfim, né? portais é... a gente tenta fa.... ahm... a gente tenta direcionar nossos alunos para os estágios, né?, de forma que eles tenham uma... uma aproximação grande com o mercado que se abre pra sua atuação e que eles possam atuar em várias frentes até sair da universidade. A gente tenta, né?, mediar essa aproximação pra ter esse conhecimento.

Questão 5 - Legal! E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referente à prática bibliotecária nas disciplinas que você ministra?

Olha, a questão ética é... sempre uma questão delicada, né?, porque assim, a gente tratar de ética, né? O que é a ética pra cada um, o que é uma ética, né?, profissional, de atuação, como as coisas funcionam. A gente tá vivendo um momento bastante delicado, né? Bastante complicado em termos de sociedade... é... que acaba refletindo em todas, né?, as atuações que a gente faz. Então, é... sempre, eu acho que é assim... que é fundamental que a gente discuta todas as questões, né? Que a gente viabilize a... os estudantes, né?, a quem está se capacitando. Que tenha acesso ao que a... às normativas, né? E que a partir das normativas possa fazer a discussão do que aquilo representa, do que é... se possa discutir e tentar, né?, chegar a um.. ahm... não sei se num meio termo, mas pelo menos que a gente consiga chegar no po... numa conclusão ou num aspecto um pouco mais, né?, amplo do que representam cada uma das atividades que vão ser desenvolvidas, né? Parece o tipo da causa e consequência, assim, né? O que é que você pode fazer ou o que é que está dentro da sua... né? da sua... do seu universo de atuação? Quais são as implicações disso, né? Quais são os referenciais que se tem? Quais são as implicações de um... de uma outra interferência, né? Como é que funcionam as interferências é... externas e como lidar com isso? Qual é a consequência disso? Pra que eles tenham tranquilidade de posicionamento, né? Que possam se posicionar, mas que também tenham clareza do que pode ou que não pode, né? Do que é possível e do que não é possível, né? Assim pra que possa atuar, né?, com tranquilidade e com... né? É... com assertividade, né? Com criticidade porque tá difícil, né? Tá difícil! (risos)

Questão 6 - E... Quais os valores éticos que te motivam ou te influenciam pra realizar a tua atuação como docente no curso de Biblioteconomia?

Olha, é... eu tenho.. é... ahm.... Assim, a minha trajetória sempre foi... foi sempre muito, ahm... pautada pelo que é certo, né? Independente disso ser é... o melhor caminho ou não, que nem sempre é, né? É... independente disso ser mais ou menos exaustivo, né? Mas assim, eu entendo que o que é certo e o que é... é... o que é... ahm... de melhor resultado para todos é o que deve ser, né? É... o caminho que se tem que trilhar é o caminho do que é... é aquilo que tem... é... o que está respaldado por coisas que vão representar resultados positivos, entendeu? Então, é... eu sou muito... ahm... eu tenho uma linha muito, acho que... muito reta nesse sentido, né? Eu não sou flexível, né? O que não pode, não pode, né? Independente para que for ou para o que for, né? É... Não é um caminho fácil, né? Assim... não é! Porque a gente esbarra sempre, né?, naquilo que pode ser dado um jeitinho ou não, né? É... Naquele que aceita ou não porque quer se beneficiar de alguma... é... sei lá, né? De alguma é... possibilidade que... que se ventile, né? Mas eu acho que a gente tem que ser justo, né? O que é justo pra um é justo pra todos, né? Todos têm os

mesmos direitos e todos têm os mesmos deveres. Independente do que isso vai resultar no final, né? Então, isso pra mim é o principal, né? Outras coisas a gente vai construindo, né?, mas eu acho que assim, o respeito ao que é individual e ao que é coletivo, né?, antes de qualquer coisa, é fundamental.

Questão 7 - E... Que participação que você teve no projeto pedagógico vigente e que avaliação você faz do impacto, do possível impacto ou do que você imagina do que seria impacto, desse projeto para a sociedade?

Bom, desse projeto pedagógico que foi implantado em 2016 eu tive 100% de participação, né? Nós temos aqui... Os nossos cursos são integrados, né? A gente criou uma base comum dos nossos cursos, criamos um curso novo e integramos todos numa base comum. Então, tudo foi pensado em conjunto, né? Tudo foi pensado junto, tudo foi discutido. Então, eu participei ativamente de toda essa construção, né?, de todos os cursos... é... das particularidades de cada curso, enfim! O que que a gente espera, o que que eu... né?, vejo assim, a gente teve de primeiro reflexo um aumento na procura do vestibular, né? Então, assim, a gente já avalia isso como um... um interesse maior pelo que a gente pode ofertar, é... eu vejo uma possibilidade de inserção mais forte do nosso profissional, né? do nosso egresso como profissional, porque ele vai sair como uma ou... com um conhecimento um pouco mais pulverizado, né? Ele continua com seu conhecimento técnico, com sua expertise técnica do bibliotecário, mas agrega outros conhecimentos, né?, outras formas de inserção que a gente vê que vai ser..., né? que vai ter uma inserção melhor no mercado. E a gente consegue se aproximar mais também da linguagem, né?, daquilo que o... o... o discente também espera quando ele chega na Universidade. A gente tava com um discurso meio... meio distanciado, né? A gente tava com um discurso meio truncado aí, e agora a gente tá sentindo, assim, que a gente se aproximou de novo assim do que... do que era... Eu entendo que a Universidade... os cursos precisam andar alinhados ao que a sociedade tá... tá pedindo. Não que a gente tenha que ser um prestador de serviço pra sociedade, acho que não é isso, mas eu acho que a gente tem sim que ter uma... ter uma noç... tem que ter conhecimento do que é, do que está, né?, de que discurso temos hoje na sociedade, que expectativa temos hoje pra formar esse profissional pra atuar aí, não adianta formar um profissional que não vá se alinhar com o mercado que vai... né? que vai absorvê-lo.

Questão 8 - É... Em que sentido esse projeto pedagógico te serve como base pra você realizar as tuas ações como docente?

Bom, todas as... as ações que a gente é... desenvolveu, né?, na construção desse projeto pedagógico, eles... ahm... elas estão diretamente ligadas a todas as disciplinas, né? Então, assim, a gente procurou deixar isso muito de... de amplo conhecimento, né? É... Todos os programas das disciplinas foram todos reformulados, né? Então, assim, de forma que todo mundo entenda qual é a amarração que existe entre as disciplinas. Então, eu vejo que o projeto pedagógico ele serve nesse sentido, assim, né? Conhecendo o projeto pedagógico, o que que a gente espera do profissional? O que que a gente tá fazendo? Por que isso? Por que aquele programa? Por que esse conteúdo nesse momento? Por que aquele conteúdo naquele momento, né? Traz essa amarração pra gente, né? Ir ministrando, enfim, né? Ir trabalhando nessa construção.

Questão 9 - Certo! Então, tá! Em relação ao que a gente conversou, você gostaria de falar mais alguma coisa? Fique à vontade!

Eu... Assim, né? Eu vejo que a área precisa se modernizar, né? Acho difícil a gente falar, assim, de modernizar porque tem assim, um certo tom pejorativo, mas o que que quero dizer é assim: é... eu participo, né?, das discussões, dessas discussões e eventos, enfim. E eu ainda vejo que a gente tá muit... na imensa maioria, né?, muito agarrado em alguns... em alguns conceitos, em algumas posições que já não se colocam mais no mundo, né? Você vai pra fora e você vai pra outros espaços, você vê a atuação do bibliotecário muito mais forte, né? Num espectro muito amplo de atividade e que aqui a gente tá ainda numa discussão muito rasa, né? De coisas muito elementares, né? Assim, agarrado muito numa essência bibliotecária que eu vejo que não se perde com outras atuações, né? E que eu acho que a gente pode avançar nessa discussão pra inserir todo mundo no mercado, né? A gente tem muito bibliotecário se formando aí, né? A gente tem muito espaço e a gente não consegue ocupar esse espaço, porque a gente tem muito bibliotecário desempregado como bibliotecário, né? Porque não consegue se... se inserir no mercado, eu acho que um pouco também por conta dessa discussão que ainda é muito limitada em alguns aspectos. Acho que é isso!

Entrevistadora: Obrigada!

ENTREVISTA 20

Questão 1 - Na tua concepção, pra que que existe o bibliotecário?

Pra que que existe o bibliotecário? Qual seria a sua atribuição social?

Entrevistadora: Isso!

Ah, ele é um profissional de informação. Fundamental, né?, pra sociedade. Na... todas as questões relacionadas à Ciência da Informação, organização dessas informações e... e que tem evoluído bastante com a utilização das novas tecnologias e utilizando novas... novas abordagens, tecnologias e... basicamente organização... trata da organização da informação, facilita o tratamento da informação, facilitação do acesso à essa informação, disponibilidade de informação... basicamente.

Questão 2 - E que demandas que esse profissional deve atender? Na tua opinião.

Bom, tem as demandas mais tradicionais, que são óbvias, que é... que são as próprias bibliotecas, né? Atuar como gestor e como planejador e prestador de serviços dentro dessas organizações. Todos os tipos de bibliotecas aí envolvidas, né? E também na gestão da informação dentro de organizações em geral.

Questão 3 - E com base na tua prática profissional como docente, no caso, o que que tu espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Ah, eu espero a atuação... Quer dizer, a possibilidade de atuar em todas essas áreas, em todas essas atividades, né? E que... E também uma postura mais

empreendedora, né? Que eu vejo assim, que nós temos ainda pouco explorado, pouco utilizado. Eu vejo que ainda os cursos, às vezes, eles ainda tem focalizado muito no... só nas questões, assim, técnicas de tratamento de livros, né? E... não... não explorado como poderia as novas possibilidades.

Questão 4 - E como que você realiza a tua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso, ou seja, pra ele sair do jeito que você espera?

Bom, uma das coisas... Nesse momento, inclusive, eu tô ministrando uma disciplina que se chama "Informação e Gestão da Inovação", tá? Nessa disciplina, nós temos acesso a uma série de novas possibilidades de atuação do profissional bibliotecário, né? Ela trabalha... Não trabalha diret... Ela está relacionada à questão do empreendedorismo, né? Ou intra empreendedorismo, mas basicamente como que o profissional bibliotecário pode atuar junto a programas de inovação e como ele pode pensar em programas de inovação pra qualquer tipo de organização, qualquer tipo de empresa, organização não-governamental, organização governamental, as questões relacionadas às patentes, ao suporte informacional dentro das organizações com relação à questão das inovações, né? Que é o profissional que pode oferecer todo o suporte de recuperação da informação, busca da informação, tratamento da informação sobre o que já existe a respeito de determinadas propostas de inovação e... a... a gente tem percebido que muitos alunos tem aproveitado essa oportunidade para aplicar em determinadas bibliotecas onde eles já estejam atuando como... às vezes, estagiários ou, às vezes, até como funcionários. Eles... eles utilizam assim, projetos que eles desenvolvem na disciplina pra pensar assim como ele poderia inovar dentro da própria biblioteca? Essa seria uma atuação, né?, possível. Outra é fornecer suporte para programas de inovação em qualquer tipo de organização que não seja biblioteca também.

Questão 5 - Tá! Legal! E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos, referente à prática do bibliotecário, nas disciplinas que você ministra?

Olha, as questões éticas elas perpassam e estão relacionadas, principalmente assim, à questão... como lidar com os documentos disponíveis, né? Como lidar com as fontes disponíveis, ahm... e também na própria elaboração dos projetos, quais seriam as recomendações de atuação. A questão também com relação até... a questão dos... ahm... a questão dos direitos, dos direitos autorais, né? Ou relacionadas ainda às patentes, que tá relacionado. Questão sobre como lidar com as patentes e quais são as questões relacionadas ao uso de patentes ou a elaboração de patentes.

Questão 6 - E que valores éticos que te motivam ou te influenciam pra realizar a tua prática, a tua atuação como docente no curso de Biblioteconomia?

Que valores éticos?

Entrevistadora: É!

Bom, todos aqueles que são fundamentais, quer dizer, a questão do respeito à.. às instituições, à atuação profissional de cada um, de cada profissional seja ele qual... de que área ele... a que área ele... ele pertença, né? O respeito aos... aos limites estabelecidos pela legislação de atuação de cada profissional, né? E também a questão do respeito ao trabalho colaborativo entre bibliotecários, entre outros profissionais que atuem em biblioteca mais diretamente e outro e qualquer outro

profissional de outra área. Aí, envolvendo arquivistas, museólogos, profissionais da informação da Ciência da Informação, da Gestão da Informação, da Administração... A gente defende aqui e... basicamente assim, os nossos cursos hoje se configuram por isso, as próprias mudanças do Programa de Pós-Graduação também pela... quer dizer, pela abertura de novas frentes e do respeito ao trabalho colaborativo entre... entre esses profissionais. Então, acredito que o... o bibliotecário, ele tem uma área de atuação muito grande, né?, e com possibilidades de interação muito forte com outros profissionais. Então, a questão do respeito nesse trabalho colaborativo, na sua própria atuação, com as instituições, com a forma como lidar com a legislação, basicamente.

Questão 7 - E que tipo de participação você teve no projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia vigente, atual? E que avaliação ou possível avaliação você faz do impacto ou você imagina do impacto desse projeto para a sociedade?

Huhum. Ah, ok! Bom, a... a gente elaborou... Eu participei ahm... na época, inclusive, eu tava como [...]. Na época quando foi elaborada a versão do novo PPC, né?

Entrevistadora: [...] do curso de Biblio?

Do curso de Biblio, Profa. [...], era a coordenadora, né? E a gente tava passando por um processo de reestruturação dos nossos cursos de graduação na época, com a criação de um núcleo comum entre os cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e o novo curso de Ciência da Informação. Então, isso foi bastante discutido entre os docentes, entre os grupos... os docentes especializados dentro das subáreas dentro do curso, né? E também com a participação dos alunos, né? Inclusive, o... o CA que é o CAB, né?, o Centro Acadêmico de Biblioteconomia com a sua representação discente, né? Inclusive com membros do CA fazendo parte da comissão de elaboração do PPC do curso. Então, ele foi bastante discutido, houve a... todos os tipos de respeito a respeito da reestruturação do curso e da criação do novo curso, né? Nós percebíamos uma... uma... antes desse processo já, até em nível nacional com a criação do curso de Arquivologia, dos novos cursos de Arquivologia pelo Brasil, uma iniciativa de separação entre... entre essas grandes áreas, né? Inclusive em relação à ANCIB, em relação à... à tentativa de alguns profissionais da área de Arquivologia de sair da área de Ciência da Informação. Isso acontecia no nível macro no Brasil e também acontecia dentro dos cursos dentro das Universidades e a gente percebia isso aqui também com alguns docentes. Mas na verdade foi possível fazer uma... um trabalho conjunto e apesar de algumas reações contrárias, a gente encontrou muito, também, trabalho colaborativo buscando essa integração que viabilizou a integração maior dos cursos, né? A gente acredita que esses cursos trabalhando em conjunto, eles são mais fortes e que, a divisão, seja com a Arquivologia, com a Biblioteconomia ou a Ciência da Informação ou a Museologia, ela só enfraquece. Então, a gente acredita que a gente precisaria ter mais trabalho conjunto, né? Que é o que a gente tenta fazer, na verdade, por exemplo na pós-graduação a gente tem conseguido fazer isso também, né? Temos vários alunos já provenientes da Museologia, da Arquivologia, e... trabalhando o desenvolvimento de trabalhos conjuntos, ou dentro de bibliotecas ou de arquivos ou atuando em funções que estariam relacionadas a essas áreas, né? Então, a participação no PPC foi nesse sentido, buscando esse trabalho colaborativo e... e assim, tanto foi possível que foi elaborado, foi aprovado em todas as instâncias,

Núcleo Docente Estruturante, Colegiado do Curso de Biblioteconomia, Colegia... o Conselho de Unidade do Centro, o CED e também na Câmara de Graduação da própria Universidade. Então, foi um trabalho bastante... intenso, assim, de negociação e... e vejo que os alunos perceberam uma grande... um ganho pra eles também, no sentido de que eles podem, por exemplo, hoje eles tem mais opções de realizar disciplinas que são do núcleo comum, no caso da Universidade, tanto à noite, tradicionalmente na Biblioteconomia, quanto de manhã na Arquivologia. Então, alguns alunos têm essa possibilidade e o que tem acontecido também, uma coisa bem interessante que eu vejo pra área que é alunos formados na Biblioteconomia voltando pra fazer cursos de Arquivologia ou de Ciência da Informação e o contrário também, alunos de Arquivologia já formados retornando pra fazer curso de Biblioteconomia, formando um profissional, que eu vejo, bem interessante pro mercado, pra sociedade.

Entrevistadora: E qual o impacto que você consegue imaginar pra sociedade disso tudo?

Ah, eu vejo que é... Assim, eu acho que é um passo bem... ahm... evoluído, assim, pra área contribuir mais para a sociedade, né? Eu vejo que assim o nosso profissional, ele pode... ele pode atuar de uma forma mais abrangente, ele pode ter uma visão mais clara sobre como organizar essas informações, seja de arquivo ou de biblioteca ou outro tipo de instituição qualquer, eles conseguem ter uma visão mais abrangente, ele consegue trazer mais colaboração pra isso e é bom pras organizações que vão tê-los e pra sociedade em geral.

Questão 9 - Em relação ao que a tudo que a gente falou você gostaria de acrescentar mais alguma coisa? Fique à vontade.

Bom, basicamente, é... a... reforçar essa questão que eu vejo, assim, que é importante esses cursos de Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia que hoje está bem separado dentro da Universidade, em relação ao nosso centro e, inclusive, a sua grade curricular e conteúdos, né? Ah... e a própria Ciência da Informação... eu vejo que a gente poderia trabalhar muito tranquilamente produzindo coisas em conjunto e seríamos mais fortes, né? De alguma forma isso tá acontecendo, eu vejo que é bem interessante que a Universidade está fazendo isso de forma pioneira, né? Nós estamos hoje... na verdade, o único curso de graduação em Ciência da Informação do país, né? e houve uma resistência muito forte, eu lembro, por parte de vários profissionais da Biblioteconomia contra a Ciência da Informação, né? ou vamos... dizendo, assim, vamos pensar em reservas de mercado. As reservas de mercado são muito limitantes, porque eu vejo que a... o bibliotecário pode fazer muito mais coisas do que trabalhar em biblioteca.

Entrevistadora: Perfeito! Obrigada!

ENTREVISTA 21

Questão 1 - Dentro da tua concepção, para que existe o bibliotecário?

Nossa, que pergunta! (risos). Bom, primeiro que, no meu entendimento, o bibliotecário é uma profissão, né?, do mundo urbano porque é no mundo urbano que se tem a maior massa de documentação, de informação e do conhecimento, né? Isso vai se revelando ao longo da história das... das bibliotecas e do livro, né? É... E como bibliotecário, ele faz então essa... é sempre o mediador, né?, dessa grande massa documental. Isso pode parecer, é... teórico, né?, mas no dia a dia, eu como professora e você também como professora, a... a gente percebe o quanto os países são distintos aonde essa massa de informação, ela é mais estruturada do que em outros lugares, né? É... desde o mestrado, eu sempre tinha essa concepção que o mundo da informação vai fazer uma distinção entre os países e faz... faz diferença entre as pessoas, né? Entre as pessoas. Então, em linhas gerais seria isso, assim, o bibliotecário é... é um grande mediador é... aquele que domina aquelas ferramentas que vai aprendendo ao longo da sua formação para é... buscar dados que as pessoas, países, indústrias, enfim... né?

Questão 2 - Perfeito! E que demandas esse profissional deve atender?

Bom, aí são... são os lugares, né? Se ele tá numa biblioteca universitária ele tem demandas muito distintas da biblioteca pública, da biblioteca escolar, da empresarial, né? Mas no fundo é sempre o interesse daquele que busca a informação, né? Ele precisa tá antenado. (estalo de dedos) Pra que lugar? Aonde eu estou? Para quem eu trabalho? Qual é... qual é essa instituição? Qual é essa...? Ou quem é essa pessoa? É sempre essa ideia assim, do macro para o micro, que então é a pessoa. E que depois, daí volta, né? É da pessoa porque essa pessoa tá dentro de um contexto, de uma cultura, de um conhecimento. Então, é esse... esse jogo, né?, poderia até dizer, assim, que é um jogo de lentes, né? Maior menor, menor maior, né?

Questão 3 - Certo! E com base na tua prática profissional como docente, o que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia? Da graduação.

Entusiasmo! Entusiasmo, é... retidão e consciência do que ele faz! E não, sabe aquela coisa assim, é... Vou fazer mais ou menos, mas fazer com paixão, né? Ao longo da minha docência, eu fui aprendendo a beleza da profissão, né? Que eu não tinha essa percepção da beleza da profissão enquanto estudante, né? Claro que à medida que você vai ficando mais velho, você também vai refinando. Então, ahm... Assim, como esse grupo que tá formando agora, né? A gente vê o aluno que tem brilho no olho e aquele que... é, terminei o curso, né? Mas isso eu penso que não seja só da Biblioteconomia, toda a profissão deve ser isso, né? É... Algo que te move, é... fazer todo o dia, mas fazer com gosto, com sentido.

Entrevistadora: Mas do egresso, especificamente, do curso de Biblioteconomia...
O nosso?

Entrevistadora: É. Do bibliotecário...

É isso. Isso! Paixão! Acreditar que aquilo que ele tá fazendo é capaz de trazer mudanças individuais, na localidade, na instituição e na localidade. Eu acho que isso é uma coisa que nós não temos presente, talvez nós professores, não... não... façamos o aluno chegar a esse raciocínio, né? Eu não acredito naquela história de que uma andorinha não faz verão. Uma andorinha sim, faz verão! Porque é uma pessoa com a sua atitude que vai mover um pequeno nicho maior, enfim, né?

Entrevistadora: Uma intenção já faz muito...

É...

Questão 4 - E como você realiza a tua prática docente, então, pra atender o desenvolvimento desse egresso? Pra que ele saia dessa forma com que você espera que ele saia.

É... Bom, depois de quas... mais de 23 anos, eu acredito que a minha atitude fale mais que... expresse mais do que eu falo, né? Então, assim, uma das coisas que eu mais prezo é eu ser uma leitora. Eu sou uma leitora! Posso dizer isso, né? É... e que isso, sem eu ter... verbalizar, necessariamente, em sala de aula, que isso se estampe que... que bri... Não é que brilhe, não é... mas que se estampe no modo de eu discutir as questões, no modo de eu conversar com... com o aluno, de ele me escutar e não fazer, né? É... E daí, talvez, voltando de novo a isso que você perguntou é... do... do bibliotecário, né? De novo, ele é um mediador. Eu também sou um mediador enquanto professora, mas eu sou professor, né? Que, além de mediar, eu preciso é... deixar para o aluno, né?, esse entusiasmo. Que pra mim, é por meio da leitura. Essa... é como um... é um motor! É um motor, né?

Questão 5 - Com certeza! E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos, referente à prática bibliotecária, nas disciplinas que você ministra?

Eu acho assim, ó! Não tenho é... Não tenho, por exemplo, dentro dos meus currículos essas palavras, né? Mas pra mim, ético é, né? A minha atitude e a do aluno. Chegar na hora. A aula começa às 7:30? Aluno e professor tem que estar lá às 7:30 porque cada um abriu mão de outras tantas coisas para nós estarmos ali naquele momento. É... Cumprir as tarefas, né? É... É no fazer do dia a dia, eu realmente não tenho isso, assim, na ementa. Ah, ética... São... É... o fazer! Como eu me sento na sala, como eu ando na sala, como eu falo na sala, como eu me relaciono com meu aluno fora da sala de aula. Isso pra mim, penso que revela esse conceito é... teórico, né?, do que é ética. Ética, né? Que é uma atitude, no meu entendimento.

Entrevistadora: E referente à prática profissional bibliotecária...? Que, às vezes, pode não usar a palavra ética, né? Mas, às vezes, você discutir a consequência de uma ação também já é ética ou a forma como vai fazer também é política, né? Então, qual é a ênfase que é dada nas disciplinas?

Então... Eu não sei se eu entendi certo a... a... Então, é a prática profissional... Esse meu aluno que vai pra prática profissional, né?

Entrevistadora: A prática bibliotecária...

É... a prática bibliotecária. É isso, ele... o cumprimento do horário dele, ele...

Entrevistadora: Também influencia no...?

Sim, é uma atitude! É uma ética, né? Ele ser entusiasta por aquilo que ele faz, ele imprimir a sua marca naquilo que ele faz, isso é ética pra mim, né?

Questão 6 - Tá! E que valores éticos te motivam ou te influenciam pra realizar a tua atuação como docente do curso de Biblioteconomia?

É... justamente por acreditar que, apesar da gente ser um profissão com reconhecimento social muito baixo, e aí sempre tem que falar da onde estou falando, porque eu estou falando de um lugar no Brasil, né?, e que é bem conservador, que é

Santa Catarina é... Isso vai ser diferente de um lugar para o outro, né? Então, quando eu digo que a... o bibliotecário é socialmente menos reconhecido numa parte do Brasil, isso é diferente, por exemplo, numa... num centro urbano maior. Porque há possibilidades de mais visibilidade do trabalho desse... desse bibliotecário, tá? E são essas... Então, é dentro desse universo que cada um vai construindo a sua ética no fazer desse... dessa profissão, né? Não sei se eu me perdi, mas pode repetir a pergunta.

Entrevistadora: Que valor que te motiva ou te influencia... Partindo da falta de valorização, você tinha falado.

Sim, da falta da valorização é... é esse sentido, assim. Apesar de nós termos... Não sermos ahm... um médico, né?, mas nós temos tanto... o mesmo peso, a mesma importância do arquivista, do bibliotecário, do advogado, do agrônomo. Porque quando você entende o teu lugar no mundo, é... não tem rótulo, você faz aquilo.

Entrevistadora: Então, o valor pode ser, voltando ao que tu tinha falado, a paixão?

Sim! Sim!

Entrevistadora: Acreditar no entusiasmo.

Porque assim ô! O que que é você ser professor, né? É você acreditar na tua capacidade que você vai imprimir a sua profissão no outro, né? É... E nesse caso, é a Biblioteconomia, né? Que eu acredito que é uma das profissões que compõem o fazer, né? O mundo!

Questão 7 - E que tipo de participação você teve no projeto pedagógico vigente, atual? E que avaliação você faz do impacto desse projeto ou que você imagina do impacto desse projeto para a sociedade?

É... Se nós pensarmos, assim, no teórico que tá escrito dentro do projeto pedagógico, né?, ele... ele vai estar diluído. Talvez, a gente teria que estudar com mais cuidado que palavras representem o conceito é... de ética, né? Agora, o que isso representa pra sociedade? Penso assim ô, nós temos alunos... que aí é o que a gente houve, né? da capacidade de trabalho do nosso aluno, de responsabilidade, da confiabilidade, mesmo nos estágios, né? Que a gente depois recebe as avaliações é... é o que eu ouço da sociedade esse retorno. Que o aluno foi cuidadoso, foi é... ele traz uma bagagem de conhecimento que... que modificou ou modifica a instituição, né? Então, é... são lampejos, né? Não são verdades absolutas, né?

Entrevistadora: E a sua participação nesse projeto foi direta ou indireta?

Foi direta, né? É... Eu participei da primeira reformulação curricular onde a gente criou a habilitação em Gestão da Informação, né? E que a gente percebeu, né?, que precisava de um braço que a gente não tinha ou era muito apagadinho que era, então, a chamada Administração. E que então pra década de 90 nós chamamos de gestão, né? Um conceito ampliado. Então, ficou o núcleo duro da Biblioteconomia, as disciplinas do fazer, né? É o que é... é o miolo da prática bibliotecária, e então, as TICs e a gestão. E... ahm... Então, as disciplinas que vão... vão mesclando um pouco da cultura como do campo da Filosofia, da Antropologia, da Sociologia, né?, para que o aluno saiba aonde ele está, em que sociedade ele se

insere e... é... e também que pessoa é essa que ele é, né? Nesse lugar que ele vem... vai trabalhar um dia, né? É... Currículo nunca tá pronto, né?

Entrevistadora: Uhum! Tá sempre em construção...

Tá sempre em construção e a gente nunca tá satisfeito com ele, né? Nunca tá! E não existe o currículo ideal, né? A gente já percebeu muitas coisas amarradas, né?, mas que sempre estão, né?, para serem mudadas daqui pra frente, né?

Questão 8 - E em que sentido que o projeto pedagógico, ele lhe serve como base pra realizar as suas ações como docente?

É ter na cabeça, assim, o elo entre as disciplinas. Como eu ministro as disciplinas mais de fundo teórico-social, eu poderia dizer assim, né? É... mas também por causa da minha formação em leitura é... agora eu perdi a...

Entrevistadora: Em que sentido que o projeto pedagógico te serve como base pra realizar as tuas ações?

Ah, pois é! Então, esse elo. Eu não consigo pensar na minha disciplina "Fundamentos da Educação" sem eu pensar que é... esse aluno faz... Temática ou Classificação ou Catalogação e... ele também é um aluno que tá ligado à gestão e às TICs. Que ele consiga entender que "Fundamentos da Educação", que "Métodos e Técnicas de Pesquisa", né?, nós aqui criamos esses quadradinhos por uma questão prática, mas que conhecimento, ele se interliga constantemente... Constantemente! Né?

Entrevistadora: Ok!

Por isso que eu... eu penso que o bibliotecário, ele tem que ter essa visão. Eu não trabalho só com Biblioteconomia, né? Eu sou um leitor da Sociologia, da Filosofia, da Economia. Tenho que estar aberto, né? Vê novela, vê teatro, cinema, porque nós sempre estamos trabalhando com informação! Né? E... a... a formação em si para o bibliotecário, ele ainda vai mentalmente organizar diferente este conhecimento do que aqueles que não fazem Biblioteconomia. E aí, eu acho que o bibliotecário muitas vezes, ele precisa se lembrar, que ele precisa desarrumar o conhecimento e a informação pra que haja mais entrelaçamento entre os conhecimentos. Porque não dá pra gente ficar só pensando em Biblioteconomia, só em Sociologia, só em Medicina, né?, porque uma coisa está ligada a outra!

Questão 9 - Certo! Em relação a tudo que a gente conversou, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa ou comentar? Fique à vontade.

(Suspiro profundo) Eu falaria assim que, a docência é um longo processo, né? E que os alunos sempre nos veem apenas durante quatro anos e aí ele vai formando a ideia da gente só naqueles quatro anos. Mas a gente a cada ano, a cada quatro anos, a cada seis meses, é... a gente tem uma outra dinâmica e essa também é a beleza da gente ser docente, né? Porque a gente percebe todas... vai acompanhando e percebendo as mudanças ao longo do tempo. O nosso aluno da década de 90, de 2000, 2005, 2010, 2015, eles são completamente distintos! Completamente distintos, né? É... E se nós pensarmos em ética, talvez esse seja o momento em que a gente precisa trazer à mesa a discussão. Porque me parece que lá na década de 90 isso estava mais... mais sedimentado. Sedimentado no seguinte sentido, o aluno ele era mais compromissado, né? É... ele era mais respeitoso, né?

Isso foi se perdendo e vem se perdendo ao longo do tempo. Eu... Uma coisa que me choca é mais difícil ministrar disciplinas na primeira, segunda, terceira e quarta fase do que as fases posteriores. Porque na primeira, segunda e terceira fase o aluno sabe mais do que o professor, ele é arrogante, né? Aí, depois ele vai... ele vai percebendo que as fronteiras do conhecimento não era só aquele mundinho que ele veio com a bagagem do... do cursinho, que é muito mais... né? E também porque depois ele entra no mundo profissional, né?, do trabalho e ele também vai percebendo: - Opa! Tem...

Entrevistadora: Tem algo maior!

Tem algo maior, né? Mas essa é uma grande dificuldade! Você conseguir convencer o aluno da primeira fase que aqui não é cursinho, não é aula espetáculo, mas é aula de estudo! Né? Isso é difícil!

Entrevistadora: Muito!

É... Pra você que tá começando... (risos)

Entrevistadora: É um ótimo desafiado! É ótimo ouvir isso, mas é muito desafiador!

É, né? É muito desafiador e também porque esse aluno da... das primeiras fases, ele vem com menos compromisso diante da vida. À medida que você vai envelhecendo, os compromissos vão aumentando, né?

Entrevistadora: O que muda, então, de... da década de 90 pra cá? Eles entravam mais velhos e agora tão entrando mais novos?

Entravam mais velhos, ahm...

Entrevistadora: Não seria uma configuração da sociedade em si?

Sim, provavelmente! Claro! Também, né? Também! Também!

Entrevistadora: Modernidade líquida...

É... Vai trazendo outras... outros tantos chamados, né? Que hoje, nós professores e alunos, né?, nós somos chamados pra tanta coisa, menos essa... esse compromisso sério, né? Do trabalho e do estudar, né? Que é... é difícil! Difícil no sentido é... de você aquietar e estudar, se concentrar! Nesse sentido que eu penso que é... é difícil, né? É isso! Muito obrigada!

Entrevistadora: Imagina! Eu que agradeço!

ENTREVISTA 22

Questão 1 - Dentro da tua concepção, pra que existe o bibliotecário?

Na minha concepção, o bibliotecário existe porque a sociedade precisa dele. É... Ele existe porque ele tem uma missão a cumprir e essa missão é tornar a sociedade um lugar melhor a partir da disponibilização de informações, né? Então, deixar a sociedade melhor informada, significa deixar a sociedade com uma melhor

qualidade de vida. Então, ele tem esse papel a cumprir. Pra isso, ele se utiliza de técnicas que precisam ser repensadas, né? Porque nem sempre elas atingem os objetivos, mas ele não existe pra organizar a informação, ele não existe pra ser guardião da informação. Ele existe porque as pessoas precisam da informação pro seu dia a dia, né? Pra suas... pros seus estudos, pra sua vida pessoal, particular, pro seu trabalho e ele é a pessoa responsável em organizar os espaços onde essas informações vão... podem ser disponibilizadas. E aí, tanto faz se é um espaço físico, se é um espaço virtual, se são pessoas, se são livros, se são documentos, né? O importante é que ele tenha essa consciência de que existe uma comunidade que precisa dele pra ser melhor informada e assim, então, ter uma vida melhor.

Questão 2 - Certo! Eu acho que você já falou um pouquinho isso, mas eu vou te perguntar de novo que demandas esse profissional deve atender?

É... Para além de atender demandas, eu acredito que o bibliotecário precisa criar demandas, né? Porque o atendimento de demandas é algo bastante limitado e no mundo onde a gente vive hoje, onde as pessoas apesar de terem na palma da mão um universo de informações, é... nem sempre elas têm a competência e informação necessária pra poder fazer a filtragem, pra poder entender melhor. Então, eu acho que o bibliotecário tem que, em primeiro lugar, é... ajudar construir essa competência, então ele precisa tá em contato com essa comunidade, de fazer com que ela entenda o processo, de como ele pode se informar, como ele pode formular melhor as suas perguntas. Então, atender demandas pra mim é algo bastante passivo ainda, né? O bibliotecário atrás do balcão esperando que alguém venha e pergunte alguma coisa, né? Então, eu acho que não é bem assim. Nos dias de hoje, o bibliotecário precisa se apresentar como alguém que antecipe a demanda.

Entrevistadora: E que demandas você imagina ser essas?

Eu creio que neste momento, em especial, que a gente vive, as pessoas precisam conhecer melhor os seus direitos, conhecer melhor os seus deveres, precisa entender melhor o que é viver em sociedade, é... Como ela pode ser autônoma, né? Na busca do seu conhecimento, como ela pode construir o seu conhecimento na... na direção de uma cidadania mais ampla. Então, eu penso que o bibliotecário tem uma responsabilidade social muito grande no que diz respeito a esse tipo de informação. Que nem sempre está nos livros, que nem sempre está na biblioteca, né? Então, as leis de acesso à informação precisam ser melhor conhecidas, elas precisam ser melhor cumpridas e o bibliotecário tem o papel de fazer as pessoas entenderem que elas são cidadãs, que elas têm uma opinião, que elas precisam ser respeitadas e que elas precisam respeitar os outros. Conhecer as diferenças, respeitar as diferenças. Então, eu penso que há um papel social a cumprir muito importante nos dias de hoje em especial. A grande mídia, ela é muito manipuladora, ela é desinformadora, né? E o bibliotecário precisa mostrar que existem outras opções, né? Que a pessoa pode encontrar informações em outros lugares que não as redes de televisão disponíveis, aquela que a antena pega em todos os lugares, né? Então, é um trabalho bastante complicado que, talvez, o bibliotecário nem tenha consciência de que ele tem esse papel ainda, né? Mas é o que a gente precisa trabalhar.

Questão 3 - Bacana! E com base na tua prática profissional como docente, no caso, o que que você espera do egresso do curso de graduação de Biblioteconomia?

Que ele seja mais crítico, que ele seja mais consciente desse papel que extrapola as questões técnicas da profissão que não podem ser extintas porque é o que nos diferencia de outros profissionais da informação. Então, catalogar, classificar, né? Trabalhar a recuperação da informação é o ethos da nossa profissão e a gente precisa valorizar isso. Mas é preciso que também a gente saiba que eles hoje já não respondem mais às questões de informação do nosso tempo. Então, ele precisa ser mais crítico no sentido de aprender a adaptar essas técnicas pra poder ser um bibliotecário que vá à frente do seu tempo, né? Então, eu penso que a gente tá tentando formar, pelo menos eu vejo que a gente faz isso bastante aqui, né?, na Universidade. Tentando formar profissionais com uma visão de mundo mais ampliada. Ele precisa conhecer a sociedade, né? Isso na pós-graduação a gente trabalhar um pouco mais de... de folga porque tem algumas disciplinas que a gente tem mais facilidade de incluir no currículo do que na... na graduação, mas mesmo assim, eu tento colocar no conteúdo programático nas nossas disciplinas da graduação, a questão da competência em informação, a questão do contexto informacional contemporâneo... Então, é preciso que esse nosso bibliotecário egresso, ele tenha uma visão de mundo diferente, né? Ele entenda que o seu papel extrapola as unidades de informação, que o seu papel extrapola o seu papel técnico e que ele seja mais crítico diante da realidade, né? E que ele se sinta parte dessa sociedade pra ele possa fazer com que a comunidade dele se sinta pertencente à sua biblioteca, à sua unidade de informação também. Então, precisa quebrar paradigmas, precisa entender a sua comunidade como uma comunidade de interagentes, não de usuários. Então, a gente discute essas coisas no sentido de tentar ampliar a visão desse aluno.

Questão 4 - Huhum! Ótimo! E como você realiza a tua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso? Ou seja, pra que ele saia da forma com que você espera.

Basicamente com leituras, né? Leitura de mundo. Eu tento colocar nas nossas... nas nossas avaliações é... tenho feito isso ultimamente, né? Então, casos pra serem resolvidos, então eu não tenho aquelas perguntas básicas de o que é isso, o que é aquilo, como se faz isso, como se faz aquilo, mas eu apresento situações e digo: - Como você resolve isso? Com base em tudo que você aprendeu durante o semestre. Então, é tentar puxar um pouco da realidade, né? Trazer pra dentro da sala de aula o que acontece lá fora, pra que eles tenham condições de pensar, com base na teoria aprendida aqui, como ele faria se estivesse lá fora, né? Então, por exemplo, na disciplina de "Gestão de Estoques" a questão de enchentes na biblioteca, né? Ou vendaval que aconteceu em Tubarão, por exemplo, né? E a sua biblioteca sofreu com isso. Então, que maneiras você teria de prevenir? Como você resolveria esse problema, né? Aconteceu uma situação de censura dentro da sua biblioteca, como você reagiria? Como você agiria, né? Então, é procurar trazer pra dentro da sala de aula, a vida lá fora. Pra que eles lá fora consigam aplicar o que viram aqui dentro, né? E discutir a partir de leituras extras que eu tenho oferecido também. Então, conta um pontinho na média se você ler livros que não são obrigatórios, mas que tem a ver com o universo que a disciplina pretende abranger. É... É justamente este trabalho de ampliar fronteiras, de não deixar a coisa muito quadradinha, fechadinha ou o básico, né? É porque a nossa educação formal ainda é muito formal, né? Ela ainda não nos permite é... Inovar muito, né? Então, dentro do possível, eu tento trazer pra dentro da disciplina algo diferente. Então, trabalho

com estudo de caso, já trabalhei com a questão de solução de problemas também... Então, dos alunos irem pra instituições fora da Universidade pra conhecer, fazer um diagnóstico e apresentar soluções. Então, na medida do possível...

Questão 5 - E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos, referente à prática bibliotecária, nas disciplinas que você ministra?

Eu tento trabalhar, é... Às vezes, nas entrelinhas porque nem sempre isso está explícito dentro da disciplina. Quando a gente trabalha "Introdução à Biblioteconomia" isso é algo que eu procuro sempre uma... Às vezes que eu dei a disciplina sempre tem um espaço maior pra questão da ética e o trabalho final sempre foi voltado pra ela, né? Porque eu vejo a importância. A gente ainda não tem uma disciplina só pra ética, então é... em termos teóricos, mais nessa disciplina, né? Agora, nos termos práticos, né? Trabalhar sempre a questão da inclusão, trabalhar sempre a questão do respeito, né? Da maneira como você vai atuar profissionalmente pras pessoas e não pros processos, né? A ênfase não tem que estar nas técnicas. A ênfase tem que estar nas pessoas. E isso, tanto tem a ver com a... com relação ao ambiente onde você trabalha, quanto às pessoas a quem a tua unidade de informação vai atender. Então, em disciplinas como "Fontes de Informação" e "Gestão de Estoques" eu sempre mostro os dois polos, né? Então, a unidade de informação tá ali pra quem, né? Ela não tá ali pra cumprir um organograma da empresa, muito... Embora muitas vezes, na prática a ideia seja essa. Mas é tentar fazer com que o aluno veja que a sua instituição tem missões, tem objetivos, tem metas a cumprir e a... a outra ponta, que é a comunidade, né?, onde você também precisa conhecê-la e atender e se você não conhecer, você não consegue atender. Então, você não conhece bem a sua instituição e não conhece bem a tua comunidade, você não vai cumprir o seu papel. E nesse conhecer, implica o conhecer pra respeitar, o conhecer pra lutar, né? Então, pra quem é a minha biblioteca? Eu sempre dou o exemplo da nossa Biblioteca Central aqui, eu digo: - Quando a biblioteca diz que é pra todo mundo, ela acaba não sendo pra ninguém. Então, é você olhar pras pessoas como indivíduos e entender que a nossa Biblioteca Central aqui atende o Centro A, que tem um perfil, o Centro B, que tem um outro perfil totalmente diferente e o Centro C, que tem um outro perfil também. Mais imediatamente falando, assim, sem falar que a Central é Central pra todo mundo, né? Então, se ela padroniza a coisa, ela massifica e ela acaba não respeitando as diferenças que existem aqui. Então, é preciso que se olhe pra cada uma dessas pessoas e entenda cada um desses perfis, né? Eu acho que isso é ser ético, né? Quando você é... Olha pra cada um individualmente com esse olhar de tentar entendê-lo e de tentar então, exercer o seu papel de forma personalizada, vamos dizer assim, na medida do possível.

Questão 6 - Que valores éticos te motivam ou te influenciam pra você realizar a tua atuação como docente do curso de Biblioteconomia? Sempre graduação, no caso.

Acima de tudo, o respeito. Acho que sem isso, a gente não consegue fazer nada. Porque eu posso não concordar, eu posso até não aceitar, mas eu tenho que respeitar. Então, assim, a minha fala, o meu olhar, a minha forma de tratar, ela sempre tem que ser respeitosa. É... Isso em sala de aula, isso fora da sala de aula, isso aqui na coordenação, nos e-mails que eu mando e tudo que eu faço, eu acho que, em primeiro lugar, é preciso que haja respeito. Então, mesmo que... Hoje mesmo, eu recebi um e-mail de um aluno... uma aluna muito indignada que foi muito

mal criada comigo e a primeira frase do e-mail foi: Calma! Respira fundo porque a gente aqui tá trabalhando com respeito, né?, com... com seriedade e eu quero ser tratada com respeito. E aí, então, a gente vai ver qual é o seu problema e a gente vai conseguir resolver. Então, é... respeito acima de qualquer coisa. A gente... A gente vive aqui no Centro C, né? Enfrenta muitos desafios porque é... muitas lutas são levantadas aqui, né? A gente convive com questões muito justas que são as questões dos negros, as questões é... de gênero, né? E a gente é obrigado a olhar pra cada uma delas com uma atenção bastante especial e... dar a elas o respeito devido. Então, mesmo que eu na minha vida pessoal e particular... [Interrupção para assinatura de documento]. Então, assim no nosso ambiente do Centro C aqui é um ambiente desafiador pra gente trabalhar com ética o tempo todo, né? Porque mesmo que eu pessoalmente seja hétero, seja branca, né? E tem a questão da branquitude, eu tenho que olhar pras outras pessoas como iguais e trabalhar com elas em nível de respeito, não importa a religião, não importa a cor, não importa... né? Saber que elas são diferentes de mim, mas ao mesmo tempo, saber que elas têm os mesmos direitos que eu, né? Então, trabalhar no sentido disso. Quem tá na coordenação do curso, é... encara isso com uma responsabilidade ainda maior, né? É... é algo que a gente não pode perder de vista em momento algum, né? E isso é um desafio, porque eu sei que hoje eu tenho... tenho mais cuidado com frases que eu usava, né? Que eu cresci com elas e que não me pareciam racistas, não me pareciam preconceituosas e que hoje eu olho pra trás e eu vejo que são. Então, são... é mudança de atitude constante, né? Então, é um... é um aprendizado e... e eu penso que nem todo mundo tá preparado pra isso, nem todo mundo entende isso ainda e aqui, como a gente trabalha com a educação, é o nosso papel como educador também levar as pessoas a... a essa consciência, né? E... E de certa forma, eu agradeço muito por estar aqui e por ser constantemente desafiada a isso porque me ajuda a me tornar uma pessoa melhor. A tentar pelo menos, né?, me tornar uma pessoa melhor! Então, são desafios que eu não teria se eu não estivesse aqui. Então, eu acho que tem... tem um valor muito grande pra mim.

Questão 7 - Certo! Legal! E que tipo de participação você teve no projeto pedagógico vigente, o atual, né? E que avaliação que você faz do impacto desse projeto pra sociedade? Ou que você imagina a respeito do impacto na sociedade, no caso.

Eu não tive praticamente nenhuma participação, porque eu estava em doutorado durante o período que ele foi criado, né? Então, eu recebi como herança, né? É... Ele tem uma visão, no meu ponto de vista, que é uma visão bastante voltada pra sociedade, mas que também tem... é... uma visão bastante mercadológica, tá? Porque olha... principalmente por conta da nossa habilitação que é uma habilitação de gestão, né? Então, ela... ele tem muito a ver com o mercado, com o mundo do trabalho. Que... Não deixa de ser uma preocupação que é normal, né? A gente forma profissionais, a gente tá aqui pra isso, né? E a gente quer que o mercado absorva esses profissionais, então a gente trata de fazê-los competentes e a gente tá sendo bem sucedido nisso porque os nossos alunos passam em concursos públicos e precisam colar grau em gabinete porque já... antes mesmo de se formar já estão sendo contratados, né? E isso eu acho muito bom, né? Interessante, mas por um outro lado tem toda uma vertente social que precisa agora ser resgatada, precisa agora ser reforçada. Não que ela não esteja lá, né? Mas ela

precisa ser renovada, ela precisa ser reforçada. Que é algo que a gente tá pensando pro próximo projeto.

Questão 8 - Legal. E em que sentido esse projeto pedagógico te serve como base pra realizar tuas ações como docente?

Ele norteia. Até porque ele também é baseado no projeto da Universidade como um todo, né? Então, assim, as nossas ações elas são norteadas pelo nosso projeto pedagógico. Mas eu tenho que confessar, com muita honestidade, né?, não sei se você vai colocar isso na íntegra ali (risos).

Entrevistadora: Vai! (risos)

Que não é algo que eu consulte com frequência, né? Agora, eu tenho visto mais por conta desse papel de Chefe, né?, e de Coordenadora onde a gente é obrigada a repensar pra poder fazer o próximo. Mas, é algo que a gente consulta num momento de dúvida, num impasse, em alguma pressão que a gente recebeu da Reitoria que a gente tem que ver se a gente tá respaldado ou não no projeto, mas que ele seja algo, tipo um livro de cabeceira que eu vou pautar minhas ações, eu... eu confesso que não! Por outro lado, eu acho isso bastante positivo porque a gente ainda tinha uma certa autonomia, né?, que eu não sei por quanto tempo vai durar, né? Mas a gente tem uma certa autonomia pra conduzir dentro daquele espaço do conteúdo programático da disciplina, da maneira como a gente vai conduzir as nossas avaliações que, apesar de estarem regidas e a gente não foge daquilo que está no projeto, a gente ainda tem um espaço onde a gente negocia, né? Mas não é algo assim, que a gente vá olhar toda hora pra poder, é... conduzir, né?, a nossa ação pedagógica.

Questão 9 - Certo! E em relação ao que a gente conversou, você quer falar mais alguma coisa? Fique à vontade!

Eu quero dizer que, assim como o país, a gente tá vivendo dentro da Universidade um momento bastante delicado. Onde a gente tem recebido muitas pressões e que têm tolhido cada vez mais a nossa criatividade. Onde a gente tem tido a nossa liberdade bastante vigiada, né? E eu acho isso, é... desgastante. Eu tenho medo que em... em poucos meses isso se reflita na nossa atuação docente, né? Aquilo que a gente tem sofrido como pressões, né? De legislações que são baixadas a toda semana praticamente, instruções normativas e nos tolhem várias... várias, né?, do nosso fazer docente é... Pressões no sentido até punitivas, né? Então, a gente tem vivido um momento bastante "Foucaultiano", né?, de vigiar e punir. E isso vai acabar sendo refletindo... sendo refletido na... no nosso dia a dia enquanto docentes, né? Então eu penso que é um momento bastante delicado, onde a gente tem que repensar a nossa prática, mas também pensar o nosso direito, né? os nossos direitos, repensar a nossa relação enquanto Universidade como um todo. E eu penso que é um momento de bastante reflexão, né? Que a gente tem que discutir isso muito, a gente tem que conversar muito isso e a gente tem que reivindicar muitas coisas que a gente tá perdendo direitos. Então, assim como a gente tá perdendo no país, também tá perdendo aqui dentro. Então, é... a gente tem que ser bastante crítico. Assim como a gente quer que os nossos alunos sejam críticos, a gente precisa ser crítico na nossa prática também.

Entrevistadora: Até porque reflete na formação do bibliotecário, com toda a certeza!

Sim! Né? A motivação de vir trabalhar é uma coisa importante, né? E o que a gente vê aqui é que a gente tem andado na contramão de empresas que têm se modernizado, né? E que tem ampliado a... o bem-estar, né?, do seu funcionário sabendo que isso vai trazer benefícios e resultados, né? E o que a gente tem visto aqui é contramão, né? Então, acho que o Fora Temer a gente tem que expandir (risos) pra outras áreas aqui também.

Entrevistadora: Tava esperando, né?, nessa minha entrevista, né? Tinha que ter pelo menos um senão eu ia pedir... (risos)

Não foi o primeiramente, mas foi o finalmente Fora Temer! (risos)

Entrevistadora: Tá bom! Obrigada!

ENTREVISTA 23

Questão 1 - Dentro da sua concepção, pra que existe o bibliotecário? Isso aí é... na sua concepção agora, é uma questão aberta, tá? Eu não posso te dar dicas, nem indicar o que que tu entende por essa pergunta.

O bibliotecário é um profissional como qualquer outro. Ele existe como existe qualquer outro profissional de qualquer outra profissão. O diferencial é que ele... deve estar capacitado, habilitado pra organizar, pra disseminar, pra divulgar a informação, pra fazer a gestão da informação, pra trabalhar com as tecnologias voltadas pra informação... Que é o diferencial do bibliotecário. Nós trabalhamos com informação. A informação está em todos os locais, em todos os momentos que você precisa. Então, é o diferencial, mas ele deve ser entendido e tratado como qualquer outro profissional de qualquer área.

Entrevistadora: Ok!

Ele não é melhor que ninguém!

Entrevistadora: Uhum! Mais alguma coisa a comentar?

Não, tá de bom tamanho mesmo!

Questão 2 - Ok! Então, vamos pra segunda pergunta: Que demandas esse profissional deve atender?

Acho que já falei, né? Organização, recuperação da informação, tecnologias... trabalhar na sociedade como um todo. É... Atender a demanda da sociedade, sabe? Em termos de... de organização de informação, de conhecimento, de disseminação da informação pra sociedade, pra atender a sociedade como um todo, não só ficar ali atrás de uma estante ou atrás de uma mesa, né?, mas atender as necessidades. Por exemplo, se eu tô numa sociedade, num bairro que precise emprestar bicicletas, por que não eu não ter um local onde eu possa emprestar a biblioteca, né? Eu tenho que atender a necessidade da minha... da minha sociedade, do local onde eu vivo e, se possível, de todos!

Questão 3 - Ótimo! Com base na sua prática profissional como docente, o que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Que ele faça jus ao curso. Que ele possa realmente é... se sentir habilitado e capacitado pra desenvolver as suas atividades profissionais, no mercado ou na sociedade. E acho que de alguma forma nós estamos concluindo isso, né?

Questão 4 - Ótimo! Quarta pergunta: Como você realiza a sua prática docente para atender o desenvolvimento desse egresso?

Como eu realizo?

Entrevistadora: É! Como você realiza a sua prática docente para atender o desenvolvimento desse egresso? O que que você faz pra atender esse egresso? O que que você faz pra que o aluno saia do jeito que você espera?

Ministro aulas, não só aula profissional, mas levo palestrantes, pessoas de fora... atividades práticas, trabalho com pesquisa, com orientações, é... E, dentro do possível, eu procuro dar um atendimento mais à pessoa porque ele antes de ser aluno, ele é um ser humano. Então, não adianta você passar toda a técnica, toda a teoria de qualquer disciplina, em qualquer lugar, se aquela pessoa não está bem, se aquela pessoa não consegue assimilar. Então, tu tens que ver a pessoa muito além de ser aluno, antes dele ser aluno é um ser humano. E partir daí, trabalhar também essa questão da... do humano com a teoria, com as atividades práticas... Porque só assim a gente consegue realmente que o profissional saia não só capacitado enquanto de aprendizagem teórica e prática que o nosso curso tem bastante. A parte prática faz parte do "núcleo duro" da Biblioteconomia, mas aí sim, ele vai ter um lado mais humano pra se voltar mesmo pra sociedade, trabalhar com o social, com o igual. Porque eu não considero uma pessoa com... esquizofrenia ou outra... ou outra questão... doença, não sei colocar, que tem no nosso curso e em todos os cursos como um problema. Eles são iguais, eles não são diferentes, né? A forma que tu trata é que... faz com que ele seja diferente dos outros, mas ele é igual. Se ele tá ali é porque tem capacidade da alguma forma.

Questão 5 - Que ênfase você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos, referentes à prática bibliotecária, nas disciplinas que você ministra?

Depende muito da disciplina! É... eu não vejo a área que... prática, catalogação, por exemplo, que eu ministro é... em que eu possa trabalhar mais profundamente essa área. E trabalho com código, com normas, né? É... E não vou só, simplesmente, botar e... botar ali que eu vou catalogar um livro de política ou de ética. Isso não aprende! Isso não resolve, né? Mas em outras disciplinas é... eu costumo abordar, por exemplo, em planejamento ou... é... atividades voltadas à gestão, a gente procura trabalhar isso muito porque dentro da gestão você também tem que ter ética profissional, né? Seja como gestor, seja como auxiliar, independe da atividade que você faça, você tem que ter ética profissional. Agora, se voltar... Se você voltar pra área prática, a discussão da ética, da moral, da política é importante no sentido que o bibliotecário, ele não pode achar que ele catalogar uma coisa tá resolvido o problema de uma unidade de informação! Porque é o mínimo, é mínimo que um bibliotecário tem que saber é catalogar e classificar. É o mínimo! Agora, a questão pra... a questão ética e política, ela perpassa toda uma vida profissional, toda uma vida de pessoas. Tem muito a ver também com a... a criação dele, a sociedade em que ele vive, de onde ele veio, o seu meio. A Universidade, ela tem o papel de ajudar na... na conscientização crítica na... no desenvolvimento da pessoa, mas é... depende da disciplina. Eu não sei até que ponto se adequa, agora, ter

conversar com os alunos dentro da disciplina abordando questões políticas como, por exemplo, o momento que o país tá vivendo, isso a gente faz em qualquer disciplina, inclusive na catalogação. Na parte de prática da catalogação, mas enquanto discutir textos teóricos é... dentro dessa disciplina, a não ser que se trabalhe com a parte histórica da catalogação, que tem muito de política dentro eu... eu... eu não vejo muito nesse sentido. Agora, nas disciplinas voltadas pra gestão, sim! A gente trabalha!

Questão 6 - Ok! Quais os valores éticos que lhe motivam e/ou influenciam para realizar a sua atuação como docente no curso de graduação em Biblioteconomia?

São os valores, os princípios que eu trago da minha família. Isso pra mim, é imprescindível. Faz parte da minha criação, faz parte é... da sociedade em que fui criada, do meio em que eu vim, da Universidade onde estudei, que foi a xxx. Então, eu trago esses valores desses ambientes. Eu não cheguei na Universidade e adquiri esses valores. Eles já vieram comigo.

Questão 7 - Ok! Que tipo de participação você teve no projeto pedagógico do curso? E que avaliação você faz do impacto desse projeto na sociedade?

Qual dos projetos?

Entrevistadora: O projeto político pedagógico do curso de Biblioteconomia.

Porque nós já... estamos já com o segundo tra... sendo discutido, né? Então por isso que eu pergunto qual deles. Eu cheguei... Quando eu cheguei na Universidade, há 16 anos quase, estava em discussão o projeto político, né? Que antes chamava projeto político pedagógico, hoje não é mais projeto político, né? O nome mudou. E... Quando estávamos nesse começo eu participei das discussões no início, só que eu saí para o doutorado. Quando eu voltei já estava resolvido e os outros professores já tinham trabalhado. Então, eu não tive uma participação efetiva porque foi logo que começou, em 2004, é... eu estava... saí pro doutorado. Foi na época em que o professor [...] estava no departamento é... Esse projeto anterior, teve muita influência dos profissionais da Universidade [...], porque, por exemplo, o professor [...] ele trabalhou com o nosso departamento e outros docentes externos pra pensar esse currículo. Então, é... a minha influência foi bem pouca. Nesse novo, que todos estão discutindo com relação ao curso que depois vai ter que ser alterado, dentro de tudo que está sendo discutido é... eu também comecei em 2011, me afastei em 2010, me afastei... E agora que estou de novo no NDE, que é o Núcleo Estruturante é... eu voltei a participar. Estamos nas discussões, algumas disciplinas que tinham sido retiradas naquele primeiro projeto já de 2003-2004 estão sendo propostas com uma nova roupagem, uma nova cara e... penso que a questão ética e muitos são trabalhos nas disciplinas, mas nas anteriores, nós nunca tivemos que eu saiba, uma disciplina chamada Ética na Biblioteconomia, né? Ela sempre foi trabalhada, mas em outras disciplinas, como uma disciplina chamada Ética, que eu saiba, não tem! Posso estar enganada! Tá? E nesse currículo... nesse currículo novo que nós estamos trabalhando, que depois vai ser... que vai influenciar as alterações no próximo projeto pedagógico, neste momento, realmente não me lembro as disciplinas que estão sendo discutidas. Então, não posso dizer se tem, porque realmente eu não lembro! Tem muitas disciplinas novas, tem muitas disciplinas sendo é... propostas... que eram antes, mas com uma nova roupagem, com uma

nova cara e atualizada. Mas título de cada uma delas, eu não lembro, não sei te dizer!

Questão 8 - Em que sentido o projeto pedagógico, ele serve de base para realizar as suas ações docentes?

As nossas ações docentes são todas baseadas no... no PPC e não tem como fugir disso, né? Então, o próprio plano de ensino, ele tem que tá de acordo com o projeto pedagógico, a bibliografia tem que tá de acordo com o projeto pedagógico, a... as ementas das disciplinas, depois que elas são aprovadas no projeto pedagógico, não podem ser alteradas. Você pode alterar o conteúdo programático, as ementas você... nenhum professor pode alterar depois que é aprovado é... o projeto pedagógico. Porque ele não só é aprovado no departamento, ele passa pelo CONCENTRO, ele passa por todos... pelo CONCEPE, ele passa por todas as unidades da instituição, né? Então, depois que ele é aprovado, é... ele não pode ser... algumas coisas não podem ser alteradas, o professor tem que trabalhar de acordo com o projeto, né? Então, não tem como a gente fugir disso. Ou tu... por isso a importância da gente acompanhar as discussões do... de... do curso independente de fazer parte ou não do NDE e... dentro do possível é... dar sua opinião, participar direta ou indiretamente porque depois que ele é totalmente aprovado, todas as disciplinas, elas tem que estar baseadas dentro do projeto, inclusive, viagens externas com alunos ou internas. A... Essa questão das disciplinas, da interdisciplinaridade com as disciplinas, carga horária toda. Então, é importante a questão do projeto pedagógico por conta disso. Então, dentro do possível a gente sempre acompanha. Agora novamente eu tô participando do NDE, tô acompanhando mais de perto essas discussões com o novo currículo, porque o PPC será alterado a partir do momento que o novo plano... que o novo currículo é... estiver definido. Que vai também ser aprovado pelo departamento. Aí, todas as alterações relacionadas ao PPC têm que ser atualizadas. Então, aí, isso tudo vai influenciar o PPC.

Questão 9 - Ok! Essa é a última pergunta: Em relação ao que conversamos, o que mais você gostaria de acrescentar ou comentar? Se tiver alguma coisa pra comentar ou acrescentar, sinta-se à vontade!

Tá! Eu acho que no momento, a nossa Universidade tá passando por... por fases de adaptação... adaptação e muito... e política muito grande, né? E isso tá interferindo muito no nosso dia a dia é... e que eu não acho legal. Por exemplo, nós temos uma Pró-Reitoria de Ensino que acha que pode mandar e desmandar, né? Tira a liberdade dos professores de fazer o seu trabalho é... viraram verdadeiros caçadores de... de PTIs, né? Não entendem nada da prática pedagógica do dia a dia do docente a... estão querendo que... engessar o ensino, né? E isso não é legal. É... Talvez não seja isso que... que deveria ser colocado aqui, mas enfim, é um... é a forma que eu tô vendo agora de ver as coisas, a forma como eu tô vendo agora, né? É... Como trabalhar ética, se a própria instituição não tem ética? Como trabalhar política, se a própria instituição faz politicagem? Né? Então, eu acho que... é... um momento que, não só a Universidade, mas que o mundo tá passando, que o Brasil tá passando! Né? E eu espero que isso... sirva pra que a gente amadureça, pra que a gente cresça, pra que a gente possa mudar um pouco nós mesmos, no ambiente que a gente vive. Porque tá muito complicado, tá muito difícil, e... sendo a Universidade, a proposta que... Desde que surgiram as Universidades na Europa e

Estados Unidos que é propor a criação, o desenvolvimento de uma consciência crítica, de massa crítica, nós estamos num momento, eu acho, num processo retrógrado. Sabe? É... Não poder falar, não pode dizer. Faz uma manifestação... os professores com papel e lápis na mão encontra uma tropa de choque é... É muito triste tudo isso. Então, é... eu acho que é bem complicado é... a ética, a política são muito importantes, mas nós estamos... vivendo um momento de extrema delicadeza nessa área. E como que tu vai falar de ética, se nós não temos a ética na Universidade? Como você vai falar de política, se a Universidade faz politicagem?

Entrevistadora: Muito Obrigada!
Eu que agradeço!

ENTREVISTA 24

Questão 1 - Dentro da sua concepção, para que existe o Bibliotecário?
O bibliotecário é um servidor. Ele existe pra servir o público. É isso que ele tem que ter em mente. Não é só organizar a biblioteca, deixar tudo em ordem. Não! Ele tá ali pra servir o público. Ele é um servidor.

Questão 2 – Certo. Que demandas este profissional deve atender?
Tem que tá atualizado pra demanda, não só atual, mas do local, porque dependendo da região, as demandas são diferentes! Ele vai trabalhar numa região perto de uma área indígena, como nós temos até algumas faculdades perto da área indígena, as demandas são bem diferentes. Inclusive, não tem material nos idiomas, nos dialetos desses grupos. Então, isso é uma coisa a ser pensada, né? Hoje, se acha que tudo é tecnologia, então, as demandas são essas... não são bem assim! O nosso território é muito grande, o país é muito grande e temos necessidades diferentes!

Questão 3 – E com base na sua prática profissional como docente, né?, o que a senhora espera do egresso do curso de Biblioteconomia?
Eu espero que ele se empenhe, porque como já foi feita muita pesquisa, inclusive, ontem, né? Os bibliotecários não... não sabem alguns, o que é uma fonte de informação impressa, que eu fiquei pasma. Não sabem o que é uma fonte de informação digital pra ensinar os alunos do ensino médio a fazer pesquisa.

Entrevistadora: Ontem que a senhora diz foi na defesa da... de mestrado?
Na defesa do mestrado. Quer dizer, o bibliotecário tem que ficar muito atento ao que ele aprendeu na universidade e ir além, né?, buscar. E a gente viu que muitos simplesmente esqueceram porque existe a disciplina “Fontes de Informação 1”, “Fontes de Informação 2”. A “Informação 1” são as fontes gerais, né?, enciclopédias, dicionários, manuais, e nem isso eles sabem! Então, ele é egresso, ele não pode esquecer tudo que aprendeu. Além daquilo, ele tem que buscar mais, mas não pode passar a borracha no que já aprendeu. Foi assustador! De trabalhos lidos, foi assustador!

Questão 4 – E como que a senhora realiza a sua prática docente visando atender o desenvolvimento desse egresso? Ou seja, pra ele sair conforme a sua expectativa.

Eu incentivo muito e cada turma é diferente, não só as pessoas de cada turma, né? Então, muito embora eu tenha um plano de aula que é didático, normalmente eu faço ajustes porque eu vejo necessidades diferentes em cada turma. Incentivo a fazer pesquisa, incentivo a publicar, incentivo a ler, né?, aquele assunto da... da... mais do seu interesse. Às vezes, nem só o assunto da área, mais do seu interesse. E espero que isso eles façam realmente, mas às vezes, é desanimador porque tem gente, né?, que sai do curso, seja Biblioteconomia ou Arquivologia, não formamos ninguém da Ciência da Informação ainda, e as pessoas não sabem o que querem, né? Eu já vi pessoas, que se formaram bem, com média 9,5 e depois foram trabalhar de caixa num mercadinho, né? Então, pra que perdeu aquele tempo? Pra nada, né? É tempo desperdiçado.

Questão 5 – E que ênfase que a senhora dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referente à prática do bibliotecário, né?, nas disciplinas que a senhora ministra?

É. Atualmente, na Biblioteconomia eu só estou ministrando na “Biblioterapia”, né? Mas aí tem os aspectos éticos a ser vistos, né?, não constranger a pessoa, quando é criança também tomar certos cuidados, quando é idoso. Isso a gente tem que tomar também muito cuidado. A questão também do afeto, do abraço, né? Porque tudo tem um limite, tudo tem um limite. A gente trabalha muito com criança e com idoso, às vezes, é mal interpretado. Por exemplo, já fizemos atividades num asilo e foi escolhido “O casamento da Dona Baratinha” e os idosos acharam o máximo, né? Só que um já levou pra outro lado e depois ficou assediando a moça: - Queria casar com a dona Baratinha, olha só, eu sou o Ratão! Quer dizer... Então, a gente tem que tomar, assim, um cuidado porque quer demonstrar afeto, quer chegar perto, né?, dar um abraço, apertar a mão e tudo. E às vezes....

Entrevistadora: Pode confundir...

Pode confundir as coisas, isso no curso de Biblioteconomia, né? No curso de Arquivologia, eu dou a disciplina “Evolução do Pensamento Filosófico”. Aí, aponto também alguns aspectos éticos e políticos como o profissional deve agir e aí, é para os dois cursos, né?, Arquivologia e Ciência da Informação de manhã. E agora ministro também a disciplina “Ética Profissional”. Então, eu mostro a necessidade de ética, não só quando for executar a profissão, mas desde alunos.

Entrevistadora: Essa ética profissional é pra Biblioteconomia também? Porque aqui no caso é só pra Biblio.

Ela é ofertada, mas aí não sou eu que oferto à noite.

Entrevistadora: Ah tá. Entendi!

Eu estou mais com as disciplinas do período da manhã e ela é ofertada para o curso de Arquivologia e Ciência da Informação. Não impede que alunos da Biblio façam à noite... de manhã, porque é um núcleo comum, mas como a maioria trabalha, né?, faz à noite. Aí é outra professora que dá.

Entrevistadora: Entendi! E nessa disciplina “Ética Profissional” são aspectos da ética profissional, da atuação...

Sim! Sim! Da atuação...

Entrevistadora: Também do bibliotecário, né?

Também do bibliotecário! Eu tenho, eu tive no semestre passado uma aluna bibliotecária, fez de manhã. Então, sempre tem assim, né? E tem alunos que são da Arquivologia, fazem à noite por questões de ordem pessoal, né?, às vezes, é emprego ou outro compromisso.

Entrevistadora: Claro! Isso é ótimo, ele poder optar, né?

Sim! Sim!

Entrevistadora: Dentro das suas possibilidades.

Questão 6 – E que valores éticos lhe motivam ou influenciam para realizar a sua atuação como docente do curso de graduação em Biblioteconomia?

Que valores éticos? Me motivam?

Entrevistadora: Ou influenciam...

Ou influenciam. Bem, a vida sem ética, não vale a pena ser vivida. Já começa por aí, né? Então, eu procuro manter sempre uma postura ética, em todas as disciplinas, em todos os cursos. E procuro passar isso para os alunos. Não sei se eu fui muito vaga, se tu queiras alguma coisa mais específica?

Entrevistadora: Não. A gente, às vezes, se baseia em alguns valores, mas se não tem... se a senhora não entende isso como nada pontual, né? Às vezes, a gente fala respeito, honestidade, é...

Bom! A tu quer... Sim! Sim!

Entrevistadora: Mas pode ser também. Não precisa... Como a senhora achar melhor.

Pois é, eu não saberia detalhadamente. É... Como cristã, né? Eu me pauto muito nesses valores que a Bíblia passa e que o bom senso também exige, que a convivência exige, né? O respeito é um deles. Esse eu acho que é o principal em qualquer situação, né? O respeito à dignidade da pessoa humana. Mas tem outros, né? Tem a lealdade, tem a integridade e, principalmente, a pessoa não ser mentirosa, né? Que, às vezes, isso é bem comum, o aluno vem com muita desculpa e a gente sabe que o aluno está mentindo. Então, tentar mostrar pra ele sem ofender, respeitando, às vezes, o constrangimento dele. Mas eu penso que o respeito, assim, ele encabeça tudo.

Questão 7 – Certo. E... Que tipo de participação que a senhora teve no projeto pedagógico, né? E após responder isso, que avaliação que a senhora pode fazer é... do impacto do projeto pedagógico ou, se possível, imaginar, né?, sobre esse impacto para a sociedade. No caso do curso de Biblioteconomia.

É... Já passamos assim, por várias mudanças curriculares, né? Sempre com o sentido de aprimorar e sempre muito preocupada a matriz curricular com as tecnologias. Isso é uma preocupação minha, porque vamos atender o ser humano. Então, sinto que falta disciplina mais voltada pras Humanidades. Isso eu sinto que falta. Agora, foi um grande avanço, com esse núcleo comum, temos a ética, né?, a evolução do pensamento filosófico e científico, porque a Filosofia é que dá, na verdade, todas as perguntas que a ciência vai responder. Então, ajuda o aluno também a fazer as suas perguntas, né? Então, eu sinto que falta, por exemplo, uma

Psicologia Social. Como eu tive quando fui aluna da Universidade. Eu sinto que faltam essas disciplinas e os alunos também sentem. Os alunos sentem e muito isso nos cursos, porque o curso de Biblioteconomia está como se fosse um curso técnico. Por isso, agora quando a disciplina “Biblioterapia” é ofertada, os alunos vão até sem saber o que é, mas eles vão porque diz: - Lá, a gente tem contato com o ser humano.

Entrevistadora: Afetividade.

Tem afetividade. É. Então, eles vão mais pra isso, porque eles se sentem assim, meio robotizados, né? Então, eu já tenho participado, assim, né? Sugestões de ofertas de disciplinas, né?, nem sempre é acatada. Por exemplo, literatura... Literatura geral e literatura clássica, isso o bibliotecário tem que saber, tem que conhecer. Não pode conhecer os best sellers só. Não pode conhecer! Tem que conhecer os clássicos da Literatura e isso há mais de 15 anos que eu já fiz essa proposta, né? Não foi aceita. Não faz parte. A “Biblioterapia” entrou muito a contragosto de alguns professores também, né? Na... A Litera... a “Leitura e Informação” foi uma disciplina também que eu já ministrei. Então, eu procurava fazer dessa disciplina uma coisa mais agradável, né? Não fazia aquela informação só técnica, tinha que passar por isso, né?, mas aí eu tentava puxar um pouco também para a leitura literária. Faz parte, né? Nós... nós vivemos com isso... o bibliotecário já... como é que vai saber, se ele não leu, só ouviu falar, só viu propaganda no catálogo da Catarinense ou só um recortezinho da Veja.

Entrevistadora: Não sabe o mínimo!

Não sabe o mínimo, né? Então, eu sinto falta, apesar de ter participado e ter dado, assim, algumas ideias, né? Eu tô... em síntese, né? (risos). Então, eu acho que o nosso curso vai melhorar agora com essa questão do núcleo comum, né? Agora com essa obrigatoriedade também das culturas indígenas, das culturas africanas, dá uma outra visão, né? Porque até então, era sempre a visão do caçador, né? Nunca tínhamos a visão da caça.

Entrevistadora: Com certeza!

Então, eu acho que a tendência é melhorar. Já tá passando de novo... Claro, o currículo tá sendo desenvolvido aos poucos, né? Agora que nós vamos para a terceira fase do núcleo comum, então, ele tá sendo gradativo e aí, a gente vai fazendo alguns ajustes. A tendência é melhorar e eu acho que os professores já tomaram ciência que é preciso um pouco do fator humano ali também. É preciso.

Entrevistadora: E imagina o impacto que isso pode ter pra sociedade desse egresso?

Ah, sim! Eu acho que o impacto é grande, porque se tu vai numa biblioteca e a bibliotecária te recebe bem, conversa contigo, procura te fazer sentir à vontade naquele ambiente, que pra muita gente, é um ambiente assustador. A Biblioteca Pública, por exemplo, recebe pessoas que tem medo de entrar porque tem uma catraca, acham que tem que pagar. Ainda temos isso. - Não vou entrar, quanto será, não dinheiro. Então, não é uma pessoa letrada que tem o conhecimento de uma biblioteca especializada, de uma biblioteca universitária, que a pessoa já tem autonomia. Então, eu acho que esse impacto é muito grande se esse profissional já tiver essas noções de Psicologia Social, de Filosofia, do trato com o outro, da ética,

eu acho que o impacto vai ser grande. Nós vamos começar a ser vistos de forma diferente. Forma diferente e não como aquele que diz: - Olha, a máquina tá lá, óh! Procura lá, óh! Né? A pessoa não tem noção de nada. – Ah, procura pelo número. Ela não entende aquele monte de número ali da classificação. Pra ela aquilo é um mistério.

Entrevistadora: É outra língua.

É outra língua, né? Então, o bibliotecário tem que acompanhar. Não é que ele vai ser assim, assistencialista. Vai ser mãezona. Não é nesse sentido, mas perceber as necessidades das pessoas e, até ser um pouco psicólogo. O bibliotecário tem que ser um pouco psicólogo também, porque as pessoas, às vezes, vão com medo. Há muita gente, né?, que vai no médico e recebe aquele diagnóstico e fica assustado. Não sabe o que é aquilo. Acha que é uma coisa terrível, né? Teve um caso de uma professora, até quando eu era aluna, a professora contou isso que a moça foi nela e baixinho no ouvido disse que tinha uma coisa sobre o climatério que o médico disse que ela tinha isso. Que ela tinha o climatério. Ela queria saber se isso era muito perigoso, se era contagiante, ela tinha filhos. Que dizer, essas coisas. O bibliotecário não pode começar a rir, né? Tem que explicar o que é aquilo, né? Não, na verdade isso é simples. É uma coisa que todas as mulheres passam. Então, tem que ser um pouco psicólogo e se ele não tiver essa disciplina, se ele não tiver a disciplina de “Psicologia” como vai ser?

Entrevistadora: Como é que ele vai se despertar pra isso?

Eu acho que o impacto é grande se a gente se mostrar mais como humano e menos como aquele camarada que fica atrás da máquina.

Questão 8 – Em que sentido o Projeto Pedagógico lhe serve de base para realizar suas ações docentes?

É, ele é um norteador, né? Nós temos que seguir e é interessante porque o projeto permite assim que os professores dialoguem, né? Por exemplo, as fases... a professora que ministra a mesma disciplina ética à noite, divide essa aula comigo. Então, a gente pode trocar ideias baseadas nas diretrizes do projeto. Pra não ir uma muito além e outra muito aquém. Até mesmo, pros professores substitutos como acontece, por exemplo, no verão nós tivemos algumas aulas pra ir adiantando, os professores substitutos também pedem orientação e, graças assim, a essas orientações do projeto pedagógico, a gente fornece as diretrizes pra ter uma coerência, né? Pra ter uma coerência. Porque o professor é autônomo na sua sala de aula. Ele tem o plano, ele tem o programa, mas lá na frente da turma ele pode dizer o que ele quiser. Ele pode anotar o que ele quiser na lista de frequência e ninguém vai dizer que não foi aquilo, porque o aluno não tá acompanhando, né? Então, passa aqui pela ética de novo, de ele ser correto, né? Registrar justamente o que ele deu naquela aula, material de leitura, material de debate e não fugir do projeto pedagógico porque é o nosso manual, é o nosso norte.

Entrevistadora: Uhum! Foi algo que foi consentido pelo grupo, né?

Foi consentido! O grupo discutiu, debateu, aprimorou, passou por várias reuniões, né? O NDE, o Núcleo de Desenvolvimento, passou pelos colegiados todos, dos cursos e depois dos colegiados do departamento. Então, aquilo foi muito debatido, então, quer dizer, foi achado bom. Então, tu deve seguir.

Questão 9 – Certo. Obrigada! Em relação ao que a gente conversou, a senhora gostaria de acrescentar mais alguma coisa? Pode ficar à vontade.

De repente alguma coisa que tu ficaste constrangida de perguntar. Tu podes ficar à vontade de perguntar. Que não estava aí nas tuas questões...

Entrevistadora: Não pra mim foi perfeito! Tá ótimo

Então, eu desejo sucesso na pesquisa. Quando vai ser a defesa?

Entrevistadora: Espero que em maio, final de abril ou maio.

Aí, que bom!

Entrevistadora: Tá bom! Obrigada, Profe!

ENTREVISTA 25

Questão 1 – Dentro da tua concepção, pra que que existe o bibliotecário?

Bom, o bibliotecário, ele... ele é um educador, ele é um profissional que tem uma importância social porque ele pode contribuir na formação de leitores, na formação de um cidadão melhor, é... principalmente, aqueles que atuam em bibliotecas, bibliotecas comunitárias. Então, eu acho que ele é um agente de transformação da sociedade. Então, ele é de suma importância até pra que a gente tenha um país melhor, uma sociedade melhor, por meio das bibliotecas e de outras áreas que ele atua, mas, principalmente, por meio das bibliotecas, né? Então, esse é o principal.

Questão 2 – E que demandas esse profissional, ele deve atender? Na tua opinião.

Olha, eu acho que hoje o profissional ele tá com uma demanda muito ampla porque a gente tem as novas tec... tem as tecnologias de informação, então ele tem uma atuação muito mais ampla do que... não apenas nas bibliotecas, apesar de ser um grande campo de trabalho. Então, ele tem uma demanda social, que é essa de formação de leitores, de contribuir pra cultura, pra um país melhor. É... a demanda humana também. Formação humana, social. É... e ele tem uma importância também não só como técnico, mas eu acho que ele tem que ser um profissional que, é... tenha a parte científica também, né?, que contribua pra construção do conhecimento, não só na área, mas pro desenvolvimento de pesquisas que ajudem também na sociedade. Então, ele tem essa demanda científica também, né?, acredito.

Questão 3 – Perfeito. E com base na tua prática profissional como docente, no caso, o que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia? Quando ele sair o que que é a tua expectativa em relação a ele?

É, eu espero que ele não seja só um técnico, um mero técnico. Que ele tenha acho que, principalmente, o que eu sinto assim em sala de aula, é que falta uma formação mais política, no sentido mais amplo da coisa. Que ele tenha um engajamento com as entidades de classe. Que ele se engaje já dentro do curso,

né?. Que os currículos formem um profissional que vá poder ser... ter essa análise mais crítica da sociedade e se engajar. Porque o que eu vejo é que eles pensam muito em si, né?, vou passar num concurso e aí passando num concurso vai tá... minha vida vai tá resolvida. Mas, e a classe? Como eu vou ter mais visibilidade pra área? Como eu vou conseguir mudar a realidade das bibliotecas onde eu moro? Então, esse engajamento, essa visão mais ampla, esse repensar a todo momento da profissão dele, eu acho que é fundamental. Então, esse profissional mais crítico, mais político, no sentido amplo. E mais preocupado com a questão social e não que ele seja um técnico. E eu acho que os currículos já tem que pensar nisso também, né?, ajuda. Mas que ele não seja um mero técnico.

Questão 4 – Beleza. E como você realiza tua prática docente pra atender, então, o desenvolvimento desse egresso? Pra que ele se desenvolva e saia conforme a tua expectativa, vamos dizer assim.

Eu acho que é importante sempre trabalhar a visão crítica do aluno. Não trabalhar com ideias prontas, mas qualquer disciplina que ele vá trabalhar que ele tenha uma visão ampla e uma visão crítica das coisas, né? Então, fazer visitas técnicas, trabalhos junto às bibliotecas nas comunidades pra que ele possa conhecer a realidade, é... fazer com que ele sempre repense a realidade, não só da área, mas da sociedade. Porque se a gente não conseguir, é... mudar a sociedade como um todo, a gente não muda a área em si. Então, isso é a visão mais ampla, né? Então, sempre trabalhar com textos ou com atividades que desenvolvam esse lado crítico dele. Eu acho que é importante.

Questão 5 – Ah, que legal! E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referente à prática do bibliotecário nas disciplinas que tu ministra? Independente da temática, né?

Que ênfase?! É... eu penso que a ética não vem junto com a profissão do bibliotecário. A ética é uma conduta, tem muito a ver com caráter. Então, eu penso que a gente tem que trabalhar pensando na profissão, mas pensando nessa questão humana que vai além do bibliotecário. Porque ele é um ser humano que já vem com uma conduta determinada, uma visão da sociedade e que, em quatro anos de curso, você dificilmente vai mudar o que ele é, mas você pode contribuir pra que ele pense a sua conduta enquanto cidadão. Então, eu acho que tem que ser mais do que pensar o bibliotecário, mas pensar o cidadão. É... Eu acho que é... fazer com que ele repense, por exemplo, o nosso sistema educacional como um todo, né?, educação, que repense a sociedade, que reflita para além da Biblioteconomia, né? Mas eu acho que trabalhar textos em sala de aula, acho que ajuda, né? E essa visão sempre de repensar, essa visão sempre crítica e que ele possa, digamos, né?, pensar nesse outro lado, né?, porque é um lado mais humano, né? Essa coisa da ética, ela pode estar em qualquer disciplina, né?, não só na disciplina de ética. Até a própria conduta do professor pode ser um espelho, né?, a própria conduta do aluno dentro da universidade também, né? Tudo que você trabalha tá envolvendo a ética, né?

Questão 6 – Uhum! Com certeza! Quais os valores éticos que te motivam ou que te influenciam pra realizar a tua atuação como docente na Biblioteconomia?

Eu acho que, principalmente, a honestidade e nunca tentar tirar vantagem, sempre seguir as regras como elas tem que ser e eu gosto sempre de ser, é... digamos assim, muito justa com os alunos, né?, seguir ah... se eu tenho alguma exceção, então tem que ser pra todo mundo. Então, tentar não abrir exceções e seguir o que tem que ser seguido à risca de acordo com a legislação, né? Porque o que a gente vê, assim, é uma conduta... não só dos alunos, mas dos professores, de todo ser humano, do Brasil, que é de você tentar tirar vantagem, né?, e o aluno vem, ele é um reflexo da sociedade, ele vem com essa ideia, né?, de querer dar um jeitinho e querer entregar um trabalho depois do prazo, então, isso também é ética, né? Então, a gente tem que tentar mostrar pra ele que ele não pode ter essa conduta aqui porque ele vai levar isso pro mercado de trabalho. Então, tentar fazer com que ele aprenda que entregar um trabalho no prazo é importante. Depois de formado se ele vier a entregar um projeto fora do prazo, ele não vai poder. Então, essas mínimas coisas, né?, tentar ser o mais justa com todo mundo diante das regras que a gente tem que seguir, né? E não é uma tarefa fácil, né? Nem um pouco, porque é muito dinâmico, né?, os alunos são muito diferentes, a gente recebe aqui na Universidade, tanto a senhora que tá usando... tá aprendendo a usar o computador, como aquele jovem assim, mais antenado. Então, é uma diversidade de formação, que não é fácil a gente manter o mesmo padrão pra todo mundo, né?, mas a gente tenta... Eu acho que os princípios são a honestidade, é... a própria ética, né?, na... na conduta, ahm... e o respeito, né?, que também é... é muito importante, saber que eles são seres humanos, né?, que a gente tem que respeitar eles também, né? Eu acho que esses são princípios bem... bem importantes. Não sei se eu tô fugindo muito das perguntas.

Entrevistadora: Não! Não tem... pode ficar à vontade pra fugir e voltar, pode... não tem problema. Se tiver mais alguma coisa pra falar.

(Risos) Tá!

Questão 7 – Que tipo de participação que você teve no projeto pedagógico atual do curso, né? E... que avaliação que você faz do impacto desse projeto na sociedade, se possível fazer uma avaliação, mas o que você imagina....

Aqui na Universidade, agora a gente tá com três cursos, né? Então, quando a gente trabalha com o da Biblio, a gente trabalhando com Arquivologia e com CI porque o é projeto integrado. Eu participei.... eu participo dos três, né? Participei no da Arquivologia e com isso também dos outros porque a gente tem um núcleo comum é... Então, a gente cham... teve a preocupação de pensar co... como a sociedad... o que a sociedade tinha de demanda pro bibliotecário. Então, a gente chamou pra fazer os projetos, representantes de entidades de classe, profissionais atuantes na área, egressos dos cursos e fez muitas reuniões, muitas discussões e repensou. É... Então, eu acho que a preocupação que a gente teve no curso é de, justamente, não ter esse profissional só técnico e pensar a parte técnica, a parte científica, a parte social e também a parte tecnológica. E com os nossos currículos mais antigos a gente tinha uma vertente muito tecnicista, né? Que é... é difícil a gente não manter isso, porque é um curso de Biblio... a base é a técnica, né, é a catalogação, classificação, indexação. Mas tentar trazer um pouco de disciplinas que façam ele ter uma visão mais ampla, é... e mais integrada com outros profissionais. Então, não só que ele saiba a Biblioteconomia, mas que ele saiba lidar com a

Ciência da Informação, com Arquivologia, com profissionais de Informática. Então, que ele tenha uma formação também mais ampla nesse... nesse sentido, né?

Entrevistadora: Entendi.

Eu acho que é essa formação mais humana e social, que a gente tá buscando, né? E o currículo é uma reinvenção, né? A gente tá sempre... agora que a gente tá com o curso que o currículo tá em implantação, né?, os novos currículos. Então, a gente tá sempre repensando as disciplinas, né? Então, a gente vai tá nesse processo de mudança

Entrevistadora: De reconstrução.

É. E eu acho que tá bem difícil atender a demanda social, porque... se a gente for pensar em bibliotecas, a gente atendia... o currículo atendia super bem, porque a parte técnica tava bem desenhada e hoje você precisa, por exemplo, um profissional que vai trabalhar num parque tecnológico. Ele precisa saber montar base de dados, ahm... trabalhar com busca de informações na internet... Então, é... é difícil você ter um currículo que vá conseguir fazer todos esses lados muito bem, né? Ele vai ter que ter uma formação continuada depois de se formar pra ir pra área que ele quer. Porque a gente agora tá com uma formação bem diversificada, porque são dois anos de núcleo comum. Então, se ele quiser se especializar na área da saúde, por exemplo, é... bibliotecas na área de saúde ou escolares ou alguma área mais tecnológica, ele vai ter que fazer uma formação continuada.

Entrevistadora: E o impacto que esse projeto tem na sociedade? O que que você imagina sobre esse impacto? Se é um impacto positivo ou você acha que...

Eu acho que é um impacto bem positivo, porque eu vejo que as áreas hoje, elas tão muito... trabalhando muito interdisciplinarmente. Então, o bibliotecário, se ele vai trabalhar numa área mais tecnológica, por exemplo, que é uma demanda muito grande da sociedade, a gente tem, por exemplo, em Santa Catarina, um parque tecnológico, tem empresas de tecnologia que trabalha com gestão do conhecimento, gestão da informação. A gente precisa fazer com que esse profissional trabalhe bem com profissionais de outras áreas, principalmente profissionais da área de tecnologia. Porque o bibliotecário sozinho não consegue, né? Não que não consiga por uma deficiência, mas não é o papel dele, por exemplo, montar muito bem um banco de dados, ele vai precisar da interlocução de alguém da informática. Então, trabalhar ahm... como a gente tem o modelo na Universidade, trabalhar os três cursos integrados e fazer com que ele saiba trabalhar com outros profissionais, isso é importante, né? E eu acho que a demanda mais gritante atualmente, é essa demanda tecnológica, né?, que a gente tem, é... Não que as outras não sejam importantes, mas a gente... Eu sinto que nas empresas a gente precisa ocupar esse campo de trabalho, pra que a gente tenha mais visibilidade profissional. Então, o impacto que a gente pode ter na sociedade, no desenvolvimento científico e tecnológico de Florianópolis e do estado é muito grande e é uma responsabilidade muito grande do currículo, né? Então, eu acho que tem um impacto muito grande, por isso que a gente... o currículo, ele não é... ele é uma coisa dinâmica, né? Porque a sociedade tá se transformando, Florianópolis tá se transformando, a forma com que as áreas tão trabalhando, né?, de uma forma mais

interdisciplinar. Então, tá se transformando e a gente tem que tá sempre pensando o currículo justamente por esse impacto social que a gente tem, né?

Questão 8 – Em que sentido o projeto pedagógico, ele te serve como base pra realizar suas ações como docente?

É. Em todas as atividades, né? Porque ele embasa... Todas as atividades que a gente faz tem que tá previstas ali. Então, ele é a base pra qualquer ação docente, seja ahm... em qualquer curso, né?, que a gente tenha e mesmo as atividades de pesquisa, elas vão ser condu... de extensão, elas vão ser conduzidas pelos princípios que a gente tem em cada curso, né?, pelas metas, pelos objetivos dos cursos. Então, ela é fundamental pra estruturar todo o curso, né?

Entrevistadora: Certo.

Questão 9 – Em relação ao que a gente conversou, você quer acrescentar mais alguma coisa? Gostaria de comentar... Fique à vontade, se quiser!

Não, mas é mais assim, né? É... Eu acho que a gente precisa mais assim, cada vez mais... como colegas e também como área, repensar cada dia a profissão e eu acho que os profissionais, eles tem que repensar também cada dia a sua conduta, não só a questão ética, mas a questão social, né? A gente acaba pensando muito na demanda tecnológica, porque é uma demanda da sociedade, né? Se a gente não ocupa esse campo, outros profissionais vão ocupar essa demanda, mas eu penso que a gente também tem que pensar nas demandas das bibliotecas que é a nossa base, né?, as bibliotecas comunitárias, nossas bibliotecas públicas, que... às vezes, o aluno mais jovem tá chegando e não tá pensando nesse aspecto: - Ah, eu não quero trabalhar em biblioteca! Às vezes, a gente ouve em sala de aula, né? Como se aquilo fosse menos importante e olha o impacto que a gente pode ter se a gente investir nessa base, né?

Entrevistadora: Com certeza!

É. Eu acho que a gente precisa repensar pra que esse novo profissional não se preocupe somente com o tecnológico, mas que se preocupe com a questão basilar da profissão que é a questão educacional, que é a questão social, né? E a gente tá em transformação. Eu acho que é uma área em transformação constante. Nos currículos... É difícil assim, a gente conseguir que o currículo represente bem essa mudança social, porque um profissional formado na Universidade, ele não vai trabalhar só na Universidade, né? Ele pode trabalhar em qualquer lugar do mundo, qualquer lugar do Brasil e do mundo. Então, a gente tenta atender a demanda local, porque o currículo vai responder, mas a gente tem que pensar numa forma mais global, então, sempre repensar, né?

Entrevistadora: Tem que repensar com certeza! Muito importante isso que tu falou! Obrigada.

Questão 1 – Dentro da tua concepção, pra que que existe o bibliotecário?

Bom, naquela concepção mais antiga, o bibliotecário é aquele que organiza a informação, né? É pra isso que ele serve. Eu acho que independentemente do... do tipo de suporte que a gente tenha, essa é a grande função do bibliotecário. E não é só organizar, mas tornar disponível pras pessoas que aí a gente entra na disseminação da informação. Que é pra isso mesmo que a gente serve, né? A... a... não só organizar, mas também proporcionar às pessoas, o acesso à informação do jeito que elas precisam, no nível que elas precisam e pra que isso seja útil pra vida da pessoa. Então, eu considero o bibliotecário um profissional extremamente importante, muito pouco reconhecido pela sociedade em geral, mas que é a pessoa que tem a capacidade de... de gerenciar esse mundo da informação de uma forma em que as pessoas sejam beneficiadas, né? E isso independe do suporte. Se a gente vai tá mexendo com o suporte impresso, se a gente tá mexendo com qualquer tipo de documento. O bibliotecário tem essa capacidade, né?

Questão 2 – E que demandas este profissional deve atender?

Ai, eu acho que todas, né? Se a gente pensar nos tipos de bibliotecas, a gente já tem aí uma gama de usuários enorme, né? Desde o pessoal que tá na Biblioteca Pública, que pode ser o pessoal analfabeto, até o erudito que precisa do suporte que tá lá, né?, da informação que tá lá dentro. E o especializado... a biblioteca especializada, a biblioteca escolar, a biblioteca infantil, né? Eu acho que todo o tipo de... de... eu me perdi na...

Entrevistadora: Que demandas o...

Que demandas. Eu acho que hoje em dia as demandas são muito grandes, porque você tem o Google completamente desorganizado, mas que responde às perguntas. Você pergunta pra ele ali, aperta o botãozinho, fala e ele te dá a resposta. Então, por trás disso, tem que tipo de profissional? Quem é que tá ali gerenciando aquilo? Será que é bibliotecário, será que não é? E ao mesmo tempo, a gente tem a literatura científica, que precisa ser organizada e mantida. E cada vez em número maior, né? Então, continuamos lá nos princípios de Otlet e La Fontaine, de organização do conhecimento, de registro de todo o tipo de informação e de controle dessa informação. Eu acho que ainda é a demanda do bibliotecário.

Entrevistadora: Nada mudou, né?

Nada mudou! Né? A vida muda, as pessoas mudam, o nível de informação muda, mas a... o que se quer realmente é o controle das informações que estão aí pelo... pela nuvem, fora da nuvem, na terra, no chão, é onde tiver. E que o bibliotecário tem a capacidade de gerenciar isso pra passar pras pessoas que necessitam dessa informação.

Questão 3 – E com base na tua prática profissional como docente, no caso, o que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Olha, eu esperava bem mais do que eu tenho visto. Não, que assim, não desmerecendo, né? Eu vejo alunos muito aplicados, eram alunos que eram... é alunos aplicados em sala de aula e que se tornaram bibliotecários muito competentes e que a gente tem muito orgulho de ver trabalhando. Mas ao mesmo tempo, você vê um bibliotecário muito acomodado. É aquilo que eu falo em sal de aula, né?, “morreu e esqueceu de deitar”. É... tá de pé ali e não sei o que tá fazendo

ali, sabe? Porque assim, tem tantas coisas pra serem feitas, tem tantas possibilidades de trabalho... Quando eu tava na graduação e isso era 1980 que eu me formei, eu ouvia da minha professora de referência que nós tínhamos que nos antecipar às necessidades do usuário. E hoje ainda, passados 37, quase 37 anos, 36 anos, você vê bibliotecário que acha que tem que fazer o trivial necessário. Eu tenho que classificar, catalogar, indexar, organizar e pronto, acabou! E o usuário que se vire, né? Ele não pensa numa forma de ir além disso, né?, de ver o que que esse usuário... Eu penso sempre numa biblioteca especializada trabalhando, né? O que que essas pessoas querem de mim? Que tipo de... de serviço eles querem que eu proporcione pra eles? Será que é só manter o material organizado aqui? Ou eles querem que eu me adiante mostrando as pesquisas que estão sendo feitas naquela área, vendo os congressos, sinalizando pra eles as coisas que tão acontecendo, né? Indo além daquilo que é um trabalho mais rotineiro, né?, do bibliotecário. Ao mesmo tempo, eu percebo que eles não têm tempo, porque os caras botam um bibliotecário numa universidade, numa faculdade. Como é que aquele bibliotecário vai organizar e gerenciar a informação e ainda disponibilizar pras pessoas com qualidade? É muito difícil! Ou ele faz uma coisa bem feita ou ele faz a outra bem feita. Ele não consegue fazer os dois. E uma depende da outra, porque se ele não tem uma coleção bem organizada, ele não consegue encontrar a informação pra passar pra frente. Então, assim, eu acho que ainda tem muita coisa a ser construída, né?, até de valorização mesmo do profissional, onde as pessoas precisam enxergar a importância e contratar mais gente, né? Abrir mais concurso, botar mais gente pra trabalhar, né? Porque achar que uma pessoa só vai dar conta de tudo, não vai! Mas também, tem aquilo, as pessoas não sabem o que o bibliotecário pode fazer e não sabem o que ele pode fazer porque ele não mostra. Ele se acomoda, junta lá com a velha que tá a 30 anos na instituição e ele vai substituir e continua fazendo tudo sempre igual como ela fez, né? Sem demérito do que ela fez. Na época que ela começou lá e tava no gás, ela fez muita coisa boa, depois ela foi cansando, todo mundo cansa! E ela foi diminuindo o ritmo dela, então, o sangue novo entrar e enxergar coisas novas é muito importante e, muitas vezes, o cara não faz. Então, assim, o que eu esperaria do meu... do meu egresso era a pró-atividade mesmo, né? Era enxergar as coisas que tem que ser feitas e ir atrás e fazer, né?

Questão 4 – Muito bem. E como você realiza tua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso? Ou seja, pra que ele saia do jeito que você espera.

Ah, eu converso muito, né? Eu dou muito exemplo, eu tenho muito tempo de... de história na Biblioteconomia, né? Não só porque eu fui usuária de biblioteca por muitos e muitos anos, eu comecei a utilizar a biblioteca eu tinha quatro, cinco, seis anos, que a minha mãe tinha que estudar e me deixava numa... numa biblioteca pra que eu ficar lá bem guardada enquanto ela tava em sala de aula e... e toda a minha vida de trabalho, eu trabalhei muitos anos como bibliotecária e depois a docência, né? Então, assim, eu dou muito exemplo, eu chamo muita atenção pras coisas que tão acontecendo hoje. Eles falam que eu conto muita história, né?, mas eu conto história, mesmo. Eu relato fatos, faço pensar, né? Faço pensar na responsabilidade que se tem, as minhas disciplinas, as disciplinas que cabem pra mim, né?, não são minhas, mas que me couberam nesses anos todos que eram de gestão, eram importantes pra você mostrar: - Olha, você tem que organizar direito, você tem que fazer, mas não esquece do poder que você tem com isso. Que você, organizar essa informação e... e adquirir o material que essa biblioteca vai conter, é

muito importante! É uma responsabilidade muito grande. Então, chamar atenção pra essas questões, né? O poder do bibliotecário, o que é o bibliotecário atuando num... numa... num município pequeno. O que é o bibliotecário atuando dentro de uma escola, né? Qual é a força que ele tem? Como é que ele age? Eu sei de relatos de bibliotecários que eu considero maravilhosos, assim, que atendiam tão bem as crianças, que davam um acolhimento tão grande que o setor de Psicologia da escola usava a biblioteca como ponte pra chegar nas crianças difíceis, nas crianças que tinham que trabalhar conteúdos importantes, de comportamento, de tudo que, na biblioteca tinham um comportamento diferente do que era aquele na sala de aula. Mas por quê? Porque na biblioteca tinha um outro acolhimento, outro tipo de trabalho, outro tipo de olhar pra aquele ser. Então, eu acho que, antes de tudo, somos um profissional social e temos que olhar pras pessoas! Antes da gente se preocupar com a organização incrível da nossa biblioteca, tem um bibliotecário louco que classifica livros de literatura infanto-juvenil, 025.não sei o que e bota Cutter. Antes de fazer isso, vamos nos preocupar se essas crianças estão lendo, vamos nos preocupar se eles amam a leitura, se eles têm prazer em ver uma história sendo narrada ali, escrita. Porque é isso que importa. Então, antes de tá tão preocupado com o Cutter ou com a CDD ou com a CDU, vamos olhar pras pessoas! Né? Que tipo de... de contribuição eu posso dar para que essa pessoa se transforme? Eu trabalho muito com biblioteca escolar, é a formação do seu aluno, né? Ele tá se tornando um ser que um dia vai pra uma universidade estudar e ser um pesquisador, mas como que ele vai ser pesquisador se ele não conhece as fontes de informação, se ele não teve acesso aos conteúdos importantes, se ele ficou como eu vi agora em vários relatos usando a Barça? Sabe? Os bibliotecários não têm conhecimento de que existe uma Barça online, sabe? Então, assim, isso me dá um nervoso muito grande, né? E isso, assim, eu fico me perguntando: - Será que foi meu aluno? Nem quis saber se foi meu aluno ou não que falou uma barbaridade dessa. Ouvir um bibliotecário escolar dizer que pesquisa não é responsabilidade dele, mas sim do professor! Então, isso me deixa nervosa. E aí, eu fico preocupada com os 20 anos que passei dentro de uma universidade falando sobre coisas que eu achava que eram importantes e que, tá!, muitos perceberam! Muitos, muitos! Nossa! Tenho alunos que eu tenho maior orgulho deles! Que eu vejo trabalhando, que eu vejo atuando, que eu fico muito feliz! Mas eu vejo muitos que morreram e esqueceram de deitar.

Questão 5 – E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referente à prática do bibliotecário nas disciplinas que você ministra?

Ah, eu acho que isso aí perpassa a nossa vida, né? Esses são conceitos que eles vêm com a gente como ser humano, né? Então, todas as tuas atitudes em sala de aula, elas refletem isso, né? No momento que você se relaciona com o aluno, no momento que você não permite que haja discriminação de cor, no momento que você não permite que haja discriminação de sexo ou de escolhas sexuais, né? No momento que você não permite que as pessoas se passem umas com as outras ou que você não permite que é mais folgado entre sempre no grupo do aluno que faz. Então, procurava muito, na minha sala de aula, de dar trabalho individual, porque aí o aluno tem que se mostrar. Ele não vai se formar nas costas do outro. Eu acho que isso é ser ético também, né? Porque você contribui pra que o aluno cresça e não pra ele fique o tempo inteiro se bobeando, né? Eu acho que é... comportamentos de exemplo mesmo, né?, de comportamentos da gente. Eu acho que a ética, a moral,

os bons costumes, né?, eles passam nas tuas atitudes, no teu comportamento, na forma que você reage em determinadas situações. Eu acho que isso é constante, mesmo que você não esteja falando sobre ética, mas você está agindo com ética.

Questão 6 – E que valores éticos que te motivam ou que te influenciam pra realizar a tua atuação como docente na Biblioteconomia?

Hum que pergunta difícil! Que valores éticos?

Entrevistadora: É! Características que você considera importante no teu agir, que norteiam o teu agir.

Eu acho que muita responsabilidade, porque a responsabilidade na escolha dos livros que você vai disponibilizar pras pessoas, né? É... Eu discutia muito as obras polêmicas em sala de aula, como é que você lida com elas? Você tá numa biblioteca pública, você deixa que toda e qualquer obra vá pra estante, né? Você vai ou não vai impor limites? Você vai deixar que crianças tenham acesso a obras que, talvez, não sejam tão adequadas porque eles não vão entender. É... Mas, ao mesmo tempo, a liberdade é individual, as escolhas são individuais. É... Nunca achei que tem que se proibir nada. Eu acho que você tem que deixar a pessoa experimentar, né? E muitas vezes, a criança leva um livro que não é adequado pra ela, mas ela mesmo percebe que não é adequado pra ela. E ela devolve e fala: - Não consegui ler! Beleza! Não precisa me contar a história e nem fazer o resumo. E nem precisar fazer um desenho.

Entrevistadora: Eu tive respeito pela tua...

Eu te respeito pelo que você fez. Isso é uma coisa que me incomoda muito, né?, e que eticamente pra mim é complicado. Você tá atuando numa biblioteca escolar, por exemplo, deixou a criança ler o livro, né? A criança leu, escutou aquela história, ela tá ali toda embevecida com aquele final tão emocionante. Aí, você diz: - Muito bem! Agora todos peguem uma folha de papel e façam um desenho da melhor parte! Aí eu pergunto pros bibliotecários onde eu dou curso, onde eu converso, né? Quando vocês terminam de ler, por exemplo, "O caçador de pipas". Terminaram de ler "O caçador de pipas". Aí alguém diz pra vocês: - Agora peguem uma folha de papel e façam um desenho da melhor parte que mais gostaram. Isso é complicado! Né? E isso... e isso entra todas essas questões, né?, que são éticas também. Então, responsabilidade, cuidado com o ser, cuidado com a pessoa, né?, cuidado com as diferenças, cuidado com as necessidades específicas de cada um, né?, cuidado com as limitações, com as angústias, com o sofrimento. Porque, muitas vezes, a pessoa vem à biblioteca buscando um... auxílio, né? Buscando um amparo que, talvez, ele não esteja tendo em outro local, mas o texto escrito pode fornecer pra ele essa informação. Eu acho que muita sensibilidade, né?, no trato com as pessoas, muita sensibilidade no trato com os pares... Eu acho que tudo isso é...

Entrevistadora: O que motivam a gente.

É o que motiva, né?

Questão 7 – Certo! E que tipo de participação que você teve no projeto pedagógico atual, né?, do curso? E que avaliação que você faz ou imagina do impacto desse projeto pra sociedade? Falando da Biblioteconomia sempre.

Sempre. Olha, eu participei já de duas mudanças curriculares, nós saímos do currículo de 91 pro currículo de 2005.1 e nós saímos do currículo 2005.1 pro 2016.1, que é o currículo que tá aqui novo agora, né? É... Em todos eu participei, nesse último era presidente do NDE, então, todas as discussões passavam pelo NDE antes de chegarem na... no Colegiado do curso, que era quem ia decidir e passar pelo Departamento, pelas instâncias necessárias, né? Nós fizemos inúmeras discussões, e assim, eu acredito que nós tivemos um ganho muito grande. É... Não só organizacional pra nós, em funcionalidade dentro do Departamento, mas também em organização para o curso. O aluno de Biblioteconomia vai ter uma base que ele não tinha até hoje. Então, nós vamos ter dois anos de cursos que são iguais pra todos os... tanto pra Arquivologia, quanto pra Biblio e pra Ciência da Informação. E na quinta fase, que aí quinta, sexta, sétima e oitava só Biblio. Então, ele vai aprender classificação, catalogação, indexação, formação e desenvolvimento de coleções, organização de bibliotecas... Ele vai trabalhar com as disciplinas específicas da área, mas ele vai ter levado um conhecimento que é muito mais amplo, né? E vai ter estudado as linguagens documentárias, ele vai ter estudado gestão, ele vai ter estudado empreendedorismo, ele vai ter estudado uma série de outras... outras disciplinas importantes pra formação dele. Então, ele vai ter uma base muito maior pra ele entrar nas especificidades. [toca telefone]

Entrevistadora: Pode... Quer atender?

O... a forma dele... O que a gente... Que essa... ética que a gente dá...

Entrevistadora: Como que tu imagina que esse egresso vai sair a partir dessa?

Ah, não! Do novo currículo, você tá falando!

Entrevistadora: É porque o novo projeto....

Eu acho que ele vai sair preparado pra esse novo tipo de sociedade que a gente tem, que é uma sociedade em que a informação circula por muitos espaços, por muitos suportes e que ele, muitas vezes, não tem conhecimento. Então, ele vai tá preparado pra tecnologia e vai ter o conhecimento básico de um bibliotecário que esse é essencial. Independente se é um CD, se é um disquete, se é o Google, o conhecimento é todo.

Entrevistadora: Isso pra sociedade vai ser bom, você acha? Por que carece isso?

Vai ser bom pra sociedade, porque carece disso. O aluno tem que tá preparado dentro desse ambiente tecnológico pra que ele possa entender de que forma que ele vai usar aquele conhecimento de bibliotecário que ele vai ter lá na frente, né?, que é a classificação... Eu... eu imagino, assim, uma pessoa que aprendeu classificação, ele não é mais a mesma, do que quando ele não sabia a classificação. Ele passa a se comportar de outra forma, ele passa a ter atitudes até diferentes porque ele enxerga as coisas de uma outra forma. Ele tem uma visão de todo, ele tem uma visão de conjunto, ele tem uma... assim, é como... quase que um processo de alfabetização que o ser humano deixa de ser o mesmo, não é mais o mesmo depois que se alfabetizou. Não é o mesmo depois que aprendeu a classificar. Sabe? Então, eu acho que assim, esse conhecimento da tecnologia vai dar base pra que ele possa utilizar aquele conhecimento que é essencial pra formação do bibliotecário dentro desse novo ambiente da informação que é essa

loucura que tá aí, que tem informação pra todo lado e todos os lugares, né? E ele vai conseguir gerenciar isso aí de uma forma melhor.

Questão 8 – Perfeito! E em que sentido... uma última pergunta: Em que sentido que o projeto pedagógico te serve como base pra realizar tuas ações docentes?

Ai, eu acho que agora a gente tá mais organizado, né? Porque o aluno já passou por disciplinas, por exemplo, na minha área que é a de gestão, ele já passou por disciplinas que são básicas da gestão. Então, ele já aprendeu coisas de gestão que vão dar pra ele a capacidade de lá na frente entender melhor um processo de organização da biblioteca, por exemplo. Porque ele já aprendeu sobre gestão estratégica, já aprendeu sobre o planejamento, não que isso não tivesse no currículo anterior, mas era um... um outro enfoque, né? Com o novo programa agora, que a gente trata de questões mais atuais, eu acho que o aluno tá mais preparado pra esse gerenciamento lá depois, né? Ele vai ter... vai ter um conhecimento básico aqui que vai propiciar uma melhor atuação na forma específica da profissão, né?

Entrevistadora: Mas no caso assim, você é... Esse projeto... você se baseia... as tuas ações docentes nesse projeto?

Não porque eu tô saindo fora, né? Mas eu não tenho mais essa... mas... com certeza, a organização dos conteúdos que vão ser dados da quinta até a oitava fase, que é o período em que ele tá só dentro da Biblioteconomia, vão ter que ser alterados.

Entrevistadora: Mas o de 2016.1 que começou você deu aula, né?

Eu dei aula, mas eu dei aula ainda no currículo velho, eu dei aula pro pessoal que era de 2005.1. Porque o... as disciplinas de Biblioteconomia do novo projeto pedagógico começam só em 2018.1.

Entrevistadora: Ah, tá! E se você continuasse dando aula, vamos dizer assim, qual esse sentido esse projeto ele te serve como base pras tuas ações? Porque pode ter gente que fala assim: - Pra mim é meramente ilustrativo...

Serve. Serve. Não, não! Ele serve como base pras minhas ações. Até porque vai chegar lá um aluno mais questionador, vai chegar lá um aluno com mais conhecimento de informática, vai chegar um aluno lá com mais conhecimento de... de tecnologias diferenciadas. Então, por exemplo, ele vai ter passado lá... que eu nem entendo muito, que a tecnologia ela avança tanto que eu deixo pro Professor X, pro Professor Y, pro Professor Z, né? Mas são disciplinas que vão proporcionar a esse aluno lidar com ferramentas de informação diferentes da ficha catalográfica, sabe? Então, assim, nós vamos ter um outro... um outro olhar e aí sim, vai ter que ter esse conhecimento básico aqui pra poder alterar as disciplinas lá na frente. Não acredito que sejam as mesmas. Até porque a gente se continuar naquela mesma batidinha que a gente vinha, a gente perde o aluno.

Questão 9 – Tá! Ok! Tem mais alguma coisa que você queira acrescentar em relação a tudo que a gente conversou? Fique à vontade!

Eu acho que assim, óh! As coisas tem que sempre ir mudando, né?, conforme a sociedade tá se alterando. Quando a gente mudou o currículo de 91 pra o de 2005, eu acho que a gente já enfocou coisas muito importantes é... na minha área lá que era gestão, a gente organizou de uma forma melhor as disciplinas, a gente

proporcionou ao aluno conhecimentos que iam sendo cumulativos, né? E que eram importantes. Quando a gente parte do currículo de 2005 pro de 2016, a gente tá fazendo uma mudança maior ainda, porque a gente tá oferecendo conteúdos pra eles, que eles não viam anteriormente, né? Que não faziam parte do nosso currículo. Então, a disciplina de “Lógica”, eu acho essa disciplina assim, essencial! Eu fico com vontade de ir lá fazer, sabe? Porque dá um conhecimento e uma percepção que vai ajudar esse cara na hora da classificação, na hora da catalogação, na hora de pensar a indexação, que foi um conhecimento que ele já adquiriu aqui atrás. E que é uma base que ele não tinha antes, né? O nosso aluno trabalhava um pouco com estatística, mas a nossa estatística era aplica à Biblioteconomia, não ajudava ele em muita coisa. Ele aprendia moda, ele aprendia média, ele não saía muito disso, né? Agora ele vai pro um outro... com um outro olhar. Quando ele chegar na disciplina técnica, ele leva um embasamento técnico muito importante pra gerenciar aquelas coisas lá na frente. No currículo de 2005, a gente já teve coisas fantásticas, a gente teve um aluno que foi meu estagiário que desenvolveu um processo de gerenciamento dos terrenos utilizados pela Tractebel, que eram pra... aqueles terrenos que ficam com aquelas torres, né? E que aí são comprados e tal e que era uma confusão saber onde é que estavam as torres e como é que aquilo se organizava e ele montou um programinha super legal de gerenciamento desses terrenos. Foi apresentar na Noruega o trabalho dele, assim. A Tractebel mandou ele pra lá. Então, se o bibliotecário for criativo, se ele aproveitar o conhecimento que ele tem, ele atua em qualquer área, né, que tenha a informação. E ele ajuda na empresa, ele ajuda no... na indústria, ele ajuda em tudo nesse gerenciamento. E a gente vai, cada vez mais, tirar o bibliotecário daquele papel de livro atrás dele e... e documento impresso atrás dele ou documento eletrônico registrado em algum lugar. Ele vai abrir as possibilidades de trabalho, porque ele vai enxergar outros caminhos pra ele gerenciar a informação. Né? A gente tem uma aluna, por exemplo, que eu visitei agora quando eu dei aula na Arquivologia, que ela faz um trabalho com imagens, num... num laboratório de imagens da cidade, ela faz um trabalho com imagem que é lindo! Que eles recuperam as imagens, pedem autorização ao paciente pra utilizar a imagem e usa isso pra conhecimento dos médicos que tão atuando naquela unidade, naquela unidade de saúde e com um embasamento teórico super legal por trás da imagem que foi colocada lá. Então, um trabalho super bonito que é feito por uma bibliotecária, né? Então, assim, são possibilidades de trabalho que esse conhecimento que vem agora novo, vai ajudar o bibliotecário a ter lá na frente.

Entrevistadora: Que legal!

ENTREVISTA 27

Questão 1 - Dentro da tua concepção, pra que que existe o bibliotecário?

No meu ponto de vista, o principal motivo é suprir a necessidade, ou seja, a demanda de informação dos usuários. Eu trabalho com estudo de usuários e pra mim isso é muito claro. Seja o usuário uma pessoa, um grupo de pessoas ou uma

entidade. Essa pra mim é a principal função. Além, claro, de organizar, disponibilizar a informação... Enfim, é suprir a necessidade informacional do usuário.

Questão 2 - Que demandas esse profissional deve atender?

Pensando em unidades de informação, eles devem atender justamente as demandas de informação. Demandas essas que podem ser específicas, podem ser... ahm... mais gerais, ou seja, de qualquer natureza ou nível.

Questão 3 - E com base na tua prática como docente, como você espera que o egresso do curso de Biblioteconomia saia?

Bom, eu penso que cada aluno, cada egresso tem uma linha de preferência de atuação. Então, eu tenho que esperar do meu egresso que ele atue da melhor forma dentro da linha de preferência dele. Às vezes, gosta mais de pesquisa, às vezes gosta mais da parte de organização da informação, às vezes gosta mais de tecnologias de informação. Então, eu espero que ele tenha a melhor atuação possível dentro da linha que ele elegeu como preferida pra ele, né? Além disso, ele tem que tá apto pra gerir os recursos informacionais do local onde ele está trabalhando e tentar melhorar os mesmos, que também não adianta ficar só gerindo o que existe e não tentar fazer com que coisas novas cheguem até ali, equipamentos melhores, coisas assim. E ele tem que saber fazer o básico que a gente ensina no curso, que seria a parte de seleção e aquisição, de organização, ou seja, tratamento da informação. Ele tem que saber disponibilizar, dar acesso, disseminar essa informação e ainda tem que saber o mínimo de tecnologia, né? Porque sem tecnologia não se acessa, não se dissemina quase nada hoje em dia, né? E tentar estar sempre mais atualizado em relação a essas tecnologias na medida do possível da realidade dele.

Questão 4 – E como você realiza tua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso?

Eu acho que não é só o desenvolvimento do egresso, é o desenvolvimento do aluno em si, tanto enquanto ele está no curso, como depois como egresso que ele leva essa bagagem que ele adquiriu no curso. Que que eu tento fazer? Eu ponho à disposição... eu vou colocar à disposição do meu aluno o meu conhecimento e a minha experiência, porque a gente vai adquirindo uma carga, né?, de experiência no decorrer da vida no campo científico, né?, no campo acadêmico e profissional. Pra poder levar até eles um conhecimento atualizado, eu tento me manter sempre atualizada. Ficou horrível! Então, vamos pensar assim é: que pra levar... eu tento me manter atualizada pra levar até eles um conhecimento novo. Agora ficou bom! É isso, tá? Então, eu tento levar minha experiência e tento estar atualizada.

Questão 5 – E que ênfase você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referentes à classe bibliotecária nas disciplinas que você ministra?

Vamos primeiro então, aos aspectos éticos. Em função das disciplinas que eu leciono, a minha ênfase nos aspectos éticos é muito mais voltada pra pesquisa, do que propriamente nas práticas bibliotecárias. Mas o que que eu tento focar? A seriedade na elaboração da pesquisa como um todo, né?, na execução, na manipulação dos dados, nos aspectos de citação, porque os alunos não incorram em plágio, esse tipo de coisa. Então, eu penso nos conceitos de ética que envolvem a prática da pesquisa, do que na prática do bibliotecário como profissional, tá?, em

função das disciplinas que eu ministro. Em relação aos aspectos políticos, eu não entro em aspectos políticos dentro das minhas aulas, porque eu acho que a academia deve ser plural e abarcar todas as ideias. Então, como uma academia plural, eu não entendo a universidade como uma forma de fazer doutrina partidária, política partidária. Eu não entro em aspectos políticos dentro da minha sala de aula. Eu estou lá para ensinar e não para discutir política. Eu não trabalho num curso de Política, eu trabalho num curso de Biblioteconomia, eu ministro as disciplinas de pesquisa. Isso é uma coisa pessoal e eu prefiro não entrar nessa seara dentro da minha sala de aula. Até pra não desrespeitar a opinião dos outros.

Questão 6 – E quais os valores éticos que te motivam ou influenciam pra você realizar tua atuação como docente no curso de Biblioteconomia?

Primeiro, eu entendo que eu não posso ser uma pessoa fora da sala de aula e outra diferente dentro da sala de aula. Ou seja, eu levo pra sala de aula os valores que eu tenho pra minha vida. Ou seja, eu tento transmitir, dentro da minha prática docente aquilo que eu elegi como certo, como correto e que dá sentido pra minha vida. Faço questão de mostrar pros meus alunos que eu gosto do que eu faço, que eu gosto de dar aula e que eu estou ali porque eu quero, foi uma opção de vida e que eles devem fazer o mesmo. Devem se dedicar pra fazer uma coisa que eles gostam. Buscar uma profissão que dê sentido e dê alegria pra vida deles. Dentro de sala de aula, eu tento colaborar e peço que colaborem uns com os outros e comigo. Eu tento ser justa com os meus alunos, pra que eles também sejam justos comigo. Bom, eu tento definir com o grupo, algumas regras, algumas condutas, tá? Tento dar exemplo pra eles, eu tento fazer com que a gente tenha uma convivência boa, saudável e justa. Eu acho que bondade seria a palavra principal. Amor ao próximo e uns com os outros. Eu acho que isso já gera justiça, já gera... ahm... como é que eu vou dizer... colaboração. Todas as outras coisas partem... a partir da bondade e do amor ao próximo, todas outras coisas partem daí. Isso, eu acho que são as palavras principais de conduta pra um bom relacionamento. Gera... A partir daí vem respeito, vem todas as outras coisas.

Questão 7 – E que tipo de participação você teve no projeto pedagógico e que avaliação você faz do impacto desse projeto pra sociedade?

Não tive participação alguma no projeto pedagógico vigente. Porque quando eu entrei no DBI, o atual projeto estava em vigor, então eu não participei dele.

Questão 8 – Em que sentido o Projeto Pedagógico, ele te serve como base para você realizar tuas ações como docente?

Bom, o projeto pedagógico serve pra dar rumo, né?, pra dar norte. E no nosso caso, o enfoque maior do nosso curso é a gestão da informação. Acho que é aí que a gente...E aí que a gente tem que basear, se focar. Que que eu procuro fazer? Eu procuro dar alguns exemplos, que abarquem esse viés da gestão da informação, além de tentar seguir uma lógica de continuidade entre as disciplinas. Saber o que meu colega ministra pra eu partir dali a minha disciplina, né? Tentar fazer parcerias com outros professores também, entre as disciplinas oferecidas no curso. Acho que isso são as principais ações.

Questão 9 – Em relação ao que a gente conversou, você quer colocar mais alguma coisa?

Não tenho comentários adicionais a fazer, a não ser lhe desejar muito boa sorte com a sua tese, amiga.

ENTREVISTA 28

Questão 1 – Dentro da tua concepção pra que que existe o Bibliotecário?

O Bibliotecário, ele tem uma função bem nobre, né?, na área de organização de todo esse conhecimento que vem sendo produzido, e... ele atua como um facilitador entre o sujeito que tem uma necessidade informacional e a informação, de fato, onde ela está. Acredito que se insere exatamente nesse meio. Obviamente com o tempo, a profissão vem se desenvolvendo, né?, e vem polarizando a gama de atuação que sei lá, que é possível, né? Então, vai desde a biblioteca escolar, passando por todos os níveis, né?, até trabalhar, por exemplo, em setores de referência, bibliotecas, então é bem... é bem amplo, né?, o campo de atuação.

Questão 2 – Legal. E que demandas esse profissional deve atender? Na tua opinião.

É, como eu tinha tocado na resposta anterior, né?, a... as demandas, é justamente das demandas de necessidade informacional por parte dos usuários, né?, e... acho que é isso. É justamente atuar nessa demanda. Se a gente for, de novo, trazer um pouco mais pra... pra capularização que eu disse, por que não estabelecer... ajudar a estabelecer novas normas, de novos tipos de serviços, de inovações em CT e... e unidades informacionais, por que não? Então, acho que pode ser nesse sentido.

Questão 3 – Perfeito. Tá. E com base na tua prática profissional como docente, né?, o que você espera do aluno egresso do curso de Biblioteconomia?

É como... é como eu comentei antes da gravação, né?, meu background é computação e... e quando eu entrei na... no... na área de Ciência da Informação, hoje atuo nos três cursos, né? Então, especificamente na Biblioteconomia, é... enquanto docente da área de tecnologia de um curso de Biblioteconomia, o que eu espero, o que eu acho que é esse... essa tem que ser minha análise, né?, eu espero que ele seja capaz de, obviamente, utilizar o sistema de informação de apoio às bibliotecas, é... Eu espero que ele seja capaz de auxiliar o desenvolvimento dos sistemas de bibliotecas, porque se ele tem o domínio de todos os requisitos, ele pode facilmente auxiliar os analistas e os desenvolvedores a projetar um novo sistema de biblioteca. Ele conhece os processos, então é essa formação... é também muito importante. É... também espero que ele saiba especificar sistemas, visto que muitas... muitas vezes, o gerente daquela unidade informacional ali, né?, pede pro Bibliotecário: – Óh, eu gostaria de col... informatizar a biblioteca. – Como? Eu espero que esse bibl... esse... essa formação, que ele saia com essa formação que seja possível falar: - Não, minha unidade informacional, ela trata... ela é especializada na área da saúde. – Quais são os principais sistemas pra esse tipo? Então, eu espero que ele saia com esse background também e, obviamente, com uma noção geral ali da área de... de informática. Hoje, é... imperativo. Se a pessoa não tiver um background na área de informática, se não souber operar os sistemas,

se virar muito bem nos mecanismos de busca na internet, é... talvez ele não consiga alcançar as perguntas 1 e 2 lá que é proporcionar aquele acesso ali à informação.

Questão 4 – Certo, bacana! E como que você realiza tua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso, ou seja, pra ele sair como você espera, né? O que que você faz pra que ele possa sair assim?

Eu desenvolvo meu dever de casa, né? Eu preparo muita aula, né?, e sou muito rígido porque as disciplinas que eu dou, basicamente, são na área de computação, de informática ali, né?, na área de tecnologia. Então, tudo isso que eu te falei passa por uma introdução à tecnologia, por uma área de projetos de informatização e disciplinas diversas na área de tecnologia. Então, é... como que eu... como que eu consigo proporcionar... ou é como que eu consigo ter certeza dessa minha expectativa é porque eu subs... eu dou subsídio pros alunos pra que eles saiam com essa competência que eu acabei de dizer. É... obviamente isso é uma média, né?, vão ter distorções, né?, mas é isso.

Questão 5 – E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos ou políticos referente à prática do Bibliotecário nas disciplinas que você ministra? Se você dá alguma ênfase nisso, né?

É... mais uma ênfase ética, menos política. Política tem disciplinas específicas, né?, que eles vão tratar esse tipo de assunto, né? Mas há um campo ético sólido também na área de computação, principalmente quando se fala de sigilo. Sigilo é uma coisa bem importante. É... não adianta a gente desenvolver um sistema de informação mais moderno possível se quando eu recebo minha senha e login, eu passo ela pra um outro usuário pra ele fazer as operações. Isso é uma quebra de sigilo e é um problema ético que tá envolvido ali. Do mesmo jeito quando eu aceito usar um usuário de uma outra pessoa, eu tô fazendo operações por aquela pessoa, isso também pode causar um problema ético ali, né? Há um problema ético que a gente pode especializar nossa reflexão para di... pra um sistema de informação em uma biblioteca, vou te dar um exemplo que eu sei todos os livros que você já teve acesso, um exemplo bem básico. Então, eu sei o seu padrão de consumo de informação, eu domino ele. Será que eu posso olhar isso e analisar isso? Essa é uma primeira pergunta. É um problema ético, eu não deveria estar olhando esse tipo de coisa. Segunda coisa: – Será que eu posso ter domínio dessa informação e socializar ela com alguém? Esse é um problema muito sério, que também remete lá ao sigilo, né? Eu acho que essa... para o... para o âmbito da Biblioteconomia, né?, eu acho que esse talvez seja um dos calcanhares de Aquiles ali do campo ético, né? Acho que... acho que é isso.

Questão 6 – Legal! Bem interessante mesmo. E quais os valores éticos que te motivam ou te influenciam pra você realizar tua atuação como docente?

Enquanto docente, se a gente não se apegar aos aspectos mais primordiais lá da ética lá, a gente pode tá cometendo um... a gente pode tá em risco dentro de uma sala de aula, porque a gente tem 40 adolescentes ou pós-adolescentes olhando nosso comportamento, né?, olhando como a gente se porta, como a gente fala com as pessoas e, basicamente, eles são um espelho. Se você é ríspido, eles serão ríspidos, se você é educado, eles serão educados. E se você é técnico, eles tendem a ser técnicos ali também. Então, eu acho que esse é um... é uma vertente que me guia. Eles... A gente... Eu parto do princípio, obviamente eu não sou estudioso da

área de ética, né?, mas eu parto do princípio de que as nossas ações, elas sempre têm reflexos, né? E enquanto professores, o nosso reflexo é, basicamente, ou os nossos colegas que não estão no âmbito da pesquisa aqui agora nesse momento, ou os alunos que estão diretamente nos campi. Então, a... a postura de um professor talvez seja o aspecto mais importante, é... acho que para além do campo técnico. A postura dele enquanto ele ensina, ele orienta, ele resolve conflitos em sala de aula, como ele vai resolver esses conflitos, é... porque quando há um conflito e... bom, você é professora, você sabe, há conflitos. Dependendo como tu resolver aquele conflito ali você vai ser um reflexo. Se você tiver emocionalmente preparado pra lidar com eles, e resolver de uma forma neutra, ética, clara, sólida, certamente isso vai lá dentro da cabeça deles e lá eles vão ter esse comportamento na vida profissional. Penso assim.

Entrevistadora: Pelo exemplo, né?
Pelo exemplo.

Questão 7 – E que tipo de participação que você teve no projeto pedagógico, né?, e que avaliação você faz do, né?, se é possível, do impacto que esse projeto tem ou terá, né?, na sociedade, né?

É, eu confesso pra ti que eu... quando eu entrei, eles tinham acabado de fazer uma reformulação de todos os cursos e abriram um curso novo. Então, eles tiveram que reformular todo o projeto pedagógico. E quando eu entrei, isso já tinha sid... já tava... é... então, eu não participei disso, infelizmente. E como isso impacta na sociedade também fica um pouco...

Entrevistadora: Você imagina assim um pouco...

Eu posso falar do... do... acho que o da Biblioteconomia eu já abordei, como que ela pode impactar, né?

Entrevistadora: É mais na Biblioteconomia que foca, né?

Eu acho que volta lá na resposta 2, né? Entregar melhores profissionais, mais atualizados, que esse projeto político pedagógico, ele trouxe isso. Ele trouxe isso, uma atualização, é... pra ter uma maior competitividade, ele trouxe isso. Eu acho que é isso. A resposta ficou um pouco rasa pra essa questão devido ao que eu citei.

Entrevistadora: Beleza.

Questão 8 – E a última questão aqui: – Em que sentido que o projeto pedagógico ele te serve pra realizar tuas ações como docente?

Ele me serve?

Entrevistadora: É. Você... como base, né? Tem gente que se baseia nele, tem gente que... né? Teoricamente, a gente tem que se basear nele. Tem gente que se baseia muito, tem gente que se baseia completamente, né?

É. Isso que eu ia falar, é uma resposta um pouco... pra mim óbvia, porque se especialistas da área se juntaram pra desenvolver um projeto, no caso político

pedagógico, que basicamente ele... ele é a base pra formação do profissional que a gente quer lá no futuro, no mínimo o que a gente tem que fazer é seguir. No mínimo o que a gente tem que fazer é seguir... E eu sigo ele na íntegra... na íntegra. Tô totalmente inserido nele, é... até a ponta, até quando eu recebo um programa e o programa tem que ser executado na íntegra. Aquilo é o mínimo. Aquilo é o mínimo... Eu falo isso pra todos os alunos, em todas as aulas, esse aqui é o mínimo, tá? Nós temos que ver isso aqui. Gostaria de falar mais, eu cito, e me preocupo sempre em posicionar eles dentro do programa e falar assim: – Nessa aula a gente viu isso aqui. Na próxima aula, eu relembro e falo. E vou completando ali. Até quando falo: – Oh, terminamos. Agora a gente pode ver isso aqui. Eu acho que é... é necessário, é uma prática que deveria ser comum mais cedo. Confesso que se a pergunta tá aí... ela remete ao mundo real que, às vezes, não é, né? Às vezes, não é assim que ele é executado, infelizmente.

Entrevistadora: Tá certo.

Questão 9 – Em relação ao que a gente conversou, você quer falar alguma coisa mais? Fique à vontade. Se quiser...

Não, acho que é um campo bem importante, né? Eu tive experiências da “Sociedade da informação”, semestre passado, e... eu sempre fui um cara bem técnico, né?, bem... sempre dei disciplinas tecnicistas, né?, de âmbito tecnicista, né?, mas... “Sociedade da informação” no currículo da Biblioteconomia, ela tá voltada aos problemas que o Manoel Castells lida, sobre... sobretudo, como a sociedade vem se desenvolvendo. E foi bem interessante o debate assim, e, inclusive, entramos no campo ético ali, né?. Inclusive, entramos no campo ético. Então, eu acho que pesquisas como a sua vem pra... pra enriquecer ainda mais esses debates. É isso.

Entrevistadora: Tá bom! Obrigada.

ENTREVISTA 29

Questão 1 – Dentro da tua concepção pra que que existe o Bibliotecário?

Pra que que existe o bibliotecário? (risos) Primeiro, seguinte, óh: Eu vou... eu vou... essa pergunta assim é... é... é... ela... tem que ser assim: o bibliotecário, no sentido antigo que muita gente vê como o gestor de estoque de livros, aquele suporte... eu acho que o cara não precisa nem ser bibliotecário, pra... pra gerenciar um estoque, entendeu? Qualquer um pode gerenciar um estoque. O bibliotecário, eu sempre acredito que é um profissional... sempre achei isso, que é o profissional que desenvolve, né? é... o conhecimento, vamos dizer assim, desenvolve a competência pra fazer uma coisa: selecionar e adquirir a informação, tratar essa informação e distribuir e disseminar essa informação. Então, o bibliotecário - nesse sentido do bibliotecário desse cara que cuida da informação - ele tem esse papel. Ele é o responsável pra que esse fluxo informacional seja o mais eficaz e eficiente possível. Então, pra isso pra mim que serve o bibliotecário. O bibliotecário é isso. E quando eu falo fazer isso, em qualquer suporte, né? Então, basicamente é isso.

Questão 2 – Ok. E que demandas esse profissional, ele deve atender?

Que demanda? Ah, se tu entender que é... nessa linha que eu vim, né?, a demanda dele são duas demandas: uma, digamos assim, um pouco mais complexa... que daí tem uma terceira que volta lá pro... pro geral, né?, uma um pouco mais complexa que é identificar a necessidade informacional, né? Então, o bibliotecário, porque a gente tá falando disso, né?, ele trabalha ou presta serviços numa organização, né?, que trata da informação. Se ele trabalha nessa emp... nessa organização que presta serviços informacionais, o primeiro papel dele é saber que o estoque informacional que ele tem, tá?, é um estoque informacional adequado a... os serviços ou a demanda, né?, que o público, né?, os usuários dessa organização informacional tem. Entendeu? Quer dizer, eu não entendo uma organização informacional ou alguma coisa que não sabe pra quem tá prestando um serviço. Quer dizer, tipo assim: - Ah, eu tô aqui pra todo mundo! Todo mundo não existe, entendeu? Quer dizer, tem que ter... tem que ter um quadradinho, entendeu? Assim, tu fecha o quadradinho, tá?, com um serviço informacional. Então, ele tem que saber qual é... qual é... a demanda do serviço informacional dele e, pra isso, ele tem que ter... Vamo... Só abrindo um parêntese, dá pra mim [...]?

Entrevistadora: Pode! Fica à vontade, quanto mais melhor!

Tá! Então, por exemplo, vamos pegar assim, um caso extremo, tá? Um cara diz assim: - Ah, a Biblioteca do Congresso... A Biblioteca do Congresso, ela tem que... Ahm... armazenar toda a informação produzida. Algum louco pode dizer isso. Ah, então tá! Então, se ela tem que armazenar toda a informação produzida, né?, esse bibliotecário tem que ter a capacidade de adquirir essa informação. Daí seleção não vai acontecer, porque o todo... Que eu já não gosto dessa expressão tudo. O meu orientador de mestrado que dizia que sempre e nunca eram duas palavras que a gente devia evitar, mas digamos assim, ele tem que dar um jeito de [...], trazer tudo isso. Bom, daí o tratar. O tratar é o tratar é uma coisa interna, tá entendendo? Por quê? Por quê que é uma coisa interna? Porque pro usuário, não interessa como é que a informação tá tratada. Isso aí é uma [...]. O cara não quer saber, o cara quer informação! Que dizer, como essa informação é tratada não interessa, o bibliotecário lá desenvolveu um conjunto de formas de tratar a informação, entendeu? Não vou viajar numa outra coisa, tá?, que é essa questão aqui. Mas daí, depois nós temos a questão do... digamos, assim, qual é o serviço dele? Né? Então, se ele tem esse serviço de... ahm... ahm... garantir que essa informação, ele não pode garantir, que ele consiga disseminar ou fornecer essa informação quando demandada, a partir do pressuposto que ele não tem o papel aqui de mediar, que é uma outra história, tá? Eu tô tirando isso, nesse momento dele, porque isso aí é uma outra coisa, né?, que às vezes, eu não sei nem... se daí é só esse... o bibliotecário, entendeu? Porque tu tá falando do bibliotecário, dentro daquele conjunto que a gente tem de biblioteca, tá? E não de serviços informacionais possíveis pra um profissional de informação, que daí, quando chega pra mediar a informação. Né? Eu acho que não é o papel do bibliotecário. Essa é a minha visão. Tá? Então, ele tem um papel de disseminar, distribuir, fornecer, tá? Eu sei que não é a mesma coisa, mas é mais ou menos a mesma coisa.

Entrevistadora: Sim!

Então, daí o que acontece? Daí então ele tem esse segundo lance aqui, né? Então, primeiro, ele tem que conseguir trazer a informação, se ele não conseguir trazer a informação, ele não consegue fazer a segunda parte dele que é distribuir essa informação. Tá, ok? Então, daí, ele tem que distribuir, ele tem que é... disseminar essa informação. Então, que é o segundo digamos assim, papel dele, né? E daí, aí, tem uma sacada interessante que, às vezes, o bibliotecário não faz, né? Ele fica muito passivo, tá?, na questão informacional. Então, ele diz assim: - Vem a mim as crianças, tá? Então, ele não tem o... Ele, às vezes, não cumpre um papel de... de buscar an... como é que eu vou dizer? É... Ampliar ou... não, ampliar é meio perigoso usar essa palavra, mas... garantir também não...

Entrevistadora: Interagir mais...

É, interagir... interagir no processo de uso da informação. Tá entendendo? Tá? Teria formas, eu acho que o bibliotecário, ele... ele... porque senão volta aquela história do gestor de estoque, tu tá me entendendo? E às vezes, eu acho que o bibliotecário podia ter um papel... claro que diferente, dependendo das bibliotecas... Ele podia ter um papel mais... ahm... ativo, tá?, para que o uso da informação fosse mais efetivo, tá? Então, vamos dar um exemplo, dois exemplos: um numa biblioteca escolar e outro numa biblioteca universitária, tá? Pode ser de uma biblioteca pública também, em terceiro... A biblioteca escolar, na biblioteca escolar, é o bibliotecário interagir com o professor, tá?, de forma que a biblioteca seja um espaço e o acervo, consequentemente, aquele conjunto de materiais que ele tem, seja ahm... um... um... um espaço e um item, tá?, o acervo, aquela coisa toda lá, né?, mais... é... é... mais útil, mais ativo e não passivo no processo de ensino-aprendizagem, tá? Um exemplo. Então, o cara interage com o professor: - Ah, então o cara tá dando, é... tá lá na oitava série dando Biologia e coisa e tal. Então, o cara lá, o bibliotecário vai lá, ajeita o material, vai na aula e mostra alguma coisa, participa do experimento e daí, ele diz: - Olha, a gente tem tal coisa, a gente tem isso, tem aquilo, quer dizer, ele... ele... ele interage mais, tá? Na universidade, por exemplo, é o seguinte: - Cara, eu tenho um estoque aqui de livros, né? Eu tenho livros, materiais e tal. [...], eu não interagi com o professor ou o plano de aula dele, cara! Não só o plano de aula, a ação dele na aula. Se o cara termina uma aula e diz assim: - Oh, pessoal. [...], tá aqui, óh! Aí o Moodle da vida, o bibliotecário fala: - Cara, coloca uma caixinha do Moodle aqui, quais são os livros que tem, não sei o que... Então, ele sai daquela posição, muito passiva, tá? Eu vou dizer passiva, às vezes, eu digo burra, entendeu? Ou... ou acomodada, tá? De pouco neurônio e... e se valorizar mais e valorizar o serviço dele, né? Tá? Então, é isso.

Questão 3 – Ok! E com base na tua prática profissional, o que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia?

Huhum! (risos) O que eu espero dele? Eu... eu espero dele, o que eu espero de qualquer egresso de uma universidade. Que o tico e o teco dele funcione e que ele crie valor. Né? Então, partindo do pressuposto que... o bibliotecário é o cara que trata com a informação, dentro daquele processo que eu te falei desses três passos bem simples, não complica esse negócio, tá? Eu espero que o bibliotecário seja uma pessoa atuante aí, nesse princípio. Bom, isso se ele profissionalmente for atuar como um profissional da informação. Tá? Pode ser que ele vá atuar com outra coisa. Por quê? Porque se ele fez um bom curso de Biblioteconomia, ele oxigenou os neurônios dele. E se ele oxigenou os neurônios dele, ele pode atuar em qualquer

coisa. Porque eu acho que esse negócio de... de castas profissionais, ou achar que a gente fez uma formação e tem que trabalhar naquilo, eu ar... não sou muito... eu não sou muito restritivo, tá? Não é que não sou muito fã, não sou muito restritivo, tá? É que nem, por exemplo, engenheiros. Joga uma pedra tem três correndo, o cara se mete em tudo. Por quê? Porque eles são... ah... ah... preparados para resolver problemas, tá? Engenheiro é formado para resolver problema. Te vira, mano! Te vira... o cara é violentado nos primeiros anos por físicos e matemáticos. (risos) Daí, os que gostam viram engenheiros. Entendeu? Já disse isso... Eu sempre falo isso, entendeu? É... às vezes, a gente fica: - Ah, vamos fazer. - Ah, então, a gente põe professor engenheiro. Daí, o cara se torna um violentador de criancinhas, entendeu? Porque é... é o processo. Talvez um dia, a gente vá conseguir ensinar matemática e, inclusive, usar o diferente. Tem que mudar todo o processo. Bom, mas não é aqui. Então, voltando pra questão do... do bibliotecário. Esse cara que saiu egresso. Então, ele oxigenou os neurônios dele, mas por exemplo, eu já falei isso e falo isso: um Administrador não aprende [...] nenhuma. O Administrador é o cara que aprende tudo de nada ou nada de tudo, faz assim. O bibliotecário não, o bibliotecário como o engenheiro que aprende a resolver problemas, o médico aprende a resolver problemas, o bibliotecário aprende a fazer uma coisa. O bibliotecário entra e ele olha e diz: - Ah, isso aqui é informação. Isso aqui eu posso estruturar desse jeito, isso aqui pode ser distribuído desse jeito. Isso aí, passou a fazer parte do DNA dele. Então, o que eu espero do bibliotecário, não interessa o que ele for fazer na vida, tá?, é que inconscientemente ele vai usar esse DNA, porque faz parte dele agora. Tá entendendo? É da formação dele! Então, ele pode trabalhar aonde ele for trabalhar, o que ele for fazer, tá? Eu acredito que um bom cara, formado numa boa escola, tá?, ele vai ter, eu vou chamar assim, esse cacoete! Tá? E o que ele fizer, ele vai ter esse cacoete. Da mesma forma, como... as pessoas olham pra pessoas que passaram por boas escolas de Engenharia, foram bons alunos. Às vezes, o cara pensa diferente, o cara tem uma mentalid... tem um jeito de pensar diferente. A mesma coisa, quanto a um bibliotecário. Ele vai ter, se ele não for trabalhar numa unidade de informação ou alguma coisa relacionada ao fluxo informacional, ligado a qualquer outra coisa, ele vai dar essa [...]. Sabe aquela história assim, o cara [...]. Entendeu?

Questão 4 – Entendi! Beleza! É... Então, assim, como que você realiza tua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso, pra que ele saia como isso que tu espera?

(Suspiro). Perguntinha [...]! (risos) Como eu tento? Eu tento que ele fique olhando pra unidade de informação, que em todos os exercícios, ele olhe pra unidade de informação, pense a unidade de informação, pense esse fluxo que eu te falei. É... É o que eu consigo fazer, tá? E dar uma formação geral pra eles sobre o tema que eu tô dando aula, tá?, mas sempre é basicamente dessa forma: - Oh, cara tu tá numa unidade, tá trabalhando com um... um elemento, um recurso, tá?, e esse recurso... a tua responsabilidade é fazer essas três coisinhas, tá? E tu... e daí, quando olha pra uma unidade de informação, isso tem que fazer com qualidade. É... é isso, entendeu? Mas às vezes, eu acho que... que... sabe? O nosso aluno, ele é um... o nosso aluno... ele... ele... ele perdeu muita qualidade! O nosso menino, o cara que ingressa no nosso curso. Eu acho que... não sei se... se... porque agora, eu tô comparando com a Engenharia, tá? Eu tenho... talvez eu esteja assim, sendo meio radical nessa história. Eu tenho bons alunos! E eu tenho maus alunos. Né? Eu

acredito que o curso não tá passando a faca. Então, o que acontece: ou a gente tem que melhorar o curso ou a gente tem que passar a faca maior. Tá entendendo? Tem que... tem que cortar. Eu só rodei dois, mas eu devia ter rodado... três rodaram, mas eu devia ter rodado quatro. Então, deva ter ficado sete na disciplina, tá? Eu não rodei mais, porque como eu acho que vou ter que dar essa disciplina agora, eu fiz alguns erros. Então, semestre que vem eu vou apertar... eu vou me apertar mais, vou me estruturar melhor e eu vou avisar os caras. Só que eu vou botar a régua antes. – Óh, pessoal, olha aqui, vocês estão afundando, né? Então, ahm... Eu acho que... Eu acho que a formação do bibliotecário, ela é um pouco descompromissada com a formação de uma bom profissional. Um pouco por nossa... Um pouco falha nossa, tá? Eu digo, um pouco não, uma grande falha nossa, né?, em dois aspectos: um reestruturar a nossa ação, a gente tem que agir diferente, são outras pessoas, são outros caras, são outros negócios, tá? E... e... e com isso, tentar, né?, mostrar pra eles que nós tamo num outro cenário, né? E é difícil, não vai ser fácil, isso tem que ser uma ação de todo o curso. Eu acho difícil no nosso curso nesse momento.

Questão 5 – E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos ou políticos nas diversas disciplinas que você ministra? Independente da disciplina.

Eu tenho, às vezes, a disciplina de “Ética”. Eu adorei, eu adorei! Só que eu acho que muita gente olha a ética, agora eu tô falando da disciplina, olhando pro Código de Ética. O Código de Ética é uma asneira, entendeu? Sai qualquer [...] que tu escreve, aquilo é um conjunto de leis, não serve pra [...] nenhuma, entendeu? Quer dizer, vai lá ler... vou dar o Código de Ética... Tu tem que levar o cara a refletir a questão de ética, o que é ética, né? Eu me lembro que eu usava um filme... usei um filme que só choraram na aula, por causa daquele filme, mas o filme tinha uma cena... o filme... o filme é de uma... uma modelo que... que... inclusive ela falou na ONU, né?, relacionado com a mutilação genital feminina da África. E tem uma cena nesse filme que o enfermeiro, tá?, que era o tradutor, porque ela não sabia falar inglês direito, ele... ele... é crítico com ela, dizendo o que tu tá fazendo aqui? Por que tu tá fazendo isso? Quer dizer que, pra moral dele, tá entendendo? O que ela tava fazendo tava errado, pra moral dele. Então, tu tem conflito ético profissional e pessoal. E o que eu digo pros meus alunos é assim: - Pessoal, vocês tem que entender que um dia vocês vão entrar no conflito entre a ética profissional e a sua ética pessoal. Então, nós temos ética, tá? E não obrigatoriamente a minha ética pessoal vai alinhar com uma ética profissional em um determinado momento. Infelizmente, vou ter que fazer uma escolha. Eu vou fazer a escolha. Tá? E daí, o bicho pega, né? E daí, então... Voltando pra aula, né?... Eu digo... eu digo pros meus alunos na disciplina de “[...]”, eu digo assim: - Pessoal, nós estamos falando de melhoria contínua, ética não é aqui. Tá entendendo? Por que que ética não é aqui? Porque quando há uma falha ética, é problema de polícia. Essa é minha visão, talvez errada. Eu tô... vou ter que agora... agora que tu me fez essa pergunta, eu tô pensando sobre isso.

Entrevistadora: Posso fazer uma outra? Por exemplo, pra... pra o que tu espera que o egresso saia, como que tu falou que ele tenha uma visão mais ampliada, mais empreendedora, não sei se eu posso falar assim, né? Pra lidar entre contextos, por exemplo, mas será que uma forma de fazer isso não seria trabalhar, de repente aspectos que envolvem a atuação política dele e o próprio refletir sobre as

consequências das ações dele? Então, nesse sentido é ética pra motivá-lo. De repente será que tu não faz isso sem pensar que tá dando ética?

Pode ser! Não! Sim, porque quando... porque quando a gente fala de qualidade, a gente fala de melhoria contínua e qualidade tem um princípio básico, né? Tu tem que tá... Tu tem que ter a... a capacidade e a... e tem que tá focado, tá?, em identificar a oportunidade de melhoria. Viu? Eu não tô usando a palavra erro, tá entendendo? Eu tô usando a palavra falha, eu tô usando palavras... Então, tu tem que tá olhando pra isso, tu tem que tá buscando isso. Primeira coisa. Segunda coisa, tu tem que tá, obrigatoriamente, te vendo como um elemento participante na criação da solução e não só dizer: - Ah, é tu, é tu, é tu! Não! Tá entendendo? Então, essa é uma mudança. Então, tu tem uma mudança cultural e comportamental do cara. O cara tem que mudar. Ele não tem: - É aquele lá! Nã, nã, nã, não, cara! Nós temos dentro do barco. Não existe esse negócio: - Ah, não! Deu um problema! Não! O problema é ali. Nã, nã, nã, não, cara, o problema é nosso! Tá entendendo? Quer dizer, quando um usuário chega pra ti e diz que deu um problema, tá entendendo?, não é eles, é nós! Nossa organização falhou! Tá entendendo? Então, o cara tem que ter... Primeiro, ele tem que tá motivado, tá? Ele tem que tá constantemente motivado, tá? E a motivação é algo intrínseco de cada um! Eu não motivo ninguém, eu possa causar... Eu posso levar o cara a se desmotivar, mas eu não motivo ninguém. Então, a motivação é algo intrínseco, tá? É de cada indivíduo. Ele tem que ter essa motivação, ele tem que ter a motivação de estar buscando constantemente a melhoria, tá? Mas buscando essa melhoria de forma proativa e não passiva. Tá entendendo? Então, eu busco a melhoria. Eu... eu... eu... eu vou apontar isso, eu vou criar a solução, eu vou constantemente avaliar se aquilo que eu tô fazendo e que nós estamos fazendo tá trazendo resultados. Então, tu entra naquele ciclo básico de qualidade e melhoria contínua. Tá entendendo? Então... (tosse) esse é um comportamento, daí volta aquilo, né? Isso que... que eu entendo, quer dizer, eu... porque o cara... o cara agir de má fé, tá entendendo?, que daí que eu chamo de falha de ética, tá? Falha da ética, isso não é caso aqui, isso é caso de polícia, entendeu? O cara agiu de má fé, [...]! O cara agiu de má fé, entendeu? Daí num... [...], isso é caso de polícia. Porque... porque o modelo... vamos chamar assim, então, o... o... a construção é essa, entendeu? É nós e essa organização. Claro que isso pode ser ampliado pra "n" coisas, entendeu? O cara pode usar esse conceito e expandir ele pra família, pra comunidade, pra qualquer coisa, mas esse... esse conceito de melhoria contínua, quer dizer, eu identifico as oportunidades de melhoria, pode ser falhas ou coisas que podem melhorar, entendeu? Por isso que eu digo, a oportunidade de melhoria, uma coisa tá super boa? - Tá, tá super legal. - Mas, vem cá, mas isso aqui pode melhorar? - Pode. - Ah, então tá, como é que a gente pode melhorar? Como que eu posso participar dessa melhoria? Qual é que é a minha ação criativa em cima disso? Tá? Então, criativo! Esse é um papel muito importante na formação do cara, tá entendendo? Porque... se tu falar em ética, tá? Sabe? Sabe o que que é? Se tu fala, ele... falar em ética de forma passiva, é uma coisa que... eu acho que é muito limitado. Entendeu? Tá? É muito limitado! O que acontece é que... ah... por vários motivos a gente não se articula, mas daí são formas de agir, entendeu? São processos, né? Mas é... essa coisa, tipo assim: - [...], isso aqui tinha que melhorar! O que eu posso ajudar, etcetera e tal. Então, isso é um conceito que eu tento passar pros caras, entendeu? Quer dizer, essa inquietude com a ação dele. Tá? Essa inquietude com a ação dele. Se a gente possa dizer, se pudesse usar um termo, né? Assim, cara a inquietude com a ação dele. Então, fazer

parte dos valores dele. Tá? Porque a ética tá associada a um conjunto de valores, né? Começa lá nos valores. Então, num valor dele tem assim, aquela história assim: - [...], eu sou um cara inquieto! Tá? Sou um cara inquieto profissionalmente. Sou inquieto quanto ao meu resultado, tá? Então, é isso. E uma outra coisa muito importante que tem é o trabalho em equipe, né? Então, ele entender que "uma andorinha sozinha não faz verão". Tá? Por muitas vezes eu digo: - Ah, pessoal, de repente tu vai chegar, vai tá dentro de uma organização... vai dizer assim: - [...], cara, o que que eu tô fazendo aqui? Vou embora! Eu pergunto pra você, o que que... sabe? Que tá fazendo aqui? Vai, senão tu vai ficar igual os outros. Entendeu? Então, daí eu falo a questão da gestão do serviço público, que é uma [...]. ah... Então, tem vários aspectos. Então, é esse... é esses aspectos se tu puder dizer, entendeu? Então, daí... respondendo da forma como tu fez na segunda pergunta, né? É o que eu tento passar na disciplina e busco dar um exemplo na... na... na disciplina, né? Que... que é básico isso, é básico isso!

Questão 6 – Legal! Quais os valores éticos que te motivam ou te influenciam pra realizar tua prática como docente no curso de graduação em Biblio?

Valores... Como é que é?

Entrevistadora: Quais os valores éticos que te motivam ou te influenciam na tua prática docente...?

Não sei!

Entrevistadora: ... pro bibliotecário? Tu falou de alguns valores que..., né? Agora...

Não sei! Não sei! Eu acho que é essa inquietude, entendeu? Eu acho que... Eu vou... eu vou te contar isso de uma forma diferente, daí, de repente, tu abstrai daí, né? Porque talvez eu não saiba te dizer, não tenha noção. Porque, às vezes... eu... eu... eu... eu... eu quando fiz concurso pra Biblioteconomia, né?, eu tinha duas opções, ou eu ia pra Economia ou eu ia pra Biblioteconomia. Daí, eu fiz concurso pra Biblioteconomia e fui bem recebido, tá? Era um grupo legal, era um grupo harmônico, era um grupo que queria melhorar, [...], isso casou com o que eu gosto. Eu gosto de harmonia, eu gosto de trabalho em equipe, eu gosto de desafios, né? Então, [...], nada melhor que aquele ambiente! Entendeu? Então, o que me... o que me move são os desafios, são a... a... a... o crescimento em equipe, entendeu? Tá? Mesmo com diferenças, as diferenças... tu tem diferenças, né? Ah... ah... um diálogo não é tão fácil, né? É... Esses... esses aspectos, né? Então... que me leva... o que me leva, às vezes, é assim: - [...], esses caras podiam aprender mais, entendeu? Né? Então, eu tenho esse desafio e eu me sinto frustrado muitas e muitas vezes em relação a isso, entendeu? Muitas vezes, eu... eu... eu me sinto frustrado em relação a isso. Talvez eu precisasse aprender a dizer não pra determinadas coisas, né?, mas é... mas eu acho que é... principalmente é isso... é o trabalho em equipe, a equipe trabalhar junto, a equipe ter um... um objetivo em comum, tá? Desafiar! Não é fácil! Não é... não é... não é... não é fácil o negócio, tá? Eu acho que te respondi, sabe? Eu não sei, não sei! Acho que vem lá do... da educação da gente, do jeito de agir.

Questão 7 – Já dá pra extrair bastante coisa. Obrigada! É... E que tipo de participação que você teve no projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia? E que avaliação que você faz do impacto desse projeto pra sociedade?

Tá! Quando a gente mudou, eu participei uma vez, agora parece que fizeram uma outra mudança e, infelizmente, eu não participei. Eu participei de uma forma ativa, tá? Ah... teve o básico que... que todo mundo sabia e teve uma disciplina que a gente colocou e que eu acho que ela nunca engatou, entendeu? Uma disciplina que em algumas turmas foi legal, outras turmas foi uma [...], que era “[...]”. Eu acho que um pouco aí, a culpa foi minha, do meu jeito quieto de ser ou, às vezes, eu tinha que ter feito um network maior, eu sou muito ruim de network pra botar os alunos a interagir nas bibliotecas, ir lá e fazer uma coisa diferente... Eu não faço isso, eu não fiz isso. Entendeu? Então, voltando pra tua pergunta... que que... que que... que que... que que eu fiz, entendeu? Eu não sei! Não sei o que eu fiz! Eu dei aula! Tentei fazer o meu melhor! Tá? É isso!

Entrevistadora: Mas no projeto pedagógico atual?
Nesse de agora?

Entrevistadora: É!

Nada! Eu não participei! Nesse, novo que tá surgindo, não participei! Não participei!

Entrevistadora: Tá! E avaliação que tu faz desse projeto, do impacto dele pra sociedade?

(Suspiro) Vou te dizer uma coisa: uma vez, no ITA, um cara disse o seguinte: - Nós pegamos 120 caras muito bons e despejamos 115 engenheiros medíocres... - O cara foi muito radical, né? - ...na sociedade! A gente destrói os caras...

Entrevistadora: Deformou...

Deformou eles, né? Eu acho que ele, em razão... em parte, ele tinha razão, em parte, ele não tinha razão. É que a gente podia fazer muito melhor. Eu já não concordo, eu já não teria essa fala pro curso de Biblioteconomia, sabe? Eu acho que a gente não detona esses caras, mas eu acho que a gente não consegue... levar um número aceitável deles – eu sou meio chato – no limite! Mas em nenhum limite, sabe? A gente não consegue... um parafuso tem que apertar antes dele [...]. Sabe o que é [...], né? Estourar, entendeu? A gente fica muito longe disso, a gente fica muito longe disso! (estalo de dedos) Eu não sei, eu até hoje não entendi, sabe assim, eu não vi... eu me lembro, muito anos atrás, quando a gente começou a ver a queda da qualidade dos ingressos, tá?, a gente começou a sentir: - [...], nós estamos se [...]! A gente não consegui se estruturar como equipe, sabe?, pra realmente, assim: - Não! Nós temos que divulgar o nosso curso! E depois, eu acho que o departamento e o curso se perderam quando fizeram o curso de Arquivologia, o [...], outro... Assim, sabe? A equipe se desmontou! Sabe? A equipe se desmontou! Essa é a minha visão! Né? A equipe se desmontou! A gente tinha uma equipe que, [...], tu volta lá atrás, a gente fez um planejamento estratégico, a gente chegou onde a gente queria, sabe? Depois, é tipo assim, o cara... a gente chegou e alguns vieram, alguns ficaram pra trás, aqueles que ficaram pra trás, em vez da gente trazer ou isolar pra que eles não fizessem [...] ou dominar as coisas, a gente não fez isso! E eu acho que vai levar um tempo até essa gurizada se dar conta, sabe? E uma coisa, vocês lá na Universidade, vocês tão parecidos com nós há 20 anos atrás. Tá entendendo? Vocês tão parecendo 15-20 anos atrás, né? Então, vocês têm que cuidar pra quando vocês chegarem num lugar, vocês conseguirem se manter lá,

entendeu? Sabe? A equipe se manter o foco. Porque assim óh, tu imagina, se tu chega num lugar e se tu não tiver um próximo lugar daqui a pouco tu te perde aqui. E logicamente cai, entendeu? Porque aí tu não tem mais aquilo que a gente falou de identificar uma oportunidade de melhoria porque tu não sabe, tu tá perdido, teus indicadores se perderam, tu não tem mais um objetivo comum, né? Então, por exemplo, voltando lá, eu queria... por exemplo, teve uma turma que eu consegui, a turma da [...] agora. E agora eu vou focar mais isso, é objetivo comum. Cambada de [...], nós temos que ter um objetivo comum, qual é o objetivo comum? Aprender, se desenvolver e eu sou um mero artefato nesse processo. Entendeu? Só que os [...] tem que entender essa [...], entendeu? E a gente tem um processo de ensino-aprendizagem que eles são muito passivos e isso na Biblioteconomia é muito maior, entendeu? Então, quando eu quero mudar a ética deles... não mudar ética... mudar o comportamento deles, o valorizar a questão da participação, daí [...]! [...]! [...]! E outra, né? É muito mais fácil pra gente jogar as cordas, ser acomodado. - Então, vocês não querem? Então, [...]! Eu faço o básico aqui... Sabe? Tu não tem alunos que... que vão te cobrar uma coisa. Então, eles... é um negócio complicado! Sabe?

Entrevistadora: E qual você acha que seria, dentro, né?, dessa visão, a gente tá falando interna, mas mais externa pra sociedade, qual que é a consequência disso?

(Suspiro). A consequência disso, ela é... é relativa. Sabe por quê? Porque é o seguinte: eu acho que a gente forma profissionais. A gente trabalha eles, tá?

Entrevistadora: Baseado no projeto pedagógico.

Baseado no projeto pedagógico, tá? Mas eu acho que a gente fica aquém do que a gente podia fazer, tu entende? Certo? Então, eu acho que é isso. Eu acho que a gente... a gente treina os profissionais, a gente trabalha esses profissionais, a gente desenvolve esses caras, mas talvez eu esteja sendo crítico demais, tá?, mas eu acho que a gente fica aquém daquilo que a gente poderia fazer. Tá? Então, o impacto na sociedade... (suspiro) é um cara menos crítico, menos ativo do que ele poderia ser. Eu acho que...

Entrevistadora: Quem? O bibliotecário ou quem dispõe do serviço?

O bibliotecário! O bibliotecário! O bibliotecário! E daí, conseqüentemente, se o profissional é menos crítico e menos ativo, porque o cara pode ser crítico e não fazer [...] nenhuma, aquele reclamação, né? Se o cara... Então, vamos dizer assim: se o cara... Vamos usar outra expressão: se o cara é menos proativo ou se a gente não consegue... talvez a gente amplie a proatividade dele. Eu não tenho... eu não tenho como avaliar. Eu não tenho uma entrada ou saída pra saber, tá? De repente, eu estou sendo extremamente idiota aqui no que eu tô falando porque eu não tenho isso, mas se a gente conseguisse ser... fazer o cara ser mais proativo, a sociedade ganha mais. Tá entendendo? A sociedade ia ganhar mais! A sociedade ia ganhar mais! Tá? E outra coisa, o cara olhando mais pra sociedade e não pra ele. Eu acho que, é... isso é uma outra coisa. Eu... eu não gosto, eu não gosto dessa expressão, às vezes, que dizem: - Ah, o bibliotecário tem que ter impacto social, bláblábláblá. Eu não gosto disso, eu não gosto disso porque eu acho que o bibliotecário não é do serviço social. Porém, todavia, contudo, tá?, um bibliotecário mais ativo como profissional da informação tem um impacto indireto na sociedade. Certo? Tá? Então, o impacto dele não é direto, o impacto dele é indireto. Certo? Tá? E, às vezes, eu acho que a... por a gente falhar na proatividade dele, esse impacto indireto na

melhoria da sociedade. Por quê? Porque ele auxiliaria no desenvolvimento da criticidade do cidadão. Tá entendendo a minha viagem? Porque se a gente voltar lá atrás e sem... sem... um... um... um... um... um... um... um... um... um... um... um... um... como é que é aquele cara que... que... filtra as coisas? Um censor! Né? Sem ser... sem ser um censor e sem ser um direcionador. Né? Mas se ele consegue fazer esse fluxo informacional funcionar melhor, [...]! É a técnica, entendeu? Portanto, é claro que o cara vai ter impacto. É claro que o cara vai ter impacto. Na escola, na universidade, na coisa, tu vai ter um profissional melhor, tu vai ter um cidadão melhor, então...

Entrevistadora: Nas penitenciárias...

Penitenciária, [...], um monte de lugar, entendeu? Mas... Isso seria, entendeu? Seria... Tu falou penitenciária, tem “n” lugares onde poderia ter esse profissional, entendeu? É... Aí, vem uma coisa que eu não sei se cabe aqui discutir, que é o seguinte: é que o bibliotecário, ele confunde duas coisas, que são... eu posso tá errado nisso. Ele confunde o exercício profissional ligado à uma... uma... associação de classe, tá?, com o... refletir e implementar e melhorar um fluxo informacional. Tu entendeu o que eu tô te falando? Certo? Tá? Então, muitas vezes, e isso... por isso que eu sou um pouco contra à associação de classe, tá?, a associação de classe tá preocupada com a “burocracia” do processo, tá? Com os... com os...

Entrevistadora: Não com a atuação política em si, né?

É... Não com... – [...], cara, olha aqui, óh? Como tu falou, penitenciária, de repente nunca vão colocar um cargo de bibliotecário numa penitenciária, cara! Entendeu? Quando que eu vou valorizar uma bibliotecária que vai gerenciar um estoque de livros num colégio, que tem um acervinho de mil livros, cara? Que qualquer meio neurônio cuida. Tá entendendo? E daí, o que que a associação faz? - Não, não quero bibliotecário... Cara, para aí, pensa! Às vezes, tem aquele negócio lá que começou lá atrás com a [...] e com a [...], entendeu? De fazer... me lembro, até fui lá, na época o [...] era Secretário de Educação. Disse: - Não, vamos fazer o seguinte, vai ter um bibliotecário que vai ser responsável por um polo, assim, por uma região e ele garante que o fluxo informacional vai ser adequado, mas a ação: - Não, tem que ser um técnico! Então, cara! Quem é o bibliotecário que vai querer ganhar mil e poucos reais por mês pra ficar lá o dia inteiro olhando pras paredes, entendeu? E daqui a pouco... Sabe? Então, são coisas aqui, saindo da nossa conversa, mas... tu... tu... tu entende? É... voltando... O bibliotecário, ele pode fazer muita coisa, além de só cuidar do próprio umbigo e do... do... do... salário dele. É, eu digo isso, porque apesar de eu ter [...], né? Tem que resolver essa [...], entendeu? Eu nunca trabalhei como [...] e eu sempre digo, eu fui [...]. Então, eu tenho essa posição de dizer isso, né? Então, eu... não sei se existe arrogância da minha parte, tá?

Questão 8 – Tá ótimo! Última pergunta, tá? Em que sentido que o projeto pedagógico te serve como base pra você realizar tuas ações como docente?

[...], na primeira pergunta que tu me fez antes, eu devia ter dito pra ti o seguinte: O que que é projeto pedagógico mesmo? (risos) Tá? Porque o que eu falei foi porque eu participei das reuniões pra gente mudar esse currículo, que a [...] queria fazer um curso totalmente diferente. E acabaram com a [...]! Porque daí os

caras íam ter que dar aula de um jeito diferente, matar o negócio, distribuição das aulas. Eu lembro que a gente queria fazer as disciplinas modulares, entendeu? Daí, né... Então, minha querida, eu nem sei qual é o projeto pedagógico. Nunca me mandaram essa [...], eu nunca olhei, também nunca procurei, tá? Então, na verdade, cada um dá aula do jeito que quer. Tá? Se alguém te disser que olhou, ah, olhou, ah, tá bom! Entrou por ali e fez do jeito dele, porque interpretou do jeito dele. Fez na convivên... na convivência dele, né? Os coordenadores de cursos são fracos, são fracos não como pessoas ou profissionais, eles são fracos no poder. Coordenador de curso não tem poder, quem tem poder é o Chefe de Departamento. O Chefe de Departamento gerencia estoque, não gerencia o fluxo. Quem cuida do fluxo de informação é o coordenador do curso. No nosso departamento, em outros departamentos, existe quando bem sintonizado, existe essa preocupação, o curso, o departamento. Agora que a gente tem quatro cursos, que a gente a pós, a gente tem a Ciência da Informação, a gente tem a Biblioteconomia, a gente tem a Arquivologia. Cara! É cada louco puxando pra um lado, o professor no meio dizendo assim: - [...], eu quero me acomodar melhor nessa [...]. Tá entendendo? Então, perdeu esse negócio, entendeu? Perdeu essa... essa linha. Sabe? Então, tem um documento, tem um documento bonito. Talvez, alguns professores ou... prestem atenção nele, talvez! Tá? É isso. É um negócio que tá lá... Cara, honestamente, se fosse fazer assim, quem leu aquilo lá, eu não ia dar 100%. Já não ia ter eu aqui na história, tá entendendo? Daí, quem leu e entendeu já ia cair, quem leu e segue... [...]. Realmente, falando de fundo do coração, entendeu? E daí, a gente podia seguir dividindo em dois, segue parcial e segue de verdade. O segue de verdade, olha, não sei se o cara que é responsável pela [...], segue de verdade. Tá? Parece a constituição brasileira. Nem constituição brasileira... Plano de partido político! Eu coloco essa [...] aí como um plano de partido pol... programa partidário! Cara, pega os programas partidários do Brasil, são maravilhosos! Todos eles, tu não vai achar uma diferença significativa entre eles. Pega os programas partidários, tu não vai achar! Tu não vai achar! Programa partidário, tu não vai achar diferença significativa. Tu não vai achar, não vai, não vai. 80, 90 por cento, eu tenho certeza que é igual assim. Tu olhar ele em termos objetivos, tu não vai achar diferença. Não vai achar diferença. Se bobear, é capaz até de achar pedaço igual. Cola.

Questão 9 – Tá bom! Em relação a tudo que a gente conversou, você quer acrescentar alguma coisa?

Eu ia te fazer uma pergunta: que que tu quer com essa entrevista?

Entrevistadora: Eu tô buscando na minha tese é... Entende... compreender, vamos dizer assim, o sentido ético do ensino. Então, pensando na ética como a consequência das nossas ações, pensando em Santa Catarina nos cursos presenciais, né? Pensando em nós como um coletivo docente, tanto Universidade, quanto Universidade, o que que... pra onde que a gente vai quando a gente monta um projeto peda... não só no sentido do projeto pedagógico, porque o projeto pedagógico, ele é um discurso, né?, que ele tá reificado ali de vários docentes, mas tem pra além, né? Do que é... de fato e do que é de... Aliás, tem pra além do que que tá materializado e o que é de fato também. Então, o projeto pedagógico é uma parte, mas indo... ouvindo também os docentes, né? Então, qual que é a ação deles? Pra pensar em que sentido o ensino tá indo. E nesse sentido ético, posso pensar assim, esses egressos, eles estão fazendo o que pra sociedade? Eles estão

saindo com uma bagagem muito técnica, mas se uma visão mais ampla da proatividade, do fazer, da criatividade, do empreendedorismo, sei lá, como queira falar. Né? Eles estão fazendo o que? Então, esse ensino, ele tem sido privilegiado assim? Ou ele tem sido privilegiado de outra forma? Eu parto de um pressuposto, né? Como eu trabalho com a Fenomenologia, não falo hipótese, mas que o... o sentido ético, ele é tecnicista, ainda. Ele não é contemplado nesse ensino, outras dimensões pra além da técnica, seria uma dimensão ética, política, estética, de motivação, de... enfim. Então, eu queria entender isso, sabe? Então, é... foi por isso que foi feito todas essas... Primeiro, entender a tua concepção, depois entender, né?, os valores e o projeto pedagógico e que parte que isso é seguido, porque é um "balaio de gato", né? E eu concordo contigo em muita coisa que tu falou. Não sei se te respondi a pergunta.

Respondeu. Eu tô aqui pensando, né?

Entrevistadora: Posso pegar mais um café?

Claro! Que tu vai ter que... porque na verdade tu vai trabalhar na tua percepção, na tua interpretação das falas, né?

Entrevistadora: É, o DSC, né? Agora quantos DSC vai dar, eu não sei! Porque não é uma... um discurso unificado, né? Na realidade, representação social, né? Como que esse coletivo manifesta, age, pensa...

Eu não sei se tu consegue realmente tangibilizar... a... a influência na formação dos valores e, conseqüentemente, na ética dos alunos, tá? Porque é... dois aspectos, né? Um a discussão da política, que tu falou da política e dos valores sociais, tá? Eles... eles não obrigatoriamente acontecem, entendeu? Eles estão relacionados à ação da sala de aula. Tá? Isso é uma coisa. Isso é uma coisa. A segunda coisa é que... ahm... como... como, por exemplo, tu me fez uma pergunta e eu... eu... eu tento... não é que eu tento, é parte da disciplina, né?, de qualidade, uma mudança de comportamento e de valores, né? Comportamental... Digamos, assim, de comportamento. O comportamento é o resultado de um aprendizado, a mudança de valores, tá?, dos indivíduos. Agora, eu não sei se ele vai aplicar isso na sociedade ou ele vai ficar restrito à uma ação profissional.

Entrevistadora: Entendi, mas aqui o foco, nesse caso, o aluno seria em parte, né?, uma consequência da nossa ação. Seria um passo depois. Mas eu quero entender o que que é a nossa ação faz. O que que a gente pensa ser Biblioteconomia? E o que que a gente pensa... o que que a gente tem de expectativa nessa... nesse egresso e qual é o sentido dessa expectativa, né? Então, eu tô ainda nesse nível na tese.

Huum. Ah, tá bom! Tá bom! Não, não, não! Tá, tá legal! Não! Só entender isso.

Entrevistadora: Né? Então, será que tem jeito? (risos) Tem que sair uma tese.

Não! Tem tese. Eu digo, assim, eu sempre disse assim óh: - Tudo, não dá uma tese. Ou qualquer coisa não dá uma tese. Ou qualquer coisa ou tudo dá uma tese. Dependendo do grau de profundidade, de reflexão que tu vai dar. É... Qual era o teu pressuposto mesmo?

Entrevistadora: Que o ensino, ele é mais tecnicista, no sentido mais tecnicista.

É! Aí tu vai ter que... É... Eu acho que ele é.

Entrevistadora: Essa questão do capitalismo científico, entrando nessa...

Eu acho que ele é tecnicista, porque... Eu acho que tu vai... vai bater... vai bater obrigatoriamente no tecnicista no sentido de formação do técnico. Por quê que vai acontecer isso? Porque, na verdade, isso é o que a gente tá formando. A gente tá formando técnicos, né? A gente não tá formando, obrigatoriamente, pensadores. Tá? Certo? Mas... mas... na prática educacional, tá?, o nosso comportamento influencia a formação ética desse indivíduo. Sabe? Então, então, o que vai acontecer é isso. Então, daí, dependendo de como esse grupo funciona, tá, que isso é o que eu acho que vai surgir na tua tese, tá? Tu vai conseguir perceber, talvez, uma homogeneidade ou não dos grupos. Eu tô aqui viajando na maionese? Tá? Certo?

Entrevistadora: Tá! Não! Tá ótimo!

Porque mais do que isso, sabe? Vão ser elementos pontuais pra ti. Exemplos, né? Mas talvez tu vai ter dois grupos: Universidade e nós, tá? Tu vai mostrar algumas coisas aqui, tu vai mostrar algumas coisas aqui e, de repente, os dois são tecnicistas.

Entrevistadora: Os dois grupos, da... da Universidade e Universidade diferentes, homogêneos de pessoas que pensam de uma mesma forma.

Não sei. Tá entendendo? Pode ser, tá?

Entrevistadora: Também tenho essa curiosidade. Será que vai dar dois discursos diferentes? Um da Universidade, um da Universidade? Ou será que vão pegar pessoas que pensam também... eu fico pensando isso. O que que vai vir?

Eu não sei. Eu acho, eu acho, tá? Que, por mais que tu tenha os caras engajados e [...]. Aí vai aquela história, né? A [...] do discurso. O cara pode falar, mas... o que... o que que eu fiz? Não participo. Então, isso talvez seja o teu calcanhar de Aquiles, na tua tese. E o teu perigo. Ao ter dito isso, entendeu?, tu não pode... esse é o teu... essa é a tua tese, é isso que vai mostrar. Entendeu? Porque... Porque... [...]! Tu vai ter que te despir... Eita palavra [...]! [...]! Uma [...] de um [...] falando isso. Então, tá! Tu vai ter que tirar da tua cabeça, tá?, o conhecimento que tu tem das pessoas.

Entrevistadora: Esse envolvimento, né? É um afastamento, né?. Tu tá muito fenomenológico, hein?

Eu [...] pra esses lances que tu tá falando de... de... desculpe a expressão. É que, se tu procurar aqui, tem zilhões de livros de metodologia de ensi... de pesquisa e coisa. Sou um cara que crítico isso veementemente, entendeu?

Entrevistadora: Mas essa tua atitude é bem fenomenológica, tu falando assim é... Não, tu pode dizer! Grande [...], entendeu? Porque é fenomenológico, porque é não sei o que, que é o [...]! Cara! Eu não sei o que é! Eu só sei, que eu sei que, de repente, vai dar uma boa pesquisa ou não vai dar uma boa pesquisa. Não me interessa! Eu sei que... E de repente tu vê um negócio: - Cara, isso aqui é uma idiotice. Isso aqui, o cara fez e não casa nada com nada, nexa com nexa. Como todo

o estatístico. Se tu pegar um estatístico, ele diz assim: - Você me dá os números, que eu te entrego o que você quiser. Eu vou trabalhar eles e eu vou te entregar o que tu quer, entendeu? Então... Eu nem sei o que... Ontem, eu vi e tavam falando: epistemológico e ontológico. [...] que tem essas manias! Outro disse assim: - Ah, isso é epistemologia? - Ah, não sei! [...]! Eu não quero saber! É isso aqui que é, entendeu? Eu vou dar nome pro negócio? Quer dizer...

Entrevistadora: É um rótulo!

É um rótulo! É um rótulo que tu dá, entendeu? Mas... Claro, o que tu não pode querer é fazer de um jeito e querer outro resultado. Isso aí não pode, né? Então, tá, [...]!

Entrevistadora: Tá bom!

ENTREVISTA 30

Questão 1 – Dentro da tua concepção pra que que existe o Bibliotecário?

O bibliotecário existe para facilitar é... fontes de informação, impressas, digitais, para qualquer tipo de usuário, seja ele infantil de 0 a 6 anos, infanto-juvenil, adulto pré-adolescente, adulto normal, adulto com necessidades especiais, idosos e todos eles. Então, o que que acontece? Nós precisamos aproximar a informação de qualquer formato para as necessidades informacionais de um determinado sujeito.

Questão 2 – Ok. E que demandas esse profissional deve atender?

As demandas dentro de um determinado contexto, é... cuidando para não sobrecarregar de informação indesejada daquele usuário, daquele leitor. Por quê? A sobrecarga de informação equivale à desinformação.

Questão 3 – Certo. E com base na tua prática profissional como docente, né?, o que que você espera do aluno egresso do curso de Biblioteconomia?

Um bibliotecário proativo, conhecedor da... do complexo da cidadania num país cheio de contradições. Um país em que o bibliotecário muda de nome para cibertecário, para gestor da informação e, ao mesmo tempo, um bibliotecário que seja leitor, que estimule leituras para quem está aprendendo a unir letras, que dê um contexto. Para atuar nos mais diferentes lugares, seja na favela, seja num complexo de pesquisas tecnológicas. Então, é um bibliotecário que precisa compreender como acessar e usar a informação nos diversos modos.

Questão 4 – E como que você realiza tua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso? Pra ele saia como você espera?

Eu estímulo muito o discurso, é... o diálogo, é... tento trazer vivências para dentro da sala de aula e também fazer com que as equipes ou, às vezes, aceito até trabalhos individuais é... porque na vida, você vai ter que trabalhar em equipe. Ter um determinado ponto e vão ter que atingir aquele ponto e você vai ter que trabalhar com pessoas que você nunca trabalhou antes. E, de repente, você começa a conhecer os outros aspectos maravilhosos do ser, não somente do ter. - Ah, vou ser

bibliotecário! Então, normalmente quando o aluno confronta, confronta teoria com a prática, mesmo que seja pequena ou faz pelo menos a reflexão da necessidade, da melhoria, já é um começo. Então, é... aos poucos, você não pode dizer: - Ah, esse contexto. Qual é o contexto? O que que poderíamos melhorar? O que que dá para tirar? O que que não precisa ser feito? Essa é a reflexão de ver o outro como um ser igual, que precisa de informação, mas você tem que equilibrar a informação. Não pode sobrecarregar. Ninguém vai querer um livro velho, a não ser que seja bibliófilo. A não ser, que este seja o exemplar mais importante para terminar a tua tese. Então, eu preciso ter os acervos, eu preciso conhecer as diferenças, as características de cada ambiente destes contextos complexos e, principalmente, conhecer pessoas. Seja, no sentido direto, olho no olho e também pela tela. O que que o sujeito no outro lado de uma tela está precisando? Então, se você consegue fazer uma... análise geral do que que uma pessoa tá precisando... Primeiro, o bibliotecário precisa saber escutar, saber ler entrelinhas, saber ouvir o silêncio e aí, sim, ele vai poder interagir.

Questão 5 – E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos, referente à prática bibliotecária, nas disciplinas que ministra?

Eu trago normalmente exemplos. Levo os alunos para uma biblioteca, eles aprendem a como usar, no caso da primeira fase, né? Grogran já dizia lá no... no livro dele “A prática do serviço de referência” que os usuários mudam, né?, os problemas são os mesmos. Então, o que que você percebe? A relação do aluno com a biblioteca. E pra muitos, é a primeira vez que eles fazem um cadastro na biblioteca, que entraram naquele ambiente altamente elite. Nunca viram os livros organizados de uma maneira tão diferenciada, num sistema de classificação, que para entender era só quem viveu, quem fez um sistema de classificação é quem entende aquele sistema. Quando Paul Otlet desenvolve aquele sistema é porque a ambição do Mundaneum dele era muito maior, porque não existia as ferramentas que hoje nós temos. Então, quando ele cria a classificação universal, ele tá numa complexidade que hoje os sistemas não necessitam disso. Quando você vai numa outra biblioteca onde o livro chega por data de publicação e a ordem que ele chega que é o números (curans), né? Ele chegou e vai pra estante e você consegue recuperar ele em seis milhões de livros armazenados. Então, a gente começa a questionar o que que nós ensinamos para qualquer aluno da universidade poder entender como buscar um livro, que o catálogo pode ser facilitado, que o catálogo poderia dizer estante tal, prateleira tal, disponível, né? Facilitar... Antigamente nós não tínhamos essas... Né? Então, quando você começa a aproximar o aluno com a vivência de emprestar o livro antes que a biblioteca feche. Entender porque que a biblioteca deveria funcionar 24 horas, que serviços não precisam ser feitos 24 horas, que o maior investimento da nossa universidade, que o coração da universidade é a biblioteca e que um coração você não pode parar ele por seis horas e nem por oito, nem aos finais de semana. Que o coração da biblioteca, os livros são caríssimos num país de poucos leitores, como o Felipe Lindoso diz. Então, você tem que começar a fazer pequenas coisas. A ética de eu emprestar o livro que tá no meu nome para um aluno e dizer: - Por favor, quando a biblioteca abrir, devolve. Se ela tá em greve. E eu ter a certeza que ele vai devolver, porque ele tem... ele compartilha comigo que aquele livro é mais importante tá... que outra pessoa tá esperando. Quando os valores de vivência... sabendo que esse livro, ele é mais importante para meus colegas também, eu devolvo ele. Eu trago exemplos do Bill Gates que naquela

revista "Seleção" de 95, uma bibliotecária conta que quando tinha ele como auxiliar para guardar os livros na estante, pra dizer que o nome mais rico desse planeta adorava ajudar nas... na biblioteca. E que a família teve que se mudar e que a família depois teve que voltar, porque ele não aguentava viver sem a biblioteca. Então, eu trago exemplo de homens que... né?, de pessoas... que a biblioteca foi um diferencial. Para que o aluno comece a entender que eu não vou conseguir tudo no Facebook, porque eu disperso. Por quê que 18 minutos numa reunião é importante? Por quê que 2 horas e 35 minutos é o tempo que uma pessoa consegue manter a concentração num livro? Esses são os estudos bibliométricos. Para isso, a gente estabelece normas de empréstimo, um dia é necessário, não precisa 30 dias. Porque daí o livro flui com maior frequência. Num ano eu posso emprestar 20 vezes, 30 vezes e não 12 vezes, cinco vezes. Eu posso circular. Ninguém quer pegar um livro velho. Por quê que as bibliotecas lá fora fazem a seleção? Não foi emprestado, coloca pra vender na biblioteca pública, né? Pra pessoa, né?, por cinquenta centavos. Porque as pessoas querem contato com livros novos. Livro que nunca foi aberto, quantos livros na nossa biblioteca nunca foram abertos? - Ah, foram abertos só pra catalogar e registrar. Então, na medida em que eu consigo mostrar o... o uso do livro em sala de aula, a importância dele quando um aluno tá lendo em voz alta. Porque o bibliotecário precisa saber escutar. O bibliotecário precisa saber o valor do silêncio. Senão, ele não vai conseguir criar ambientes de informação, de acesso de informação e de uso da informação. Então, nós podemos fazer "n" práticas, né? Então, mas a teoria que simplesmente foi traduzida e mal traduzida pra nossa realidade está no descompasso. E isso nós temos que entender porque que foram feitos sistemas de classificação tão... tão grandes como por Paul Otlet e La Fontaine, mas era pra uma determinada realidade mecânica e que tinha milhões de livros, milhões de fichinhas catalográficas e isso, o valor de transcrever uma fichinha catalográfica pra um ambiente digital custa cinco a sete dólares por fichinha. Agora imagina, eu pegar sete milhões de fichinhas dessas e colocar no sistema. Então, quando você vê como é que os grandes sistemas são organizados, três milhões de livros num sistema e daí, ele não para, tu não fecha a biblioteca. Assim que os livros vão saindo, eles entram pra um sistema automatizado. E isso é pensar proativamente. É... não colocar a técnica ah... ocupando espaço maior para que o bibliotecário possa é... estimular o acesso à leitura, fazer a competência informacional ou a tecnológica que é necessária. Se eu tenho na biblioteca um ambiente para ruído, como é que eu vou querer que a pessoa consiga concentração? Reflexão? Como é que ele vai poder fazer a leitura? Então, na medida que eu consigo fazer com que eles façam as leituras, porque os projetos de bibliotecários, né?, eu brinco com eles: - Óh, daqui quatro anos, vocês são meus colegas de profissão. Daí muitos não entendem. Eu... Eu continuo brincando: - Eu sou bibliotecária de verdade, tenho o conselho regional, tem... né?, trabalho na área. Mas se um aluno nunca ver um professor com o livro na mão. Se um aluno nunca vê um professor dando uma aula, uma leitura. Se um aluno nunca frequenta a biblioteca, seja no início do semestre, no meio, no final, que bibliotecário vai ser esse? Se ele não está ambientado, se ele não convive no seu próprio habitat, que bibliotecário vai ser esse? Então, na medida em que ele faz estágio... por isso eu sou muito a favor dos estágios, uns dizem que... é exploração de mão de obra, de mão de obra. Eu digo assim, - Os escravos do conhecimento, né? Escravos e gestores do conhecimento moderno, né? Então, ali... mas o mais importante é que eles ganham a vivência e tem projetos de extensão, tem projetos de pesquisa, tem

tanta possibilidade que eu acho que precisamos despertar. Saber o por quê que é importante. Né? Por exemplo, se você colocar uma revista nova no ponto de ônibus, garanto que alguém vai abrir e levar. Se você disser que só pode consultar ali, vão fazer como nas clínicas, né?, e vão colocar de volta. Se ela tiver um lugar, vão colocar de volta. Agora, se não tem isso, eles não sabem como usar. Eu acho que é isso, Daniella.

Questão 6 –E que valores éticos lhe motivam, né?, ou influenciam pra realizar sua atuação como docente na Biblioteconomia, no curso de graduação?

É. Primeiro, tem um dizer que eu concordo muito, né? “Não faça aos outros aquilo que você não quer que lhe façam”, né? Então... esse já... acho esse ali é um princípio que daí... – Ah, eu gostaria de ganhar um copo de água, então, já oferece um copo de água. Então, você sempre espera do outro o melhor e não o pior. Na medida em que você espera o melhor do outro, aí você cria expectativa pro melhor, aí quando se tem muita expectativa você gera frustração. Então, eu brinco com eles: - Óh, todos vocês tem 10 hoje, né?, no início do semestre vocês tem 10 comigo. Vocês podem perder esse 10. Eu gostaria que vocês mantivessem esse 10. Né? Então, se você vem todo o dia na sala de aula, isso é um compromisso, isso é o respeito, né? Então, eles começam a perceber que não é chamada no começo ou no final da aula que é importante, mas para muitos é. Para muitos, os valores é... são apresentados quando né?, começam a ocorrer injustiças. Por quê fulano e não beltrano? Então, é... a questão... você pede para eles trazerem algo novo, né?, pra socializar com os colegas que estejam na área. Você compartilha, porque você acha pertinente, mas daí você aprende a respeitar o momento que o outro tem. Então, quando a turma é de 40, eu não gosto de trabalhar com turmas grandes, você precisa de didática para conseguir trabalhar com os 40. O ideal é ter 12, 15, para você saber o nome. As pessoas têm nome, não tem só um número de identidade. Não tem só... para a Receita Federal só interessa o CPF. Para mim, não! Me interessa o teu nome, o que que você vê. Normalmente, eu pergunto: - De onde você veio? Por quê que Biblioteconomia? Para eu entender os contextos daquela pessoa. Para eu poder mostrar os bons lados da Biblioteconomia. A Biblioteconomia, ela tem muitos lados. Tanto da tecnologia, das técnicas, das métricas, da leitura. Então, quando você percebe uma leitura, né?, um autor, né?, um bibliotecário abrindo a porta para autor e leitor, isso o aluno nunca esquece. Eu levei os alunos na Feira de Literatura Infantil e Infanto-juvenil em... final de setembro. A professora [...] tava ali com... Então, os alunos de Biblioteconomia, primeira fase, foram lá. E tinha coquetel. Então, para muitos foi a primeira vez que foram nos lançamentos de livros. E é bem naquele horário, seis da tarde. Eu levei eles seis meia porque a aula, né?, o compromisso é seis e meia. Mas daí eu disse: - Óh, vamos tá lá, quem não tiver vai direto pra lá. Quem chegar um pouco mais tarde. Ah, e aquela aproximação, e as fotos, e o coquetel. – Professora, que hora nós temos que estar de volta? – Oito e quinze. Comam porque não vai ter recreio. Né? Porque eles trabalham 40 horas, né? Então... Então, eles vem de uma realidade social que não é melhor de um bibliotecário, mas essa é a realidade. Então, quando eles veem, eles: - Nossa! Tem comes e bebes! Tem livros! Né? Mas que têm que ser comprados para a noite de autógrafos. Eu explico: - Isso, normalmente, o bibliotecário vai poder ajudar quando tiver numa editora, numa livraria, nos outros espaços que não são bibliotecas, mas pode fazer na biblioteca. É comum que se faça na biblioteca. Daí eles já percebem que tem diferentes atuações profissionais. E

isso faz com que eles comecem a vivenciar a biblioteca. Então, quanto mais possibilidades você puder é... no dia a dia de um estudante de Biblioteconomia, seja numa oficina, seja numa palestra, seja numa noite de autógrafos, em abertura de eventos, em formaturas, ele vai perceber como é que acontece, porque a formalidade de um evento, mas se você não conversar depois sobre o que que ele percebeu, o que ele sentiu, o que que ele achou positivo, negativo, o que que poderia ser melhorado, não valeu nada. Você tem que discutir. Fazer um relatório. Um resumo. Aprender a fazer um resumo de 100 palavras. Fazer sinopses. Então, ele tem que... o brasileiro é muito visual. Então, ele percebe muito mais o contexto, né?, se a situação é muito mais importante. Enquanto que a aproximação com a leitura que deveria ser o ingrediente na formação básica de todo o bibliotecário, esse, nós temos que trabalhar. Então, temos que aproximar mais a poesia, as diferentes literaturas, para que quando ele ler o livro técnico, teórico, da área, ele entende aquilo como relevante, pertinente, e não simplesmente uma obrigação. Porque ele vai ler com outros olhos, o olho do profissional. Ele vai saber que para a leitura técnica eu tenho técnicas, que para classificar um livro não precisa o dia inteiro eu ler o livro, que em cinco minutos já tem que classificar. Então, a leitura técnica nos primeiros momentos na sala de aula, é bom, um aproxima o outro, porque ele desperta para o essencial. Ele tem que saber olhar o relevante, o pertinente, o necessário. E aí que você percebe que o repertório cultural daqueles 40 que entraram, ou 30, e a... as turmas são heterogêneas, eu tenho alunos de 17, eu tenho de 65. Tenho alunos que já tem a segunda formação. Tenho uns que acabara de sair de um ensino médio pago que esperam do professor tudo, eles têm muita frustração. Então, na medida em que você sabe que, de semestre em semestre, os problemas... os problemas no bom sentido da palavra, as pessoas vêm e eu terei novas turmas, eu só não sei quem serão, mas eu sei que eles escolheram uma profissão que poucos sabem sobre isso porque ainda não viram muitas pessoas relevantes daquela área. Eles não têm noção de com quem eles tão tendo aula, mas depois, nada melhor que no final do semestre quando o aluno da primeira fase vem e diz assim: - Professora, as suas olha... aulas são maravilhosas. – Olha, vim à noite aqui e gostei... Sabe? Não pagamento melhor do que esse. E aí, com isso você conseguiu confiança, comprometimento, valores, respeito, que são essenciais para mudanças, para aprendizado. Como é que eu vou ensinar alguém se a pessoa não confia em mim? Se a pessoa tem medo de compartilhar? Então, eu acho interessante porque as novas turmas usam WhatsApp. Eu só usei mais tarde, né? Então, eles já criam o perfil da turma, avisam. Teve uma aula magna com a Marilena Chauí, eu avisei eles: - Ah, vamos lá! E aí, foi bem no comecinho de agosto, estávamos na fila e o auditório lotação já. Ficamos lá uma hora na fila. – E aí, professora, o que nós vamos fazer? Olha, avisaram, tá lotado! Vamos voltar. Mas por quê? Depois quando consegui a online, postei pra eles, avisei, né? E pra eles entender, porque noutra disciplina eles tem Marilena Chauí teórico, mas seria algo sensacional para eles entenderem. Quando eles estão lendo: - Ah, mas olha que complexidade! Né? Então, na medida em que você consegue fazer com o al... as pessoas vejam as possibilidades do bibliotecário no dia a dia, é essencial.

Questão 7 – E que tipo de participação que você teve no projeto pedagógico atual, né?, e que avaliação possível, né?, você faz do impacto desse ou imagina, né?, do impacto que esse projeto na sociedade?

É uma pergunta que, como eu estou muito envolvida com a Arquivologia, eu sei que mudou algumas coisas na Biblioteconomia. Eu não estou na parte Administrativa do curso de Biblioteconomia há muito tempo e as discussões que nós tivemos foram mais no colegiado. Aprovação de núcleo comum, entender que era a tendência de núcleo comum pra Biblio, Ciência da Informação e Arquivologia, as disciplinas passando, mas eu percebo uma alta preocupação é... de... desse perfil profissional da Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação, né?, não mais como é... concorrentes e sim, como diálogos possíveis e necessários. E aí, eu percebo que daí, você: - Não, isso é característica do museólogo, que não está aqui no nosso tronco comum, mas o pessoal da Museologia tem aulas aqui, com nossos professores do departamento. Então, eu acho que é uma questão de anos, né?, eles vão puxar a Museologia também porque há um tronco comum é... Porque você trabalha com públicos, você trabalha com cultura, você trabalha com informação, você trabalha, né?, acervos e é... documentos em inúmeros formatos e tamanhos e etc., né?, seja digital ou impresso ou em tinta, né?, como diz o pessoal do braille, né?, em tinta. Então, é... eu não... eu só tive assim... aproximações no colegiado do departamento porque eu não estou no colegiado do curso, nem da Arquivologia, nem da Biblio, nem da Ciência da Informação devido a ordens médicas, né?, pra não me envolver administrativamente. Porque eu me envolvo demais e daí faz mal porque a gente vive aquilo que é quase impossível. A gente começa querer as utopias, né? Então, a gente tem que tomar cuidado para o real, o necessário, o importante e não as utopias, né? Eu sempre tô esperando que... do projeto REUNI de 2007, o nosso laboratório de informática fique pronto, nós já estamos em 2017, 10 anos, ainda bem que não compraram os computadores, porque agora quando comprar vão estar muito mais... muito mais na realidade virtual, né?, mas é... é... nesse sentido. Então, estou a par do programa, eu vou ministrar uma disciplina que é “[...]” para os três cursos e, como é uma hora por semana, estou pensando em fazer atividades que... cada um possa ver o outro. Então, uma vez no museu, Cruz e Souza ou qualquer outro museu, outra vez numa biblioteca pública municipal, outra vez no Barco das Letras, outra vez lá na Tecnopólis, né? Para cada um perceber que é que o outro precisa aprender. O diferencial entre esses três currículos e o que agrega, que soma, que transforma. Então, é... o projeto político pedagógico eu vi, li, aprovei em conjunto com meus demais colegas. A questão da ética aparece no programa dos três cursos, né? Isso são, as relíquias do Professor [...] (risos), porque a ética, ela não pode estar só no discurso, mas, principalmente, nas ações, né? E se cada professor é... transformar um pouquinho pra melhor, teremos maior qualidade de vida que é o respeito, a cidadania, né?, o ser. E, assim, a gente espera que a universidade... já foi pior, tá melhorando, tem muito a melhorar, mas é uma das melhores do Brasil. Agora, falta muito pra... para que os nossos alunos passem no vestibular, se encham de alegria e não de tristeza. Espero que eles não tenham tanta frustração. Sabe? Tem muita expectativa, a gente percebe a expectativa deles, só que daí depois eles veem que... tem greve, não funciona, né?, e aí, principalmente, quando se está no... a noite, dando aula, as estruturas administrativas elas não... elas estão muito aquém, estão muito a desejar. A infraestrutura da universidade vai ainda centrada no aluno presencial e diurno, vespertino e não no aluno noturno. Então, são questões administrativas que precisam ser resolvidas, porque o aluno, ele percebe que tem mais eventos de manhã, de tarde, ele percebe que existem mais oportunidades. Até a estrutura do MEC é... por exemplo, tem é... núcleos de pesquisa que são só pra turmas do dia,

não é pra turma da noite, né? E isso, faz com que é... – Mas como? Eu sou aluno igual! Eu notei quando eu dei um curso à distância da professora [...], né?, então os alunos do presencial viram que os à distância da especialização tinham material, tinham tutores, tinham infraestrutura, eles começaram a questionar. E como Pedro diz: “Questionar é preciso”, então, nós sabemos que há necessidade de melhorias contínuas e por isso sou muito crítica. Toda a avaliação da universidade eu pontuo “n”... “n”, ainda acredito que alguém vai ler, que alguém vai pensar em 5S, que alguém em melhoria contínua, que alguém vai olhar pra essa universidade é... que ela seja: - Olha, você tem como sobrenome Universidade, né? – Nossa, estudou na Universidade, que legal! Né? Que as pessoas possam vir, conhecer, mas que a universidade precisa estar mais voltada pra comunidade. Então, a... o princípio ético, principalmente num país como o nosso, que paga-se muito imposto e não se fiscaliza é... e muitas coisas são feitas é... e desfeitas, um faz, outro desfaz, isso não é bom. Então, não é ético da minha parte falar isso, mas eu preciso mencionar que para melhorar, nós temos que dizer: - Olha, foi feito isso e aquilo e o que que nós podemos melhorar e não desfazer publicamente ou... né?, em campanhas e dizer que nada foi feito adequado. Não, eu acho que, muito foi feito, né? Os antecessores criaram dentro de uma determinada realidade. A universidade tem o compasso com a sociedade atual, mas, por exemplo, de... mais oficinas, ãh... para que as pessoas consigam buscar a informação necessária e não criar o homolattes que o teu nível de segurança pessoal caia, que você percebe que a segurança está sendo privatizada, que a educação está sendo privatizada sem fiscalização adequada. Então, o governo necessita, o mínimo do governo, mas ele precisa ser atuante. A universidade, já que ela é pública e federal, ela precisa estar disponível para a comunidade não só científica, não só profissional, não só técnica e sim, as pessoas... as pessoas: - Olha, eu não me formei ainda, mas olha que bacana. Então, quando você percebe que uma pessoa vem com uma certa idade pra universidade e ela estuda e ela começa a aproveitar o mecanismo social que foi criado aqui, ela consegue bolsa, ela consegue comida, ela consegue é... nutrientes para o espírito, né?, e daí agora tá se formando, né? No caso, a dona Vera que é... tá se formando agora. Então, negra, mulher, batalhadora. Começou como auxiliar, bolsa PRAE e tá se formando. E tem que ver como essa pessoa mudou a relação com a informação, com a universidade. Essas são as melhores demonstrações, realizações concretas da mudança que a universidade provoca na vida das pessoas. Precisa ser coisas positivas. Imagina, você vem... Um aluno meu do mestrado, ele: - Ai, professora, roubaram a minha moto. - Aonde? Aqui dentro? Na universidade? – Não, eu fui comprar um pão diferente na padaria da... E daí, pac pac, perdeu, perdeu! O capacete, levaram a moto. Ou outros, “n” outros casos, né? Então, essa violência urbana, ela faz com que as pessoas desconfiem do outro. As pessoas não vão de braços abertos, sorriso no rosto, elas começam a desconfiar, porque aquela outra pessoa que tá ali pode tá passando: - Ôh, acabou de sacar 100 reais, né? Do tablet tá passando a informação pro outro. Então, eu já tive alunos que já foram... né? Colegas que já foram assaltados aqui dentro, né? Ai, eu digo: - Ai, cuidado à noite! Mas como é que eu posso dizer cuidado à noite, se o problema é de manhã. Ou à tarde. O problema não é visível. Então, a ética, ela permeia. Na medida que você tem confiança, porque você tá aqui tranquila, agora imagina alguém vir aqui e quer vender uma coisa pra ti. Não pode! Aqui, a única venda que a gente faz é conhecimento. E conhecimento não se vende, se adquire. Então, tem que se apropriar dos instrumentos do saber. Né? E isso faz a diferença, mas eu preciso de

um ponto de ônibus que tenha informação. Quando uma aluna morava lá no Rio Vermelho, eu perguntei: - Como que você vai pra casa? Qual ônibus que você pega? – O primeiro que vier, professora. – Não, pra Canasvieiras só tem um ônibus, qual o horário do seu ônibus? – Aí, ela rui! Ela viu que eu não sabia pegar ônibus em Florianópolis. Por quê? Porque ela fica lá na frente do Hospital Universitário esperando o ônibus chegar. E não interessa se é uma, duas ou três horas esperando o ônibus chegar. E isso, pra mim foi um choque. Essa informação que ela me passou, primeiro: não tem ponto de ônibus coberto, não tem ponto de ônibus pra sentar, não tem informação no ponto de ônibus. E ficar esperando seja na chuva ou no sol, o ônibus passar? Em pé! Então, isso dentro da universidade! Na frente do hospital universitário, quer dizer, ainda campus da universidade. E isso me revolta, mas eu preciso pensar em ações, como mudar, mas eu mesma não vou conseguir mudar. Vou, na medida que os outros consigam também ver que isso é errado. Porque essas pessoas não veem mais isso. Ela vai pegar ônibus ali e fica ali. – Não vou ficar nem três minutos! – Não daqui a pouco ele passa. É que nem: - Vai toda a vida. - Daqui a pouco passa. Isso não pode! Nós estamos em 2017! Não pode! Por quê? Respeito à pessoa. Na Constituição Federal, artigo 5º, direito à informação. Ponto final. Todo aluno, toda pessoa, deveria ler a Constituição Federal e ter um advogado para esclarecer que que significa direito à informação. Isso que tão fazendo é um... é um problema jurídico. Eu não... Eu tenho que ter um app pra saber o horário que o ônibus vai passar? Mentira! Não sei se daqui 10 minutos ou se daqui 10 horas o ônibus vai passar? Espera, eu não tô há 40 anos atrás, estou em 2017. Né? Vou pra praia, preciso saber quais são as conexões, onde é que é o próximo WC. Como? 30 mil, 50 mil pessoas que vão num evento na Joaquina e não tem um banheiro pra usar? Banheiro público? Quer dizer, as empresas de Florianópolis, ninguém consegue colocar um contêiner de banheiros ali? Isso é capital? Então, eu acho que tá na... nas entrelinhas, a ética, o respeito, o comprometimento. Eu não preciso ler e assinar tudo isso, eu sei que na hora da transcrição você vai usar os colchetes. E é isso que eu espero de uma civilizada, capital de estado, dizendo que o IBGE diz que é a terceira melhor capital. Não, terceira melhor cidade do país. Em que níveis eles estão? Quais são as variáveis que eles pegaram pra traçar esse indicativo? Tá? Então, precisamos melhorar? Sim! Sempre dá pra melhorar! Dá pra piorar, mas não, nós vamos melhorar.

Questão 8 – E a última pergunta, Profe. Em que sentido que o projeto pedagógico ele te serve pra realizar tuas ações docentes?

É... O projeto pedagógico é muito importante porque, às vezes, você dá uma disciplina de semestres mais pra frente e aí, você consegue concatenar os conteúdos e fazer aquela... aquele alinhamento de: - Ah, lembra que você lá naquela outra fase teve isso? E agora depois, você teve aquilo? E agora você tá tendo isso! Porque se Descartes nos apresentou que dava pra fragmentar, o problema é que ficou fragmentado muito tempo. Então, tem que juntar de novo, porque ele é só um projeto pedagógico. Então, no final daquele percurso, a pessoa pode entender o complexo: - Ah, existem outras possibilidades. Existem outros modos. Mas então... Cada disciplina... Então, você tem... O projeto político pedagógico, ele é muito importante, porque você consegue entender o que que eles já tiveram e o que que eles vão ter. Onde eles estão. Então, é que nem um puzzle, né? Um passatempo. – Ah, você vai começar por aonde? Pelos cantos, pelas laterais, pra daí chegar no meio. Então, cada dia você vai montando um pouco, né? Depois de 2880 horas, ele

está completo, né? Nessa medida... Eu... eu tento fazer assim em sala de aula também, trazer coisas assim, que eles consigam relacionar com o todo. Eu sou uma parte do todo, mas a soma das partes é maior do que todo. Né? Daí, não é uma lei matemática. Né? Então, aqueles momentos de uma saída, de uma discussão, de uma visita, de um problema em sala de aula... Tudo são momentos de aprendizado e se você não valoriza e proporciona momentos, eles passam, mas o exemplo fica. Se você não teve a sensibilidade para o... né?, o ser. A pessoa perdeu, às vezes, né?... teve um acidente, perdeu o emprego, né? Então, você vê a pessoa, o ser que está ali, que abriu a mão por “n” motivos, mas tá ali. Então, vamos respeitar, né? Eu digo para os meus alunos, o maior investimento que vocês podem fazer é esse. Beleza? Então, é... porque se você investe em educação, ninguém pode roubar de você. Eu não sei o que tem na cabeça do outro, eles não sabem o que eu sei, mas pra chegar lá onde eu cheguei tem que ler muito, tem que estudar muito, tem que conviver muito para aprender. E o bibliotecário num projeto pedagógico, você precisa entender o que que as associações estão fazendo, o papel do conselho regional, a importância disso lá na década de 60, o que que significou, como é que aconteceu, porquê que o CBBDD é um evento nacional, mas não é... não é importante para a Ciência da Informação, mas é fundamental para a formação do bibliotecário do Brasil inteiro e que é a revista mais antiga da nossa área, tanto da Ciência da Informação quanto da Biblioteconomia, e isso é importante. Então, é nesse sentido que eu vejo que o projeto político pedagógico tem história, tem propósito, tem planejamento e tem execução e não é somente um documento para apresentar para as instâncias deliberativas como conselho de unidade, conselho universitário, MEC, mas sim, tem que ser alterado conforma as mudanças, necessidades pertinentes a cada momento.

Questão 9 – Profe., Obrigada, né? A professora gostaria de acrescentar mais alguma coisa em relação ao que a gente conversou? Fique à vontade, se quiser falar.

Eu espero que sua pesquisa seja voltado para a Biblioteconomia, lamento muito que nós não temos no Brasil um doutorado em Biblioteconomia. Certo? A iniciativa... Eu sou Mestre em Biblioteconomia e não em Ciência da Informação, lamento que certos momentos nós criamos a Ciência da Informação e ela nos desconsiderou. Noto, portanto, que atualmente estão acontecendo diálogos possíveis entre as áreas, mas falta ainda muito para que a Ciência da Informação veja a Biblioteconomia com bons olhos. Sucesso para a sua pesquisa, tudo de bom!

Entrevistadora: Obrigada, Profe.

ENTREVISTA 31

Questão 1 – Dentro da tua concepção pra que que existe o bibliotecário?
Na minha concepção?

Entrevistadora: É. (risos)

Então, eu acho que... vou dar uma resposta mais ampla assim, né? Eu acho que o bibliotecário exis... assim, por que que ele existe?

Entrevistadora: Para que ele existe?

Para que ele existe? Eu acho que a questão fundamental é... é guardar a memória, né?, a memória coletiva, né?, ou individual de um... de uma... de uma comunidade, de uma sociedade, em geral, né? Até tem, eu tô me lembrando agora, teve uma... uma reportagem uma vez, há muitos anos atrás, se eu não me engano foi na década de 80, 82, 83, ou mais adiante um pouquinho, acho que 84, uma coisa assim. Que saiu uma... uma... nessa... nessa reportagem, a... que se tivesse, por exemplo, uma... uma... uma... uma guerra nuclear, quais profissionais que iriam reconstruir todo o mundo? Dois profissionais: bibliotecários!

Entrevistadora: Olha!

É! Bibliotecários e enfermeiros e médicos.

Entrevistadora: Oh, olha que legal!

Olha que interessante! É! Bem bacana, eu tenho essa reportagem acho que até hoje! Então, né?, os médicos, né?, pra trabalhar, né?, com as pessoas, cuidar, né, e as enfermeiras. E os bibliotecários pra justamente, né?, buscar, né?, os acervos que foram destruídos, reconstruir, organizar, sistematizar as informações. Isso... É... é... muito bacana essa reportagem! Então, eu penso assim, uma forma mais amplo... mais ampla, né? É...

Entrevistadora: Tá! Certo!

Eu penso assim. Eu poderia até...

Entrevistadora: Pode falar mais se quiser. Fique à vontade.

Pode falar mais? Não! Então, vejo assim, que é uma profissão... eu acho que é uma profissão assim, óh, ela... o bibliotecário, eu não sei se entra aí, né? Mas é porque a pergunta te remete a outras questões, né?

Entrevistadora: Claro! É bem ampla, mas pra fazer já... cada um...

É! Isso! Por exemplo, a própria necessidade, né?, do bibliotecário, né? Pra quê ele existe, né? Hoje, aí, pensando mais em Brasil, né? O quanto a gente ainda precisa, né?, nas bibliotecas públicas, ainda vai precisar, nas próprias bibliotecas escolares, né?, nas bibliotecas especializadas ou num Centro de Documentação, ele já tem o seu lugar já estabelecido. Né? É... Até a gente, às vezes, tem também uma abordagem que a Biblioteconomia, ela é feita muito pra só realmente pra determinadas classes, né? Já é... Né? Extremamente elitizada. Claro! Bibliotecas todas esquematizadas e tal, né?, já com tudo pronto! Né? Mas ao contrário, né? Eu acho que... que a Biblioteconomia, ela precisa justamente que... e aí entra o lado também multisocial, né?, que é justamente, né?, dos projetos, das bibliotecas comunitárias, das bibliotecas, né?, mais alternativas, carro-biblioteca, biblioteca ambulante e aí são as várias modalidades, né?, que a gente tem de trabalho.

Entrevistadora: Ah! Que legal!

Claro! Claro! O bibliotecário, né? E... agora então, né?, com a nova lei aí da biblioteca escolar, né? O quanto é necessário esse profissional, gente! Né? Nas escolas, na formação da criança!

Entrevistadora: Muito!

Né? Que é o primeiro contato que é onde ela vai ter com o livro... que seja livro, livro eletrônico, acervo, né?, de qualquer espécie, é no espaço dessa biblioteca. É nesse espaço. Então... e nas bibliotecas públicas também, quanto trabalho que a gente pode fazer? Né? De preservação, né? Então... é bem amplo, né?, mas eu acho que... fechando, eu acho que é um profissional essencial como qualquer outro, né? Acho que... também eu não gosto... eu sempre quando falo até de profissional, até nas próprias turmas, quando: - Ah, Biblioteconomia... Não! Pode parar! É a Biblioteconomia, Medicina, Advogado... cada um tem seu espaço e seu local na sociedade, né? É isso.

Questão 2 – Que demandas esse profissional deve atender na sua opinião?

Acho até que eu já respondi, né?, na primeira pergunta, mas acho que tem que atender essas demandas da sociedade. Eu digo, assim, pensando mais Brasil, né? Que aí a gente fala... vamos falar agora de Brasil, né?, a nossa realidade, né? Que é uma realidade ainda, eu vejo, muito precária em termos de bibliotecas, especialmente, tanto as escolares quanto as públicas, né? É... Eu acho que já avançamos muito na própria biblioteca escolar, mas quanto... quantos municípios ainda nem tem? Né? Eu digo, a biblioteca escolar, quando eu falo é uma biblioteca estruturada, com acervo, com bibliotecário que tem, né?, um espaço dentro da escola. É nesse sentido. Então, se for pensar assim, acho que ainda falta muito! Né? As próprias bibliotecas públicas também, né? Quantas estão, né?, deixadas de lado. Claro que tem exceções, né?, em alguns estados, mas ainda também continua. Por exemplo, a biblioteca pública, lá do município do interior do próprio estado do Rio, do próprio estado é... da... da... sei lá, do Nordeste, de algum, né?, de um lugar bem distante? Né? É... Muitas vezes só tem um prédio, né?, Até o próprio Milanesi fala muito isso, inclusive, né?, Milanesi, né? Esse aí que eu tô falando, é dentro da disciplina de "Ação Cultural", que ele fez todo um trabalho também, né?, no interior de São Paulo, né?, na parte de bibliotecas públicas, especialmente, né? O quanto, é... muitas vezes, tem aquela biblioteca pública, só tem ali só a... o prédio! O prédio pra colocar uma placa, chamar alguém pra fazer a inauguração e dizer: - Ah, eu tenho uma biblioteca! Mas, muitas vezes, eles não têm bibliotecário, não faz uma interação com a comunidade, né? Então, passa muito pelo viés das políticas, né? Porque é bacana, né?, lá o deputado, lá o prefeito: - Estamos inaugurando a nossa biblioteca! Né? (risos) Biblioteca Municipal do Município Tal, mas e daí? Ótimo! Mas será que ela é ativa, será que ela é viva? Então, isso até o Milanesi questiona muito, né? Ele quando fez o trabalho no interior de São Paulo, ele viu isso, o quanto que tinha de falta desses espaços. Até tinha, mas como essa... mas não tinha vida, né? Né? Esse contato... Então, eu acho que no Brasil falta muito, né? Ainda! Ainda falta! De novo, avançamos, mas... mas eu acho que ainda... ainda temos... eu acho... eu considero um retrocesso ainda no país, né?

Entrevistadora: Não ter um sistema de bibliotecas mais...

Isso, mais efetivo, que realmente funcione. Eu volto falar, tem prédios, existe todo um sistema por trás, mas será que realmente ocorre esse... esse contato com o público? Essa dinamização mesmo desse espaço, né?

Questão 3 – E com base na tua prática profissional como docente, aí, o que que você espera do egresso do curso de Biblioteconomia? Qual a sua expectativa em relação ao egresso? Como ele deve sair?

Eu acho que ele deve sair com uma cabeça bem... bem aberta, né? Jamais, assim: - Ah, porque eu... Claro que tem alunos que tem perfis, né? Uns vão de repente ter um perfil mais para uma biblioteca especializada, outro, de repente pra uma biblioteca escolar. Mas eu acho que não tem que ter essa questão do... do... quando ele sai. Eu acho que ele tem que sair com uma cabeça bem ampla, porque ele pode trabalhar em qualquer tipo de unidade de informação. Num Centro de Documentação, lá numa biblioteca especializada. De repente num projeto dentro de uma comunidade, de... de... montar uma biblioteca... Acho que tem que ser... acho que a gente tem que formar nesse sentido, dessa atuação dele em várias frentes! Não é? Acho também terrível, por exemplo, que isso também sempre existiu no curso do Biblioteconomia, eu digo assim, eu que percebo desde que eu fiz lá na UFF, né? Quando eu fiz na UFF, eu... o curso voltado, por exemplo, lá na UFF era muita naquela... imagina, muitos anos atrás, era muito voltado pra biblioteca especializada, eu adorava biblioteca pública, biblioteca escolar. Quase não tive no meu curso, né? Tanto quando eu fiz o meu TCC, que na época começou a implantar, foi um dos primeiros TCCs. Acho até que foi o primeiro TCC que foi implantado no curso. Eu fiz um trabalho sobre a Biblioteca Pública de Niterói. Até por conta disso, né? Que eu já tinha já esse viés aí por essa... essa área, mas... então, voltando a falar, eu acho que... que é isso que a gente tem que trazer mais pro aluno, né? Essa... Tem outra coisa também, que eu não gosto da palavra valorização, mas acho que é uma representação. Uma representação da biblioteca escolar, da biblioteca pública, né?, tudo no mesmo nível também como se fosse uma biblioteca da Petrobrás, como se fosse a biblioteca da tal empresa, né? Não ficar essa discre... discrepância que, às vezes, fica, né? – Ah, porque eu trabalho na biblioteca da empresa tal. – Ah, porque eu trabalho na biblioteca escolar tal. Então, é uma... meio que, às vezes, é uma... uma... nem vou falar de desvalorização, é uma desqualificação, né? Porque: - Ah, é mais... Né? Outra questão também, a gente que trabalha, eu que trabalho nessa área, né? Falo mais da ação cultural, por exemplo da literatura, né? – Ah, é porque é criança, é fácil o público. (risos) Tem, tem essa imagem, né? Não sabe que por trás de tudo aquilo ali ou de uma atividade ou do próprio fazer do bibliotecário tem que ter uma questão teórica. Ele também não vai conseguir fazer, né?, o trabalho. Mesmo nessas áreas, né? Então, eu vejo assim, voltando a falar. Eu acho que tem que sair o egresso, uma ca... assim, uma postura aberta ao mercado de trabalho. Né? Bem aberta, porque trabalhar como bibliotecário... e também outras modalidades de trabalho, sem dúvida, eu sou... eu sou bem. Aliás, acho que é uma questão bem interessante da Biblioteconomia, né?, que eu acho que ela dá essa abertura. Né? De repente, sei lá, você vai trabalhar num jornal, numa redação de jornal, nem como jornalista, mas de repente como bibliotecário pra organizar alguma coisa, as notícias, enfim! Sempre... eu acho que sempre tem uma... uma... uma... uma colocação para o bibliotecário.

Entrevistadora: É verdade! Dependendo da formação, sempre!

É! Sempre!

Questão 4 – E como você realiza a tua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso, então, pra que ele saia como você espera? Como você realiza a tua prática pra que...?

É, aí eu vou colocar aí dentro das disciplinas, né? Eu acho que aí pode...

Entrevistadora: Disciplina, extensão, ensino, também a pesquisa...

Extensão, isso, de pesquisa, enfim!

Entrevistadora: A prática... Na prática docente no geral, não é só na sala de aula.

Tá! Mas você repete aí, porque eu só não...

Entrevistadora: Como você realiza a tua prática docente pra atender o desenvolvimento desse egresso, ou seja, o que que você faz enquanto professora pra que ele saia como você espera? Aberto, né?, conforme...

Difícilzinha, né? (risos) É porque é bem... também é ampla também, né? As perguntas estão bem abertas, assim, tão... tão... mas tudo bem! De novo, acho que tudo depende de cada disciplina independente que você vai fazer. Acho que cada disciplina tem um elenco, né?, de... de... de... de habilidades, de conteúdos que o aluno... que a gente, né?, supõe que ele vai é... construir, a gente vai construir ali em conjunto. Atitudes também, é claro, né? Porque não é só a questão do conteúdo, né? Porque a disciplina, ela tem conteúdo, ela tem a prática, tem é...mas tem esse lado, com certeza, do aluno. Sua postura profissional! Isso é fundamental! Isso também... trabalhando também com cada disciplina, né? Porque cada disciplina também, vai... vai... vai compondo esse aluno, né?, ali. É... Então, eu quando... quando planejo uma disciplina, volto a dizer, né?, eu tento fazer com que ele desenvolva, né?, desenvolva algumas... depois algumas habilidades, né? Ele vai sair dali, a princípio, né? Mas também tudo vai depender, né? Que, às vezes, é uma disciplina mais teórica, né?, outra mais técnica, às vezes, é uma mistura, né? É uma mistura... É... Precisa falar de cada disciplina?

Entrevistadora: Não! Não! Só o que você achar que...

Acho que não, né? É! Acho que aí vai depender... é... eu acho que isso vai depender tudo de cada disciplina, né?, mas eu acho que tem questões, em cada disciplina, volto a dizer independente dela ser técnica ou de ser mais teórica ou de ser um misto de técnica com teoria, né?, acho que tem algumas bases ali essenciais pra gente tentar atingir. Nem sempre a gente atinge, né? Nem sempre, né? Mas como também, a... a atitude do aluno, é... assim, uma questão que me preocupa é... é realmente a postura do aluno, isso a gente até que tem conversado bastante, né?, em alguns momentos, na sala de aula, né? É... Na sua colocação enquanto aluno, as próprias turmas que... o que acontece, às vezes, né? Também dentro das turmas, né?, os preconceitos, as exclusões da própria turma, dentro da turma, né? Então, como lidar com isso, né? Agora, uma questão que eu acho que é fundamental pro professor, né? De você fazer com que ele saia também dessa forma aí, é... a questão do ser justo, né? Também, né? Agir de acordo com todo mundo igual. Igual, assim, claro que tem casos e casos, né? Mas sei lá, se eu aplico determinado exercício pra um grupo, eu tenho que aplicar pra outro mais ou menos no mesmo molde. Né? Eu não posso exigir de um grupo uma coisa e exigir... não exigir do outro. Né? Então, isso também, às vezes, eu acho bem complexo na nossa

profissão docente. Né? Fazer com que a gente, né?, tenha essa... essa meio que igualdade entre aspas em termos de atitude, né?, de cobrança, né? Agora, eu acho que hoje é um desafio... acho que hoje, a docência, você fazer com que ele... ele desenvolva, acho que é um desafio de cada professor em cada disciplina, né? Porque é o estímulo também que a gente tem que trazer pro aluno, né?, Daniella? Eu acho muito... muito... hoje, assim, né? Como que eu vou instigar aquela turma, né?, a continuar, a fazer, a pesquisar mais profundamente sobre aquela temática que, às vezes, a gente trabalhou numa sala de aula, né? É... Tudo isso! Então, eu acho que tudo isso interfere! Né? Outra questão também que eu acho que interfere, é o aluno... é fazer com o que o aluno identifique o sentido daquela disciplina pra ele e daquele conteúdo. Isso também é muito... é muito importante. Né? E também é muito difícil, você trazer pra ele o porquê que eu tô aprendendo aquilo ali. Né? São vários... também vai diferenciar muito o nosso curso, né? Porque o nosso curso tem essa parte muito técnica e tal. Mas então, eu acho isso assim dele... dele...isso tudo vai interferir, né?, no desenvolvimento dele, quando ele perceber, né?, qual o sentido daquilo ali que ele tá aprendendo, ele vai... como tu disse, ele vai aprofundar ou ele vai deixar de lado algumas questões, né? Ele vai também fazendo essa... se compondo.

Questão 5 – E que ênfase que você dá na abordagem de aspectos éticos e políticos referentes à prática bibliotecária nas disciplinas que você ministra? Independente da disciplina, né? Mas é enfatizado os aspectos éticos ou mesmo políticos da atuação do bibliotecário?

Ah, eu trabalho bastante, principalmente essa coisa da postura do bibliotecário. Quer ver no estágio, né? No estágio, eu falo bastante, né? Primeiro, porque eles estão indo pra um local, que o local... que o local, a princípio está acolhendo eles, né? Então, eles vão ter um olhar sobre aquele local. Tudo bem! Vão ter pontos, né?, bacanas, vão ter pontos positivos, pontos negativos, isso em tudo quanto é lugar. Só que tem que, assim, eles podem até ver, por exemplo, alguma prática que eles não concordam, tudo bem! Ponto. O que que ele vai trazer? Né? Daquilo ali, daquela experiência? Aquilo ali eu não vou fazer. Como também tem o contrário, né? Ele vai também conviver e vai observar e vai vivenciar práticas que ele vai continuar a fazer. – Ah, não, isso aqui eu vou continuar a fazer! Então, isso faz... isso, né?, na questão do estágio, aí eu... né?, eu enfatizo muito isso. O cuidado com o olhar, né?, percebam quem, como vocês estão ali dentro, né?, o respeito, né?, o respeito pelo bibliotecário, pela bibliotecária que está ali, que estão ali, né? Eles também tiveram uma trajetória, né? Muitas vezes, eles estão também agindo por conta também de outras questões, também subjetivas que, o aluno, né?, o estagiário, não pode ficar, né?, julgando e avaliando, jamais. Né? Tanto que, quando ele foi colocado naquele espaço, a princípio também foi um espaço que foi analisado, foi avaliado pela universidade. Claro que também tem algumas exceções que, às vezes, acontecem, né? Há questões, às vezes, inesperadas, mas então eu falo bastante. E também nas outras disciplinas, o tempo todo com certeza. Né? Como se colocar, né?, o respeito, né? É... Não ficar, por exemplo, às vezes, tem algumas disciplinas que já começam com algumas discussões: – Ah, o local tal. – Não, não quero saber! Não quero saber o local. Não quero saber de colocar nome aqui dentro da sala de aula. Pode parar! Eu já falo. Podem falar, né?, o que que é, mas sem colocar nome e o local. Nada a ver. Né? Então, isso também eu já corto, né? Isso aí eu acho que é uma postura de cada professor tomar esse cuidado, né?

Porque aluno é aluno, né? É... é algo também que acho que o professor não pode esquecer, sabe Daniella? Que assim, óh, é... Não é querer, ganhar o professor... Não, não é isso. Ensino superior, mas acho que existe... tem que existir uma hierarquia, né? E aquela questão, né?, eu sou o professor, eu sou a professora, você é o aluno, né? Então, eu acho que isso aí é importante também. Que é uma outra questão, né?

Entrevistadora: São os papéis.

É os papéis. Isso! Né?

Questão 6 – Quais os valores éticos que te motivam ou te influenciam pra você realizar tua atuação como professora, como docente, no curso de Biblioteconomia?

Hum, que difícil!

Entrevistadora: Valores como, tu falou assim, igualdade... Pode ser características... O que tu entende que tenha valor no sentido de ser uma conduta que produza bem.

Isso! Então, uma questão... um valor ético, que eu acho que é um valor, que é a justiça, né? Eu tento ser bem justa. É, com a questão, por exemplo, também de nota, de avaliação, né? É, o que eu fiz com um aluno eu tento também fazer com outro, mais ou menos também, né? Dentro do... do... da mesma... da mesma... atitude assim, né? Então, eu acho que isso, que é a questão da just... do just... de ser justa, né? Acho que a justiça é uma questão bem... bem importante e eles também percebem bastante, né? O professor que foi justo ou o que não foi, né? É... Outra questão também que eu acho que é bem importante que entra na questão de ser justo de colocarem os critérios na avaliação, como que eu avaliei, de que forma, né?, que, às vezes, fica muito abstrato pro aluno, né? – Mas como foi que a professora avaliou aquilo ali. Não, tem que colocar isso claramente. – Oh, foi assim, assim e assim. Né? Que que... que aspectos que eu avaliei? Né? Então, eu tô falando nesse sentido, né? É... outra questão que eu acho que é ética, é o respeito. O respeito na turma, né? Acho que é essencial! Até para uma... uma aula caminhar e se desenvolver bem, né? Quando não tem respeito, e isso também em todos os sentidos, né? Respeito pela fala do outro, respeito é... pelas opiniões, né? Então, isso também é fundamental. Eu digo o professor é... conseguir fazer um clima assim bacana na sala de aula, né? De respeito. Então, esse é outro valor que eu acho que considero fundamental, né? Até porque, por exemplo, nos embates, nas discussões, né?, posso não concordar, mas eu respeito, né? Porque isso é muito... hoje também, né?, é muito difícil nos dias de hoje, né?, assim... Né? Que eu acho que hoje tem uma... não tem... os alunos, às vezes, não têm muito claro isso, né? Não concordo! Tudo bem! Não tem problema, mas por favor, me respeite, né? Outra questão também é de saber trabalhar em grupo. Né? Então, tem algumas disciplinas, por exemplo, que eu sempre tento é... explorar esse lado deles assim, né?, não é só o grupo, não! Do grupo, cada um dá uma contribuição, porque cada aluno tem a sua contribuição. Cada... cada um grupo tem, um de repente escreve um pouco melhor, outro faz uma pesquisa é... tem lá maneiras melhor de fazer pesquisa, né?, o outro vai fazer a formatação. Então, colocar pra eles que todos tão... entregando, sei lá, tem quatro pessoas no grupo, cada um tem a sua contribuição, da sua forma, né? Mas cada um contribui, isso que é importante. Então, essa coisa do... do contribuir também, que eu acho que, às vezes, falta muito, né?, no nosso curso, às vezes, né? De... são grupos, é... tentar também, né?, isso, fazer essa integração, né?, que eu

acho que é outro valor, né?, integrar, integrar o grupo, a turma, fazer com que a turma fique, né?, unida, né? Claro que, muitas vezes, é difícil, né? Porque dependendo da fase que a gente pega, que a gente trabalha a turma, já estão... já tá tudo já dividido, né? Você vê claramente, quatro, cinco grupos, ou então dois blocos, a turma dividida, né? Mas às vezes até tem as divisões, mas eles são unidos, né?, eles tem uma coisa de... de novo, né?, de grupo, de cooperação, né? É, mais o que... Acho que outro... outro, também acho que não deixa de ser um valor ético, é amorosidade, né? Eu acho que não deixa de ser. Eu falo porque eu sou muito essa coisa, né?, do... do... pelo afeto, né?, que eu acho que é importantíssimo também, né? Não é ficar beijando, abraçando, não é nesse sentido, mas de criar na turma, né?, uma questão afetiva, né? Porque eu também não... a compreensão também que eu tenho da própria aprendizagem, né?, é também ela ligada com afeto. Com certeza. Né? Porque se não houver essa afetividade, vai ser seco, né?, vai ser só ali a disciplina, né? Mas, de novo, também é um campo que a gente também tem que tomar um certo cuidado, né? É o que eu sempre digo, sempre tem um fio tênue, né? Tênué, entre aluno e professor, né? Então, tem que também sempre ir amplo, né? Tem o afeto, tem o... mas, né? É o aluno e o professor. Mas eu acho que é uma questão também que talvez entre, né? Assim, da chamada amorosidade. Na verdade, é uma amorosidade, um acolhimento do aluno, né? Então, isso também é essencial, né?

Questão 7 – Que tipo de participação você teve no projeto pedagógico, na construção do projeto pedagógico atual, né?, do curso e que avaliação que você faz do impacto desse projeto para a sociedade? O possível impacto?

Tá! Esse nosso projeto foi, se eu não me engano, de 2007, né? Então, já tem aí... tempo, né?

Entrevistadora: São 9 anos.

É... Isso. Então, eu lembro que a gente participou. Nossa, eu lembro que a gente fez várias ativ... várias reuniões, foi muito trabalhoso, pelo que eu lembro assim, né? É... Então, acho que a grande mudança assim, de... do projeto polít... pedagógico, né?, o projeto pedagógico do curso, foram... foi a própria estruturação, né?, da grade curricular, que a gente, né? Eu diria, já falando mais de currículo, né? É... Tanto que agora, também agora precisa fazer um outro, né? É necessário ter um outro projeto pedagógico do curso, que eu acho que esse projeto aí já, né? Mas você diz, as grandes mudanças assim?

Entrevistadora: Não! O impacto que ele tem é... pra sociedade. Que forma que ele impacta na sociedade, né?, o que que ele deixa pra sociedade? Ou que que ele não deixa de deixar, né?, o que que ele... né? Se é positivo ou se é negativo...

Ah, para a sociedade? Aí... Aí... É difícil, né?, de responder assim, porque na verdade, ele tá deixando... ele... tenta deix... tenta, né? Tenta sempre tenta, né? Não esquecendo sempre a palavra tenta, do verbo tentar. Tenta deixar um... um bibliotecário, que aí vem a formação, né? Porque ali no projeto pedagógico tá todo o que? Tá o embasamento da formação que a gente quer pro nosso aluno. É. Acho que a gente tá meio... Nesse projeto... A intenção na época era trazer um bibliotecário mais antenado, né?, mais... eu digo assim, voltado também pra questão das novas tecno... né?, das novas tecnologias, né? Teve a mudança do nome que eu acho que atraiu um público maior, eu acho que foi a grande ruptura do nosso

curso de Biblioteconomia, habilitação em Gestão da Informação. Essa palavra aí, gestão, eu acho que mudou é... Se falava bastante também, eu lembro na época e também hoje, já tem uma outra percepção dele também estar realmente voltado para o mercado, para as demandas, né?, do mercado de trabalho, especialmente, catarinense. Né?

Entrevistadora: Huhum! Mas é positivo? Você acha que ele contribui positivamente ou ele tá deixando a desejar? Acha que tá... que que tá fazendo pra sociedade? Esse projeto propicia que saiam egressos é... aptos pra lidar com as necessidades da sociedade?

Depende aí também, né?, de cada contexto, né? Mas eu acho que no geral, que ele sai... Eu acho, acho! Mas assim, óh, eu acho que um... um... um... é um bibliotecário ou bibliotecária que sai é... volto sempre a dizer, depende de onde ela vai trabalhar. Mas eu acho... eu acho que o nosso aluno, ele sai, falando também de uma forma bem geral, relativamente preparado. Preparado totalmente eu acho que não sai, né Daniella? Eu acho que nenhum curso, né? Mas, eu digo assim, que a gente tem tido de retorno, né? Quantos alunos que a gente encontra, ex-alunos em locais, né? É... Hoje, hoje então, eu vejo muito isso no estágio. Vou no IFSC encontro ex-aluno, vou na biblioteca da x, ex-aluno, vou nas escolas, ex-alunos, ex-alunas. Então, assim, eu acho que dá um certo panorama, né?, do quanto, né?, os nossos... Aliás, eu gosto também do estágio por isso, nesse sentido de reencontrar ex-alunos, ex-alunas, né? Então, eu acho que o nosso curso, ele tem uma empregabilidade, os nossos alunos, isso é uma questão que a gente também sempre escuta falar, se dão muito bem nos concursos, né? Tanto que a gente tem alunos, né?, em Curitiba, saem daqui também e fazem concurso pra fora e conseguem colocações. Então, de uma forma geral eu acredito que ele dê conta disso aí, né? Mas também, por outro lado, é importante colocar, eu acho que nenhum projeto pedagógico... político... projeto pedagógico do curso dá conta de fechar com um perfil de alunos. – Ah, meu aluno, né? Vamos form... O que está no projeto pedagógico é uma pretensão, né? Porque isso é uma opinião pessoal que eu tenho. Eu acho que cada aluno vai se constituir de uma forma. Assim, ele é que vai fazendo a formação dele. Ele vai fazer aquele curso, mas a partir dali não vai ser o curso que... o curso vai trazer alguns indicativos, né?, pra ele aprimorar a formação dele, mas... tá me entendendo? Eu acho que a formação aí é individual, não adianta! Mas de qualquer curso. Agora, tem ali, né?, o projeto pedagógico do curso que traça ali as diretrizes, traça esse... esse perfil do aluno, né?, que tem que cumprir ali de disciplinas, traz também o perfil que você quer atingir, né?, em termos de... de perfil mesmo, do aluno, né?, como determinadas habilidades... Ótimo! Só que, tá no papel, tá no papel, né?

Entrevistadora: O vivido é outra coisa...

O vivido é outra coisa completamente diferente.

Entrevistadora: Então, nesse sentido, acho que a próxima pergunta é isso. Posso puxar?

Pode!

Questão 8 – Que relação... Em que sentido o projeto pedagógico te serve pra realizar as suas ações como docente, então?

Do que que ele guia assim? Do que que ele me...?

Entrevistadora: É. Você utiliza ele todo? Parcialmente? No vivido é uma coisa do que pede...?

Entendi! É, no projeto pedagógico estão ali, né?, por exemplo, falando de disciplina, né?, tem as ementas, né?

Entrevistadora: A bibliografia...

Tem a bibliografia, tem o perfil ali que a gente deseja, né? Claro que eu tento seguir o que, né?, por exemplo, as ementas, né?, por exemplo da disciplina, a gente tenta cumprir ali, aquela ementa. Mas também nem sempre também dá conta, né? Mas a gente tenta, isso aí tá no projeto pedagógico do curso. Né? A própria bibliografia, né?, a básica está ali, mas nós é que vamos... cada professor também que vai complementar, que vai atualizar, né? Ali, agora também atingir aquele perfil, a gente tenta, né? É...

Entrevistadora: Mas ele te orienta, então, na tua ação?

Sim, me orienta...

Entrevistadora: Orientação é muito maior que o seu projeto propriamente. Você se baseia nele pra...

É. É... Amplia muito mais, né?, acho que... Acho que a nossa ação, é muito mais ampla do que tá ali no papel, né? Porque assim, eu sou também... eu penso assim, sabe Daniella? Que é tudo muito bonito ali, né? Lindo! Bacana! Aquele texto, tudo... né? Volto a dizer, as pretensões... Lindo! Mara... Ótimo! Isso me... Tá ótimo! Mas mais uma vez, isso está no papel, agora quero ver fazer. Né? Quero ver realizar tudo aquilo ali, né?. Que é isso, vai depender de cada... cada professor, do próprio corpo docente, que extrapola muito mais o projeto pedagógico. Que que adianta colocar ali: - Ah, é... trabalhos em grupo, se não... se ninguém faz trabalho em grupo, né? Ou se evita, um exemplo. Né? E coloca ali no projeto pedagógico, tá ali no projeto pedagógico, mas na minha ação. Né? Então, acho... Acho também que é um documento que tem que ser sempre... questionado, reavaliado, mas também, por conta do nosso próprio fazer docente, das... du... das nossas demandas também da profissão que, às vezes, ele fica também, né? Por exemplo, que é o que tá acontecendo hoje também no nosso curso, né? A gente tá tendo que mexer em algumas questões, né?, em algumas disciplinas por conta disso, porque já vai...vão aparecendo outras necessidades, né? Então, também vai ter que ser... vai ter que ser... vai sendo é... a... é... atualizado e também, é... me faltou a palavra.

Entrevistadora: Reconstruído.

Isso! Ele vai sendo reconstruído, né?, mas... mas também não é tão fácil, né? Também é toda uma burocracia, né?, precisa ser aprovado, né? Então, isso... de novo, né? Acho que tem o projeto pedagógico, ele fica ali, né?, mas com o tempo ele vai... vai mudando, né? Ele... Ele é ativo, né?, ele é dinâmico, ele vai... mas é claro, mas a essência tá ali, né? As bases, né? O sedimento do curso, ele precisa estar ali no projeto pedagógico do curso.

Questão 9 - E... Obrigada, então! Tem mais alguma coisa que você queira falar em relação ao que a gente conversou? Ou coisas específicas, fique à vontade, se não, só te agradecer

Ah, a gente sempre quer falar mais alguma coisa, né, Dani?

Entrevistadora: Sim! Por favor, fique à vontade! O espaço tá aberto...

Não, não. Acho que era isso. Não, não sei. Se quiser perguntar alguma coisa mais específica, sobre ética ou sobre...

Entrevistadora: Não, já tá bem direcionado.

É. Tá bem direcionado, né?

Entrevistadora: Então tá bom. Obrigada!

ANEXO A - DIRETRIZES CURRICULARES PARA OS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA

1. Perfil dos Formandos

A formação do bibliotecário supõe o desenvolvimento de determinadas competências e habilidades e o domínio dos conteúdos da Biblioteconomia. Além de preparados para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, produzir e difundir conhecimentos, refletir criticamente sobre a realidade que os envolve, buscar aprimoramento contínuo e observar padrões éticos de conduta, os egressos dos referidos cursos deverão ser capazes de atuar junto a instituições e serviços que demandem intervenções de natureza e alcance variados: bibliotecas, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural etc. As IES poderão acentuar, nos projetos acadêmicos e na organização curricular, características do egresso que, sem prejuízo do patamar mínimo aqui considerado, componham perfis específicos.

2. Competências e Habilidades

Dentre as competências e habilidades dos graduados em Biblioteconomia enumeram-se as típicas desse nível de formação.

A) Gerais · gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los; · formular e executar políticas institucionais; · elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos; · utilizar racionalmente os recursos disponíveis; · desenvolver e utilizar novas tecnologias; · traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação; · desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres; · responder a demandas

sociais de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo.

B) Específicas Interagir e agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação, em todo e qualquer ambiente; · Criticar, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação; · Trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza; Processar a informação registrada em diferentes tipos de suporte, mediante a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, processamento, armazenamento e difusão da informação; · realizar pesquisas relativas a produtos, processamento, transferência e uso da informação.

3. Conteúdos Curriculares

Os conteúdos dos cursos distribuem-se em conteúdos de formação geral, destinadas a oferecer referências cardeais externas aos campos de conhecimento próprios da Biblioteconomia e em conteúdos de formação específica, que são nucleares em relação a cada uma das identidades profissionais em pauta. De caráter propedêutico ou não, os conteúdos de formação geral envolvem elementos teóricos e práticos e têm por objetivo o melhor aproveitamento dos conteúdos específicos de cada curso. Os conteúdos específicos ou profissionalizantes, sem prejuízo de ênfases ou aprofundamentos programados pelas IES, têm caráter terminal. Constituem o núcleo básico no qual se inscreve a formação de bibliotecários. O desenvolvimento de determinados conteúdos como a Metodologia da Pesquisa ou as Tecnologias em Informação, entre outras – poderá ser objeto de itens curriculares formalmente constituídos para este fim ou de atividades praticadas no âmbito de uma ou mais conteúdos. Recomenda-se que os projetos acadêmicos acentuem a adoção de uma perspectiva humanística na formulação dos conteúdos, conferindo-lhes um sentido social e cultural que ultrapasse os aspectos utilitários mais imediatos sugeridos por determinados itens. As IES podem adotar modalidades de parceria com outros cursos para: · ministrar matérias comuns; · promover ênfases específicas em determinados aspectos da carreira; · ampliar o núcleo de formação básica; · complementar conhecimentos auferidos em outras áreas.

4. Estágios e Atividades Complementares

Mecanismos de interação do aluno com o mundo do trabalho em sua área, os estágios serão desenvolvidos no interior dos programas dos cursos, com intensidade variável segundo a natureza das atividades acadêmicas, sob a responsabilidade imediata de cada docente. Constituem instrumentos privilegiados para associar desempenho e conteúdo de forma sistemática e permanente. Além disso, o colegiado do curso poderá estabelecer o desenvolvimento de atividades complementares de monitoria, pesquisa, participação em seminários e congressos, visitas programadas e outras atividades acadêmicas e culturais, igualmente orientadas por docentes (de preferência em regime de tutoria) a serem computadas como carga horária. Parecer CES 492/2001 34

5. Estrutura do Curso

A estrutura geral do curso de Biblioteconomia deverá ser definida pelo respectivo colegiado, que indicará a modalidades de seriação, de sistema de créditos ou modular.

6. Avaliação Institucional

Os cursos deverão criar seus próprios critérios para a avaliação periódica, em consonância com os critérios definidos pela IES à qual pertence, incluindo aspectos técnico-científicos, didático-pedagógicos e atitudinais.